UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ

EPISÓDIOS DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO: A GÊNESE DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS FILANTRÓPICAS E PROFISSIONALIZANTES NÃO ESTATAIS NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO (1930-1970)

CAMPO GRANDE – MS
2020

ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ

EPISÓDIOS DA TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO: A GÊNESE DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS FILANTRÓPICAS E PROFISSIONALIZANTES NÃO ESTATAIS NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO (1930-1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.
Orientadora: Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

CAMPO GRANDE – MS
2020

000.0 BRITEZ, Adriana Espindola.

00000 Episódios da trajetória biográfica de Oliva Enciso: a gênese de instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais no sul do antigo Mato Grosso (1930-1970). Adriana Espindola Britez. – Campo Grande, MS: UFMS, *Campus* de Campo Grande, 2020.

294 p.

Orientadora: Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Educação, *Campus* de Campo Grande, 2020.

1. Trajetória biográfica. 2. Atuação Feminina. 3. Ensino Filantrópico. 4. Ensino Profissionalizante não estatal. 5. Pierre Bourdieu.

Processo: Documento:

23104.020037/2020-43 2143356

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ATA DE DEFESA DE TESE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CURSO DE DOUTORADO DE 2020

Aos trinta dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte, às catorze horas, na Sala Virtual de Defesa do PPGEdu, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos membros: Jacira Helena do Valle Pereira Assis (UFMS), Alessandra Cristina Furtado (UFGD), Betânia de Oliveira Lazerza Ribeiro (UFU), Josiane Peres Goncalves (UFMS) e Silvia Helena Andrade de Brito (UFMS), sob a presidência do primeiro, para julgar o trabalho da aluna: **ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ**, CPF 90306007134, Área de concentração em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Doutorado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título "EPISÓDIOS DA TRAJETÓRIA DE OLIVA ENCISO: A GÊNESE DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS FILANTRÓPICAS E PROFISSIONALIZANTES NÃO ESTATAIS NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO (1930-1970)" e orientação de Jacira Helena do Valle Pereira Assis. A presidente da Banca Examinadora declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra à aluna que expôs sua Tese. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, a presidente da Banca Examinadora fez suas considerações. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu parecer expresso conforme segue:

Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis (Orientadora/Interno) - Assinado eletronicamente*

Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado (Externo) – Assinado eletronicamente*

Profa. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro (Externo) - Assinado eletronicamente*

Profa. Dra. Josiane Peres Goncalves (Interno) - Assinado eletronicamente*

Profa. Dra. Silvia Helena Andrade de Brito (Interno) - Assinado eletronicamente*

Profa. Me. Adriana Espindola Britez (Doutoranda/Externo) - Assinado eletronicamente*

RESULTADO FINAL: Aprovação

OBSERVAÇÕES: Nada mais havendo a ser tratado, a Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

*Assinado eletronicamente com fundamento no Decreto nº 8.539, de 08 de outubro de 2015. A autenticidade deste documento pode ser conferida, informando o código verificador **2143356** e o código CRC **640FDB4C**, no site: https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0,

Campo Grande, 30 de setembro de 2020.

Este trabalho é dedicado a minha mãe Ordalina... Eu te amo! Obrigada por todo o seu cuidado e carinho. Ao meu companheiro Rubis Cardoso (*in memoriam*), que infelizmente não pode estar presente neste momento tão importante de minha trajetória acadêmica. Ele que já se foi, mas se faz presente em todos os dias da minha vida. Sei que, de algum lugar, ele olha por mim.

AGRADECIMENTO

Ao Deus, que em sua infinita bondade me acolheu, me consolou e restabeleceu as minhas forças para finalizar este trabalho, e também continua a direcionar a minha trajetória.

Aos meus pais Pedro e Ordalina, por me ofereceram as disposições, valores e percepções de mundo imprescindíveis na minha trajetória, meu sincero e infinito agradecimento.

Aos meus filhos Pedro Gabriel e João Victor, minhas netas Sophia Helena e Emanuelly, por serem os motivos reais para continuar a caminhada e acreditar em dias melhores, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência nas reuniões familiares para dedicar-me à pesquisa.

Ao meu irmão Paulo, minha cunhada Rosana e minha sobrinha Pamela, grata pelo apoio e por cuidarem de mamãe com tanto zelo e carinho, o nosso bem mais precioso.

Aos meus irmãos Marcos e Juliano, às minhas tias Osvaldina, Astrogilda, Florinda e Almerinda, que sempre se alegram com minhas conquistas acadêmicas e pessoais.

A minha orientadora Jacira Helena, pela orientação segura, ética e profissional, meu exemplo de ser e estar na docência. Agradeço pelos 10 anos de confiança nos estudos acadêmicos e por sua amizade generosa... As suas palavras de consolo, apoio e objetividade foram essenciais para direcionar minhas escolhas e finalizar esta pesquisa.

Às companheiras do GEPASE, Stephanie, Leticia, Heloise, Cintia, Abigail, Jessica, Miriam, entre outras, pela oportunidade de debater sobre a teoria bourdieusiana nos campos sociais e da educação, além do suporte moral nos momentos de desânimo e angústias. Trajetórias cruzadas no campo da pesquisa, que favoreceram alegrias e amizades duradoras.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por oportunizar a cedência de uma bolsa de estudo de demanda social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a realização da pesquisa.

Aos professores do PPGEdu/FAED/UFMS, pelas convivências, pelas experiências e conhecimentos partilhados. Muito obrigada.

À banca examinadora, pelo aceite de conhecer e contribuir na escrita deste trabalho, que valoriza a História da Educação de Campo Grande/MS.

À Laura Daiana, líder da *Célula Colo de Mãe*, juntas vivemos momentos de ansiedades, devoções e alegrias... Construímos uma amizade sem interesses e verdadeira.

À diretora Ivone, à diretora-adjunta Luciana e às professoras Fernanda, Sidnéia, Elaine e Adriana, pelos laços profissionais construídos nas incertezas e angústias das primeiras experiências de docência.

Aos depoentes, pela riquíssima contribuição nas narrativas sobre a trajetória de Oliva Enciso, pela disponibilização do tempo de rememorar a trajetória de vida de uma pessoa especial a eles.

Aos meus amigos, agradeço a amizade, o incentivo e a preocupação demonstrada por cada um, grata por sempre torcerem por mim.

Enfim, todas as outras pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com o sucesso deste trabalho.

AGRADEÇO A MEU DEUS
27/08/1974

Agradeço a meu Deus
Porque vim até aqui...
Olho para trás e vejo
A longa estrada que percorri...
Olho para frente
E nada enxergo!
A cortina opaca do futuro
Nada me deixa divisar...
Não sei se falta muito
Ou pouco para eu chegar...

Não importa! Vou indo...
Seguindo o meu caminho...
Encantada com flores
Suportando os espinhos...
Tropeçando, caindo...
Levantando...
Chorando... Sorrindo...

Feliz quem possui
O dom divino da Fé
Quem alimenta a Esperança
E numa vida imortal...
Não ser como a pedra
Ou areias do mar...
Não ser uma folha
Ou qualquer animal...
Porque traz um destino:
Ser amado e amar!

Agradeço a meu Deus
Porque me criou
Porque me deu tudo!...
E me fez como sou.

(Oliva Enciso, Palavras de poesia, 2004, p. 25).

RESUMO

A pesquisa apresenta os resultados de um estudo de abordagem biográfica numa perspectiva histórico-sociológica com fundamentação em Pierre Bourdieu, vinculada à Linha de Pesquisa - Educação, Cultura, Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPEDU/FAED, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O objetivo foi contribuir para o campo de estudos da História da Educação Brasileira ao investigar, historiar e qualificar a gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso, no período de 1930 e 1970, bem como os modos de formação da mulher, representada por Oliva Enciso e a sua inserção feminina no espaço público. Ela foi professora leiga, funcionária pública e primeira representante feminina na política sulista. Fez parte de instituições culturais e, como escritora, produziu artigos e obras memorialísticas de traços poético, histórico e autobiográfico, além disso, participou ativamente das associações femininas católicas Filhas de Maria, Legião de Maria e Associação de Ex-Alunas Salesianas. A tese defendida foi a de que, na gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal, a professora e política Oliva Enciso, na percepção do *habitus* religioso, mobilizou capitais social, religioso e político, entre outros, bem como estratégias simbólicas individual e coletiva e, por consequência, protagonizou o aparecimento feminino em espaços sociais predominantemente ocupados por agentes masculinos. A empiria apoiou-se em vastas fontes reunidas em arquivos pessoais, públicos e digitais (ARCA, IHGMS, IMPL/MT, HDB, entre outros). Foram revisitadas obras memorialísticas (biografias, autobiografias e históricas), documentais (legislações, atas, ofícios, jornais, entre outros), fotografias e orais (produzidas em entrevistas com participantes familiares e de relações sociais). A análise ancorou-se na teoria da prática, em primazia nos conceitos de campo, *habitus* religioso, capitais e estratégias As fontes foram cruzadas, trianguladas e analisadas em suas dimensões objetivas e subjetivas no entrelace da narrativa histórica das gêneses das instituições educativas e a trajetória da agente. Os resultados da pesquisa possibilitaram uma compreensão do *habitus* religioso e dos capitais de Oliva Enciso como um conjunto de propriedades distintivas, que favoreceu colocações e deslocamentos no espaço social, principalmente no campo da política. As contribuições à História da Educação advêm do projeto de vida baseado no alvitre de educação e saúde para os desvalidos socialmente, que consequentemente, resultaram em ações práticas no campo educacional e político contribuindo para a gênese das instituições educativas, tais como: as filantropias Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante (1940) e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE (1967); e, as de ensino não estatais: Escola Profissional do SENAI (1948) e Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen – SESI (1948). Os esforços políticos também resultaram na criação do Ginásio Barão do Rio Branco da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CNEG (1948) e da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (origem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) (1963). As instituições, criadas e/ou organizadas por Oliva Enciso com finalidades de assistência social, de profissionalização e de inclusão escolar tornaram-se expressões de uma sociedade moderna na lógica prática do campo histórico de mudanças urbana e social. As ações práticas da agente pública no campo educacional trouxeram contribuições ao processo de transição da sociedade urbano-citadina para a modernização social de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso.

Palavras-chave: Trajetória biográfica. Atuação Feminina. Ensino Filantrópico. Ensino Profissionalizante não estatal. Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This research presents the results of a biographical-approach study with a historical-sociological perspective based on Pierre Bourdieu, linked to the Education, Culture, Society field of research of the Graduate Program in Education - PPEDU / FAED, of the Federal University of Mato Grosso do Sul. The objective of the research is to contribute to the field of History of Brazilian Education by investigating, narrating and qualifying the genesis of educational institutions, especially the philanthropic institutions and non-state institutions of professional education in Campo Grande, in the south of the former state of Mato Grosso, between 1930 and 1970, as well as the modes of female education, represented by Oliva Enciso and her approach to the insertion of women in the public space. Olivia Enciso was a self-educated teacher, a civil servant and the first female representative in southern politics. She was part of cultural institutions and, as a writer, produced articles and memoirs with poetic, historical and autobiographical traits, besides being an active member of Catholic women's associations, such as "Filhas de Maria", "Legião de Maria" and "Associação de Alunas Salesianas". The thesis defended here is that, in the genesis of educational institutions, mainly of a philanthropic nature and of non-state professional education, the teacher and politician Oliva Enciso, in acquiring religious *habitus*, was able to mobilize social, religious and political capital, among others, as well as individual and collective symbolic strategies and, as a consequence, led the female insertion in social spaces predominantly occupied by male agents. The empiric research was supported by several sources from personal, public and digital archives (ARCA, IHGMS, IMPL / MT, HDB, among others). Memoirs (biographies, autobiographies and historical writings), documentary works (laws, minutes, letters, newspapers, among others), photographs and oral works (produced in interviews with family and acquaintances) were reviewed. The analysis was anchored in the theory of practice, concerning the field's concepts, religious *habitus*, capital and strategies. The sources were crossed, triangulated and analyzed in both objective and subjective dimensions in the entanglement of the historical narrative, the genesis of educational institutions and the trajectory of this agent. The results of this research provided an understanding of Oliva Enciso's religious *habitus* and capital as a set of distinctive properties, which favored placements and displacements in the social space, especially in politics. The contributions to the History of Education come from a life's project based on the promotion of education and health for the socially disadvantaged, that resulted in concrete actions in the educational and political field, contributing to the genesis of educational institutions, such as: the philanthropic organizations "Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante" (1940) and "Association of Parents and Friends of Exceptional People – APAE" (1967); and, non-state institutions of education, such as "Escola Profissional do SENAI" (1948) and "Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen – SESI" (1948). Her political efforts also resulted in the creation of the "Ginásio Barão do Rio Branco da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CNEG" (1948) and the "Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso" (which became the Federal University of Mato Grosso do Sul) (1963). The institutions created and / or managed by Oliva Enciso for the purpose of social assistance, professionalization and educational inclusion have become expressions of a modern society in the practical logic in the urban and social change historical field. The practical actions of the public agent in the educational field brought contributions to the process of transition from urban-city society to the social modernization of Campo Grande and the southern region of the former state of Mato Grosso.

Keywords: Biographical trajectory. Female action. Philanthropical education. Non-state professional education. Pierre Bourdieu.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativa do crescimento populacional (1920-1970)..... 101
Tabela 2 - Quantitativa de exames realizados do Gymnasio Municipal de Campo Grande - 1927 a 1929..... 113
Tabela 3 - Movimento escolar em Campo Grande (1939)..... 121
Tabela 4 - Boletim do resultado final do exame de Álgebra - Seriado do 3º ano (1927)..... 129
Tabela 5 - Informações sobre a população de Campo Grande (1950)..... 197

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e dissertações selecionadas..... 44
Quadro 2 - Estudos de abordagens biográficas de educadores em nível regional..... 52
Quadro 3 - Instituições filantrópicas e de caridade em Campo Grande..... 123
Quadro 4 - Recursos municipais mobilizados por Oliva Enciso entre 1940 e 1970..... 140
Quadro 5 - Atuação de familiares de Oliva Enciso nas instituições educativas..... 159
Quadro 6 - Subvenções e auxílios concedidos à Sociedade Miguel Couto (1940-1970)..... 165
Quadro 7 - Subvenções e auxílios concedidos ao SENAI (1948 -1970)..... 190

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ferrovia Noroeste S.A. e área de influência (1930-1970)..... 33
Figura 2 - Assinatura da Lei Complementar de criação do estado de Mato Grosso do Sul.... 66
Figura 3 - Mapa da região de Corumbá (1923)..... 68
Figura 4 - Sede da Prefeitura Municipal de Campo Grande (1930 e 1970)..... 83
Figura 5 - Nota sobre a atuação de Oliva Enciso na prefeitura 85
Figura 6 - Fotografia de Oliva Enciso..... 91
Figura 7 - Visita de Vargas a Campo Grande, recepcionado por Oliva Enciso (1941)..... 93
Figura 8 - Jardim Municipal na região central de Campo Grande (1935)..... 97
Figura 9 - Vista parcial de Campo Grande. Ao centro, Avenida Afonso Pena (1950)..... 102
Figura 10 - Propaganda do Instituto Pestalozzi (1926)..... 108
Figura 11 - Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia (1933)..... 116
Figura 12 - Ofício de agradecimento ao interventor Júlio Müller (1942) 136
Figura 13 - Oliva Enciso presidente da Sociedade Miguel Couto..... 146
Figura 14 - Propriedades pertinentes da formação do *habitus* religioso de Oliva Enciso..... 147
Figura 15 - Manual da Pia União das Filhas de Maria (1948)..... 148
Figura 16 - Sobreposição do primeiro mapa de Campo Grande com o atual da cidade..... 154
Figura 17 - Alunos e professores em frente à Escola Rural Miguel Couto (1948)..... 158
Figura 18 - Alunos em práticas da agricultura na Escola Rural Miguel Couto (1948) 167
Figura 19 - A rede de relações mobilizada na consolidação da Sociedade Miguel Couto.... 170
Figura 20 - Notícia de inauguração do SENAI em Campo Grande (1948)..... 173
Figura 21 - Oliva Enciso e Roberto Mange - Medalha de Honra ao Mérito (1951)..... 178
Figura 22 - Notícia de Oliva Enciso no Colégio N. S. Auxiliadora (1934)..... 184
Figura 23 - Cursos profissionais oferecidos pelo SENAI (1948)..... 188
Figura 24 - Memorial da Indústria de Mato Grosso do Sul..... 189
Figura 25 - Propaganda dos cursos da Escola Doméstica Roberto Simonsen (1951)..... 194
Figura 26 - Formatura da turma do Curso de Donas de Casa do SESI (1953)..... 195
Figura 27 - Exposição dos trabalhos manuais do curso de Donas de Casa (1953)..... 196
Figura 28 - Notícia sobre a iniciação de Oliva Enciso como Deputada Estadual (1959)..... 199
Figura 29 - Notícia do Curso de Admissão exclusivo para mulheres casadas (1961)..... 201
Figura 30 - Propaganda de divulgação da APAE de São Paulo (1970)..... 206
Figura 31 - Notícia sobre as ações de Oliva Enciso na APAE (1971)..... 210
Figura 32 - APAE e Centro Municipal de Educação Especial (1972)..... 213
Figura 33 - Alunos em atendimento da APAE..... 216

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande

ARCA - Arquivo Público de Campo Grande

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CNEG - Campanha Nacional de Educandários Gratuitos

CNI - Confederação Nacional da Indústria

FIEMG - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

HDB - Hemeroteca Digital Brasileira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGMS - Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômicas Aplicadas

IPEMAT - Instituto e Previdência de Mato Grosso

IMPL/MT - Instituto Memória do Poder Legislativo de Mato Grosso

ISMAC - Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos “Florivaldo Vargas”

PSD - Partido Social Democrático

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

SEMEC - Secretaria de Educação e Cultura

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI - Serviço Social da Indústria

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UDN - União Democrática Nacional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 17
I - A trajetória de pesquisadora..... 17
II - A trajetória biográfica de Oliva Enciso..... 23
1 INTRODUÇÃO 29
1.1 A construção da pesquisa: notas introdutórias sobre o tema, a justificativa, a formulação do problema e a hipótese..... 31
1.2 O percurso da pesquisa no estado de conhecimento da abordagem biográfica na perspectiva da teoria bourdieusiana e nos estudos regionais de educadores..... 37
1.2.1 O estado de conhecimento da abordagem biográfica na perspectiva da teoria bourdieusiana..... 38
1.2.2 Os estudos regionais de abordagem biográfica..... 51
1.3 O percurso empírico em fontes e narrativas produzidas..... 54
1.4 Considerações sobre a estrutura do relatório de tese..... 60
2 A ESTRUTURA DO CAMPO: SOCIEDADE, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO E EM CAMPO GRANDE ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1970 63
2.1 O campo histórico do sul do antigo Mato Grosso..... 65
2.2 Campo Grande na materialidade e na racionalidade no campo de lutas políticas..... 80
2.3 Os campos educacional e social no contexto de urbanização de Campo Grande..... 105
2.4 A inserção e mobilização de Oliva Enciso no campo educacional de Campo Grande.... 124
3 AS AÇÕES PRÁTICAS DE OLIVA ENCISO NA GÊNESE DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS FILANTRÓPICAS E PROFISSIONALIZANTES NÃO ESTATAIS EM CAMPO GRANDE 143
3.1 A instituição educativa filantrópica Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante..... 145
3.2 A instituição educativa não estatal Escola Profissional do SENAI..... 171
3.3 A instituição educativa profissional não estatal Escola Doméstica Roberto Simonsen.. 192
3.4 A APAE e organização da educação inclusiva em Campo Grande..... 205
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA IMERSÃO NUMA HISTÓRIA DE VIDA 219
REFERÊNCIAS 229
APÊNDICES 243
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)..... 244
Apêndice B - Roteiro de entrevista..... 246

Apêndice C - Trajetória linear de Oliva Enciso..... 248
Apêndice D - Elementos primários de formação do *habitus* de Oliva Enciso..... 253
Apêndice E - Prefeitos e governadores de Campo Grande e Mato Grosso (1930-1970)..... 255
Apêndice F – Entrevistas..... 256
ANEXOS 292
Anexo 1 - Parecer Consubstanciado de Aprovação do CEP N. 2.866.492/2018..... 293

APRESENTAÇÃO

I - A trajetória de pesquisadora

Ao propor uma pesquisa de abordagem biográfica no campo da Educação, cujo objeto de investigação é a trajetória biográfica de Oliva Enciso, convém salientar que narrar uma trajetória não é uma tarefa fácil, conforme descreve Pierre Bourdieu (2005), em seu livro *Esboço para uma auto-análise*. Ao adotar o ponto de vista do analista de sua própria trajetória intelectual, limitou-se nos fragmentos de "auto-objetivação" e de "auto-socioanálise" de seu percurso de investigação. Assim, proponho inicialmente um exercício de reflexão, ao reunir elementos do meu percurso de vida, a fim de inferir os condicionantes familiar, educacional e social que me levaram ao acesso ao curso de Doutorado em Educação.

Venho de uma família de trabalhadores da região da fronteira entre a cidade de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY). Meu pai Pedro é militar aposentado e minha mãe Ordalina foi comerciante. Ambos trabalharam desde a infância para auxiliar no sustento de suas famílias e tinham apenas a escolarização primária. Vivíamos na Vila Áurea, considerado um bairro violento da cidade. Meu pai trabalhou em serraria até se tornar soldado do exército no 11º Regimento de Cavalaria Mecanizado. Minha mãe trabalhou de empregada doméstica e depois abriu um pequeno comércio, a *Mercearia Adriana*, que recebeu esse nome por eu ser a única mulher entre os quatro irmãos. Em 1998, após a aposentadoria de meu pai e a crise financeira do mercado, minha família mudou-se para Campo Grande.

Ao retomar às memórias de infância, rememoro um período bem-aventurado e as amizades duradouras. Estudei da pré-escola ao primário na Escola Municipal Adê Marques. Meus pais diziam que estudar era muito importante, já que não desejavam que eu tivesse a mesma vida difícil de empregados como eles tiveram. O meu tempo de infância foi dividido entre estudar, brincar e ajudar no trabalho do mercado. Foi ali, naquele espaço, que recebi os primeiros códigos de leitura, escrita e conhecimentos matemáticos. Os afazeres eram feitos com satisfação, pois havia um sentimento de reconhecimento dado pelos outros. Minha mãe matriculou-me em vários cursos artesanais, a fim de preparar-me para ser uma boa dona de casa... Só não me ensinou a costurar, porque não queria que eu trabalhasse como costureira, como intensamente ela trabalhou durante muitas noites após os serviços domésticos.

Da Escola Estadual Miguel Marcondes Armando, onde cursei da 5ª a 7ª série, mantenho boas recordações dos professores. Alguns deles transmitiram valores essenciais, como a hábito da leitura e a persistência em não desistir diante de um obstáculo da vida. A professora Rosa Maria Santana Marchewicz, de origem indígena, ministrava as aulas de Língua Portuguesa e transmitiu a importância da leitura e o investimento em livros. Ela exigia

a leitura e o resumo dos clássicos da literatura brasileira. As minhas leituras de adolescência foram as obras dos autores Aluísio de Azevedo, José de Alencar, Machado de Assis, entre outros. Eu gostava de praticar esportes e participei durante três anos da equipe de competição da escola. O professor de Educação Física, Aristide Bobadilha, orientava que "o jogo perdido era necessário, era o momento de o time observar e refletir sobre os erros cometidos para melhorar a prática, não para vencer no jogo escolar, mas para vencer o jogo da vida". Assim eram suas palavras, proferidas de uma maneira abrutalhada. Essas palavras se tornaram incentivo para eu não desistir dos embates enfrentados na vida.

Na adolescência, meus pais utilizaram-se da estratégia de investimento escolar: matricularam-me em um curso de Língua Estrangeira – Inglês e, após a finalização do Ensino Fundamental, cursei o Ensino Médio na Escola Mace & São José, uma instituição privada e confessional da cidade. A referida escola era frequentada por alunos de grupos da elite local e possibilitou-me a constituição de novos capitais, o escolar e o social. A instituição oferecia um ensino de qualidade com um amplo currículo e altos níveis de competição, visando os índices de aprovação nos vestibulares. Nos primeiros momentos enfrentei várias lutas de adaptação em relação aos colegas e ao nível de educação exigida pela instituição, reconhecida como a melhor da cidade. Assim, dediquei muito tempo em práticas de adaptação às novas demandas do espaço escolar, a fim de modificar alguns códigos de escolarização e socialização. Na escola, eu me sentia deslocada e evitava os encontros organizados pela turma; preferia a convivência com os amigos do bairro. Participei de grupos de reforços e disciplinas extras oferecidas pela escola para atenuar minhas limitações educacionais e melhorei o meu desempenho escolar.

Aos 16 anos, comecei a namorar e engravidei. Enfrentei situações negativas na continuidade dos estudos. Em 1996, tive meu filho Pedro Gabriel, terminei o Ensino Médio, deixei a vontade de fazer o curso de Psicologia e comecei a trabalhar... Meus pais mudaram de cidade e eu continuei morando em Ponta Porã, onde iniciei o curso superior de Letras em uma faculdade privada, mas logo abandonei. Meus pais solicitaram que eu fosse morar com eles em Campo Grande, o que acabou acontecendo em 2000. Nessa época, eu vivia um relacionamento tumultuado com o pai dos meus filhos e, entre idas e vindas, tive meu segundo filho chamado João Victor, que nasceu no ano de 2002, após a separação definitiva. Em Campo Grande frequentei vários cursos profissionalizantes e trabalhei em diferentes lugares no período noturno. Foram tempos difíceis de aprendizado sobre a vida... Porém, conheci pessoas batalhadoras, mas também algumas desonestas, cujas trajetórias entrecruzaram-se com a minha história de vida...

Em 2003 prestei o concurso para o cargo de assistente administrativo da Prefeitura Municipal de Campo Grande. Em 2005, assumi o cargo na Escola Municipal Bernardo Franco Baís, onde constituí uma rede de relações com excelentes profissionais e, também, com outros funcionários que viam no funcionalismo público um lugar de acomodação. Observei a dedicação de alguns professores e o descaso de outros com a profissão. Passei a criticar algumas posturas do trabalho docente e diante disso, a diretora Claudia Regina Duarte Lima me incentivou a ter uma formação superior no campo da educação, ou então eu seria mais uma entre os funcionários administrativos acomodada no cargo público no decorrer do tempo.

Em 2005, prestei o Vestibular de Verão/UFMS para Pedagogia em Licenciatura – Habilitação em Educação Infantil e não passei... Em 2006, prestei o Vestibular de Inverno e fui aprovada. A aprovação foi uma vitória para mim e minha família. Sou a única entre meus irmãos a acessar e concluir o Ensino Superior. Frequentei os dois primeiros anos do curso com dificuldades de conciliar o trabalho com o estudo. Eu trabalhava oito horas diárias nos períodos: matutino e noturno e frequentava as aulas no período vespertino.

Em 2009, diante da restruturação do curso[1] com novas disciplinas e horário integral minha condição de estudante foi comprometida, devido aos mesmos horários de aula e do trabalho. Ao tomar conhecimento do programa Bolsa Permanência[2], solicitei licença para tratar de interesse particular do cargo a fim de melhorar meu desempenho acadêmico. Então, procurei a professora Profa. Dra. Jacira Helena do Vale Pereira Assis, que mantinha a pesquisa âncora da migração paraguaia em Campo Grande. Elaboramos o plano de trabalho baseado nas atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Migração e Memória (GEPEMM/UFMS), o qual atualmente é denominado Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE/FAED/UFMS). Desde então, a professora tornou-se a minha orientadora até a pós-graduação e, nos anos de convivência, a relação acadêmica modificou-se para uma relação afetiva. Eu tenho gratidão por sua amizade e dedicação profissional em suas orientações precisas.

Iniciei a minha trajetória de pesquisadora com a participação na pesquisa *Observatório de educação, migração e memória: história de vida nas gerações de migrantes paraguaios*

[1] Resolução CNE/CP nº. 15, de 1º de maio de 2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia sobre a restruturação curricular na formação docente, com bases na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

[2] Ação de assistência estudantil da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Consiste no repasse financeiro ao acadêmico em situação de vulnerabilidade socioeconômica, de forma a contribuir com as suas despesas básicas durante o período de graduação na Universidade. O acadêmico beneficiado cumpre a carga horária de 12 horas semanais em atividades de ensino, pesquisa ou extensão.

em Campo Grande – MS[3]. O GEPASE é o alicerce de minha trajetória de pesquisadora, por ser composto por estudantes da graduação ao doutorado, fato que possibilitou discussões sobre diferentes objetos de pesquisa e tem permitido a mim um crescimento teórico contínuo. Durante as reuniões do grupo, participações de eventos e conversas acadêmicas com colegas mestrandas, despertou o interesse de dar continuidade aos estudos na pós-graduação.

Em 2010, elaborei o trabalho final de conclusão de curso intitulado "Homem, sociedade e educação na obra do memorialista Paulo Coelho Machado" (2010). A pesquisa foi o primeiro contato com obras memorialísticas e, nas análises iniciais, compreendi o potencial investigativo das fontes nos estudos da História da Educação. No quantitativo dos trabalhos publicados em anais de eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, dois elementos são fundamentais: o uso de fontes memorialísticas e o referencial teórico bourdieusiano.

Ao finalizar a graduação, matriculei-me, a convite da professora Aureotilde Monteiro, no curso de Especialização em Gestão Escolar (Ead/UFMS), concluído em 2012. Entre os anos de 2009 e 2016 trabalhei na Educação a Distância (Ead/UFMS), como tutora do curso de extensão *Formação de Conselheiros Escolares*, assistente de projeto do curso de extensão *Mídias na Educação*, como também tutora, coordenadora de tutores e docente do curso de *Pedagogia*.

Em 2011, fui aprovada no processo seletivo do curso de Mestrado em Educação (PPGEdu/UFMS). Em 2012, ao iniciar o curso de Mestrado, também assumi o concurso de docente na Prefeitura Municipal de Campo Grande. Busquei uma disciplina intelectual para manter uma organização nas atividades diárias entre ser e estar discente e docente. Não consegui conciliar o início da docência numa classe de alfabetização e os estudos das disciplinas do curso. Então, solicitei exoneração do cargo e passei ser bolsista de demanda social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fator determinante na manutenção dos estudos e da estrutura familiar até a finalização do curso.

O projeto de estudo adequou-se à pesquisa âncora do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMS) intitulada *Educação secundária no sul de Mato Grosso (século XX)*[4]. A dissertação produzida compreendeu as representações dos tipos de escolarização (Secundário, Normal e Profissional) em autobiografias e biografias de ex-alunos e professores que vivenciaram o processo educacional no período de 1920 a 1960, por meio do cruzamento de

[3] Aprovado no Edital Universal n. 07/2007, do FUNDECT/MS.
[4] Consolidada pela chamada pública: MCTI/CNPq/MEC/CAPES - Ação Transversal n. 06/2011 – Casadinho/PROCAD.

estudos acadêmicos e fontes (documentos oficiais, jornais e revistas). Em 2014, a defesa foi importante, não pelo título de Mestre em Educação, mas pelo reconhecimento recebido pela banca avaliadora da relevância de utilizar fontes da memorialística regional como base empírica nos estudos na área de Educação.

No ano de 2015, frequentei como aluna especial a disciplina "Tópicos Especiais IV" do curso de Doutorado em Educação (UFMS), período em que realizei uma pesquisa sobre a escolarização em meios populares. O *lócus* de pesquisa foi a escola que atuava na periferia e os resultados do estudo deram origem ao artigo *O papel do dever de casa em famílias de classes populares*, publicado no periódico *Educação em Revista* (UNESP). Nesse mesmo ano, participei do minicurso *Fontes literárias e autobiográficas na pesquisa em História da Educação,* ministrado pela Profa. Dra. Ana Maria Galvão (UFMG), e ressaltei que são parcos os estudos de educadores na historiografia regional. Nesse viés, participei da seleção para o Doutorado em 2014 e 2015 e, por questões teóricas e metodológicas não fui aprovada. Em 2016, elaborei um novo projeto de pesquisa, cujo objetivo era apreender o capital simbólico na trajetória de Oliva Enciso. Realizei um acurado levantamento de fontes, aprimorei as questões teórico-metodológicas e passei no exame de seleção do Doutorado em Educação.

Durante o curso, ampliei os meus conhecimentos no âmbito dos estudos de abordagens biográficas com a publicação de artigos em eventos regionais e nacionais. Além disso, realizei um aprofundamento nos estudos teóricos e metodológicos do referencial bourdieusiano. Em cada leitura e releitura das obras de Pierre Bourdieu, um novo olhar da ação prática de pesquisa.

Agora, ao olhar minha trajetória de vida numa breve autoanálise, observo a estruturação condicionada pela escolarização. O *habitus* construído nas condições objetivas do comércio e o gosto pela literatura adquiridos possibilitaram os códigos iniciais que permitiram uma longevidade encolar. As estratégias utilizadas por meus pais, o acesso e a permanência nos cursos de Língua Inglesa e Ensino Médio na escola confessional e privada mobilizaram as disposições do capital escolar. Nunca pensei em alcançar uma trajetória longa de escolarização, porém meu percurso profissional e acadêmico delineou-se na interação com o campo da educação.

Na minha trajetória de pesquisa de doutoramento enfrentei os momentos mais difíceis da minha vida... Em 2019, vivenciei a luta pela vida e a perda do meu companheiro Rubis Cardoso; juntos construímos uma história que permanece nas minhas lembranças. Agora, em 2020, em tempos de pandemia da Covid-19, em meio a angústias e imprecisões, a minha mãe sofreu um AVC e ficou em estado comatoso. Diante dessas situações, surgiram ansiedades,

dúvidas e questionamentos, tais como: qual é o sentido de um doutorado? Por que continuar a pesquisa? Questões compreendidas nas memórias do apoio, do carinho e do orgulho que meu companheiro e minha mãe tinham de mim, mas também na trajetória acadêmica construída.

Ao retomar minha trajetória de vida, observo como a memória é seletiva e como fatos e informações estão relacionados ao objetivo. Isso me leva a compreender o posicionamento de Pierre Bourdieu no seu primeiro artigo sobre história de vida, *A ilusão biográfica* (2011b). O biografado é o ideólogo de sua própria vida e seleciona, de acordo com suas intenções, certos acontecimentos significativos em conexão, para dar coerência e sentido à sua trajetória de vida. Faz-se necessário compreender o conhecimento das estruturas da rede das relações subjetivas e objetivas que proporcionaram os acontecimentos biográficos, ou seja, as colocações e deslocamentos no espaço social.

A minha trajetória de vida não se resume apenas a estas páginas, no entanto selecionei alguns acontecimentos, a fim realizar um exercício intelectual de compreensão do *habitus* e dos capitais constituídos nos percursos vividos em diferentes espaços sociais. Disposições geradas que delinearam e mobilizaram as minhas escolhas profissionais e acadêmicas. O percurso de vida de um agente delineia-se por meio da interação em determinados campos, e a escola foi um campo que motivou a formação acadêmica. O acesso ao curso de Pedagogia, mais especificamente a participação no grupo de estudo, direcionou minhas escolhas no percurso de pesquisa. Não fiz a opção de ser apenas docente, pois abdiquei de três concursos públicos com garantia de estabilidade financeira. Infelizmente, a opção de dedicação exclusiva ao curso na pós-graduação não é mais possível, atualmente divido o meu tempo entre a docência em classes dos anos iniciais e educação infantil e a pesquisa de doutoramento.

Enfim, o exercício de rememorar o percurso vivido direciona a compreensão dos desafios imbricados na pesquisa com abordagem biográfica. Revela ainda que a trajetória de vida não se resume apenas a uma ordem cronológica de fatos, mas a toda uma estrutura de rede de relações subjetivas e objetivas que são construídas nessa trajetória de vida. As marcas da escola são representações que permanecem na memória... O campo educacional mobilizou as escolhas nos espaços possíveis, ambos geraram efeitos e tomadas de posições. A participação no grupo de estudo possibilitou a integração intelectual do trabalho coletivo e produtivo, fomentando ações práticas de pesquisadora e favorecendo as condições de estruturação do *habitus* e os capitais necessários para a realização da presente pesquisa.

II - Retrato sociológico de Oliva Enciso

Oliva Enciso teve um papel de distinção na vida pública e foi uma mulher precursora na sociedade campo-grandense entre as décadas de 1930 a 1970. Filha de Santiago Enciso e Martinha Florentin Enciso, ela nasceu no dia 17 de abril de 1909, na Fazenda Tamarineiro de propriedade do fazendeiro Constantino Gonçalves Preza[5], na região de Corumbá - MS. Na família predominou a configuração do gênero feminino, pois teve seis irmãs – Bráulia, Clarice, Maria da Conceição e Maria do Carmo, e também Mercedes e Henriqueta, falecidas na infância.

Em sua autobiografia *Mato Grosso do Sul: minha terra*, publicada em 1986, retrata elementos de sua origem, os modos de ser dos pais e de vida da família. A ascendência familiar baseia-se na classe trabalhadora rural. Seu pai, de origem italiana e paraguaia, foi imigrante em fuga de um seminário do Paraguai e, em Corumbá, trabalhou como o capataz de fazenda de Constantino Gonçalves Preza até o falecimento em 1923. Sua mãe era uma mulher inteligente e enérgica, filha de Joaquim Antonio Ferreira da Cunha, de tradicional família portuguesa, e Joana, de origem paraguaia. A postura enérgica da mãe incidiu dos condicionantes paternais, uma vez que o avô materno era um Capitão do exército brasileiro e possuía o *habitus* engendrado nas ações, percepções e pensamentos do campo militar. (BOURDIEU, 2011a).

Sua mãe esteve inserida no modo de vida e nas práticas militares do pai, por isso constituiu-se nela as disposições conscientes e inconscientes do *ethos* militar. Oliva Enciso a retratou como uma pessoa inteligente, com bons conhecimentos matemáticos, alegre e politizada. O interesse da mãe pela política nacional, demonstrado no entusiasmo por Carlos Lacerda[6] e também as práticas de devoção religiosa refletem como o campo familiar e social de inserção possibilitaram as estruturas do interesse e o envolvimento da própria Oliva Enciso nas estruturas dos campos da religião e política.

Foi na fazenda da região do Pantanal que recebeu os primeiros princípios geradores de percepção e de ação de práticas sociais. Os escritos expõem as lembranças do Pantanal, indícios de um forte vínculo afetivo com o lugar: “O Taquaral vive na minha lembrança [...]”. (ENCISO, 1986, p. 14). Esse espaço geográfico e social se constituiu como um condicionante de valores culturais e referenciais identitários, cujas interações estruturaram o *habitus*, ou seja,

[5]De acordo com informações localizadas no periódico *Correio do Estado*- MT, Ano I, edição n. 00025 de 04 de agosto de 1909, o fazendeiro era proprietário da Fazenda Tamarineiro localizada na divisa entre o Brasil e Bolívia, região do Taquaral.

[6]Jornalista e político filiado a União Democrática Nacional (UDN). Em 1949, fundou a *Tribuna da Imprensa* que divulgou as principais propostas do partido em oposição às forças políticas vinculadas ao getulismo.

"[...] uma realidade invisível onde são organizadas práticas e representações nos agentes" (BOURDIEU, 2011a, p. 24). As memórias escritas expressam o vínculo afetivo cultivado na relação com a natureza no tempo vivido na fazenda. A infância é o período do desenvolvimento das aprendizagens de aspectos sociais, psicológicos e históricos. Na infância e nos primeiros anos de adolescência desenvolveu as disposições do *habitus* primário, ou seja, os condicionamentos da socialização primária que lhe possibilitaram, ao longo da vida, compor e recompor estruturas objetivas e subjetivas.

Em seguida, ela afastou-se da fazenda porque seus pais, atentos à educação das filhas, mantiveram-nas em instituições confessionais na cidade de Corumbá. Oliva Enciso estudou as primeiras séries do ensino primário no Collegio Immaculada Conceição e no Colégio Estadual Maria Leite. Ela não concluiu os estudos primários, pois preferia a liberdade da natureza a submeter-se às normas do processo de escolarização. Abandonou a escola após o nascimento de suas irmãs temporãs. Em 1923, aconteceu o falecimento inesperado do pai, fato que modificou sua trajetória de vida. A família Enciso migrou para Campo Grande em busca de melhores condições de trabalho a convite de João Francisco de Freitas, casado com sua irmã Bráulia. O núcleo familiar era formado por sete mulheres e sua mãe, como a matriarca da família e na condição de viúva, trabalhou no espaço privado como costureira para o sustento da família, auxiliada pelas filhas, e Olívia ajudava nos acabamentos das roupas nos tempos livres. Sob a direção dos modos de ser e estar da mãe, o seu percurso de vida enveredou-se pelos contornos da religião católica, da educação e da política. O *Manual de devoção da Donzela Cristã no colégio e no lar* foi uma leitura marcante em sua trajetória. A obra induziu-a à reflexão dos dons recebidos por Deus e o papel da jovem cristã, além disso, condicionou-a à conversão religiosa católica e ao retorno aos estudos. Em 1924, regressou aos estudos, concluiu o ensino primário e foi convidada a prestar o exame de admissão no curso Ginasial do Instituto Pestalozzi. Passou com êxito no exame, porém a família não possuía as condições financeiras para manter seus estudos. Sem condições de pagá-los, o diretor João Tessitore Júnior ofereceu-lhe uma espécie de bolsa. Ela pagava pelos estudos ministrando aulas no ensino primário. O acesso ao ensino secundário[7] foi outro propulsor de mudança em sua trajetória de vida.

Enciso declara que ter sido aluna e professora representou novas conquistas e realizações, principalmente por ter tido a possibilidade continuar os estudos numa instituição

7 Trata-se do tipo de ensino da educação secundária que teve por finalidade específica a formação intelectual de jovens para os cursos superiores. Manteve um conjunto de estudos com a duração de seis anos e certificado de aprovação final no 5º ano do curso secundário. (BRITEZ, 2014).

reconhecida. Ela foi aluna e professora leiga[8] no Gymnasio Municipal de Campo Grande durante cinco anos, período de conversão, acumulação e posse inicial do capital social da agente. Um capital instituído por meio de sua ação como professora que lhe permitiu transitar pelo espaço docente, mas também que mobilizou a conversão do tipo de escolarização, o ensino secundário ginasial, que lhe favoreceu os condicionantes do capital escolar objetivado.

Em 1929, após finalizar o ensino secundário, foi incentivada pelo seu cunhado, Sr. Freitas, e pelo professor João Tessitore Júnior a prestar o vestibular no curso de Medicina no Rio de Janeiro. Em 1930, no Rio de Janeiro, foi acolhida pela família do Sr. João Ferreira de Souza, um médico vindo de Campo Grande e pai de uma ex-colega do ensino primário no Colégio Spencer. Ela fez dois meses de cursinho e passou com êxito no exame, entretanto não finalizou o curso por ter decidido se tornar irmã de caridade; retornou a Campo Grande em setembro de 1930.

Ao retornar, dialogou com a mãe sobre a decisão tomada, mas a mãe argumentou que Oliva não poderia ser irmã de caridade porque a família não mantinha boas condições financeiras e havia ainda duas irmãs para estudar, Conchita e Carminha. A última contraiu poliomielite e precisava de cuidados especiais. Então, Oliva Enciso decidiu trabalhar e, por meio das relações mantidas com a família do Coronel Antonino Menna Gonçalves, interventor de Mato Grosso e pai de Zózimo Menna Gonçalves (companheiro do ensino secundário), iniciou a trajetória de funcionária pública na Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Oliva Enciso foi funcionária entre os anos de 1930 e 1962, período que desempenhou diferentes funções: iniciou como amanuense datilógrafa, mas logo, por dedicação profissional, desempenhou as funções de secretária e chefe do Departamento de Estatística. Aposentou-se na função de inspetora de ensino, efetivada por meio de concurso público. A trajetória pública de Oliva Enciso foi marcada pelo envolvimento no campo da política e, principalmente, pelas ações práticas no campo educacional. Na política partidária, foi precursora na representação feminina , vereadora de Campo Grande (1955-1958) e deputada estadual (1959-1963) pelo partido União Democrática Nacional (UDN). Entendemos a representação precursora de Oliva Enciso a partir da compreensão da sua posição ocupada entre os primeiros educadores de Campo Grande a pensar e constituir um campo educacional com finalidades filantrópicas, profissionais e inclusivas para as classes populares. Além disso, sua inserção no espaço

[8] O termo leiga é utilizado como indicativo da professora que não possui uma formação no magistério para lecionar. A atuação de professoras leigas foi substancialmente marcada na História da Educação e desenvolvida no magistério primário.

público por meio do acesso ao ensino secundário na década de 1920, ainda adolescente foi aluna e professora leiga, e em seguida pelas tomadas de posições nos cargos administrativos e representativos do campo político.

Aos 54 anos, foi aposentada como inspetora de ensino pela Prefeitura Municipal de Campo Grande e, em seguida, ao finalizar seu mandato de deputada estadual, afastou-se da política partidária. Porém, é notável que ela não se aposentou da vida pública e continuou com ações práticas no campo educacional, principalmente com dedicação ao seu projeto de vida, qual seja, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. Essa instituição foi fundada na década de 1940, com o objetivo de atender as lacunas existentes no campo da educação, assistência, comércio e produção. A devoção à Santa Terezinha do Menino Jesus constitui-se em condicionante de mobilização da assistência social vinculada a ações filantrópicas. Nessa instituição, funcionou o lar de menores abandonados denominado Lar Santa Terezinha, o abrigo infanto-juvenil feminino Lar Santa Inês e o abrigo juvenil masculino Pensionato São Luiz.

No campo literário, foi escritora e poetisa, participou da Academia Sul-Mato-grossense de Letras (ASL), ocupando a cadeira 22, cujo patrono foi Vespasiano Barbosa Martins, e também do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS). Produziu artigos e publicou os seguintes livros: *Biografias dos Patronos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras* (1973); *Mato Grosso do Sul – Minha Terra* (1986); *Pensai na Educação, brasileiros!* (1989); e *Palavras de Poesia* (2004).

A trajetória de Oliva Enciso foi marcada pelo percurso na vida religiosa, cujo decurso não se limitou apenas às práticas de participação nas missas e leituras de textos da fé cristã, mas também na escolarização delineada pela formação escolar confessional. Ela frequentou o ensino primário no Collegio Immaculada Conceição e os ensinos profissionalizantes no Ginásio Dom Bosco. Realizou exames de suficiência no Ginásio e recebeu o diploma, em 1932, do curso de Contador e, na Escola Normal Dom Bosco, concluiu, em 1934, o curso Normal, que funcionava em anexo ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

No percurso de estudante, alcançou o sucesso e distinção escolar, formando-se na primeira turma do curso de Farmácia da Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia. Os diferentes tipos de escolarização esclarecem a conversão, a posse e o acúmulo de capital escolar institucionalizado, bem como a conversão desse capital em outras formas de capitais, como o social e o simbólico.

A relação de Oliva Enciso com o campo religioso católico salesiano foi construída por intermédio de práticas devocionais, como a participação de celebrações diárias, leitura de obras cristãs e institucionalização de congregações. Essas práticas engendraram as disposições da formação do *habitus* religioso da agente. Isso demonstra que a formação do *habitus* tem estreita relação com a ação prática em fazer, crer e sentir-se parte do campo religioso.

Para Bourdieu (2011a, 122) as ações "[...] são atos cognitivos que, como tais, põem em prática as estruturas cognitivas, as formas e categorias de percepções, os princípios de visão e de divisão: os agentes sociais constroem o mundo social através de estruturas cognitivas ("formas simbólicas")". A prática é construída por meio de um sistema dos esquemas de ações, de percepções e de apreciações de determinado espaço social e que se integram ao conjunto de um só *habitus*. "A prática tem uma lógica que não é a da lógica e, consequentemente, aplicar as lógicas práticas a lógica, e arriscar destruir, através dos instrumentos que utilizamos para descrevê-la, a lógica que queremos descrever." (BOURDIEU, 2011a, p. 147).

Desta forma, compreendemos a ação como o passo inicial, recorrente e sistematizado de uma prática. Afinal, para se ter uma prática é porque houve ações anteriores, ou seja, um conjunto de experiências internalizadas que constituiu a prática do agente. A construção do *habitus* religioso de Oliva Enciso fora engendrado pela formação de disposições anteriores à inserção ao campo religioso católico, dado por meio da herança no vínculo familiar com a religião, e em seguida, por meio de ações práticas de devoção católica.

Como indicado anteriormente, Oliva Enciso atuou na docência somente nos anos que lecionou no Gymnasio Municipal de Campo Grande, porém recebeu o reconhecimento público de Professora Oliva. Esse reconhecimento social expõe o capital simbólico da agente, ou seja, um capital social atribuído por outros, uma vez que sua trajetória foi marcada incialmente pela docência e, em seguida, por meio de sua ação prática na organização de instituições escolares.

As relações de trabalho na prefeitura mobilizaram as relações sociais duráveis de amizade construídos com alguns prefeitos, tais como Vespasiano Barbosa Martins, Eduardo Olimpo Machado, Fernando Corrêa da Costa, Demóstenes Martins e Wilson Babosa Martins. Nas ações práticas na prefeitura, houve a ampliação da rede de relações sociais, momento em que construiu e ampliou sua rede de relações com políticos, administradores, engenheiros, intelectuais, entre outros, favorecendo a posse, o acúmulo e volume de capital social. O volume de capital de um agente individual se dá pela extensão da rede de relações sociais e,

efetivamente, a mobilização desse capital nas ações práticas do campo social. (BOURDIEU, 2011a).

Ao se inserir na esfera pública e por meio da instrução e transmissão de seus ideais e projetos de vida, contribuiu para a formação de uma sociedade escolarizada em Campo Grande e Mato Grosso entre as décadas de 1940 a 1970. Suas ações direcionaram a criação das seguintes instituições: Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante; Serviço Social da Indústria (SESI); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Ginásio Barão do Rio Branco da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG); Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (origem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Ela faleceu aos 96 anos de idade, em 30 de maio de 2005. Seu falecimento findou sua trajetória de vida. Enciso tornou-se personalidade da História da Educação de Campo Grande e recebeu inúmeras homenagens por sua representação social, duas escolas receberam o seu nome, a Escola Municipal Oliva Enciso e a Escola Cenecista Oliva Enciso. Além de nome de rua no bairro Carandá Bosque, em Campo Grande, e do plenário da Câmara Municipal de Campo Grande. Em Várzea Grande (MT), uma rua do bairro Parque do Lago recebeu seu nome. A escrita deste estudo também se configura numa homenagem acadêmica à trajetória biográfica da agente no campo educacional e social de Campo Grande.

1 INTRODUÇÃO[9]

> Tentar compreender uma vida como uma serie única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um "sujeito" cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. (BOURDIEU, 2011b, p. 81).

Este estudo apresenta uma pesquisa de abordagem biográfica produzida no âmbito da Linha de Pesquisa Educação, Cultura, Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, produto das interlocuções teóricas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE). Tem por objeto de estudo a trajetória biográfica de Oliva Enciso, entre as décadas de 1920 e 1970, ao tomar como elemento central de investigação a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e do ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, cidade do antigo Mato Grosso[10].

O objetivo é contribuir com a História da Educação Brasileira ao investigar, historiar e qualificar as gêneses de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal de Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso, como também, os modos de formação e atuação feminina nos espaços públicos representados por Oliva Enciso, no período de 1930 e 1970.

Campo Grande, no período delimitado, alcançou crescente urbanização e desenvolvimento econômico, político e social. Dessa forma, torna-se necessário a discussão entre a atuação de educadores e o papel das instituições educativas, suas funções e finalidades na apreensão do campo educacional como uma das condições de mobilização objetiva de mudança na estrutura social. O problema nuclear consiste em compreender como Oliva Enciso, uma mulher oriunda da classe trabalhadora rural, protagonizou a criação de instituições educativas e de assistência social num período de embates históricos entre grupos de elites das regiões norte e sul de Mato Grosso.

---

[9] A introdução, nesta tese, encontra-se organizada no formato de capítulo conforme a ABNT 10.719/2015. A norma indica que a nomenclatura dos títulos dos elementos textuais fica a critério do autor.

[10] No período delimitado do estudo, tratar-se-á de Mato Grosso unificado, porque a divisão do Estado de Mato Grosso foi concretizada em 1977, pelo governo Ernesto Geisel. Logo, a porção norte manteve a denominação Mato Grosso e a capital Cuiabá; a porção sul foi denominada de Mato Grosso do Sul e Campo Grande a capital. Um campo possui subcampos relativamente autônomos e com propriedades pertinentes que identificam esse campo. (BOURDIEU, 2011a). Dessa forma, no decorrer do estudo, tratar-se-ão os subcampos identificados nas expressões norte e/ou sul do antigo Mato Grosso.

Nas últimas décadas, a abordagem biográfica tem sido utilizada na composição da História da Educação. Pesquisadores têm realizado estudos sobre professores, intelectuais e outros personagens que atuaram no campo da educação, discutindo não somente as ideias pedagógicas desses sujeitos, mas os processos de formação intelectual, as redes de sociabilidade, as viagens formativas, estratégias de legitimação, entre outros temas. As pesquisas realizadas utilizam fontes diversas, como correspondências, reportagens e artigos publicados na imprensa, autobiografias, acervos pessoais, etc., a fim de apreender, na história individual, as similitudes e diferenças com a história coletiva. (GALVÃO; LOPES, 2010).

O estudo proposto tem como base teórica às reflexões de Pierre Bourdieu (2011b), ao tratar da noção de trajetória na integração com as principais categorias de sua teoria, sendo estas: *habitus*, campo e capitais em suas diferentes formas. O sociólogo esclarece a impossibilidade de que histórias de vida, biografias e autobiografias consigam fornecer uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos e ocorrências da vida inteira de uma pessoa. Todavia, ao olhar para a noção de trajetória, destaca a possibilidade de alcançar um sentido coerente de apreensão da relação objetiva entre a superfície social e a individualidade biológica. Isto é, um projeto orientado de análise dos mecanismos sociais, como unidade e totalidade, que dá sentido às ações e posições do agente no interior de um espaço orientado por um conjunto de relações objetivas e subjetivas em dado momento considerado.

A partir da perspectiva bourdieusiana, a noção de trajetória é apreendida como:

> [...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes. [...] Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 2011b, p. 81, grifo do autor).

Dessa forma, optamos pela abordagem biográfica na noção de trajetória biográfica, por delimitarmos o estudo do percurso de Oliva Enciso no período balizado entre os anos de 1920 e 1970. O tempo histórico corresponde à atuação da agente no campo educacional e em cargos públicos em Campo Grande e no antigo Mato Grosso.

A trajetória é percebida como a ocupação de posição do agente no mundo social diante das condições de existências e condicionamentos subjetivos e objetivos, definindo-a como uma série de posições sucessivamente ocupadas num espaço social. Na confluência dessas relações é que compomos a escrita da trajetória biográfica de Oliva Enciso, na

compreensão das articulações entre o campo histórico e a agente, as posições ocupadas e as relações sociais e institucionalizadas na atuação educacional, social e política.

O desencadeamento do estudo possibilita compor uma historiografia regional, suscitada na recontextualização e a apreciação das ações práticas da agente nas gêneses de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso. Além disso, traz a compreensão de como a formação educacional produziu as disposições duradouras do *habitus* e dos capitais em suas diferentes espécies, que engendraram na trajetória as colocações e descolamentos nos campos sociais.

1.1 A construção da pesquisa: notas introdutórias sobre o tema, a justificativa, a formulação do problema e a hipótese

Por que a escolha da escrita da trajetória biográfica de Oliva Enciso? Porque apreciamos atentamente sua autobiografa e compreendemos que ela viveu numa época em que a maioria das mulheres da classe trabalhadora concluía somente o ensino primário e/ou secundário e se dedicavam às lides domésticas. Ela despontou da esfera privada por meio dos estudos, transitou pelo espaço público e percorreu o espaço político. Este estudo, não se trata de uma tese exclusivamente sobre gênero, mas de uma abordagem biográfica que contempla a trajetória de uma mulher solteira, celibatária, que age na cena pública num tempo de impossibilidades.

Ao acessar o ensino secundário, realizou os estudos com distinção. De posse de reconhecido capital escolar, passou a ser professora leiga no acúmulo de capital social e simbólico. Do magistério, transitou para o campo da política e foi protagonista de diversos feitos no campo educacional entre as décadas de 1930 e 1970. Ela deixou marcas na história social, marcas essas as quais carecem de um olhar aprofundado que a pesquisa acadêmica pode oferecer na compreensão de suas contribuições para a História da Educação regional.

O interesse pela produção do estudo sobre instituições educativas de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul faculta das reflexões produzidas sobre a trajetória de Oliva Enciso, no âmbito da pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação. O estudo intitulado *A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920-1960)* foi defendida no ano de 2014.

O objeto de estudo da referida dissertação foi o processo de conformação da educação secundária em Campo Grande. As análises permearam as representações desse nível

de escolarização em fontes da historiografia memorialística (autobiografias, biografias e históricas), no cruzamento de documentos oficiais, jornais, revistas e estudos da historiografia acadêmica regional.

Ao privilegiar o uso de fontes memorialísticas, expomos que a educação secundária foi estabelecida por meio do investimento municipal e de embates políticos. Além disso, as narrativas das fontes sinalizaram o pioneirismo no campo da educação, ao balizar a relevância que alguns professores mantiveram dentro do contexto social e político de Campo Grande. Esses agentes participaram ativamente da materialização da educação secundária no período de 1920 e 1970, dentre eles Arlindo de Andrade Lima, João Tessitore Júnior, Múcio Teixeira Junior, Maria Constança Barros Machado, Luiz Alexandre de Oliveira e Oliva Enciso. O estudo colaborou na constituição da história educacional e social da cidade e do sul do antigo Mato Grosso, porém demonstrou a carência de pesquisas sobre as trajetórias desses professores. Isto impulsionou o empenho pela ampliação da pesquisa em torno da trajetória de Oliva Enciso.

Na pesquisa supracitada, realizou-se o percurso na trajetória de Oliva Enciso com base empírica na autobiografia *Mato Grosso do Sul: minha terra* (1986), cuja finalidade foi compreender as representações do ensino secundário. A obra traz elementos sobre a jovem oriunda de uma família de trabalhadores rurais e sem condições econômicas, que teve acesso ao curso Ginasial no Instituto Pestalozzi na década de 1920. Por sua dedicação aos estudos primários, passou com êxito no exame de admissão, foi convidada a frequentar o curso; em contrapartida, ministrou aulas no contra turno no curso primário e tornou-se uma espécie de bolsista.

No decorrer da pesquisa, observamos que ela não foi somente estudante secundarista, mas uma agente pública que esteve amplamente envolvida em projetos educacionais, sociais e políticos em Campo Grande e em Mato Grosso, no período que antecedeu a criação, em 1977, do estado de Mato Grosso do Sul. Notamos indícios e vestígios de elementos relacionados às ações práticas da agente na criação de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal na cidade, que até o presente momento abrem uma lacuna para estudos investigativos da educação campo-grandense.

No campo educacional, como funcionária da prefeitura, consolidou a fundação das seguintes instituições: em 1940, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante; em 1948, o Serviço Social da Indústria (SESI); e em 1949, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Ginásio Barão do Rio Branco, entre outras. As três primeiras instituições mantiveram o ensino primário em conjunto com a formação profissional, sendo o

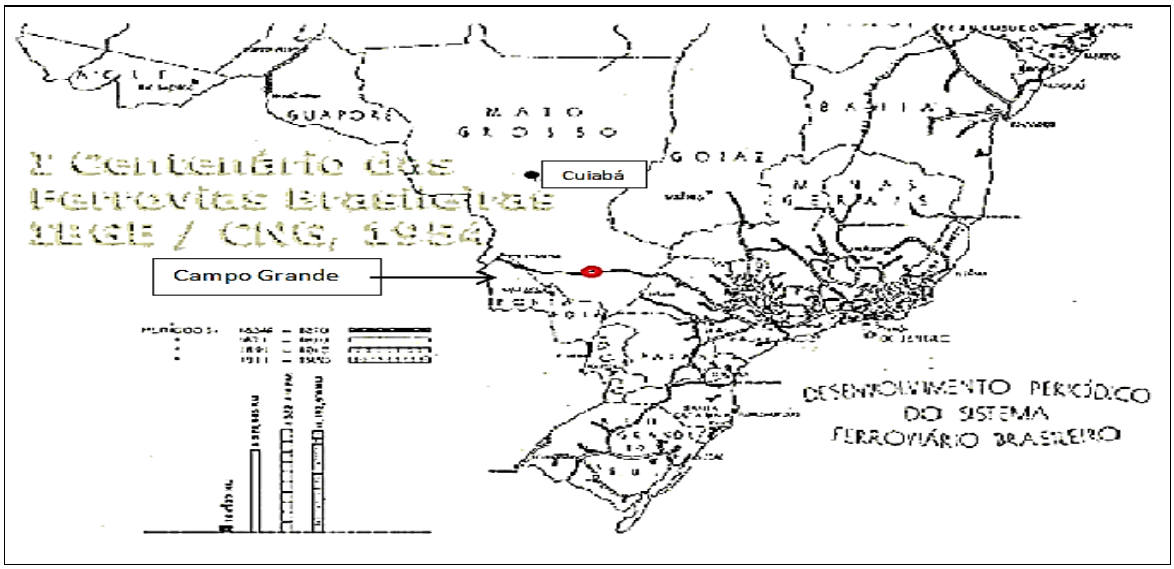
último, o Ginásio, uma instituição destinada ao ensino secundário, de iniciativa privada, por ter como entidade mantenedora a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG). Pelo seu empenho, foi criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso em 1963, germe da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E ainda, em 1967, organizou a materialização da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), uma entre as primeiras instituições do Brasil.

As memórias autobiográficas e a pesquisa realizada apontam aspectos relevantes da atuação educacional e política direcionada ao atendimento das classes menos privilegiadas da sociedade. Porém, não houve um aprofundamento da história das instituições educativas de Campo Grande fomentada por ações da agente entre as décadas de 1920 e 1970, uma vez que não era esse o objetivo proposto na pesquisa.

O período delimitado caracteriza-se pelos acontecimentos biográficos de Oliva Enciso no espaço social, ou seja, no percurso vivido em instituições educativas e sociais, e também na sua atuação em cargos públicos. No momento, buscando compreender as ações práticas da professora e política no campo educacional nos idos em que a cidade apresentou um relativo processo de urbanização e desenvolvimento econômico, social e político.

De acordo com Celso Costa (1999), a urbanização se deu por meio da inauguração, em 1914, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e, em seguida, pela transferência, em 1921, do Comando da Circunscrição Militar de Corumbá para a cidade. Esses momentos favoreceram a ampliação do eixo-econômico entre Campo Grande e São Paulo, e também o fluxo migratório de estrangeiros e brasileiros de outras regiões do País.

Figura 1 - Ferrovia Noroeste S.A. e área de influência (1920-1970)



Fonte: IBGE, 1960.

A imagem mostra o mapa ferroviário do trajeto da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil entre as décadas de 1920 e 1970. Com base na imagem torna-se perceptivo a localização de Campo Grande como posição central de movimentação econômica e social de Mato Grosso com outros estados na região sudeste do Brasil. Campo Grande, na década de 1920, tornou-se empório comercial, com acontecimentos significativos que consolidaram a condição de cidade próspera. No decorrer da década de 1930, houve investimentos públicos e privados nas áreas de saúde e educação alicerçadas pelo movimento comercial mobilizado pelo eixo Campo Grande-São Paulo.

Para Marisa Bittar (2009), nas décadas de 1930 a 1940, houve um intenso movimento político no Brasil e também em Campo Grande, época em que o município passou a ser considerado um espaço de base econômica e militar. Nesse período, os grupos econômicos (pecuaristas, industriais, comerciantes, agricultores, entre outros) participaram do desenvolvimento da economia e da política. Campo Grande ocupava a posição de centro político e orgulho da elite pecuarista, que manifestava o interesse pela divisão do estado e de tornar a cidade capital. Nas décadas seguintes, entre 1950 e 1970, ampliou-se o antagonismo entre Campo Grande e Cuiabá.

Sobre a atuação de Oliva Enciso no campo educacional, existem duas dissertações produzidas, iniciadas após a proposição do presente estudo, sendo estas: *Professora Oliva Enciso: vida e carreira pela educação*, de Dayane Freitas de Lourdes (2018) e *Campanha Nacional de Educandários Gratuitos: em perspectiva o ensino secundário no sul de Mato Grosso (1949-1963)*, de Abigail Ferreira Alves Astofe (2019).

Lourdes (2018) realizou o estudo com o objetivo de registrar a trajetória da professora por meio do método da prosopografia. A pesquisadora trouxe as marcas da atuação de Oliva Enciso, enquanto parlamentar trouxe à educação como seu discurso mais significativo a personagem buscou reparar a ignorância parlamentar nos problemas educacionais. O estudo discutiu, entre outros temas, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante e os projetos de lei para a construção e manutenção de escolas por Mato Grosso, a educação foi seu discurso mais significativo no parlamento.

Astofe (2019) produziu o estudo com o objetivo de compreender o processo de constituição da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG) em Mato Grosso, entre 1949 e 1963, e sua contribuição na expansão do ensino secundário no sul de Mato Grosso. A autora apresentou o apoio de Oliva Enciso para a legitimação do CNEG no sul do

estado de Mato Grosso. Trouxe à luz as estratégias mobilizadas pela agente por meio dos capitais social, simbólico e político para a instalação e manutenção da instituição no estado.

Dessa forma, a justificativa deste estudo advém das lacunas da historiografia acadêmica regional sobre trajetórias de educadores, bem como acerca da história das instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizantes. Além disso, faz-se indispensável a apreensão da condição de Oliva Enciso como mulher, educadora e política na materialização de instituições educativas em Campo Grande e no sul do antigo Mato Grosso no período delimitado.

Essas lacunas engendram o interesse pela trajetória de Oliva Enciso e, afora desse aspecto, fez-se necessária a produção do estudo sobre o papel da educação no período de urbanização da cidade. A minuciosa leitura do material suscitou um conjunto de questões que foram sendo elaboradas e reelaboradas no curso da pesquisa, sendo estas:

- O que as fontes documentais, memorialísticas e narrativas produzidas trazem sobre a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso entre 1940 e 1970?
- Quais foram os interesses na criação de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, bem como os papéis desempenhados no processo de modernização social de uma sociedade urbano-citadina na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso, entre 1940 e 1970?
- Quais as estruturas e os mecanismos educacionais, sociais e políticos de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso, bem como as relações objetivas vinculadas à experiência comum da trajetória de Oliva Enciso com outras trajetórias de agentes envolvidos no mesmo campo histórico e social?
- Quais os elementos da História da Educação são expostos nos percursos vividos por Oliva Enciso como aluna, professora e representante política e qual o significado social de uma mulher da classe trabalhadora no campo político e na mobilização do campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso?
- Quais os elementos das disposições estruturadas do *habitus* e dos capitais, bem como as estratégias mobilizadas por Oliva Enciso que permitiram o trânsito em diferentes campos sociais e promoveram ações práticas na criação das instituições educativas em Campo Grande no sul do antigo Mato Grosso?

Aproximar das respostas para essas questões é o problema desta tese, uma vez que, na perspectiva bourdieusiana, a trajetória é entendida como a objetivação das relações entre as forças presentes no campo e o agente. Temos como suposição/hipótese que a narrativa da trajetória de Oliva Enciso no campo histórico de Campo Grande apontará elementos sobre as gêneses de instituições educativas, no entrelace do protagonismo de uma mulher oriunda da classe trabalhadora que soube mobilizar *habitus*, capitais e estratégias simbólicas individual e coletiva no desenvolvimento da relação público-privado.

Dessa forma, propõe-se uma análise da gênese da história das instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais articuladas com a trajetória biográfica de Oliva Enciso. Para tanto, definem-se **os objetivos específicos**: a) apreender as estruturas e os mecanismos educacionais, sociais e políticos de Campo Grande e do sul de antigo Mato Grosso, bem como as relações objetivas vinculadas à experiência comum da trajetória de Oliva Enciso com outras trajetórias de agentes envolvidos no mesmo campo histórico e social. b) Compreender os elementos da História da Educação expostos nos percursos vividos por Oliva Enciso como aluna, professora e representante política, como também o significado social de uma mulher da classe trabalhadora no campo político e na mobilização do campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso. c) Apreciar e analisar a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande e, ao mesmo tempo, evidenciar os papéis desempenhados no processo de modernização social de uma sociedade urbano-citadina na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso, entre 1940 e 1970. d) Articular e analisar os elementos das disposições estruturadas do *habitus* e dos capitais, bem como as estratégias mobilizadas por Oliva Enciso que permitiram o trânsito em diferentes campos sociais e promoveram ações práticas na criação das instituições educativas em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso.

Em busca de alcançar os objetivos propostos, apresentamos a construção da investigação na compreensão de que a pesquisa

> [...] é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos por toda uma série, e correções, de emendas, sugeridos por o que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas. (BOURDIEU, 1989, p. 27).

A produção da pesquisa de abordagem biográfica consiste no interesse de contribuir com a História da Educação Brasileira por meio da composição da historiografia regional, na

recontextualização e análise do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso e de Campo Grande numa relação com o percurso de uma agente pública. A partir da perspectiva de trazer à luz temas da história das instituições educativas no que tange à educação assistencial, profissional e inclusiva, coaduna também, com a discussão da formação educacional e inserção feminina no espaço público.

Assim, a escrita da trajetória biográfica de Oliva Enciso produzir-se-á a partir das evidências do campo, na leitura do material empírico e interpretação das informações sobre as gêneses de instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizantes não estatais. No esforço de elaborar uma narrativa histórica e educacional, compreenderemos o objeto de estudo nas dimensões objetiva e subjetiva. A dimensão objetiva diz respeito ao campo histórico de produção no qual a trajetória da agente foi produzida/percorrida, num conjunto de relações objetivas numa interpretação dos aspectos culturais, econômicos e políticos da sociedade local e regional. A dimensão individual se refere à apreensão das mediações realizadas por Oliva Enciso em alguns campos sociais, como a família, a escola, a igreja, entre outros, num conjunto de relações com outros agentes sociais determinados que acondicionassem a apreensão de alguns determinismos sociais que moldaram a individualidade singular da agente.

1.2 O percurso da pesquisa no estado de conhecimento da abordagem biográfica na perspectiva da teoria bourdieusiana e nos estudos regionais de educadores

Antes de iniciar o percurso da pesquisa de abordagem biográfica proposta, realizamos leituras de textos biográficos sobre personalidades[11], tendo o intuito de observar o papel do biógrafo e como são produzidas as narrativas biográficas não acadêmicas. Além disso, houve a apreciação de filmes e documentários biográficos[12] com a finalidade de perceber como as produções cinematográficas trataram da trajetória de personagens históricos.

Essa ação inicial trouxe à luz a advertência posta em Bourdieu (2011b, p. 76):

[11] Sendo estas: *Simone de Beauvoir*, de Claude Francis e Fernande Gontier (1986), *Sonhos de Transgressão - minha vida de menina num harém*, de Fatima Mernissi (1996), e *Enterrada Viva - a Biografia de Janis Joplin*, de Myra Friedman (1991).

[12] Destacam-se: *Nise: O coração da loucura* (2015), que apresenta a trajetória de uma psiquiatra que não aceita os tratamentos convencionais de esquizofrenia da década de 1950 no Rio de Janeiro; *Histórias cruzadas* (2011), que retrata a história de duas mulheres negras e empregadas de famílias tradicionais durante a era americana dos Direitos civis nos Estados Unidos de 1960; *O sorriso de Monalisa* (2003), o qual conta a história de Katherine Watson, uma professora de história da arte educada na liberal Universidade de Berkeley e que enfrenta uma escola feminina tradicionalista; *Marias: A Fé no Feminino* (2016), um documentário que apresenta a devoção de várias mulheres na América Latina; *Estrelas além do tempo* (2017), que apresenta a trajetória, o preconceito e a ascendência hierárquica de um grupo de mulheres na NASA.

> Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como a narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Ao olhar para a produção literária e cinematográfica, notamos a tradição retórica de produzir a narrativa de uma história de vida baseada na sequência lógica e cronológica de individualidade, sem levar em consideração os mecanismos sociais imersos no contexto social.

Após essas apreciações, abrangemos leituras de estudos biográficos produzidos no campo da História da Educação, dentre estas: *Identidade e vida de educadores Rio-grandenses: Narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)*, organizada por Maria Helena Abrahão (2004), *Helena Antipoff*, de Regina Helena de Freitas Campos (2010) e *Professor Areão: experiências de um "bandeirante paulista do ensino" em Santa Catarina (1912-195*0), organizada por Gladys Mary Ghizoni Teive (2014). Os estudos contribuíram para a escrita da pesquisa por apontarem elementos sobre o contexto nacional, o desenvolvimento da educação entre as décadas de 1920 e1970 e o uso de diferentes fontes na composição empírica.

As leituras, os filmes e os documentários colaboram na compreensão da complexidade de produzir um estudo de abordagem biográfica. Os estudos biográficos contribuem para a apreensão de que a trajetória biográfica não pode ser compreendida sem a preocupação do contexto social de produção, ou seja, o campo social percorrido pelo agente. Todos os exemplos mencionados, ao tematizar as histórias de vida, ao mesmo tempo apresentaram nas narrativas os detalhes do contexto histórico e as relações sociais constituídas. Dessa forma, faz-se necessário no estudo atentar para as representações do contexto social e para os significados atribuídos às experiências individuais de Oliva Enciso.

1.2.1 O estado de conhecimento da abordagem biográfica na perspectiva da teoria bourdieusiana

Iniciamos a realização do estado do conhecimento com a necessidade de reconhecer as epistemologias que estão na base dos estudos de abordagens biográficas e na preocupação de reunir elementos que contribuem para a composição do objeto e aproximação metodológica com a nossa pesquisa.

O estado do conhecimento é uma pesquisa dentro da pesquisa e etapa essencial dentro do processo de investigação, pois constitui-se de uma pesquisa bibliográfica com o

caráter de explorar a organização do processo de investigação de interesse do pesquisador. A realização do estado do conhecimento favorece a leitura da realidade discutida no campo acadêmico, bem como da compreensão do desenvolvimento do percurso investigativo, pois,

> [...] é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

Com base em Morosini e Fernandes (2014), a realização do estado do conhecimento se constitui na fase exploratória da pesquisa e suas contribuições se estendem à etapa de construção da problemática e do modelo de análise. Assim, estruturam-se as fases metodológicas do estado do conhecimento sobre os estudos biográficos no seguinte contorno: a consulta, a sistematização e a análise de textos de produção científica.

A realização do levantamento de estudos baseou-se na necessidade de compreender o objeto de estudo, uma vez que são utilizadas diferentes terminologias na escrita dos estudos de abordagem biográfica, como: história de vida, biografia e trajetória. Essa fase exploratória contribui para a construção da problemática e do modelo de análise a ser adotado após apreender os percursos teórico-metodológicos da abordagem biográfica.

Abrahão (2004) define a história de vida como uma narrativa produzida na perspectiva do estudo autobiográfico, com participação do investigador e do investigado. A narrativa é construída por solicitação do pesquisador e dependente da memória do entrevistado na releitura da realidade do passado no tempo presente. A memória é "[...] o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo" (ABRAHÃO, 2004, p. 16).

A partir da colocação de Abrahão (2004), mesmo tendo como fontes a memória autobiográfica de Oliva Enciso e entrevistas com participantes de sua rede de relações sociais, excluímos o descritor de busca "história de vida", pelo não uso de uma narrativa produzida e estabelecida diretamente pela relação entre pesquisador e investigado.

Para compor o estado do conhecimento, realizamos o levantamento de pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[13]. Primeiramente, delimitamos

[13] A referida plataforma apresenta reconhecimento no campo acadêmico por concentrar metadados de teses e dissertações produzidas em todo o território nacional. Site: http://bdtd.ibict.br/vufind/.

a busca apenas com o descritor “biografia”, sem a delimitação da área de conhecimento, com a finalidade de observar a quantificação de estudos realizados sobre a temática no Brasil, entre 2008 e 2018. A palavra “biografia” está entre os termos que caracterizam o assunto nos estudos com a abordagem metodológica. Obtivemos a quantificação de 2.724 estudos realizados; posteriormente, demarcamos somente a busca no campo título, resultando na quantificação de 214 estudos produzidos. Observamos no resultado que, no período delimitado, multiplicou o número de produções científicas com o uso da abordagem biográfica.

Para Alberti (1996), a partir da década de 1980, com temas contemporâneos, houve grandes modificações em relação à escrita da História do tempo presente. As pesquisas passaram a valorizar a análise qualitativa, sendo que o relato pessoal passou a ser considerado capaz de transmitir uma experiência coletiva dentro de uma configuração histórica e social determinada. A História passou a valorizar a interdisciplinaridade no diálogo com a Antropologia, a Literatura, a Sociologia e outras áreas do conhecimento, privilegiando novos objetos na escrita da vida cotidiana, abordados principalmente na perspectiva da História Oral, com ênfase nas teorias da memória no retorno da narrativa do sujeito na história.

A consolidação da História Oral no campo da História possibilitou a ampliação dos estudos em outras áreas do conhecimento, principalmente nos estudos da historiografia da educação. Estudos exploraram a abordagem biográfica no entrelace de temas sobre a história de instituições, práticas escolares, métodos, entre outros.

Nas leituras dos títulos, mesmo anunciando nas pesquisas a biografia como abordagem metodológica, identificamos variações de abordagens que exploraram o uso da memória escrita ou oral. A memória, como elemento-chave, direcionou a construção de pesquisas em diferentes perspectivas da abordagem biográfica, tais como: histórias de vida, biografias, trajetórias, entre outras.

O uso da memória na construção dos estudos torna-se um desafio aos pesquisadores, principalmente no que se refere à apreensão dos percursos de pesquisas em que são produzidas narrativas orais. Nas narrativas, é imprescindível o conhecimento de que a “[...] ação de constituição de memórias, não é o processo cognitivo de rememoração e esquecimento, e sim a transformação daquela ação em objeto de estudo.” (ALBERTI, 1996, p. 05).

A quantificação dos estudos demonstrou a relevância que a abordagem biográfica alcançou em diferentes campos do conhecimento, como Literatura, Jornalismo, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Medicina, entre outros. Além disso, aponta o interesse de

pesquisadores para reconstruírem elementos de análises e, fundamentados numa série de acontecimentos de uma vida, para a compreensão/construção de diferentes objetos de pesquisa.

Ao aproximarmos do interesse de compreender a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, elaboramos os seguintes questionamentos: a) qual a contribuição de um estudo de abordagem biográfica num Programa de Pós-Graduação em Educação? b) Como o campo da História da Educação pode alargar suas fronteiras com uma pesquisa de abordagem biográfica?

Para responder aos questionamentos, propusemos uma nova busca e elegemos os seguintes descritores: “Trajetória”, “História da Educação” e “Pierre Bourdieu”. Esses descritores basearam-se na proposição de compreender a relevância da elaboração e das contribuições do estudo de abordagem biográfica sobre Oliva Enciso na perspectiva da teoria bourdieusiana no campo da Educação e para a historiografia educacional regional.

Por que selecionar o descritor “Pierre Bourdieu” como critérios de busca e de exclusão dos estudos de abordagem biográfica? Inicialmente, por ser o referencial teórico basilar nas pesquisas realizadas desde o período de graduação e, em seguida, porque o sociólogo Pierre Bourdieu recebeu muitas críticas dos historiadores franceses ao publicar o artigo *Ilusão biográfica*, no qual apresentou apreciações sobre o uso de histórias de vida nas Ciências Sociais.

O texto foi publicado no ano de 1986, no período de ressurgimento das metodologias das histórias de vida nas pesquisas. Pierre Bourdieu inaugurou a discussão sobre o uso do senso comum, que descreve uma vida como um trajeto linear, um percurso orientado com início, etapas e um fim de história.

Esse senso comum pode ser compreendido pela falta de reflexão dos pesquisadores em compreender que o relato biográfico é subjetivo, baseado em parte, sem uma preocupação de dar sentido e coerência aos acontecimentos da trajetória. Por isso, o autor defende que os estudos biográficos, sejam eles histórias de vida ou trajetórias, devem ser produzidos num formato de projeto coerente, orientado e apreendido por uma expressão unitária entre o subjetivo e o objetivo.

Maria da Conceição Passeggi (2014) aponta a relevância de Pierre Bourdieu nas produções biográficas no campo das Ciências Humanas, tendo como referência o percurso do pensamento bourdieusiano exposto em três textos basilares, concernentes ao uso das histórias de vida. O primeiro, *A ilusão biográfica*, publicado em 1986, em que ele teceu críticas às histórias de vida; em seguida, o texto *Compreender*, divulgado em 1993, no qual aderiu ao

método biográfico; e, por último, o texto *Esboço de auto-análise*, exposto em 2005, no qual o autor apresentou a conversão ao autobiográfico, ao tratar como objeto de reflexão a sua trajetória intelectual no campo universitário francês. O autor recebeu críticas aos seus questionamentos iniciais sobre a representatividade dos dados biográficos e sua validade. Expostos no

> [...] impacto de sua crítica às histórias de vida em seu artigo "A ilusão biográfica" parece impedir que se avance nas leituras de Pierre Bourdieu, que no nosso entender aderiu ao biográfico em A Miséria do Mundo e escreve sua autobiografia intelectual em Esboço de auto-análise, comprovando a sua "conversão" ao gênero. Todavia trazendo para ele a força de seu pensamento revolucionário, transformando a narração numa reflexividade (auto) crítica, sociologicamente fundamentada. Sua sócio-autoanálise condensa o que defendia para a sociologia reflexiva [...]. (PASSEGGI, 2014, p. 232).

Para a autora, o uso do sistema de pensamento de Pierre Bourdieu nas pesquisas em Educação deve-se à força de seu pensamento revolucionário, que transformou a narração numa reflexividade crítica e sociologicamente fundamentado. Em nossa compreensão, a contribuição de Bourdieu na pesquisa de história de educação apoia-se na reflexividade constante dos condicionantes sociais do campo nas ações práticas do agente social.

Dessa forma, ao propor o estudo de abordagem biográfica de Oliva Enciso e buscar compreender os desafios de produzir o estudo com base teórica no sistema de pensamento de Pierre Bourdieu, realizou-se o estado do conhecimento sobre os estudos biográficos no campo da Educação. Retomamos os descritores de busca e selecionamos apenas o descritor "trajetória", levando em conta as considerações de Pierre Bourdieu.

Para o autor, a biografia não consegue dar conta da compreensão da vida inteira, mas a trajetória pode apresentar os elementos necessários para análises bem definidas das relações entre campo, *habitus* e capitais, pautados em determinado tempo/contexto histórico (BOURDIEU, 2004).

E, por fim, qual a contribuição de um estudo de abordagem biográfica num Programa de Pós-Graduação em Educação? Para responder a esse questionamento, escolhemos o descritor "História da Educação", com o intuito de englobar os estudos produzidos no âmbito desse campo de conhecimento. Assim, delimitamos como critérios de busca, de inclusão e de exclusão os estudos na seguinte combinação de descritores: "trajetória", "História da Educação" e "Pierre Bourdieu", abrangendo o período de 2014 a 2018. Essa ação resultou em 88 teses e dissertações produzidas no campo da Educação.

Em seguida, demarcamos como critério de exclusão, no campo título, o termo "trajetória". Isso permitiu a delimitação para o quantitativo de 25 estudos, sendo 14 dissertações e 11 teses, todos produzidos no âmbito de Programas de Pós-graduação em Educação e tendo o referencial teórico de Pierre Bourdieu. Cabe aqui destacar que, no quantitativo de 88 teses e dissertações, 11 estudos estão concentrados na Universidade Federal de Sergipe[14].

A partir da leitura dos resumos das teses e dissertações, realizamos uma pré-seleção dos estudos. Foram selecionadas 05 produções, que demarcaram claramente a temática pretendida, ou seja, estudos com foco na abordagem biográfica, de trajetórias de agentes sociais ligados ao campo educacional, e também apresentação do referencial bourdieusiano nos percursos teórico-metodológicos desenvolvidos nas pesquisas. Foram excluídas dessa seleção todas as produções que, embora tratassem de abordagens biográficas, não se referiam a algumas das temáticas relativas aos descritores propostos.

Na seleção dos descritores, consideramos a apreensão de como o campo de conhecimento na área de Educação tem elaborado os estudos de trajetórias de educadores, bem como os elementos teóricos e metodológicos na perspectiva bourdieusiana e suas contribuições na composição da historiografia educacional de várias regiões do país. Portanto, em termos práticos, organizamos listas das teses e dissertações com os seguintes campos: autor, ano, programa, instituição, tipo, estado, assunto, referencial teórico e resumo.

A partir das observações das distinções dos estudos, áreas, focos e tendências, permitiu-se definir com mais clareza o perfil do estado de conhecimento a ser construído. Este se tornou um momento importante da pesquisa, pois a escolha apropriada dos relatórios serviria para a delimitação do levantamento e a definição do objeto de estudo em leituras exploratórias de temas e categorias iniciais dos 25 trabalhos pré-selecionados. No processo de sistematização das informações, foram eleitos 5 estudos produzidos em Programas de Pós-Graduação em Educação.

No intuito de apreensão de como o campo de conhecimento tem abrangido a abordagem biográfica no sistema de pensamento bourdieusiano, a lista dos trabalhos está exposta no quadro a seguir.

[14] Sendo alguns estudos orientados por Joaquim Tavares da Conceição e Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, líder e coordenadora respectivamente do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares (GEPHED/CNPq/UFS). As temáticas/eixos de pesquisas englobam: História e memória das instituições e/ou práticas educativas, Biografia docentes/intelectuais e projetos educacionais, Memória e patrimônio educativo, História da educação profissional, Ensino de História.

Quadro 1 - Teses e dissertações selecionadas

N.	Título	Autor	Nível/ Instituição	Ano de publicação
01	Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação em Sergipe (1978-1999)	Elaine Almeida Aires Melnikoff	Dissertação/UFS	2014
02	Professora Hermínia Torquato da Silva: inserção e percurso profissional (1918/1956)	Nilma da Cunha Godoi	Dissertação/ UEPG	2015
03	"Flagrando a vida": trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014)	José Genivaldo Martires	Dissertação/ UFS	2016
04	"Mestra na essência da palavra": trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941 - 1966)	Renilfran Cardoso de Souza	Dissertação/ UFS	2017
05	José Mário de Araújo: Memória e trajetória na constituição do campo de ensino do violão no Ceará	Eddy Lincolln Freitas de Souza	Tese/UFC	2018

Fonte: http://bdtd.ibict.br. Acesso em: 30 jul. 2019.
Organização: Britez, 2020.

As pesquisas eleitas assinalam uma caracterização da produção de abordagem biográfica de educadores e intelectuais, demonstrando as trajetórias de homens e mulheres em suas dimensões individuais e em consonância com as dimensões coletivas no campo educacional.

A partir dos critérios de seleção das pesquisas, operamos as análises em dois eixos: no primeiro, a apreensão do sistema de pensamento bourdieusiano na noção de trajetória e suas variações conceituais; no segundo, as apropriações dos autores e as fontes pesquisadas nas produções dos estudos de abordagens biográficas.

Nos estudos apresentados, observamos o amadurecimento teórico dos pesquisadores em suas opções em trabalhar com a noção de trajetória na perspectiva bourdieusiana, principalmente no cuidado exposto por Miguel Ângelo Montagner (2007, p. 253), de que "[...] devemos precaver-nos contra a criação da ilusão biográfica, situando claramente os agentes sociais em seu grupo social, procurando narrar e delinear claramente a construção diacrônica da trajetória dos grupos nos diversos campos."

Com essa precaução, o referido autor nos auxilia na construção da pesquisa de abordagem biográfica, em foco, em relação à noção de trajetória no direcionamento identificado como "enquadramento do campo a ser estudado".

No que confere traçar as relações de influência e subordinação/dominação do campo, é necessário delinear as relações entre as posições ocupadas, alocadas, deslocadas pelos agentes e pelos grupos e, por fim, a explicitar a tessitura dos *habitus* coletivos dos grupos em embate individuais, ou seja, o *habitus* projetado em jogo do campo.

> Do ponto de vista de Bourdieu, é impossível dar sentido a um todo que escapa ao próprio sujeito, histórico, determinado socialmente, imerso em um universo social fora de nossos controles. Mesmo perdendo parte da riqueza da vastidão humana, o que podemos realizar é a objetivação do *habitus*, justamente resultado estável mas não imutável desse processo de interiorização do social e de incorporação, na pele, de nossa persona social. (MONTAGNER, 2007, p. 252).

Os estudos selecionados exemplificam a mobilização das noções de campo, *habitus*, capitais e trajetória, e também exploram as variações de percursos de uma história individual, sendo estas: trajetória escolar, trajetória profissional, trajetória intelectual, trajetória social, entre outras.

Elaine Almeida Aires Melnikoff (2014) analisou a trajetória de Núbia Nascimento Marques, entre 1978 e 1999, na compreensão das transformações sociais de sua época e do percurso como professora, seus projetos e cargos públicos, bem como suas contribuições no cenário educacional de Sergipe. Nilma da Cunha Godoi (2015) discutiu a trajetória profissional de Hermínia Torquato da Silva para compreender como as questões raciais e de gênero interferiram na carreira profissional da professora primária em Mato Grosso, entre os anos de 1918 e 1956. Analisou, nos elementos da trajetória da professora, o embate de uma mulher negra na formação na Escola Normal Pedro Celestino e os entraves enfrentados por ela no exercício do magistério.

Renilfran Cardoso de Souza (2017) explorou a noção de trajetória docente de Ofenísia Soares Freire, entre os anos de 1941 e 1966. A pesquisa discutiu a formação educacional e as práticas educativas no Atheneu Sergipense, bem como analisou a mobilização dos capitais social e simbólico no envolvimento no campo político e os reflexos desse campo na carreira docente no cenário educacional sergipano.

José Genivaldo Martires (2016) investigou a trajetória de vida de Maria Lígia Madureira Pina, professora, literata e acadêmica da cidade de Sergipe, entre os anos de 1925 e 2014. Estabeleceu a noção de trajetória na compreensão das relações entre sua formação intelectual e as práticas pedagógicas, e também na produção dos seus escritos e como esse capital cultural contribuiu para a sua efetivação na Academia Sergipana de Letras. Eddy Lincolln Freitas de Souza (2018) analisou a trajetória do violonista e professor José Mário de Araújo e suas contribuições no campo de ensino do violão em Fortaleza, no estado do Ceará. Na perspectiva de compreensão do processo de formação do *habitus* musical do agente, os capitais e as formas de apropriação, as estratégias utilizadas para tornar-se agente legitimador e referência no ensino de violão.

Ambos os estudos definiram o uso de trajetória na busca pelas séries de posições ocupadas pelos agentes/personalidades em diversos campos sociais. O campo é visto como um lugar em que se encontram a historicidade e o sujeito, mobilizados por meio das noções de *habitus* e capitais possuídos.

Os estudos elegidos demonstram como as trajetórias individuais de educadores contribuem para o campo da Educação em interface com as áreas de História e da Sociologia. Ao refletirem sobre um percurso individual, expõem elementos educacionais, mas também os contextos estruturais e históricos submergidos da sociedade. A interlocução de diferentes áreas do conhecimento advém da renovação dos estudos propostos pela História Cultural[15].

As teses e dissertações ora apresentadas demonstram como o campo de conhecimento envolve a abordagem biográfica na perspectiva bourdieusiana em interlocução com autores de relevante influência na História da Educação. Os estudos utilizaram autores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Giovanni Levi, Jacques Le Goff, Nobert Elias, François Sirinelli, Peter Buker, Pierre Nora e Christine Delory-Momberger.

Giovanni Levi, um dos fundadores da micro-história italiana, contribui no estudo de Godoi (2015), a trajetória profissional como espaço de reflexão que possibilita uma reconstituição do contexto histórico e social no qual se desenrolam os acontecimentos da individualidade, "[...] uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica." (LEVI, 2006, p. 176).

Para o historiador, no uso da perspectiva biográfica, é necessário compreender que existe uma relação permanente e recíproca entre o contexto e a personagem estudada, e que o contexto pode preencher as lacunas documentais ao comparar as individualidades de outras pessoas.

No estudo de abordagem biográfica torna-se necessário um equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual arraigada em um contexto histórico. O contexto histórico, ao mesmo tempo, permite a compreensão das normas e funcionamento efetivo do

[15] A História Cultural surge a partir da 3ª geração da Escola de Analles, na reflexão sobre o paradigma historiográfico, nos fins da década de 1960, em discussões entre a economia e a sociedade. Os historiadores, preocupados com as questões da história do tempo presente, propuseram novos objetos de estudo das questões históricas, a partir de uma dimensão multidisciplinar, em combinações de posições de diferentes campos de conhecimento, entre a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, entre outras, possibilitando a expansão e fragmentação da pesquisa histórica. A história cultural, nos anos de 1980, proporcionou uma multiplicidade em seus objetos e subdisciplinas especializadas, o que reforçou a fragmentação da história em história da educação, história do livro, história da mídia, história dos intelectuais, entre outras. (BURKE, 1992).

campo social, assim como as incoerências estruturais que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas dos agentes sociais.

Melnikoff (2014) apropriou-se do conceito de “representação” em Roger Chartier. Para o historiador, esse conceito designa a nova história cultural, ao apresentar as representações coletivas e simbólicas como formas da existência de representações individuais ou coletivas, concretas e abstratas, numa relação entre a estabilidade e a continuidade de uma história social, pois

> [...] ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23).

A partir de Chartier (1990), compreende-se o conceito de representação num sentido particular e historicamente determinado, numa relação simbólica entre a imagem presente de um objeto ausente. Nas histórias das mentalidades, intelectuais e biografias, a representação direciona a apreensão do mundo social por meio das operações intelectuais, das classificações e das configurações intelectuais múltiplas, ou seja, as práticas que visam fazer o reconhecimento das formas institucionalizadas e objetivadas, que marcam a existência de uma identidade social.

Souza (2017) apoiou-se nos estudos de Jacques Le Goff, historiador francês e especialista na Idade Média, na discussão da noção de documento/monumento. O documento entendido como prova que passa a ser monumento e também retratos das relações de poder. Souza (2018) abordou a compreensão individual de cada personagem dentro de seu contexto social conforme os documentos copilados, ou seja, relacionar a personagem nos seus papéis e nas suas funções sociais, pois a

> [...] biografia é um modo de fazer história. Mais que isso, ela não exige apenas os métodos intrínsecos de fazer história: posição de um problema, busca a crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço da explicação. (LE GOFF, 1993, p. 20).

Le Goff (1993), ao produzir uma biografia histórica de São Luís, rei da França, destaca a memória como instrumento de poder. Por isso, o papel do historiador está ligado à compreensão de que a biografia não corresponde a tudo que se deve saber sobre a personagem, mas ao papel de ser capaz de utilizar outros documentos na composição da "verdade histórica".

Melnikoff (2014) e Souza (2017) discutiram a noção de "trajetória intelectual", em um itinerário de "mecanismos de capilaridades" do pensamento de Sirinelli (2003), que permitiram ver seus objetos de estudos como intelectuais e produtores de cultura, atuantes nos movimentos e processos históricos.

O historiador francês Jean-François Sirinelli, no seu texto intitulado *Os intelectuais*, trata sobre o problema de se trabalhar com o tema intelectual, porém não se preocupa em investigar em profundidade o papel e a função social dos intelectuais. Entretanto, define quem são esses sujeitos e as possibilidades de estudos da história dos intelectuais. Segundo Sirinelli (2003, p. 246):

> [...] todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar. O meio intelectual constitui ao menos, para seu núcleo central, "um pequeno mundo estreito", onde os laços se atam, [...]. A linguagem comum homologou o termo "redes" para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber ao que parece.

Jean-François Sirinelli dialoga com Pierre Bourdieu ao discutir o espaço social como produtor cultural. No pensamento bourdieusiano, os intelectuais constituem-se em agentes atuantes em determinados espaços sociais, em função da classe, da ocupação, da ideologia e da posição ocupada no campo intelectual.

Souza (2018) pensou na analogia com o clássico da micro-história intitulado *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg. Historiador italiano e reconhecido como um dos fundadores da micro-história, forneceu subsídios ao estudo na compreensão da existência de limites e das singularidades individuais, ao observar as relações entre a cultura, a classe e o tempo, no estudo de caso do moleiro Menocchio. O conceito de paradigma indiciário é utilizado no tratamento das fontes históricas.

> Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir, explicita ou implicitamente, a séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem

> intrinsecamente individualizantes (mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira). Nesse sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjetural. (GINZBURG, 1990, p. 157).

Nobert Elias, sociólogo alemão, foi responsável pelo desenvolvimento de uma teoria inovadora, na qual buscou elucidar os processos sociais da interação humana no âmbito da sociedade. Contribuiu nos estudos de Melnikoff (2014) e Martires (2016) na apreensão de que a sociedade é uma "rede de relações" interdependentes, em que as estruturas sociais e a personalidade estão vinculadas, ou seja, a formação da pessoa individual vinculada à evolução histórica do padrão social e da estrutura das relações humanas. "Cada pessoa só é capaz de dizer 'eu' se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer 'nós'. Até mesmo a ideia 'eu sou', e mais ainda a ideia 'eu penso', pressupõe a existência de outras pessoas e um convívio com elas – em suma, um grupo, uma sociedade." (ELIAS, 1994, p. 57).

Souza (2018) apresenta os estudos de Christine Delory-Momberger (2012) na discussão da abordagem biográfica no campo da Educação. Segundo a autora, a pesquisa biográfica contribui para o campo educacional ao delinear um objeto pela pesquisa biográfica, na compreensão dos processos de "gênese socioindividual", ou seja, "o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular". "O devir biográfico é sempre o produto de uma interação entre a ação dos indivíduos e o determinismo das estruturas." (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

Dessa forma, abordar a trajetória de vida de personalidades que se envolveram no campo educacional tende a expressar as vivências e trocas sociais, bem como a compreensão de uma parte da História da Educação ao copilarem diferentes fontes de pesquisas. Os pesquisadores não utilizaram somente elementos da memória em si, mas também uma gama de diversas fontes na composição empírica dos estudos.

As empirias dos estudos foram compostas por: documentos e arquivos pessoais (cartas, cadernetas e diários); documentos oficiais (atas, ofícios, legislações); fontes orais (entrevistas e relatos); fontes literárias (obras produzidas pelos autores); produção memorialística (livros e fragmentos de textos de autoria dos sujeitos); produção historiográfica (estudos científicos); fotografias (imagens) e periódicos (jornais e revistas locais).

O uso de diferentes fontes e perspectivas teóricas apresenta o esforço empreendido pelos pesquisadores na produção de fontes com funções nucleares ou de forma a

complementar suas pesquisas. André Cellard (2008, p. 297) as diversificações de fontes partem da apreensão da história social, que considera como documentos ou fontes:

> [...], tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou 'fonte', como e mais comum dizer, atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc.

Para o autor o documento escrito permite acrescentar a dimensão do tempo e favorece a observação do processo de evolução dos indivíduos. Os documentos públicos ou privados permitem explorar o objeto de estudo, pois é o testemunho registrado da trajetória social, uma vez que a memória seleciona fatos.

> As capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes, ou deformar acontecimentos. Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador em ciências sociais. (CELLARD, 2008, p. 295).

A história oral é utilizada como opção metodológica de investigação nas teses e dissertações selecionadas, com o intuito de apreender elementos das trajetórias de atores sociais representados. Tais estudos efetivaram-se por meio de entrevistas, depoimentos e relatos produzidos com participantes da rede de relações dos sujeitos.

A história oral tem grande relevância por operar com a subjetividade, mas é necessária a atenção do pesquisador, pois "[...] os depoimentos nos possibilitam a reconstrução do passado, trazendo a compreensão individual de cada personagem entrevistado, dentro do seu contexto social, cultural em que viveu, para que possamos compreender o passado." (MELNIKOFF, 2014, p. 108).

Danièle Voldman (2006) aponta a "história oral" como método de investigação que consiste no uso de palavras gravadas, quaisquer que sejam os modos de registros e as finalidades, e designado pela expressão "fonte oral".

> A fonte oral, seja provocada por aquele que irá servir-se dela para sua pesquisa, seja utilizada por outro historiador, tem a priori um status de fonte. Essa diferença radical não dispensa, contudo, um tratamento crítico; (contexto geral e particular, data, forma, natureza, etc.) do testemunho solicitado. (VOLDMAN, 2006, p. 249).

Na análise das fontes utilizadas pelos pesquisadores, constatou-se o uso de fontes orais e documentais, que permitiram estabelecer conexões entre a memória e a história nos estudos de trajetórias biográficas, uma vez que as trajetórias individuais tendem a concentrar as características da história coletiva. Os pesquisadores também intensificaram na apreensão e composição empírica dos objetos de estudos o uso de outras fontes, tais como fontes literárias, históricas, iconográficas, entre outras.

A partir da década de 1980, no contexto apresentado, ganharam força os estudos com abordagens biográficas no Brasil. O investimento em projetos de pesquisas de abordagens biográficas materializou a proposta de novas abordagens e de novos objetos da chamada "nova história", incorporada pela terceira geração dos *Annales* em pesquisas da história cultural social subsequente.

1.2.2 Os estudos regionais de abordagem biográfica

Ao retomar a trajetória de pesquisa e os resultados obtidos, identificamos lacunas na historiografia educacional no que tange aos estudos biográficos sobre os educadores de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. Para tanto, buscamos estudos sobre pesquisas de abordagem biográfica, em nível regional, na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o foco em Mato Grosso do Sul.

Na busca utilizamos os descritores: "História da Educação", "trajetória", acrescentando também os descritores "professor" e "educadores", no período de 2012 a 2018. A plataforma não ofereceu nenhum título de trabalho com os descritores apresentados.

Neste momento, cabe destacar que nos repositórios dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), existem pesquisas relevantes sobre a temática. Porém, as pesquisas não oferecem em suas palavras-chave nenhum dos descritores mobilizados, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2 - Estudos de abordagens biográficas de educadores em nível regional

N.	Título	Autor	Instituição/ Nível	Ano
1	Histórias de vida de professores migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul	Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues Nobre	UFMS/ Mestrado	2009
2	O docente afrobrasileiro na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: memórias escolares	Hagrayzs Rosa Garcia	UFGD/ Mestrado	2010
3	Ana Wollerman: educação e evangelização em Amambai-MS (1947-1954)	Márcio José de Oliveira Rocha	UFGD/ Mestrado	2013
4	Memórias e trajetórias de professores egressos do curso de magistério da escola "Menodora Fialho de Figueiredo" de Dourados (1971-2001)	Maria do Carmo Campos da Silva Silva	UFGD/ Mestrado	2013
5	A trajetória da normalista Maria Constança Barros Machado no sul de Mato Grosso (1913-1966)	Gilberto Abreu de Oliveira	UEMS/ Mestrado	2014
6	Maria Constança Barros Machado: um estudo das representações sociais sobre a professora e diretora do primeiro ginásio público campo-grandense	Daniela Felisberto da Silva	UFMS/ Mestrado	2015
7	A trajetória de Wilma Rodrigues de Souza: formação e identidade de uma professora negra no sul de Mato Grosso	Larissa Martins Costa	UEMS/ Mestrado	2015
8	Agentes e ações curriculares na história da escola estadual Maria Constança Barros Machado (1941-1966): a construção da representação de "exemplaridade"	Maria Cecilia Serafim	UFMS/ Mestrado	2016
9	Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961)	Heloise Vargas de Andrade	UFMS/ Mestrado	2017
10	No arquivo do professor José Pereira Lins: uma leitura entre vida e obra	Luciano Primo da Silva	UFGD/ Mestrado	2017
11	Trajetória biográfica do professor Luiz Alexandre de Oliveira: em estudo a comunidade e a escola de Japoneses Visconde de Cairu no sul de Mato Grosso (1930-1950)	Stephanie Amaya	UFMS/ Mestrado	2018

Fonte: https://ppgedu.ufms.br; https://www.ufgd.edu.br; http://www.uems.br.
Organização: Britez, 2018.

As produções apresentadas são pesquisas com diferentes abordagens biográficas, precursoras em Mato Grosso do Sul, que tratam das histórias de vida e trajetórias de agentes sociais na discussão e composição da historiografia da educação regional. Nos estudos elencados, notamos a inexistência de teses produzidas sobre a temática proposta nesta pesquisa.

O estudo de Luciano Primo da Silva foi realizado no âmbito do Programa de Letras/UFGD, e o autor dedicou-se à análise do discurso dos arquivos do professor José Pereira Lins. Nesse contexto de estudos da historiografia regional, os estudos de Oliveira (2014), Silva (2015) e Amaya (2018) ganham destaque por serem estudos produzidos na dedicação de apreender a trajetória de professores no contexto histórico de Campo Grande.

Oliveira (2014) é um dos primeiros trabalhos realizados exclusivamente dedicado ao estudo da trajetória de uma educadora de Campo Grande. O autor analisou a formação e atuação de normalistas egressas da Escola Normal de Cuiabá (MT) ao contribuir para a produção da trajetória de Maria Constança Barros Machado, a qual esteve entre as precursoras na atuação e implementação da educação pública no sul de Mato Grosso. No uso do método regressivo de Marc Bloch, o estudo mapeou e selecionou fontes documentais em arquivos públicos (jornais, fotografias, mensagens de governantes, relatórios e regulamentos da instrução pública, entre outras) e pessoais, além de fontes orais, com o objetivo de compreender as práticas da professora. Tendo como perspectiva teórica o Paradigma Indiciário de Carlos Ginzburg, discutiu questões da Nova História Cultural. Por meio noção de representações de Roger Chartier, compreendeu os cenários social, político e cultural que marcaram a trajetória da normalista Maria Constança em suas redes de sociabilidade, englobando a escolarização, a formação e a atuação de professores em Mato Grosso.

Silva (2015) abordou a representação social sobre Maria Constança Barros Machado construída a partir de seu percurso como professora e diretora no ensino secundário entre as décadas de 1920 e 1960, na cidade de Campo Grande (MS). O estudo foi produzido na perspectiva bourdieusiana, na apreensão das noções de campo e capitais, como o intuito de apreender em fontes documentais a representação, as relações sociais e a participação na história do ensino no sul de Mato Grosso. As análises apontaram a estreita relação com políticos influentes, fato que orientou a sua trajetória e possibilitou a instalação, em 1939, do primeiro ginásio público, o Liceu Campo-Grandense, resultando em visibilidade social e representações positivas de sua trajetória.

Amaya (2018) produziu o estudo da trajetória biográfica temática do professor Luiz Alexandre de Oliveira e sua relação com a comunidade japonesa e a Escola de Japoneses (Visconde de Cairu) no sul de Mato Grosso, no período entre 1930 e 1950. A perspectiva teórico-metodológica de Pierre Bourdieu nas noções de campo, capital e estratégia direcionou a análise empírica constituída por fontes memorialísticas, autobiográficas, documentais e entrevistas que foram concedidas em vida pelo professor. O professor, de origem simples, teve representação social em Campo Grande devido a sua trajetória de advogado, professor, diretor e proprietário de instituições escolares na cidade. As análises sinalizaram uma ação política e estratégica na relação entre o professor e a Colônia Japonesa, no período de Getúlio Vargas (1930-1945), na manutenção da Escola Visconde de Cairu e da Cooperativa Agrícola. Essa relação mobilizou estratégias de interesse e reconhecimento, o grupo étnico no interesse

de proteção de seu patrimônio e o professor Luiz Alexandre em ser reconhecido perante a comunidade japonesa.

Tais pesquisas contribuirão para este estudo, uma vez que elas tratam da trajetória de professores ligados à rede de relações de Oliva Enciso, ou seja, educadores que viveram no mesmo campo histórico e tiveram ações práticas de atuação no campo educacional de Campo Grande no período delimitado. Na pesquisa do Mestrado em Educação, realizamos um olhar sobre a trajetória de Maria Constança Barros Machado, Luiz Alexandre de Oliveira e Oliva Enciso. Eles foram educadores que atuaram na consolidação da educação secundária em Campo Grande, no período de 1920 a 1960.

Por fim, o campo da História da Educação amplia as suas fronteiras com pesquisas de abordagem biográfica. Os estudos da historiografia regional apresentados evidenciaram o interesse dos pesquisadores em analisar, refletir e construir a História da Educação de Mato Grosso do Sul e, principalmente, de Campo Grande. Porém, notam-se as lacunas existentes sobre pesquisas biográficas de professores e professoras que atuaram no campo educacional de Campo Grande e de Mato Grosso de Sul, o que torna os estudos de abordagem biográfica um campo vasto a ser explorado e que merece um olhar aprofundado dos pesquisadores locais.

A partir dos estudos aqui expostos, foi possível observar como os pesquisadores apropriaram-se das reflexões presentes no artigo *A ilusão biográfica*, na preocupação em compreender as "relações inteligíveis" entre as estruturas objetivas e subjetivas de uma trajetória num espaço orientado (BOURDIEU, 2011b). O desafio de uma pesquisa de abordagem biográfica, com base no sistema de pensamento bourdieusiano, ancora-se na construção do percurso metodológico da apreensão das percepções das relações existentes entre o campo e o agente, na dinâmica entre o *habitus* e os capitais como propriedades do indivíduo instituído nos espaços sociais.

1.3 O percurso empírico em fontes e narrativas produzidas

A fim de compor a pesquisa de abordagem da trajetória biográfica de Oliva Enciso, o ponto de partida do percurso empírico foi a autobiografia da agente intitulada *Mato Grosso do Sul: minha terra* (1986), a partir da qual selecionamos informações pertinentes sobre sua trajetória pessoal, profissional e política. As narrativas escritas da agente impulsionaram a investigação de outras fontes. Em seguida, realizamos levantamentos, seleções e análises de

fontes memorialísticas, documentos oficiais, discursos políticos, jornais, revistas, fotografias e produzimos narrativas por meio de entrevistas.

Dessa forma, apresentamos o percurso empírico realizado. No mesmo período de realização do estado de conhecimento, revisitamos as fontes reunidas no período de pesquisa da dissertação e também na proposição do projeto de pesquisa, em busca de novos indícios de elementos da trajetória de Oliva Enciso e, principalmente, reanalisamos a sua autobiografia.

Em busca de fontes, perscrutamos os arquivos públicos, sendo que, primeiramente, solicitamos, via e-mail, informações sobre a atuação da Deputada Estadual Oliva Enciso ao Instituto Memória do Poder Legislativo da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, em Cuiabá. Nos documentos disponibilizados, localizamos e selecionamos 308 atas das reuniões e mais 11 proposituras de requerimentos e projetos solicitados por Oliva Enciso no período entre 1959 a 1961.

Um novo desafio foi lançado desde a proposição do projeto de pesquisa em 2016. No período de levantamento de informações, a pesquisadora Dayane Freitas de Lourdes, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/IE/UFMT), buscou informações na instituição sobre uma professora cuiabana que atuou como deputada estadual. Foi-lhe indicado o nome da professora Oliva Enciso, por ter sido a primeira Deputada Estadual. Assim, após assistir a banca da referida pesquisadora na UFMT, a proposta do projeto de pesquisa sofreu uma reformulação. A pesquisa realizada por Lourdes (2018) apresentou um conjunto de fontes de pesquisa, que contribuiu neste estudo como fonte secundária de informação sobre a trajetória biográfica de Oliva Enciso.

Em seguida, visitamos o Arquivo Público de Campo Grande (ARCA), já que no local existe um relevante acervo de jornais, revistas, fotografias e documentos, além de obras memorialísticas[16] e a *Revista Arca*. A revista pública estudos historiográficos com a divulgação da história da cidade produzidos pela instituição, como a *Revista Arca*. Nesse momento, analisamos os seguintes periódicos: *Folha da Serra*, *O Estado de Matto Grosso*, *Jornal O Commercio*, *Correio do Estado*, entre outros. Porém, como todo percurso de pesquisa tem seus entraves, no período de levantamento, muitos materiais empíricos não estavam disponibilizados, uma vez que o acervo encontrava-se em organização e catalogação de fontes e, portanto, a pesquisa ficou limitada às fontes catalogadas.

[16] Estas são constituídas por uma variedade de produções, caracterizadas em sua finalidade diante de determinados contextos, como: biográficas, autobiográficas, históricas, entre outras. Produzidas por historiadores diletantes, termo usado por Gilberto Luiz Alves (2003) para caracterizar os intelectuais externos ao campo acadêmico, mas que a partir de sua formação produzem obras de cunho histórico pelo prazer de registrar suas memórias. ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul*: o universal e o singular. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003.

A seguir, visitamos o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), um lugar em que a arquitetura remete a uma volta ao passado no tempo histórico de Campo Grande. Os arquivos e fontes da instituição estão sendo digitalizados e serão disponibilizados para consulta *online* no site da instituição. Nesse lugar, localizamos alguns álbuns fotográficos do desenvolvimento de Campo Grande, bem como um conjunto de obras memorialísticas e produções dos membros da instituição, que foram produzidas por meio da memória e/ou narrativa escrita de personagens da história da cidade, entre estas: *A poeira na jornada: memórias,* de Demósthenes Martins; *Campo Grande: meu amor*, de J. Barbosa Rodrigues; *Campo Grande: personalidades históricas*, entre outras fontes.

No IHGMS dialogamos com o presidente da instituição, o sociólogo Paulo Eduardo Cabral. Ao apresentar o objetivo da pesquisa, ele prontamente nos auxiliou, trazendo memórias com informações sobre a vida de Oliva Enciso e suas próprias indagações dos percursos vividos por ela nos campos políticos e sociais.

Assim, foi feito o convite para que ele participasse da pesquisa como depoente. Ele aceitou prontamente a realização da entrevista, pois também tem interesse em compreender a trajetória da agente em Mato Grosso do Sul. Nesse momento, forneceu os contatos de alguns dos sobrinhos dela.

Por fim, visitamos a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, cujo secretário-geral Rubenio Marcelo nos recebeu, expôs memórias da atuação de Oliva Enciso na instituição e disponibilizou os arquivos pessoais da professora. O acervo da instituição apresenta fontes riquíssimas para a historiografia regional, pois nele encontram-se compiladas notícias de jornais, documentos oficiais, imagens iconográficas, entre outras fontes de informações. Notamos o cuidado da instituição na manutenção de arquivos pessoais de seus antigos e atuais sócios. Do arquivo pessoal de Oliva Enciso, copilamos e digitalizamos cerca de 90 fontes de informações sobre sua trajetória, tanto na instituição quanto na sua atuação social e política.

Cabe aqui destacar nossa iniciativa em ter acesso aos arquivos da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. Para tanto, contactamos Eduardo Fontoura de Freitas, atual presidente da instituição e sobrinho de Oliva Enciso, com o qual realizamos contatos telefônicos informais e marcamos um encontro para a apresentação da pesquisa. No dia marcado, conhecemos as dependências da instituição e visualizamos uma pequena sala com fontes: móveis, objetos pessoais documentos, cartas, fotografias, entre outras. Observamos que no local não existiam os cuidados necessários de organização e preservação de fontes, portanto não alcançamos os objetivos de realização da entrevista e de acesso aos arquivos da instituição. Foi dada como justificativa a escassez de tempo, devido ao trabalho em parceria

da instituição com a prefeitura numa escola municipal rural. Diante disso, no presente estudo temos limites de informações sobre a instituição filantrópica e seu funcionamento entre 1940 e 1970.

Em seguida, buscamos informações na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), devido ao insuficiente número de fontes localizadas nas duas referidas instituições. A mencionada plataforma faz parte da Fundação Biblioteca Nacional e concentra um portal de periódicos nacionais, que proporciona ampla consulta pela internet aos seus acervos de publicações seriadas, entre estes: jornais, revistas, anuários, boletins, etc. Esse foi um momento impar da pesquisa em virtude da possibilidade de localização de jornais com informações sobre a agente e sua família, sobre o Instituto Pestalozzi e o desenvolvimento de Campo Grande entre as décadas de 1930 a 1970.

Dessa forma, selecionamos as publicações seriadas em periódicos, tais como: *Jornal do Commercio* (MT), *O Estado de Mato Grosso* (MT), *Gazeta do Commercio* (MT), *Correio da Manhã* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *A manhã* (RJ), *A Noite* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *Tribuna* (RJ), entre outros. Logo, a seleção reuniu cerca de 250 fontes em artigos de jornais que destacam informações sobre a agente, as instituições educativas, a rede de relações, o desenvolvimento de Campo Grande, entre outros elementos empíricos no período entre 1920 e 1970. Além disso, reunimos fontes no arquivo digital do jornal *Correio do Estado*, disponibilizado na sede administrativa do periódico na cidade.

Em meio ao levantamento e seleção de fontes, solicitamos o Parecer Consubstanciado no Comitê de Ética da Plataforma Brasil para realização das entrevistas, período que durou 8 meses, devido à falta de orientações precisas sobre a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[17] na área de Humanas. As orientações são adaptadas, pois a plataforma foi constituída para atender a área da Saúde. O projeto desta pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil e recebeu *Parecer Consubstanciado de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa n.2 2.920.326/2018*[18].

Para as entrevistas, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um roteiro de entrevista, contendo questões semiestruturadas norteadoras sobre a trajetória de Oliva Enciso nos campos educacional, social e político. O referido documento foi estruturado em duas partes: a apresentação da pesquisa e a trajetória de Oliva Enciso. As questões acerca da trajetória versaram sobre a família, a escolarização, a atuação educacional,

[17] Documento disponibilizado no Apêndice A.

[18] As entrevistas iniciaram após o recebimento do Parecer n. 2.866.492, de 31 de agosto de 2020, aprovado com recomendações de alterações de informações do e-mail institucional e da retirada da declaração de pesquisadora do TCLE. Em seguida, recebemos o parecer final disponibilizado no Anexo I.

a atuação política e a atuação como escritora e sócia de instituições culturais e representações[19].

De acordo com Queiroz (1988), a entrevista supõe uma conversação entre informante e pesquisador. O depoimento passa a significar o relato dirigido pelo pesquisador sobre algo que o informante presenciou, experimentou ou conheceu efetivamente, cujas informações são cotejadas com outras fontes variadas para sua convergência ou não. Por isso, elaboramos um roteiro de entrevista para manter um relato dirigido nas narrativas dos depoentes em busca de informações sobre a trajetória de Oliva Enciso. Segundo Pierre Bourdieu (2011b), na intenção de manter a vigilância metodológica de entrevistas biográficas, faz-se necessário compreender que o entrevistado tem a inclinação de "se tornar ideólogo de sua própria vida". Ele seleciona, em função de intenções globais, acontecimentos significativos de sua trajetória para justificar a existência e atribuir coerência de sua instituição no espaço social, fato que também encontra no biógrafo a "cumplicidade natural" de interpretação artificial dos fatos narrados. (BOURDIEU, 2011b, p. 76-77).

Após o recebimento do parecer de aprovação, entramos em contato com dez pretensos participantes da pesquisa, entre os quais seis aceitaram conceder entrevista para o estudo. Primeiramente, realizamos a entrevista com o sociólogo Paulo Eduardo Cabral, que nos recebeu em sua residência no dia 10 de setembro de 2018. A entrevista trouxe possíveis esclarecimentos da inserção de Oliva Enciso na política partidária.

A seguir, encontramos o advogado e corretor Heitor Rodrigues Freire via rede social, anteriormente conectado para a pesquisa de mestrado em 2013. Ele foi aluno secundarista no Ginásio Barão do Rio Branco na década de 1950 e seu pai, Luiz Freire Benchetrit, fez doação de terras à Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. A sua família manteve relações pessoais e profissionais com Oliva Enciso, e também ele foi companheiro dela na Academia de Letras de Campo Grande (ACL). A entrevista realizou-se no escritório do depoente, no dia 12 de setembro de 2018.

Em seguida, por intermédio de Heitor Rodrigues Freire, contactamos Maria Inês Puga de Barcelos, sobrinha de Oliva Enciso, filha de Maria da Conceição e Afro Puga; ela, irmã de Oliva Enciso e ele, o primeiro diretor do SENAI em Campo Grande. A sobrinha aceitou prontamente a participação na pesquisa. A entrevista realizou-se em sua residência no dia 19 de setembro de 2018. No encontro, a depoente disponibilizou fotos de família e livros que tratam da trajetória de sua tia.

[19] Roteiro de entrevista disponibilizado no Apêndice B.

No decorrer da entrevista com Maria Inês Puga de Barcelos, foi apontado o nome de Noêmia Ferreira Rosa, porém, sem contato telefônico, somente com o indicativo do trabalho de enfermeira no Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian. No hospital localizamos o seu contato, apresentamos a pesquisa e realizamos o convite. Por gratidão ao zelo de Oliva Enciso, a entrevistada Noêmia Ferreira Rosa aceitou o convite, porém com a realização num lugar de sua escolha. A entrevista foi concedida no dia 28 de setembro de 2018, no Programa de Pós-graduação em Educação (UFMS). A depoente foi uma das pessoas beneficiadas das práticas sociais de Oliva Enciso na década de 1970. Ela foi acolhida pela família Enciso na adolescência, por ser menina e não poder ser abrigada no orfanato Lar Santa Terezinha junto com seus irmãos. O orfanato funcionava na Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante e atendia somente meninos.

Logo a seguir, por intermédio de Maria Inês Puga de Barcelos, entramos em contato telefônico com Brunilda Enciso Magiano Lima, sobrinha de Oliva Enciso. Ela, com entusiasmo, concedeu em sua residência a entrevista no dia 27 de novembro de 2018. A depoente é filha de Clarice Enciso e do farmacêutico Aloysio Americano Magiano Pinto. Durante a entrevista, disponibilizou um relato escrito sobre a trajetória de sua tia, memórias pessoais que continham detalhes das heranças religiosas familiares.

Para finalizar, a depoente Maria Inês Puga de Barcelos mediou a realização da entrevista com o senhor Mario Soares[20]. Ele aceitou prontamente a entrevista e a realizamos em sua residência, no dia 11 de novembro de 2019. Ele trabalhou com Oliva Enciso na Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante e era o responsável pelo recebimento de donativos e mensalidades dos sócios da instituição. Um cargo de confiança mediado pela relação de amizade e de trabalho de seu pai Frederico Soares, que foi o contador da Prefeitura no período de atuação de Oliva Enciso. Seu depoimento trouxe esclarecimentos sobre a trajetória pública e religiosa, a atuação na instituição filantrópica e o envolvimento da agente no campo político.

As entrevistas foram momentos abastadíssimos de rememoração da trajetória de Oliva Enciso e também das histórias da família Enciso em Campo Grande. Os depoentes, em suas narrativas, contribuíram para a compreensão do lugar feminino ocupado pela agente no campo histórico de Campo Grande, bem como dos elementos de formação de seu *habitus* familiar, religioso e político. As entrevistas foram transcritas na integra e disponibilizadas aos

[20] A entrevista com o depoente Mario Soares realizou-se em 2019, um ano após o período da realização das entrevistas com os outros depoentes porque seu nome e contato foram indicados pela depoente Maria Inês Puga Barcelos, no encontro realizado para anuência da transcrição da entrevista.

participantes para ciência e as devidas anuências de publicação e exposição dos nomes na pesquisa. Dessa forma, as entrevistas tornaram-se fontes produzidas em narrativas escritas, as quais serão citadas em partes no decorrer da escrita da tese[21].

Na presente pesquisa, utilizaremos diferentes informações obtidas por meio de numerosas e variadas fontes empíricas, que, no parecer de Borges (2008, p. 212) constituem as "[...] vozes que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registradas." As fontes são compostas por informações localizadas em periódicos, documentos oficiais, obras memorialísticas, fotografias, entre outras. Foram efetivas as fontes orais como um dos recursos metodológicos de investigação, por meio da realização de entrevistas, com o intuito de coletar depoimentos que resultaram em narrativas escritas na composição de informações sobre a trajetória da Oliva Enciso[22].

Para a interpretação das informações produzidas, utilizou-se a metodologia de análise de triangulações de fontes. Para Abraão (2004), a metodologia de análise de triangulação de fontes permite um entendimento mais orgânico entre a individualidade e o contexto histórico no qual a individualidade foi/é produto/produtora. A interpretação das informações ocorre na triangulação do conteúdo das narrativas com outras informações produzidas em materiais coletados pelo pesquisador.

Nesse sentido, este estudo ganha relevo pela proposição de pesquisar a história de instituições educativas no entrelace da trajetória biográfica de Oliva Enciso, na perspectiva de discutir as percepções do campo, das diferentes formas dos capitais, do *habitus* e, principalmente, as estratégias de mobilização do campo educacional de Campo Grande, sul do antigo Mato Grosso, entre as décadas de 1930 a 1970. Objetivamos contribuições aos estudos regionais ao apreciar o processo de criação de instituições educativas e os elementos pertinentes da estrutura social que se correlacionaram com a trajetória individual de Oliva Enciso. Na exposição de informações sobre a formação educacional e política, as redes de sociabilidade, a atuação feminina, a imprensa e as impressões de memórias dos depoentes de seu percurso de vida.

1.4 Considerações sobre a estrutura da tese

A tese está organizada em apresentação, três capítulos e considerações finais. Na apresentação, expomos a trajetória de pesquisadora, com algumas informações sobre o

[21] No Apêndice F encontram-se disponibilizadas as entrevistas na integra. O material produzido compõe o acervo empírico da pesquisa organizado pela pesquisadora.
[22] Trajetória linear disponibilizada no Apêndice C.

percurso desde a infância até o acesso ao curso de Doutorado em Educação. Em seguida, uma exposição concisa da trajetória de Oliva Enciso, necessária à construção e às discussões presentes na pesquisa.

Na introdução, que constitui o capítulo 1, exibimos a construção da pesquisa: notas introdutórias sobre o tema, a justificativa, a formulação do problema, a hipótese e a tese. Logo a seguir, o percurso da pesquisa na exposição da realização do estado do conhecimento da abordagem biográfica na perspectiva da teoria bourdieusiana e também dos estudos regionais de educadores, na intenção de balizar a construção da pesquisa no campo da Educação. Depois, os aportes teórico-metodológicos de procedimentos da pesquisa, em que exibimos o percurso empírico de fontes e narrativas produzidas, desde a localização e seleção de fontes de informações até a realização das entrevistas com depoentes da rede de sociabilidade de Oliva Enciso. Para finalizar, apresentamos a estrutura da pesquisa.

Em seguida, o capítulo 2, intitulado *A estrutura do campo: sociedade, política e educação no sul do antigo Mato Grosso e em Campo Grande entre as décadas de 1930 a 1970*, na apreensão das estruturas e dos mecanismos envolvidos no campo histórico e social regional, assim como das relações objetivas de agentes sociais vinculadas à experiência comum da trajetória de Oliva Enciso. Expomos uma compreensão de elementos da História da Educação balizados nos percursos vividos pela agente como aluna, professora e representante política, como também o significado social de uma mulher da classe trabalhadora no campo político e na mobilização do campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso.

O capítulo 3, denominado *As ações práticas de Oliva Enciso na gênese de instituições educativas filantrópicas e profissionalizantes não estatais em Campo Grande*, traz a apreciação e a análise de fontes e narrativas produzidas sobre a criação da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, a Escola Profissional do SENAI, a Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, entre outras. Numa interlocução da trajetória biográfica de Oliva Enciso, perscrutamos a articulação dos elementos do *habitus*, capitais e estratégias mobilizadas em ações práticas da agente no trânsito em diferentes campos sociais, evidenciando os papéis desempenhados pelas instituições no contexto de uma sociedade urbano-citadina na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso no período delimitado.

Por fim, apresentamos as considerações finais do percurso da pesquisa de abordagem biográfica, expondo a compreensão das ações práticas da agente pública na educação de classes menos privilegiadas socialmente, bem como na apreensão dos efeitos do campo, do

habitus e capitais em sua trajetória biográfica. Como agente pública, Oliva Enciso mobilizou o capital social na rede de relações pessoal e institucionalizada e também estratégias de interesses pessoal e coletivo para intervir no campo educacional, na criação de instituições escolares de caráter filantrópico e profissionalizantes destinadas à formação intelectual, qualificação profissional, formação feminina e educação de excepcionais.

Dessa forma, abordamos os efeitos simbólicos do *habitus* religioso por meio da compreensão das estruturas do campo histórico de Campo Grande, que lhe favoreceu a constituição de uma rede de sociabilidade e a posse de capital social nos campos político, social e religioso. Esses elementos condicionaram a sua atuação como agente pública e no seu valor social construiu estratégias simbólicas de interesses individuais e coletivos, que foram mobilizadas na materialização de instituições educativas e sociais para atender as classes menos privilegiadas. As ações práticas do *habitus* religioso e os interesses pessoais entrelaçaram-se com interesses sociais e políticos de outros agentes envolvidos no campo, na materialização de instituições educativas de caráter filantrópico e profissionalizantes não estatais. As instituições tornaram-se expressões de modernização social e responsáveis pela formação de uma sociedade escolarizada na cidade urbano-citadina do sul do antigo Mato Grosso.

2 A ESTRUTURA DO CAMPO: SOCIEDADE, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO E EM CAMPO GRANDE ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1970

O passado
São as folhas escritas
Que o tempo vai virando
Para trás...
E que não voltarão
jamais!!!
O futuro
São as folhas em branco
Que temos de escrever...
─ O que?
─ Até quando?
Não podemos prever!
Porque Deus pode pegar
Nossa caneta
Sem nos consultar
E escrever:
Fim!
(Oliva Enciso, Pensai na educação, brasileiros!, 1989, p. 170).

Neste capítulo apresentamos os condicionantes do campo histórico no sul do antigo Mato Grosso e exploramos elementos pertinentes à estrutura social que se correlacionaram com trajetória individual de Oliva Enciso no processo de criação de instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizantes não estatais, em Campo Grande, no período de 1940 e 1970.

Afinal, por que focalizar a criação de instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizante não estatal? As instituições educativas nas finalidades sociais tendem a contribuir para conservar uma estrutura social nos interesses individuais e coletivos, mas também, são responsáveis pelas reestruturações das características da sociedade de classes (BOURDIEU; PASSERON, 2012). Dessa forma, ampliar o olhar para essas instituições faz-se necessário na apreensão dos papéis sociais e suas finalidades no contexto histórico de uma cidade com características urbano-citadina. Além disso, ao olhar a trajetória biográfica de Olivia Enciso, notamos atuação feminina no espaço público, como mulher precursora no campo social, em ações práticas como professora e política ao se envolver em projetos educacionais.

As discussões serão permeadas por questões relacionadas ao campo e à estrutura dos condicionantes históricos do campo. Reportamo-nos às noções conceituais de campo e de estrutura de Bourdieu (2011b), na apreensão de que na sociedade existem princípios geradores

de práticas, ou seja, uma “norma expressa e explícita ou do cálculo racional”, que obedece a um “sentido de jogo”, o jogo social imerso no campo.

Bourdieu (2004, p. 21) elegeu a metáfora do jogo com nuclear em suas análises, pois, para o autor, o “[...] "sentido do jogo", como dizemos em francês, é o que permite gerar uma infinidade de "lances" adaptados à infinidade de situações possíveis, que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever.”

O jogo social é um tempo histórico, que constitui a sua própria dinâmica interna e é independente das vontades e consciências de seus jogadores. Funciona como uma espécie de *conatus*, ligado aos mecanismos objetivos capazes de reproduzir as estruturas das probabilidades objetivas do espaço social, que distribui os capitais e as oportunidades de ganho pela transmissão de poderes e privilégios. (BOURDIEU, 2004).

A noção de estrutura do sistema de pensamento de Pierre Bourdieu se expressa na apreensão do mundo social como objeto empírico entre a relação social/objetiva e a estrutura mental/cognitiva. O mundo social tem origem, funcionamento, regularidades e regras próprias.

Os sistemas simbólicos, tais como arte, religião, língua, educação, entre outros são estruturas estruturantes do mundo social e exercem um poder porque são estruturados em esquemas de percepção, de pensamento e de ação mobilizados em práticas sociais e mentais. Tais estruturas estruturantes agem sobre o agente, que, por sua vez, imerso nos condicionantes do campo de produção constitui no *habitus* uma estrutura estruturada, ou seja, “[...] sistemas de classificação e de estruturas mentais objectivamente ajustadas às estruturas sociais” (BOURDIEU, 1989, p. 14). O sociólogo parte da percepção da constituição dos esquemas geradores de classificações, bem como de práticas classificatórias de determinados campos e de uma posição social. A estrutura estruturante advém de uma relação obtida pelo agente na experiência vivida e no sentido de pertença ao campo de produção. Por isso, se torna uma estrutura estruturada estruturante pelos esquemas de percepção e apreciação suscetível ao campo de transmissão de valores e práticas da estrutura.

Para a aproximação do campo em estudo, propõe-se responder às seguintes questões norteadoras: a) Quais as estruturas e os mecanismos educacionais, sociais e políticos de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso, bem como as relações objetivas vinculadas à experiência comum da trajetória de Oliva Enciso com outras trajetórias de agentes envolvidos no mesmo campo histórico e social? b) Quais os elementos da História da Educação são expostos nos percursos vividos por Oliva Enciso como aluna, professora e representante política, como também qual o significado social de uma mulher da classe trabalhadora no

campo político e na mobilização do campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso?

Com o propósito de buscar possíveis respostas às indagações suscitadas, o capítulo foi organizado em três tópicos, a saber: no primeiro, buscamos uma apreensão da estrutura e dos mecanismos educacionais, sociais e políticos do campo histórico do sul de Mato Grosso, tendo como direcionamento a trajetória pessoal e familiar de Oliva Enciso.

No segundo, abordamos a compreensão da lógica do espaço social, na produção social dos agentes e de suas lógicas de ações no contexto de urbanização e modernização da cidade, no entrelace do percurso de atuação pública da agente social. No último e terceiro, focalizamos o campo educacional e de assistência social por meio dos elementos pertinentes presentes nas memórias de Oliva Enciso.

Dessa forma, o campo é o fio condutor e o espaço social possibilitará a compreensão do campo em relação aos outros campos, em particular um campo de poder e também de identificação de indivíduos e instituições ativas. Portanto, uma reconstrução da trajetória de Oliva Enciso, de posições ocupadas e relações objetivas construídas que condicionaram as ações práticas no campo educacional.

2.1 O campo histórico do antigo sul de Mato Grosso

O antigo estado de Mato Grosso vivenciou lutas políticas, econômicas e sociais entre as porções norte e sul desde meados do século XIX até a criação de Mato Grosso do Sul, em 1977. Apreender esse movimento não se torna o objetivo desta tese, porém se faz necessário na apreensão do campo, no tempo e no espaço em que se desenrolou a trajetória de Oliva Enciso em Campo Grande, entre as décadas de 1930 e 1970.

A historiografia regional apresenta uma gama de estudos sobre as lutas políticas vivenciadas entre o norte e o sul de Mato Grosso, dentre os quais utilizamos as seguintes publicações: *Regionalismo e divisionismo no sul do Mato Grosso* (2009), de Marisa Bittar; *História e violência cotidiana de um "povo armado"* (2009), de Valmir Batista Corrêa; *Elites Políticas: Competição e Dinâmica Partidário-Eleitoral* (2001), de Maria Manuela Renha de Novis Neves; *Divisão de opiniões: a saga do divisionismo sulista em Mato Grosso* (2018), de Vinícius de Carvalho Araújo, *Elites Políticas de Mato Grosso: trajetórias, práticas políticas e mudanças institucionais 1930-1964* (2019), de Larissa Rodrigues Vacari de Arruda, entre outros.

Figura 2 - Assinatura da Lei Complementar de criação do estado de Mato Grosso do Sul

Fonte: Arquivo digital do Governo de Mato Grosso do Sul.
Disponível em: http://www.ms.gov.br/a-historia-de-ms/. Acesso em: 13 out. 2019.

A Figura 2 retrata o momento histórico da criação do estado de Mato Grosso do Sul, a assinatura da Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977, assinado pelo então Presidente Ernesto Geisel. Após décadas de lutas políticas entre o norte e o sul de Mato Grosso, surge o novo estado decorrente de ideias imersas no contexto histórico da década de 1930, mais especificamente da Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, e da Revolução Constitucionalista de 1932. Todavia, a historiografia regional expõe que as ideias divisionistas germinaram ainda no século XIX.

Marisa Bittar (2009) analisou o recrudescimento do regionalismo sul-mato-grossense no desenlace do divisionismo. Para a pesquisadora, as primeiras manifestações divisionistas surgiram após o final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a qual fortaleceu a Companhia Matte Laranjeira e, em decorrência disso, ampliou o recrudescimento do regionalismo sul-mato-grossense por meio da implantação da economia ervateira e da construção da ferrovia. O sul de Mato Grosso passou a ter independência em virtude da configuração geográfica, das raízes históricas e do isolamento em relação ao centro político decisório.

> Determinantes socioeconômicos e políticos distintos; distanciamento do em relação à capital do estado; falta de comunicação eficiente entre as duas regiões do estado, bem como o sentimento de não pertencer "a Cuiabá", além de controle da burocracia pelo norte, foram fatores que propiciaram o nascimento de ideias divisionistas no sul. (BITTAR, 2009, p. 61).

Observamos que o estado de Mato Grosso configurou-se num campo de lutas entre as porções norte e sul decorrentes do poder político do norte frente às decisões que afetavam o sul, uma vez que houve particularidades históricas diferenciadas entre as partes. No norte, houve o desenvolvimento econômico e migratório com a exploração de minas de ouro em Cuiabá, no século XIX, permitindo a circulação de bandeirantes paulistas no estado. Após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e a decadência das minas de ouro da região e também de Minas Gerais, existiram instabilidades políticas e, por consequência, houve um fluxo migratório para o sul do antigo Mato Grosso. Esse fluxo esteve vinculado às atividades da Companhia Matte Laranjeira e à construção da ferrovia Noroeste do Brasil, que permitiu o surgimento de povoados e arraiais, constituídos pela intensa migração de mineiros, paulistas e gaúchos, além de imigrantes paraguaios, bolivianos, argentinos e uruguaios, entre outros.

Vinícius de Carvalho Araújo (2018), ao identificar as principais manifestações do divisionismo em Mato Grosso, apontou que as primeiras manifestações surgiram no final do século XIX, com a República de Transatlântica de Mato Grosso e os movimentos separatistas do Rio Grande do Sul, liderados por Jango Mascarenhas e Barros Cassal. Os sul-rio-grandenses estabelecidos em Ponta Porã fundaram o Partido Autonomista em 1901, levantando a bandeira do separatismo do sul de Mato Grosso e do cancelamento do contrato com a Companhia Matte Laranjeira, por esta ser uma representante do poderio nortista[23].

Desse modo, houve a fixação de fazendeiros em grandes propriedades de terras na área, os quais dominaram a política e a economia. Desde meados do século XIX, as oligarquias políticas, formadas de coronéis, surgiram como condicionantes de lutas políticas das ideias divisionistas entre o norte e o sul. Segundo Corrêa (2009), os coronéis, frente à ocupação das terras no período da Primeira República, promoveram a luta pela posse da terra e o controle contra os grupos políticos do norte do Estado, compondo a "república dos coronéis", que favoreceu o "coronelismo" e o "banditismo" na região sul.

> Essa relação coronéis-bandidos evidenciou uma especial fase do banditismo na região, identificada com as disputas pelo poder local e pela posse de terras. E, apesar deste ter sido um momento de constantes ondas de banditismo, violência e quase completa impunidade, poucos foram os bandidos/bandos que se sobressaíram ou escaparam da tutela dos coronéis guerreiros. (CORRÊA, 2009, p. 66).

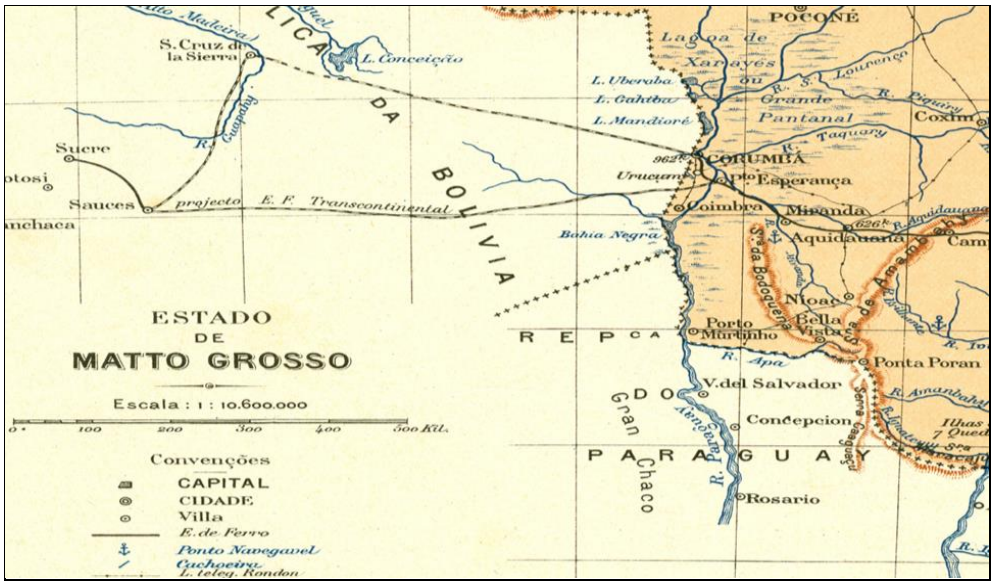
A república dos coronéis foi formada pelos núcleos familiares de Generoso Ponce, Manuel Murtinho, Paes de Barros, Corrêa da Costa, Figueiredo e Müller, entre outros, os

[23] SILVA, J. V. A Divisão do Estado de Mato Grosso. Uma visão histórica. Cuiabá: EdUFMT, 1996.

quais fomentaram as diferenças entre o norte e o sul. Além dos coronéis, esteve em jogo a participação econômica e política da Companhia Matte Laranjeira, na exploração de trabalhadores na produção em grande escala de erva-mate. (CORRÊA, 2009; BITTAR, 2009).

Nesse contexto de início do século XX, no sul de Mato Grosso, viveu em Corumbá a família de Oliva Enciso. Corumbá é uma cidade situada na fronteira do Brasil com a Bolívia, à margem direita do Rio Paraguai, na região do Pantanal sul-mato-grossense. A imagem, a seguir, apresenta o mapa econômico de Corumbá em 1923.

Figura 3 - Mapa da região de Corumbá (1923)



Fonte: Arquivo Nacional, 2020.

A imagem da Figura 3 apresenta a região de Corumbá e a posição portuária de transporte de mercadorias. Cristiane Thais do Amaral Gomes (2018), ao analisar a dinâmica do comércio e da livre navegação na Bacia do Rio Prata, no período de 1870 e 1920, destacou que Corumbá, considerada na época o entreposto comercial da região meridional mato-grossense, tornou-se o núcleo comercial e urbano da região, constituindo o portal de entrada de imigrantes em Mato Grosso. A presença de imigrantes estrangeiros favoreceu as atividades comerciais por meio da instalação de empresas exportadoras, extrativismo e agropecuária. Entre os migrantes estrangeiros, houve a presença expressiva de trabalhadores paraguaios, que migraram após o término da Guerra do Paraguai e da reabertura da navegação.

A origem da família Enciso relaciona-se com o desenvolvimento econômico e social e também com a intensa imigração na cidade. Sua família tem ascendência paraguaia, espanhola, italiana e portuguesa. Em sua autobiografia, Oliva Enciso descreve sua mãe,

Martinha Enciso – filha de Joana, de origem paraguaia e de Joaquim Antonio Ferreira da Cunha, de origem lusitana – como uma mulher inteligente e enérgica:

> Minha mãe, MARTINHA ENCISO, era de Corumbá, filha de português e paraguaia. Seu pai, Joaquim Antonio Ferreira da Cunha, de tradicional família portuguesa, viera com 4 anos de Portugal, ficando no Rio de Janeiro, onde frequentou o Colégio Militar e, como oficial do Exército Imperial, participou como Capitão do Estado-Maior da Artilharia, da Guerra contra Solano López. Foi condecorado no campo de batalha. Fixou-se depois em Corumbá. Onde se casou com minha avó. Era amigo da família de Dom Pedro II e dos Republicanos. Faleceu em Corumbá em 9/11/1889, no posto de Tenente-Coronel, deixando dois filhos: o meu tio Lucas e minha mãe com 7 anos de idade, que com 17 anos se casou com meu pai. Ela estudou só com meu tio Lucas, mas falava e escrevia bem. Era inteligente, boa nas contas, alegre, mas enérgica. (ENCISO, 1986, p. 14).

Oliva Enciso demonstra a educação feminina recebida da mãe, como também o aprendizado vindo de pessoas do sexo masculino do núcleo familiar, os quais tiveram acesso à educação formal. Essas pessoas lhe ensinavam ler, escrever e fazer contas, saberes considerados básicos para o sexo feminino, destinado na sociedade da época para o casamento.

Seu pai, Santiago Enciso, era o capataz da fazenda de Constantino Gonçalves Preza[24]. Sobre ele, retrata:

> Meu pai – Santiago Enciso, de descendência paraguaia e italiana, fugiu de um Seminário do Paraguai, com 14 anos de idade, num vapor da Bacia do Prata e desembarcou numa fazenda, no Brasil, onde o seu proprietário, o Sr. Constantino Preza, o acolheu e acabou de criar como filho. Quando o Sr. Constantino morreu, ele ficou com o seu genro Henrique Rabelo, tomando conta da sua fazenda Taquaral, como parte interessada, até o falecimento do meu pai em 21/10/1923. Ele era autodidata, inteligente, alegre, comunicativo e bom. (ENCISO, 1986, p. 13).

De acordo com a autobiografia de Oliva Enciso, a função do pai como capataz de fazenda se deu pelo fato de que ele veio fugido de um Seminário no Paraguai e encontrou

[24] Sobre o fazendeiro, localizamos na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira doze notícias do jornal Correio do Estado (MT), do período de 1909 a 1912. As informações demonstram que ele foi uma figura influente na cidade de Corumbá e de posses econômicas e representação política. Ele era proprietário de exportadora, embarcações, casas comerciais e fazendas. Dentre as fazendas, consta o nome das terras denominadas Tamarineiro e localizadas na divisa entre o Brasil e a Bolívia. Sena (2015, p. 51) destaca a atuação e posição de Constantino Preza em Corumbá, o qual fazia parte do grupo da elite local e ocupou funções públicas no período imperial e, em seguida, no cargo de vereador e presidente da Câmara Municipal de Corumbá. O referido autor analisou a participação política de homens nos festejos religiosos públicos, na transição entre o período Imperial e Republicano, e finaliza que "[...] a participação de vereadores nos eventos religiosos e populares, é que essas festas serviram de instrumentos para homens das elites se projetarem na sociedade".

abrigo na fazenda. Em depoimento dado a Maria da Glória Sá Rosa, ela apontou que o pai, em Corumbá, "[...] tomava conta da fazenda Taquaral, onde era tratado como filho do proprietário." (ROSA, 2012, p. 79).

Notamos no depoimento uma relação de laço de compadrio estabelecido pela proteção de um fazendeiro a um adolescente estrangeiro, que aprendeu as lides do campo e tornou-se o capataz da fazenda. Conforme Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989), os laços de sangue e de compadrio são constituídos em bairros rurais e/ou grupos de vizinhança e baseiam-se pela lógica de reciprocidade, na obrigação de dar e de receber, bem como pela ajuda mútua entre as partes nas vivências em dado espaço social. São práticas culturais fundamentadas em regras culturais de socialização, que estruturam a dinâmica do meio rural. No espaço rural, a relação de compadrio torna-se fator de integração social, que permite laços duráveis entre as famílias.

Na lógica bourdieusiana, o campo estrutura-se em relações de classe determinadas por relações de dominação e indissociável das relações simbólicas e não simbólicas dadas às condições de existência e hierarquia social. (BOURDIEU, 2011a). Essas relações são expostas nas memórias de infância de Oliva Enciso sobre sua casa na Fazenda Taquaral.

> A nossa casa era grande, de chão batido, coberta de palmas trançadas de acorí e as paredes eram de esteios de madeira. Tinha uma sala, dois quartos, um salão, que tinha no fundo da cozinha com grande fogão e na frente ficava um amplo refeitório etc. A uns 60 metros ficava o córrego de água límpida, cristalina e um pouco salobra. Meu pai mandou cercar de palmas de acorí num trecho – uns 5 metros- que era de uns 3 metros de largura e 2 de profundidade e mandou pôr uma porta - era o banheiro. Mais adiante o córrego se espraiava um pouco e aí vinha o gado beber água. Havia um tronco de árvore que quase o atravessava e eu trepava com cuidado e me abraçava nele, para ver a água correr... De casa se avistavam os morros azulados de Urucum. E nas noites sem luar o céu azul escuro era bordado de estrelas. Nas noites de tempestade, muito escuras, eu me extasiava em ver os relâmpagos rasgando o céu. Esse era o Taquaral. (ENCISO, 1986, p. 15).

Enciso relata sobre uma casa grande, mas tratava-se de uma casa que tinha apenas quatro cômodos, dentre os quais havia uma sala grande, que servia de refeitório e cozinha. A memória ilustra as moradias construídas em fazendas do início do século XX, cujo sistema de construção utilizava habitualmente os materiais de madeira, palha e possuíam cômodos grandes. A casa tinha as condições estruturais comuns da época em moradias de fazendas.

As notícias localizadas no periódico *Correio do Estado*, do ano de 1909, indicam que o fazendeiro residia em Corumbá, possuía uma empresa de transporte fluvial e envolvimento nos campos social e político no local. Dessa forma, necessitava de um empregado hábil para

administrar sua fazenda. A função de capataz de fazenda foi dada a Santiago Enciso, em virtude do acolhimento recebido do proprietário diante da condição do jovem paraguaio, que chegou fugido do seminário em busca de trabalho para se estabelecer na cidade.

Enciso (1986) revela que o pai continuou a trabalhar na fazenda após o falecimento do fazendeiro, uma vez que se sentia tratado como filho pelo proprietário, portanto se manteve a serviço da família. O fazendeiro teve apenas uma filha, chamada Maria Pia Gonçalves, que veio a se casar com Henrique Rabello depois que ele fixou moradia na cidade no ano de 1909.

> O Sr. Henrique Rabelo, em que meu pai confiava, cujos interesses ele cuidava com honestidade e dedicação, como parte interessada, no dia seguinte ao falecimento do meu pai, entregou à minha mãe cinco contos de réis e, ante a surpresa e a pergunta pelo gado e outros bens que meu pai possuía, ele disse apenas que ela era uma mulher trabalhadeira e saberia cuidar das suas filhas. (ENCISO, 1986, p. 14).

Enciso (1986) escreveu que a família de Henrique Rabello manteve relações com a sua família em Corumbá. Na situação pós-morte do pai, ela aponta um sentimento de subtração dos direitos do pai sofrida pela família, explicitada pelo fato de que o genro do fazendeiro solicitou a mudança da família da Fazenda Taquaral. Santiago Enciso se considerava filho do proprietário, adaptando-se à estrutura posta, porém, na realidade, era um trabalhador da fazenda, submetido a uma relação hierárquica e de trabalho, que foi exposta na autobiografia da agente.

Santiago Enciso torna-se um exemplo de tipos de conduta e de pensamento que são exteriores ao indivíduo e que não são sentidos quando se tem a conformação de boa vontade. Para Bourdieu (2011a, p. 144), a noção de boa vontade surge nas análises do capital cultural, é típica de indivíduos que possuem um falso reconhecimento, por serem destituídos das referências da cultura legítima e dos princípios indispensáveis para sua aplicação oportuna nos espaços sociais. A boa vontade nos indivíduos mantém-se por erros de identificação bem montados, que os autorizam e os encorajam pelo sentido de ter a posse de certo capital e bens culturais que lhes proporcionam a ilusão de ser digno de um consumo legítimo que, de fato, pertencem à ordem legítima. O pai de Oliva Enciso mobilizou a estratégia simbólica de honra profissional, consciente e inconsciente, ou seja, estratégia de dedicação ao trabalho para sua própria sobrevivência e inserção social.

As disposições adquiridas por experiências vividas na família e no seminário foram adaptadas no gosto pelo trabalho, medida que o levou à participação no jogo social e ao

reconhecimento de seu papel como capataz de fazenda. Na posição ocupada, não teve consciência de que vendia sua força de trabalho e era assalariado. Ele dedicou anos de sua vida e se distanciou da sua família, por meio de uma coerção menos violenta, crendo que fazia parte da família do fazendeiro.

Esse posicionamento é compreendido pelo condicionamento do “agente socializado” no campo religioso. O campo religioso, a partir de um processo de simbolização, segue “[...] as leis segundo as quais as estruturas tendem a se reproduzir produzindo os agentes dotados do sistema de disposições capazes de engendrar práticas adaptadas às estruturas, contribuindo, por essa via, para reproduzir tais estruturas." (BOURDIEU, 2011a, p. 296).

As práticas individuais do pai, de dedicação ao trabalho, benevolência, autodidatismo, entre outros, são indícios de traços pertinentes da formação religiosa, cujos atributos representam marcas de uma transmissão hereditária da família Enciso advindas da origem na religião católica.

O depoimento de Maria Inês Puga de Barcelos, sobrinha de Oliva Enciso, traz os condicionantes da religião católica na família.

> E o vovô, disse que era um homem extremamente inteligente. Mas era extremamente inteligente! A tia Oliva disse que ele sentava com as filhas na beira do fogão e dava aula para elas, de humanidade, de bom comportamento, de religiosidade, disse que era uma coisa! Mas já vem, né... Porque ele era para ter sido padre! O pai dele era para ter sido padre. Fugiu do seminário. Casou em Assunção, uma dessas cidades aí. De lá se casou, teve filhos. Um dos filhos era o vovô. Aí ele, arrependido falou: "Não, você vai ser padre. Já que eu..." Botou vovô no seminário, vovô não quis ficar. Aí vovô casa-se com a vovó, vão para Corumbá e têm as filhas, e das sete filhas vem Oliva com essa de ser freira. Então estava no DNA da família essa parte religiosa, porque o espanhol é muito religioso. (BARCELOS, 2018, p. 16).

A narrativa da depoente traz à luz a apreensão de uma coerção que fora produzida pela educação religiosa e racional, a qual moldou a moral e as crenças de Santiago Enciso em relação à solidariedade recebida pelo fazendeiro. Uma solidariedade como algo natural, sem levar em consideração sua condição de trabalhador exercida na relação entre capital e trabalho.

A situação familiar de Oliva Enciso demonstra as condições do trabalho a que estavam submetidos os trabalhadores rurais no início do século XX em Corumbá. Nesse espaço social, notamos que Santiago Enciso sujeitou-se ao trabalho braçal na fazenda para sobrevivência, cuja situação era comum no período. Segundo Corrêa (2013, p. 15):

> [...] a riqueza e o poder foram acumulados através da apropriação do trabalho de uma massa marginalizada no processo de ocupação extensiva das terras, concentradas nas mãos de um reduzido grupo de fazendeiros. Assim, trabalhadores, agregados e jagunços conviveram no universo de exploração e de compromisso dos senhores de terras e comandantes de homens. Todos eram funcionários, trabalhadores e soldados, a serviço do latifundiário e submetidos a uma relação unilateral e escamoteada de trabalho escravo, sem alternativas de sobrevivência fora da sua esfera de poder. A pouca representatividade da economia de subsistência e de abastecimento interno no sul de Mato Grosso jogava a população rarefeita e pobre nos braços do coronelismo.

A partir da perspectiva bourdieusiana, no mundo social existem divisões constitutivas da ordem social, na qual predominam as relações de dominação e exploração, cujas determinações são exercidas pela divisão social do trabalho. Na trajetória de Santiago Enciso, por meio do consentimento involuntário e voluntário, fruto de sua situação de adolescente fugido de um seminário e em inserção num espaço social desconhecido, percebe-se que ele buscou, por intermédio do trabalho, o reconhecimento. O acolhimento por esse meio o fez pensar que era parte interessada pelo lucro do trabalho como capataz e também herdeiro, em consequência de sentir-se como um filho de Constantino Gonçalves Preza.

As relações entre o proprietário e o trabalhador são estabelecidas sem claramente identificar uma estratificação social, com um gênero de vida idêntico, uma vez que as aspirações, as necessidades e o consumo são parecidos. “Quer sejam proprietário, arrendatário ou parceiro, seu gênero de vida é mais ou menos idêntico e se organizam de modo semelhante.” (QUEIROZ, 1989, p. 80).

Esses elementos são observados nas memórias de Oliva Enciso, sobre a mudança da família para Corumbá.

> Eu estava com 6 anos mais ou menos, quando meus pais resolveram alugar uma casa em Corumbá, por causa do colégio das meninas, sendo que as duas mais velhas já estudavam lá como hóspede de família amiga. Meu pai continuava no Taquaral, vindo aos sábados à noitinha, quando vinham também os carros de boi com madeira e lenha para a Usina Elétrica etc. Domingo cedo ia a residência do Sr. Henrique Rabelo e segunda-feira ainda quase de madrugada voltava a cavalo para o Taquaral, onde muitas vezes íamos todos com amigos, inclusive a família do Sr. Henrique Rabelo. (ENCISO, 1986, p. 15).

Esse trecho de memória apresenta que o pai, sendo um capataz de fazenda e ocupante de uma posição intermediária, tinha condições de manter a família numa casa na cidade. Os pais, com aspirações à educação das filhas, mantiveram-nas em instituições confessionais.

Oliva Enciso frequentou as primeiras séries do ensino primário no Collegio Immaculada Conceição, instituição confessional instalada, em 1904, sob a direção das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, de ordem salesiana.

A casa na cidade e a educação das filhas em instituições privadas demostram uma condição de classe intermediária e a tentativa de identificação de posição da família no campo pela manifestação do investimento na educação feminina. Na estrutura do campo, os agentes são "[...] colocados em posições sociais estruturalmente diferentes, eles se distinguem por inúmeras condutas e atitudes dos indivíduos com os quais podem partilhar certas características econômicas, sociais e culturais." (BOURDIEU, 2011a, p. 05).

A função de capataz de fazenda, no período histórico do início do século XX em Corumbá, é compreendida como um sinal geral de posição, de distinção e de reconhecimento social, porém não garante ao agente o pertencimento à determinada classe social real[25]. Santiago Enciso, mesmo na função de administrador, não acumulou a posse de capital econômico, porque não possuía propriedades. Oliva indicou a posse de alguns bens e gado, não deixando claro quais seriam os tipos de bens. No pertencimento a uma classe de determinado espaço social é levada em consideração a formação de um *habitus* de classe[26] e o volume e a composição dos capitais econômico, social e cultural.

A exploração do trabalho braçal desenvolveu a economia do sul de Mato Grosso e fortaleceu o poder político de grandes fazendeiros da região. As relações de compadrio e de trabalho tornaram-se a representação do capitalismo na região, na exploração de trabalhadores, na criação de gado, em atividades fluviais e também na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

---

[25] Para Bourdieu (2004; 2008), a classe social surge na posição dos agentes no espaço social no qual entra em jogo o volume dos capitais econômico e cultural. O capital econômico é a espécie dominante, dada a sua "potência" particular de gestão racional, de trabalho de conservação, de transmissão, de calcular e de prever ações conscientes. Compreendido como o indicador de posição, por estruturar a distribuição das classes ou frações de classe, dado ao componente particular dos rendimentos do patrimônio do agente e vinculado a outras espécies de capitais. O capital cultural constitui-se como o conjunto de bens simbólicos e permite a compreensão da diferenciação entre as diversas frações de classe, conforme o tipo de formação recebida do agente social. O capital cultural existe em três formas, o primeiro no "estado incorporado" (nas disposições duráveis do organismo, ligado ao corpo e sua incorporação do *habitus*), o segundo no "estado objetivado" (posse de bens culturais, como: quadros, livros, entre outros) e por último no "estado institucionalizado" (posse do capital escolar).

[26] Compreendido por práticas de modos de ser e estar caracterizadas por regularidades, formado pelos condicionantes de ações coletivas de um grupo ou de uma classe mediante uma relação dialética entre o grupo e a estrutura social, tendo como princípios objetivamente coordenados por necessidades objetivas parciais ou idênticas engendradas pelas bases econômicas. Os condicionantes do pertencimento a uma classe particular favorecem as condições das estruturas estruturadas estruturantes do sistema de disposições duradouras, das condutas orientadas a determinados fins, sem serem conscientemente dirigidas por esses fins no agente social. (BOURDIEU, 2011a).

De acordo com Corrêa (2013), na ausência do Estado, na falta de agências fiscais e aparatos de segurança, esses procedimentos permitiram o poder dos coronéis de acordo com seus interesses. Esses fazendeiros acumularam riquezas e poderes e exerceram o controle político e administrativo na região sul de Mato Grosso. Porém, a política estadual estava concentrada aos cuiabanos, e levou os coronéis da região sul a iniciarem a divulgação da criação de um novo estado.

Para Bittar (2009), não havia um movimento organizado em favor da divisão, mas anseios de insatisfação e desejo de separação, visto que, no sul de Mato Grosso, houve amplo desenvolvimento econômico e social. As lutas políticas eram recorrentes entre as oligarquias do norte e do sul e foram intensificadas nos primeiros anos da República. A insatisfação e o desejo de separação ampliaram-se com a construção da Estrada de Ferro, que gerou mudanças em Mato Grosso. Inicialmente com o crescimento populacional, advindo das intensas migrações para a região sul e, por consequência, a criação de várias vilas e cidades. Isto ocasionou a decadência de Corumbá, que tinha, nas atividades de transportes fluviais nos países platinos, uma das bases da economia, sendo substituída pelos trilhos da ferrovia em novos polos econômicos, tais como Campo Grande, Porto Esperança e Ponta Porã.

> A estrada de ferro, avançando pelo interior do país, constituiu-se um fato novo que alterou o equilíbrio de poder dos coronéis. A ferrovia exerceu um forte atrativo às populações sertanejas utilizadas como força de trabalho braçal ou estabelecendo-se na periferia do processo, [...]. O fato é que a estrada de ferro funcionou como um elemento desagregador da estrutura coronelista, atraindo seus antigos agregados e, dessa forma, esvaziando o seu exército de reserva, o que, por sua vez, permitiu o controle do estado sobre os seus domínios. Com uma linha inaugurada em 1914, que ia da estação de Itapura em São Paulo ao ponto terminal de Porto Esperança, em pleno Pantanal (próximo a Corumbá), a ferrovia foi construída sob condições insalubres de trabalho, exploração salarial, altos riscos de acidentes e natureza hostil. (CORRÊA, 2013, p. 14).

A Empresa Noroeste do Brasil trouxe pelos trilhos a modernização do sul de Mato Grosso, mesmo diante do trabalho escravo utilizado na construção das estradas de ferro, e promoveu transformações econômicas, sociais e educacionais. Com a abertura, em 1914, da Estação de Ferro Noroeste do Brasil, no eixo Campo Grande-São Paulo, Campo Grande foi favorecida pela exportação de gado, madeira e produtos industrializados. Fazendeiros da região sul fixaram residência na cidade, conduzindo os negócios e participando dos acontecimentos políticos do estado. Entre esses fazendeiros, concentraram as famílias de Arnaldo Estêvão de Figueiredo, Corrêa da Costa, Martins Barbosa, entre outros.

Em 1921, com a transferência da Circunscrição Militar de Corumbá para Campo Grande, ocasionada pela facilidade de deslocamento dada à ferrovia e sua posição central em relação às fronteiras com a Bolívia e o Paraguai, os sulistas[27] sentiram-se pouco representados no poder estadual, em cargos do Executivo, Legislativo e Judiciário, além de partidos e cargos federais. Eles responderam as insatisfações com discursos e militância política pela transferência da capital para Campo Grande. O argumento repousava na decadência econômica e demográfica de Cuiabá. Nesse contexto, houve a adesão ao estado de São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932, liderada pelo General Bertolomeu Klinger[28], que nomeou Vespasiano Barbosa Martins governador do 'estado de Maracaju', em 28 de julho de 1932 e, durante 82 dias, a dualidade foi mantida no confronto de tropas. Com o encerramento do conflito, Vespasiano foi exilado no Paraguai, retornando em 1934 para equilibrar a representação política da região sul. (ARAÚJO, 2018).

Larissa Rodrigues Vacari de Arruda (2019) examinou as especificidades das elites mato-grossenses e suas consequências nas práticas políticas no estado entre os anos de 1930-1964. Destacou que Vespasiano Barbosa Martins foi alçado à prefeitura de Campo Grande para o Senado Federal, em 1935, por ter como aliados os Müller[29], em troca de maior participação sulista. Nas análises de cartas do arquivo Filinto Müller[30], apontou que,

> [...] suas declarações indicam que a eleição do primeiro sulista ao Senado aconteceu em razão de sua postura ambígua perante os dois grupos rivais, pois participou de momentos cruciais tanto com os parlamentares refugiados no 16º B. C. que apoiavam Mário Corrêa da Costa, quanto na manifestação defendendo Fenelon Müller. É claro que sua candidatura foi devido à sua atuação política em prol da participação dos sulistas, mas sua eleição se relaciona mais com o momento acirrado e sua postura conciliadora perante

[27] Termo utilizado em consonância com os estudos de Neves (2001), Bittar (2009), Araújo (2018), Arruda (2019), entre outros, para identificar os grupos de poderes da região sul de Mato Grosso. Esses grupos foram compostos por fazendeiros, políticos, intelectuais e representantes públicos, que difundiram os ideais do movimento divisionista entre as décadas de 1930 a 1970. O termo é recorrente em obras da memorialística regional como uma marcação da memória individual de uma expressão coletiva, sendo algumas dessas obras: *A poeira na jornada,* de Demosthenes Martins, *Pelas Ruas de Campo Grande,* de Paulo Coelho Machado (2008), *Camalotes e Guavirais,* de Ulisses Serra (1989), entre outras.

[28] Comandante da Região Militar de Campo Grande

[29] Os representantes da família Müller exerceram lideranças políticas em Mato Grosso no período da Era Vargas (1930-1945), Filinto Strubing Müller como chefe de Polícia do Distrito Federal (1933-1942), Fenelon Müller como prefeito de Cuiabá e interventor federal de Mato Grosso (1935) e Júlio Strübing Müller como interventor federal de Mato Grosso (1937-1945).

[30] Arquivo privado de Filinto Müller. A pesquisadora reuniu fontes disponibilizadas em arquivos públicos e repositórios digitais, como: Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA; Centro de Documentação Regional – CDR, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas –FGV; Arquivo Público do Estado de Mato Grosso -APEMT; ao Núcleo de Documentação e Informação de História Regional – NDIHR, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, entre outros.

> dois grupos antagônicos, do que a uma concessão do grupo de Corrêa da Costa. (ARRUDA, 2019, p. 199).

A conciliação entre Filinto Müller e Vespasiano Barbosa Martins nos leva à compreensão das colocações de Raymundo Faoro (2001, p. 684):

> Se o sistema garante a estabilidade do grupo dirigente estadual, oligarquizado nos partidos locais e, dentro deles, nos grupos familiares, assegura a permanência dos deputados e senadores para um convívio até que a morte os separe, salvo se um furacão lhes quebrar a continuidade.

Notamos que ambos eram líderes de campos políticos distintos e mantinham interesses difusos naquele período. A conciliação foi uma maneira de manutenção das bases da estrutura de poder para o norte e a conservação da ideia divisionista para o sul de Mato Grosso.

Maria Manuela Renha de Novis Neves (2001), ao compreender a dimensão regional das disputas políticas, aponta que o movimento divisionista era aflorado em determinados momentos, de acordo com a conjuntura da política nacional, como exemplo das assembleias constituintes de 1934 e 1946, na constituinte estadual de 1947 e na eleição da Presidência da República de 1960. Na eleição de Jânio da Silva Quadros, nascido em Campo Grande e apoiado pelo partido União Democrática Nacional (UDN), o candidato defendeu a campanha "dividir para multiplicar", em que apartaria a estrada entre Cuiabá e Campo Grande, como auxílio à integração do País.

A autora destacou no estudo que, naquele período, era evidente que já existiam dois estados em Mato Grosso, porém as forças políticas evitavam o tema nos debates entre 1945 a 1965, dado pelo equilíbrio da representação na política das duas regiões.

Bittar (2009) destaca que, em 1964, políticos das duas regiões apoiaram o golpe militar por acreditarem na convergência da "valorização regional". Os governos militares, cortejados pelas elites políticas e econômicas mato-grossenses, estavam bem apetrechados de estudos geopolíticos sobre o Centro-Oeste. A lógica do "progresso" e do "desenvolvimentismo" esteve vinculada ao conceito de segurança nacional. A implementação do modelo capitalista poderia incluir a divisão de Mato Grosso como forma de ocupar a região central e a integração aos eixos desenvolvidos no Brasil.

Segundo Araújo (2018), em 1975, o General Ernesto Geisel deu mostras de disposição para intervir na configuração geográfica de algumas regiões, baseado nos estudos do Ministério do Interior e Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste

(Sudeco)[31]. Logo, em 1977 o diagnóstico preparado pelo Instituto de Pesquisa Econômicas Aplicadas (IPEA) sinalizou a criação do novo estado, chamando-o Estado de Campo Grande[32], como um imperativo geopolítico, dadas as dimensões das fronteiras, da riqueza potencial e da articulação Centro-Sul. Foi levada em conta também a dimensão populacional que, nos anos de 1970, concentrava maior população na região sul e em Campo Grande, além do aumento na representação nas Assembleias em níveis nacional e estadual, comprovando a força política do sul de Mato Grosso.

A autora apontou que, nas memórias do General Ernesto Geisel, identificou alguns dos pré-requisitos que salientavam a emancipação dos estados de Rondônia, Tocantins, Amapá, Roraima e Mato Grosso do Sul. Em relação ao último, assentou-se a justificativa sobre os desequilíbrios federativos, ressaltando que "[...] a região sul de Mato Grosso já tinha uma universidade estadual (UEMT) e mais uma particular (Católica), teria alcançado o patamar de emancipação." (ARAÚJO, 2018, p. 189).

Notamos que o processo histórico e a temática sobre o divisionismo de Mato Grosso envolveu um jogo político. "Cada campo se caracteriza, na verdade, pela busca de uma finalidade específica, capaz de favorecer investimentos igualmente absolutos por parte de todos os que (e somente esses) possuem as disposições requeridas." (BOURDIEU, 2001, p. 21).

O sul do antigo Mato Grosso estava em desenvolvimento econômico e com maior número populacional e isso favoreceu um valor de bem simbólico de prestígio e de reconhecimento, porém faltava-lhe a autonomia política. Ambas as porções do estado possuíam suas regras próprias e mobilizadas pelos campos econômicos e políticos distintos.

As regras baseadas na relação de mercado estabelecido com São Paulo se destacaram no sul do estado, o qual resistiu às influências políticas do norte, mas também se manteve sobre essas influências até a criação do estado de Mato Grosso do Sul, quando passou a ter certa autonomia administrativa. Todavia, mesmo tendo a autonomia administrava local, a

[31] De acordo com Araújo (2018), o norte era visto como um vazio demográfico, por seus baixos índices populacionais, e já vinha recebendo incentivos da Sudam (Pin, Polamazônia e Proterra), por compor a Amazônia. O sul estava incorporado ao Centro-Sul e recebeu a colaboração de programas do Polocentro (Cerrados) e Prodegran (Grande Dourados) e o Prodoeste. As políticas regionais de desenvolvimento tinha o objetivo de instrumentalizar a rearticulação do espaço mato-grossense ao grande capital industrial monopolista da região sudeste.

[32] Segundo Bittar (2009, p. 347), a nomeação do novo estado não se efetivou como uma forma de evitar conflitos entre os habitantes e as lideranças da cidade de Campo Grande com outras cidades, como Dourados e Corumbá. Vereadores de Dourados solicitaram ao presidente, por meio de ofício, a mudança para Mato Grosso do Sul. Parlamentares sul-mato-grossenses (PSDB) sugeririam Estado do Pantanal.

região sul manteve-se submetida ao poder da política nacional dos próprios agentes públicos na luta pelo poder e permanência nas estruturas de poder.

Ao retomar o campo histórico de Mato Grosso do início do século XX até a criação do estado de Mato Grosso do Sul, observamos alguns elementos que se cruzam com a trajetória de Oliva Enciso. A sua participação nos momentos decisórios em favor da divisão não foi efetivamente pública, uma vez que não localizamos fontes sobre o tema. Porém, observamos alguns elementos nos registros escritos de Maria Gloria Sá Rosa (2012) e Ruben Figueiró de Oliveira (2009), que indicam sua posição no campo dos ideais divisionistas.

Ela era a favor da divisão, segundo Rosa (2012, p. 85): "Contou-me ter lutado a favor da divisão, porque o Estado precisava de uma administração própria para afirmar sua identidade e independência. Mas era contra a mudança do nome, que considerava histórico, construído através de gerações."

Houve também sua participação na luta partidária na Assembleia de Mato Grosso, como destacou o ex-deputado Ruben Figueiró de Oliveira:

> [...] até a legislatura que participei, se destacaram em defesa dos ideais divisionistas, com vigorosa atuação na tribuna da Assembleia, os deputados Wilson Loureiro de Oliveira, Oliva Enciso, Manuel de Oliveira Lima, Antonio Mendes Canale, Adê Marques, Cota Marques, Diomendes Rosa Pires, Ubaldo Barém e Alarico d'Ávila. Nomes que hora lembro. (OLIVEIRA, 2009, p. 83).

Destacamos alguns elementos da trajetória de Oliva Enciso que levam à compreensão da sua participação, tanto na política partidária quanto na política educacional, no movimento histórico que resultou na criação do novo estado. Como primeiro elemento, observa-se que Oliva Enciso participou da política partidária entre os anos de 1958 a 1962 como representante do povo. Foi uma representante feminina precursora na política sulista, inicialmente como vereadora de Campo Grande (1955-1958) e, em seguida, na Assembleia Legislativa Estadual (1959-1963).

O segundo elemento está relacionado às relações pessoais, profissionais e políticas mobilizadas com representantes políticos, tanto da região norte quanto do sul de Mato Grosso. Como exemplo, do norte os Müller e Corrêa da Costa e, do sul, os Barbosa Martins, Coelho Machado e Martins, cujas relações serão exploradas no próximo tópico. O terceiro elemento mostra as suas ações práticas na criação de instituições educativas, filantrópicas e de ensino profissionalizante não estatal, fato que projetou o desenvolvimento do campo educacional de Campo Grande e do sul de Mato Grosso.

2.2 Campo Grande na materialidade e na racionalidade do campo de lutas políticas

Este tópico tem por objetivo apreender o campo histórico de Campo Grande numa lógica de espaço social produtor de ações de agentes sociais, uma vez que as transformações sociais na trajetória de vida dependem do entrelaçamento do agente e da estrutura social. Na proposição do estudo sobre a trajetória de Oliva Enciso e suas contribuições ao campo educacional, faz-se necessária a apreensão do campo no qual o seu percurso se desenrolou.

Campo Grande, entre as décadas de 1920 e 1970 passou por um relativo desenvolvimento econômico, social e político, fato já mencionado no tópico precedente, evidenciando que a urbanização da cidade relacionou-se com o processo histórico do sul de Mato Grosso. Desde a década de 1920, a cidade fora se destacando como a segunda cidade do estado, tanto em quantitativo populacional quanto em econômico.

Após 1914, a cidade passou a ser considerada uma base econômica e militar com a ligação entre Campo Grande-São Paulo, por meio da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e a transferência da Circunscrição Militar de Corumbá-Campo Grande. Durante a década de 1930, a cidade tornou-se *lócus* da causa divisionista e ocupou a posição de centro político, mobilizados por agentes públicos intencionados em tornar a cidade a capital após a separação de Mato Grosso. Os grupos econômicos (pecuaristas, industriais, comerciantes, agricultores, entre outros) participaram do desenvolvimento da economia e da política e condicionaram o antagonismo entre Campo Grande e Cuiabá. No final de 1932, no Rio de Janeiro, estudantes oriundos das elites agrárias do sul fundaram a Liga Sul-Mato-Grossense. O objetivo do grupo era o pleito pela divisão de Mato Grosso. A entidade ainda publicou manifestos ao povo da região sul e também aos constituintes de 1934 em favor da divisão, com a exposição dos motivos, principalmente ressaltando a superioridade econômica e social entre o norte e o sul. Após a Revolução, a causa ficou resguardada nos anseios de políticos e fazendeiros. (BITTAR, 2009)

Segundo Bittar e Ferreira Jr. (2008), dois momentos políticos na história de Mato Grosso influenciaram o desenvolvimento político e administrativo de Campo Grande. O primeiro, diz respeito à adesão de Campo Grande a São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932. No breve período de 82 dias, a cidade transformou-se na capital de Mato Grosso Civil, para a qual foi nomeado o prefeito Vespasiano Barbosa Martins, fato já mencionado anteriormente. O segundo relaciona-se ao período de 1946 a 1965, no qual a oligarquia pecuarista do sul se tornou hegemônica na política estadual, estabelecendo a

polaridade partidária entre os partidos União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrático (PSD).

De acordo com Celso Costa (1999), com a inauguração da Estação Central de Campo Grande, em 6 de setembro de 1914, impulsionou-se a migração, tanto de brasileiros de outras regiões quanto de estrangeiros, como os árabes, os japoneses, os espanhóis e os portugueses, além dos paraguaios. Em seguida, em 1921, com a transferência da Circunscrição Militar de Corumbá para Campo Grande, houve a vinda de militares de outras regiões para a cidade, ocasionado a

> [...] construção dos quartéis e a consequente vinda das tropas do Exército que, além do papel que representam como segurança e civismo, integraram-se totalmente a vida social da cidade, abrindo caminhos nas áreas de saúde, com a instalação de hospital e concurso de médicos, além de importante participação no ensino dos colégios existentes. (COSTA, 1999, p. 75).

Para Gomes (2018, p. 44), a localização de Campo Grande "[...] em região de confluência de vias férreas e rodovias, tornou-se ponto estratégico de comunicações e transportes com todo o estado de Mato Grosso e com as demais regiões brasileiras o que favoreceu mais suas potencialidades e capacidades produtoras." Assim, com o início do funcionamento da ferrovia e com a decadência do eixo platino, a cidade tornou-se um importante centro econômico do sul de Mato Grosso, por ser a região produtora de gado com crescente urbanização e industrialização paulista.

Esse período coincide com o período de estabelecimento da família Enciso na cidade, uma vez que, em 1923, após o falecimento do pai, a família migrou de Corumbá para Campo Grande, em busca de melhores condições de trabalho, a convite de João Francisco de Freitas, casado com a primogênita Bráulia. Oliva Enciso descreveu o seu olhar sobre Campo Grande quando chegou à cidade.

> Mas quando chegamos a Campo Grande, fiquei triste: a Estação mal iluminada. Viemos de charrete pela rua Santo Antonio, hoje Av. Calógeras, então esburacada e com luz mortiça. Enfim chegamos à casa do meu cunhado, na Rua Barão do Rio Branco, onde minha irmã nos recebeu entre lágrimas. A manhã do dia seguinte me alegrou: muito clara, fresca, parecia até perfumada, pelo guaviral que havia perto. Eu chegava a Campo Grande, sem pensar que aqui ficaria o resto de minha vida, que me afeiçoaria a ela e ela me retribuiria, acolhendo-me como filha. (ENCISO, 1986, p. 18).

As memórias da agente retratam as condições de estrutura de Campo Grande como uma cidade em processo de urbanização. Em quase 10 anos após a chegada dos trilhos da

Noroeste do Brasil, o lugar mantinha pouca estrutura urbana, cujo desenvolvimento foi ampliado com a construção dos quartéis da Circunscrição Militar.

No discurso proferido por Oliva Enciso, em 12 de outubro de 1976, na Câmara Municipal de Campo Grande, ela relembrou a sua chegada a Campo Grande.

> Vim de Corumbá com 14 anos e com luto no coração pelo falecimento do meu pai. Eu e minha família viemos trazidos pelo meu cunhado João Francisco de Freitas, que era baiano de nascimento e campo-grandense de coração. E apesar de toda a sua vontade e dedicação esse recomeço da vida não foi fácil. Muitas vezes minha mãe emendava o dia com a noite junto à máquina de costura. Éramos 7 irmãs e só a mais velha casada. Todas nós trabalhávamos. A minha especialidade era fazer casa de botão nas camisas de homem, que minha mãe fazia. (CAMPO GRANDE, 1976, p. 02).

Martinha Enciso encontrou na costura o modo de sobrevivência da família. As memórias trazem elementos da condição feminina no espaço social de Campo Grande na primeira metade do século XX. Nesse período, era comum a inserção feminina no espaço público por meio do espaço privado em trabalhos com as lides domésticas e de costura.

Campo Grande na década de 1920 tornou-se empório comercial, com acontecimentos significativos que consolidaram a condição de cidade próspera. Com a inserção de militares na sociedade, possibilitou-se a integração de novas ideias, que versavam dois papéis diferenciados: de um lado houve uma renovação de opiniões políticas na influência ao tenentismo paulista e, do outro, a manutenção da ordem e da disciplina no combate às ideias do movimento divisionista. No decorrer da década de 1930, houve investimentos públicos e privados nas áreas de saúde e educação alicerçadas pelo movimento comercial mobilizado pelo eixo Campo Grande-São Paulo.

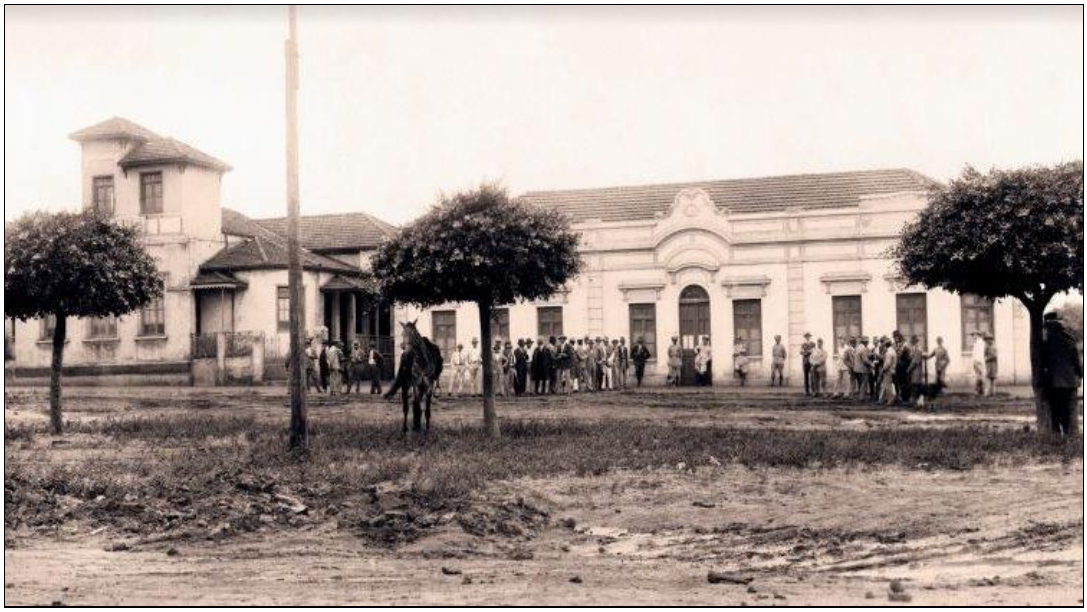
Arruda (2019) destacou que, após a Revolução Constitucionalista de 1930, a configuração da dinâmica regional se estabeleceu em interação com o núcleo familiar Müller. O cuiabano Filinto Müller era o seu chefe de polícia do Distrito Federal e o governo federal preteriu antigas oligarquias, como os representantes da família Corrêa da Costa.

> Müller monitorou a movimentação política das cidades do Sul e percebia a necessidade de aplacar as rivalidades entre as regiões. Nesse sentido, estabeleceu um acordo político com o líder sulista, Vespasiano Barbosa Martins. O pacto foi mediado pelo político e militar Deusdedit de Carvalho, que vivia em Campo Grande e foi prefeito da cidade logo após a Revolução de 1930. Carvalho ofereceu a Müller sua interpretação das disputas regionais ocorridas naquela cidade, segundo ele, o interventor Matos confiou ao cuiabano Ýtrio Corrêa da Costa a condução da política no município, mas

> Corrêa da Costa frequentemente hostilizava Barbosa Martins. (ARRUDA, 2019, p. 76).

Nas leituras das fontes produzidas sobre a trajetória de Oliva Enciso, notamos em momentos do seu percurso público o entrelace com o campo da política regional, seja nas relações com políticos nortistas quanto com políticos sulistas. No estudo de Lourdes (2018), está disponibilizada a declaração de comprovação funcional de Oliva Enciso na Prefeitura, com a indicação do período de trabalho de 04 de novembro de 1930 e 18 de outubro de 1962. Ela se aposentou com 31 anos, 11 meses e 12 dias de serviços. No documento, é perceptível o seu percurso profissional no serviço público, pois iniciou na função de amanuense datilógrafa como contratada e aposentou-se na função de inspetora de ensino, efetivada por meio de concurso público.

Figura 4 - Sede da Prefeitura Municipal de Campo Grande (1912 e 1970)



Fonte: Arca, 2011.

A fotografia mostra a sede da prefeitura entre os anos de 1912 e início da década de 1970, localizada no ângulo da Avenida Afonso Pena e Avenida Calógeras. No lado esquerdo situava a Câmara Municipal de Campo Grande e o Rádio Clube. Na Avenida Afonso Pena, próximo ao local estava concentrado o Quartel General do Exército da 9ª Região Militar. Notamos na localização da prefeitura a posição prevalente de centro político da cidade, cercada por uma estrutura de poder, como a representação do poder legislativo e militar, além das proximidades com o clube tradicional das elites e grupos sociais de representação, tais como de intelectuais, comerciantes, políticos, entre outros.

Em sua autobiografia, Enciso demonstra indicações das relações profissionais e políticas estabelecidas com prefeitos durante a atuação como funcionária pública[33]. Percebemos algumas relações de trabalho que podem ter mobilizado as relações sociais e políticas duráveis de Oliva Enciso no campo histórico de Campo Grande entre as décadas de 1930 e 1970. Em um primeiro momento, observamos que o início das relações mantidas com políticos das diferentes regiões se deu em 1930, no seu acesso ao serviço público como datilógrafa na gestão de Deusdedit de Carvalho, nomeado pelo interventor Antonio Menna Gonçalves[34]. Ambos representavam o poder político do norte em Campo Grande.

Após o seu retorno do Rio de Janeiro, em 1930, ao desistir do curso de Medicina para se tornar irmã de caridade e depois comunicada pela mãe de que precisava de ajuda para manter e criar as suas irmãs menores, decidiu trabalhar para amparar a família. Sobre o início de sua trajetória de funcionária pública, Enciso (1986, p. 27) descreve:

> [...] prometi a minha mãe que eu ficaria para trabalhar, deixando de lado a ideia de ir para o Convento [...]. Nesse dia, chegava a Campo Grande o Coronel ANTONINO MENA GONÇALVES, para ir a Cuiabá assumir a Interventoria do Estado, com a vitória da Revolução em 1930. A família do Coronel Antonino era nossa amiga e até D. Cacilda, sua esposa, tinha ficado oculta em nossa casa, antes da vitória da Revolução. O ZÓZIMO, um dos seus filhos, tinha sido meu colega de ginásio e por meio deles fui admitida como funcionária da Prefeitura Municipal de Campo Grande. (ENCISO, 1986, p. 27).

Por meio das relações pessoais, iniciou o trabalho na prefeitura, nomeada pelo interventor, já que ele era amigo da família e pai de Zózimo Menna Gonçalves[35], que foi seu companheiro de turma no Gymnasio Municipal de Campo Grande. A inserção na prefeitura possibilitou as relações profissionais com políticos do norte por meio do vínculo de amizade construído com a família Müller em Cuiabá.

Em um segundo momento, em sua autobiografia ela indica os laços de amizade construídos com alguns prefeitos que lhe proporcionaram a mobilização do campo

[33] Quadro disponibilizado no Apêndice E.

[34] Antonino Menna Gonçalves, com a Revolução de outubro de 1930, foi nomeado governador provisório de Mato Grosso, em substituição a Sebastião Rabelo Leite. Ele assumiu, no dia 19 de novembro, o cargo de interventor federal e providenciou medidas de repressão ao trabalho escravo nas usinas do Rio Abaixo, cometendo uma série de violências, que provocou, em dezembro de 1930, a demissão do secretário Virgílio Correia Filho. Em abril de 1931, houve a deflagração de uma grave crise política, ocasionada por estes fatos, o que levou Vargas a substituí-lo na interventoria por Artur Antunes Maciel. (CPDOC, 2010).

[35] Filho de Cacilda da Costa Mena Gonçalves e Antonino Mena Gonçalves. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Capital Federal. Publicou livros de geometria analítica na década de 1970. Ajudou a formar a Escola Fluminense de Engenharia - RJ.

educacional e a participação na política partidária, entre eles: Vespasiano Barbosa Martins, Eduardo Olimpo Machado, Fernando Corrêa da Costa, Demóstenes Martins e Wilson Barbosa Martins. Sobre a atuação de Oliva Enciso na Prefeitura Municipal de Campo Grande, foram localizadas setenta e quatro notas e notícias no *Jornal do Commercio*[36] e *Estado de Mato Grosso*[37], entre os anos de 1934 a 1974. O primeiro era um periódico de circulação da região sul, e o segundo abrangia todo o Mato Grosso, com predomínio de notícias da região norte. O Jornal do Commercio, ano 14, edição n. 1.680, de 27 de novembro de 1934, traz uma nota de um edital público em que Oliva Enciso assina como amanuense servindo de secretário.

Figura 5 - Nota sobre a atuação de Oliva Enciso na prefeitura

Prefeitura Municipal de Campo Grande

EDITAL N. 92

De ordem do Dr. Prefeito, torno publico que o Sr. Joaquim Antonio Faustino requereu o lote n. 108, da Colonia de Terenos deste Municipio.

Terão os interessados o praso de 30 dias para quaisquer reclamações.

Secretaria da Prefeitura Municipal de Campo Grande, de Novembro de 1934.

OLIVA ENCISO
Amanuense, servindo de Secretario

Fonte: Jornal do Commercio, Ano 14, n. 1.680, 1934.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 05 out. 2018.

A Figura 5 sinaliza que ela mantinha a função de datilógrafa e acumulava a função de secretária. Percebemos a transição de cargo da trajetória profissional no ano de 1934. Em outra nota da prefeitura, edição de n. 1.686, de 02 de dezembro de 1934, apresenta-se a Portaria n. 25, de 30 de novembro de 1934, designando Oliva Enciso para o cargo de secretária da Prefeitura. Essa portaria foi assinada pelo prefeito Vespasiano Barbosa Martins, que havia assumido o cargo em 01 de novembro de 1934, ao retornar ao cargo após a conciliação com Filinto Müller na ampliação da participação política do sul de Mato Grosso na administração pública.

[36] O periódico foi fundado em 13 de abril de 1921, pelo advogado José Jayme Ferreira de Vasconcelos, que exercia também a função de Diretor. Esse jornal foi um impresso diário, o terceiro maior do estado e o único que circulou diariamente no sul de Mato Grosso. (MACHADO, 2008).

[37] Fundado por Archimedes Pereira Lima, em 1938, em Cuiabá. Nascido em Campo Grande, atuou na sociedade e na imprensa local como redator e secretário do Correio do Sul na década de 1930. Ele dinamizou a Imprensa Oficial do estado na década de 1940.

Moro (2012) expõe sobre a modernização urbano-citadina de Campo Grande, com base em fontes memorialísticas e em textos jornalísticos entre 1960 a 1970. Para tanto, apresenta um recuo histórico da história da cidade produzida por memorialistas por meio do impresso jornalístico *Correio do Estado*, de documentos oficiais, entre outros. Nas fontes empíricas selecionadas, analisou-se como uma parte das elites dirigentes da cidade de Campo Grande conduziu um projeto de modernização e civilidade da cidade. Em uma perspectiva bourdieusiana, o estudo descontruiu o discurso produzido por uma linguagem autorizada pelas fontes memorialísticas e pelo impresso Correio do Estado, que enalteciam a cidade como um território urbanizado e progressista. O autor destacou nas próprias fontes as representações de pessoas comuns e dos problemas de territorialização enfrentados na urbanização da cidade desde a década de 1940.

> [...] todos os projetos da elite, sejam os veiculados em textos memorialistas ou em textos jornalísticos, possuem uma finalidade política já posta na sua origem. São todos tendenciosos por natureza, mesmo não sendo materializados na concretude social e histórica, pois defendem valores de um determinado grupo social, que é a elite da região e, específico, da cidade de Campo Grande. (MORO, 2012, p. 287).

A história produzida sobre o desenvolvimento de Campo Grande buscou eliminar tudo que não fosse moderno e civilizado, por meio "[...] das palavras trataram de edificar um presente em que tudo era moderno, seja no campo material, cultural ou no humano." (MORO, 2012, p. 69). O desenvolvimento de Campo Grande foi representado por fontes memorialísticas que enalteceram a participação de políticos e fazendeiros no desenvolvimento do seu progresso[38]. Porém, o contexto histórico da cidade fora permeado por vários problemas políticos e sociais que deixaram à margem os sujeitos do povo comum, não enquadrado aos parâmetros almejados, entre esses, mendigos, menores abandonados, prostitutas, vendedores ambulantes, entre outros.

Ao analisarmos a coletânea *Pelas Ruas de Campo Grande*, de Paulo Coelho Machado (2008), com o objetivo de entender a visão de sociedade, homem e educação dentro de um contexto individual e coletivo apresentada pelo autor, utilizamos a análise de

[38] Entre as obras memorialísticas destacam-se: CONGRO, Rosário. *O município de Campo Grande* - Estado de Mato Grosso. Publicação oficial, 1919; ALMEIDA, Valério de. *Campo Grande de outrora*. Campo Grande: Letra Livre, 2003; MELO E SILVA, José de. *Canaã do Oeste*: sul do Estado de Mato Grosso. Instituto Histórico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: 2004; CAMPOS, Peri Alves. *Álbum de Campo Grande*. Campo Grande: Tipografia O Progressista, 1939;

conteúdo[39]. No estudo, compreendemos que o autor produziu as obras com interesses de produzir a história social de Campo Grande como portadora dos capitais econômico, cultural, político e simbólico, como uma forma de justificar a cidade como representante legítima do sonho divisionista desde a década de 1930. As obras colaboraram na inculcação de gerações futuras e na sociedade a ideologia da divisão, movimento conduzido nas ações de fazendeiros, políticos, militares, entre outros.

Estes foram caracterizados por Bittar (2009) como "elite condutora"[40] na luta pela divisão fomentada pela Liga Sul-Mato-Grossense, criada em 1932 e reativada na década de 1970. Em 1977, houve a criação de Mato Grosso do Sul e Paulo Coelho Machado como principal articulador do processo.

Observamos nas fontes mobilizadas para este estudo a participação de Oliva Enciso na representação política e social de Campo Grande na década de 1930. No cargo de amanuense datilógrafa, tomou conhecimento das condições sociais, econômicas e políticas da cidade por meio do acesso a documentos e estatísticas oficiais da cidade. Em 1933, ela publicou na revista *Folha da Serra*[41] um artigo sobre a situação educacional de Campo Grande, o qual será abordado no próximo tópico. Porém, observamos no artigo a sua posição de participante das relações com as elites políticas dirigentes na difusão de Campo Grande com nuances dos elementos de modernização e civilização.

> O evoluir da instrução em Campo Grande é tão acentuado como o seu desenvolvimento sob o ponto de vista material, e talvez maior. Aqui se estuda e se trabalha. O grau de civilização de um povo, já disseram e a realidade o afirma, está na razão direta da cultura, sob o tríplice aspecto – físico, intelectual e moral de cada indivíduo. A resultante destas três forças é o índice do seu caráter. Baseado nisso, podemos imaginar o que virá a ser, em futuro não remoto, a cidade florescente e jovem do Sul, justamente a chamada Pérola de Mato Grosso, encravada no longínquo e fértil planalto de Maracaju. Enquanto nos cascalhos húmidos dos formosos rios matogrossenses, ávido o garimpeiro procura a pedra preciosa da fortuna material, nas salas de aula, claras e saudáveis, à infância e à mocidade campograndenses, promissoras e fortes, ensinam os professores as ciências, lapidando o "diamante bruto que Deus colocou no cérebro humano", a pedra

[39] No uso do software NVivo 8 como um recurso tecnológico, há intrínseca relação entre campo e autor na mobilização das noções conceituais de *habitus*, capital e campo literário nas obras *A Rua Velha* e *A Rua Principal* da coletânea.

[40] Carlos Magno Mieres Amarilha, no estudo *Os intelectuais no Poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul* (2006), expôs a expressão utilizada pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS). Os homens de letras, em suas narrativas carregadas de ideologias e exaltação, difundiram a participação de uma elite na transformação de Campo Grande como capital do novo estado.

[41] Lançada em Campo Grande, em outubro de 1931, tendo na direção Aguinaldo Trouy, como redator o médico Peri Alves Campos e na gerência de guarda-livros Artur de Barros. Teve como finalidade a publicação de aspectos gerais da cultura, história e cotidiano social da região sul de Mato Grosso. Alguns exemplares encontram-se no Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA.

> da fortuna imaterial, imperecível e de valor incomparável. Sabemos que o meio influe na atividade de um povo – é o *determinismo geográfico* a que se submetem cegamente as nações incultas, no entanto, pela ciência o homem pode libertar-se dessa mesma influencia e agir inteligentemente. E aqui assistimos o desenvolver de proveitosas iniciativas. (ENCISO, 1933, p. 12, grifo nosso).

O trecho do artigo demonstra a força do campo exercida sobre a agente que, inserida numa posição determinada na prefeitura e também portadora de um conjunto específico de disposições incorporadas, operou no discurso de distinção, ao exaltar Campo Grande nas situações sociais e geográficas. No discurso, destacou o determinismo geográfico, ou seja, a posição geográfica da cidade, a qual, estando localizada numa posição mais central e próxima das fronteiras com a Bolívia e Paraguai e com ligação direta com São Paulo, receberia influências sociais, políticas e econômicas. No seu olhar, baseado num pensamento liberal de expressão e de liberdade ideológica, esse fator transformaria a situação histórica da cidade e do sul do antigo Mato Grosso, impulsionado pelas relações econômicas com novo capital industrial da região sudeste, principalmente São Paulo[42].

A objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo se dá pelo

> [...] conjunto de posições simultaneamente ocupadas, em um momento dado do tempo, por uma individualidade biológica socialmente instituída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua intervenção como agente eficiente nos diferentes campos. (BOURDIEU, 2011b, p. 82).

A representação de Oliva Enciso sobre Campo Grande tem por base uma condição de classe e demonstra as relações objetivas com o espaço social vivido. Ela, mesmo não fazendo parte do grupo das elites, políticos e fazendeiros que lutavam pela divisão, transitou no campo político, ocupando uma posição de representante política como secretária da prefeitura, contribuindo para uma representação social das aspirações e das ambições do grupo social de inserção. Ao fazer parte do campo histórico de Campo Grande, após a Revolução Constitucionalista de 1932, com a tentativa de divisão de Mato Grosso, apresenta no artigo elementos que marcam as diferenças sociais entre o norte e o sul.

Observamos na escrita de Oliva Enciso a estratégia interessada de manipulação simbólica, ou seja, "[...] que tem em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores." (BOURDIEU, 1989, p. 112). Ao expor

[42] A cidade, após o final da Revolução Constitucionalista, apresentou uma expansão econômica por meio da industrialização de bens de produção. (ARAUJO, 2018).

sobre o progresso educacional da cidade na década de 1930, realizou o discurso afirmando que, no norte, a preocupação era somente o trabalho, enquanto que, no sul o desenvolvimento baseava-se no trabalho e na cultura. Ao indicar a palavra sul com o "S" em letra maiúscula, expõe como uma nomenclatura que diferencia a sua posição em Mato Grosso, além de destacar que, mesmo distante da participação política, desenvolve-se independente para o progresso por meio da educação e do trabalho.

Analisamos no artigo elementos de sua visão liberal em relação à sociedade. No seu discurso, as palavras trabalho, educação e liberdade expressam os princípios do liberalismo[43]. Para ela, uma sociedade moderna e civilizada tem como bases esses valores, sendo eles os condicionantes para o desenvolvimento da liberdade individual e coletiva. O progresso da cidade pautava-se na educação com uma finalidade produtiva e nacionalista. O artigo apresenta elementos presentes das dimensões políticas e patrióticas do contexto histórico brasileiro da época. De acordo com Ribeiro (1982) na época do Governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foi difundido os ideias eugênicos de cunho nacionalista centrado no ideal de trabalho e princípio de regeneração da sociedade.

Segundo Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier (1990), a partir da década de 1930, a função da educação estava pautada num modelo de escola para atender e/ou corrigir as diferenças sociais ao formar um modelo de homem desejado para o momento histórico e, dessa forma, produzindo uma nova sociedade.

> A modernização do ideário liberal nacional se deu, nesse período, através da assimilação do pensamento escolanovista, que atendia perfeitamente aos objetivos conservadores das classes dominantes, às aspirações reformistas das classes médias, e acenava com promessas de democracia e progresso para as classes inferiores (XAVIER, 1990, p. 64).

Oliva Enciso anuncia, no artigo, um campo educacional promissor em Campo Grande, ou seja, as condições objetivas existentes oferecidas por instituições escolares, que capacitariam o povo para o aprendizado eficaz das ciências, proporcionando as condições de liberdade individual e coletiva. Dessa forma, o agir inteligentemente pelo acesso à educação possibilitaria aos indivíduos o ingresso ao mercado de trabalho para atender as necessidades econômicas e sociais locais.

[43] Segundo Eduardo O. C. Chaves (2007, p. 08), é uma filosofia política, que tem como base a liberdade como o bem supremo. O indivíduo associado com outros indivíduos em sociedade tem como essencial a liberdade de preservação do espaço privado e o Estado mantém a função de garantir a existência e a inviolabilidade desse espaço e dos direitos individuais, sendo eles: integridade da pessoa, expressão de pensamento, locomoção, associação, ação de busca da felicidade e a propriedade.

Como funcionária pública da prefeitura, houve a ampliação do capital social, dado pelo reconhecimento do zelo e dedicação nas atividades realizadas, pois ela teve como direção de trabalho a obra *Sê perfeito em tudo que fizeres,* de Orison Swett Marden.

A obra foi publicada em 1924 pela Editora Livraria Figueirinhas, apresenta a biografia do autor e narrativas de situações do cotidiano, refletindo sobre a moral, caráter, perfeição e religião.

> Criou-nos Deus para sermos honrados. Quando o não somos, desmoralizamo-nos, e com isto sofre todo o nosso ser moral. Honradez significa integridade em tudo. Não significa apenas que podem ter confiança na nossa palavra. Não significa que, logo que não enganeis com palavras, podeis enganar quanto à qualidade de vosso trabalho. (MARDEN, 1924, p. 80).

Segundo Mayka Castellano (2017), Marden foi protestante, escritor espiritual americano e seguidor do movimento que ficou público como "O Novo Pensamento", também sendo considerado um dos precursores da cultura terapêutica[44] contemporânea. Suas obras estão na gênese das produções de ideias de sucesso e vida bem-sucedida, que estão presentes na sociedade atual. As obras de Marden exemplificam o momento em que a literatura de aconselhamento transitou entre a etapa de formação de caráter e o sucesso profissional.

> Além dos inúmeros livros de autoajuda de sua autoria, que, somados, venderam mais de vinte milhões de exemplares apenas até 1924, ano de sua morte, Marden também publicou durante anos a revista *Success*, que, em 1905, chegou à marca de 300 mil exemplares mensais. Formado em direito e medicina, o escritor teve livros traduzidos para mais de 25 idiomas e nos Estados Unidos seu estrelato chegou ao ponto de centenas de pais batizarem os filhos com seu nome (RÜDIGER, 1996 *apud* CASTELLANO, 2017, p. 61).

Ao realizar a leitura da obra, observou-se a transmissão de valores, posturas e posicionamentos que um empregado deveria ter para obter qualidade no trabalho e alcançar sucesso profissional, como demostra a citação a seguir: "Nunca vos satisfaçais com um trabalho quase bom, sofrível, menos mau. Nunca deixeis de fazer tudo o melhor possível. Vai nisso a vossa reputação, e a vossa reputação é todo o vosso capital." (MARDEN, 1924, p. 41).

Os depoimentos dos familiares de Barcelos (2018) e Lima (2018) apresentam os nuances da personalidade profissional de Oliva Enciso.

---

[44] Tendência de disseminação de um imaginário que coloca a emoção e a subjetividade como elementos primordiais à compreensão de questões relativas a todos os aspectos da vida humana. (CASTELLANO, 2015).

> Eu me lembro bem, ela viajava muito, ela ia pra São Paulo e ela que fazia tudo isso sozinha. [...] Era uma coisa impressionante, ela mexia com aquela papelada toda, e ela tinha o aval dos governadores, dos prefeitos e as recomendações, tanto que ela era atendida e recebida [...]. (LIMA, 2018. p. 8).

No trecho do depoimento, notamos o pensamento de sucesso profissional difundidos na obra de Marden com a trajetória de Oliva Enciso.

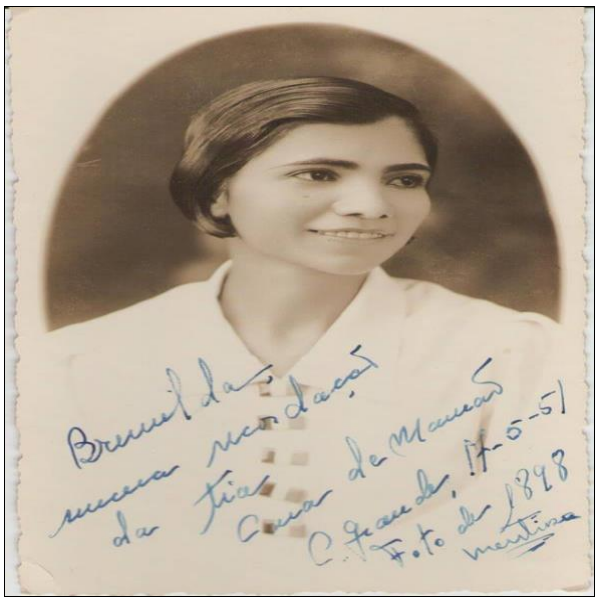
> Eu costumava, quando estava no Rio, telefonar todas as noites, após o jantar, ao Dr. Vespasiano, contando as ocorrências do dia. Uma vez, ele me disse: - "Parece que você quer me dar satisfação do que você faz aqui..." – Respondi: - Quero, porque alguém precisa saber que não estou passeando... Contei-lhe então o caso do SESI. (ENCISO, 1986, p. 98).

As ações como funcionária pública da Prefeitura Municipal de Campo Grande foram realizadas com uma firmeza moral, esforço e determinação, e também, atividades realizadas na relação entre liderança e subserviência. As condições históricas postas no período apresentavam poucas mulheres em funções de comando nos cargos públicos.

Na trajetória de funcionária pública, inserida no campo da política, conservou uma imagem de mulher simples, devota e generosa, porém com singularidades profissionais de organização, dedicação e capacidade de liderança nos cargos públicos assumidos.

A seguir, uma imagem de Oliva Enciso na Juventude.

Figura 6 - Fotografia de Oliva Enciso



Fonte: Acervo pessoal de Maria Inês Puga de Barcelos, 2018.

A fotografia traz a fotografia de Oliva Enciso na juventude. Observamos as características de sua fisionomia e estilo de vestuário, como um corte de cabelo curto e simples e roupas de cores claras, privilegiando a composição de saia longa e camisa. É importante notar que este estilo de vestimenta simples e completamente lisa está nas orientações do *Manual de devoção da Donzela Cristã no colégio e no lar*[45].

> A jovem que se deixa dominar pelo excessivo amor ao luxo e à ostentação, aos poucos torna-se superficial, egoísta, vazia de sentimentos nobres, avessa à prática da virtude, negligente nos deveres do próprio estado. Guarda-te, jovem cristã, desses defeitos, da vaidade e elegância afetadas. Traja-te, de acordo com tua posição social. Nos teus vestidos transpareça o bom gosto, evita, porém o exibicionismo nas atitudes e certas galanterias desusadas, com visíveis preocupações de te mostrardes elegante; inclina-te de preferência para a simplicidade: só assim agradarás a Deus e granjearás consideração dos homens sensatos. (BREMSCHEID, 1935, p. 37).

No manual é notória a transmissão de valores da fé cristã na formação de mulheres, uma estratégia de orientação dos modos de ser e estar no campo religioso, por meio de uma leitura engajada nos bens simbólicos de salvação.

> Os produtores culturais detêm um poder específico, o poder propriamente simbólico de fazer com que se veja e se acredite, de trazer à luz, ao estado explícito, objetivado, experiências mais ou menos confusas, fluidas, não formuladas, e até não formuláveis, do mundo natural e do mundo social, e, por essa via, de fazê-las existir. (BOURDIEU, 2004, p. 176).

Esses elementos foram predominantes nas imagens localizadas em jornais e revistas ao longo da trajetória de vida. Inferimos que tais elementos foram moldados nos modos de vida de uma agente oriunda da classe trabalhadora rural e nas marcas da formação do *habitus* religioso. Compõem vestígios de um enraizamento corporal marcado pelas aprendizagens da infância, ou seja, a *hexis* corporal caracterizada pelo gosto primordial de um mundo de origem e também dos condicionantes do campo religioso.

Para além das imagens construídas, percebe-se uma agente mulher atuante que, em suas ações práticas, alcançou destaque num espaço masculino, ou seja, alcançou estima e

[45] Em busca de um exemplar do manual em sites especializados em livros religiosos, foram localizadas duas versões disponibilizadas no site *Livros Católicas para Download*. A primeira, intitulada *Donzela cristã*, organizada pelo Padre Matias de Bremscheid, em 1935, e a segunda, o *Sursum Corda: manual de devoção da donzela cristã no colégio e no lar*, compilado pelas Irmãs Franciscanas, 9º edição do ano de 1946, não sendo possível inferir qual dos manuais fora lido por Oliva Enciso, principalmente porque não se teve acesso ao manual datado próximo ao ano em que ela indicou sua leitura.

tornou-se uma porta voz autorizada[46] no campo político local. A prefeitura era um espaço de trânsito de uma elite masculina, formada por homens socialmente reconhecidos na memorialística e na historiografia como os propulsores do desenvolvimento de Campo Grande e do sul de Mato Grosso. Homens como Eduardo Olimpo Machado, Demósthenes Martins, Vespasiano Barbosa Martins, Paulo Coelho Machado, entre outros, que ganharam destaque como "homens públicos", percursores na administração pública e participantes de uma "elite condutora"[47].

Oliva Enciso também foi precursora nesse espaço público, uma vez que, nas fontes de informações localizadas, observa-se que era a única mulher no período de 1940 e 1960 com cargo de chefia na prefeitura.

Perrot (2005) discute o silêncio da história de mulheres públicas, que saíram do espaço doméstico e atuaram na sociedade e lutaram por seu espaço no espaço do gênero masculino. Homens públicos são exaltados, as mulheres públicas são assinaladas e esse movimento é percebido no silêncio da trajetória profissional de Oliva Enciso na prefeitura.

Figura 7 - Visita de Vargas a Campo Grande, recepcionado por Oliva Enciso (1941)

Fonte: Datas e fatos históricos, 2018.
Disponível em: http://datasefatoshistoricos.blogspot.com. Acesso em: 10 jan. 2019.

[46] Segundo Bourdieu (2011a, p. 158), os porta-vozes são os representantes delegados que exprimem os interesses específicos e afinidades estruturais do campo, ligados aos representantes expressivos do grupo e dotados do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo.

[47] Bittar (2009, p. 203) definiu alguns políticos, agropecuaristas e sócios do IHGMS como participantes desse grupo por difundirem a ideia de que Campo Grande já ocupava a posição de centro político e econômico do sul de Mato Grosso. Eles enfatizaram os antagonismos entre Campo Grande e Cuiabá e reforçaram a imagem de que o desenvolvimento da cidade estava associado à pecuária, classe que se constituiu como a base desse grupo e que direcionou o progresso e a expansão da cidade. Todos os citados faziam parte do movimento de divisão do estado.

A imagem acima apresenta a recepção do Presidente Getúlio Vargas em Campo Grande no ano de 1941. Nessa imagem, percebe-se a posição de Oliva Enciso no campo político, uma representação de seu papel público-político regional, que começava a se delinear aos 32 anos de idade: uma mulher jovem entre muitos homens. Na acepção de Bourdieu (1996, p. 29), o efeito da trajetória é "[...] que o conduz ao futuro implicado em seu passado", ou seja, os efeitos simbólicos fundamentados pelas ações práticas no/do campo determinaram suas escolhas e tomadas de posições no campo político.

A história de Campo Grande, veiculada em livros didáticos[48] nas escolas públicas, não aponta a atuação de Oliva Enciso na cidade, tanto no campo educacional quanto no campo político, silenciando a sua participação na instrução pública, não somente a sua ação, mas também de outras professoras que fizeram parte da História da Educação.

Consideramos, na trajetória profissional de Oliva Enciso, que o cargo assumido de secretária lhe ofereceu a possibilidade de ampliação de sua rede de relações sociais. Em sua autobiografia, apresenta registros das viagens como representante da prefeitura, cujas informações foram localizadas nos periódicos *Jornal do Commercio* e *Estado de Mato Grosso.* Notas e notícias indicaram a realização de diversas viagens para cidades como Cuiabá, São Paulo e Belo Horizonte e também para a capital federal do Rio de Janeiro.

A seguir, demonstramos trechos de sua autobiografia e notícias localizadas da primeira viagem realizada para Cuiabá como representante política de Campo Grande. Em 1939, seu nome foi indicado pelo prefeito Eduardo Olímpio Machado[49] para viajar para Cuiabá, onde realizou o estágio de dois meses no Departamento Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[50].

> Em 1939, o Prefeito Dr. Eduardo Olímpio Machado me designou para ir a Cuiabá, para um estágio de 2 meses no Departamento Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - o IBGE, onde se reuniram os representantes de todos os munícipios mato-grossenses, para uma aprendizagem visando a organização e unificação dos serviços de Estatísticas no Estado, sob a direção do Sr. Eduardo José Gonçalves, vindo do Rio para esse fim. (ENCISO, 1986, p. 32).

[48] Nas escolas públicas de Campo Grande são utilizados nas disciplinas de história os livros: *História de Campo Grande* (2010), organizado por Adriana Luresse Teixeira Paiva; *História de Mato Grosso do Sul* (2011), organizado por Diana Valdez e Miriam Bianca do Amaral; e *História de Mato Grosso do Sul* (2008), organizado por Lori Alice Gressler.

[49] Pecuarista com descendência em uma família abastada do Nordeste. Ele cursou a Faculdade de Direito da Bahia e exerceu cargos públicos importantes no antigo Mato Grosso. Participou da criação da Liga Sul-Mato-Grossense, em 1932, com vista à luta pela divisão do estado de Mato Grosso. (BRITEZ, 2010).

[50] A partir de 1938, com a criação do órgão, foram elaborados diversos documentos sobre o território brasileiro na obtenção de conhecimentos e informações sobre o espaço geográfico para planejar e coordenar ações públicas, no atendimento da intenção do Governo de Getúlio Vargas para garantir a soberania nacional do país.

Esse prefeito foi um dos líderes políticos sulistas que defendeu a divisão do estado de Mato Grosso na Revolução Constitucionalista, em 1932, por meio da fundação da Liga Sul-Mato-Grossense. Em Cuiabá, Oliva Enciso, para além dos conhecimentos adquiridos sobre a estrutura dos serviços de estatísticas, ampliou as suas relações pessoais com famílias tradicionais do norte de Mato Grosso.

Em sua autobiografia e no livro *Palavras de Poesia* (2004), retratou a experiência na viagem e destacou que sua permanência na cidade foi noticiada em Diário Oficial, sendo hospedada na casa da família de Joaquim de Figueiredo e Margarida Figueiredo, família tradicional de Cuiabá. No período de estada, houve a participação no recital promovido pelo Grêmio Júlia Lopes, fundado por Maria Ponce de Arruda Müller[51], esposa de Júlio Strubing Müller[52], o primeiro interventor do estado de Mato Grosso, entre 1937 a 1945, durante o governo do Estado Novo de Getúlio Vargas. Ela, como agente social, foi uma educadora atuante e percussora de um forte movimento na década de 1930, em prol do voto feminino e fundou a primeira revista feminina de Mato Grosso intitulada *A Violeta: Orgam do Gremio Litterario "Julia Lopes"*[53]. No recital, Oliva Enciso manifesta que foi convidada especial e recitou algumas poesias.

> D. Maria Müller e suas companheiras do GREMIO JÚLIA LOPES promoveram um recital, na sede do Instituto Histórico, quando eu declamaria versos de minha autoria e ainda no programa estava a minha "Subindo do Rio Cuiabá", que seria declamada por uma jovem... [...] Declarei naquela noite, que não tinha nenhuma bagagem literária, que eu era de Corumbá, viera a serviço de Campo Grande e me achava, pela primeira vez em Cuiabá. Lí "No Rio Paraguai" e "Cidade Magnética" e um acróstico que fiz para Cuiabá.

No trecho acima, observamos as relações sociais estabelecidas por Oliva Enciso em Cuiabá, principalmente com Maria Ponce de Arruda Müller, uma representante das elites

[51] Professora, poetisa, escritora e membro da Academia Mato-Grossense de Letras. Era filha do coronel João Pedro de Arruda e Adelina Ponce de Arruda e neta de Generoso Ponce. Sua trajetória foi balizada como uma figura e personalidade relevante para a política, educação e literatura. Em 2002, no seu último ano de vida, o Ministério da Educação lhe concedeu a Ordem Nacional do Mérito Educativo como a mais antiga educadora do Brasil.

[52] Nasceu em Cuiabá, no dia 6 de janeiro de 1895, filho de Júlio Frederico Müller e de Rita Correia Müller. Membro de uma família de tradição na política mato-grossense.

[53] Revista publicada periodicamente entre os anos de 1918 a 1950. O Grêmio Júlia Lopes foi fundado em 26 de novembro de 1916 por algumas normalistas egressas da Escola Normal de Mato Grosso, entre elas Maria Müller.

políticas do norte apoiadoras do governo de Getúlio Vargas[54]. Notamos que a posse do capital cultural na posição tomada no campo literário como poetisa permitiu sua inserção e o seu trânsito entre os membros do grupo de reconhecimento no espaço social local.

A escrita poética foi para Oliva Enciso uma forma de externar seus pensamentos e sentimentos em relação ao mundo social vivido. Expomos a poesia *Cidade Magnética* e o acróstico recitados por ela no referido recital no Instituto Histórico de Mato Grosso.

> **Cidade Magnética**
> Caso estranho; tens pouca beleza natural
> A monotonia vive em teus horizontes
> Matas não tens, nem rios, nem fontes...
> Poeira, só poeira que irrita e faz mal...
> O que tens de notável afinal?
> Gosto porém de ti imensamente!
> Razão porque não pude descobrir...
> A beleza que me encanta, daqui está ausente...
> Nada! – mas dizem que atrais...
> Deves ser como essas moças feias
> Essas que quando entram em uma vida não a deixam mais! (ENCISO, 2004, 11).

Em seguida, o acróstico dedicado à cidade de Cuiabá.

> Cuiabá, cidade hospitaleira
> Uma joia antiga de ouro e de esmeralda
> Imortal na história brasileira!
> A seus pés o Cuiabá formoso passa
> Berço de heróis, cientistas, de poetas...
> A legítima glória de uma raça? (ENCISO, 1986, 168).

Nas duas citações, observamos a ação da agente na tentativa de demonstrar afinidade com o espaço social de interação. A escrita poética faz parte do sistema de produção e circulação dos bens simbólicos da estrutura social e tal disposição envolve um tipo determinado de tomadas de posição e não exclui também todo um repertório das tomadas de posição abstratamente possíveis. (BOURDIEU, 2011b, p. 160).

Oliva Enciso, naquele espaço, tinha o conhecimento de sua posição como representante de Campo Grande, cidade que apresentava os condicionantes de oposição à cidade de Cuiabá. Em nosso olhar, ela utilizou-se da estratégia de valorização simbólica de

[54] A família Müller ascendeu na condução do poder estadual após a Revolução Constitucionalista de 1932 e dos diversos conflitos entre os grupos de poder entre o norte e o sul. Eles mediaram uma conciliação nos conflitos advindos dos anseios pela divisão. Em 1934, os Müller, Mário Corrêa da Costa, Vespasiano Barbosa Martins, entre outros, fundaram o Partido Evolucionista-PE. (ARRUDA, 2019).

conciliação[55] para promover uma interlocução entre as duas cidades, ou seja, da escrita poética de não valorização de Campo Grande sobre a capital Cuiabá. Campo Grande fora representada como uma cidade sem os valores da modernização, contrapondo a sua posição apresentada no artigo da *Revista Folha da Serra*, de 1933, enquanto Cuiabá foi apresentada como portadora dos condicionantes históricos do progresso.

Nesse ponto, analisamos a relação entre as estruturas objetivas do campo, o *habitus* e as práticas. O campo de inserção transitório, os dias passados em Cuiabá, mobilizou as práticas do *habitus*, princípio gerador de estratégias, que tendeu a assegurar as aspirações subjetivas de oportunidades objetivas, uma vez que Campo Grande e seus representantes necessitavam do apoio dos representantes políticos de Cuiabá para assegurar condições econômicas e sociais. No final da década de 1930, a cidade estava em crescente urbanização, porém carecia de investimentos em diferentes campos sociais.

Figura 8 - Jardim Municipal na região central de Campo Grande (1935)

Fonte: ARCA, 2011.

A imagem acima apresenta aspectos da cidade de Campo Grande na década de 1930. Na imagem ao fundo o Jardim Municipal, atual Praça Ary Coelho, localizada na Avenida Afonso Pena, região central da cidade. A fotografia mostra aspectos urbanos caracterizados por um espaço condizente com as condições econômicas e sociais iniciais da urbanização, nas suas condições sócio-ocupacionais e de infraestrutura.

[55] Faz parte da lógica do campo político e visa conciliar os contrários, organiza-se na oposição entre amigos, aliados e/ou inimigos políticos, divulgando os valores distintivos para a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes. (BOURDIEU, 2011a, p. 12).

Ao retornar de Cuiabá, Oliva Enciso organizou e dirigiu a Agência Municipal de Estatística. Sobre sua atividade no departamento da prefeitura, localizamos informações no periódico *Estado de Mato Grosso*. A edição n. 176, de 04 de abril de 1940, apresenta o artigo intitulado *Campo Grande: uma cidade que não nasceu como as outras*, o qual expõe um panorama histórico da cidade no final da década de 1940, destacando os problemas de infraestrutura no planejamento urbano diante da crescente urbanização da cidade, tais como abastecimento de água, saneamento e calçamento das ruas. Todavia, lançou informações sobre o desenvolvimento nos campos educacional, social, econômico e político. Nessa edição, consta o seu nome como chefe da Divisão de Estatística de Campo Grande na gestão do prefeito Eduardo Olímpio Machado. Também faz parte o nome de Demósthenes Martins, como secretário da prefeitura, sucessor de Eduardo Olímpio Machado, no cargo de prefeito.

No início da década de 1940, vigorou o Estado Novo (1937-1946), que difundiu no estado o Regionalismo[56] e anulou a autonomia municipal[57]. Os Departamentos de Municipalidades permaneceram como centralizadores de poder nas receitas orçamentárias dos municípios. A receita municipal de Campo Grande foi reduzida e os decretos-lei de prefeitos deveriam ser aprovados pelo Departamento Administrativo do Estado. (ARRUDA, 2019).

Demósthenes Martins, no livro *Memórias: a poeira na jornada* (1980), apresenta sua trajetória pessoal, profissional e política, com destaque para sua atuação na vida pública como secretário da prefeitura e prefeito. A obra oferece elementos relevantes sobre o desenvolvimento de Campo Grande e do sul de Mato Grosso. Apresenta os problemas públicos enfrentados na cidade no período de urbanização, como o tráfego e o abastecimento de água.

> Deparei-me, entretanto, com outra situação administrativa atormentante – o abastecimento e racionamento de gêneros de consumo, impostos pela ampliação da guerra que desde 1939 ensanguentava grande parte do mundo. Envolvidos nela, a partir de 22 de agosto de 1942, a falta de vias de comunicações internas entre as diversas regiões constitutivas do país, as quais se mantinham desligadas como se fossem um arquipélago, agravava sobremaneira o problema de abastecimento às populações interioranas. Artigos essenciais ao povo, como açúcar, trigo, gasolina, querosene e sal, este também indispensável aos rebanhos bovinos de mais de 8.000.000 de cabeças, eram veementemente reclamados. E para chegar a Mato Grosso dependiam do transporte marítimo para trazê-los das fontes de produção até Santos, onde se transbordavam para a ferrovia que nos serve. (MARTINS, 1980, p. 135).

[56] Comportamento político característico do federalismo, em que os atores regionais aceitam a existência do Estado-Nação, mas buscam o favoritismo econômico (LOVE, 1993 *apud* ARRUDA, 2019, p. 18).
[57] Decreto-lei n. 1.022, de 08/04/1939, parcialmente alterado no decreto-lei n. 5.511, de 21/05/1943.

Na obra são expostas as condições de submissão política e o interesse dos cuiabanos no desenvolvimento econômico e comercial de Campo Grande que, naquele período, era eixo de distribuição de produtos com outros estados e municípios mato-grossenses e, por consequência, representava maior arrecadação de tributos de Mato Grosso.

No estudo de Gino Germani (1974), a estrutura social deve ser analisada em três níveis associados uns aos outros: o desenvolvimento econômico, o desenvolvimento político e a modernização social[58]. Apoiamos no conceito de urbanização como concentração urbana, ocorrida, muitas vezes, *a priori* da modernização. Termo que se refere ao processo em que determinada área se torna urbana pelo aumento populacional em virtude da intensa migração e do desenvolvimento econômico em dado momento histórico.

A modernização é o conceito entendido como construções sócio-históricas em mudança contínua com relações de interdependências. Um processo global decorrente de uma sequência de processos distintos relacionados a circunstâncias históricas em níveis nacional e internacional. A compreensão de modernização leva em consideração o desenvolvimento econômico e a modernização política e social, porém

> [...] a característica essencial que define a modernização não é o fato de mudança contínua, mas sua legitimidade em termos de expectativas institucionalizadas e atitudes internalizadas, assim como sua capacidade em originar e absorver tal mudança. (GERMANI, 1974, p. 22).

Uma sociedade moderna tende a ter uma característica distinta e permanente de incorporação de mecanismos adequados para originar e absorver um fluxo de mudança contínua. Ao mesmo tempo mantém, em grau adequado, a integração com o desenvolvimento econômico e a modernização política e social diante de uma transformação na estrutura social com a finalidade de autossustentação. Nesse contexto de transição entre as décadas de 1930 e

[58] O trabalho do sociólogo ítalo-alemão é tradicionalmente classificado como funcionalista. Em sua teoria é analisada a transição latino-americana para a modernidade com relações de interdependências entre economia, política e sociedade. O desenvolvimento econômico se define, em princípio, como uma transformação estrutural da economia e incorporado por um crescimento autossustentado permanente. O desenvolvimento político ancora-se na apreensão de três características principais: a organização racional do Estado, a capacidade de originar e absorver as mudanças estruturais e a participação política da população. Outra característica é a estabilidade na capacidade de promoção, orientação e absorção de mudança estrutural, sem que essa mudança altere o mínimo de integração necessária para o funcionamento do sistema social. E por fim, a modernização social é uma categoria residual, ilustrada de subprocessos que a compõem, tais como: mobilização social, urbanização e mudanças demográficas na estrutura familiar, na comunidade local e nacional, comunicações, sistema de estratificação, participação social e política, instituições sociais. E, por fim, a redução de diferenças das estruturas (demográficas, econômicas e socioculturais) entre estratos, grupos sociais rurais-urbanos e também a redução de diferenças da concentração de poder.

1940, Campo Grande apresentou crescente urbanização e desenvolvimento econômico, porém faltava-lhe a modernização política e social, entendida como organização política-administrativa, expansão dos serviços públicos e privados e ampliação de instituições de formação escolar e profissional.

Em sua autobiografia, Oliva Enciso expôs em diversas passagens as condições sociais e educacionais em que viviam a população pobre de Campo Grande e suas poesias também expressavam seus pensamentos em relação à cidade. No livro *Palavras de Poesia*, lemos o poema intitulado *Campo Grande,* com a indicação de data de 19 de abril de 1941, em que se destaca a fundação da cidade por José Antonio Pereira e o progresso da cidade.

> **Campo Grande**
> [...]
> O povoado cresce, é vila, é cidade...
> Na *senda do progresso*, não para de subir.
> Nela há energia, movimento, há vida!
> A prometer-lhe tudo um feliz porvir.
> E Campo Grande hoje desponta
> No vasto cenário nacional
> Com a beleza deslumbrante
> Do seu céu sempre azul
> *Como a linda e jovem capital*
> *Deste novo e futuroso Estado*
> *De MATO GROSSO DO SUL!*
> (ENCISO, 2004, p. 55, grifo nosso).

Na poesia, observamos as representações da agente sobre a modernização da cidade e na criação de Mato Grosso do Sul, cuja tomada de posição foi a mesma assumida por uma elite política intelectual, formada em faculdades tradicionais da região sudeste, como Eduardo Olímpio Machado e Arlindo de Andrade Gomes, formados em Direito em São Paulo, e Vespasiano Martins e Fernando Correa da Costa, em Medicina no Rio de Janeiro[59], e também pelos latifundiários do sul de Mato Grosso, como os Barbosa Martins, Coelho, Machado e Corrêa da Costa, pecuaristas concentrados em Campo Grande que "[...] conceberam, ao longo do tempo, o 'progresso' como elemento que distinguisse a cidade." (BITTAR, 2009, p. 204).

Oliva Enciso expõe sobre a urbanização da cidade e, nas palavras "senda do progresso", define que, para alcançar o progresso, o caminho é estreito. Observamos a

[59] Carlos Alexandre Barros Trubiliano (2015, p. 131) apresenta a discussão de que a formação urbana de Campo Grande, nos anos de 1920-1930, esteve associada ao avanço do bacharelismo no Brasil em virtude da formação de jovens de Mato Grosso nos grandes centros urbanos. Isto resultou na formação de uma nova geração de uma elite de "doutores" que revitalizou o modelo político, ou seja, o coronelismo regional, pois estavam dotados "[...] de uma capacidade maior de persuasão, em virtude do melhor domínio das palavras e de uma maior simpatia popular – fruto das interações sociais estabelecidas com as práticas profissionais."

apreensão de caminho estreito nas memórias escritas de Oliva Enciso, em sua luta para a criação e manutenção de instituições educativas e de assistência social.

Sob a ótica de urbanização e modernização de Gino Germani (1974), compreendemos o processo de transição de urbanização e modernização de Campo Grande entre as décadas de 1930 e 1940. A cidade tornou-se um campo territorializado, intensificado pela migração e pelo desenvolvimento econômico mobilizado pelo eixo comercial Campo Grande-São Paulo, condicionantes iniciais para uma modernização. Uma cidade em crescente urbanização e em transição para o desenvolvimento econômico e modernização política e social. Na década de 1940, houve um intenso movimento político no Brasil e também em Campo Grande e isso impulsionou a urbanização da cidade, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Comparativa do crescimento populacional (1920-1970)

Censo	1920	1930	1940	1950	1960	1970
MT	246.612	--	432.265	522.044	330.610	612.887
Cuiabá	33.678	--	54.394	56.204	57.860	103.427
Campo Grande	21.360	--	49.629	57.033	74.249	143.271

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920,1940, 1950, 1960 e 1970.

A Tabela 1 apresenta dados quantitativos dos números de habitantes de Campo Grande e Cuiabá entre as décadas de 1920 e 1970. Destaca o crescimento populacional de Campo Grande após a década de 1920. Aponta o resultado da projeção idealizada por Oliva Enciso nos seus escritos ao evidenciar que a posição geográfica da cidade, localizada na região central do sul do estado, se tornaria um dos fatores determinantes de urbanização.

Na década de 1950, o município de Campo Grande, com 57.033 habitantes, superou a capital Cuiabá, que possuía 56.204 no quantitativo populacional. Além das diferenças do quantitativo populacional, ampliou-se a arrecadação de tributos estaduais da região sul, cujas contribuições eram concentradas no poder político do norte do estado. A arrecadação tributária oferecia os condicionantes para autossustentação político-administrativa. (BITTAR, 2009; ARRUDA, 2019).

Neves (2001) destaca que a representação política do sul cresceu no período de 1947 a 1962 e se consolidou com superioridade nas eleições estaduais. Além do Poder Legislativo, houve a hegemonia política dos sulistas no Poder Executivo, sendo eleitos Arnaldo Estevão de Figueiredo, pelo partido PSD/Sul, em 1947, Fernando Correa da Costa, em 1950 e 1960, pelo partido UDN/Sul, e Pedro Pedrossian, pelo partido PSD/Sul em 1965.

Figura 9 - Vista parcial de Campo Grande. Ao centro, Avenida Afonso Pena (1950)

Fonte: ARCA, 2011.

A fotografia apresenta uma fotografia da região central da cidade de Campo Grande na década de 1950. Expõe o movimento de urbanização, configurado por um espaço social urbano-citadino em organização, ocupado por prédios e residências amplas, demonstrando o espaço social ocupado por grupos social e culturalmente diferenciados, grupos que se instalaram na cidade nos idos das décadas de 1930 e 1940. Foi nesse período que se instalaram na cidade os salesianos, militares, fazendeiros, intelectuais, comerciantes, entre outros, cujos agentes se tornaram mobilizadores do espaço social.

Segundo Araújo (2018), na década de 1970 a cidade de Campo Grande se apresentava como a capital política e econômica de Mato Grosso, responsável por 70,45% de arrecadação estadual e 66,22% de despesas de pessoal[60]. Os divisionistas defendiam a tese de que o estado possuía duas capitais, pois o sul apontava para uma autonomia política, não somente com resultados eleitorais, mas na representação em questões da política nacional.

Os estudos de Neves (2001), Bittar (2009), Araújo (2018), Arruda (2019), entre outros apresentam os aspectos da autonomia política do sul de Mato Grosso entre as décadas de 1960 a 1970. Nesse período, houve a ampliação da participação no Poder Legislativo e no Poder Executivo quando se destacaram políticos campo-grandenses, como os governadores Fernando Corrêa da Costa (1960-1964), da União Democrática Nacional (UND/Sul), Pedro

[60] CAMPOS, Frederico C. S. Considerações sobre a possível divisão territorial de Mato Grosso, Cuiabá: 1977.

Pedrossian (1965-1969), do Partido Social Progressista (PSD/Sul) e José Manuel Fontanillas Fragelli (1970-1974), do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA)[61].

Como exposto por Moro (2012), a territorialização da cidade, entre as décadas de 1930 e 1950, ocorreu por intermédio do mercado de trabalho – movimentado por atividades comerciais e agropecuárias – que mobilizou, na cidade, uma intensa migração de brasileiros e estrangeiros. Em seguida, entre as décadas de 1960 e 1970, houve o êxodo rural, provocando a ampliação dos problemas sociais de uma massa marginalizada da população que vivia na cidade e esta não mantinha as condições econômicas e sociais para suprir os problemas de pobreza material e de infraestrutura intensificados pelo aumento populacional. Para tanto, as fontes memorialísticas, o poder público e a imprensa jornalística criaram uma narrativa simbólica capaz de representar a cidade num patamar de civilidade e criaram ações de repreensão, julgando e criminalizando os cotidianos e os modos de vida desses sujeitos comuns.

Campo Grande, na condição de uma sociedade em transição para alcançar o patamar de modernização, necessitava conduzir-se pelo desenvolvimento econômico, ou seja, por um "efeito modernizador" na estrutura social por meio de uma reorientação, que poderia produzir ou não uma modernização política e social. Os condicionantes de modernização estariam

> [...] determinados pela inter-relação particular dos processos sociais e econômicos, isto é, pela configuração particular das características estruturais originadas no curso prévio da transição, e as "decisões" adotadas pelos atores sociais (indivíduos e grupos de posição chave). (GERMANI, 1974, p. 31).

Nesse sentido, a modernização seria alcançada pela inter-relação entre as configurações (internas e externas) e as decisões. As decisões apresentam-se como uma gama de opções presentes que predispõem as disposições dos agentes sociais na adoção de ações diante das configurações da estrutura social e política rumo à modernização.

Na perspectiva bourdieusiana, apreendemos a noção de modernização no estudo sobre o Estado, em que "[...] a gênese do Estado é inseparável de um processo de unificação dos diferentes campos sociais, econômico, cultural (ou escolar), político etc., que acompanha a constituição progressiva do monopólio estatal da violência física e *simbólica* legítima." (BOURDIEU, 2011b, p. 51). O Estado deriva da centralização de diversos tipos de capitais, como o econômico, o cultural (de informação), o simbólico e de instrumentos de coerção (de

[61] Fundado em 4 de abril de 1966, partido político predominantemente conservador. Criado após o Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, e do Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965.

força física). Muitas vezes a violência física não é exercida ou percebida, pois as intervenções financeiras e jurídicas concentram recursos materiais e simbólicos que dão a capacidade de regulação de diferentes campos.

Observamos no campo histórico de Campo Grande a ideia da luta pela autonomia, por meio da posse do capital político, pois o campo é um espaço de luta pela posse de um determinado capital, o qual é capaz de impor princípios de di-visão,

> [...] a sociedade é um espaço, no qual estão distribuídos os agentes de acordo com as suas posições nos vários campos, quer dizer, de acordo com o volume do seu capital global e da composição deste capital. Neste espaço podemos identificar regiões que são classes teóricas (prováveis), a cada uma destas regiões corresponde um *habitus* (idiossincrasias) criado por ela e seu identificador. Estes agentes, portadores de diferentes quantidades e qualidades de capital, lutam para imporem seus princípios de di-visão, ou seja, lutam (dentro do campo do poder) para possuírem o capital estatal que é o metacapital, e deste modo possuírem poder sobre os demais capitais e sobre as taxas de troca entre eles. (BENEDETTO, 1996, p. 264).

A sociedade se define como um sistema de relações no qual cada elemento traz uma contribuição para o todo, não existindo puras relações de força. “Nas próprias sociedades diferenciadas, toda uma série de mecanismos sociais tende a assegurar o ajustamento das disposições às posições, oferecendo por seu intermédio aos que deles se beneficiam uma experiência encantada (ou mistificada) do mundo social.” (BOURDIEU, 2001, p. 180).

Em síntese, a apresentação do campo histórico Campo Grande originou uma aproximação do tempo histórico vivido por Oliva Enciso. Entre os anos de 1930 e 1970, o espaço social foi permeado pelas lutas políticas entre o norte e o sul de Mato Grosso. Os agentes ou grupos de poder conceberam esse espaço como moderno, conforme a incorporação de uma visão e di-visão da realidade, assim como a incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Porém, a cidade era constituída por problemas de pobreza material e de infraestrutura, decorrentes da urbanização promovida pelo desenvolvimento econômico e pela intensa migração.

Oliva Enciso, por ter sido agente pública, teve sua trajetória de vida fortemente relacionada ao desenvolvimento econômico e político de Campo Grande. Numa visão subjetiva e objetiva pela modernização da cidade, protagonizou, por meio de iniciativas políticas e pessoais, a criação de diversas instituições sociais com a finalidade de dotar a cidade de movimento, de mudança e de condicionantes de modernização no campo educacional e de assistência social.

2.3 Os campos educacional e social no contexto de urbanização de Campo Grande

Este tópico tem por objetivo apresentar elementos da organização do campo educacional e de assistência social de Campo Grande. Tem como base as memórias escritas de Oliva Enciso, artigos em periódicos e documentos públicos, que são lidos à luz da teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

As narrativas de Oliva Enciso apontam elementos importantes. que contribuem para a História da Educação de Campo Grande na década de 1920. O primeiro, o papel desempenhado pelo Instituto Pestalozzi como a primeira instituição educativa a oferecer o ensino secundário em Campo Grande. O segundo, a atuação de professores leigos na educação primária, tendo em vista a falta de cursos de Ensino Normal no sul de Mato Grosso.

Sobre o Instituto Pestalozzi, destacamos o papel desempenhado no campo educacional de Campo Grande, já que foi a primeira instituição educativa no oferecimento de cursos da educação secundária estabelecida a partir da iniciativa de Arlindo Andrade Gomes e a Prefeitura Municipal de Campo Grande. Foi criado em Aquidauana e, em 1917, transferido para Campo Grande, recebendo, em 1927 a nova denominação de Gymnasio Municipal de Campo Grande após receber recursos da municipalidade[62]. Esteve entre os primeiros estabelecimentos do sul de Mato Grosso, equiparando-se ao Colégio Dom Pedro II, conforme Heloise Vargas de Andrade e Marcelo Pereira Rocha (2017, p. 1099):

> Em 1927, o Instituto Pestalozzi foi administrado pela iniciativa particular e pela municipalidade e passou a se chamar Gymnasio Municipal de Campo Grande, sendo equiparado ao Colégio Pedro II. Cabe lembrar que, nesse período, a equiparação, de acordo com a Reforma Rocha Vaz (Decreto nº 16.782, 1925), era privilégio dos estabelecimentos públicos, o que explica a parceria público/privado.

No ano 1930, a Missão Salesiana o adquiriu e passou a ser chamado de Ginásio Municipal Dom Bosco. Em 2014, observamos que o Instituto Pestalozzi, na década de 1920, foi o mobilizador do acesso de estudantes pobres aos cursos de ensino primário e ginasial,

[62] Resolução n. 124, de 10 de fevereiro de 1927. A denominação atendeu à Reforma Rocha Vaz, oficializada pelo Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925.

dado o investimento da municipalidade, que condicionou a obrigatoriedade do oferecimento do ensino gratuito para jovens pobres do sexo masculino[63].

O acesso à escolarização de Luiz Alexandre de Oliveira ocorreu entre os anos de 1919 a 1921 e o de Oliva Enciso entre os anos de 1926 a 1929. Ambos foram estudantes pobres e permaneceram na instituição como bolsistas[64]. Luiz Alexandre de Oliveira exerceu a função de vigilante e, em seguida, no acesso ao curso ginasial, exerceu a função de professor no ensino primário, cuja função também foi desempenhada por Oliva Enciso. Ele era um jovem negro, pobre, filho de lavadeira e com deficiência visual, não tinha as posses dos capitais necessários para o acesso à escolarização secundária.

Amaya (2018, p. 63), no estudo da trajetória biográfica do professor, observou aspectos de sua origem e escolarização e destacou: "Os obstáculos foram superados por meio da obtenção de capitais escolares, que possibilitaram o acesso a diferentes campos e, assim, a ascensão social e econômica do agente." Esses capitais foram mobilizados no acesso à escolarização no Instituto Pestalozzi, e também pelas relações sociais mantidas com imigrantes japoneses.

Ao perscrutar sobre a trajetória de escolarização de Oliva Enciso, localizamos informações do Instituto Pestalozzi entre os anos de 1925 a 1930 nos periódicos *Jornal do Commercio* e *Correio do Sul*, jornais com ampla circulação em Mato Grosso.

Nesse período, João Tessitore Júnior[65] atuou como professor, diretor e proprietário. Ele formou-se na Escola Normal Caetano de Campos[66] e chegou a Campo Grande após ver uma notícia num jornal de São Paulo sobre a contratação de professores para atuar na instituição. Em Campo Grande, empreendeu a modernização do ensino na instituição e a

[63] Resolução n. 116, de 05 de julho de 1917, que determinou a "subvenção anual" por dois anos ao Instituto Pestalozzi instalado em Aquidauana e em Campo Grande. Teve como condição atender às leis e normas postas às instituições particulares e submeter-se à fiscalização da autoridade municipal. A resolução, nos artigos 1º e 4º, determinou que a escola mantivesse os cursos primário e secundário gratuitos para jovens do sexo masculino que não tinham condições financeiras, durante o período que receberam as verbas da prefeitura.

[64] A compreensão de bolsista parte da situação vivenciada por ambos os estudantes pobres, que frequentaram a instituição privada de forma gratuita; em contrapartida, trabalharam como funcionários da instituição.

[65] Natural de São Paulo, seu pai João Tessitore era italiano e sua mãe Rosa Weire Tessitore era suíça, era o sexto de oito filhos do casal. Sua família migrou de Nápoles – Itália para São Paulo, em seguida para a cidade de São Carlos. Na cidade realizou sua trajetória de escolarização primária e ginasial e ingressou na Escola Normal de São Carlos, porém não concluiu os estudos. De volta com a família para São Paulo, ingressou na Escola Normal Caetano de Campos e concluiu no ano de 1918.

[66] A Escola Normal Caetano de Campos foi referência no País na formação de professores no início do século XX. Foi a primeira Escola Normal da Capital e ficou conhecida como Escola Normal Caetano de Campos, em homenagem ao diretor Antônio Caetano de Campos, o qual traçou os planos para a reforma do ensino paulista com base no ideias de Pestalozzi sobre os processos intuitivos de ensino. A escola converteu-se em escola-modelo e, em seguida, o modelo de ensino foi ampliado para o ensino público do Estado pela Lei n. 88, de 08/09/1892, alterada pela Lei n. 169 de 07/08/1893, baseada nas ideias das elites republicanas. A escola normal recebeu também as nomenclaturas de Escola Normal da Capital e da Praça da República (TANURI, 2000).

parceria com o poder público municipal para a equiparação ao Colégio Pedro II. A trajetória do professor coincidiu com outras trajetórias de professores formados na instituição paulista.

Teive (2014) apresenta a trajetória do professor João Santos Areão, formado pela Escola Normal de São Paulo em 1910. Ele foi convidado a lecionar no interior de Santa Catarina, onde exerceu diferentes funções até a década de 1950, sendo considerado um bandeirante paulista no ensino catarinense. O "bandeirismo paulista do ensino" é compreendido como a ação de professores paulistas em lecionar nos interiores longínquos dos grandes centros e está relacionado com a reforma do sistema de ensino público de São Paulo empreendido em 1881. Souza (2011, p. 138) definiu a ação paulista na instrução como:

> [...] uma obra de notáveis educadores que, trabalhando na reforma da instrução pública em vários estados brasileiros, disseminaram a modernização educacional pondo em destaque a influência dos métodos de ensino propagados por São Paulo e a excelência de suas instituições modelares.

Observamos esse movimento educacional tanto na trajetória do professor João Tessitore quanto na instrução pública de Mato Grosso na primeira metade do século XX. Souza (2011) destacou a atuação dos professores Leowigildo Martins de Mello e Gustavo Kuhlmann, ambos contratados por Pedro Celestino para reorganizarem a educação no estado.

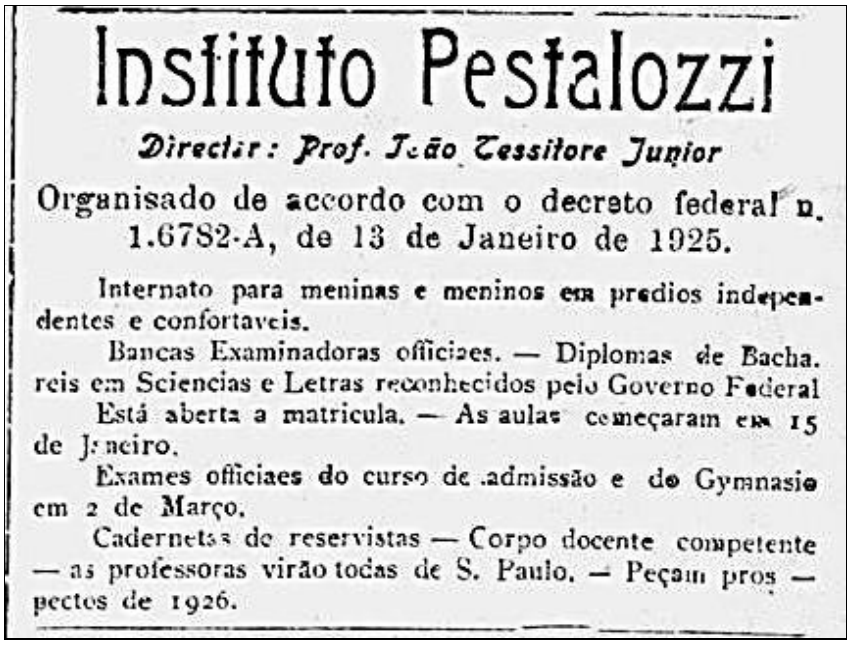
Segundo Oliveira e Gonçalves (2010), a educação de Mato Grosso recebeu a influência direta da reforma paulista, já que o modelo de escola primária republicana implantada no final do século XIX no estado de São Paulo ampliou-se para outros estados da federação na primeira metade do século XX.

> Os administradores estaduais da educação pública, seguindo as políticas nacionais adotadas na área educacional, buscavam por meio da difusão da escola pública primária superar os problemas existentes no estado, de modo específico relacionados ao analfabetismo da população. (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2010, p. 80).

Oliveira e Gonçalves (2010) ao apresentar a situação da escola primária em Mato Grosso e do Grupo Escolar Joaquim Murtinho em Campo Grande, destacaram a atuação de professores de São Paulo na Reforma da Instrução Pública Primária (1910), na elaboração de regulamentos e de documentos educacionais e na atuação de professores nas escolas primárias. Todavia, expôs a falta de professores sem formação adequada para trabalhar com o método intuitivo, falta de estrutura física e material.

Professores formados pela Escola Normal de São Paulo se espalharam por diferentes regiões do País e difundiram a modernização do sistema de ensino. João Tessitore Júnior foi um entre esses professores e exerceu influência na educação local, na difusão da Pedagogia Moderna, ou seja, a prática de ensino no Método Intuitivo e das Lições das Coisas, dada à formação recebida pela instituição.

Figura 10 - Propaganda do Instituto Pestalozzi (1926)



Instituto Pestalozzi

Director: Prof. João Tessitore Junior

Organisado de accordo com o decreto federal n. 1.6782-A, de 13 de Janeiro de 1925.

Internato para meninas e meninos em predios independentes e confortaveis.

Bancas Examinadoras officiaes. — Diplomas de Bacharéis em Sciencias e Letras reconhecidos pelo Governo Federal

Está aberta a matricula. — As aulas começaram em 15 de Janeiro.

Exames officiaes do curso de admissão e do Gymnasio em 2 de Março.

Cadernetas de reservistas — Corpo docente competente — as professoras virão todas de S. Paulo. — Peçam prospectos de 1926.

Fonte: Gazeta do Commercio, Ano 6, n. 418, de 11 de julho de 1926.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 05 out. 2018.

Na Figura 10, observamos que a instituição anunciava os níveis e modalidades de ensino oferecidos com o internato masculino e feminino, tendo como propaganda a formação militar e o fato de contar com professores vindos de São Paulo. Isto demonstra o interesse na formação pedagógica oferecida pelos professores oriundos do ensino paulista.

Localizamos notícias no periódico *Correio do Sul*, edições n. 646, de 12 de abril de 1925 e n. 648 de 19 de abril de 1925, informando a viagem do vice-diretor Bartholomeu Lopes dos Santos para São Paulo, com a finalidade de recrutar professores habilitados para o ensino primário. Houve interesse da instituição em trazer professores formados em São Paulo para Campo Grande, porém as trajetórias de Oliva Enciso e Luiz Alexandre de Oliveira apontam que a instituição não alcançou esse empenho.

A escola manteve no quadro docente professores leigos e outros profissionais aperfeiçoados em outras áreas, sem formação para a docência, como advogados, engenheiros e militares. Esses profissionais atuaram na instituição diante da configuração do campo

histórico na década de 1920 e muitos deles trabalharam nas obras de infraestrutura da cidade e da ferrovia. Os militares fizeram parte do quadro de professores do Instituto Pestalozzi, pois a escola era uma das únicas que fornecia a caderneta de reservista e o curso para cabos, sargentos e oficiais de 2º linha da região.

As fontes indicam a participação dos militares na formação educacional de Campo Grande, porém não alcançamos uma compreensão sobre essa influência. Surge aqui novas indagações para estudos posteriores, a saber: Qual foi a interferência direta dos engenheiros e militares na formação educacional de Campo Grande? Em quais instituições engenheiros e militares atuaram?

A situação da atuação de professores leigos em instituições foi anunciada no Relatório de D. Francisco de Aquino Corrêa à Assembleia Legislativa de Mato Grosso, em 7 de setembro de 1920.

> Entretanto, a não ser nesta Capital, quão longe ainda estamos de ter convenientemente aparelhada a nossa organização escolar! Nem são pequenas as dificuldades que se nos antolham, e podem talvez resumir-se nas seguintes: extensão enorme do território do Estado, população muito disseminada, escassez de meios fáceis de comunicação, falta de pessoal habilitado e disposto a sujeitar-se, com módicos vencimentos, à vida do interior, insuficiência da receita pública, pouco ou nenhum concurso da parte dos municípios e, finalmente, fiscalização quase nula. (CORRÊA, 1920, p. 31).

Observamos, no relatório apresentado em 1920, que a atuação de professores leigos era comum devido à formação concentrada em Cuiabá, porém os professores formados não atendiam à demanda de uma população distribuída no vasto território mato-grossense. Muitos docentes habilitados não tinham interesses de atuarem nas cidades interioranas com baixos vencimentos.

Campo Grande, na década de 1920, era considerada uma cidade longínqua e pouco civilizada, por isso não atraiu professores formados na capital paulista. No período, parte dos habilitados que exerceram o magistério na cidade foram as normalistas recém-formadas em Cuiabá, como exemplo Maria Constança de Barros Machado.

Daniela Felisberto da Silva (2015), no estudo da trajetória de Maria Constança Barros Machado, destacou que, em 1917, a professora recém-formada pela Escola Normal Pedro Celestino decidiu iniciar a profissão em Campo Grande, contrariando os anseios da família. Após a posse pelo inspetor de ensino primário, Arlindo de Andrade, assumiu a primeira escola pública isolada do sexo feminino. Em 1922, após a inauguração do Grupo

Escolar Joaquim Murtinho, assumiu a docência na instituição e atuou durante décadas em diferentes disciplinas.

Gilberto Abreu de Oliveira (2014, p. 72) apontou que a escolha da professora pelo magistério configurou-se como uma saída para o espaço público e isso deixou marcas profissionais na sua trajetória, como destacou: "Maria Constança é dessa geração de mulheres que percebiam no magistério uma maneira de ganhar seu próprio dinheiro e ser financeiramente independente."

No entrelace da trajetória de Oliva Enciso e Maria Constança de Barros Machado, notamos o magistério como uma estratégia simbólica de inserção social: a primeira, utilizada conscientemente para a manutenção dos seus estudos no secundário, e a segunda, utilizada conscientemente para uma liberdade pessoal. Ambas as professoras mantiveram uma rotina de trabalho e dedicação ao campo educacional de Campo Grande e do sul de Mato Grosso.

Em meados da década de 1920, conforme o Relatório de D. Francisco de Aquino Corrêa à Assembleia Legislativa de Mato Grosso, em 7 de setembro de 1920, a instrução pública esteve concentrada em grupos escolares e escolas isoladas para o ensino primário em várias localidades do estado. Porém, os grupos escolares existiam apenas em localidade do norte do estado (2 na Capital, 1 em Poconé, 1 em Rosário Oeste e 1 em São Luís de Cáceres) e em 20 escolas isoladas em igual quantidade em localidades do norte e sul.

O ensino secundário era concentrado em Cuiabá, no Liceu Cuiabano, criado em 1879, e na Escola Normal Pedro Celestino, inaugurada em 1910 e responsável pela formação de professores para atuar no ensino primário em todo o estado[67].

Nesse contexto, notamos que a atuação de professores leigos na instituição se deu pela falta de docentes habilitados[68], principalmente porque em Campo Grande e no sul de Mato Grosso não havia nenhuma instituição destinada à formação de professores. Apenas em 1927 foi aberto a Escola Normal Municipal de Campo Grande de iniciativa privada, com subvenção da municipalidade, a qual funcionou até o ano de 1930, no Gymnasio Municipal de

[67] CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Mensagem à Assembleia Legislativa de 1920*. Arquivo Público de Mato Grosso, Livro 59, p. 31 a 40.

[68] Leonor Maria Tanuri (2000) aponta que a história da educação sofreu dificuldades em vista à falta de docentes especializados do início do século XX. Na primeira metade da Primeira República, os ensinos primário e normal eram uma atividade normativa e financiada pelo Governo Federal. Na ausência da participação federal, houve avanços e os estados e municípios tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento da formação de professores, mas, sem estrutura adequada para atender a legislação nacional, muitos estados e municípios deixaram a formação de professores a cargo da iniciativa privada. Lúcia Müller (1999) destacou que a legitimação do ofício de professor era feita pelo "reconhecimento" e "sanção social" dos letrados, profissionais formados em outras áreas. Eram apenas exigidos os diplomas dos cursos regulares, sem a comprovação legal dos cursos normais.

Campo Grande. Em 1931, foi inaugurada a Escola Normal Joaquim Murtinho, abrindo a formação pública de professores no sul de Mato Grosso.

Rosa (2012) apresenta o relato de Oliva Enciso sobre a situação de professores leigos, que se manteve ainda na década posterior em Campo Grande.

> Era uma época de carência de professores, então aceitávamos para lecionar pessoas que tinham o diploma de didática viva, do saber adquirido pelo autoconhecimento. Como por exemplo, cito uma professora de Terenos, Dona Elvira Matias, que não era normalista, mas foi uma das melhores educadoras que tivemos. Quando ela morreu, os alunos foram cantando o hino nacional, segurando o caixão coberto com a bandeira do Brasil. (ROSA, 2012, p. 111).

A atuação de professores leigos foi uma situação constante na História da Educação da parte sul do antigo Mato Grosso, na primeira metade no século XX. Diante da falta de professores habilitados, o Governo Estadual, no Relatório de Instrução Pública de 1931, permitiu "[...] nomear professores interinos para as escolas rurais" e a permissão de "[...] leigos a inscrição ao concurso, em falta de professores diplomados, para preenchimento efetivo das escolas rurais." (MATO GROSSO, 1931, p. 12).

O Relatório de Instrução Pública de 1939 destacou ainda a falta de professores habilitados e o projeto de substituição dos professores leigos, com "[...] exceção feita de algumas escolas rurais, cujo afastamento dos centros de população, torna difícil o seu preenchimento por normalistas, o que, não obstante, se fará pouco a pouco, aproveitando-se, para tanto, cada oportunidade que se oferecer" (MATO GROSSO, 1939, p. 09).

As fontes reunidas nos periódicos apontam a representação do Gymnasio Municipal de Campo Grande na sociedade como uma instituição juridicamente instituída, reconhecida socialmente e promotora do capital escolar objetivado pela mobilização da posse de capitais escolar, social e simbólico.

> Este nosso modelar estabelecimento de ensino, acaba de conquistar uma victoria de destaque entre os estabelecimentos de Estado. Nos recentes exames vestibulares de mathematica para admissão na Escola Militar do Rio inscreveram-se 18 candidatos de Mato Grosso, dos quais apenas 2 conseguiram admissão no Exame de Aritmética, sendo ambos ex-allunos do nosso Gymnasio Municipal, e são eles: Appolonio de Carvalho Pinto e João Sindou, que foram da última turma de bacharelandos de 1929. Nossos parabéns calorosos ao nosso amigo João Tessitore Júnior, ilustre diretor do Gymnasio. (JORNAL DO COMMERCIO, 1930, p. 01).

A notícia destaca o reconhecimento da distinção do capital escolar objetivado mobilizado pelo Gymnasio. A instituição funcionou como um modelo de educação de

qualidade e difundiu a representação de distinção, por meio da promoção de festas, acontecimentos cívicos e militares, na divulgação de discursos e êxitos dos estudantes nos exames realizados pela instituição.

Stella Sanches de Oliveira (2014) destacou que, em Corumbá e Campo Grande, o modelo escolar do curso ginasial normatizado pela legislação brasileira iniciou no sul do antigo Mato Grosso, após os anos de 1930.

> As iniciativas executadas de ensino secundário enquanto etapa pós-primária com objetivo de acessar o ensino superior, em Corumbá e em Campo Grande, na década de 1910, não podem ser consideradas como surgimento dos cursos ginasiais nos moldes daqueles que seriam construídos ulteriormente, com um espaço, sujeitos escolares e um conjunto de práticas, burocracias e rotinas, conformando uma cultura escolar. As mudanças na organização do curso ginasial, como introdução e adoção de um programa definido por lei, inserção de disciplinas escolares no currículo, seriação e aplicação de exames de admissão podem ser percebidas com maior nitidez nas instituições escolares de Corumbá e Campo Grande a partir da primeira metade da década de 1930. (OLIVEIRA, 2014, p. 247).

Ao compreender a trajetória educacional de Oliva Enciso no Gymnasio Municipal de Campo Grande, notamos que, após o ano de 1925, o diretor João Tessitore Júnior buscou a organização escolar posta para atender as legislações do ensino secundário do período, pelo interesse de alcançar êxito no processo de equiparação ao Colégio Pedro II. Demonstra elementos do interesse da instituição em trazer para Campo Grande o modelo educacional de São Paulo e a integração social na participação de militares no ensino e em atividades públicas.

O Instituto Pestalozzi, no período que antecedeu a transferência para a Missão Salesiana de Mato Grosso[69], em 1930, além de oferecer o acesso a estudantes pobres da cidade, possibilitou o acesso feminino à escolarização secundária.

[69] Congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada em 1859, por São João Bosco, e aprovada em 1874 pelo Papa Pio IX. Adilson Francisco (2010) expõe a atuação educacional da em Mato Grosso, no ano de 1894 a Missão iniciou o trabalho educativo com a fundação do Colégio São Gonçalo em Cuiabá. Em 1895, as recém-chegadas Filhas de Maria Auxiliadora assumem o trabalho missionário na Colônia Teresa Cristina/MT. As instituições salesianas foram difundidas rapidamente, como: a Escola Agrícola de Santo Antônio no Coxipó (1897), o Colégio Santa Teresa em Corumbá (1899), a Escola Primária da Colônia Indígena Sagrado Coração de Jesus (1901), A Colônia Imaculada Conceição (1903), a Colônia de São José de Sangradouro (1907) e, em 1915, m externato para meninos em Registro do Araguaia.

Tabela 2 - Quantitativa de exames realizados do Gymnasio Municipal de Campo Grande - 1927 a 1929

Gênero / Ginasial-1927	Masculino	Feminino	Total
Exames parcelados	05	00	05
Seriado 3º ano	08	05	13
Aritmética Preparatórios	09	02	11
Seriado final	08	01	09
Geometria parcelado	02	00	02
Total	**32**	**08**	**40**
Exame de admissão – Janeiro/1928	32	11	42
Curso seriado 1º ano – Dezembro/1928	16	03	19
Exame de promoção 1º ao 2º – 1929	27	09	36
Total	**75**	**23**	**97**

Fonte: Jornal do Commercio (1928; 1929).
Organização: Britez, 2020.

A Tabela 2 foi composta com base em informações localizadas em notas dos resultados dos exames realizados do Gymnasio Municipal de Campo Grande e divulgados em diferentes edições do *Jornal do Commercio*. As notícias apresentam os nomes dos estudantes e os resultados obtidos nas avaliações. Ao analisar os nomes dos estudantes, notamos que os alunos, em sua maioria, eram herdeiros de famílias de fazendeiros e políticos do sul de Mato Grosso. São exemplos das famílias: Leite de Barros, Figueiredo, Corrêa, Coelho Machado, Villasboas, Derzi, Menna, entre outros. Os dados revelam a inserção feminina no curso ginasial no final da década de 1920, embora em menor número que o gênero masculino, o Instituto Pestalozzi foi pioneiro em oportunizar o acesso de mulheres à educação secundária em Campo Grande.

Outro ponto de análise é o que observamos no quantitativo de 42 estudantes que realizaram o exame de admissão em janeiro de 1928 e, no fim do ano, a quantidade caiu para 19 estudantes que realizaram o exame final do 1º ano, demostrando indícios de um processo de seleção de acesso e/ou permanência no curso ginasial do Instituto Pestalozzi.

Dos dados acima emergem algumas questões para pesquisas futuras, tais como: Qual o papel do Instituto Pestalozzi na formação feminina em Campo Grande? A instituição foi juridicamente instituída e reconhecida socialmente, mas quais eram os capitais objetivados mobilizados pela instituição e os mecanismos de seleção que promoviam a distinção? Essas questões, porém, não serão abordadas, visto que a pesquisa trata das contribuições de Oliva Enciso à História da Educação, entre os anos de 1930 e 1970. O percurso apresentado torna-se

relevante pela atuação da agente na instituição e apresenta elementos da educação em Campo Grande, no início do século XX.

Sobre o campo educacional na década de 1930, no cargo de amanuense datilografa, Enciso publicou um artigo na revista *Folha da Serra*, em 1933, no qual há alguns elementos da organização das instituições escolares em Campo Grande.

> Instrução em Campo Grande - Oliva Enciso - (da Secretaria Prefeitura Municipal) - Evoluir da instrução em Campo Grande é tão acentuado como o seu desenvolvimento sob o ponto de vista material, e talvez a maior. Aqui se estuda esse trabalha. O grau de civilização de um povo, e a realidade ou a firma, na razão direta da cultura, sob o tríplice aspecto - físico intelectual e moral de cada indivíduo. Resultante destas três forças é o índice do seu caráter. Baseando-nos nisso, imaginar o que virá a ser, futuro não remoto, florescente e jovem do Sul, justamente chamada a Pérola de Mato Grosso, no longínquo e fértil Planalto de Maracaju. Enquanto nos cascalhos úmidos dos formosos rios mato-grossenses, havido o garimpeiro procura a pedra preciosa da fortuna material, nas salas de aula, claras e saudáveis, a infância e a mocidade campo-grandenses, promissoras e fortes, ensinam os professores as ciências, lapidando o "diamante bruto que Deus colocou no cérebro humano", a pedra da fortuna imaterial, imperecível e de valor incomparável. Sabemos que o meio influi na atividade de um povo - é o determinismo geográfico a que se submetem cegamente as nações incultas; no entanto, pela ciência o homem pode libertar-se dessa mesma influência e agir inteligentemente. E aqui assistimos o desenvolver de proveitosas iniciativas. Imaginemos o que era esta cidade em 1910, atravez das linhas com que a descreveu o Dr. Temistocles Brasil: "A vila de Campo Grande apresenta o aspecto dos pequenos povoados em formação. Casas esparsas, deixando entre si grandes intervalos, semeiam o branco das suas pinturas e o vermelho dos telhados no verde escuro da vegetação, dando ao conjunto uma aparência agradável". Esse pequeno povoado de aparência agradável cresceu natural e rapidamente, semelhante ás pequeninas plantas que em solo fértil vemos germinar, crescer, produzindo flores perfumadas, de matizes vários e frutos cheios de viço e propriedades nutritivas. É o rebento novo, rico de seiva e de vida, que no tronco deste Mato Grosso, e grande surge a luz do sol causando admiração aqueles que conhecem a história a sua origem simples e pitoresca, devida á fantasia de um mineiro audaz de alma sertaneja, aventureira e forte da nossa gente. E a Campo Grande de hoje, em que se transformou, firme na senda do progresso: porque o fator primordial - a educação do povo - vai na frente, abrindo e aplainando o caminho por onde deve passar. Vejamos, resumidamente, como surgiram o que são hoje os estabelecimentos de ensino. Em 1917, fundava o Dr. Arlindo de Lima nesta cidade o Instituto Pestalozzi, atualmente, GINÁSIO MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Assume, em 1925, a sua direção o professor João Tessitore Jr., que o reorganiza completamente, com a sua dedicação e competência. Em 1926, presidindo as bancas examinadoras, nomeado pelo Departamento Nacional de Ensino, aqui chegava o Dr. Cecil Thiré, ilustre prof. de matemática do Colégio Pedro II, que relatava mais tarde: "A impressão que trouxe do Instituto Pestalozzi é favorável no seu complexo, a elevada porcentagem de aprovação nos exames, 94% aproximadamente, autoriza a afirmar que os professores do estabelecimento deram cumprimento integral e conciensioso dos programas das respectivas

> disciplinas. - Na direção do estabelecimento esta um patrício esforçado que empenha toda a sua capacidade de educador, competente para difundir o ensino em meio acanhado onde poucos são os que cuidam das coisas da instrução". Em março de 1927 é o Ginásio equiparado ao Colégio Pedro II, sendo então nomeado inspector Federal o Dr. Jaime Ferreira de Vasconcelos. Em 1930, a direção é passada aos padres Salesianos. Quem hoje visita o Ginásio Municipal de Campo Grande não pôde deixar de reconhecer que é um estabelecimento modelar de ensino, tendo como Diretor Padre Dr. Carmelo Casteli, cujo espírito religioso e culto procura elevar cada vez mais alto o bom nome dessa casa de Educação, donde várias turmas de bacharelandos já saíram, levando consigo as armas que vencem na luta pela vida - inteligência curta e moral sadia. Tem presentemente 362 alunos, sendo 32 o número dos que neste ano terminam o curso ginasial. É seu Inspetor Federal o Sr. Alvino Corrêa da Costa. Em fevereiro de 1926, instalava-se á rua 26 de Agosto, em prédio antigo e sem conforto o Colégio N. S. Auxiliadora, fundado pelas religiosas Filhas de Maria, as Irmãs Salesianas. E o que é atualmente este Colégio é inútil descrever. Os seus pavilhões imponentes, construídos em terreno elevado, donde se descortina um horizonte vasto, com todas as instalações modernas prescritas pelo atual critério pedagógico - salas claras e arejadas, completos gabinetes de Fisica, Química e História Natural, amplos e higiênicos dormitórios, pátios grandes onde se processa a cultura física, pela ginástica rítmica e variados jogos - e uma capela artística, lá estão para quem os que quizer visitar. [...]E assim, numa totalidade de 2.680 estudantes, a esperançosa juventude campograndense, guiada pela luz refulgente da ciência, vae concorrendo para a realisação do grande ideal dos filhos desta magestosa Nação sul-americana - colocar o Brasil no quadro dos primeiros e mais cultos paízes do mundo. Ciência - a grande imperatriz da orbe, é quem nos ensina a sentir, na leitura do imenso livro do universo, a harmonia incomparável que existe na magestade sublime das coisas da Narureza, reflexo da onipotência, da sabedoria infinita de um ser Supremo - Deus. (ENCISO, 1933, p.19).

O artigo apresenta um esboço do panorama das instituições escolares públicas e privadas e o quantitativo de matrículas nos estabelecimentos de ensino existentes[70]. Há destaque para o movimento da iniciativa privada em estabelecimentos de ensino. No ensino primário as escolas: Propedêutica, Externato São José, Antônio João, Patronato Barão do Rio Branco, Escola Ativa Visconde de Taunay e Escola Visconde Cairu (1924), sendo que essa última atendia os descendentes de japoneses. No primário e secundário: Ginásio Municipal de Campo Grande (1930) e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1926), ambas confessionais, e o Internato Osvaldo Cruz (1927), uma vez que havia apenas o Grupo Escolar Joaquim Murtinho e a Escola Normal de caráter público, e outras escolas primárias mantidas pelo Governo.

As instituições privadas concentravam o maior número de estudantes e modificaram o acesso feminino aos níveis secundário e profissional, além de manterem o monopólio da

[70] Esse artigo foi utilizado como fonte de pesquisa sobre a educação em Campo Grande e o quadro de instituições escolares foi complementado com outras informações no estudo sobre a representação da educação secundária. (BRITEZ, 2014).

educação secundária com o formato público-estatal, com investimentos públicos para a manutenção das instituições.

Ao realizar a leitura do artigo, torna-se perceptível o olhar sobre a cidade e a valorização da ciência para alcançar o ideal de sociedade culta, numa tentativa de representação da mobilização social, ou seja, o investimento na educação como um mecanismo de uma estrutura futura de modernização (GERMANI, 1974).

Oliva Enciso também retomou os papéis de educadores de sua época no processo de desenvolvimento educacional, tais como: a atuação inicial de Arlindo de Andrade Lima no Instituto Pestalozzi, de João Tessitore Júnior como diretor do Ginásio Municipal de Campo Grande, de Múcio Teixeira Júnior no Grupo Escolar Joaquim Murtinho, da Irmã Ernestina Terzi no Colégio Auxiliadora, do Pe. Carmelo Casteli no Ginásio Municipal Dom Bosco, de Simpliciana Corrêa no Externato São José, entre outros educadores, que dirigiam e ampliaram as instituições escolares, contribuindo para a História da Educação de Campo Grande.

No artigo foi destacado que somente a metade dos estudantes concluintes do ensino secundário acessariam os cursos superiores, já que, o ensino superior era privilégio das classes abastadas, que tinham condições econômicas de manterem os filhos estudantes nas faculdades dos grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras cidades. No artigo, Enciso apresentou a criação e funcionamento da Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia, a primeira iniciativa de educadores no desenvolvimento do ensino superior no sul do antigo Mato Grosso.

Figura 11 - Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia (1933)

Fonte: Folha da Serra, 1933.

A Figura 11 registra uma fotografia do fragmento da história das instituições de ensino superior de Campo Grande, traz a primeira faculdade de Campo Grande.

Para Diana Gonçalves Vidal e Rachel Duarte Abdala (2005, p. 178) o uso da fotografia na história da educação é tido como um *dom* que permite visualizar os registros da história.

> [...] a foto não esgota sua utilidade ou função pela simples contemplação estética. [...] Exceto em algumas fotos artísticas, o que prende nossa atenção à imagem não é apenas a apreciação ao belo, mas a possibilidade de reconhecer/conhecer o real. Vemo-nos transportados no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica.

Desta forma, diante do período com poucos registros históricos, as fotografias localizadas se tornam fontes de interpretação do passado na construção e/ou reconstrução do passado das instituições educativas. A fotografia apresenta o registro do funcionamento da instituição com padrões formais típicos de posicionamento e forma de expressão dos indivíduos. A fotografia apresenta Oliva Enciso entre os alunos e professores da Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia de Campo Grande, no ano de 1933. Na mesma imagem, aparece seu cunhado, o professor e farmacêutico Aloysio Americano Magiano Pinto, que foi casado com sua irmã Clarice Enciso. No *Jornal do Commercio*, edição n. 1.484 de 24 de março de 1934, foi localizada a propaganda da instituição constando o nome dos professores. Entre eles, destacam-se: o diretor Tertuliano Meirelles[71], os professores Nicolau Fragelli[72], Vespasiano Barbosa Martins, Fernando Corrêa da Costa, entre outros. Todos os citados estiveram ligados ao campo político e fizeram parte da rede de sociabilidade de Oliva Enciso, entre as décadas de 1930 e 1970. A Faculdade formou uma turma de farmacêuticos e uma de odontólogos e deixou de existir por ter sido iniciativa particular do grupo de professores e de responsabilidade de Agostinho dos Santos, cuja mudança da cidade levou ao encerramento das atividades da instituição.

Bittar e Ferreira Jr (2008) apontam que, no campo educacional, foi visível o descaso com as escolas do sul do antigo Mato Grosso. Embates políticos e eleitorais entre o norte e o sul trouxeram consequências diretas na educação, como a ampliação da iniciativa privada na

[71] Nasceu em 27 de abril de 1898, em Paus dos Ferros/RN. Foi diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Chegou a Campo Grande no ano de 1920. Foi um dos fundadores da Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia, que foi reconhecida pelo Governo Federal e na qual se formaram os antigos odontólogos e farmacêuticos. Também professor de História Natural e Biologia e professor do Colégio Oswaldo Cruz, do Grupo Escolar Joaquim Murtinho, entre outras instituições. Vereador de Campo Grande (1927- 1929). Falecido em Campo Grande, em 9 de agosto de 1947.

[72] Pai de José Manuel Fontanillas Fragelli, ex-aluno do primário de Oliva Enciso. Foi político, jornalista e professor.

educação, a tardia criação de instituições públicas e, principalmente, pelas demissões de professores contrários ou que não apoiavam os candidatos eleitos para o governo do estado. As instituições foram criadas por interesses pessoais de professores.

Silva (2015, p. 82), no estudo da trajetória de Maria Constança Barros Machado, defende que a pouca participação política do magistério era decorrente de certa relutância, uma vez que o "[...] posicionamento político ou exigências por melhorias nas condições de trabalho poderiam acarretar na perda do cargo." Além disso, havia disputas no exercício da profissão de professores, pois a atuação nos cargos era tencionada pela posição de poder dos governantes do norte e do sul em dado momento histórico.

Maria Constança Barros Machado, professora e diretora, alcançou representação social pela criação do Liceu Campo-Grandense (1939)[73]. A escola foi construída em terreno doado pelo poder municipal e tornou-se o modelo de instrução pública em Campo Grande. Em 1948, após perder o cargo, aposentou-se e integrou a Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos, juntamente com Oliva Enciso. Em 1951, retornou ao cargo de diretora após a eleição de Fernando Corrêa da Costa. (SILVA, 2015).

No decorrer da década de 1930, como apontado anteriormente, em Campo Grande havia apenas a Escola Normal Joaquim Murtinho[74] e o Liceu Campo-Grandense no oferecimento do ensino secundário público. A situação do sul do antigo Mato Grosso levou à ampliação da ação municipal de Campo Grande no campo educacional, tendo Oliva Enciso como uma das principais articuladoras das ações práticas na prefeitura, como descreveu:

> Lá, em 1937, após a leitura de uma conferência de Miguel Couto demonstrando ser a ignorância o fator que corrói os alicerces da nacionalidade, transformei a Educação no fator primário de minha vida. A ideia foi germinando e, em 1940, fundamos a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. (ROSA, 2012, p. 83.).

No cargo de secretária na gestão de Eduardo Olimpo Machado, foi assinada a Lei n. 05, de 18 de junho de 1937, que determinou a organização do ensino, com dispositivos que atendiam diferentes níveis de educação e assistência social. A lei foi justificada pela falta de

[73] Recebeu outras denominações, tais como: Colégio Estadual Campo-Grandense e Escola Estadual Maria Constança Barros Machado.

[74] No governo do interventor Julio Strübing Müller (1937-1945), o Ensino Normal entrou num período de decadência no Mato Grosso, pela falta de investimentos em novas escolas e desativação das existentes. Com o Decreto n. 112, de 29 de dezembro de 1937, as escolas normais foram desativadas, incorporadas novamente aos Liceus como uma "Seção Normal" e/ou um "Curso Especializado de Professores" para os alunos que optavam pelo magistério. Delegou-se também essa formação às instituições privadas. Em 1947, as Escolas Normais foram reabertas no governo de Arnaldo Estevão de Figueiredo. (RODRÍGUEZ; OLIVEIRA, 2013).

recursos para a criação do departamento de educação e cultura e para atender a lei orgânica do município.

A relativa Lei definiu o ensino primário e gratuito, a criação de escolas primárias mistas (urbanas, suburbanas, distritais e rurais), cursos noturnos para maiores de 14 anos e a nomeação de professoras normalistas do estado, habilitadas e formadas com previsão de concurso. A normatização definiu que poderia haver professores leigos com no mínimo 3 anos de prática efetiva do magistério. Essas determinações apresentam um avanço no interesse municipal em suprir a demanda do ensino primário, dado o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico da cidade.

No entanto, o ensino secundário não recebeu tantos esforços e o município não se responsabilizou diretamente pelo oferecimento, indicando a concessão de bolsas de estudos em instituições privadas.

> Art. 15º - Os lugares reservados ao Município nos estabelecimentos de ensino superior, secundário, técnico e profissional existentes na cidade de Campo Grande ou que venham de ser fundados em virtude de subvenção que lhes sejam concedidas pela Câmara serão preenchidos, obedecendo-se rigorosamente o seguinte critério: a) Os alunos serão indicados pelo Prefeito aos citados estabelecimentos e por meio de documentos oficiais; b) a escolha dos alunos será feita pelo Prefeito, de preferência entre os que tiverem concluído o último ano do curso primário das escolas mantidas pela Prefeitura; c) que tenham feito esse curso, demonstrando possuírem incontestável capacidade intelectual e ótima conduta moral; d) que sejam filhos de pais reconhecidamente pobres; e) que tenham todas as conformações físicas perfeitas e não sofram de moléstia contagiosa ou infecto contagiosa. § Único - Se o número de vagas for superior ao de alunos compreendidos na letra b) deste artigo, o Prefeito poderá indicar alunos pobres de outras escolas, mesmo particulares, observando o que dispõe o art. 16 na letra c). (CAMPO GRANDE, 1937, p. 03).

A Lei apresentava o interesse da formação de determinados tipos de jovens nos cursos secundários das instituições privadas, que recebiam subvenções financeiras do poder municipal. A ação municipal no desenvolvimento da educação secundária, iniciada em 1917, indica que a municipalidade subsidiou a instalação do Instituto Pestalozzi na cidade e, em contrapartida, a escola ofereceria formação para jovens pobres e do sexo masculino. Nessa Lei, observamos que não se determinou o sexo, mas foram apontadas algumas exigências, como, por exemplo, ter capacidade intelectual, conduta moral e conformações físicas perfeitas.

Dessa forma, a Lei legitimou-a exclusão dos espaços escolares às pessoas com deficiência física ou intelectual. Isto demonstra o empenho da municipalidade em subsidiar

instituições escolares para preparar jovens para o campo de trabalho e para atender os interesses sociais da cidade, como destacamos logo a seguir:

> Art. 23º - Aos alunos que concluírem os cursos dos ginásios e em todos eles com notas distintas, o Município fica obrigado a prestar-lhes auxílios para que possam seguir qualquer carreira em escolas superiores dentro ou fora do Estado. § Único - Havendo necessidades, o Município recorrerá ao auxílio do Estado. Art. 24º - Aos alunos das escolas técnico-profissionais, que terminarem os respectivos cursos, revelando sempre completo aproveitamento o Município ficará obrigado ou a prestar-lhes auxílio para se aperfeiçoarem ou as aproveitará nos serviços públicos das respectivas especialidades, com preferência ou em igualdade de condições.
> § Único - a Prefeitura aproveitará em seus serviços os alunos compreendidos neste artigo. (CAMPO GRANDE, 1937, p. 05).

A educação secundária teve a finalidade de formação para atender as necessidades postas no período, ou seja, a educação com os fins de trabalho e como modelo de desenvolvimento da sociedade. Cabe destacar que a Lei n. 24, de 27 de dezembro de 1937, determinou subvenção anual aos Colégios Dom Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, como também ao Instituto Pestalozzi e à Escola Álvaro Martins Neto[75].

Com a afirmação dos destinatários legítimos, o campo escolar funcionaria como um mecanismo de produção e/ou reprodução das relações existentes às prática educativas e à ordem social (BOURDIEU, 2012). Estes teriam maiores chances de adaptação aos mecanismos de inculcação das escolas por possuírem o *habitus* primário e as disposições iniciais para a formação intelectual na ação prolongada das instituições educativas de formação do *habitus* secundário.

> Através de uma ação prolongada de inculcação, tal sistema é capaz de produzir agentes dotados de um *habitus* secundário, ou seja, de um *ethos* e de um *eidos* secundários que constituem os produtos da interiorização de um conjunto, mais ou menos integrado em sistema, mais ou menos extenso, mais ou menos apropriado, destes esquemas. (BOURDIEU, 2011a, p. 117).

Os investimentos em bolsas de estudos para jovens pobres, capacitados intelectualmente e saudáveis, seriam recompensadas e/ou pagas por meio do trabalho. A garantia dos retornos nos investimentos escolares dos estudantes pobres, dadas às condições sociais e as oportunidades oferecidas no acesso e acúmulo de capital escolar e a também do capital social oferecida pelas certificações em instituições distintas.

[75] Atual Centro de Escolas Recolhidas Álvaro Martins Neto.

Neste documento, observamos ideais do liberalismo na declaração do direito à educação e à igualdade de oportunidades para todos. Porém, somente o acesso ao ensino primário público seria gratuito e para todos na difusão de um ideal de cidade moderna.

O ensino secundário permaneceria seletivo, prevalecendo nele o individualismo na inclusão dos capacitados pelos mecanismos de seleção social dos estudantes, com distinção para fins de trabalho e/ou investimento nos estudos superiores; e a valorização do ensino privado na garantia de manutenção dos elementos liberais do desenvolvimento da ordem capitalista[76].

No final da década de 1940, Oliva Enciso, dotada de conhecimentos estatísticos e burocráticos, apresentou, no artigo sobre Campo Grande, informações do desenvolvimento da instrução na cidade.

Tabela 3 - Movimento escolar em Campo Grande (1939)

ESCOLAS - 50	Primário	Ginasial	Comercial	Normal	TOTAL
Particulares					
Colégio N.S. Auxiliadora	293	188	111	27	691
Ginásio D. Bosco	418	295	--	--	713
Ginásio Osvaldo Cruz	188	192	124	--	504
Escola Paroquial	218	--	--	--	218
Externato Coração de Jesus	200	--	--	--	200
Escola Visconde de Cairu	165	--	--	--	165
Externato São José	120	--	--	--	120
Escola do Barão do Melgaço	61	--	--	--	61
Escola Bôa Vista	61	--	--	--	61
3 Escolas Adventistas	79	--	--	--	79
Jardim da Infância Paraiso	25	--	--	--	25
Subvencionadas pelo município	125	--	--	--	--
Escola 26 de Agosto	103	--	--	--	--
Ateneu Rui Barbosa	49	--	--	--	--
Oratório São José	65	--	--	--	--
Escola São Benedito	62	--	--	--	--
Escola Visconde de Taunay	24	--	--	--	--
Escola Augusto Leverger		--	--	--	--
Municipais -- 17	794				
Estaduais					
Escola Normal	--	--	--	10	10
Licêu Campograndense	43	--	--	--	43
2 Grupos escolares	1.440	--	--	--	1.440
2 Escolas Reunidas	276	--	--	--	276
8 Escolas Isoladas	351	--	--	--	351
Total	**5.161**	**675**	**235**	**37**	**6.108**

Fonte: O Estado de Mato Grosso (MT), edição n.176. Ano 1, edição 176, 7 Abril 1940.

[76] Para Luiz Carlos Santana (2007), o liberalismo constitui-se numa ideologia que justifica e racionaliza os interesses do capital e que serve, sustenta e organiza as sociedades capitalistas. O uso político do Estado em relação a quem controla e dirige tende a fazer a educação para a defesa e manutenção dos interesses estabelecidos.

A Tabela 3 expõe a dissonância de oferecimento da instrução na cidade no ano de 1939, na qual havia 50 instituições. As instituições particulares mantinham, no ensino primário, um total de 1.828 alunos matriculados e, com as escolas particulares subvencionadas pelo município, que contavam com um total de 428 alunos matriculados, somavam-se, ao todo, 2.256 alunos. Essa realidade era oposta à situação do ensino público municipal, que contava com apenas 794 alunos matriculados nas 17 escolas, além de indicar que somente as instituições privadas ofereciam o curso ginasial, tornando o ensino secundário um reduto para os privilegiados socialmente. Os números acima revelam, na década de 1940, o campo educacional em Campo Grande, principalmente na ação do poder público municipal, que carecia de investimento.

Conforme a Lei n. 5, de 18 de junho de 1937, as escolas municipais eram urbanas, suburbanas, distritais e rurais, com o funcionamento do ensino primário com duração de três anos consecutivos. Localizadas em regiões do município, as escolas municipais eram compostas por: 1 em Cachoeirinha; 1 em Capão Seco; 2 em Terenos; 1 em Rochedo; 1 em Jaraguari; 1 em Rio Pardo; 1 em Três Barras; 1 em Mateira; 1 em Cruzeiro; 1 no bairro Amambai; e 4 localizadas no centro da cidade. Existia ainda a escola Paulista, de propriedade da professora Etelvina do Nascimento, que passou a ser de abrangência municipal.

No contexto de década de 1950, localizamos duas leis do poder municipal na ação no campo educacional. A primeira, a Lei n. 225, de 20 de julho de 1951, que criou a Taxa Escolar, com a finalidade de arrecadação de 10% de tributos de indústrias e profissões, de licença territorial, com a finalidade de aplicar a totalidade das verbas aplicadas nos aparelhamentos das escolas municipais. A segunda, Lei n. 231, de 21 de setembro de 1951, criou o Fundo Municipal de Assistência, com a finalidade de atender as subvenções municipais de entidades educacionais, de assistência social, culturais, esportivas, recreativas e de beneficência. Essa lei determinou que se constituísse o fundo de 50% da renda atribuída ao Município pelo art. 20 da Constituição Federal e pelo art. 66 da Constituição do Estado.

No campo de assistência social, notamos poucos registros nas fontes consultadas da situação da população carente, as ações, os projetos ou os programas desenvolvidos.

Para Mariluce Bittar (1999, p. 239), devido à grande extensão de Mato Grosso, as políticas governamentais pouco atingiam o sul do antigo Mato Grosso e, dessa forma, a assistência social em Campo Grande foi promovida por grupos ou entidades filantrópicas, como Caritas, Congregação dos Vicentinos, Paróquias religiosas, Lions Club, Rotary e Maçonaria. As características de atividades de assistência social baseavam-se quase prioritariamente no atendimento individual, para “[...] satisfação de necessidades das pessoas

consideradas carentes [...], por meio de ações religiosas e/ou filantrópicas, realizadas por grupos de voluntários movidos por sentimentos de solidariedade."

Na década de 1940, existiam as seguintes instituições beneficentes:

Quadro 3 - Instituições filantrópicas e de caridade em Campo Grande

Instituição	Ano	Atualidade	Finalidade
Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária	1908	Seleta	Instrução e propagação dos princípios morais
Sociedade Vicentina São João Bosco	1923	Asilo São João Bosco	Assistência aos idosos carentes e desamparados
Centro Beneficente Português	1929	Associação Luso Brasileira	Congregação de migrantes portugueses
Associação de Amparo à Maternidade e à Infância	1940	Maternidade Candido Mariano	Assistência à saúde de mulheres e crianças
União Beneficente dos Sargentos de Mato Grosso	1931	União Beneficente de Subtenentes e Sargentos das Forças Armadas	Congregação dos militares associados e suas famílias
Associação de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra	1935	Hospital São Julião	Cuidado e prevenção de doenças contagiosas
Hospital de Caridade - Sociedade Beneficente de Campo Grande	1940	Santa Casa	Assistência na saúde da população

Fonte: O ESTADO DE MATO GROSSO, 1940.
Organização: Britez, 2020.

O Quadro 3 apresenta um panorama das instituições existentes na década de 1940 e nele observamos que as instituições não objetivavam o cuidado de crianças órfãs e/ou desvalidas[77], um dos problemas da urbanização e desenvolvimento social que, diante do crescimento populacional, carecida de iniciativas. A situação de desinteresse político expressou, nas décadas posteriores (50-60-70), o aumento de menores em situações de abandono, mendicância, violência e discriminação social, além de modos de trabalho de exploração. (MORO, 2012).

Em síntese, este tópico, que teve por objetivo apresentar elementos da organização do campo educacional e de assistência social de Campo Grande, revela que o campo educacional da década de 1960 recebeu investimentos da municipalidade por meio da criação de ginásios públicos, sendo estes: o Ginásio Municipal Professor "Arlindo Lima" (1963), o

[77] As estatísticas do IBGE apresentam diferentes terminologias para tratar da classificação social de pessoas desfavorecidas socialmente, tais como as alienadas, desvalidas, desabastados, entre outros. O Anuário de 1908-1912 traz dados apenas sobre os estabelecimentos de assistência a alienados, rubrica que desaparece e dá lugar a asilos e recolhimentos nos anos de 1936 e 1937. Entre os anos de 1938 e 1940, acrescenta-se a essa última a classificação assistência aos desvalidos. Já entre as publicações de 1954 e 1964 (após o desaparecimento, nos anuários dos anos 1940, dessas organizações), surgem as associações de caridade, ao lado dos asilos e recolhimentos. Por fim, nos anuários de 1965 a 1983, sob a rubrica assistência social, encontramos retomada a assistência a desvalidos. (IBGE, 2006, p. 66),

Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1965), o Ginásio São Luiz (1965) e o Ginásio Comercial Bernardo Franco Baís (1967). Do ponto de vista da assistência social, observamos que a assistência se manifesta por intermédio de ações de interesse individual ou dos grupos de agentes vinculadas a entidades filantrópicas. A pouca localização de informações sobre a temática justifica-se pelo interesse na manutenção de uma visão de modernização social de Campo Grande, cujo olhar retira do campo os problemas sociais enfrentados no decorrer do processo de urbanização impulsionado por uma crescente massa de migrantes estabelecidos na cidade.

2.4 A inserção e mobilização de Oliva Enciso no campo educacional de Campo Grande

Esse tópico objetiva apresentar a inserção de Oliva Enciso no campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso. Em sua autobiografia, descreveu como o acesso à educação secundária, na década de 1920, mobilizou sua trajetória e, por conseguinte, suas ações práticas no campo educacional de Campo Grande, entre as décadas de 1930 e 1970.

Sua trajetória de escolarização aponta o acesso a diferentes tipos de ensino da educação secundária e, em seguida, seu protagonismo na criação de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizantes não estatais, juridicamente reconhecidas e valorizadas socialmente.

> Em 1976, Oliva Enciso recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de Campo Grande, cuja Resolução n. 674, de 04 de maio de 1976. Neste documento, o artigo primeiro destacou: "Fica concedido, através desta resolução, o Título de CIDADÃ CAMPO-GRANDENSE à Professora Oliva Enciso, pelos relevantes serviços prestados a Campo Grande principalmente no setor de ensino." (CAMPO GRANDE, 1976, p. 01).

As depoentes Brunilda Enciso Magiano Lima e Maria Inês Puga Barcelos, ambas as sobrinhas de Oliva Enciso, relataram que a tia não gostava muito de homenagens, mas essa foi uma das mais importantes para ela, fato que registrou em sua autobiografia, por ter sido o reconhecimento do povo. A homenagem foi recebida juntamente com o Capitão José Dorilêo de Pina[78], o professor Virgílio Alves de Campos[79] e o professor Nagib Raslan[80]. Em sua autobiografia, registrou seu discurso:

[78] Professor primário e de Educação Física. Foi nomeado pelo Ministro de Educação e Cultura como representante Federal durante 17 anos da Campanha Nacional de Alimentação Escolar. Superintendente do Instituto Nacional de Assistência ao Estudante – INAE. (ENCISO, 1986).

Senhor presidente da Câmara Municipal de Campo Grande. Senhores vereadores. Sras. e Srs. Quis escrever para, de maneira sucinta, exprimir minha gratidão por este gesto Sr. Vereador Yvon Moreira do Egito Filho, Presidente desta Casa, em me indicar para receber o título de "Cidadã Campo-grandense" pela aprovação dessa iniciativa por parte dos Sra. Vereadores, que compõem essa Câmara Municipal. Com a folha de papel em branco a minha frente, eu não sabia como começar. Pensei: cada um faz o que pode. As palavras são muitas vezes ou mais das vezes impotentes para traduzir sentimentos. Então melhor copiar e dizer aqui uma poesia que fiz a tempos: AGRADEÇO A MEU DEUS [...] Passei a resumir como cheguei a Campo Grande e contei: Meu pai foi sepultado em Corumbá. aqui em Campo Grande, o modesto jazigo da minha família já recebeu minha mãe e minha irmã mais velha. Há pouco tempo foram ali sepultados mais duas irmãs... As belezas incomparáveis de Corumbá, com o Pantanal hoje tão justamente decantado, eu aprendi a apreciá-las desde os meus primeiros anos. Mas também escrevi versos sobre O CÉU DE CAMPO GRANDE [...] Tudo o que as circunstâncias da minha vida me ensinaram e me possibilitaram fazer, está longe de retribuir a Campo Grande, o que de Campo Grande eu e minha família recebemos. Se os despreocupados e felizes anos da minha infância os passei em Corumbá, aqui vive a minha juventude. Embora o passar dos dias venha embranquecendo os meus cabelos e querendo me envelhecer, ainda com a mesma disposição, o mesmo entusiasmo de viver e de servir, para poder dar ao menos um pouco do muito que recebi. Aqui terminei o curso primário, fiz o secundário e o superior e vários cursos que surgiram no meu caminho. Aqui me tornei funcionária municipal e quando o meu nome apareceu na eleição dos candidatos a Vereador, em 1954, recebi a primeira demonstração de confiança de grande parte do eleitorado campo-grandense, que mais tarde, em 1959, me levou a Assembleia Legislativa, fazendo de mim a 1ª e única mulher até agora, a ocupar o cargo de Deputado Estadual de Mato Grosso. Como retribuir tudo isso? Srs., justamente neste ponto de interrogação em que parei, recebi um telefonema do Cap. José Dorilêo de Pina, dizendo que para não prolongar tanto esta cerimônia, ele, o Prof. Virgílio e o Prof. Nagib acharam melhor que só eu falasse em nome deles também. - Eu?! - " Sim, a Sra..." - Mas é demais! - respondi. - "Foi pensamento de nós três homenagearmos também assim a Sra. ... Quando vi no convite o nome dos três, fiquei aliviada pensando: - não preciso fazer muito. Vou resumir e vou ouvir... E agora? - Homenagem? - uma covardia, perdoem-me , uma dificuldade, bem agradecer com as palavras uma homenagem, esta sim! Desta Câmara, representa o povo de Campo Grande, dessa Campo Grande que os senhores

---

[79] Em 1949, chega a Campo Grande e foi professor nomeado para as cadeiras de Português e Ciências no Colégio Estadual Campo-grandense, além de professor no Colégio Oswaldo Cruz. Em 1960, prestou concurso para professor catedrático de Ciências Naturais e de Química para o Colégio Estadual. Em 1968, aposentou-se dos Colégios Oswaldo Cruz e Colégio Estadual. Em 1969, foi nomeado o primeiro diretor do Ginásio Estadual Comercial 26 de Agosto. Também foi professor e examinador do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Campo Grande e em Cuiabá.

[80] Nascido no Líbano, em Rasmed, aos 22 de março de 1912. Foi professor de Inglês em 1941 no Ginásio Municipal Dom Bosco, e também no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Em 1948, lecionou e foi diretor no Colégio Oswaldo Cruz, atou nos cursos Científico e Contador, onde sua esposa Latife, lecionou Francês e Inglês. Fundou o primeiro curso de Madureza, que funcionava no Ateneu Rui Barbosa. Professor de Inglês, no Instituto de Ciências Biológicas da UEMT (Universidade Estadual do Mato Grosso), da inauguração até 1972. Exerceu o cargo de professor titular da cadeira de inglês, na FUCMAT (Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso) atual UCDB. Além, disso foi professor no Colégio Estadual Campo-Grandense.

> escolheram para aqui viver com suas famílias, trazendo o seu cabedal de cultura no cofre do seu coração. Acharam e penso que se enganaram, que eu poderia, as mulheres sabem escolher melhor as palavras que sai do coração - aos Srs. Vereadores, quanto este gesto tocou fundo em nosso ser e como repercutiu no seio de nossas famílias, a nossa vida, no que ela teve de luz e de sombras, de amarguras e de alegrias, de fracassos e de sucessos. É o dia da criança estamos na semana do professor. A escolha deste dia, um acréscimo a esta homenagem, que jamais esqueceremos, porque somos professores. E aqui nos encontramos: Capitão José Dorilêo de Pina também é professor. Senão, não estaria exercendo o cargo de chefe do setor Regional da C.N.A.E em Campo Grande, pelo Ministério da Educação e Cultura, a Professor. E como exerce esse cargo, Cap. Dorilêo! A sua eficiência, a sua atenção, a sua pontualidade são por todos nós, diretores de escolas, conhecidas. Prof. Virgílio Alves de Campos, com seus pais e seus irmãos, entre eles o doutor Pery Alves Campos- o fundador da biblioteca municipal- também enriquecer com seu valor humano, cidade campo-grandense. O Prof. Virgílio, Prof. de Ciências, pela sua cultura e dedicação ao magistério, esta homenagem. Prof. Nagib Raslan - de longe! - sua família e um cabedal de cultura, que enaltece o magistério e a sociedade campo-grandense, tendo sido um dos fundadores da associação Campo-grandense de Professores. Também sócio-fundador do CNEC, instalou o GINÁSIO BARÃO DO RIO BRANCO. Srs. Vereadores. É em nome destes novos cidadãos campo-grandenses e no meu, que devo lhe agradecer esta homenagem. O avanço da ciência talvez algum dia invente uma espécie de Raio X para fotografar, em cores, os sentimentos, as emoções. E se isso já estivesse funcionando, veriam e todos aqui também, 4 chapinhas azuis, se por acaso fosse convencionado ser azul- cor do céu- ah tá mais sincera, de mais profunda gratidão, é o que sentimos. Os Srs. creiam - essa é uma das maiores honras que já recebemos, porque parte dos representantes do povo campo-grandense, que aprendemos amar, o servimos com a nossa inteligência, com as nossas forças e o nosso coração. A todos, nossos agradecimentos. Tenho assim, duas cidadanias: Sou de Corumbá e vivo em Campo Grande, longe de Corumbá! E, num Momento de nostalgia escrevi: É TÃO DOCE SONHAR [...] Sou de Campo Grande e sou de Corumbá! (ENCISO, 1986, p. 148).

Observamos, na homenagem, a instituição do capital simbólico, constituído por meio de um sistema simbólico, que se origina da existência das condições sociais do campo do qual o agente é produto e também produtor. O capital simbólico constitui uma síntese dos demais capitais (cultural, econômico e social) e corresponde ao conjunto de rituais de reconhecimento social, que compreende o prestígio, a honra e as representações. Esse capital tem uma base cognitiva no domínio do senso prático. (BOURDIEU, 2011a). A homenagem recebida reflete o resultado das ações práticas de Oliva Enciso no campo educacional e de assistência social no período delimitado. Foi o resultado da forma como a agente social mobilizou o campo, principalmente o campo educacional, que lhe conferiu o reconhecimento social.

A homenagem foi recebida na semana de comemoração do Dia do Professor, e o discurso reflete o papel laborioso que os professores exerciam no magistério. Oliva Enciso apresenta que a trajetória docente não é uma tarefa fácil, que o caminho da profissão é

percorrido com muito trabalho e dedicação, a educação como um jogo de lutas com tensões e conflitos, mediados por momentos transitórios de sucesso e fracasso. O discurso reflete o olhar de renúncia da vida pessoal em detrimento da escolha profissional da agente.

Nas palavras sobras, amarguras e fracassos compreendemos como o ser e estar professor torna-se uma violência social, porque o professor ao ser diplomado sanciona um contrato social com a profissão docente e submete-se aos efeitos do sistema de ensino. Por isso, a homenagem "do povo" traz para a agente um reconhecimento social dos seus empenhos na mobilização do campo educacional, juntamente com outros professores que se dedicaram ao trabalho pedagógico entre os anos de 1930 e 1970.

Identificamos nas memórias escritas de Oliva Enciso que ela foi aluna e professora leiga no Ginásio Municipal de Campo Grande. Para ela, ter sido aluna e professora representou novas conquistas e realizações, principalmente por ter tido a possibilidade continuar os estudos numa instituição reconhecida.

> E aí começou uma nova fase da minha vida. No dia seguinte da manhã, quando estávamos em forma para entrar em classe, D. Raquel se postou em frente e disse alto para que todos ouvissem: ─ "De hoje em diante, vocês têm de chamar a Oliva de "Dona Oliva", porque ela é também professora!" – Meus colegas me olharam com um mudo sorriso e até eu achei graça, como o pessoal de casa também. Observei, durante os cinco anos do curso ginasial, um horário só interrompido aos domingos e feriados: às 5h30 da manhã – Missa na Santa Casa; das 7h30 à 11h30 – Aulas do Ginásio e das 13h às 16h30 – Aulas do Primário. (ENCISO, 1986, p. 20).

Na infância, Oliva Enciso foi uma estudante dedicada, condicionada pelas vivências na vida pantaneira, que lhe ofereceu os condicionantes de autonomia e liberdade para adquirir conhecimentos. Em Corumbá, estudou os primeiros anos do ensino primário no Collegio Immaculada Conceição das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, porém abandonou os estudos logo após o nascimento das irmãs mais novas. Em Campo Grande, retomou os estudos após a mobilização da prática religiosa na leitura do *Manual de devoção da Donzela Cristã no colégio e no lar*. Concluiu o ensino primário e realizou o exame de admissão do Instituto Pestalozzi.

Observamos em sua autobiografia que o acesso ao ensino secundário foi um dos propulsores de mudança da trajetória da agente social, pois sua família não possuía as

condições financeiras para mantê-la no curso Ginasial[81]. O ingresso se deu por meio do seu destaque no exame de admissão, e a permanência por ter sido uma espécie de bolsista, uma vez que ela pagava pelos estudos, ministrando aulas no ensino primário. A obra apresenta memórias do sentimento de poder frequentar o curso ginasial sendo filha de trabalhadores rurais. Ela teve possibilidade de frequentar a educação secundária num período em que esta era reconhecida como o ensino das elites, tendo em vista que as instituições eram mantidas principalmente pela iniciativa privada e apenas os filhos das classes privilegiadas tinham condições de frequentá-la.

Em Rosa (2012), notamos o relato de que a docência foi auxiliada pelos professores João Tessitore Júnior e Elisa da Silva.

> Foi então que o prof. Tessitore, educador dos mais lúcidos, resolveu dispensar a mensalidade, desde que eu fosse boa aluna. Fiquei emocionada, que me ofereci para trabalhar na limpeza do colégio, fazendo qualquer tipo de serviço. Ele me pediu que voltasse à tarde. Nessa ocasião me levou a uma classe de quarenta e cinco alunos da quarta série, olhou-me e disse: Você vai dirigir esta classe, mas não se assuste que eu vou ajudá-la. E acrescentou, diante de minha fisionomia assustada: Não tenha preferência por alunos; alterne quinze minutos de teoria com outros de prática e não permita indisciplina. Segui tão bem suas instruções que meus alunos eram os mais disciplinados da escola e até Dona Elisa Silva, que sempre considerei uma grande educadora, elogiou minha classe diante de outros professores. O que eu aprendia pela manhã no ginásio, transmitia à tarde a meus alunos. Fiz os cinco anos de ginásio lecionando e nas férias dava aulas particulares, que me ajudaram a pagar o aluguel de nossa casa. Lembro-me de vários alunos daquele tempo: do Paulo Coelho, do Rachid Saldanha Derzi, do Jair Garcia (que foi médico do Exército), cada um com seu jeito peculiar, que eu aceitava, certa de que a liberdade é essencial na formação. (ROSA, 2012, p. 81).

Os professores citados tornaram-se modelos de ação prática para ensinar. No depoimento, inferimos que Oliva Enciso seguiu três linhas na ação prática de ensinar. A primeira, a disciplina, para direcionar as aprendizagens entre a teoria e a prática.

As memórias de Oliva Enciso apontavam para o "modelo moderno da mulher professora", discutido por Beatriz Daudt Fischer (2004, p. 12), a qual menciona o papel da professora objetivada em atributos creditados de fazer do magistério um sacerdócio, com marcas de valores tradicionais de normalização de processos de subjetivação. "A prática docente descrita como instauradora da ordem propõe à mestra o papel de vigilante. E os

[81] Conforme a Reforma Carlos Maximiliano, o ginásio é reconhecido como um curso do ensino secundário, exposto no art. 158, do Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915. "Em ambas as secções se fará em cinco annos um curso Gymnasial suficiente para ministrar aos estudantes solida instrucção fundamental, habilitando-os a prestar, em qualquer academia, rigoroso exame vestibular." (BRASIL, 1915).

efeitos desse dispositivo disciplinar atingem, também, a ela individualmente, a suas relações próximas, bem como às estruturas concretas das instituições de que faz parte.” A prática docente da professora leiga foi moldada por meio da disciplina, e isto a ajudou a constituir os modos de ser e de pensar as práticas cotidianas.

A segunda ação é percebida no relato de que a liberdade é essencial para a formação humana, fato relacionado com sua formação na infância, em um ambiente de liberdade e vivência em meio à natureza das terras pantaneiras. E, por fim, o condicionante da religião católica, que trata a Ciência como um dom do Espírito Santo de Deus. Esse olhar emerge do marcador da trajetória, o *habitus* religioso, condicionado pelo *habitus* familiar vinculado à religião e às práticas devocionais (leituras, missas, ações religiosas) em Campo Grande. A prática docente de Oliva Enciso foi condicionada pelas estruturas estruturadas do *habitus* religioso submerso em uma ordem disciplinar e de racionalização das atividades de aluna secundarista e ao mesmo tempo de professora leiga.

As fontes consultadas indicam que o percurso de Oliva Enciso no curso ginasial foi de distinção nos estudos, mesmo atuando como professora primária. Ela tornou-se representante de turma nos discursos e atividades cívicas da instituição. A distinção nos estudos foi apreendida no resultado de final do exame de Álgebra, como exposto na tabela a seguir:

Tabela 4 - Boletim do resultado final do exame de Álgebra - Seriado do 3º ano (1927)

Ordem	Estudantes	Classificação	Nota
1º	Zózimo Menna Gonçalves	Distinção	10
2º	Oliva Enciso	Plenamente	9,5
3º	Appolonio Pinto de Carvalho	Plenamente	9,0
4º	Ruben Alberto Abbot Castro Pinto	Plenamente	9,0
5º	Alexandrino Brandão	Plenamente	8,5
6º	Carolina Corrêa Cardoso	Plenamente	7,5
7º	Vicencia de Souza	Plenamente	6,5
8º	Yolanda Valentini	Plenamente	6,0
9º	Alcindo de Almeida	Simplesmente	5,5
10º	Ondina Gomes	Simplesmente	5,5
11º	Eurybiades da Costa Gomes	Simplesmente	5,5
12º	José Marum Saab	Simplesmente	5,0
13º	Hugo Porã Cabral	Reprovado	4,0

Fonte: Jornal do Commercio, Ano 7, n. 418, 4 jan. 1928.
Organização: Britez, 2020.

Na Tabela 4, observamos que o acesso ao curso era restrito para poucos, pois a lista de formandos compreendia apenas 11 estudantes. O sistema de avaliação apresentado no Jornal do Commercio traz uma organização de informações, em cada coluna seguem-se: a ordem, o nome, a classificação e a nota. O modelo do sistema de avaliação adotado no Ginásio consta Seção 3ª - Disposições diversas sobre exames, nos Artigos 102 a 104, do *Regulamento Geral*

da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso, de 20 de junho de 1896, que normatiza os exames e promoções e em vigor até a década de 1920 nos estudos secundários[82].

> Artigo 102º - Concluídas as provas, escrita, oral e prática, de cada disciplina, a comissão examinadora passará imediatamente ao julgamento final delas, o que se fará a portas fechadas e mediante as seguintes regras: 1º - Na prova escrita, o examinando que resolver com acerto as questões que lhes forem propostas e não cometer erro de análise, tradução e redação, terá a nota de aprovado com distinção; o que resolver com acerto mais da metade das questões que lhe forem propostas e cometer pequenos enganos na análise, tradução e redação terá a nota boa; e o que não resolver com acerto as questões que lhe forem propostas e cometer, além disso erros de análise, tradução e redação, terá a nota má. 2º - Na prova oral e na prática será classificado com distinção, o examinando que desenvolver o assunto com acerto, presteza e correção; com nota boa, o que o fizer com ligeiros erros e desculpáveis enganos; e com a nota má, o que não estiver em nenhum desses casos. Artigo 103º - As provas de cada examinando serão sujeitos a duplo julgamento: um, da prova escrita em separado; e o outro, da oral e da prática conjuntamente. Ambos estes julgamentos constarão de pareceres escritos e assinados pelos examinadores nas provas escritas de cada examinando. Artigo 104º - Os graus de aprovação, que abrangerão o conjunto de todas as provas de cada examinando em cada disciplina, serão três: aprovação com distinção, aprovação plena e aprovação. Esses graus serão determinados pelas comissões examinadoras do seguinte modo: 1º - notas iguais em ambos os julgamentos, dão resultados iguais; 2º - nota ótima no julgamento da prova escrita e boa nas outras, ou vice-versa, aprova [fl. 76v] plenamente com distinção; 3º - nota ótima na prova escrita e sofrível nas outras ou vice-versa, ou boa em todas, aprova plenamente; 4º - nota sofrível em todas as provas ou boa numa e má na outra, aprova; 5º - nota sofrível numa das provas e má na outra ou em todas, dá reprovação. (MATO GROSSO, 1896, p. 13).

Os conceitos avaliativos baseiam-se em classificação e nota, ou seja, o aluno recebia conforme a nota alcançada nas provas escritas em junção da prova oral e prática, a classificação de Distinção, Plenamente, Simplesmente e Reprovado. A divulgação dos resultados final dos exames esteve normatizado no Artigo 106º, que tratou da obrigatoriedade de divulgação dos resultados na porta principal da instituição e publicação na imprensa.

---

[82] A instrução pública nas primeiras décadas da República organizou-se pelos Decretos nº 10, de 7 de novembro de 1891; nº 68 de 20 de junho de 1896; nº 139 de 2 de janeiro de 1903; o nº 296 de 13 de janeiro de 1912; Lei nº 533, de 4 de julho de 1910; e o Decreto nº 759 de 22 de abril 1927. No Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso, Decreto n.º 265, de 22 de Outubro de 1910, classificou os graus de aprovação por: aprovação, aprovação plena, aprovação com distinção. Em seguida, no Regulamento de 1927, no artigo 147, a aplicação e aproveitamento dos alunos seguiram as seguintes determinações avaliadas de 0 a 10: 0 = nula; 1 e 2 = péssima; 3 e 4 = sofrível; 5 a 7 = regular; 8 e 9 = boa; e 10 = ótima. No Art. 148, determinou a classificação de média 5 a 10, em: Média regular: aprovação simples; Média boa: aprovação plena; e Média ótima: aprovação distinta.

Carolina Ribeiro Cardoso da Silva (2014) analisou os vestígios do sistema de avaliação na escola primária da cidade de Florianópolis. Para a autora, o sistema de avaliação nas primeiras décadas do Período Republicado esteve marcado pela discussão do mérito pessoal, numa perspectiva do projeto liberal, fortemente marcado pelo sucesso escolar.

> Se o sucesso não podia mais ser diretamente relacionado a privilégios advindos do nascimento, ele dependia fundamentalmente do indivíduo. Para tanto, os alunos eram constantemente incentivados a se esforçar, de modo que o resultado obtido nos exames fosse a expressão do esforço pessoal empregado. O mérito é que definiria o lugar do aluno. Daí justificar-se, em certa medida, destacar publicamente em notas de jornal o resultado dos estudantes segundo graus de aprovação, como uma forma de enaltecer os que, teoricamente, mais se haviam dedicado aos estudos. (SILVA, 2014, p. 52).

Desta forma, observamos que o sistema de avaliação apresentado na Tabela 4 reforçou as ações simbólicas de distinção da instituição escolar, ao conferiu aos estudantes a valorização dos graus de acúmulo do capital escolar, mas também, desvalorizou publicamente aqueles que não alcançaram os bons resultados nos exames. “A escola é um campo que, mais do que qualquer outro, está orientado para sua própria reprodução, pelo fato de que, entre outras razões, os agentes têm o domínio de sua própria reprodução”. (BOURDIEU, 2011a p. 28).

A classificação e a desclassificação produziram efeitos sociais de distinção “positiva ou negativa” nas relações entre os campos escolar e social, dado por meio da lógica das diferenças estabelecidas entre os aptos e não aptos ao diploma escolar. A divulgação pública das notas obtidas reforçou as ideias do valor social da instituição nas práticas escolares e do modelo de escola elitista no espaço social de Campo Grande na década de 1920.

O boletim de resultado final mostra o nome de Oliva Enciso na segunda colocação nos resultados do exame de Álgebra, entre Zózimo Menna Gonçalves e Appolonio Pinto de Carvalho. Dessa foram, notamos o acúmulo do capital escolar de Enciso por meio de sua nota 9,5, com a qual ela recebeu o conceito de desempenho plenamente no Curso Seriado 3° Ano. Uma distinção num período em que o acesso feminino era mínimo na escolarização secundária, uma vez que a tendência era a formação masculina para os cursos superiores e preparo para o exercício de funções de comando. Segundo Jane Soares de Almeida (2013), a educação feminina na primeira metade do século XX baseou-se na formação para o cuidado com o lar e a função materna. O pensamento social

> [...] valorizava as mulheres como mães e esposas abnegadas, para quem o lar era o altar no qual depositavam sua esperança de felicidade, a qual se assentava em dois pilares: o casamento e a maternidade. Eram também as primeiras educadoras da infância e os sustentáculos da família e da Pátria. (ALMEIDA, 2013, p. 204).

O mundo social produz e mantém uma subordinação feminina aos padrões sociais e morais masculinos. Oliva Enciso representou o protagonismo feminino na educação de Campo Grande no acesso à educação num curso voltado às elites, assim como a distinção na instrução alcançada no ensino secundário.

Observamos no quadro de notas o seu papel feminino alcançado no espaço masculino por meio da distinção nos conhecimentos matemáticos adquiridos. A formação feminina no período era tida como "[...] uma política de concessão por parte dos poderes oficialmente instituídos e dirigidos pelo sexo masculino." (ALMEIDA, 1998, p. 28). Instrução alicerçada em formações essencialmente femininas que possibilitariam a oportunidade de ingresso no mercado de trabalho e a chance de aliar o trabalho doméstico à maternidade, em profissões revestidas de dignidade e prestígio social e vinculadas à formação do magistério. Cabe destacar que suas colegas Vicencia, Yolanda e Ondina pertenciam à classe privilegiada da sociedade; informações localizadas revelam suas participações em eventos sociais e concurso de beleza promovido pelo *Jornal do Commercio* em 1927.

No *Jornal do Commercio*, edição n. 983, de 19 de novembro de 1929, consta o discurso de formatura proferido por Oliva Enciso em homenagem ao professor João Tessitore Júnior, e também em comemoração aos dias que antecederam a formatura. Nele Oliva Enciso expõe:

> A vós caros professores que quisestes transformar em urzes as pedras do caminho, que fizeste brilhar na noite queda da nossa ignorância essa luz tão sublime da sciencia. Elevador seguro que conduz o viajante ao mito da montanha da vida para contemplar a beleza, para de joelhos com as mãos erguidas e juntos entoar o hynno mais harmonioso que parte do mais intenso d'alma. Oh! Deus creador, a vos deixamos o que de mais puro e nobre possuímos – a gratidão. [...] E a vós caros colegas, que segui a nossa rota, desejamos o mais risonho porvir. Sêde quaes cometas que deixam após a sua passagem, um rastro luminoso, uma faixa brilhante. Honremos o solo grandioso que nos serviu de berço e que talvez nos servirá de túmulo, cantemos a glória do Brasil para que nos seus longínquos recantos chegue-a voz da opulência, da força e da nobreza acompanhada com a symphonia do amor. (JORNAL DO COMMERCIO, 1929b).

No discurso de cunho poético, apreendemos elementos de formação humanista, de civismo e de vínculo ao seu *habitus* religioso. Nesse período, predominou o confronto de

ideias no currículo entre a formação científica e humanista. A primeira, sob a influência positivista, com matérias científicas; e a segunda, a formação humana, que visava ao preparo de acesso aos cursos superiores[83].

A trajetória de Oliva Enciso nas instituições escolares secundárias expõe elementos de apreensão do movimento educacional brasileiro nas primeiras décadas da República. Traz à luz a apreensão da importância dada à educação nos ideais republicanos no oferecimento de educação escolarizada e para todos, com o movimento de ampliação do ensino secundário para cidades interioranas e o acesso feminino aos cursos secundários e profissionais. Tal movimento emergiu do movimento econômico agrário-exportador após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o movimento imigratório do país, que conduziu o aumento da urbanização e industrialização em cidades rurais de localização e posição de integração com centros urbanos.

As instituições educativas de Campo Grande oportunizaram a ampliação do acesso aos estudos secundários aos jovens do sul de Mato Grosso, mas também refletiram o dualismo educacional posto no contexto brasileiro. A educação secundária em Campo Grande ficou sob a responsabilidade da iniciativa privada e refletiu o dualismo na educação regional ao acentuar o caráter de instituições de classes sociais economicamente favorecidas.

Oliva Enciso frequentou o ensino secundário ginasial entre os anos de 1926 a 1929. A agente aliou as atividades de estudante e professora e obteve distinção nos estudos. Percebemos o movimento de posse e acúmulo do capital escolar objetivado, que oportunizou o acesso, em 1931, a um curso superior altamente seletivo, o curso de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. No cargo público continuou seus estudos na educação secundária e frequentou o curso de Contador, no Ginásio Municipal Dom Bosco, concluído em 1932; e também o curso Normal[84] do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, concluído em 1934.

Oliva Enciso, em setembro de 1939, após conhecer a situação de famílias de origem japonesa e outras etnias que viviam em torno da Chácara Municipal, sem infraestrutura de moradia, alimentação, saúde e educação, tomou algumas iniciativas para oferecer condições mínimas de sobrevivência no campo rural.

---

[83] Segundo Rosa Fátima de Souza (2009), a formação humanista esteve baseada no currículo do Colégio Dom Pedro II e foi considerada como a única capaz de transmitir a cultura geral da nação às novas gerações. A finalidade do ensino secundário era a difusão de uma sólida cultura geral, tendo como eixo o ensino clássico.

[84] O Ginásio deu início ao oferecimento do curso de formação de professores, equiparado às Escolas Normais do estado pelo Decreto n. 96, de 10/09/1931.

No primeiro momento, solicitou a criação de uma escola rural ao Prefeito Eduardo Machado. Em seguida, enviou um ofício, em 14 de setembro de 1939, dirigido ao Sr. Júlio Müller, interventor federal de Mato Grosso, para a criação de uma Escola Agrícola-Profissional anexa à escola primária que viria a funcionar no local. No ofício justificou:

> Exmo. Sr. Interventor, a grandiosidade do alcance deste empreendimento dispensa comentários, pois que, segundo Miguel Couto, o maior problema brasileiro é a Educação do Povo, o que é confirmado por todos aqueles que pensam e observam a vida nacional. E maior preocupação dos que desejam o soerguimento do país, é resolvê-lo. V. Exa. por seus atos, tem provado ser este o seu ideal e é por isso que os signatários... Aguardam deferimento. (ENCISO, 1986. p. 124).

O interventor acenou para a solicitação, porém Oliva Enciso revela, no ofício reproduzido, que a verba para a instalação da escola não foi recebida pela prefeitura.

> "Cumprimos o grato dever de apresentar a V. Exa. os nossos agradecimentos, pela acolhida que dispensou ao nosso requerimento, referente à ESCOLA AGRÍCOLA-PROFISSIONAL de Campo Grande, conforme nos comunicou o prezado amigo Sr. Ulisses Serra..." Mas o auxílio não veio... (ENCISO, 1986. p. 124).

Observamos que esse foi o marco de sua trajetória na mobilização do campo educacional, dado pela falta de apoio político do Estado e, diante das necessidades educacionais, retoma o seu objetivo caritativo de fundar um orfanato e uma escola primária para menores abandonados. Participante do campo político como secretária da prefeitura, mobilizou ações práticas na materialização de instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande.

No segundo momento, observamos nas fontes reunidas do jornal *O Estado de Mato Grosso* que Oliva Enciso soube mobilizar o campo educacional de Campo Grande na década de 1940. No artigo *É preciso que saibam*, publicado no *Jornal do Commercio*, edição 2.573, de 19 janeiro de 1940, apresenta a situação educacional da cidade, apontando a necessidade da ação social para atenuar a carência na educação.

> Não consista, caro leitor, o chapéu diante da Bandeira Nacional e em criticar os governos e não seja a vossa caridade semelhante às ocas frutinhas de celuloide, que ornamentam as árvores de natal. "Nós também seremos um dia um grande povo; enquanto não chega a redenção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e desalento, ansiosamente, pedindo socorro! Pensai na educação, brasileiros!" – Disse Miguel Couto. E nós pedimos um pouco mais: PENSAI

> NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS – E AGÍ. (É PRECISO QUE SAIBAM..., 1940, p. 02).

Dessa forma, mobilizou a sociedade a fim de criar uma instituição educativa de caráter filantrópico, a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante na Chácara Municipal e, em seguida, com a abertura de escolas primárias rurais, uma parceria entre o poder municipal e estadual.

O governo do estado autorizou a abertura da Escola Rural Mixta da Chácara Municipal, denominada Escola Primária Miguel Couto, pelo Decreto n. 01, de 27 de janeiro de 1940, e também nomeou as normalistas, sendo elas Maria Bastos Fernandes e Maria Celina de Siqueira[85]. Em 23 de dezembro de 1941, Oliva Enciso, ciente do projeto de criação de cem escolas rurais em Mato Grosso, solicitou, por meio de ofício ao interventor federal, a abertura de uma nova escola mista rural localizada na Cerâmica Aparecida, com a seguinte justificativa:

> Tomamos a liberdade de nos dirigir a V. Exa., solicitando a criação de uma Escola Primária Mixta, na Cerâmica Aparecida, zona do Bandeira, a 8 Km. Conforme a relação anexa, V.Exa. verá como é necessaria a criação dessa escola, que atenderá, de começo, 56 alunos, numa zona onde nao existe nenhum estabelecimento onde possa essas crianças estudar. Os Srs. Tome & Irmãos dão a sala de aulas e e residência para a professora, de acordo com a declaraçäo anexa. Esta Sociedade, que dirigimos, se propõe a moboliar a sala e fazer por essa escola e pelas crianças, o que estiver ao seu alcance. Temos a certeza de que V. Exa., não se recusará atender-nos – o carinho com que o seu Governo vem cuidando da instrução desde o seu ínicio e a atenção que nos tem dispensado, nos permite ter essa certeza e é por isso que pedimos a transferência para essa escola, da normalista JUNIA DE SOUZA E SILVA LACERDA, Professora Estadual em Rio Pardo, neste município, por estar seu esposo trabalhando na Cerâmica Aparecida, onde já se acham residindo. Exmo. Sr. Bel. Julio Muller, si tomamos essa liberdade de importuná-lo com tantos pedidos, é porque o único interesse que nos move é colaborar para que se dê a educação possível a essas crianças, a fim do que no amanhã de sua vida se achem capazes de dignificar a sua patria, com a sua existência honesta, laboriosa e feliz. (CAMPO GRANDE, 1942).

Nesse mesmo ofício, também solicita a transferência da normalista Junia de Souza de Rio Pardo para Campo Grande. Conforme nota publicada no *Jornal do Commercio*, edição n. 1.710, de 03 de janeiro de 1935, a normalista frequentou a Escola Normal Dom Bosco no

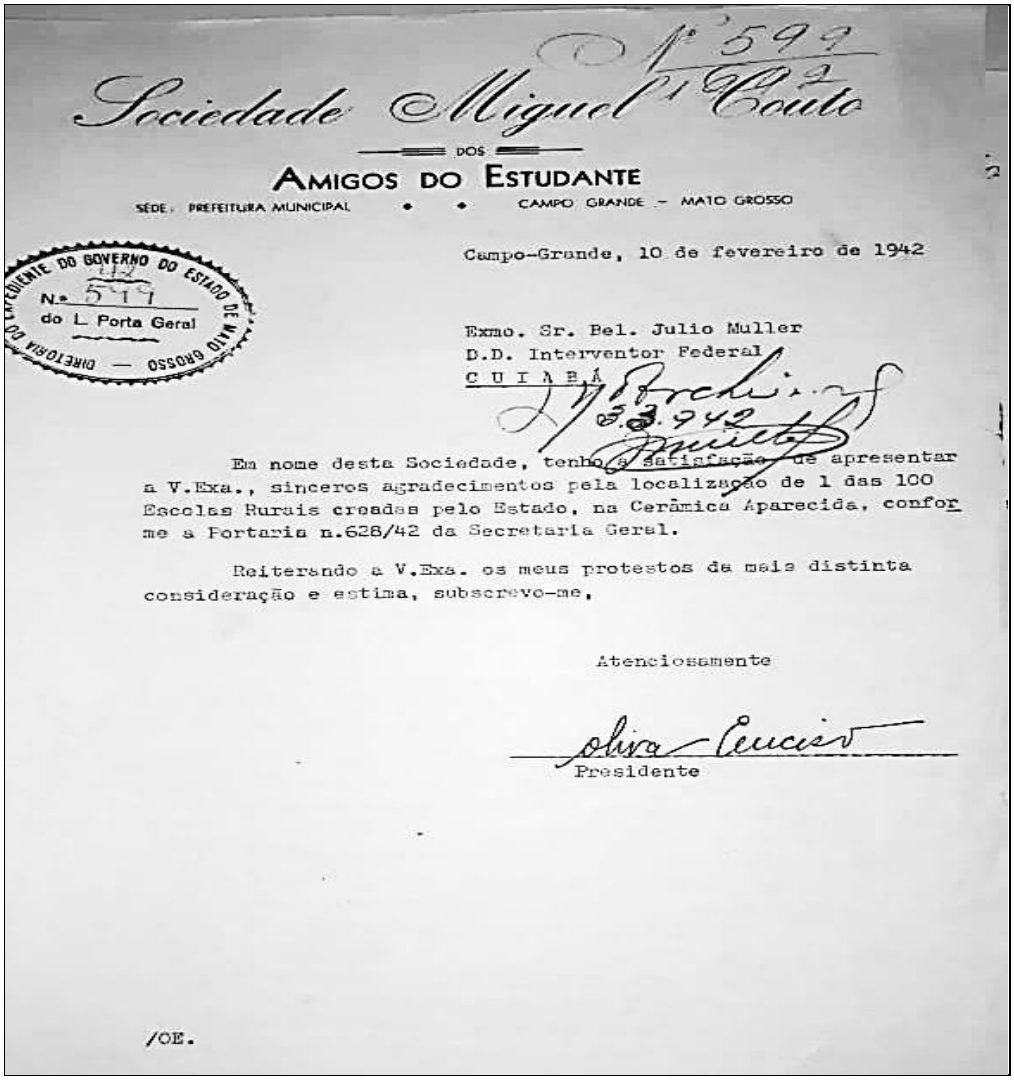
[85] DECRETOS do governo do estado. Estado de Mato Grosso, Cuiabá, ano 2, n. 120, p. 01, 28 janeiro 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018. DECRETOS do governo do estado. Estado de Mato Grosso, Cuiabá, ano 2, n. 146, p. 01, 01 março 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

mesmo período em que secretariou a prefeitura e estudou com sua irmã Maria da Conceição Enciso.

Observamos no documento que Oliva Enciso utilizou-se da argumentação da função social da educação de formação profissional e patriótica, e também mobilizou o seu capital social na concretização da instituição escolar em parceria com a empresa privada. Além disso, indicou a ação da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante na consolidação da abertura da escola primária mista rural. A escola na Chácara Municipal recebeu o nome de Escola Primária Mixta Miguel Couto.

Em 1942, o interventor federal Júlio Strubing Müller, por meio da portaria n. 628 de 1942, autorizou a abertura da escola mista na Cerâmica Aparecida, outra escola solicitada por Oliva Enciso.

Figura 12 - Ofício de agradecimento ao interventor Júlio Müller (1942)



Sociedade Miguel Couto
DOS
AMIGOS DO ESTUDANTE
SÉDE: PREFEITURA MUNICIPAL • • CAMPO GRANDE — MATO GROSSO

DIRETORIA DO EXPEDIENTE DO GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
N.º 511
do L. Porta Geral

Campo-Grande, 10 de fevereiro de 1942

Exmo. Sr. Bel. Julio Muller
D.D. Interventor Federal
C U I A B Á

Em nome desta Sociedade, tenho a satisfação de apresentar a V.Exa., sinceros agradecimentos pela localização de 1 das 100 Escolas Rurais creadas pelo Estado, na Cerâmica Aparecida, conforme a Portaria n.628/42 da Secretaria Geral.

Reiterando a V.Exa. os meus protestos da mais distinta consideração e estima, subscrevo-me,

Atenciosamente

Oliva Enciso
Presidente

/OE.

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

A Figura 12 mostra o ofício de agradecimento enviado por Oliva Enciso ao interventor, em nome da Sociedade, pela abertura da escola rural primária. Nas ações de abertura das escolas rurais mistas por Oliva Enciso, compreendemos elementos das relações sociais estabelecidas pela agente com os companheiros fundadores da sociedade, amigos pessoais e com os representantes políticos, expondo também as relações entre a agente e a família de políticos Müller.

No jornal *Estado de Mato Grosso*, foi possível observar que as criações das escolas primárias rurais estavam vinculadas ao projeto do governo de Júlio Strubing Müller, que visava à criação de 100 escolas primárias ligadas ao movimento Cruzada Nacional de Educação[86].

Na década de 1940, esse movimento teve como uma das suas finalidades homenagear o presidente Getúlio Vargas com a criação de escolas primárias que deveriam receber a nomenclatura do nome do chefe da nação, com inauguração prevista para o dia 14 de abril, dia do aniversário do Presidente da República. O movimento teve a adesão de vários estados e municípios e o estado de Mato Grosso, sob a gestão de Júlio Müller, foi pioneiro dessa ação com a proposta de criação de 100 escolas primárias rurais[87].

Dessa forma, foi criada a Escola Primária Miguel Couto e ali iniciou o seu funcionamento e, em seguida, o Orfanato Lar Santa Tereza. Diante do contexto de desenvolvimento econômico, buscou-se na educação agrícola-profissional a formação para o mercado de trabalho de jovens, tendo em vista o desenvolvimento da agropecuária no sul do antigo Mato Grosso.

Localizamos no jornal *O Estado de Mato Grosso*, edição n. 176, de 04 de abril de 1940, o anúncio das bases para a abertura de uma escola agrícola-profissional na Chácara Municipal de Campo Grande, porém não conseguimos encontrar outras fontes que indicassem a efetivação real da instituição.

Sobre as escolas primárias rurais, localizamos a Lei n. 18, de 20 de fevereiro de 1948, que traz a autorização para a criação de 15 escolas primárias rurais em Campo Grande, assinada pelo prefeito Fernando Corrêa da Costa. Dessa forma, estudos sobre as escolas primárias e profissionais rurais de Campo Grande tornam-se uma das lacunas deste estudo. Portanto, apontamos alguns questionamentos: Quantas escolas existiram? Quais eram os

[86] Movimento criado em fevereiro de 1932, com o objetivo de lutar contra o analfabetismo, numa tentativa de possibilitar o acesso à educação a toda a população do país defendida na década de 1920. Em Mato Grosso foram criadas 111 escolas primárias, 100 pelo governo estadual, 10 pelos munícipios e 1 pelo jornal Estado de Mato Grosso. (MARCILIO, 1963).

[87] CEM escolas. **Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano 2, n. 460, p. 01, 19 abril 1941. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

públicos atendidos? Como funcionaram as estruturas e as finalidades das instituições no contexto de modernização social e econômica de Campo Grande? Sendo necessário o investimento de estudos posteriores para a composição da História da Educação rural regional.

Em suas narrativas escritas, Oliva Enciso descreve que, no ano de 1938, ao retornar da formação do IBGE em Cuiabá, solicitou ao prefeito Demósthenes Martins a criação da secção de educação em Campo Grande, porém esta foi idealizada somente na gestão do prefeito Fernando Corrêa da Costa. Em 31 de dezembro de 1947, foi assinada a Lei n. 10, que criou a Secção de Educação e de Assistência Educacional do Município.

No banco de dados da Câmara Municipal de Campo Grande, localizamos o documento que determinou as seguintes finalidades da seção: dirigir e orientar o ensino municipal, inspecionar os estabelecimentos de ensino, orientar os serviços da biblioteca pública e orientar os serviços de horticultura nos clubes agrícolas escolares. Nessa última finalidade, observa-se o indicativo da relação de Oliva Enciso e suas intenções de ser mantida pelo poder público uma escola agrícola na Chácara Municipal.

Enciso (1986) indicou que organizou e dirigiu a Secção de Educação juntamente com Elisa Augusta da Silva, cuja relação pessoal também foi constituída no Ginásio Municipal de Campo Grande. Ela era professora e seu nome consta nas fontes localizadas sobre o Ginásio.

Por meio das memórias de Oliva Enciso e dos depoimentos de familiares, notamos a atuação da agente em diversas instituições confessionais, dada à formação e disposições do *habitus* religioso. Barcelos (2018) esclarece a atuação de Oliva Enciso em ações práticas religiosas.

> Essa paixão dela de promover o ser humano, englobou essa parte educacional e o social, mas em momento nenhum ela deixou de lado a religião. Porque o motor dela era Deus. Ela era muito religiosa, ela só via isso, achava que por trás de tudo isso estava a mão de Deus. E ela como grande católica se embrenhou em todos os movimentos. Ela foi dos colégios das Irmãs, ela se formou lá. Ela foi a primeira presidente, ela fundou a associação das ex-alunas, [...]. Em 1950, ela muito antenada descobriu Santa Terezinha em São Paulo. Ela viajava muito, [...] ela ficou sabendo de um movimento chamado de Legião de Maria. [...]. Assim que chegou em São Paulo ela trouxe para cá... Ela fundou e isso foi o máximo ela ter trazido junto com Ângela Jordani. Ela não fazia nada sozinha, ela tinha a ideia e ela sempre pegava outra pessoa para ajudá-la. (BARCELOS, 2018, p. 5).

A Legião de Maria[88] é um movimento mariano católico romano, cujo apostolado leigo se espalhou pelo mundo com o intento de contribuir para a ação evangelizadora da Igreja. No Brasil, a associação surgiu ainda em 1950 e, em Campo Grande, chegou por meio da ação prática de Oliva Enciso.

Barcelos (2018) também demostra a atuação de Oliva Enciso como a mediadora de subvenções financeiras e de doações de terrenos para instituições confessionais.

> [...] ela era uma religiosa, como eu falo que ela era uma serva de Deus, ela trouxe para cá, a Legião de Maria até hoje, [...]. Aquilo tomou conta aqui de Campo Grande e as senhoras legionárias. Essa Legião ajuda, por exemplo, as pessoas doentes. As legionárias vão às casas das pessoas, às vezes levam a comunhão e dá aquele conforto espiritual para as pessoas doentes e as pessoas idosas. Isso aí, eu sei porque eu pertenço a isso. A Legião de Maria se estendeu, todas as paróquias aqui de Campo Grande geralmente têm. [...] O que eu me lembro assim foi, a Legião de Maria, que eu saiba, também, essa igreja que eu frequento, Nossa Senhora de Fátima. Ela, com o prestígio dela conseguiu um terreno, e ela praticamente que ajudou. Eu me lembro que os freis que vieram, o Frei Gregório, que hoje tem nome da rua que tá com o nome dele, minhas filhas eram pequenininhas, eu ia lá às vezes no Miguel Couto, a gente ia lá passear. O frei Gregório queria colocar Nossa igreja Nossa Senhora de Fátima, três capuchinhos. Então ela hospedou esses freis lá no Miguel Couto e ela fez tudo. Ela ajudou em toda a burocracia, tudo, tudo para transformar essa igreja ela ajudou. Isso eu me lembro bem. Ajudou o Frei Gregório que morava lá, a instalação da igreja, toda a burocracia, ela que comandou tudo. (BARCELOS, 2018, p. 5)

O depoente Mario Soares (2019, p. 8) também revela a ação de Oliva Enciso na prefeitura: “Ela cuidava muito para prefeitura doar e não taxar coisas como hospital, maternidade, escolas e outras... Ela queria que tivesse o mínimo de despesa com a área que estavam ocupando.”

Diante da afirmação do depoente, localizamos leis e decretos-leis de subvenções, doações de terrenos, isenção de impostos, entre outros, para instituições ligadas diretamente ou indiretamente as suas ações na educação e assistência social.

Apresentamos alguns recursos concedidos pelo poder público municipal[89] no quadro a seguir:

[88] É uma organização católica fundada por Frank Duff, em Dublin na Irlanda, em 7 de setembro de 1921.

[89] No Apêndice A, encontra-se o quadro ampliado dos auxílios, subvenções e outros concedidos pelos poderes Municipal, Estadual e Federal às obras vinculadas ao nome de Oliva Enciso.

Quadro 4 - Recursos municipais mobilizados por Oliva Enciso entre 1940 e 1970

Ano	Finalidade	Normatização	Prefeito
1940	Criação da Escola Primária Mixta na Chácara Municipal.	Decreto n. 01, de 27 de janeiro de 1940	Demósthenes Martins
1942	Isenção/redução de taxas municipais à Associação de Amparo às famílias pobres.	Decreto-Lei n. 52, de 20 abril de1942	Vespasiano Martins
1946	Doação de terreno ao Orfanato Miguel Couto.	Decreto-Lei n. 89, de 30 de julho de 1946	Joaquim Teodoro de Faria
1948	Subvenção de 40 bolsas de estudos de alunos no SENAI.	Lei n. 47 de 12/11/1948	Fernando Corrêa da Costa
1948	Auxílio a entidades beneficentes e à Sociedade Miguel Couto.	Lei n. 49 de 12 de novembro 1948	Fernando Corrêa da Costa
1950	Doação de terreno à Sociedade Miguel Couto.	Lei n. 196, 30 de dezembro de 1950.	Fernando Corrêa da Costa
1952	Auxílio de CR$ 40.000,00 ao Ginásio Barão do Rio Branco.	Lei n. 265, de 28 de abril de 1952	Ary Coelho de Oliveira
1953	Restabelecimento de subvenções às entidades, ao abrigo Miguel Couto e manutenção de 40 alunos no SENAI.	Lei n. 301, 09 de fevereiro de 1953	Wilson Fadul
1953	Subvenções às entidades, abrigo Miguel Couto e manutenção de 40 alunos no SENAI.	Lei n. 345, 12 de dezembro de 1953	Wilson Fadul
1955	Doação do terreno à Sociedade Miguel Couto.	Lei n. 439, 22 de outubro de 1955	Marcílio de Oliveira Lima
1955	Torna de utilidade pública o Colégio Miguel Couto.	Lei n. 435, 27 de setembro de 1955	Marcílio de Oliveira Lima
1962	Escritura do terreno de doação à Sociedade Miguel Couto.	Lei n. 801, 05 de dezembro de 1962	Wilson Barbosa Martins
1967	Doação de terras à Sociedade Miguel Couto para Centro de Treinamento do Magistério.	Lei n. 1025, 12 de junho de 1967	Plinio Barbosa Martins
1972	Funcionamento do Centro Municipal de Educação Especial – APAE.	Lei n. 1.368, de 29/06/1972	Levy Dias
1976	Subvenção financeira – APAE	Lei n. 1.624, 28/12/1976	Levy Dias

Fonte: Britez, 2020.

No Quadro 4, notamos que as normativas foram assinadas por prefeitos participantes das relações profissionais e pessoais de Oliva Enciso, tais como: Vespasiano Barbosa Martins, Fernando Corrêa da Costa, Marcílio de Oliveira Lima, Wilson Barbosa Martins, entre outros. Observamos um movimento de ações de Oliva Enciso junto ao poder municipal em investimentos de recursos públicos para o campo educacional e social em instituições de caráter filantrópico e privadas.

Oliva Enciso, em 1954, elegeu-se com expressivo número de votos, em face da sua atuação em prol da educação e da assistência social. Em suas memórias escritas, ela apontou que, na Câmara Municipal de Campo Grande, as suas ações práticas privilegiaram as atividades de administração e burocracia, não revelando as suas ações de legisladora. O site da Câmara Municipal de Campo Grande apresenta o histórico da 13ª Legislatura de 1955 a 1958, cujo foco de trabalho dos legisladores foi realizar ações voltadas ao fortalecimento da

assistência e da saúde da população. Nele consta que Oliva Enciso exerceu a presidência de 5 a 28 de janeiro de 1958.

Nos documentos disponibilizados na Câmara Municipal de Campo Grande, consta um conjunto de projetos apresentados pela agente legisladora, que privilegiava ações em prol da população como, por exemplo, a subvenção à Campanha do Natal dos Pobres e auxílio financeiro ao Centro Social de Educação e Caridade. Na análise dos documentos (atas, portarias e projetos de leis) do período em que ocupou o cargo de vereadora (1955-1958), observamos o seu interesse em legislar em favor de suas ações educativas. No período, foi concedido pela municipalidade o auxílio financeiro para o Ginásio Barão do Rio Branco, por meio da Lei n. 433, de 20 de setembro de 1955. A utilidade pública à Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, concretizada pela Lei n. 435, de 27 de setembro de 1955, bem como a doações de terrenos para a própria instituição, mediante a Lei n. 439, de 22 de novembro de 1955. De acordo com as fontes localizadas na Câmara Municipal de Campo Grande, Oliva Enciso, entre as ações em prol do bem comum, soube mobilizar, num sentido de Bourdieu (2011b, p. 214), uma "[...] ação política racionalmente orientada a favor da defesa das condições sociais."

Em síntese, a epígrafe do texto poético de abertura do capítulo traz uma reflexão do papel social de homens e mulheres, personagens que escreveram uma história para ser revisitada, ou então, deixada para trás, esquecidas no passado. Nos vestígios do passado das folhas escritas da trajetória biográfica de Oliva Enciso nos caminhos públicos, observamos uma história individual alicerçada numa história social. São nas folhas escritas da trajetória de vida e perscrutadas nas fontes de pesquisa, que compreendemos a sua atuação feminina no espaço público e no campo político de dominação masculina, além do movimento do campo educacional e social, com a consolidação de instituições educativas entre as décadas de 1930 e 1970.

Oliva Enciso em suas ações práticas, buscou priorizar a relação público-privado por meio de instrumentos políticos como projetos e leis. Algumas dessas ações beneficiaram as instituições por ela mobilizadas, uma vez que essas instituições atendiam, na década de 1950, os interesses da sociedade no campo de educação e assistência social, a fim de dotar a cidade de elementos da modernização social.

Nesse caminho, enfrentou lutas políticas para a criação de instituições educativas, como falta de verbas e estrutura física. Na sua trajetória pública, realizou expressivas contribuições ao campo educacional com a criação de instituições educativas e sociais, como o exemplo mencionado da criação da Escola Primária Miguel Couto e, como veremos no

próximo capítulo, a materialização das instituições educativas Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante (1940); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (1948); Serviço Social da Indústria (1948); Ginásio Barão do Rio Branco da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (1948); Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (origem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) (1963); e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (1967). A educação e a assistência social eram vistas pela agente como o caminho para o desenvolvimento humano no preparo para o trabalho diante do processo de transição de urbanização e modernização social de Campo Grande e de Mato Grosso.

3 AS AÇÕES PRÁTICAS DE OLIVA ENCISO NA GÊNESE DE INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS FILANTRÓPICAS E PROFISSIONALIZANTES NÃO ESTATAIS EM CAMPO GRANDE

O tempo
Se fosse possível avaliar
Mesmo de longe
O valor do tempo que perdemos!...

Ensina a geometria que a linha é o caminho
Deixado por um ponto...
Assim o tempo
É a sequência dos momentos
Ponto imperceptível
Entre o que foi
E o que vem
E que forma a trama
Indefinível da existência

Não importa se a vida
Foi longa ou se foi curta
O que vale é o que ficou
Do aproveitamento dado
Ao tempo que passou...

As horas voam silenciosamente...
E feliz quem sabe aproveitar
A fortuna que é
O momento presente.
(ENCISO, 2004, p. 112).

Neste capítulo apreciaremos e analisaremos o protagonismo de Oliva Enciso na gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal do campo histórico de Campo Grande, entre as décadas de 1940 e 1970. Perscrutaremos na trajetória de Oliva Enciso uma articulação dos elementos do *habitus*, capitais e estratégias mobilizadas em diferentes campos na materialização das instituições educativas, evidenciando os papéis desempenhados pelas instituições na modernização social, econômica e política na lógica prática do campo histórico do sul de antigo Mato Grosso.

A hipótese discutida é que, na gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal, a professora e política Oliva Enciso, na percepção do *habitus* religioso, mobilizou capitais social, religioso e político, entre outros, bem como estratégias simbólicas individual e coletiva e, por consequência,

protagonizou o aparecimento feminino em espaços sociais, predominantemente ocupados por agentes masculinos.

Para tanto, estabelecemos dois objetivos, quais sejam: 1) apreciar e analisar a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande e, ao mesmo tempo, evidenciar os papéis desempenhados no processo de modernização social de uma sociedade urbano-citadina na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso, entre 1940 e 1970. 2) Articular e analisar os elementos das disposições estruturadas do *habitus* e dos capitais, bem como as estratégias mobilizadas por Oliva Enciso que permitiram o trânsito em diferentes campos sociais e promoveram ações práticas na criação das instituições educativas em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso.

Este capítulo, ao focalizar a trajetória pessoal e pública de Oliva Enciso, tem como base teórica reflexões de Pierre Bourdieu no uso de triangulação de fontes de informações reunidas nas memórias escritas da agente, em periódicos, documentos oficiais, depoimentos, entre outros.

De acordo com Bourdieu (1996, 2011b), a apreensão de uma trajetória deve ser compreendida na singularidade do agente, como maneira singular de percorrer o espaço social, pelas disposições do *habitus*, pelo acúmulo de capital e pelas posições ocupadas no campo. Os acontecimentos biográficos compreendidos como *colocações* e como *deslocamentos* no espaço social, mobilizados pelos *habitus*, as redes de sociabilidade, os campos sociais de inserção e os capitais possuídos, incluindo também uma interpretação dos aspectos culturais, econômicos e políticos da sociedade local e regional.

A noção de *habitus* define a relação entre o subjetivo e o objetivo como disposições duráveis de uma estrutura estruturante, que orienta as práticas de uma ação individual em cada agente. A estrutura é moldada por meio da vivência de experiências, tais experiências estruturaram a subjetividade e constitui uma "matriz de percepções e apreciações" no decorrer da trajetória.

Para a aproximação de interconexões entre o campo, a agente e as instituições educativas de estudo no campo educacional de Campo Grande, propõe-se responder às seguintes questões norteadoras: a) O que as fontes documentais, memorialísticas e narrativas produzidas trazem sobre a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso entre 1940 e 1970? b) Quais foram os interesses na criação de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, bem como os papéis

desempenhados no processo de modernização social de uma sociedade urbano-citadina na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso, entre 1940 e 1970? c) Quais os elementos das disposições estruturadas do *habitus* e dos capitais, bem como as estratégias mobilizadas por Oliva Enciso que permitiram o trânsito em diferentes campos sociais e promoveram ações práticas na criação das instituições educativas em Campo Grande no sul do antigo Mato Grosso?

Com o propósito de buscar possíveis respostas às indagações suscitadas, o capítulo foi organizado em cinco tópicos sobre as gêneses das instituições educativas, a saber: no primeiro tópico, tratamos da instituição educativa filantrópica Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. No segundo tópico, abordamos a instituição de ensino profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). No terceiro, expomos a instituição de educação profissional feminina da Escola Doméstica Roberto Simonsen do Serviço Social da Indústria (SESI). No quarto, focalizamos a gênese da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Mato Grosso (APAE), evidenciando a educação inclusiva. Por fim, trazemos as gêneses de criação da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (origem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), entre outras, na apreciação das ações práticas de Oliva Enciso no campo educacional regional. No decorrer do capítulo, exploramos as finalidades e os papéis desempenhados pelas instituições na cidade e no sul do antigo Mato Grosso que tiveram como protagonista Oliva Enciso.

3.1 A instituição educativa filantrópica Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

Este tópico objetiva apreciar e analisar os elementos da gênese da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante, bem como os condicionantes que mobilizaram as ações práticas de Oliva Enciso na materialização da referida instituição filantrópica em Campo Grande, sul do antigo Mato Grosso, na década de 1940.

A instituição foi fundada em 21 de janeiro de 1940 e Enciso esteve à frente da organização administrativa e pedagógica por mais de 50 anos.

> A SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE é um poema que venho escrevendo há 50 anos, nele empregando o melhor da minha vida: de 21.1.1940 a 21.1.1990. E, nas horas vagas, escrevi crônicas e

> poemas, que público algumas, neste meu último livro, atendendo a pedidos. (ENCISO, 1989, p. 09).

As narrativas produzidas dos participantes da pesquisa, como Barcelos (2018); Lima (2018); Cabral (2018); Rosa (2018); Freire (2018); e Soares (2019), destacaram a atuação de Oliva Enciso na Sociedade Miguel Couto como a obra de sua vida. Eles definiram que, naquele lugar, ela realizou o desejo pessoal de ter sido irmã de caridade, mas também foi esse um espaço social destinado à formação educacional e profissional de crianças e jovens desvalidos.

Oliva Enciso nomeou o livro *Pensai na educação, brasileiros!* (1989) em homenagem à história da criação da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. Nessa obra, a autora destaca a utilização da nomenclatura da instituição como era conhecida socialmente: apenas Sociedade Miguel Couto. Assim, adotaremos essa nomenclatura nas páginas a seguir.

Figura 13 – Oliva Enciso presidente da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante

Fonte: Revista Executivo Plus, 1986.

A imagem retrata a atuação de Oliva Enciso na instituição filantrópica na década de 1980. Observamos os mesmos elementos da imagem social da juventude, o corte de cabelo curto e uso de roupas claras, com o adicional de cabelos brancos e o uso de óculos, efeitos do envelhecimento biológico.

Em entrevista publicada na *Revista Executivo Plus*, edição n. 23, de 1986, Oliva Enciso, aos 77 anos apresentou elementos dos condicionantes da origem da Sociedade Miguel Couto. No artigo destacamos o relato da agente: "[...] nunca esqueci uma frase de Miguel Couto: 'pensai na Educação brasileira'. Abandonei o curso de Medicina para fazer o que faço

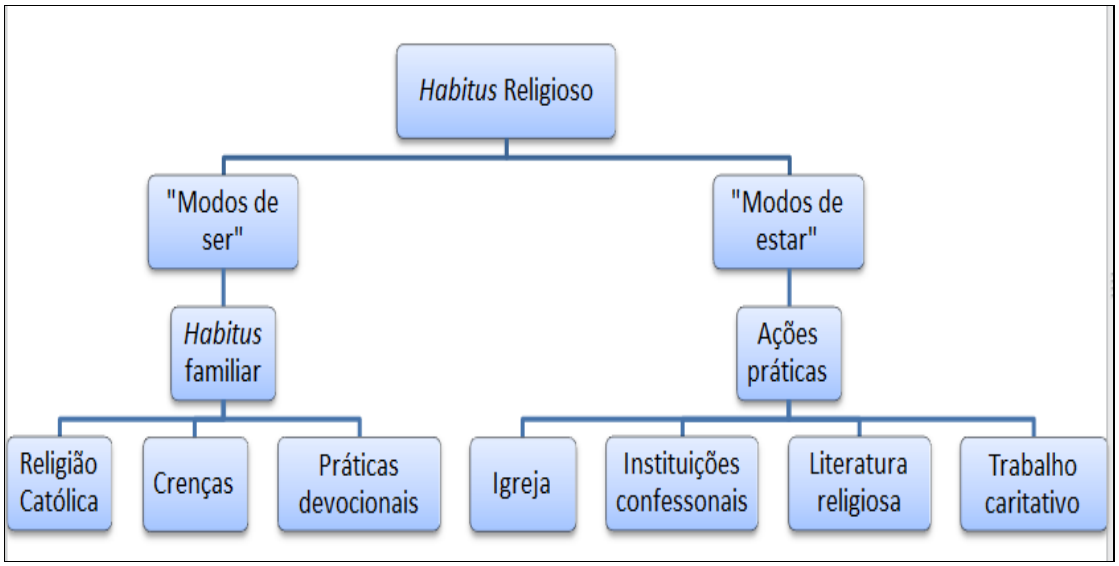
hoje. Assistência Social, isso me absorveu. Foi o objetivo da minha vida." (OLIVA Enciso..., 1986, p. 18).

Na entrevista publicada, observamos dois elementos condicionantes iniciais da criação da instituição educativa de caráter filantrópico: o primeiro, a assistência social mobilizada nas disposições do *habitus* religioso; e o segundo, o pensamento educacional de Miguel de Oliveira Couto[90].

Notamos o objetivo caritativo na gênese da instituição, sendo a caridade compreendida como uma ação ou anseio altruísta de amor ao próximo e, obstinadamente, vinculado pelo cristianismo de moral cristã da benevolência. Enciso (1986), nas memórias de adolescência, relatou que, após frequentar missas e ler o *Manual de devoção da Donzela Cristã no colégio e no lar*, passou a praticar a religião Católica.

A religião católica interiorizada no *habitus* religioso funcionou como a matriz de percepção, de apreciação e de ação de sua origem familiar. As percepções e disposições do *habitus* religioso permaneceram presentes nas ações práticas da agente.

Figura 14 - Propriedades pertinentes da formação do *habitus* religioso de Oliva Enciso



Organização: Britez, 2020.

[90] Nasceu no Rio de Janeiro, em 1º de maio de 1864, filho de Francisco de Oliveira Couto e de Maria Rosa do Espírito Santo. Realizou os estudos secundários no Colégio Pedro II e cursou a Faculdade de Medicina (1880-1886). Por sua atuação na Medicina, alcançou projeção social, sendo considerado o mais ilustre dos médicos brasileiros do início do século XX. Participou da V Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação, realizada em 1927, no Rio de Janeiro. Nesse evento, expôs que um dos maiores problemas enfrentados pelo País era a instrução do povo, defendendo o imperativo de reformas na educação. Destacou que: "Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação." (MIGUEL COUTO, 1927 *apud* JESUS, 2007, p. 478).

A Figura 14 apresenta o organograma elaborado com base nas memórias escritas da agente e sintetiza a apreensão das propriedades pertinentes ao campo religioso que condicionaram a formação do *habitus* religioso. Para Bourdieu (2011a), o *habitus* pode ser entendido como os modos de ser e estar no mundo social, é sinônimo de ação prática, estruturado em ações passadas e também estruturantes de ações presentes. Nas ações práticas da agente, estão exteriorizadas as disposições incorporadas, os gostos e as preferências do campo. Por fazer parte da associação feminina católica Filhas de Maria, seguia as orientações do *Manual da Pia União das Filhas de Maria*.

Figura 15 - Manual da Pia União das Filhas de Maria (1948)

Fonte: http://alexandriacatolica.blogspot.com/.

A Figura 15 apresenta a capa introdutória do *Manual da Pia União das Filhas de Maria*, 7ª edição, publicada no ano de 1948. Expõe Maria como mãe da igreja e representação de um modelo de mulher cristã. Segundo Walter Valdevino do Amaral (2010), a obra compõe "regras para todo o tempo" da vida, ou seja, "o que deveis fazer e o que deveis evitar". Essas regras estavam relacionadas a comportamentos e atitudes que deveriam ser praticadas pelas filhas de Maria[91].

[91] A *Pia União das Filhas de Maria* é uma associação de jovens católicas erigida em Roma em 1864. A organização, a estrutura e as regras comportamentais da *Pia União das Filhas de Maria* foram fundamentais na formação de normas a serem seguidas pelas jovens católicas recifenses. O Manual, como um livro de cabeceira, possui os ensinamentos e as práticas que deveriam ser seguidos pelas sócias no cotidiano. (AMARAL, 2010).

> A primeira parte, mostrava que como boas Filhas de Maria, as jovens deviam: nutrir uma devoção especial a Maria, a Santa Inês e ao Anjo da Guarda; amar o trabalho como um dever de Estado; cultivar a humildade; ser obedientes aos pais e superiores; preservar a modéstia; exercitar a caridade; ter bons modos; amar a mortificação; visitar e consolar os enfermos e atribulados; restringir o seu grupo de amizade, escolhendo as mais prudentes; procurar um confessor sábio, prudente e virtuoso, mantendo-se fiel a ele. (AMARAL, 2010, p. 51).

Para o autor, o Manual exerceu o trabalho de construção simbólica, isto é, por meio do *habitus* interiorizado exercia o controle dos atos das sócias da associação católica. Perrot (2007, p. 64) destaca que: "Filhas de Maria, elas são sujeitas à pureza. O pudor é o seu ornamento." As mulheres devotas e pertencentes à congregação seguem o modelo de Maria como a rainha dos conventos e protetora das moças, como uma figura mediadora, protetora e pacificadora.

Freire (2018, p. 06) destacou as marcas da religiosidade na trajetória da agente: "Humildade, a simplicidade, a dedicação ao trabalho e a firmeza no ideal, essa continuidade que ela sempre deu, e outra característica marcante dela é a religiosidade, como falei para vocês ela era católica praticante a vida toda."

Os depoentes da pesquisa atestam, de modo geral, que Oliva Enciso foi uma mulher de modos simples e humilde, pois, desde sua aparência até o modo de agir, remetia ao modelo de uma freira. Observamos nas regras do Manual a orientação de as jovens manterem o ornamento da Pia União das Filhas de Maria, como também a dedicação ao trabalho na sociedade. A representação feminina das filhas de Maria seguia os modelos de mulheres piedosas e devotadas à fé, conservadoras, caridosas, humildes e obedientes. Seus valores preservavam a família tradicional e o trabalho como dever moralizador de reordenar a sociedade e a pátria.

Oliva Enciso ambicionava valores altruístas, como destacamos no depoimento de Soares (2018, p. 06) a seguir:

> É uma coisa da história de Campo Grande que eu participei. Eu gostava muito dela, e ela gostavam muito de mim. Eu perguntava lá na casa dela tomando café e refresco, elas faziam muito refresco. Porque eu passava as manhãs na casa dela, ordenando as coisas lá. Eu perguntei: Dona Oliva, tem só uma irmã sua que se casou que era a mãe do Newton, por que não se casou? Ela falou: 'Porque o meu grau de religiosidade não permitia coisas fúteis'. Ela falava dela: 'coisas da fraqueza humana, eu só queria ir para cima, não para baixo'. Eu achava isso maravilhoso e aí ela mostrava fotografia dela e irmãs. A senhora não era feia D. Oliva, era uma moça bonita. Já era professora desde que era jovem. Ela era muito estudiosa e gostava de ensinar. Mas, por quê? 'Porque nunca nenhum homem me atraiu, sabe, porque precisa ter uma atração, né Mario. Para gostar e querer casar.

> Eu não tinha pensado em atração'. A senhora nasceu para viver em outro, viver e morrer em outro patamar mesmo. Isso era uma coisa admirável de ver, uma coisa boa no ser humano. Aí ela ria comigo assim e punha a mão no meu ombro. Eu era um gurizão ainda, mas me lembro disso sabe, como uma coisa boa e um contato maravilhoso humano que eu tive.

Na família manteve seus valores pessoais, porém em busca dos valores altruístas dedicou-se nas escolhas de práticas religiosas e trabalho contínuo no campo social. Nas memórias de Enciso (1986, 1989, 2004), identificamos a devoção à Santa Terezinha do Menino Jesus[92]. Essa devoção foi destacada no relato de Barcelos (2018, p. 07):

> Ela era devota de Santa Terezinha do Menino Jesus. Para você ter uma ideia, de tanto que ela era antenada, tinha rádio só em Campo Grande. Rádio. Porque nós não morávamos em São Paulo, Rio de Janeiro, nem em grande capital. Era uma cidade de 50.000 habitantes. Ela, desde que eu era criança, já ouvia falar de Santa Terezinha, antenadíssima, descobriu lá por 1900... [...]. Ela descobriu que tinha uma santa que tinha acabado de ser beatificada na França, Santa Terezinha do Menino Jesus. Foi beatificada em 1925. Olha só.... De 25, vamos supor a 45, são 20 anos. Nesses 20 anos que a França e o mundo adiantado estavam comentando dessa santa que estava fazendo milagre, que morreu aos 24 anos no convento, que estava fazendo milagres... [...]. Chegou ao ouvido dela, porque ela era muito, ela lia tudo, ela estava entendendo de tudo, ela viajava para São Paulo, para o Rio, que era capital, e ficou sabendo dessa santa. Ela tanto vasculhou, conseguiu livros franceses, porque ela lia francês, ela estudou em francês naquela época. [...] E ela, amigas lá do Rio de Janeiro mandaram, e ela conseguiu e veio um livro da santa. Ficou comigo esse livro, a Santa Terezinha em francês, a vida dela. E tinha 20 anos essa beatificação. O mundo estava descobrindo e ela já aqui em Campo Grande, nesse fim de mundo, sabendo.

As fontes apresentam elementos que pressupõem a ascese e a motivação de seguir o celibato, além disso, a caridade como uma forma de alcançar o bem da salvação na mobilização das ações de assistências educacional e social na Sociedade Miguel Couto.

A agente apresenta no artigo intitulado *Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante,* publicado na revista *Folha da Serra,* do ano de 1939, a justificativa da fundação da instituição.

> Qualquer sociedade é um organismo e na Sociedade campo-grandense, uma instituição era preciso existir que cuidasse do estudante pobre, uma instituição que auxiliasse o Governo na sua grande e difícil tarefa de educar o povo brasileiro. Este problema é magno, por seu complexo em extremo e

[92] Freira que cultivou uma intensa admiração pelas coisas e atitudes simples, oriunda de uma família tradicionalmente católica e que decidiu entrar no Carmelo[92] após uma cura milagrosa. Sua vida espiritual incidiu em cumprir a vontade de Jesus, por meio da ação de humildade e da ascese, renúncia do prazer. Aos 24 anos de idade, morreu na cidade de Lisieux, em 30 de setembro de 1897. No dia 17 de maio de 1925, foi canonizada pelo Papa Pio XI e, em 1927, o mesmo a declarou Patrona Universal das Missões Católicas. (PHILIPON, 1954). Em 19 de outubro de 1997, o papa João Paulo II a declarou Doutora da Igreja.

> de urgente solução. O Governo Federal tem a sua vista voltada para ele; os Governos Estadual e Municipal cooperam como podem e nós, que queremos uma Pátria grande, nobre e livre, não podemos ficar com os braços cruzados, espectadores indiferentes ou apenas críticos, deste grande esforço de educar a nossa gente, visto ser a educação dos seus filhos, o alicerce único da grandeza e da felicidade do país. (ENCISO, 1939, p. 11).

No artigo observamos o pensamento educacional de Oliva Enciso, que traz uma visão funcionalista da sociedade. Nele também há a defesa da formação integral do aluno e da formação de professores. O professor tinha que saber ensinar, despertar a inteligência e moldar o caráter de seus alunos. A formação do aluno abrangeria o desenvolvimento da inteligência, do físico e do caráter patriótico. A escola primária, para receber os alunos, necessitava de uma estrutura adequada, com salas iluminadas e ventiladas, com campo de esporte, consultório médico e dentário e merenda. Para os alunos sem condições financeiras, era necessária a criação de uma Escola Profissional, para ensinar as ciências dos ofícios manuais, e a Escola Agrícola com os conhecimentos de técnicas e instrumentos no preparo de trabalhadores para produção e comércio agrícola.

Em 1940, no artigo intitulado *É preciso que saibam!*[93] publicado no *Jornal do Commercio*, edição 2.573, de 18 de janeiro de 1940, a agente convocou a sociedade para participar da criação da instituição filantrópica.

> A 2 de julho de 1927, na Associação, no Rio, se ouviu o brado, ao mesmo tempo, de súplica e advertência, do grande brasileiro Dr. Miguel Couto: "Pensai na Educação, Brasileiros!". [...] Meditemos sobre isto: 1º - Bastará essa nossa instrução primária, às vezes estropiada por falta de competência de quem ensina, falta de material e etc., para aperfeiçoar e desenvolver os dotes de uma criança, a fim de que se torne, no amanhã de sua vida, elemento útil a família. A sociedade e a Pátria? 2º - O número atual de estudantes do curso primário, é, aproximadamente de 5000, só neste Município. Que 50% sigam os cursos superiores e outros 50%? Como EXTRA em seus conhecimentos, saberão apenas, quando terminar o curso primário, todos os nomes complicados os artistas célebres na atualidade cinematográfica e nada mais. 3º- Quantas crianças há em Campo Grande, que não aprendem a ler por falta de roupas, de livros, de estímulo, de exemplo... e por morar longe de uma escola? 4º - Quantas crianças vão ás aulas, depauperadas, subalimentadas, de olhar apagado, sem uma gota de sangue a colorir seu rostinho triste? Vós que me lêdes, comparecer à reunião que se realizará no dia 21 do corrente, próximo domingo, às 10 horas da manhã, no edifício da Prefeitura Municipal, para organizarmos uma sociedade, que *terá como finalidade principal socorrer o estudante necessitado. Socorrer um indigente - é um gesto de caridade. Mas, evitar que uma criança de hoje seja um indigente de amanhã, é a mais sublime das formas de se fazer Caridade.* Não consista, caro leitor, o vosso patriotismo

[93] Nos Apêndices encontram-se a transcrição da íntegra do artigo publicado.

> em tirar o chapéu diante da Bandeira Nacional e em criticar os governos e não seja a vossa caridade semelhante às ocas frutinhas de celuloide de árvores de Natal. “Nós também seremos um dia grande povo; enquanto não chega a redenção do Brasil pela cultura dos seus filhos, continuemos a gritar para todos os lados, entre alternativas de fé e desalento, ansiosamente, pedindo socorro! Pensar na educação, brasileiros!” Disse Miguel Couto. E nós pedimos um pouco mais: PENSAÍ NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS - E AGÍ! Na reunião marcada escolheremos o nome da novel sociedade. O meu voto será para esta denominação: SOCIEDADE MIGUEL COUTO dos amigos do estudante. Campo Grande, 18-1-1940. (ENCISO, 1940, p. 02, grifo nosso).

Os trechos dos artigos publicados demonstram uma visão liberal para além dos valores caritativos de Oliva Enciso. Ao defender o seu interesse individual, envolveu em seu discurso uma ação coletiva de mobilização social, uma vez que a instituição atenderia uma população periférica, que não tinham condições de acesso ao ensino primário e, por consequência, à educação secundária, devido à inexistência de escolas públicas na região.

A seguir, apresentamos partes do primeiro documento público da instituição, a Ata de fundação da instituição filantrópica, disponibilizada em Lourdes (2018).

> ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE. Aos vinte e um dias do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Campo Grande, Estado de Mato Grosso, pelas 10:30 horas da manhã, reuniram-se os abaixo assinados (estando presente o Prefeito Dr. Eduardo Olímpio Machado) para a fundação de uma sociedade. Assumiu a presidência a Srta. Oliva Enciso, que expôs o seguinte: a 14 de Setembro de 1939, os Srs. Antonio de Albuquerque, Ten. Waldemar de Souza Bezerra e ela se dirigiram ao Exmo. Sr. Júlio Muller, M.D. Interventor Federal de Mato Grosso, a seguinte petição (já transcrita) aproveitando ainda o estímulo e apoio recebido do Sr. Dr. Eduardo Olímpio Machado; a colaboração de amigos dedicados de Mato Grosso, como o Sr. Eduardo Gonçalves, atualmente Delegado Regional de Recenseamento Nacional do Estado, do Sr. Cap. Osório Torres e outras pessoas, resolveram os signatários daquele requerimento fundar uma sociedade, com as seguintes finalidades: *1º - Trabalhar junto as autoridades e como for possível para a criação, aparelhamento e funcionamento, no município de Campo Grande de uma ESCOLA AGRÍCOLA-PROFISSIONAL; 2º - Promover a criação de Clubes Agrícolas Escolares da Sociedade Alberto Torres; 3º - Pleitear a criação, aparelhamento e funcionamento de novas escolas primárias, onde se tornarem necessárias; 4º - Socorrer os estudantes necessitados, com prévia sindicância de comissão para esse fim designada*: a) providenciando o fornecimento de uniformes, livros etc. ; b) submetendo-os a exames médicos e fornecendo-lhes os medicamentos necessários; c) encaminhando-os a profissionais que oferecerem maiores vantagens, até que a Sociedade disponha de gabinetes odontológicos ou os poderes públicos os ponham a serviço público; d) providenciando-lhes assistência alimentar. 5º *Visitar, por meio de comissões os estabelecimentos de ensino, premiando os melhores alunos e providenciando reuniões de professores, a fim de que haja intercâmbio de conhecimentos úteis à Instrução*; *6º Levar ao conhecimento*

> *das autoridades competentes, as irregularidades que foram observadas nos estabelecimentos de ensino*. Disse ainda que votava para que a denominação da sociedade fosse: - "SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE". Miguel Couto, porque ele foi um estudante que se formou com sacrifício e se tornou um sábio e um dos brasileiros mais ilustres. No entanto, os presentes poderiam sugerir outra denominação, cuja escolha seria por aclamação. Aceita pelos presentes aquela denominação, ficou se chamando: SOCIEDADE MIGUEL COUTO DOS AMIGOS DO ESTUDANTE. (ENCISO, 1986, p. 126-128, grifo nosso).

De acordo com Enciso (1986), a instituição foi fundada com o objetivo de atender as lacunas existentes no campo da educação e assistência social de Campo Grande. Porém, destacamos outras finalidades apresentadas na ata de fundação, em que se tornam perceptíveis as finalidades da instituição como um mecanismo de representação social a ser utilizado para intermediar interesses de participação em projetos educacionais em andamento, sendo estes: a) a ampliação do número de escolas primárias na cidade[94]; b) a participação de um projeto nacional de instrução de uma massa de trabalhadores rurais[95]; c) a responsabilização da sociedade civil na educação por meio da sociedade filantrópica; d); a promoção dos princípios da meritocracia nas escolas com a comprovação de um mérito[96]; e por fim, e) a fiscalização da qualidade da educação oferecida nas instituições escolares.

Observamos que Oliva Enciso, como secretaria da prefeitura, tinha um amplo conhecimento dos projetos nacionais e locais e, por isso, direcionou as finalidades da instituição, baseando-se em finalidades de projetos em andamento na sociedade. Isso possibilitaria a mobilização de uma política de colaboração, ao aliar os interesses da filantropia com os interesses sociais e, por fim, obter subvenções e auxílios dos poderes públicos.

O interesse de fundar uma instituição educativa filantrópica surgiu em setembro de 1939, no período que Oliva Enciso ocupava a função de chefe da Divisão de Estatística de

---

[94] Como posto no capítulo anterior, na gestão de Júlio Müller houve o projeto de criação de 100 escolas primárias rurais em todo o Mato Grosso.

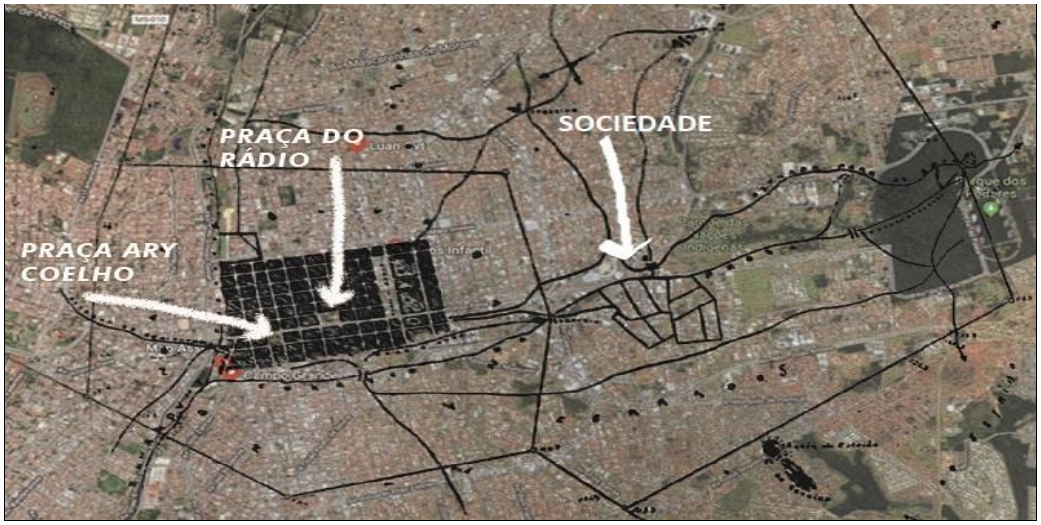
[95] A Sociedade Alberto Torres teve sua origem em 1932, no Rio de Janeiro, com sede na Sociedade Nacional da Agricultura e uma das finalidades da instituição foi a criação de clubes agrícolas. Os clubes agrícolas defendiam o *ruralismo pedagógico* como a salvação do país. (SANTOS, 2015). Os clubes-agrícolas escolares obtiveram o apoio do Serviço de Informação Agrícola vinculado ao Ministério da Educação. Cf. AMPLIADOS OS OBJETIVOS DO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, n. 191, p. 1, 27 abr. 1940.

[96] Em 1940, foi realizado o Primeiro Concurso de História de Mato Grosso patrocinado pela Sociedade Miguel Couto e pela Biblioteca Pública Municipal, tendo como participantes os estudantes do ensino secundário, com a finalidade de premiar as melhores dissertações produzidas sobre Luiz Albuquerque e Antonio João na projeção histórica no sul de Mato Grosso. A finalidade era exaltar a história do sul de Mato Grosso por meio da competição pública entre os estudantes. Cf. NOTAS HISTÓRICAS. O *Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, n. 304, p. 2, 22 set. 1940.

Campo Grande, juntamente com o estatístico Sr. Antonio Albuquerque e o Tenente Valdemar Sousa Bezerra, os quais fizeram parte da fundação da instituição. Como apresentado no capítulo anterior, a instituição teve origem devido à falta de instituições primárias públicas, como também pelas condições sociais e econômicas de famílias e do arrolamento de crianças que não tinham acesso aos estudos em torno da Chácara Municipal.

Na época, a Chácara Municipal situava-se numa região rural e periférica da cidade e carecia de atendimento do poder público para uma transição das características da região.

Figura 16 - Sobreposição do primeiro mapa de Campo Grande com o atual da cidade



Fonte: Tatiana Marin (2018).

A Figura 16 apresenta uma sobreposição entre a Planta do Rocio, que delimita a área urbana, de 1910, com a imagem atual da cidade. Na imagem, observamos os limites urbanos da cidade e a localização da Chácara Municipal, que se tornou a Sociedade Miguel Couto. Conforme consta no editorial *Campo Grande, uma cidade que não nasceu como as outras*, publicado no jornal *O Estado de Mato Grosso*, edição 176, de 07 de abril de 1940, a prefeitura realizava na região obras de infraestrutura e adquiriu as terras com represas de águas para ampliar o abastecimento de água da cidade.

No local havia uma concentração de famílias desfavorecidas e algumas atividades econômicas de agricultura e criação de pequenos animais. Na mesma edição do periódico, a recente criação da instituição recebeu o seguinte destaque: “A Sociedade Miguel Couto. Fundada em 21 de janeiro último, com a nobre finalidade de colaborar com os Governos, na grandiosa campanha de educação da Infância e Juventude brasileira.” (O ESTADO DE MATO GROSSO, 1940, p. 11).

A criação da instituição educativa para crianças e jovens desprovidos socialmente era necessária em Campo Grande. De acordo com o Relatório de Instrução Pública de 1939, a assistência pública existia apenas em Cuiabá, no "[...] amparo das crianças desvalidas em idade escolar, mantém o Estado 80 lugares no Asilo de Santa Rita, e no Liceu Salesiano de São Gonçalo, mediante subvenção." (MATO GROSSO, Relatório..., 1939, p. 10).

Isso demostra a posição da agente social de mobilizar a construção da Sociedade Miguel Couto em virtude das condições econômicas e políticas postas, já que o Município e o Estado não alçariam investimentos necessários no campo educacional e modernização social. Segundo Moro (2012), no decorrer da década de 1920 e 1930, a cidade teve relevante crescimento populacional mobilizado por relações comerciais entre Campo Grande-São Paulo e enfrentou problemas de territorialização na urbanização da cidade. Houve o aumento de um "povo comum"[97](sic!"), desprovido de condições econômicas e sociais de existência.

A finalidade de cuidar e educar crianças e jovens também tem suas bases nos direitos da criança brasileira, publicado em dias anteriores ao chamamento público da criação da instituição filantrópica. Localizamos no *Jornal do Commercio*, edição 2.567, de 12 de janeiro de 1940, o Código Moral de Defesa da Criança Brasileira, promulgada pela Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância.

No período do Estado Novo (1937-1945), o Governo de Getúlio Vargas divulgou a ideia da criança como "cidadã do futuro" e, em consequência disso, regulamentou políticas de infância com ações de tutela e proteção, ampliou instituições públicas e declarou utilidade pública as organizações sociais voltadas à primeira infância[98]. No decorrer da década de 1940, a educação da infância e da juventude foi direcionada pelas ações higienistas, a puericultura e a criação e ampliação de entidades filantrópicas. (KRAMER, 1988).

Como apresentado no capítulo anterior, na cidade existia algumas instituições beneficentes, porém sem a finalidade de formação educacional dos seus beneficiários. No Brasil, na primeira metade do século XX, a filantropia foi caracterizada pelo aumento de instituições assistências, "[...] a maioria ligada à Igreja Católica para o atendimento de crianças órfãs, para a atenção aos abandonados e aos delinquentes. Desse modo, a atenção à

[97] Termo utilizado pelo autor para apresentar a população pobre da classe trabalhadora. O estudo traz a discussão das narrativas produzidas por fontes memorialísticas e jornalísticas que exaltam o povo civilizado, membros da elite como mobilizadores e deixa à margem a presença de outros sujeitos no desenvolvimento histórico da cidade.

[98] Em 1938 foi criado o Conselho Nacional Serviço Social, instituído pelo Decreto-Lei nº 525, de 1º de julho de 1938. O objetivo do órgão era dar suporte às entidades filantrópicas e privadas que promoviam assistência. Em 1940, Decreto-Lei nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940, fixou as bases da organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o País, e criou o Ministério da Educação e Saúde e o Departamento Nacional da Criança.

criança aconteceu de um lado, com base no ensinamento moral e, de outro, com a preparação para o trabalho.” (GUIMARÃES, 2017, p. 100).

Observamos nos artigos supramencionados o pensamento educacional de Oliva Enciso vinculado ao cunho nacionalista de Miguel de Oliveira Couto, em relação ao panorama amplo da função da educação, de formação atrelada ao modelo político-econômico liberal e da educação profissional como reprodução das estruturas de poder[99].

Segundo nosso depoente o Prof. Cabral (2018), Oliva Enciso, já estimulada em criar uma obra social para atender menores desamparados, retoma as ideias presentes na conferência de Miguel de Oliveira Couto, sendo sua inspiração o pensamento educacional.

> Ela tinha esse compromisso, né?... Até porque a conferência do Miguel Couto foi muito decisiva para ela compreender a importância da educação e ela própria, quer dizer, ela consegue ajudar a família porque ela buscou a educação e se qualificou e, graças à qualificação dela, que ficou entre as irmãs foi que teve maior escolaridade, ela pôde ser o esteio de toda a família. Então ela tinha essa compreensão não só porque Miguel Couto disse, mais porque ela própria intuitivamente percebeu que esse era o caminho. E então veio o teórico e confirma para ela que o caminho é esse. E aí ela agarra tudo que ele compõe e cria a Sociedade Miguel Couto, visando o melhor no modelo que ela havia preconizado. (CABRAL, 2018, p. 05).

Para o referido depoente, as ações práticas de Oliva Enciso no campo educacional estiveram alicerçadas na ampliação da sua escolarização e isso possibilitou a mudança de trajetória e ampliou sua visão do papel da educação. A triangulação de fontes que promovemos (obras memorialísticas, documentos, notícias e dados censitários) produziu a análise de apreensão da estratégia de interesse público acionada por Oliva Enciso.

Na ata de fundação da instituição de caráter filantrópico, que se encontra reproduzida na obra *Pensai na educação, brasileiros!* (1989) e exposta em Lourdes (2018)[100], percebemos como Oliva Enciso utilizou a estratégia de interesse público com uma intenção objetiva para mobilizar a abertura de duas escolas rurais, na Chácara Municipal e na olaria de Antônio da

[99] Fundamentamos nossa exposição baseada nas seguintes autoras: RIBEIRO, Maria Luíza Santos. *História da Educação Brasileira*: a organização escolar. 4. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil* (1930/1973). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980. SILVA, Geraldo Bastos. *A educação secundária*: perspectiva histórica e teoria. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

[100] A pesquisadora indicou no seu estudo que Oliva Enciso, no período de fundação da Sociedade em 1940, exercia a função de inspetora de ensino municipal, posição que as fontes localizadas nesse estudo não confirmam. De acordo com as fontes analisadas nesse período, a agente mantinha a posição de chefe da Divisão de Estatística de Campo Grande, dada após sua qualificação profissional pelo IBGE, em Cuiabá, no ano de 1939. De acordo com a Lei n. 26, de 29 de dezembro de 1938, que orçou sobre as despesas de 1939, consta a função de secretário e estatístico chefe, cujos cargos foram exercidos por Oliva Enciso.

Silva Vendas, ambas subvencionadas pela Prefeitura e pelo Estado. A prefeitura cedeu o espaço para o funcionamento da Escola Rural Mista, localizada na Chácara Municipal Primária Rural. O Estado subsidiou a escola com a nomeação da normalista Maria Bastos Fernandes, para atuar como professora da escola, conforme consta no Decreto do Governo, publicado no jornal *O Estado de Mato Grosso*, edição 147, de 02 de março de 1940.

Observamos que, na ação prática da agente, esteve presente uma estratégia prática e orientada, implicada no interesse público e social. Para Bourdieu (2011a, p. 12) o interesse público e social emerge dos interesses internos do campo, pois o "[...] campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: e ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção."

No interesse pela educação das famílias residentes na região, Oliva Enciso solicitou ao prefeito Eduardo Olimpo Machado a criação da escola primária e, no ofício enviado ao interventor Júlio Strubing Müller, justificou a necessidade de o Estado subsidiar a abertura da instituição.

Os primeiros dados censitários de Campo Grande, apresentados no periódico *O Estado de Mato Grosso,* edição n. 176 de 04 de abril de 1940, apontam que na cidade havia 49.629 habitantes, sendo 14.459 habitantes situados na região urbana e 35.170 habitantes na região periférica, rural e distritos. A população era formada por uma massa de imigrantes advindos de outras regiões do País e de outros países. Os dados indicam que 25.123 pessoas sabiam ler e escrever.

Em Campo Grande, no referido período, não havia escolas primárias rurais mantidas pela municipalidade, apenas 17 escolas isoladas localizadas em regiões distantes do centro da cidade, tais como Cascudo, Cachoeirinha, Jaraguary, entre outras. Em relação às escolas rurais, existiam quatro instituições mantidas pelo Estado, incluindo a Escola Rural Miguel Couto[101]. Dessa forma, as aberturas de escolas rurais primárias se faziam necessárias para atender uma parcela maior da população que vivia nos arredores periféricos da cidade e campo rural, ocasionando, assim, a diminuição dos índices de analfabetismo apresentados na cidade.

[101] Relatório de Instrução Pública do Interventor Federal Júlio Strubing Müller, de agosto de 1940.

Figura 17 - Alunos e professores em frente à Escola Rural Miguel Couto (1948)

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso (2013).

A Figura 17 traz a fotografia da sede da Escola Rural Miguel Couto, em 1948, onde funcionou o ensino primário misto. A escola esteve sediada inicialmente na Chácara Municipal, conforme a Lei n. 89, de 30 de setembro de 1946, que fora o local doado para a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. A fotografia apresenta uma construção do sentido do valor do interesse de registrar a existência da escola rural. Na imagem observamos o interesse do registro dada a visão frontal, as posições e os alinhamentos dos indivíduos, entre eles professores e alunos.

Sobre a instalação das escolas rurais, o Regulamento da Instrução Primária de Mato Grosso, Decreto nº 759, de 22 de abril de 1927, normatizou as condições mínimas de capacidade, situação de solo e vizinhança, ventilação, iluminação e instalações sanitárias das na instalação das escolas. Para garantir tais condições trouxe a proposta de criar prédios novos e reformar os prédios usados. A finalidade das escolas rurais foi o oferecimento da instrução primária rudimentar com duração de dois anos, no programa educacional constou o ensino de leitura, escrita, as quatro operações e noções da história e geografia do Brasil e regional.

A imagem traz à luz as condições precárias de existência da escola num tempo antigo do espaço da Chácara Municipal. Notamos a instalação da escola num terreno amplo e num prédio adaptado para o funcionamento das salas de aula, sem as condições necessárias de infraestruturas para atender o número expressivo dos alunos que aparecem na imagem. Tais elementos apontam para a precariedade do oferecimento da instrução pública rural na década de 1940.

A Sociedade Miguel Couto era, segundo os depoentes desta pesquisa, um ambiente acolhedor e familiar, lugar onde a família de Enciso se reunia nos finais de semana e também participava das missas na capela erigida por ela. Participavam os familiares e os menores acolhidos, e Oliva Enciso exercia a ação de ensinar, como exposto no depoimento de Barcelos (2018, p. 07):

> A sala de aula dela era na hora que ela sentava com você e conversava com você, ela te dava uma aula. E nós, os sobrinhos, tivemos esse privilégio de desde criança, no sábado e domingo, que era o dia que ela dava uma paradinha para família, porque ela só se dedicou para o próximo. A minha família também junto sentada e contava história da Bíblia. Aí ela dava aula de Bíblia para nós, e nós ficávamos tudo assim, ouvindo as histórias de vida dos santos.

Nos depoimentos notamos a importância da família para Oliva Enciso, como destacado por meio do depoente Prof. Cabral (2018, p 11):

> Quer dizer, na realidade quando ela diz para mãe que quer ir para o convento, e a mãe diz volte para me ajudar a criar a Carminha e a Conchita, que eram as caçulas as irmãs. A Nenita já estava casada quando vieram para cá que era a mais velha e as outras acho que só uma do primeiro pelotão que não se casou. Ficaram três solteiras e quatro se casaram. Mas ela ficou com a responsabilidade para direcionar a família e ela se impôs esse papel e se desenvolveu com maestria nesse papel.

Oliva Enciso foi figura central e, depois do falecimento da mãe, Martinha tornou-se a matriarca da família. Muitos de seus parentes participaram de seus projetos, como posto no quadro a seguir:

Quadro 5 - Atuação de familiares de Oliva Enciso nas instituições educativas

Familiar	Vínculo familiar	Instituição	Atividade
Newton Enciso	Sobrinho	SOCIEDADE	Administrador
Ana Maria Fontoura de Freitas	Esposa de Newton	SOCIEDADE	Secretária
Eduardo Enciso de Freitas	Sobrinho	SOCIEDADE	Administrador
Afro Puga	Cunhado	SENAI	Diretor
Nilza Enciso de Freitas	Sobrinha	SESI	Secretária
Aloysio A. Magiano Pinto	Cunhado	Faculdade de Odontologia e Farmácia/ UEMT	Membro da Comissão
Neusa de Freitas	Sobrinha	SESI	Secretária
Brunilda Magiano Pinto	Sobrinha	SESI	Instrutora de trabalho manual

Fonte: Enciso (1986).
Organização: Britez, 2020.

No Quadro 5 examinamos que seus familiares sobrinhos e cunhados colaboraram nos seus projetos e nas atividades em outras instituições organizadas por ela. Seu sobrinho Newton Duarte Enciso, considerado por ela como filho, foi seu fiel colaborador na Sociedade, e, em seguida, seu sobrinho Eduardo Fontoura de Freitas tornou-se responsável pela administração da instituição e mantém-se nela até a presente data.

Para Oliva Enciso, a família era basilar e a agente tinha o respeito de todos e respeitava as escolhas e posições de seus entes queridos. Assim ela definiu a importância da família:

> A família sempre foi e sempre será a base de qualquer sociedade. É na família que os valores se revelam num entrelaçamento de amizades duradouras. Para conviver harmoniosamente com a família é preciso aceitar os defeitos uns dos outros, respeitando os limites de cada um. (CENTRO DA CIDADE, s/d, p. 02).

Como portadora de uma estrutura estruturada[102] no *habitus* familiar e religioso, os familiares de Oliva Enciso também se definiram por uma trajetória particular relacionada à sua trajetória. Notamos que os membros da família mantiveram experiências familiares, religiosas e profissionais semelhantes. Segundo Bourdieu (1989, p. 242), as experiências semelhantes são produzidas por uma "[...] proximidade dos interesses e, sobretudo, a afinidade dos *habitus* ligada a formações familiares e escolares semelhantes, favorecem o parentesco das visões do mundo." O sentimento de cumplicidade representava a estrutura das relações da família Enciso, além disso, seus familiares tiveram acesso aos cargos administrativos de destaque nas instituições escolares idealizadas por ela.

Soares (2018), outro depoente desta pesquisa, amigo de Oliva Enciso e filho do contador da prefeitura Frederico Soares, contou sobre o funcionamento financeiro da instituição.

> [...] D. Oliva Enciso era diretora do colégio Barão do Rio Branco e era da Rua Joaquim Murtinho. Era uma chácara da prefeitura e quem tomava conta era o sobrinho dela Newton Enciso, filho de uma irmã dela. Nome italiano, ele morava na Joaquim Murtinho e ele que cuidava [...] os meninos internos lá. Eram crianças pobres que os pais não tinham condições de pagar colégios, aí ficava lá. A comunidade colaborava com dinheiro para manutenção das crianças, de material escolar, de alimento, de roupas de camas e outras coisas. E veja bem... Meu pai era muito amigo dela e gostava demais dela lá na prefeitura. A D. Oliva precisava de gente, de uma pessoa

[102] Estrutura estruturada são os esquemas de percepção e de apreciação que estão susceptíveis a serem utilizados em momentos considerados. Aprendizagem necessária para adquirir o corpus de saberes específicos, que favorece os condicionantes ou elementos necessários de inculcação do domínio prático da lógica do campo. (BOURDIEU, 1989, p. 141).

> que fosse às casas pegar o dinheiro dos contribuintes lá do colégio. [...]. Eu ajudava nessa parte na coleta de donativos, eu ia com minha bicicleta. Então me lembro do livro, porque eu ia prestar conta para ela, eu prestava conta ao Newton e pra ela. O Nilton era o auxiliar dela, ficava o tempo todo disponível na Chácara e na Sociedade. (SOARES, 2019, p. 02).

O depoimento aponta que a Sociedade Miguel Couto não sobreviveu financeiramente apenas com as subvenções do poder público, mas houve a participação de membros da família e da sociedade local. Enciso (1989), em sua biografia, descreve que existia um grupo de sócios beneméritos, benfeitores e efetivos, que contribuíam com doações financeiras e materiais para a manutenção da instituição, entre eles Vespasiano Barbosa Martins, Dolor Ferreira de Andrade, Roberto Mange[103], Eduardo Olimpo Machado, Fernando Corrêa da Costa, Maria Aparecida Pedrossian, Múcio Teixeira Júnior, Paulo Coelho Machado, entre outros. Esses agentes foram sócios beneméritos, que integravam a rede de relações pessoais e profissionais da agente e prestaram serviços relevantes à Sociedade[104]. Em agradecimento aos sócios e instituições que contribuíram para a ação da instituição, ela registrou:

> Impossível citar todas as pessoas e instituições que ajudaram a Sociedade ao logo da sua existência. Mas os seus nomes figuram na sua história, que é do conhecimento de Deus e Ele que tudo vê e sabe do valor dos menores gestos, dará a sua recompensa. Algumas pessoas já devem estar recebendo-a, junto d'Ele, porque tudo foi feito, visando a criança órfã, abandonada e filhas de famílias que não as podiam educar e nem mesmo alimentar. [...] A todas as pessoas que lhe estenderam as mãos caridosamente, só se pode dizer: "DEUS LHES PAGUE! (ENCISO, 1989).

No funcionamento econômico do campo religioso, destacamos a análise entre o tempo e a dádiva[105], uma vez que é perceptível, em praticamente todas as sociedades, a relação entre a dádiva e o tempo, ao criar o imaginário de que "[...] não se devolve no ato o que se recebeu." (BOURDIEU, 2011b. p. 159). O intervalo temporal tem a função de colocar um véu

[103] Formou-se em engenheiro pela Escola Politécnica de Zurique em 1910. Em 1913, veio para o Brasil e foi convidado para lecionar no curso de Engenharia Mecânica da Escola Politécnica de São Paulo. Foi superintendente da Escola Profissional de Mecânica do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e organizou o Serviço de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro Sorocabana. Em 1931, fundou o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT). Entre 1940 e 1942, organizou, juntamente com os líderes industriais Roberto Simonsen e Euvaldo Lodi, a fundação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e foi seu primeiro diretor, tendo exercido o cargo até falecer.

[104] Paulo Coelho Machado, filho de Eduardo Olimpo Machado, participou do conselho fiscal e foi o advogado da instituição entre as décadas de 1960 a 1970; Roberto Mange, diretor do SENAI, responsável pela criação da instituição profissional não estatal na cidade, que, em parceria com a Sociedade Miguel Couto, encaminhou alunos para a formação profissional.

[105] É uma palavra derivada do latim *dativa*, que significa donativo. Uma dádiva representa aquilo que é dado, um presente ou uma oferta. Também considerada como todos os atos de benevolência ao outro que naturalmente fazem parte da sociedade.

entre a dádiva e a retribuição. “Se posso definir minha dádiva como uma dádiva gratuita, generosa, que não espera retribuição, é porque existe o risco, por menor que seja, de que não haja retribuição (sempre há ingratos).” (BOURDIEU, 2011b. p. 159).

Segundo Pires e Peroni (2019, p. 15), a filantropia foi incentivada na Carta Política de 1937, em que houve o “[...] incentivo à criação de associações de direito privado sem fins lucrativos, com o propósito de prestar uma espécie de “assessoramento” aos alunos, com vistas a fortalecer, por meio da educação, o desenvolvimento do país.” O Estado, no artigo 128, repassou para a iniciativa individual e coletiva de escopos privados a responsabilidade da promoção na educação, como um dever e solidariedade das famílias abastadas com os mais “necessitados”.

Oliva Enciso foi uma mulher percursora no movimento de uma relação público-privada na educação filantrópica em Campo Grande. Ela buscou a colaboração dos poderes públicos na materialização da instituição de caráter filantrópico vinculada à educação e assistência social. Na perspectiva bourdieusiana, a relação entre o público e o privado baseia-se numa “oposição proximidade/afastamento em relação ao público”, entre proximidade diferencial dos agentes em relação ao centro de recursos de tipo estatal, uma hierarquia linear de valores estatais.

> [...] essa oposição simples Estado/sociedade civil pela ideia de um *continuum* que é uma distribuição contínua do acesso aos recursos coletivos, públicos, materiais ou simbólicos, aos quais se associa o nome “Estado”. Essa distribuição seria, como todas as distribuições em todos os universos sociais, fundamento e objeto de lutas permanentes, sendo as lutas políticas (situação/oposição) a forma mais típica da luta para derrubar essa distribuição. (BOURDIEU, 2014, p. 405).

Compreende-se a relação público-privada como uma continuidade das obrigações do Estado e, com a distribuição dos direitos da coletividade, o público se torna privado. Isso coloca na sociedade civil a responsabilidade de garantir essa distribuição e, para isso, os agentes sociais lutam entre si para garantir os recursos públicos.

Essa luta pelos recursos públicos fica evidente na *Ata Parlamentar* n. 151, de 04 de dezembro de 1961, na qual nota-se claramente a crítica de alguns deputados aos vetos às subvenções ao Instituto Matogrossense para Cegos e à Escola 26 de Agosto, diante do auxílio indicado pelo governo à Sociedade Miguel Couto. Oliva Enciso defendeu-a como a única instituição que cuidava integralmente de crianças órfãs em Mato Grosso e que sempre buscou atender os interesses de outras instituições por verbas públicas indistintamente. Dentre os deputados que criticaram a posição do governo em vetar verbas públicas para instituições

beneficentes e conceder para a Sociedade, destaca-se o deputado Pedro Luiz, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que exaltou:

> Voltando ao veto da escola 26 de Agosto, depois de ter feito a injustiça receita injustiça que se faz com o Instituto mato-grossense para cegos e agora estamos no terreno que acho contraditório nessa revolução do sr. Governador de vetar tudo aquilo ou quase tudo o que determina auxílio a entidades. Como exemplo, quero dizer que conhecemos também outra entidade que é a Escola Miguel Couto, dos amigos dos estudantes de Campo Grande, escola que teve dos seus primórdios da sua fundação a deputada Olivia Enciso, a frente dos seus destinos e essa nossa prezada colega que reconhecemos por todos os meios, méritos, a sua grande contribuição no terreno do ensino que tem adotado como verdadeiro sacerdócio o seu trabalho à frente daquela entidade merecedora também de todo apoio de todo auxílio do poder público e se possa dar a Escola Miguel Couto que se possa fazer a Escola 26 de Agosto que presta patrióticos serviços a Mato Grosso, tudo que se poderá dizer é pouco em vista o que muito representa para a coletividade matogrossense. Enquanto o governo vetava aquela lei que dá auxílio a Escola 26 de Agosto enviava para cá mensagem pedindo um auxílio de quinhentos mil cruzeiros para a Escola Miguel Couto. Eu pergunto ao governador. Foi justa essa discriminação e agiu S. Exa. com espírito de justiça e humanidade? Eu mesmo respondo: Não. Não, porque não pode sr. Presidente, senhores deputados, se distinguir no trabalho, no sentido dessas duas entidades. É um só. Eles se colocam o lado de tudo para poder promover com o seu trabalho com seu patriotismo a felicidade de um maior número de jovens, e daqueles principalmente que não tem meios nem onde bater para poder custear os seus estudos. (ATA PARLAMENTAR, 1961a, p. 14).

Ao final da Ata parlamentar, os deputados solicitaram uma comissão para estudar os critérios de subvenções para instituições beneficentes, sem privilegiar interesses pessoais e do governo. Em seguida, a Ata Parlamentar n. 154, de 07 de dezembro de 1961, apresenta a continuidade do enfrentamento entre o deputado Pedro Luiz e Oliva Enciso:

> O SR. PEDRO LUIZ: [...]. Aí está Srs. Deputados, o veto ao auxílio a Escola "26 de Agosto", reconhecida por todos como uma entidade que presta reais serviços a coletividade. Tudo isso mereceu o veto do Sr. Governador, mas, aqui neste jornal está também concedida a uma entidade não menos benemérita, tão fértil também no desejo de prestar serviços aqueles que precisam desse auxílio é a Sociedade Miguel Couto. Nós ao fazermos este confronto, queremos levar à ilustre dirigente daquela entidade, a deputada Oliva Enciso, a nossa congratulação, mesmo reconhecendo que enquanto o Sr. Governador expezinha entidades tão necessitadas dá a esta escola uma ajuda substanciosa, talvez como nenhuma outra do Estado já recebeu, inclusive concedendo a maior subvenção que se dá no Estado, ou seja, de 600.000,00 anuais. A DEP. OLIVA ENCISO – (Aparte) – Desconfio que essa lei também foi votada, e assinada também pelo Presidente desta Assembleia. O SR. MARIO VAN DEN BOSCH: Foi silenciada... O SR. PEDRO LUIZ: Naturalmente o sr. Governador concordou com ela e onde uma outra lei se concede e dezenas e dezenas e dezenas de vetos são apostos

> em projetos que concedem Cr$ 100.000,00. Cem mil cruzeiros, cinquenta mil cruzeiros, Prefeituras, Escolas, entidades filantrópicas, então se dá aqui um colégio, o colégio "Miguel Couto" o auxílio de Cr$ 1000000,00. Mais uma vez se encontra na Casa uma Mensagem do Sr. Governador pedindo auxílio de Cr$ 500000,00 para aquela entidade, levamos a ela os nossos parabéns, mas, não deixo aqui, de criticar o ato do sr. Governador, a maneira odiosa com que o Govenador vem tratando outras entidades, negando tudo aquilo que poderia encaminhar como auxílio. A SRA OLIVA ENCISO (Aparte) - Quero explicar a V. Excia, que quem tem apresentado projeto pedindo auxílio e subvenções sou eu, inclusive mesmo tive a oportunidade de prestar esclarecimento a V. Excia. Quando estive aqui e fui procurar o Tribunal de Contas para solucionar a questão, este me respondeu que nada poderia fazer, que não poderia pagar porque era um auxílio que vinha do Governo passado. Pedi aí ao Dr. Fernando a sua ajuda, e desde quando S. Excia. foi Prefeito tem sempre nos ajudado e S. Excia. sabe que lá temos crianças de todo o Estado, daí o motivo da Mensagem. Entre outros auxílios apresentei um outro projeto e quero ver se pego aqui o auxílio, damos ali assistência a mais de duas mil crianças, o que quero e que o Estado dê alguma coisa, acredito que não há preferência, não há preocupação do Sr. Governador em atender somente a Sociedade Miguel Couto, eu defendo aquela sociedade como qualquer mãe ou pai defende o seu filho. É por isso que apresentei aqui o projeto, porque há outros 29 srs deputados que podem perfeitamente pedir suas verbas para outras entidades. (ATA PARLAMENTAR, 1961b, p. 25).

Nas transcrições das atas expostas, compreendemos o jogo político das subvenções e auxílios para as instituições beneficentes. No campo, existem conflitos políticos que entram em jogo

> [...] os homens políticos, diretamente implicados no jogo, portanto diretamente interessados e percebidos como tais, são imediatamente percebidos como juízes e parte, logo, sempre suspeitos de produzirem interpretações interessadas, enviesadas e, por isso mesmo, desacreditadas. Eles ocupam posições diferentes no campo político: estão situados neste espaço pela sua filiação num partido, mas também pelo seu estatuto nesse partido, pela notoriedade, local ou nacional. (BOURDIEU, 1989, p. 57).

O conflito entre os parlamentares demonstra a luta entre as forças do campo, pois "[...] o jogo político é um assunto de profissionais, para encorajar, sobretudo entre os menos politizados, um desengajamento fatalista evidentemente favorável à manutenção da ordem estabelecida." (BOURDIEU, 1998, p. 61). Ambos os agentes tinham interesses relevantes, porém no seu empenho Oliva Enciso defendeu a instituição que representava e usou de estratégias de mobilização política, bem como de sua relação pessoal com o governador para ganhar o jogo.

No Quadro 6 a seguir apresentamos a mobilização de Oliva Enciso no campo político em benefício da filantropia desempenhada na Sociedade Miguel Couto.

Quadro 6 - Subvenções e auxílios concedidos à Sociedade Miguel Couto (1940-1970)

Ano	Subvenção/auxilio	Esfera	Fonte	Prefeito	Governador
1940	Criação da Escola Primária Mixta na Chácara Municipal.	Estadual/ Municipal	Decreto n. 01, de 27/01/1940	Demosthenes Martins	Júlio Strübing Müller
1943	Subvenção de Cr$5.000,00	União	Decreto n. 12.503, de 01/06/1943	Demosthenes Martins	Júlio Strübing Müller
1944	Subvenção de Cr$5.000,00	União	Decreto n. 16.641, de 22/09/1944	Demosthenes Martins	Júlio Strübing Müller
1946	Doação de terreno para a construção Orfanato Miguel Couto.	Municipal	Decreto-Lei n. 89, de 30/07/1946	Joaquim Teodoro de Faria	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1946	Subvenção de Cr$5.000,00	União	Decreto n. 21.358, de 28/06/1946	Joaquim Teodoro de Faria	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1948	Auxílio financeiro à Sociedade Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 49, de 12/11/1948	Fernando Corrêa da Costa	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1948	Doação 40 hectares de área do Ministério da Agricultura.	União	Lei n. 454, de 27/10/1948	Fernando Corrêa da Costa	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1950	Doação terreno à Sociedade Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 196, de 30/12/1950	Fernando Corrêa da Costa	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1953	Subvenção ao abrigo Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 301, de 09/02/1953	Wilson Fadul	Fernando Corrêa da Costa
1953	Subvenção ao abrigo Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 345, de 12/12/1953	Wilson Fadul	Fernando Corrêa da Costa
1955	Doação do terreno à Sociedade Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 439, de 22/10/1955	Marcílio de Oliveira Lima	Fernando Corrêa da Costa
1955	Torna utilidade pública o Colégio Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 435, de 27/09/1955	Marcílio de Oliveira Lima	Fernando Corrêa da Costa
1961	Subvenção anual de Cr$ 600.000,00 à Sociedade Miguel Couto.	Estadual	Lei n. 90/61	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1961	Subvenção anual de Cr$1.000.000,00 à Escola Normal Rural de Campo Grande.	Estadual	Lei n. 91/61,	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1961	Subvenção anual de Cr$ 600.000,00 à Sociedade Miguel Couto.	Estado	Lei n. 90/61	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1961	Subvenção anual de Cr$1.000.000,00 à Escola Normal Rural de Campo Grande.	Estado	Lei n. 91/61,	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1962	Subvenção anual de Cr$ 500.000,00 ao Lar dos Menores Abandonados de Campo Grande.	Estadual	Lei n. 136/62	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1962	Escritura do terreno de doação à Sociedade Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 801, de 05/12/1962	Wilson Barbosa Martins	Fernando Corrêa da Costa
1967	Doação de terras para a Sociedade Miguel Couto.	Municipal	Lei n. 1025, de 12/06/1967	Plinio Barbosa Martins.	Pedro Pedrossian
1970	Utilidade Pública Sociedade Miguel Couto.	União	Decreto n. 66.400, de 31/03/1970	Plínio Barbosa Martins	Pedro Pedrossian

Fonte: Assembleia Legislativa de Mato Grosso, Câmara Municipal de Campo Grande e Diário Oficial da União.
Organização: Britez, 2020.

O Quadro 6 traz alguns dos recursos recebidos dos poderes públicos entre os anos 1940 e 1970, cujas informações indicam que os administradores faziam parte das relações pessoais e profissionais construídas por Oliva Enciso no campo político. Isso traz à reflexão, nas ações práticas, acerca do uso de uma estratégia de mobilização do capital social de Oliva Enciso.

> Doutor Wilson Barbosa Martins e Doutor Fernando Corrêa da Costa eram pessoas todas dali daquela época em que ela trabalhava praticamente. Quando ele, Doutor Fernando, quando era governador ajudou muito a titia nesse negócio da Sociedade Miguel Couto, nesse empreendimento dela. Quem mais? Eu sei que no início de tudo foi o prefeito Vespasiano Martins uma pessoa. Ela tinha esses relacionamentos com todos esses políticos, com essas pessoas todas, né? Ela precisava disso para poder conseguir fazer e que ajudassem ela no que ela precisava, com a meta que ela tinha na vida dela. (LIMA, 2018, p. 6).

A referida estratégia fica evidenciada no depoimento de sua sobrinha Brunilda Enciso Magiano Lima. O capital social é um tipo de capital vinculado a uma rede de relações duráveis que podem ou não ser institucionalizadas, ou seja, refere-se à extensão da rede de relações que o agente pode ou consegue mobilizar por meio de um trabalho de socialização. (BOURDIEU, 2008).

A Sociedade Miguel Couto recebeu subvenções e auxílios para a manutenção da própria instituição e de outras instituições internas que funcionaram no local. Nos documentos reunidos, observamos que a instituição teve sua sede inicial na Prefeitura Municipal de Campo Grande, tendo sua sede definitiva após a doação do terreno para a construção do orfanato, conforme o Decreto-Lei n. 89, de 30 de julho de 1946. Na instituição funcionou o lar de menores abandonados denominado “Lar Santa Terezinha”, o abrigo infanto-juvenil feminino “Lar Santa Inês”, o abrigo juvenil masculino “Pensionato São Luiz” e o posto médico.

Enciso (1986) expôs que o orfanato masculino “Lar Santa Terezinha” teve sua gênese em 1947, quando desenvolvia suas atividades de secretária. Nessa época, foi abordada por um funcionário da prefeitura que queria colocar sob seus cuidados seu filho. Após justificar a impossibilidade de atender ao pedido dele, o seu sobrinho Newton Enciso de Freitas, recém-chegado de Viçosa/MG, indagou-a sobre a possiblidade de ela preparar um local para receber menores desvalidos e ele se tornaria o responsável pelo cuidado dos acolhidos. Isso veio ao encontro de seus anseios pessoais não realizados de se tornar irmã de caridade e cuidar de

crianças desvalidas e preparar jovens para o campo do trabalho, como posto no capítulo anterior[106].

Diante da posição do sobrinho, solicitou ao prefeito Dr. Carlos Hugueney a cedência da Chácara Municipal para a instalação do internato agrícola. O Lar de Menores iniciou seu funcionamento de forma precária.

> Dormiam em barracas, estudavam na ESCOLA MIGUEL COUTO, em frente, fundada em 1940, que funcionava num deposito de gasolina condenado pela Prefeitura, com professora do Estado, e trabalhavam na horta, que ajudava na manutenção. Traçamos um plano de trabalho de educação e assistência a menores, visando atender às crianças desde pequeninas e acompanha-las em seu desenvolvimento, até na juventude já tivessem condições de viver independentemente. (ENCISO, 1986, p. 138).

Observamos nas memórias de Oliva Enciso a precariedade no funcionamento da escola Primária Miguel Couto após sete anos de funcionamento e, além disso, a posição da agente no interesse público para oferecer educação e assistência social ao acolher crianças e jovens com a finalidade de prepará-los para o trabalho.

Figura 18 - Alunos em práticas da agricultura na Escola Rural Miguel Couto (1948)

Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso.

[106] Cabe destacar que o interesse da criação do orfanato pode ter uma origem na ascendência familiar, já que seu bisavó Joaquim Antonio Ferreira da Cunha, militar envolvido na política nos fins do Império, montou um orfanato para menores órfãos da guerra no Rio de Janeiro, a *Sociedade militar Protectora dos Órphãos*. *Cf.* SOCIEDADE militar protectora dos órphãos. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 54, n. 203, p. 02, 24 julho 1871.

A Figura 18 expõe um grupo de estudantes da Escola Rural Miguel Couto em atividades de práticas agrícolas. Nas leituras das fontes, inferimos que, no cotidiano da instituição educativa, eram realizadas atividades de cultivo de hortas, pomares e criação de pequenos animais, sem precisar se houve uma organização de disciplinas e conteúdos próprios do ensino agrícola-profissional. Além disso, a referida fotografia mostra um processo educativo de formação rural com a função social de preparar crianças e jovens para ocuparem o mercado de trabalho do campo agrícola.

Lourdes (2018) trouxe em discussão as contradições dos discursos parlamentares e as memórias produzidas por Oliva Enciso sobre a atuação da Sociedade Miguel Couto. Com base em depoimentos de ex-internos, apontou a precariedade da instituição em relação à estrutura física, alimentação e trabalho dos menores na rotina de manutenção da instituição, além das punições e coerções relacionadas à manutenção das regras disciplinares dos internos perpetradas por Newton Enciso de Freitas.

Observamos as subvenções financeiras destinadas à criação da Escola Rural Profissional, da Escola Normal Rural de Campo Grande e do Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores[107]. Sobre a Escola Rural Profissional, nas fontes reunidas, constatamos que Oliva Enciso teve o projeto de formar uma escola agrícola profissional, porém não conseguiu meios para alcançar seu objetivo da materialização da instituição. Lourdes (2018) apresenta o relato de Eduardo Fontoura de Freitas, indicando que a Sociedade chegou a ganhar a área do prefeito Lúdio Coelho. Porém, o local foi onde seu único filho morreu assassinado e, no ato de dor, justificou aos membros da Sociedade Miguel Couto que não poderia doar as terras. Isso impossibilitou a idealização de Oliva Enciso.

O empenho na formação de uma escola agrícola-profissional advinha do contexto histórico da cidade na década de 1940, que tinha as suas bases econômicas na agricultura e na pecuária. Nesse intento, a agente conseguiu doação federal, por meio do Ministério da Agricultura, de um terreno de 40 hectares à margem da estrada de ferro para a construção da Escola Agrícola, como consta nos Anais da Assembleia Federal do ano de 1948.

---

[107] Fernando Corrêa da Costa (1951-1956), eleito pela UDN, em sua primeira gestão à frente da administração do estado, realizou importantes ações educacionais, tais como a instalação da Secretaria de Educação, a criação da Faculdade de Direito e a dinamização do Ensino Oficial. Em sua segunda gestão (1961-1966), ampliou o número de estabelecimentos secundários oficiais. A Secretaria de Educação, sob a responsabilidade do Dr. Hermes de Alcântara, realizou o 1º Congresso Matogrossense de Educação e Saúde e a criação do Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores. Tal investimento foi resultado do convênio com o Ministério da Educação e Cultura por meio do Plano de Emergência, elaborado por Darcy Ribeiro. O Centro de Treinamento do Magistério de Cuiabá foi oficialmente instalado em 16 de agosto de 1963, no prédio do Educandário dos Menores Abandonados, sendo a primeira diretora a professora cuiabana Ângela Jardim. (MARCÍLIO, 1963).

Na ata da Assembleia Legislativa de Mato Grosso n. 29, de 05 de julho de 1961, Oliva Enciso solicitou em projeto o auxílio financeiro do Governo para a materialização da Escola Normal Rural de Campo Grande. A justificativa apresentada foi que a escola estava em construção na Sociedade Miguel Couto, com a capacidade para atender 60 alunas da região e em sistema de internato. Essa instituição constou numa proposta de criação e subvenções dos poderes Municipal e Estadual da Sociedade Miguel Couto. Porém, nos limites deste estudo, não localizamos informações e fontes da existência material da instituição. Isso nos leva aos seguintes questionamentos: A Escola Normal Rural de Campo Grande foi materializada na Sociedade Miguel Couto? Houve uma política de formação de professores rurais na cidade e no sul de Mato Grosso para atuarem nas escolas primárias rurais? Essas questões sugerem propostas de estudos futuros do campo da História da Educação e extrapolam os limites deste estudo.

Entre os anos de 1940 e 1970, a Sociedade Miguel Couto alcançou destaque em Campo Grande e no sul do antigo Mato Grosso, evidenciado pelos decretos de utilidade pública que a favoreceram: do Munícipio de Campo Grande a Lei n. 435, 27/09/1955 e Decreto da União n. 66.400, de 31/03/1970[108]. Porém, nas décadas posteriores, após o afastamento de Enciso do campo político, houve uma diminuição das verbas recebidas dos poderes públicos, por consequência foram feitos os desmanches da Escola Miguel Couto, do orfanato Lar Santa Terezinha e do posto médico.

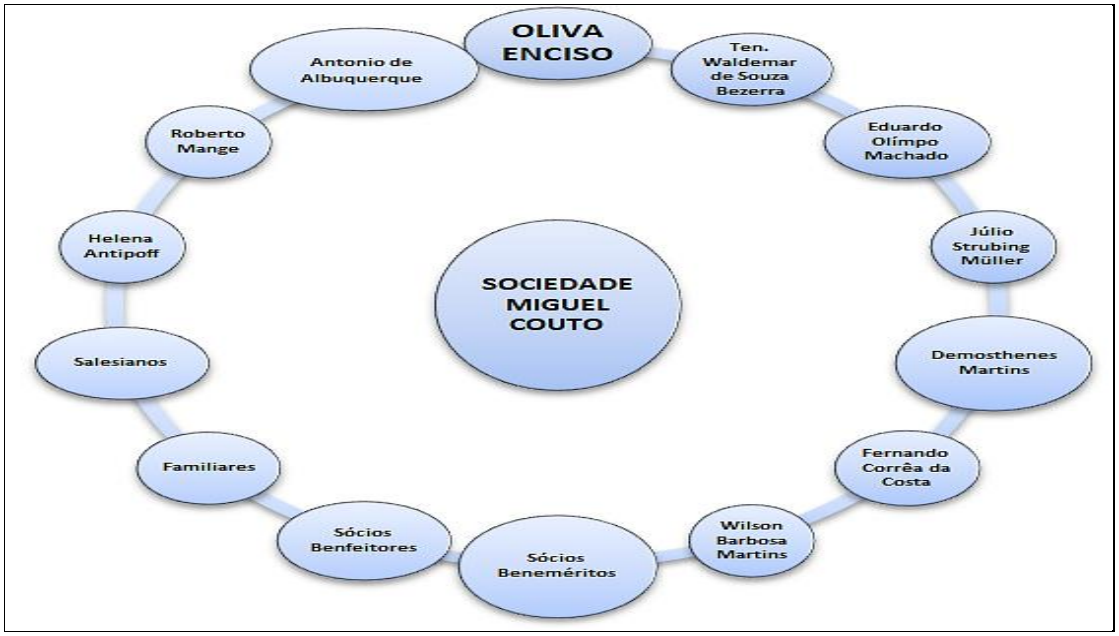
A instituição tentou sobreviver com o loteamento dos terrenos que foram doados, porém não conseguiu manter suas ações práticas de educação e assistência aos menores desvalidos. Na atualidade, continua sendo uma sociedade filantrópica, porém não exerce atividades específicas de acolhimento aos menores carentes e/ou abandonados[109].

Na análise de triangulação de fontes observamos a mobilização da estratégia de interesse público nas sendas políticas e sociais, posta no contexto urbano-citadina. A estratégia foi mobilizada por meio das redes de sociabilidade. Na rede de relações Oliva Enciso teceu os meios para dar origem a Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante como demonstra a Figura 19:

[108] Utilidade pública revogada pelo Decreto de 27 de maio de 1992.

[109] A Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, dispôs sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o poder público se responsabilizou pelo acolhimento sob a forma de guarda de crianças ou adolescentes e de órfãos ou abandonados. Isso inviabilizou auxílios e doações dos poderes públicos para a instituição.

Figura 19 - A rede de relações mobilizada na consolidação da Sociedade Miguel Couto



Organização: Britez, 2020.

O organograma apresentado na Figura 19 traz a rede de relações profissionais, institucionalizadas, familiares e sociais mobilizadas por Oliva Enciso, entre a gênese e a consolidação da Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante. Para Bourdieu (1996, p. 19) as relações estabelecidas no campo são tecidas por intencionalidades em "[...] diferentes "redes" delimitadas pelas práticas sociais de cooptação", sendo tecidas nas interações realizadas nos espaços de socialização.

Desta forma, observamos a rede de relações mobilizadas por Oliva Enciso. Primeiramente, mobilizou a rede profissional com os companheiros de trabalho Sr. Antonio Albuquerque e o Tenente Valdemar Sousa Bezerra, em seguida, mobilizou a rede de relações políticas nas solicitações de apoio financeiro e material da Prefeitura e do Governo Estadual. Para a manutenção da instituição educativa mobilizou a rede de relações familiares e amizades representativas, os sócios beneméritos e benfeitores da instituição. Por fim, mobilizou a rede de relações educacionais, sua interação com educadores que atuavam com modelos de educação profissional e inclusiva, como Roberto Mange e Helena Antipoff, possibilitaram as atividades filantrópicas nos atendimentos educacional e social. A rede de relações é tecida nas contínuas interações e experiências vividas entre os agentes em determinados campos sociais.

Em síntese, na gênese da instituição filantrópica observamos um conjunto complexo de ações que engendraram uma rede cruzada entre relações sociais e poderes públicos mobilizados por Oliva Enciso. A agente acionou a estratégia de interesse público e social na

criação de uma escola primária rural pública que permitiria ao poder público o oferecimento de escolarização primária às crianças e jovens, diminuindo os índices de analfabetismo. Portanto, as atividades da Sociedade Miguel Couto estiveram vinculadas à formação profissional nas lides da agricultura e pecuária.

O objetivo caritativo de Oliva Enciso na fundação do orfanato emergiu de um interesse pessoal, mas também do interesse coletivo de dotar a cidade de uma instituição educativa rural, em vista ao inexpressivo quantitativo de alunos atendidos nas escolas municipais. Nessa época, Campo Grande apontava para um crescente processo de urbanização, e ela teve ação prática de criar a Sociedade Miguel Couto na conjectura de melhorar as condições econômicas e sociais da sociedade, numa busca pela redução das desigualdades.

3.2 A instituição educativa não estatal Escola Profissional do SENAI

Este tópico objetiva apreciar e analisar, em fontes reunidas, elementos da gênese da instituição educativa de ensino profissionalizante não estatal do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)[110]. A Escola Profissional do SENAI em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso, foi inaugurada em 21 de maio de 1948. A criação da escola teve como principal articulação as ações práticas de Oliva Enciso, que mobilizou estratégias de interesses pessoais e coletivos para dotar a cidade de uma escola profissional.

No decorrer da década de 1940, Oliva Enciso, em sua trajetória profissional, buscou estruturas objetivas para criar e organizar instituições educativas para oferecer qualificação profissional aos beneficiários da Sociedade Miguel Couto. Na busca pela criação de uma escola agrícola profissional em Campo Grande, engendrou esforços pessoais e profissionais para a criação de uma unidade da Escola Profissional do SENAI.

A gênese do interesse e empenho de Oliva Enciso na criação da Escola do SENAI em Campo Grande foi destacada no depoimento de Cabral (2018, p. 4):

> Ela tinha uma capacidade de entendimento, de acolhimento e de respeito às pessoas. Então, eu acho que esse jeito dela “meio santa’ garantiu que ela transitasse por muitos lugares e conseguisse as coisas que ela conseguiu, por exemplo, quando ela vai para o Rio para falar com o filho de Miguel Couto,

[110] A instituição faz parte do Sistema S, composto por nove instituições: SESI e SENAI (indústria), SESC e SENAC (comércio), SENAR (agricultura), SESCOOP (cooperativas), SEST e SENAT (transportes) e SEBRAE (micro e pequenas empresas). São entidades de direito privado, com receitas arrecadadas por contribuições e repassadas às instituições. O Sistema S, sob o patrocínio da burguesia, fez parte de uma campanha de democratização social e controle social. (MÜLLER, 2010).

> que não lhe dá muita trela e ela descobre que tinha um cara lá no Rio mesmo, Roberto Mange, que estava organizando o Sistema S e a escola SENAI. E ela vai e consegue trazer uma unidade SENAI para cá, para Campo Grande. Eu acredito que ela conquistasse essas coisas porque as pessoas percebiam que era genuíno o interesse dela pelo bem comum. Ela não estava reivindicando uma coisa em prol de si, mas da coletividade e eu acho que isso, de alguma maneira, devia ficar patente para os interlocutores.

Nas representações do depoente, percebe-se a compreensão do interesse na criação da escola profissional do SENAI e também de outras instituições, cujo interesse vincula-se à ação prática em prol de uma coletividade. Oliva Enciso, mesmo diante da vontade de formar uma escola agrícola-profissional para atender os beneficiários da Sociedade Miguel Couto, tinha a compreensão de que essa ação possibilitaria a outros jovens e adultos uma qualificação profissional.

Nossa leitura indica que a agente mobilizou uma estratégia simbólica de pretensão. Mas, afinal, o que é uma estratégia simbólica de pretensão? Para Bourdieu (2007, p. 158), é uma ação com a possibilidade de alcançar uma reclassificação no campo, "[...] só pode escolher o crédito que permite ter a fruição imediata dos bens prometidos, mas que contém a aceitação de um futuro que é apenas a continuação do presente, ou *símile*". Oliva Enciso buscou uma reclassificação, oferecendo uma oportunidade de qualificação profissional a crianças e jovens desvalidos. Nesse proveito pessoal, esteve em jogo o interesse coletivo de ofertar a Campo Grande, com características de uma sociedade urbano-citadina, a criação da Escola Profissional do SENAI, que representava um modelo moderno de educação profissional, presente no contexto histórico do Brasil na década de 1940. Na gênese de uma estrutura, os agentes mobilizam interesses próprios,

> [...] que é uma proteção relativa contra o arbitrário, pelo fato de que o exercício do poder é dividido entre pessoas interconectadas e unidas por relações de controle mútuo. O executante é, evidentemente, controlado por quem delega, ao mesmo tempo que é protegido, é a lógica do "jogo de empurra"; mas o executante controla quem delega, ele o protege e o garante. (BOURDIEU, 2014, p. 555)

Para a criação do SENAI em Campo Grande, os prefeitos, agentes públicos subsidiaram seus interesses em vistas aos interesses próprios de serem reconhecidos oficialmente como mobilizadores da abertura da referida instituição na cidade. Enciso (1986) relatou, em vinte e cinco páginas de sua autobiografia, os detalhes da negociação para a criação do SENAI em Campo Grande. A obra expõe a primeira audiência com o Dr. João Luderitz, no dia 23 de março de 1945, as negociações com o Dr. Roberto Mange e a

inauguração marcada para o dia 25 de maio de 1948. Esses detalhes são relevantes para a compreensão das ações práticas envolvidas na instalação do SENAI em Campo Grande.

Figura 20 - Notícia de inauguração do SENAI em Campo Grande (1948)

Inaugura-se dia 21 a Escola Senai de Campo-Grande

Está marcada para o próximo dia 21 do corrente, a inauguração eficial da Escola SENAI de Campo Grande, instalada com Internato anexo.

Executando seu plano de ação, o Senai já possui no Brasil 87 unidades escolares em funcionamento, frequentadas por 18.000 alunos.

As presentes realizações em Campo-Grande foram possibilitadas pela geral boa vontade que o SENAI encontrou em Mato-Grosso.

Fonte: O Estado de Mato Grosso, Ano XX, edição n. 1733, 18 de maio de 1948.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

A Figura 20 acima traz a notícia de inauguração do SENAI, em Campo Grande, em 1948, traz elementos que subsidiam a compressão da gênese da instituição, ao destacar que a instalação da Escola do SENAI fazia parte de um plano de ação nacional.

Luiz Antônio Cunha (1980, p. 237) aponta que a política educacional do Estado Novo (1937-1945), efetivada na Constituição Outorgada de 1937, proporcionou um sentido de a "[...] educação escolar ser instrumento de estamentalização das situações de classe.". A política educacional foi concretizada por meio do Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, Lei Orgânica do Ensino Secundário, que estabeleceu um sistema de ensino dualista com dois segmentos de ensino, o primeiro destinado aos jovens das classes menos privilegiadas, e o segundo destinado à formação dos jovens de classes privilegiadas.

Em seguida, o Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, Lei Orgânica do Ensino Industrial, trouxe a determinação para que o ensino industrial fosse ministrado em dois ciclos: no primeiro ciclo, o ensino industrial básico, o ensino de mestria, o ensino artesanal e a aprendizagem; o segundo ciclo compreende o ensino técnico e o ensino pedagógico. As finalidades do ensino profissional foram assim determinados: formar profissionais aptos aos

ofícios e técnicas das atividades industriais; oferecer qualificação profissional para aumentar a eficiência e a produtividade; aperfeiçoar ou especializar os conhecimentos e as capacidades de trabalhadores diplomados ou habilitados; e divulgar conhecimentos de atualidades técnicas.

A gênese do SENAI se deu em 1945, após uma viagem a Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), onde Oliva Enciso conheceu o Instituto João Pinheiro[111] e os projetos educacionais de Helena Antipoff da Sociedade Pestalozzi do Brasil, entre estes: o Instituto Pestalozzi e a Escola da Fazenda do Rosário[112]. No retornou ao Rio, ela foi indicada pelo Dr. Paulo Assis Ribeiro para uma audiência com o Dr. João Luderitz[113], do Departamento Nacional do SENAI, a fim de tratar da fundação da Escola Profissional em Campo Grande.

> Quando eu disse ao Dr. João Luderitiz, Diretor do Departamento Nacional do SENAI, no primeiro encontro que tivemos naquele Departamento, no dia 23 de março de 1945, às 11horas da manhã, no Rio de Janeiro, que queríamos uma ESCOLA PROFISSIONAL, ele achou graça: - "Uma Escola Profissional para Mato Grosso!!!..." – Dr. Firmo Dutra, com quem eu conversara na véspera sobre o SENAI, tinha me levado até lá e lhe disse: - "Você precisa ouvir minha conterrânea..." e saiu. Estávamos de pé da porta do gabinete do Dr. João Luderitiz e ele então me convidou para entrar e em ouviu... conversamos quase uma hora e, quando eu ia saindo, ele me disse: - "A Sra. Leva minha palavra que Campo Grande terá uma ESCOLA SENAI. Mas isso vai depender do Diretor do Departamento Regional de São Paulo, que abrange também Mato Grosso: - o Dr, Roberto Mange, que deve chegar dentro de poucos dias da Europa. (ENCISO, 1986, p. 72).

As memórias apontam que, inicialmente, a proposta de criação do SENAI em Campo Grande não foi aceita, entretanto por uma conversa objetiva e argumentativa de Oliva Enciso, o Dr. João Luderitiz deu sua palavra em relação à instalação na escola profissional. Um indagação vem à tona: Por que inicialmente a instalação do SENAI em Campo Grande não foi aceita pelo diretor Dr. João Luderitiz?

O depoimento de Barcelos (2018) traz alguns elementos que elucidam a gênese do SENAI em Campo Grande.

---

[111] Instituição educativa agrícola, fundada em 1909, com a finalidade de instruir crianças carentes em práticas agrícolas para a formação de trabalhadores rurais. Originou-se da proposta de criação de Institutos e Aprendizados Agrícolas no projeto de Mendes Pimentel, apoiado no Regulamento Geral do Ensino Agrícola, de 1911. No período de 1909 e 1939, foi dirigido pelo educador Leon Renault, em seguida, de 1939 e 1942, Áureo Renault, seu filho, assumiu a administração do Instituto. Em 1942, houve a mudança na denominação para Granja-escola João Pinheiro e o afastamento da família Renault da direção do educandário.

[112] Instituições educativas fundadas entre 1935 e 1940 com a finalidade oferecer assistência, tratamento e a realização de estudos da infância excepcional. A Fazenda do Rosário, também conhecida por Escola-Granja de Ibirité, propriedade rural, fica situada em Ibirité, MG. Teve a finalidade de profissionalizar meninos do Instituto Pestalozzi em atividades práticas do meio rural. (CAMPOS, 2010).

[113] Dirigiu o Instituto Parobé, destinado à formação profissional no Rio Grande do Sul. Foi presidente da Confederação Nacional da Indústria e o primeiro diretor-geral do SENAI.

> Em 1940 ela monta a Escola Miguel Couto e arrebanha essas crianças pobres e já pensando num projeto de educação para essas crianças. Não só o primário porque tinha a escola municipal dentro do Miguel Couto com professores municipais, mas ela não se contentava e ela queria dar um ensino profissional para essas crianças e esses meninos que sairiam de lá, fazer o quê? Ginásio, não tinha quase ginásio aqui e eram pobres, né?... Então ela, nesse internato, ela já direcionou tudo para isso e trouxe. Foi atrás, correu atrás do Sesi primeiro, Serviço Social da Indústria e em seguida vem em 1945, ela vai para o Rio que era a capital do Brasil atrás de alguma coisa, de alguma escola profissionalizante. Aqui era um estado agrícola e ela imaginava que fundaria uma coisa assim, dentro da agropecuária e que era o que o Mato Grosso inteiro oferecia. Não tinha indústria e não tinha nada. E lá, informam no Rio que estava acabando de sair uma escola profissionalizante moderníssima que era o SENAI e que ela devia procurar era lá mesmo... E ela corre para lá, mesmo não tendo indústria ela foi, já gostaram e já veio um dos diretores do SENAI. Eu acho que era o Roberto Mange, que era o mais graduado de lá do SENAI e vem para cá junto com doutor Demosthenes, fazem a reunião e tal. E na escolha de uma pessoa, ela precisava fazer cinco indicações de quem seria a pessoa para fazer esse projeto, para executar, tinha que ser uma pessoa preparada, tinha que ser uma pessoa que mexesse com obras e que tivesse condições de tocar uma escola. Ela escolhe cinco senhores e entre eles ela escolheu o cunhado, que era meu pai, mas ela não falou que era cunhado dela. Aí ela marcou as entrevistas, a primeira entrevista ela já botou de cara com o papai e eles ficaram fechados duas horas conversando, quando terminou a conversa o doutor Mange falou para tia Olívia: “Olha, tem mais quatro para entrevistar, né?”. Ela disse: “É, vamos visitar as outras casas.” E ele falou: “Não, eu não quero, é esse aí a pessoa indicada para ficar como o diretor e que vai fundar, o que vai fazer o SENAI aqui, não quero conhecer os outros”. Aí, ela explica que era o cunhado dela, e ele falou: “Não, mais não interessa se é cunhado ou não, é a pessoa ideal, e quem amanheça e anoiteça pensando no SENAI e eu vi nele uma pessoa assim.”. A partir daí a prefeitura cedeu papai como funcionário, foi cedido pela secretaria de obras para começar a obra do SENAI. Em dois anos foi feito o SENAI e em 1949 inaugurou e lá ele ficou. Aí ela já entregou e foi aquele projeto maravilhoso... (BARCELOS, 2018, p. 2).

Observamos, no trecho do depoimento, que houve o interesse de Oliva Enciso em consolidar a abertura da escola agrícola-profissional para beneficiar os menores atendidos pela Sociedade Miguel Couto, cuja informação foi exposta em anúncio publicado no jornal *O Estado de Mato Grosso*, na edição n. 176, de 04 de abril de 1940. A propaganda destacou o funcionamento da escola primária na Chácara Municipal e as condições de instalar, no local, a futura escola agrícola-profissional. Porém, após cinco anos da publicação da notícia, a instituição não foi materializada, nem por Oliva Enciso, nem pelo poder público municipal.

Segundo Brito (2001, p. 30), Mato Grosso vivenciou, entre os anos de 1930 e 1945, uma política de

> [...] intensivo combate ao crônico déficit público do Estado. Essa política foi representada, concretamente, pelas medidas *clássicas* de corte de despesas, provocando, entre outros, atrasos sistemáticos nos vencimentos do funcionalismo e nos pagamentos em geral de responsabilidade do governo, junto a seus fornecedores.

Campo Grande apresentou uma posição semelhante, com problemas financeiros e de abastecimento. Em 1937, ao assumir o cargo de secretário da prefeitura, Martins (1980, p. 118) expõe: "Estava o município com as suas finanças desorganizadas e os seus problemas que, então como hoje, crescem na mesma progressão de seu desenvolvimento, a reclamar soluções urgentes e apropriadas." Situação que perdurou no decorrer de década de 1940, pois havia a necessidade de investimento em obras de infraestrutura e de abastecimento econômico na cidade advindos do processo de urbanização.

Nas memórias de Oliva Enciso, compreende-se que ela era uma agente consciente do valor da educação profissional, pois suas ações se relacionavam com o interesse pessoal, mas também com um interesse coletivo de estruturação social. Ao pleitear a criação de uma instituição educativa profissional, certamente ela ofereceria a oportunidade de modificar as condições de desigualdades sociais de uma massa de crianças e jovens que não tinham condições de escolarização a de acessarem o ensino secundário público e privado. Dessa forma, formando uma classe de trabalhadores qualificados, também beneficiária uma sociedade que estava em processo de transformação econômica. Uma sociedade urbano-citadina em modificação advinda de uma intensa migração de pessoas, da transferência das relações comerciais de Corumbá para Campo Grande, das atividades de mercado produtivo de plantio e pecuária e da reorientação das atividades comerciais entre o sul do antigo Mato Grosso e São Paulo. Além disso, houve uma política de investimento em colônias agrícolas no sul de Mato Grosso, haja vista a iniciativa do governo federal ao instalar a Colônia Agrícola Nacional de Dourados[114], em 1943.

O SENAI foi criado no Estado Novo do governo de Getúlio Vargas (1937-1945), após o Decreto de nº. 6.029, de 26 de julho de 1940, que regulamentou a criação e funcionamento dos cursos profissionalizantes. A normatização foi decorrente do Decreto de nº. 1.238, de 02 de maio de 1939, que determinou a criação e instalação de refeitórios e cursos profissionais em estabelecimentos comerciais e industriais que possuíssem mais de quinhentos trabalhadores.

[114] Decreto-Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943.

Segundo Otaíza de Oliveira Romanelli (1980, p. 155), a história do ensino profissional sinaliza a preocupação do Governo em obrigar as indústrias na qualificação de pessoal e colaboração com a sociedade na educação. No Brasil, havia a impossibilidade de o sistema de ensino oferecer a educação profissional adequada, no período da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), tanto que houve dificuldades de importar pessoal técnico qualificado, vindo a exigir redefinição da política de formação profissional adequada às indústrias de grande porte. O governo de Getúlio Vargas adotou uma política centralizadora na ampliação das indústrias para equilibrar as limitações impostas pela crise da economia diante do cenário político global.

Nesse contexto, houve o engajamento das indústrias no treinamento de pessoal, que desdobrou na ação de um grupo de industriais que, em conjunto com a Confederação Nacional da Indústria (CNI)[115] e o Ministério da Educação e Cultura, organizaram a criação do SENAI. O SENAI foi criado pelo Decreto-Lei nº 4.048, de janeiro de 1942, cuja finalidade foi organizar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários.

De acordo com Cristiane Zumpichiati dos Santos (2005), as primeiras escolas profissionais foram instaladas em 1942 nos grandes centros urbanos, mobilizadas pelo Departamento Nacional do SENAI, que instalou Departamentos Regionais em alguns estados do País[116]. Em 1942, ocorreu a instalação da primeira escola em São Paulo, a Escola do SENAI Roberto Simonsen, sob a direção de Roberto Mange; em seguida, foram instaladas dezenove escolas nos estados que mantinham os Departamentos Regionais. Os estados de Mato Grosso, Espírito Santo, Amazonas e Goiás ficaram de fora da criação das escolas do SENAI por não terem uma economia industrial.

Dessa forma, podemos observar que, diante da situação de urbanização de Campo Grande e do sul de Mato Grosso, baseada na estrutura da econômica de plantio e pecuária, não havia oportunidades e interesses de investimentos do SENAI. Na cidade não existia grandes indústrias de produção e a Escola Profissional do SENAI tinha a função de oferecer qualificação profissional para trabalhadores e técnicos industriais. Observamos nas memórias de Oliva Enciso a concordância Dr. João Luderitz num possível criação da Escola Profissional do SENAI em Campo Grande, porém a instalação de mesma ficou condicionada à autorização de Roberto Mange.

[115] Órgão sindical representativo dos grupos de poderes da indústria brasileira.
[116] O Departamento Nacional foi criado em 3 de agosto de 1942, em seguida no mesmo ano foram instalados os Departamentos Regionais nos estados: Rio de Janeiro (03/08/1942), São Paulo (28/08/1942), Minas Gerais (26/09/1942); e Rio Grande do Sul (15/10/1942).

A figura de Roberto Mange foi fundamental na criação do SENAI, em 1942, e também dos cursos oferecidos pelas escolas profissionais.

Figura 21 - Oliva Enciso e Roberto Mange - Medalha de Honra ao Mérito (1951)

Fonte: Mato Grosso do Sul: Minha Terra/Senai (2003).

A Figura 21 apresenta o momento de entrega da homenagem Medalha Honra ao Mérito do preito recebido na *Revista Honra ao Mérito* da *Standard Oil Company of Brasil*[117].

Diante de sua expressão nos campos educacional e social, mobilizada por sua atuação na instalação de instituições educativas, Oliva Enciso recebeu diversas homenagens públicas de reconhecimento por suas ações práticas.

A homenagem foi republicada na íntegra no jornal *O Estado de Mato Grosso*, no artigo intitulado *O anjo de Campo Grande*:

> Como uma homenagem d'O ESTADO à senhorinha Oliva Enciso, anjo de bondade e de candura, transladamos da Revista "Honra ao Mérito", da Standard Oil Company of Brasil, os conceitos mais merecidos pela sua dedicação e amor à causa do ensino. Solidarizando com esses conceitos, damos, a seguir, publicidade a crônica intitulada "D. Oliva Enciso": "O Anjo de Campo Grande", eis a designação carinhosa que recebeu a educadora d. Oliva, dos habitantes de Campo Grande, Mato Grosso, conquistando um lugar todo especial no coração de seus conterrâneos. A 4 de novembro de 1930 ingressava na Prefeitura, percebendo o ordenado de 350 mil reis e exercendo as mais variadas funções, em que era pessoa de confiança dos chefes. Funcionária zelosa, dedicada e proficiente, trabalhava mesmo fora do

[117] Homenagem criada no início da década de 50, pela empresa Standard Oil Company of Brazil, que criou o programa radiofônio "Honra ao Mérito", programa transmitido pela Rádio Nacional e Rádio Tupi. O programa homenageou ilustres brasileiros que se destacaram na atuação educacional e social em diferentes regiões do país.

> horário normal, numa demonstração inequívoca do exemplar senda de dever que sempre demonstrou, a todos cativando pela sua modéstia e simplicidade e revelando-se um dos mais nobres e expressivos elementos da comunidade campograndensse. (O ANJO...1954, p. 01).

O artigo exalta a homenagem precedida e destaca o seu empenho pela educação pública na cidade, na instalação do SENAI, no trabalho social na instalação da escola rural na Chácara Municipal, do Ginásio Barão Rio Branco e nas atividades na Sociedade Miguel Couto. A homenagem foi divulgada anteriormente, no ano de 1951, em outros periódicos do Rio de Janeiro e também de São Paulo, informando sobre a participação de Oliva Enciso no *Programa Honra ao Mérito* da Rádio Nacional[118]. Esses periódicos difundiram seu nome ligado aos adjetivos de distinta intelectual, operosa funcionária, professora emérita, benemérita animadora do ensino, generosa, entre outros.

As ações práticas de Oliva Enciso voltadas à educação e assistência social, principalmente nas ações na Sociedade Miguel Couto, mobilizaram efeitos simbólicos de reconhecimento, não somente em nível local, mas também nos principais centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Na homenagem recebida, houve a ampliação do capital simbólico, pelo seu reconhecimento como uma funcionária pública exemplar.

O capital simbólico constitui uma síntese dos demais capitais (cultural, econômico e social) e corresponde ao conjunto de rituais de reconhecimento social na envoltura do prestígio, da honra e das representações. Tem uma base cognitiva na dimensão simbólica no domínio do senso prático. A dimensão simbólica é capaz de mostrar e de fazer valer determinadas propriedades notáveis do agente social, instituindo o capital simbólico, fundado no conhecimento e reconhecimento, ou seja, baseado na reputação, na opinião e na representação. A representação é a valorização da dimensão simbólica dos processos sociais do agente. (BOURDIEU, 2011b).

Na perspectiva de Bourdieu (2011b), o capital simbólico é mobilizado por meio de interações simbólicas e depende da estrutura do grupo e também das estruturas sociais no qual o agente está inserido. Isso leva à reflexão acerca da dimensão das relações sociais estabelecidas por Oliva Enciso, uma vez que a homenagem foi dada por um grupo de agentes que não faziam parte de suas relações pessoais e profissionais. Porém, nota-se que a aproximação da agente com outros agentes envolvidos no SENAI e em outras instituições do

[118] A partir dessa homenagem, diversos jornais publicaram notícias sobre suas ações práticas na Sociedade, Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, Escola Doméstica do SESI. Entre eles destacam-se: *Diário Carioca* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *Jornal do Commercio* (RJ), *Brasil-Oeste* (SP), *Jornal de Notícias* (SP), *Correio Paulistano* (SP), entre outros.

Rio de Janeiro possibilitou a difusão de suas ações no campo educacional e de assistência social. Dessa forma, estruturando uma rede de relações profissionais e sociais que possibilitou a estruturação do capital social e simbólico.

Observamos que o capital simbólico constituído por meio de ações práticas da agente pública, ao lutar por uma educação profissional para os desvalidos socialmente, foi o mobilizador de estratégias nas relações profissionais durante as ações de criação do SENAI.

A posse do capital simbólico possibilita ao agente ser conhecido e reconhecido, mas também dá o poder de reconhecer e consagrar o que merece ser reconhecido. Isto é, um capital objetivado, codificado, delegado e garantido conforme as regras do campo social. (BOURDIEU, 2001)

Oliva Enciso, que era dotada de conhecimentos e propriedades de argumento e de discurso, soube convencer Dr. João Luderitiz, porém coube novamente a ela mobilizar estratégias para tratar da fundação da Escola do SENAI com o Dr. Roberto Mange.

Segundo Meire Terezinha Müller (2010), Roberto Mange era engenheiro suíço, entusiasta e defensor do taylorismo, da psicotécnica, da formação científica e racional do trabalho. Foi diretor do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, entre os anos de 1924 e 1937. Em seguida, foi indicado por Roberto Simonsen para tratar dos assuntos didático-pedagógicos das Comissões Técnicas da criação de uma instituição de ensino voltada para a aprendizagem industrial.

> A atuação de Roberto Mange, porém, mostra um homem cheio de contradições – algumas bem visíveis em seus livros, discursos, entrevistas e anotações pessoais. Ao mesmo tempo em que precisava decidir quais cursos abrir e em que locais instalar as escolas SENAI, Mange demonstrava uma grande preocupação com a formação humanística e a socialização dos aprendizes, assim como com sua saúde, sua família e seu bem-estar, preocupação, evidentemente, restrita àquela pequena parcela de trabalhadores que, depois de exames orais, escritos e psicotécnicos, conseguissem chegar até o SENAI. (MÜLLER, 2010, p. 200).

A autora aponta a preocupação de Roberto Mange com a formação técnica e humanística, bem como a socialização dos trabalhadores, além disso, a preocupação com a saúde e o bem-estar da família dos aprendizes. Esses elementos se relacionam com as visões de formação intelectual e social da infância e juventude defendida por Oliva Enciso.

Demosthenes Martins apontou que Oliva Enciso investiu esforços pessoais e profissionais para mobilizar a abertura de uma unidade da escola profissional do SENAI na cidade em 1945, assim como sua relevante atuação na criação da Sociedade Miguel Couto.

> Na preocupação de subtrair à marginalização a juventude, batalhou duramente para trazer para Campo Grande uma das escolas do SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – premiando-se o seu esforço com o amparo que lhe dispensou o Dr. Roberto Mange – emérito educador e técnico consagrado – que foi o pioneiro do ensino industrial do Brasil. Também deve-lhe a cidade a fundação da Sociedade Miguel Couto, dos amigos do Estudante, que tem uma soma enorme de serviços à juventude, dando-lhe desde a instrução primária à assistência, além do ensino profissional. Foi-me Oliva Enciso um auxiliar magnífico. (MARTINS, 1980, p. 151).

Inicialmente, indicada como uma representante da prefeitura de Campo Grande, como porta-voz autorizada para tratar dos interesses municipais em relação à criação de uma escola profissional, encobriu nessa ação os seus interesses pessoais de oferecer qualificação profissional aos beneficiários da Sociedade Miguel Couto. O depoimento de sua sobrinha Maria Inês Pulga Barcelos traz a luz os interesses de Oliva Enciso.

> Lá na Miguel Couto o primário era o internato, lá tinha o externato e tinham internato. O internato era só menino, e no externato da Miguel Couto era para toda população ali em volta, tinha meninas na sala de aula e meninos tudo separado naquela época, mas era uma escola municipal dentro da Miguel Couto. Neste internato é que os meninos terminavam o primário e iam direto para o SENAI. Geralmente, eles não tinham família, eles ficavam e eles voltavam para o Miguel Couto, eu acho, esse detalhe não lembro, até se formar, outros que tinham família e que eram dos arredores se formavam e começavam a trabalhar. (BARCELOS, 2018, p. 02).

Um dos interesses de Oliva Enciso era trazer para Campo Grande uma escola profissional para atender os alunos da Sociedade Miguel Couto, como exposto: “A Sociedade foi incentivadora da vinda dessa escola para Campo Grande, porque era a única maneira de encaminhar os seus beneficiários para uma profissão.” (ENCISO, 1986, p. 135).

Depois das ações práticas iniciais mobilizadas no processo de instalação do SENAI, foram 4 anos de organização de sua estrutura, desde a escolha do terreno, a construção da escola e a escolha do diretor. O primeiro diretor da instituição profissional foi Afro Puga[119], seu cunhado, casado com sua irmã Maria da Conceição. Ela enfatizou nas memórias que ele foi escolhido diretamente por Roberto Mange, depois de uma entrevista e sem sua participação direta. Somente indicou seu nome, entre 5 candidatos, porque ele era capacitado.

[119] Pai da depoente Maria Inês Puga Barcelos. Nasceu em 1913 em Ribeirão Preto, foi diplomado em Desenho Industrial e especialização em marcenaria em São Paulo. Chegou a Campo Grande em 1935 para trabalhar no Exército, em 1940, foi contratado na Prefeitura Municipal. Faleceu em 1984. Em sua trajetória profissional, como desenhista e projetista, projetou diversas construções e ampliações de unidades escolares e de saúde.

Oliva Enciso, ao ser porta-voz autorizada da prefeitura, foi a responsável pelos trâmites legais para a instalação da escola na cidade. Nesse trajeto de instalação, observamos a mobilização de estratégias de interesses do poder público para instalar em Campo Grande uma instituição educativa profissional, que possibilitaria a obtenção da marca de uma sociedade moderna. Para isso, ela usou estratégias de apresentação do interesse do poder público, especificamente as garantias ofertadas pela prefeitura para a criação e manutenção do SENAI em Campo Grande.

As formas de manter um constante interesse na fundação da escola pelo SENAI foram as cartas escritas e trocadas entre Oliva Enciso e Roberto Mange, como posto na carta escrita em 04 de maio de 1945, transcrita em Enciso (1986, p. 83):

> Senhor Diretor. Tenho a honra e o prazer de me dirigir a V. Sa, cientificando-lhe que farei o que estiver ao alcance de meu governo, para que Campo Grande tenha a Escola Profissional, motivo porque aguardo, com satisfação, a vinda de v. Sa., estando de acordo com o que foi combinado com a Secretária Int. desta Prefeitura, Srta. Oliva Enciso, quanto à venda do terreno ao SENAI, à isenção de impostos e taxas e à manutenção de alunos. Aguardando suas prezadas ordens, subscrevo-me, com os meus protestos de apreço e da mais distinta consideração. a) Joaquim Teodoro de Faria – Prefeito.

Na autobiografia, a agente indica que redigiu a carta em nome do prefeito. Essa carta entre outras, indicam a mobilização dos capitais e das relações sociais estabelecidas por Oliva Enciso. Na época dos trâmites iniciais de criação da Escola Profissional, Campo Grande tinha como prefeito Joaquim Teodoro de Faria[120], nomeado ao cargo na sucessão de Demosthenes Martins. Era representante do poder político de Cuiabá, governou o município entre 12 de abril de 1945 e 06 de junho de 1947, gestão finalizada após a deposição de Getúlio Vargas, ocorrida em 1945, cujo cargo foi sucedido por Carlos Hugueney Filho. Oliva Enciso relata que, ao retornar da viagem ao Rio de Janeiro, colocou seu cargo de secretária interina à disposição, por não fazer parte do grupo de poder nortista do prefeito. A situação não foi aceita pelo então prefeito, continuando no cargo de confiança na prefeitura.

Essa situação traz à tona a seguinte indagação: Como Oliva Enciso, uma mulher da classe trabalhadora, alcançou projeção profissional, manteve-se no cargo de confiança e tornou-se uma porta-voz autorizada para tratar dos assuntos da prefeitura de Campo Grande? Em depoimento à Rosa (2012, p. 84), Ana Maria Enciso de Freitas destaca: “No ambiente de

[120] Nasceu na cidade de Nioaque, em 4 de janeiro de 1904. Formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1927, trabalhou nas obras da Estrada de Ferro Central do Brasil. Emigrou a Campo Grande a convite do engenheiro João Ponce, colega de turma na Politécnica.

trabalho, era líder nata. Tinha especial cuidado com a língua portuguesa. Se um ofício tinha o mais leve erro ou rasura, tinha que ser refeito."

A resposta a essa indagação surge no depoimento do Prof. Cabral (2018, p. 5):

> E a gente não pode esquecer o seguinte, quando ela entra na prefeitura nos anos de 30, Campo Grande ainda era uma cidade bem pequena. Ela assume lá uma função administrativa, por exemplo, vai ter uma reunião para a organização do IBGE e então ela é chamada pelo IBGE lá em Cuiabá e é lá que ela tem contato com a conferência do Miguel Couto. Depois, à medida que a cidade vai crescendo, novas dependências administrativas vão sendo criadas, mas ela permanece, por quê? Porque de alguma forma ela era a memória administrativa da prefeitura e ela passou por vinte, vinte e poucos, entre prefeitos e intendentes, porque havia. [...] Ela própria chegou a exercer a prefeitura embora isso não apareça. Ela atendia aos prefeitos independentemente, claro que ela tinha uma ligação forte com a UDN, mas ela atendia a todos indistintamente. E por que é que ela se fez tão necessária? Justamente porque no final ela acabou sendo a memória administrativa da prefeitura. Ela se apropriou daquela burocracia pública. Então, à medida que essa máquina burocrática se amplia e outras pessoas chegam, mais ela se conserva na ascendência porque ela tinha a primazia de ser uma das mais antigas.

Oliva Enciso, em sua trajetória de funcionária pública, ocupou um papel de destaque na prefeitura, de amanuense datilografa aos cargos de chefia, como, por exemplo, secretária e chefe dos departamentos da prefeitura, período em que Campo Grande estava em construção do espaço urbano civilizado. Em fontes memorialísticas e notícias no *Jornal do Commercio* e *O Estado de Mato Grosso*, localizamos nas informações sobre a atuação de Oliva Enciso como funcionária da prefeitura um número expressivo de notas de editais que indicam a sua atuação na prefeitura e o seu deslocamento de cargo.

A formação contabilista favoreceu sua atuação na prefeitura, contribuindo para a exposição de Cabral (2018), em considerá-la a memória administrativa da prefeitura por ter o domínio prático da aparelhagem burocrática. O curso de Perito Contador possibilitou a Oliva Enciso a aquisição de noções de economia, comércio, legislações, entre outros conhecimentos propostos no currículo do curso[121].

O capital escolar objetivado dos conhecimentos acumulados possibilitou estratégias que permitiram a tomada e a manutenção da posição da agente nas atividades de secretária na prefeitura de Campo Grande. São notáveis os percursos vividos como uma porta-voz autorizada para falar em nome das instituições que representava, desde seu percurso como aluna secundarista até o cargo de secretária interina da prefeitura.

[121] Regulamentado pelo Decreto n. 17.329, de 28 de maio de 1926.

As referências localizadas indicam a trajetória de estudante secundarista de Oliva Enciso com as marcas da distinção. Ela obteve o reconhecimento social e simbólico dos estudos secundários e, por sua dedicação e valorização aos estudos, mobilizou a posse de capital escolar institucionalizado[122]. Esse capital foi mobilizado pelo investimento escolar de tempo e esforço.

O ensino secundário pode ser considerado o tempo vivido, tempo de interação social e apropriação dos conhecimentos específicos. Assim como do reconhecimento público do capital cultural e também de seus atributos como oradora e representante das turmas dos cursos Ginasial do Ginásio Municipal de Campo Grande; Contador do Ginásio Dom Bosco e Normal do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

A aluna secundarista foi considerada uma porta-voz autorizada na transmissão dos valores da instituição confessional para outras alunas. Oliva Enciso, ao finalizar o curso de Contador em 1932, acessou o curso Normal no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e, em 1934, recebeu o diploma de normalista.

Figura 22 - Notícia de Oliva Enciso no Colégio N. S. Auxiliadora (1934)

PELO ENSINO

Encerramento do ano letivo

O grande festival litterario-musical do Collegio N. S. Auxiliadora

COLLAÇÃO DE GRÁU DA PRIMEIRA TURMA DE PROFESSORANDAS DO CURSO NORMAL D. BOSCO

O discurso do paranympho, S. Excia. Revma. D. Aquino Corrêa

Foi, incontestavel, brilhante a festa escolar domingo ultimo, levada á effeito, no grande salão do Collegio Nossa Senhora Auxiliadora.

As Revmas. irmãs salesianas comprehenderam bem a necessidade de se solemnizar convenientemente, a collação de gráu da 1.a turma de professorandas que sahe do seu bem montado curso normal.

rinha Enciso, que é bem um dos mais bellos exemplos para a juventude feminina de Campo Grande, pelas peregrinas virtudes que possúe.

Oliva soube fallar em nome de suas collegas, abordando com felicidade todas as facetas classicas dum discurso colar, de despedidas.

Após um intermezzo encantador de muzica, assomou á

Fonte: Jornal do Commercio, Ano 14, n. 1.694, 1934.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 05 out. 2018.

[122] Compreende a objetivação do capital cultural sob a forma do diploma, neutraliza certas propriedades, mesmo não estando incorporado nos limites biológicos de seu portador. O diploma torna-se uma certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional juridicamente garantido e instituído em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 2008, p. 78).

A Figura 22 é um recorte da notícia sobre a formatura da turma de normalista do Colégio Dom Bosco, em 1934, do *Jornal do Commercio*, edição 1.694, de 13 de dezembro de 1934. Observa-se que Oliva Enciso foi destaque pelo discurso proferido como representante da turma.

> Segue-se a oração pronunciada por essa distinctíssima senhorinha que é Oliva Enciso, interprete oficial das suas colegas professorandas. As ruidosas palmas que coroaram o final desse discurso, significaram bem o especial em que é tida na nossa sociedade a Senhorinha Enciso, que é bem um dos mais belos exemplos para a juventude feminina de Campo Grande, pelas peregrinas virtudes que possúe. (JORNAL DO COMMERCIO, 1934a).

Oliva Enciso acumulou um capital cultural abarcado em seus diferentes estados: incorporado, objetivado e institucionalizado, na mobilização do capital escolar institucionalizado[123] na finalização do curso de Normal. O estado incorporado apresenta-se nas disposições e predisposições da formação católica salesiana; o estado objetivado configurado pela posse e gosto de bens materiais que representam a instituição, e por fim, o estado institucionalizado, o reconhecimento institucional das competências adquiridas na certificação/diploma de normalista. O diploma que lhe garantiu o reconhecimento sancionado por uma instituição mediante o reconhecimento público de professora posteriormente, uma vez que não localizamos informações de atuação docente em escolas no decorrer da trajetória profissional.

Além disso, evidenciam-se os sinais de acúmulo de capital simbólico, dado pelo *Jornal do Commercio* ao exaltá-la como figura exemplar feminina. O seu discurso aponta para um modelo de estudante a ser seguido e práticas escolares como princípios do sistema de produção da ideologia religiosa na formação feminina. Uma das maneiras de difundir essa ideologia é por meio do discurso ou por um "porta-voz autorizado", que, com "falas exemplares", vai ao encontro de um significante e de um significado preexistentes do reconhecimento social da instituição (BOURDIEU, 2011a).

O discurso pode ser reconhecido como uma estratégia consciente e inconsciente de reconhecimento. Oliva Enciso escreveu discursos, artigos, poesias, cartas, correspondências

[123] Estruturas objetivas tomadas estruturas mentais no decorrer de um processo de aprendizagem que se cumpre num universo organizado segundo essas estruturas e submetido às sanções formuladas linguagem igualmente estruturada segundo as mesmas oposições, as taxinomias escolares estabelecem uma classificação conforme a lógica das estruturas das quais elas são o produto. (BOURDIEU, 2008, p. 198).

pessoais e profissionais e sua autobiografia. Esses escritos revelam a "produção de si"[124], um dos efeitos do gênero feminino. Perrot (2007) discute "as práticas da memória feminina" presentes nos arquivos pessoais como cartas, correspondências, diário íntimo, autobiografias, entre outros, como manifestações que as mulheres utilizaram para escrever sobre si no silêncio da história, por terem um caráter privado.

Oliva Enciso, ao produzir seus escritos, revelou sobre si, demostrou seus sentimentos, posições políticas e pensamento educacional, porém, sendo necessário relativizar suas memórias, como produtora de sua história. Para Bourdieu (2011b, p. 75) o produtor de uma autobiografia tende realizar uma "[...] inclinação a se tornar ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões que possam justificar sua existência e atribuir-lhes coerência".

A trajetória profissional de Oliva Enciso foi reconhecida pelos companheiros de trabalho e pela mídia jornalística, com destaque para sua dedicação profissional como funcionária pública, mobilizando um capital simbólico de reconhecimento dado pelos outros agentes.

Sobre sua relevante contribuição na prefeitura de Campo Grande, Demosthenes Martins, em obra intitulada *A poeira na jornada* (1980)[125], declara:

> Dos meus auxiliares, destacavam-se a Secretária Oliva Enciso, Contadora, Farmacêutica e Normalista, que chegou a matricular-se na Escola de Medicina, do Rio de Janeiro, mas teve que desistir desse curso para não separar-se de sua mãe, viúva, e não dispor de recursos para manter-se com irmãs menores, naquela capital. Moça dotada de um alto espírito público, magnífico preparo intelectual e inteligência lúcida, escrevendo com esmero e versejando com espontaneidade, não poupava esforços para atender os seus afanosos encargos. Para os desvalidos da fortuna, especialmente a juventude desamparada, foi uma extremosa samaritana. (MARTINS, 1980, p. 150).

Essa distinção nas atividades, em seu percurso profissional, torna-se visível quando, nas fontes localizadas, observa-se o desenvolvimento das ações práticas de Oliva Enciso na prefeitura municipal de Campo Grande.

---

[124]Carlos Gilberto Pereira Dias (2012) utilizou como categoria de análise para compreender as escritas dos arquivos pessoais de suas biografadas, revelando o interesse delas de produzirem um reconhecimento de si para a sociedade inserida num período em que as mulheres não eram reconhecidas socialmente.

[125] Apresenta a trajetória pessoal, profissional e política do autor, e também aspectos do desenvolvimento de Campo Grande e do sul de Mato Grosso, com destaque para sua atuação na vida pública como secretário da prefeitura e prefeito.

No cargo de secretária, Oliva Enciso realizou diversas viagens como representante dos interesses da prefeitura de Campo Grande para cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, entre outras.

As viagens constituíram um campo dos possíveis de inter-relações entre outros campos sociais. Possibilitaram oportunidades de ampliação das disposições e competências profissionais em suas ações práticas, uma vez que a prática se dá na relação entre o *habitus* e o campo por meio da mediação do capital. Houve a mobilização do capital social constituído nas relações profissionais e sociais estabelecidas nas viagens como representante da prefeitura.

Oliva Enciso, em 1945, no período de negociação para a instalação da Escola SENAI em Campo Grande, escreveu uma carta ao Dr. Roberto Mange, diretor do SENAI. Nessa carta, agradece a instalação da escola profissional, destacando a importância da sua presença nas negociações com a prefeitura.

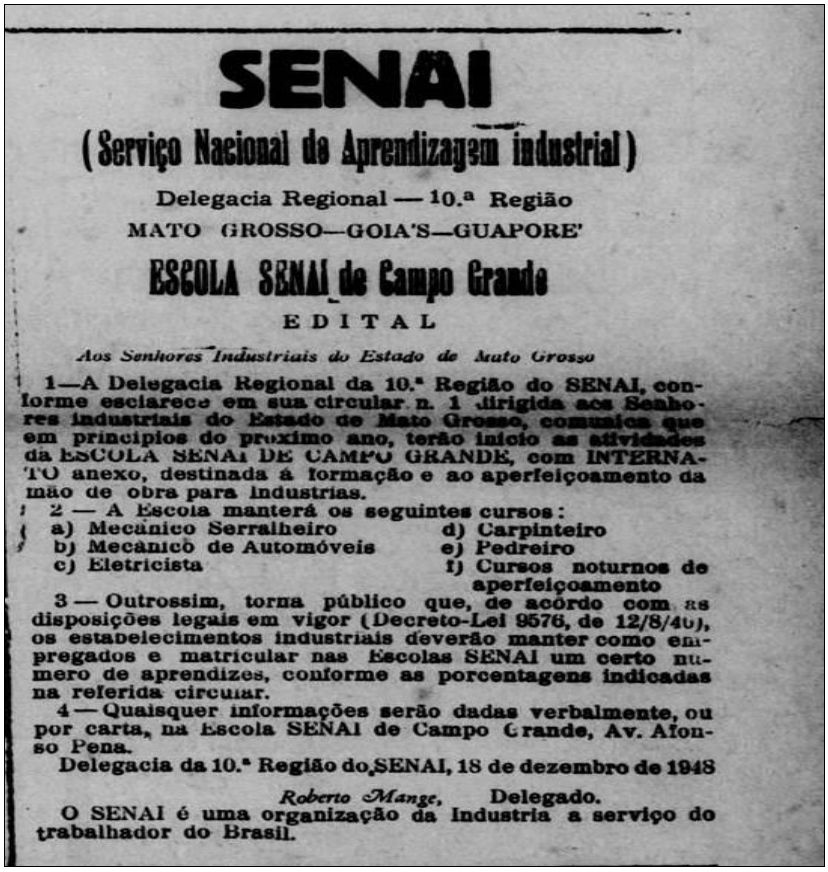
> [...] o senhor pode estar certo que a sua presença aqui será de grande alegria para todos aqueles que querem, já não digo para Campo Grande, mas para o Brasil, dias melhores. O Sr. vai nos dar uma escola de trabalho, isto, é, uma sementeira de *homens dignos e úteis a nossa Pátria.* (ENCISO, 1986, p. 76, grifo nosso).

Observamos no pensamento sobre a educação o entendimento de Enciso que esta era um fator de desenvolvimento, relacionada ao interesse público e pessoal de consolidar uma escola profissional em Campo Grande.

> Do momento que estava os internos fazendo o primário, terminavam o primário com 12, 13, 14 anos e iam para a escola SENAI. Em 2 anos de escola profissional formavam, estavam encaminhados e tinham emprego no mercado. Campo Grande crescendo e mesmo do interior, tinha muita gente do interior que vinham e que eram os internos do SENAI. Tinha os internos e tinha os externos, os externos moravam em Campo Grande e nos arredores. Era de graça porque era para pessoas que não podiam pagar a escola. (BARCELOS, 2018, p. 2).

O trecho do depoimento de Barcelos (2018) apresenta a importância da instalação da Escola Profissional do SENAI em Campo Grande com a finalidade de preparação intelectual e formação profissional para atender o mercado de trabalho.

Figura 23 - Cursos profissionais oferecidos pelo SENAI (1948)



SENAI

(Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Delegacia Regional — 10.ª Região

MATO GROSSO—GOIA'S—GUAPORE'

ESCOLA SENAI de Campo Grande

EDITAL

Aos Senhores Industriais do Estado de Mato Grosso

1—A Delegacia Regional da 10.ª Região do SENAI, conforme esclarece em sua circular n. 1 dirigida aos Senhores industriais do Estado de Mato Grosso, comunica que em principios do proximo ano, terão inicio as atividades da ESCOLA SENAI DE CAMPO GRANDE, com INTERNATO anexo, destinada á formação e ao aperfeiçoamento da mão de obra para industrias.

2 — A Escola manterá os seguintes cursos:

a) Mecânico Serralheiro
b) Mecânico de Automóveis
c) Eletricista
d) Carpinteiro
e) Pedreiro
f) Cursos noturnos de aperfeiçoamento

3 — Outrossim, torna público que, de acôrdo com as disposições legais em vigor (Decreto-Lei 9576, de 12/8/40), os estabelecimentos industriais deverão manter como empregados e matricular nas Escolas SENAI um certo numero de aprendizes, conforme as porcentagens indicadas na referida circular.

4 — Quaisquer informações serão dadas verbalmente, ou por carta, na Escola SENAI de Campo Grande, Av. Afonso Pena.

Delegacia da 10.ª Região do SENAI, 18 de dezembro de 1948

Roberto Mange, Delegado.

O SENAI é uma organização da Industria a serviço do trabalhador do Brasil.

Fonte: O Estado de Mato Grosso, Ano XX, edição n. 1682, 25 de Dezembro de 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

A Figura 23 apresenta a propaganda do primeiro edital com os cursos oferecidos e destinados às formações e ao aperfeiçoamento de mão de obra para as indústrias. Com os cursos de Mecânico Serralheiro, Mecânico de automóvel, Eletricista, Carpinteiro, Pedreiro e Cursos noturnos de aperfeiçoamento.

A escola inicialmente era denominada Escola SENAI de Campo Grande e manteve os cursos apresentados anteriormente no decorrer dos anos de 1950. A infraestrutura da escola contava com algumas oficinas, refeitório, campo de futebol, pátios, horta, internato com capacidade para 40 alunos, gabinete dentário e ambulatório médico.

> Em 1961, foi criado o curso preliminar com capacidade para 18 alunos com idade de 13 a 14 anos, os quais participavam de trabalhos práticos em metal e madeira, com série metódica própria e recebiam aulas teóricas de português, matemática, desenho e noções comuns. Em 1962, era de 150 o número de aprendizes regularmente matriculados nesses cursos. Em 1965, começaram a funcionar no período noturno, os cursos de qualificação, destinados a alunos maiores de 16 anos. Por meio dessa modalidade de cursos, os alunos adquiriam formação em determinada ocupação, visando à

> preparação de trabalhadores para o atendimento às necessidades específicas de mão de obra. (SENAI, 2020, p. 2).

Nas décadas de 1950 e 1960, com uma população urbana em crescimento e a necessidade de ampliação da sua infraestrutura urbana, os cursos oferecidos atenderiam os interesses em construção dos espaços de uma sociedade urbano-citadina com novas demandas de mercado.

Observamos no depoimento de Barcelos (2018) e na propagando do edital a modalidade do internato. A escola foi à primeira instituição de qualificação profissional de Mato Grosso e, por isso, também atenderia alunos oriundos de outras localidades do estado. O diretor Afro Puga era o diretor da escola, o responsável pelo internato e sua família residia no mesmo local onde funcionava a escola.

Figura 24 - Memorial da Indústria de Mato Grosso do Sul

Fonte: SENAI, 2020.

A Figura 24 traz uma fotografia do prédio onde funcionou a Escola do SENAI em Campo Grande, atualmente este abriga o Memorial da Indústria de Mato Grosso do Sul. Nessa também observamos a infraestrutura disponível da instituição no oferecimento da educação profissional. Um prédio amplo e em destaque o nome da instituição no alto da entrada principal. Tais características trazem uma marca simbólica do que representava a instalação da instituição numa sociedade urbano-citadina.

Segundo Vera Regina Beltrão Marques e Desirê Luciane Dominschek (2011, p. 278), o SENAI, inicialmente, não objetivou a escola como espaço de assistência social. Porém, no decorrer dos cursos oferecidos, “[...] descobriram que sua clientela advinha de famílias

pobres, adoecidas, que podiam ser consideradas um problema e necessitavam de assistência para viabilizar a formação requerida, mas tal assistência não constava no projeto original."

Cabe aqui destacar que as memórias de Oliva Enciso apontam que no interesse da criação do SENAI, também estiveram envolvidas as relações pessoais de Roberto Mange com D. Aquino Corrêa, a quem prometeu a criação da escola profissional do SENAI em Mato Grosso.

Como posto anteriormente, Oliva Enciso foi uma porta-voz autorizada para agir em favor da criação da instituição educativa profissional não estatal em Campo Grande, sendo responsável em realizar um levantamento da situação econômica do município, do número de trabalhadores e pelos trâmites legais de instalação. Além disso, firmou a parceira com a instituição, oferecendo garantias como a venda do terreno ao SENAI, a isenção de impostos e taxas e a manutenção de alunos.

Quadro 7 - Subvenções e auxílios concedidos ao SENAI (1948 -1970)

Ano	Subvenção/auxilio	Esfera	Fonte	Prefeito	Governador
1948	Manutenção de despesas de 40 alunos nos cursos da escola do SENAI (cinquenta por cento (50%) do salário mínimo por aluno).	Munícipio	Lei n. 47, de 12/11/1948	Fernando Corrêa da Costa	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1949	Manutenção de 40 alunos Cr$ 5.600,00.	Munícipio	Lei N. 121, de 19/11/1949	Artur de Vasconcelos (vice-prefeito)	Arnaldo Estêvão de Figueiredo
1953	Auxílio de CR$ 39.000,00.	Munícipio	Lei n. 300, de 26/01/1953	Mario Carrato (em exercício)	Fernando Corrêa da Costa
1953	Manutenção de 40 alunos na Escola Profissional do **SENAI** CR$ 80.000,00.	Munícipio	Lei n. 301, de 09/02/1953	Joaquim Teodoro de Faria	Fernando Corrêa da Costa

Fonte: Câmara Municipal de Campo Grande.
Organização: Britez, 2020.

O Quadro 7 apresenta as subvenções de manutenção dos alunos no SENAI, de acordo com a Lei n. 47, de 12 de novembro de 1948, uma vez que a prefeitura se comprometeu a subsidiar por 10 anos a manutenção de 40 alunos.

> Art. 1º - Fica a Prefeitura, mediante acordo com o SENAI, autorizada a manter matriculados, as suas expensas, nos cursos da Escola do SENAI de Campo Grande, até o total de quarenta (40) alunos por ano, a partir da data inaugural da Escola, e observadas as disposições legais vigentes.
> Art. 2º - A matricula dos alunos na Escola do SENAI será efetuada por indicação da Prefeitura e seleção feita pela Secção de Educação e Assistência Educacional, de preferência aos mais necessitados de amparo de

> Poder Público, entre os que apresentarem maior capacidade obtida no curso primário e independente da condição de filho de Industriário.
> Art. 3º - Em compensação da Escola do SENAI ministrar, ensino aos alunos mantidos pela Prefeitura, esta pagará ao SENAI, por mês, a quantia global correspondente a cinquenta por cento (50%) do salário mínimo de quarenta (40) operários industriários, embora o número de alunos atinja ou não esse limite. Art. 4º - As despesas decorrentes do Art. 3º desta Lei, correrão por conta da Verba própria, consignada no Orçamento para 1949, até o máximo de Cr$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros), para o mesmo exercício.
> Art. 5º - As obrigações decorrentes desta lei serão pelo prazo de dez (10) anos, da data do respectivo acordo com o SENAI, cabendo ao executivo fazer constar das propostas orçamentarias, para os anos consecutivos, verba para atender aos encargos criados por força desta lei. (CAMPO GRANDE, 1948, p. 1).

A agente mobilizou ações práticas para a instalação do SENAI, em uma relação de troca de dádivas, “toma lá, dá cá”.

> Em janeiro de 1949, a Prefeitura apresentou a relação de 87 candidatos para a seleção, dos quais os 15 primeiros candidatos inscritos eram da ESCOLA MIGUEL COUTO. A ESCOLA DO SENAI começou a funcionar em fevereiro. A inauguração foi marcada para 21/05/49. No meu convite, estava escrito à mão pelo Dr. Roberto Mange: “ A prezada D. Oliva Enciso, lembrança do que pode ser realizado graças à sua valiosa e dedicada cooperação.” (ENCISO, 1986, p. 84).

Como posto por Bourdieu (2011b), uma dádiva não é dada sem a pretensão de receber algo em troca. Isso pode ser observado nas suas memórias, ao descrever que, na lista de alunos selecionados para a Escola do SENAI, dos 86 alunos, os 15 primeiros escritos eram da Escola Miguel Couto, que era parte da Sociedade. As estratégias mobilizadas por Oliva Enciso na criação do SENAI receberiam os seus lucros por um período de 10 anos, como aponta o documento público.

As subvenções da prefeitura à manutenção dos alunos no SENAI estiveram condicionadas à garantia das matrículas e seleção dos estudantes por meio da indicação da prefeitura e seleção feita pela Secção de Educação e Assistência Educacional, de preferência aos mais necessitados de amparo do Poder Público. A Lei oferecia garantias a Oliva Enciso, como porta-voz autorizada, a direcionar as escolhas dos beneficiários da Sociedade Miguel Couto.

No relato escrito da autora, pondera-se que a ação prática do *habitus* religioso não visa diretamente à retribuição pela ação, mas demonstra o poder de dominação do campo religioso do “toma lá, dá cá” pensado por Bourdieu (2011b). Compreendem-se as ações de troca de

dádivas e de crédito, em um intervalo temporal desse campo, nas estruturas mentais, nos modos de pensar e de agir da agente social.

Em 1951, foi realizado no Cine-Teatro Alhambra, a seção solene de entrega de Cartas de Ofício a 1ª turma de jovens artífices, com aprendizes oriundos da Sociedade Miguel Couto, da cidade e outras cidades do estado de Mato Grosso.

Em síntese, as relações pessoais e profissionais construídas e estabelecidas ampliaram e mobilizaram os capitais social e simbólico no reconhecimento de *porta-voz autorizada* da prefeitura. Na triangulação de fontes (depoimentos, memória escrita, periódicos e documentos públicos) tornou-se visível a distinção nas atividades em seu percurso profissional, por meio do desenvolvimento das ações práticas de Oliva Enciso na prefeitura municipal de Campo Grande. Essas propriedades foram acionadas por ela, porta-voz autorizada com domínio do funcionamento do aparelhamento público, já que mobilizou estratégias de interesse coletivo nos trâmites das autorizações oficiais do governo do estado e município, os quais foram necessários para a criação da instituição educativa profissional não estatal em Campo Grande.

3.3 A instituição educativa profissional não estatal Escola Doméstica Roberto Simonsen

Este tópico objetiva apreciar e analisar, em fontes reunidas, elementos da gênese da Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen, do Serviço Social da Indústria (SESI), em Campo Grande, no final da década de 1940.

Enciso (1986, p. 33) narra que, em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro em 1948, para tratar de interesses da Sociedade, conheceu o filho de Miguel Couto, educador que motivou a fundação Sociedade Miguel Couto.

Miguel Couto Filho, na época, era deputado federal e, como forma de agradecimento pelo seu empenho em cultivar o pensamento educacional de seu pai, indagou a Oliva Enciso como poderia retribuir o gesto realizado. No acanhamento em dizer que “era uma mendiga disfarçada e que qualquer ajuda serviria”, falou da situação financeira da Maternidade da cidade. Ele a indicou para falar com Dr. Euvaldo Lodi, presidente do Departamento Nacional do SESI.

Enciso (1973, p. 26) descreve que convidou o então senador Vespasiano Barbosa Martins para entrar em contato com a direção do SESI “[...] e foi assim que em dezembro de 1948, dois meses depois que ele lá esteve, foram inaugurados aqui, a Escola de Formação Doméstica e o serviço médico-odontológico para os operários da indústria e suas famílias.”

Nas relações pessoais e profissionais com Vespasiano Barbosa Martins, conseguiu a instalação da instituição educativa profissional feminina em Campo Grande. As fontes indicam que, no governo de Vespasiano Barbosa Martins (1934-1935), houve deslocamento e tomada de posição de amanuense datilógrafa para secretária da prefeitura. Assim, Oliva Enciso tomou nova posição na prefeitura e passou a exercer oficialmente a função de secretária da prefeitura em 30 de novembro de 1934.

O SESI tem suas origens após a elaboração da *Carta da Paz Social* elaborada pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), juntamente com os sindicatos patronais e de empregados do estado. A Carta atestava que uma sociedade se afirmaria na base de uma paz social aliada à ordem econômica e, dessa forma, se fazia necessário "[...] uma obra educativa, através da qual se consiga fraternizar os homens, fortalecendo neles o sentimento de solidariedade e confiança". (SESI, 1976, p. 19 *apud* SESI, 2008, p. 36).

Diante disso, o SESI foi regulamentado e implantado pelo Decreto-Lei n. 9.403, de 25 de junho de 1946, no governo de Eurico Gaspar Dutra. O SESI é uma instituição com finalidade privada, porém de caráter público e seu regulamento foi criado e elaborado sob a direção do Conselho Nacional da Indústria (CNI). No período de sua criação, apenas seis estados contavam com federações das indústrias constituídas: Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Por consequência, os departamentos regionais ocorreram na existência legal a partir da criação do SESI.

> O primeiro programa da entidade abrangia alimentação, habitação, higiene, saúde e educação moral e cívica. Em meio ao cenário do país no período Pós-guerra, a atuação do SESI priorizou dois setores considerados "cruciais e estratégicos": alimentação e abastecimento e educação social. (SESI, 2008, p. 42).

Em 1956, com o Regulamento do SESI, pelo Decreto n. 57.375, de 2 de dezembro de 1965, as finalidades das ações abrangeram os trabalhadores da indústria, dos transportes, das comunicações e da pesca e seus dependentes; valorização e promoção do bem estar-social do trabalhador e de sua família, desenvolvimento do espírito de solidariedade; elevação da produtividade, industrial e atividades assemelhadas; e melhoria geral do padrão de vida. Para alcançar as finalidades apresentadas, as atividades do SESI foram concentradas em objetivos: sendo estes: a) alfabetização do trabalhador e seus dependentes; b) educação de base; c) educação para a economia; d) educação para a saúde (física, mental e emocional); e) educação familiar; f) educação moral e cívica; g) educação comunitária.

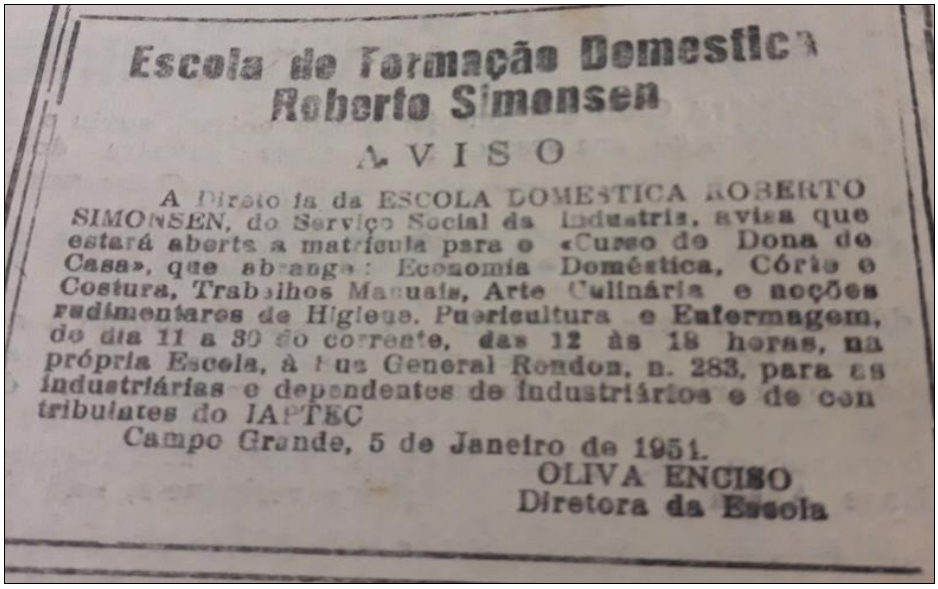
Na revista *Sesi Gestão Social*, de julho de 2006, Oliva Enciso foi homenageada como a precursora na implantação do SESI em Mato Grosso.

> O SESI chegou a Mato Grosso do Sul, em 1948, pelas mãos de Euvaldo Lodi, então presidente do Departamento Nacional. Coube à professora Oliva Enciso, da Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes, a coordenação do primeiro programa instalado no Regional: a Casa do Aprendizado Doméstico, que ensinava economia doméstica, arte culinária, corte e costura, bordado, trabalhos manuais, confecção de flores, noções de higiene e enfermagem, entre outros assuntos do cotidiano. (SESI, 2006, p. 24).

Oliva Enciso soube utilizar sua rede de relações para intermediar a instalação do SESI na cidade e, além disso, promoveu a ampliação das unidades do SESI para outras cidades do estado, como Corumbá e Cuiabá, entre outras.

Em 01 de dezembro de 1948, foi instalada a Casa de Aprendizado Doméstico, depois denominada Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen. Oliva Enciso foi cedida pela prefeitura e tornou-se diretora, orientadora de atividades sociais e também supervisora do serviço social no SESI, entre os anos de 1948 a 1968.

Figura 25 - Propaganda dos cursos da Escola Doméstica Roberto Simonsen (1951)



Escola de Formação Domestica
Roberto Simonsen

AVISO

A Diretoria da ESCOLA DOMESTICA ROBERTO SIMONSEN, do Serviço Social da Industria, avisa que estará aberta a matricula para o «Curso de Dona de Casa», que abrange: Economia Doméstica, Córte e Costura, Trabalhos Manuais, Arte Culinária e noções rudimentares de Higiene, Puericultura e Enfermagem, do dia 11 a 30 do corrente, das 12 às 18 horas, na própria Escola, à rua General Rondon, n. 283, para as industriárias e dependentes de industriários e de contribuintes do IAPTEC

Campo Grande, 5 de Janeiro de 1951.

OLIVA ENCISO
Diretora da Escola

Fonte: Jornal do Commercio, 1951.

A imagem apresenta os cursos oferecidos pela Escola Doméstica Roberto Simonsen do SESI, com destaque para o "Curso de Dona de Casa", com a aprendizagem de Economia Doméstica, Corte e Costura, Trabalhos Manuais, Arte Culinária e noções rudimentares de Higiene, Puericultura e Enfermagem.

Figura 26 - Formatura da turma do Curso de Donas de Casa do SESI (1953)

Fonte: Revista Sesinho, 1954.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

A Figura 26 retrata a formatura do "Curso de Donas de Casa" e, de acordo como a fonte, a instituição tinha a finalidade de oferecer conhecimentos práticos sobre os afazeres domésticos para as mulheres desempenharem bem as tarefas de um lar (SESI, 1954). Compreende-se que a escola doméstica exerceu, numa definição de Perrot (2005, p. 118), a função de "promover uma dona-de-casa profissional", que "gerencia sua cozinha como um engenheiro".

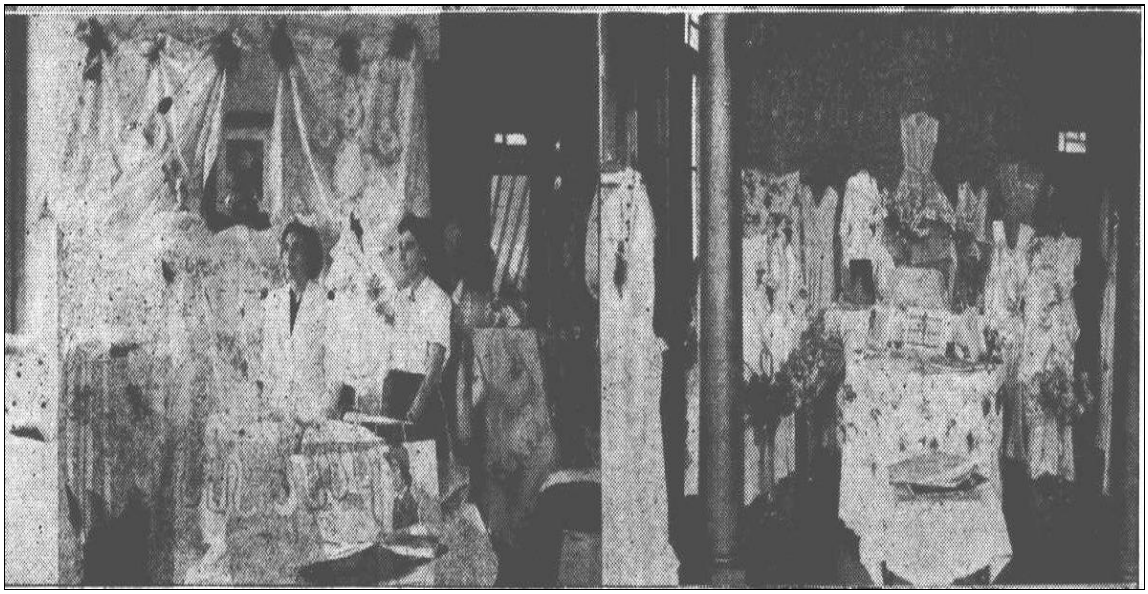
Guacira Lopes Louro e Dagmar Meyer (1993) destacaram que a escolarização feminina doméstica, entre os anos de 1946 e 1971, promoveu uma educação feminina no período pós-guerra, alcançando perspectivas diversas, pois houve a ampliação feminina nos estudos secundários, ao mesmo tempo em que houve uma política nacional de educação na valorização da esfera doméstica. O papel de "mães da república", produzido nos anos iniciais do século XX, forjou o culto à domesticidade, que colocou o lar como parte de um conjunto de papéis de ordem social, política, religiosa e emocional muito mais amplo do que tivera até então.

> No Brasil, o discurso médico-higienista tem como primeiro alvo a família burguesa, impondo-lhe padrões de educação higiênica, física, moral, intelectual e sexual, visando à modificação de hábitos que possibilitassem a europeização e urbanização dos costumes vigentes. Isso implicou uma valorização do lar como sendo um lugar dominado pelo sentimento da privacidade, onde pais e filhos deveriam conviver intimamente tendo o

> "amor" como base do desenvolvimento físico e emocional das crianças. A mulher passa a ser valorizada como mulher do lar, mãe dedicada e salvação do homem. Assim é possível, também no Brasil do século XIX, associar o processo de reformulação do lar e a valorização da mulher dentro dele às transformações sócio-político-econômicas mais amplas, de alguma forma vinculadas à consolidação do Estado. (LOURO; MEYER, 1993, p. 49).

A formação feminina adquiriu os contornos da escolarização doméstica profissional. O discurso médico higienista inseriu-se os discursos dos projetos nacionais de educação da sociedade brasileira no processo de transformação urbana e industrial.

Figura 27 - Exposição dos trabalhos manuais do curso de Donas de Casa (1953)



Fonte: Revista Sesinho, 1954.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

Houve a imposição de princípios de dominação por meio da mobilização educacional da manutenção do trabalho privado. As qualificações profissionais possibilitariam às mulheres obter as condições de se manterem economicamente no espaço privado, e também uma possível ampliação de inserção no campo social.

> Na direção da Escola, encontrei colaboradoras eficientes, que se tornaram minhas amigas inesquecíveis: Regina de Oliveira, Waldomira Coelho Neto, Teolinda Ferreira Botelho e Delina Torraca, Erodina de Barros, Corinta Grizze Fonseca e tantas outras, inclusive minha sobrinha Brunilda Magiano Lima. (ENCISO, 1986, p. 100).

Nas memórias de Oliva Enciso, observamos que a direção e a organização da Escola Doméstica foram realizadas em sua maioria por mulheres. A instituição educativa tornou-se

um espaço de ações de mulheres, tornando-se um espaço de representação feminina das relações de trabalho em construção numa sociedade urbano-citadina, como demostra a tabela a seguir:

Tabela 5 - Informações sobre a população de Campo Grande (1950)

	Total	Homens	Mulheres
População total	57.033	29.276	27.757
População ativa	40.550	20.891	19.659
Atividade em indústrias e comércios	10.974	10.702	272
População instruída	12.854	7.015	5.839
Instrução Elementar	10.404	5.561	4.843
Instrução Média	2.133	1.152	981
Instrução Superior	311	298	13
De 15 anos ou mais e estado conjugal	33.437	17.305	16.132
Solteiros	13.957	8.314	5.643
Casados	17.242	8.440	8.802
Divorciados	59	29	30
Viúvos	2.108	484	1.624

Fonte: IBGE, 1950.
Organização: Britez, 2020.

Os dados censitários da Tabela 5 apontam a expressiva desigualdade no mercado de trabalho e na instrução entre homens e mulheres em Campo Grande, na década de 1950. Conforme o Censo de 1950, a população em atividade econômica era composta, por 20.891 homens e 19.659 mulheres. Desse quadro populacional, 10.702 homens e 272 mulheres ocupavam atividades econômicas nos ramos da agricultura e pecuária, indústrias extrativas, indústrias de transformação e comércios de mercadorias e imóveis.

Além disso, sobre os graus de instrução, os dados apontam novamente uma desigualdade: de um total de 57.033 habitantes, apenas 12.854 possuíam pelo menos um grau de instrução. Desse universo, apenas 981 mulheres possuíam a instrução média e somente 13 obtiveram um diploma de instrução superior. Em relação aos graus de instruções obtidos por mulheres, as informações censitárias apontam para uma relativa igualdade de acesso entre o ensino primário e secundário, porém existiu a diferença no acesso ao ensino superior. Essa diferença advém da falta de instituições de ensino superior na cidade e no sul de Mato Grosso. Os dados apontam uma compreensão das desigualdades e desvalorização profissional das mulheres na inserção feminina no espaço social de Campo Grande na década de 1950. Cabe também observarmos o quantitativo de mulheres casadas, solteiras, desquitadas e viúvas, uma

total de 17.267 mulheres com idade de 15 anos ou mais quanto ao estado civil, isto demonstra a necessidade de investimento na formação feminina.

Brunilda Magiano Lima, sobrinha de Oliva Enciso e depoente desta pesquisa, foi professora de trabalhos manuais e sua sobrinha Nilza Enciso de Freitas foi secretaria e a responsável pela parte artística. A escola ofereceu formação das lides domésticas e trabalhos manuais para mulheres. Nas ações práticas da escola de formação doméstica, a agente alcançou uma representação social entre as mulheres.

> Ela fez uma diferença muito grande, porque era uma época que mulher não saía de casa. A mulher, se trabalhasse, ela trabalhava em casa. Ela tinha que ter uma profissão dentro de casa, dando aula particular ou sendo costureira, sendo bordadeira ou fazendo alguma coisa... Enfim, ela revolucionou. Porque ela entrava, onde ela entrasse com aquele passinho dela, aquela vozinha meiga dela, ela não era alta, ela tinha uma postura, ela tinha uma presença como mulher que isso daí enriquecia. Gente, foi assim, uma abertura para as mulheres criarem coragem e se atirar em um serviço. Vamos trabalhar, vamos ser professoras. Estavam começando, as professoras formando, tal. Vamos ser isso, vamos para a política e dali foi uma inspiração. Se você não vê uma pessoa, porque, gente... Se você não tiver alguma pessoa que te abra os caminhos, como ela foi uma inspiração para muita mulher, você vira... ou sei lá, você fica jogada, você não marca presença. (BARCELOS, 2018, p. 12).

O depoimento de Barcelos (2018) aponta que a Escola de Formação Doméstica Roberto Simonsen cumpria uma função social de oportunizar às mulheres uma formação profissional a ser exercida no espaço privado. A representação feminina de Oliva Enciso no contexto social de Campo Grande evidencia-se no reconhecimento do capital social e político alcançado na política partidária, como a primeira vereadora de Campo Grande (1955-1958) e, em seguida, a primeira deputada estadual de Mato Grosso (1959-1962)[126].

> Então nessa época a gente tem aqui a UDN recrutando mulheres. Mas com que perfil... Mulheres conservadoras... Professoras. Contemporânea de Oliva em São Paulo pela UDN, se eu não tiver enganado, tinha a Dulce Salles Cunha, que era professora de português na cidade São Paulo e também foi vereadora e deputada estadual. E tinha inclusive o apoio da TV Tupi em um programa de perguntas e resposta do Aurélio Campos que ela se projetou... Então eu acredito que a Oliva vá para a política meio a esse movimento que a UDN fez de recrutar mulheres de perfil conservador como era o dela com uma inserção social forte e que ela tinha. Porque ela já havia trazido a escola do SENAI, ela já havia trazido, já tinha criado a Sociedade Miguel Couto

[126] No antigo Mato Grosso, a representação feminina na política foi alcançada pelas vereadoras de Campo Grande: Maria de Lourdes Widal Roma (1966-1974) e Nelly Elias Bacha (1971-1978). Nenhuma mulher assumiu novamente o cargo de deputada estadual.

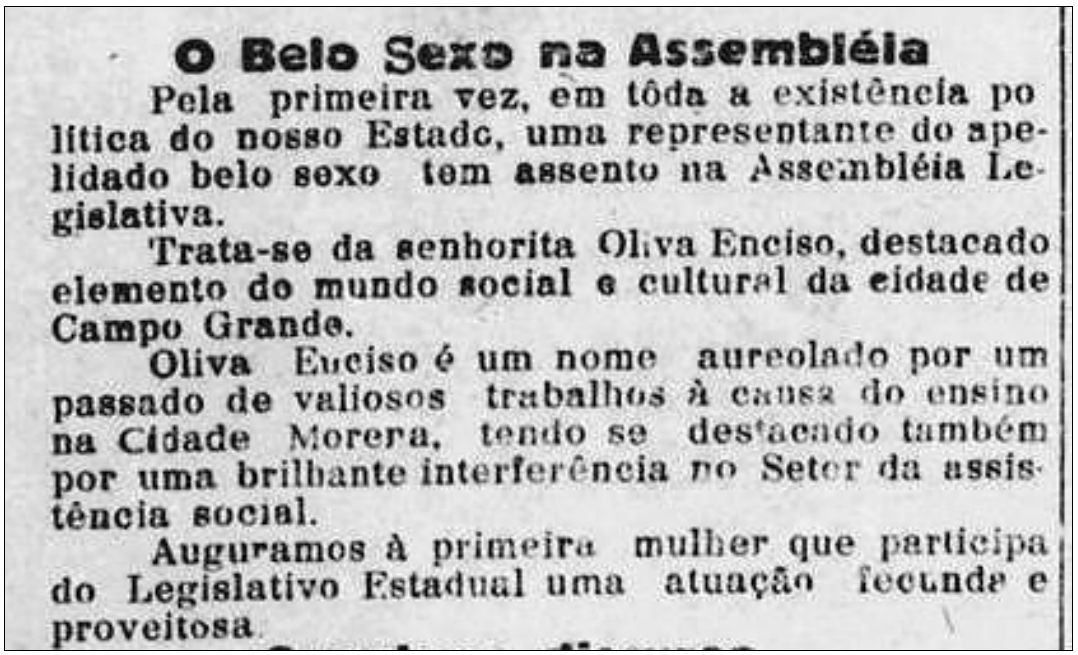
> que era menor, a CNEC e ela já tinha dado um pitaco ou estava dando um pitaco na formação da APAE. (CABRAL, 2018, p. 2).

Em suas ações práticas legisladoras, buscou conservar a relação público-privada por meio de instrumentos políticos como projetos e leis. Algumas dessas ações beneficiaram as instituições por ela mobilizadas na década de 1950. Essas instituições atendiam os interesses da sociedade nos programas de assistência social e educação. Diante de sua atuação em prol ao bem comum da sociedade urbano-citadina, seu nome tornou-se um nome de reconhecimento. De posses dos capitais simbólico e político, foi convidada pelos correligionários da União Democrática Nacional (UDN) a candidatar-se ao cargo de vereadora nas eleições de 1954. Em depoimento, Wilson Barbosa Martins destacou:

> Oliva Enciso foi convidada para ser vereadora por Campo Grande, aceitou, por causa da grande amizade por Vespasiano Martins (seu pai) e do desejo de servir à cidade e ao Estado, e foi eleita com grande sufrágio de votos. Foi uma excelente vereadora e então surgiu o convite para que ela fosse deputada estadual. Mais uma vez eleita com votação expressiva mudou-se para Cuiabá. (MORRE a professora..., 2005, p. 10).

Nessa eleição, concorreram 27 candidatos ao cargo, e ela era a única mulher candidata. Oliva Enciso foi eleita entre as mais votadas da região sul e tornou-se a primeira mulher a assumir o cargo na Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Figura 28 - Notícia sobre a iniciação de Oliva Enciso como Deputada Estadual (1959)



O Belo Sexo na Assembléia

Pela primeira vez, em tôda a existência política do nosso Estado, uma representante do apelidado belo sexo tem assento na Assembléia Legislativa.

Trata-se da senhorita Oliva Enciso, destacado elemento do mundo social e cultural da cidade de Campo Grande.

Oliva Enciso é um nome aureolado por um passado de valiosos trabalhos à causa do ensino na Cidade Morena, tendo se destacado também por uma brilhante interferência no Setor da assistência social.

Auguramos à primeira mulher que participa do Legislativo Estadual uma atuação fecunda e proveitosa.

Fonte: O Estado de Mato Grosso, Ano XX, edição 3.450, de 04 de fevereiro de 1959.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

A Figura 28 mostra a inserção de Oliva Enciso na Assembleia Legislativa de Mato Grosso e o adjetivo “o belo sexo” demonstra que ela, como representante política, abriu espaço para as mulheres num campo social que era privilégio dos homens. A política é um campo de lutas, nele os homens historicamente são reconhecidos como os porta-vozes autorizados na representação política do povo. Esse reconhecimento de um campo com privilégio de atuação masculina se expressa na adjetivação “belo sexo”.

> A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas. Na maior parte da história, essa desigualdade não foi camuflada nem escamoteada; pelo contrário, foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie. (MIGUEL, 2014, p. 12).

Nesse contexto, a adjetivação é mobilizada para trazer uma aparência de naturalidade à inserção de Oliva Enciso na Assembleia, mas reflete discussões das desigualdades entre homens e mulheres em posições de poder. Retoma historicamente as representações femininas de docilidade e feminilidade para justificar as tomadas de posições no campo de poder.

A representação do agente é dada pela apresentação do corpo próprio de um *habitus*, cuja representação é o portador de incorporação e das disposições do pertencimento em um mundo social, como exposto a seguir.

> Uma pessoa que trabalhou e que amou uma sociedade! Sendo ela parte dessa sociedade, ela enxergou além dos demais as necessidades de um povo, que é a educação e a cultura, né Então, eu considero ela como uma agente de Deus que trabalhou em prol de um povo, sem querer florear nada. [...] Ela era altruísta! Pessoinha maravilhosa! [...] Uma pessoinha maravilhosa! Quando eu digo pessoinha, porque ela era uma pessoa de estatura pequena, mas de um cérebro muito grande. Entende... Não que ela fosse uma pessoa pequena, mas o seu porte físico era pequeno. Mas a sua inteligência e o seu entendimento da sociedade era muito grande. A sua valorização do homem era muito grande. Era uma pessoa prudente!!! (ROSA, 2018, p. 18.).

Rosa (2018) apontou que foi uma das pessoas beneficiadas pelas práticas sociais de Oliva Enciso na década de 1970. A depoente foi acolhida na casa da família Enciso na adolescência por ser menina e não poder ser abrigada no orfanato Lar Santa Terezinha, que atendia meninos e era localizado na Sociedade Miguel Couto.

> Ela era um exemplo, uma mulher luminosa. Ela era e, apesar dessa maneira simples, como te disse, de falar baixo; ela era muito firme e ninguém a levava no bico não. Ela era uma pessoa séria, ativa, trabalhadora, muito

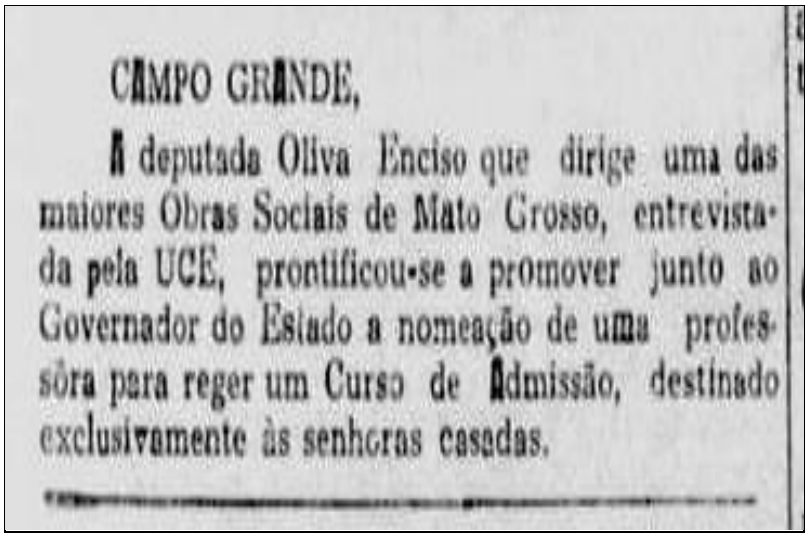
> firme nas suas convicções, no seu ideal, uma pessoa admirável. (FREIRE, 2018, p. 3).

As memórias contribuem na desconstrução dos estereótipos de gênero convencionais de feminilidade da imagem de Oliva Enciso como uma mulher frágil, bondosa e caritativa. Em contradição com as práticas e valores do patriarcado[127], as memórias representam uma estrutura subjetiva racional e de autoridade, advindas da atuação feminina no contexto histórico da sociedade do século XX.

Nesse período, as mulheres adentaram os espaços públicos por meio da escolarização e profissionalização, porém permaneceram, na percepção de Flavia Biroli (2014), com estereótipos de gênero desvantajosos para as mulheres, que destacam a dedicação à vida doméstica e familiar como uma forma de domesticidade feminina vista como traços naturais e distintivos.

Como resultado de suas ações práticas na Escola de Formação Doméstica, mulheres reivindicaram a criação de um Curso de Admissão noturno, destinado exclusivamente para mulheres casadas.

Figura 29 - Notícia do Curso de Admissão exclusivo para mulheres casadas (1961)



CAMPO GRANDE,

A deputada Oliva Enciso que dirige uma das maiores Obras Sociais de Mato Grosso, entrevistada pela UCE, prontificou-se a promover junto ao Governador do Estado a nomeação de uma professôra para reger um Curso de Admissão, destinado exclusivamente às senhoras casadas.

Fonte: O Estado de Mato Grosso, Ano XXII, edição n. 3912, 19 de Maio de 1961.
Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

[127] O uso do termo é controverso dentro da própria perspectiva feminista. É compreendido como uma das manifestações históricas da dominação masculina, vinculado a uma forma de organização política do absolutismo. Formato diverso das sociedades democráticas atuais que transformou as relações de dominação masculina em estruturas impessoais de atribuição de vantagens e oportunidades. (MIGUEL, 2014).

A Figura 29 apresenta Oliva Enciso como porta-voz autorizada da reivindicação junto ao governo de Fernando Corrêa da Costa pelo interesse de obter a nomeação de uma professora para o curso de admissão destinado às mulheres casadas. Essa ação advém de sua contribuição na materialização da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade em Mato Grosso.

> [...] a instalação da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos em Mato Grosso ocorreu como em outras partes do Brasil: Felipe Tiago Gomes, ao chegar a determinada cidade, ia ao encontro de pessoas representativas, que já possuíam algum trabalho social e pudessem auxiliar na fundação da Campanha naquele município. Compreendemos que no Sul de Mato Grosso Oliva Enciso mobilizou seus capitais (social, simbólico e político) para a instalação da CNEG no estado e sua posterior expansão. (ASTOFE, 2019, p. 122).

Oliva Enciso mantinha uma representação de dedicação no campo de educação e assistência social, por isso, penetrou esforços na gênese do CNEG, que tinha a finalidade de expandir o oferecimento do ensino secundário. Após o empenho na institucionalização da educação profissional, Oliva Enciso dedicou-se a ampliar a estrutura da Sociedade Miguel Couto e, em 1949, conheceu Felipe Tiago, o fundador e apóstolo da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade.

> Ela foi a instituidora do ginásio, porque o ginásio fazia parte de uma Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, era um movimento nacional como dizia o próprio nome e ela conheceu essa companha acho que no Rio de Janeiro, e de lá ela pegou as informações e foi credenciada para abrir aqui o Ginásio do Barão do Rio Branco e o ginásio aprovou muita gente, mais muita gente, e também a própria instituição era gratuito. O que os professores ganhavam lá era muito pouco e ensinavam mesmo por força do ideal como ela mesma. [...] A gente que estudou lá, nós tínhamos uma formação não só intelectual, mas principalmente humanista pelo clima que havia ali, pela energia que havia na escola. Era algo assim fora do comum. (FREIRE, 2018, p. 4).

O professor Felipe Tiago conheceu Oliva Enciso por intermédio de sua irmã Mercedes, que estava em tratamento médico no Rio de Janeiro. Ela lhe contou sobre as ações de sua irmã e da Sociedade Miguel Couto. Assim, o professor, com a ajuda de Oliva Enciso, então secretária da prefeitura, fundou, em 12 de novembro de 1949, a Campanha em Mato Grosso e o Ginásio Barão do Rio Branco.

Sobre a gênese do Ginásio Barão do Rio Branco, Barcelos (2018, p. 3) destaca:

> Assim foi esse projeto maravilhoso dela, porque ela só pensava nisso, o negócio dela era a educação, o motor dela foi a educação e dali surgiu outros projetos, que foi a CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, depois virou o CNEC, Escolas da Comunidade, que também é uma história muito bonita, cujo dois ex-prefeitos de Campo Grande estudaram lá, estudaram lá o Juvêncio e o Levi. O Juvêncio foi aluno, foi assim, na realidade esse projeto não começou como CNEG, começou com a Escola Barão do Rio Branco na esquina da prefeitura. A prefeitura e o prefeito cederam para ela aquela área e ali ela montou o Ginásio Rio Branco. Nesse Ginásio Rio Branco, ainda não tinha aparecido o professor Felipe lá de Recife não, estudou o Levi Dias e o Juvêncio. Estudaram porque era um ginásio que era gratuito. Esse Ginásio Rio Branco, que ela tinha fundado, era para as pessoas que não tinham condições financeiras, porque tinha o Dom Bosco que era pago, o Estadual Constança Barros Machado que era estadual lá em cima e tinha o Oswaldo Cruz que era particular. Então não tinha ginásio e é por isso que ela quis fundar esse Ginásio Rio Branco. Então, dois expoentes da política fizeram o ginásio e nunca se esqueceram disso, que eles foram alunos do Ginásio Rio Branco que a tia Oliva trouxe. Dali que é quando o professor Felipe veio para cá atrás de alguém. Você deve ter ouvido a história, também é uma história bonita... Ele chegou aqui vindo de Recife... Era um grande professor e de uma família de muito poder lá, ele era um educador como tia Oliva e totalmente dedicado à educação. Ele chegou aqui no aeroporto, que era base aérea na época. Ele desceu ali e perguntou: "Eu gostaria de saber e conversar com o capelão daqui do aeroporto". Foi no padre e disse: "Olha padre, eu queria saber uma coisa, sou voltado para educação e sei que padre também mexe muito com isso, eu queria saber quem, uma pessoa, eu procuro aqui para mexer com um ginásio, eu quero montar um ginásio gratuito aqui". O padre disse: "A pessoa indicada é dona Olivia Enciso na prefeitura". E ele caiu na mão da tia Oliva e dali surgiu o projeto maravilhoso CNEG, que é uma história muito linda. Eu conheci o professor Thiago Felipe na faculdade, ele vinha muito aqui e era muito amigo dela. Ele montou e ela montou outras escolas também aqui e no interior de Mato Grosso, porque Mato Grosso era inteiro e depois dividido. Não sei quantas escolas eram e, enfim, foi isso aí.

O Ginásio Barão do Rio Branco foi uma instituição destinada ao ensino secundário, de iniciativa privada, por ter como sua entidade mantenedora a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos[128]. Em seguida, com o apoio de Maria Constança de Barros Machado[129], a Campanha foi difundida para outras cidades como Bela Vista, Guia Lopes, Cuiabá, Porto Murtinho, Rondonópolis e Rio Verde de Mato Grosso. O CNEG também foi

[128] O Ginásio Barão do Rio Branco era destinado aos trabalhadores e funcionou em uma sala anexa ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho, no período noturno. Ofereceu o primeiro ciclo do ensino secundário, o curso ginasial, em conjunto com cursos profissionalizantes, necessários à preparação profissional para o mercado de trabalho. (BRITEZ, 2014, p.145).

[129] Primeira diretora e ficou no cargo até a primeira turma concluir o curso ginasial. No mesmo período, exerceu a função de diretora no Colégio Estadual Campo-Grandense e na Escola Normal. (BRITEZ, 2014).

beneficiado por verbas e doação de terreno pela prefeitura, que foram mediadas por Oliva Enciso[130].

Oliva Enciso teve relevante participação em sua trajetória de representante política como deputada estadual. Ela apresentou um conjunto de projetos que beneficiaram a população na assistência e também na educação, tais como a criação do Instituto e Previdência de Mato Grosso (IPEMAT) e a fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso, entre outros.

A atuação política de Oliva Enciso foi assim definida por Rosa (2012, p. 86): "Nunca houve obstáculo para quem trazia nos olhos as luzes do paraíso e foi por Deus ungida para a missão de acordar a mente adormecida dos homens de seu tempo."

A definição da autora nos leva a buscar quais foram esses obstáculos e também a possível relação do seu distanciamento da política partidária. O distanciamento de Oliva Enciso da política partidária também é questionado por Cabral (2018, p. 3):

> Esse silêncio! Eu acho que ele é muito expressivo e a gente deve fazer a leitura do silencio. Por que uma mulher que foi a primeira mulher há ser eleita no Mato Grosso uno, a primeira vereadora e depois a primeira deputada estadual, quer dizer. [...] Está certo que logo na sequência veio o golpe de 64, mas eu quero crer que isso não seria impedimento pra ela prosseguir, porque afinal ela estava na UDN num espectro político conservador e após 1964 de repente ela talvez estivesse mais espaço do que antes... Porque as forças progressistas estavam todas alijadas das políticas. Então ela poderia ter tido um espaço maior na cena política pós 1964. E, entretanto, ela não se candidata. Então deve ter havido alguma coisa muito decepcionante pra ela de alguma forma dar as costas para política partidária. Quer dizer que, ela continua que como descrevi no meu texto o que eu penso... Ela continua militando a causa da educação, mas ela abandona a política partidária.

Os motivos do afastamento da política partidária foram silenciados em sua autobiografia. Por isso torna-se uma das questões centrais na compreensão de sua trajetória política, uma vez que a agente possuía, na perspectiva de Bourdieu (1989), a competência social para a política e conhecimentos dos instrumentos próprios de produção de discursos e dos atos políticos, como demonstrados nas páginas anteriores deste relatório. ´

A atuação de Oliva Enciso na instituição representava para as mulheres um modelo de atuação feminina com ideias e ações contemporâneas. Entre suas atividades como diretora e

[130] A Lei n. 957, de 18/05/1966, autorizou o executivo municipal a doar uma área de terreno à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos para a construção da sede do Ginásio Barão do Rio Branco. No ano de 2013, o prefeito Alcides Bernal assinou o Decreto n. 12.113, de 11 de março de 2013, para desapropriação do terreno, que estava em vias de venda. Na lei de doação, indicava que, se não usado para os fins destinados, o atendimento à educação proposta como finalidade, este deveria voltar para o poder público.

orientadora do SESI, empreendeu a criação do Clube do Sesinho para atender os filhos dos trabalhadores com a colaboração de sua sobrinha Nilza Enciso de Freitas. Mobilizou no Matadouro Industrial, de propriedade de Arisoli Ribeiro e sua esposa Donatilia Barcelos Ribeiro, a criação de uma escola, onde houve aulas de Corte e Costura, Alimentação, Trabalhos Manuais, entre outras.

Em síntese, as ações práticas de Oliva Enciso na Escola de Formação Doméstica possibilitou uma qualificação profissional feminina dentro de um espaço de possibilidade de atuação no contexto de uma sociedade urbano-citadina da década de 1950. A instituição educativa profissional não estatal desempenhou o papel de preparar as mulheres para serem qualificadas e prendadas donas de casa no espaço privado. Porém, abriu novos caminhos para as mulheres, já que a formação e/ou qualificação profissional possibilitaria a ampliação da inserção feminina em Campo Grande diante do contexto de uma sociedade urbano-citadina em transformação.

3.4 A APAE e a organização da educação inclusiva em Campo Grande

Este tópico objetiva apreciar e analisar, em fontes reunidas, elementos da gênese da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande (APAE). A instituição foi uma das últimas mobilizações de Oliva Enciso no campo educacional de Campo Grande no período de 1940 e 1970. A agente esteve à frente da organização e criação da instituição educativa filantrópica destinada a oferecer educação e assistência às pessoas que precisam de atendimento especializado: os excepcionais[131].

A APAE originou-se no Rio de Janeiro, em 1954, iniciando o "Movimento Apaeano" no Brasil, o maior movimento de luta pelos direitos ao atendimento especializado de pessoas com deficiência. O Movimento reunia agentes sociais e era constituído por diversos tipos de pessoas: pessoas com deficiências, profissionais e instituições públicas e privadas, entre

[131] Termo utilizado a partir da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 4.024/61 para tratar pelos aspectos médico e psicológico pessoas que necessitam de auxílio especializado no tratamento das deficiências físicas e mentais, dando garantia ao direito e acesso à educação especializada.

outras. Esses grupos reunidos fundaram APAEs em várias cidades e agruparam-se à Federação Nacional das APAEs (FENAPES)[132].

Figura 30 - Propaganda de divulgação da APAE de São Paulo (1970)

Fonte: O Estado de Mato Grosso (1970).

A Figura 30 apresenta a propaganda divulgada no periódico *O estado de Mato Grosso* durante o ano de 1970 e expõe sobre as atividades educacionais da instituição. Essa propaganda pode ter sido uma das razões motivadoras que acionaram o interesse do grupo de homens no convite à Oliva Enciso para fundar a instituição.

[132] É uma organização social sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública federal e certificada como beneficente de assistência social; de caráter cultural, assistencial e educacional, que congrega como filiadas, atualmente, mais de duas mil APAE e outras entidades congêneres que compõem a Rede APAE. Tem como missão institucional promover e articular ações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e representar o Movimento perante os organismos nacionais e internacionais para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas APAE, na perspectiva da inclusão social de seus usuários. (APAE BRASIL, 2020).

A finalidade social da APAE é a promoção e atenção integral à pessoa com deficiência, reconhecendo e garantindo direitos efetivados em escolas com estruturas especializadas.

> No dia 10 de Junho de 1967, reuniu-se na sede da Associação de Imóveis, sita a Rua D. Aquino nº 339, uma comissão composta dos valorosos colaboradores Srs. Noel Martins, Dom Antônio Barbosa – Bispo Diocesano de Campo Grande, Cel. Faustino Corrêa – Representante do Comandante da 9ª Região Militar, Gabriel Cardoso Ramalho e Wilson Furtado, com a finalidade de fundar esta APAE, bem como, elaborar o seu primeiro Estatuto e eleger a primeira Diretoria que ficou assim constituída: Presidente – Profª Oliva Enciso 1º Vice Presidente – Dr. Wilson Furtado. 2º Vice Presidente – Manoel de Castro Pache. Secretário Geral – Noel Martins. 1º Secretário – Gabriel Cardoso Ramalho. Tesoureiro – Reginaldo Martins Mendonça. (APAECG, 2020).

A Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande (APAE) foi criada no ano de 1967, com Oliva Enciso na presidência, juntamente com Wilson Furtado, Noel Martins, Manuel de Castro Pache, Gabriel Cardoso Ramalho e Reinaldo Martins Machado. Esses homens eram representantes de grupos sociais de destaque da sociedade, como, por exemplo, Noel Martins e Reinaldo Martins Machado, funcionários do Banco Financial de Mato Grosso; Wilson Furtado, proprietário da Fazenda Formosa, entre outros.

Oliva Enciso foi chamada pelo Sr. Noel Martins para colaborar para a fundação da instituição, que passou a funcionar em 1971, com o apoio da prefeitura municipal, com recursos materiais e cedência de professores da Secretaria de Educação e Cultura (SEMEC) e também Estadual. Ela esteve à frente da direção da instituição, organizando a parte burocrática, estrutural e financeira até o ano de 1972, quando a instituição já se encontrava estruturada e com um corpo de profissionais especializados.

> Em 1967, o Sr. NOEL MARTINS, em companhia de mais uns três Srs. me procurou em casa e solicitou minha colaboração ara fundarmos a APAE - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Mato Grosso. Achei a ideia excelente! E colaborei como me foi possível. Elaboramos os estatutos e iniciamos a campanha para interessar a comunidade e pedir colaboração. Mas a APAE somente passou a funcionar normalmente, a partir de 1971, quando foi possível instalar e fazer funcionar a sua escola e o serviço médico, reunindo quando possível, o pessoal especializado necessário. Foi decisivo para esse fim, poder contar com Bernadette Arantes Barreto Nahas, com prática de ensino de excepcionais e com os doutores Luiz Salvador e Naidor da Silva, aos quais se reuniram novos colaboradores: pediatras,

> neurologistas, psiquiatras, ortopedistas, oftalmologistas, professores, etc. (ENCISO, 1986, p. 106).

Em 1967, Oliva Enciso estava aposentada do funcionalismo público, atuava na Sociedade Miguel Couto e como orientadora de atividades sociais e supervisora do SESI, do Núcleo Regional de Campo Grande. Reconhecida como uma professora dedicada às causas sociais, foi novamente acionada por um grupo de homens da sociedade local para organizar a criação da APAE.

A agente tinha o conhecimento da aparelhagem burocrática que envolve a criação de uma instituição educativa, e também as atividades da Sociedade Miguel Couto possuíam características de ações de inclusão social, já que estavam vinculadas aos projetos de inclusão educacional de crianças e jovens excepcionais de Helena Antipoff.

Para compreender o interesse de Oliva Enciso por Helena Antipoff, indagou-se aos participantes familiares sobre essa aproximação e os motivos que levaram Oliva Enciso a se interessar pelo trabalho realizado pela educadora e a realização de viagens para conhecer os projetos educacionais em Minas Gerais, na década de 1950.

Barcelos (2018) relata que o interesse pelo trabalho educacional de Helena Antipoff com excepcionais surgiu após o nascimento de uma sobrinha neta Márcia, filha de seu sobrinho Newton Enciso de Freitas, que nasceu com problemas neurológicos, e também da irmã de Oliva Enciso, Maria do Carmo, que havia contraído poliomielite na infância.

> A APAE, a escola para crianças especiais que essa motivação dela foi uma prima minha que teve, que por sinal filha de meu primo que dirigia a Escola Miguel Couto; essa filha dele nasceu especial porque teve problemas no parto. Tinha dificuldades de aprendizagens, aí ela vendo aquela criança pequenininha, precisando ter uma educação especial... Ela sabia ou ficou sabendo desse projeto social em Belo Horizonte da APAE, já pegou um avião e foi para lá... Ela num triscar, ela procurava onde estava o melhor. E dali, ela já trouxe a APAE para cá. (BARCELOS, 2018, p. 03).

No depoimento de Barcelos (2018), observa-se que a motivação do interesse de Oliva Enciso pela inclusão social surge das necessidades enfrentadas pela família por ter uma criança com necessidades especiais, por isso ela buscou conhecer o trabalho de Helena Antipoff em Belo Horizonte (MG).

Cabe destacar que, no depoimento, Maria Inês Puga de Barcelos relaciona o nascimento de sua prima Marcia Fontoura de Freitas diretamente com a organização da APAE. Essa informação pode estar equivocada, pois a APAE foi organizada a partir do ano de 1967, e a relação com Helena Antipoff foi descrita por Oliva Enciso no ano de 1945.

Inferimos sobre o interesse da agente pela educação inclusiva, haja vista que, na década de 1950, não havia nenhuma instituição pública especializada no atendimento para pessoas com deficiência em Campo Grande.

Segundo Giovani Ferreira Bezerra e Alessandra Cristina Furtado (2017), o *Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos "Florivaldo Vargas"* (ISMAC), criado em 1957, foi a primeira instituição de educação especializada criada no sul de Mato Grosso, seguida da APAE de Campo Grande, criada em 1967 e a *Sociedade Pestalozzi*, fundada em 1979.

Em sua autobiografia, Oliva Enciso narra que, por seu interesse pessoal, viajou para o Rio de Janeiro em busca de meios para fundar na Sociedade uma Escola Agrícola Profissional. Sem recursos, descreveu que se utilizou da seguinte estratégia para conseguir viajar.

> Eu precisava ir ao Rio de Janeiro, então sede do Governo Federal, para tratar desse assunto. Mas como? – Eu não tinha recursos e a Sociedade muito menos. – Achei a saída: perguntei ao Dr. DEMÓTENES MARTINS, então prefeito, se a Prefeitura não poderia custear a minha ida ao Rio, para tratar da promoção da nossa Agência de Estatística em "Agência Modelo", ver a organização dos serviços de protocolo e outros das Secretarias da Prefeitura do Rio, para melhorarmos aqui os nossos trabalhos e para ver se conseguíamos uma ESCOLA AGRÍCOLA-PROFISSIONAL para Campo Grande. O Dr. Demóstenes Martins concordou plenamente e até o Dr. FERNANDO CORRÊA DA COSTA, me incumbiu de pedir ao Dr. Teixeira de Freitas uma cópia do folheto que escrevera sobre o INSTITUTO JOÃO PINHEIRO de Belo Horizonte. (ENCISO, 1986, p. 68).

Percebe-se que Oliva Enciso usou de "estratégias engendradas" (BOURDIEU, 2011b), um efeito acumulado e produzido por sua posição e adaptada ao campo burocrático da prefeitura, em uma lógica de competição de igualar os serviços da prefeitura ao modelo posto no Rio de Janeiro. Dessa forma, conseguiu viajar como representante municipal para tratar de um interesse pessoal.

> Existe algo chamado vocação... Eu acredito que ela foi vocacionada por Deus para atuar nessa área e atuar com amor... Com amor e competência profissional, sabendo aonde poderia chegar, e quão grande a necessidade do cidadão dar oportunidade de ter a educação proposta pela sociedade, e a oportunidade também de que ninguém passasse ou crescesse sem receber a educação formal oportuna em tempo oportuno. Esse era o objetivo dela, uma vontade dela, a certeza de que isso era possível para a sociedade. (ROSA, 2018, p. 02).

A APAE de Campo Grande foi a segunda instituição educativa especializada de caráter privado filantrópico de Mato Grosso. As ações práticas de Oliva Enciso na criação da instituição estão presentes no recorte de notícia, disponibilizado por Bernadette Arantes Barreto Nahas[133].

Figura 31 - Notícia sobre as ações de Oliva Enciso na APAE (1971)

Nova diretoria da APAE
quer pleno atendimento

Fonte: Arquivo pessoal de Bernadette Arantes Barreto Nahas, 2018.

A Figura 31 expõe um recorte de jornal, apresenta elementos para compreender a gênese da instituição desde sua criação até a sua estruturação, e também as ações práticas e estratégias mobilizadas por Oliva Enciso. A seguir, a transcrição da notícia *Nova diretoria da APAE quer pleno atendimento,* publicada no *Diário da Serra* no ano de 1971.

> A APAE de Campo Grande, que anteriormente era denominada APAE de Mato Grosso mas por motivos de haver uma na Capital do Estado teve sua denominação mudada, foi criada em junho de 1967, tendo como membros da diretoria Oliva Enciso – presidente, Wilson Furtado e Manoel de Castro Pache – 1º e 2º, os vices respectivamente, Noel Martins, secretário geral, Gabriel Cardoso Ramalho – secretário e Reinaldo Martins Mendonça – tesoureiro. Por motivos alheios à vontade a diretoria, apesar da entidade ter sido reconhecida utilidade pública, esteve funcionando em fase de vida latente. Não havia condições para o funcionamento de uma escola, por mais modesta que fosse, pois conforme a então presidente Oliva Enciso, não havia pessoal capacitado em tal especialização. Ainda falando à Reportagem, a professora Oliva Enciso disse que em agosto de 1.968 foram enviadas ao Rio de Janeiro duas professoras de Campo Grande, como bolsistas para especializarem-se, porém não houve possibilidade de contratação das mesmas pelo Estado nem pela Prefeitura. "A situação agora mudou considerávelmente e disse a sra. Oliva – há uma professora de São Paulo,

[133] Por incompatibilidade de agenda, não realizamos entrevista com a professora. No período de realização das entrevistas, ela estava residindo provisoriamente na Europa, onde atua como consultora e formadora de Educação Especial. A professora possui um acervo de fontes sobre a instituição e disponibilizou algumas fontes referentes à atuação de Oliva Enciso.

> que já trabalhou para a APAE daquele Estado, ora residente em Campo Grande, e encontra-se a disposição do Govêrno de Mato Grosso. Trata-se da professora Maria Bernadete Nahas. Mais quatro outras professoras cursaram na Guanabara a especialização no Instituto de Educação dos Surdos Mudos e encontram-se também em Campo Grande. NOVA DIRETORIA Em reunião realizada no mês de março último foi eleita uma nova diretoria para a organização beneficente. Como presidente foi eleito senhor Noel Martins, Hércules Maymone e Carlos Andrade – vices, Manoel Rezende – secretário, Oliva Enciso – secretária e Reginaldo Martins Mendonça – tesoureiro. Além dos cargos e funções acima, a diretoria está formada por um Conselho Deliberativo, Consultores e Conselho Fiscal. Na manhã de ontem os componentes da diretoria estiveram em visita à redação do DIÁRIO DA SERRA, tendo na oportunidade prestado diversas informações a respeito das atividades atuais da APAE. A Associação de Pais e Amigos de Excepcionais funciona através de sócios, cujo quadro está sendo organizado e com a colaboração de pessoas e de Poderes Públicos interessados no problema dos excepcionais. É filiada à Federação das APAEs com sede em São Paulo. Com colaboração dos governos Federal, Estadual e Municipal, pretende dotar Campo Grande de uma organização com atendimento amplo aos excepcionais de todas as classes sociais. PROMOÇÕES Com a finalidade de arrecadar fundos para suprir suas necessidades a APAE tem promovido e promoverá "shows". A primeira promoção, segundo os componentes da diretoria, foi o jogo infanto-juvenil com time vindos do Rio de Janeiro. Outra grande promoção trata-se do "show" a ser apresentado por Moacir Franco, Guto Júnior e o Trio Salinas, no Centro Educacional, no primeiro domingo de julho, com início às 20,00 horas. Os ingressos para o "show" estão à venda em diversos pontos como um Banco Financial (gerência), Aroex, na rua 14, Auto Peças Continental na – 13, em frente à Loja Sul-Americana e na Livraria Trouy. REUNIÃO. Na próxima sexta-feira às 20,00 horas a Diretoria da APAE reunir-se-á no salão de recepções do Hotel de Campo Grande – 3º andar, para discussão de diversos assuntos entre os quais a organização instalação e funcionamento da escola que pretende montar. Os membros da diretoria estão convidando para participação os pais, educadores e quaisquer pessoas interessadas na organização. (NAHAS, 2018).

A partir das memórias e da notícia, buscamos apreender algumas estratégias práticas e orientadas mobilizadas por Oliva Enciso que envolveram o processo de criação da APAE. A primeira estratégia foi a de mobilização coletiva, pois observamos que a instituição organizou-se seguindo o modelo de sociedade filantrópica, com sócios, e a sobrevivência girou em torno de doações pessoais e festividades. Todos mantinham o interesse de trazer para Campo Grande uma escola de educação inclusiva, inclusive Oliva Enciso, que atou com eficiência na prefeitura e nos cargos públicos em favor da materialização e da sobrevivência de instituições educativas necessárias para uma sociedade.

> Eu vejo ela como uma funcionária pública exemplar, porque cumpriu uma função porque quando ainda nenhuma outra mulher avançou, ela avançou. Então como é que eu vejo ela, eu vejo ela como uma pessoa maravilhosa, como agente de Deus, como alguém que leva uma luz, porque quem leva

> conhecimento leva luz, quem faz cumprir um direito, quem faz cumprir um direito a quem direito está reservado. Nossa! Agente de uma ação social necessária, assim enquanto tantos poderiam buscar os seus interesses próprios, ela buscou os interesses da comunidade, da juventude e desprovidos de oportunidades. Ela preparou para hoje, para os dias, ontem ela preparou para os dias de hoje, ela alicerçou o que faltava certamente na educação, no social. (ROSA, 2018, p. 7).

O trecho do depoimento de Rosa (2018) aponta Oliva Enciso como uma agente de ação social. O *habitus* religioso e o campo político e social ofereceram estruturas motivadoras de ação social no contexto de urbanização e transformação de uma sociedade urbano-citadina de Campo Grande entre as décadas de 1930 e 1970.

A reunião de um grupo de agentes na fundação da instituição é uma estratégia que deu certo e foi utilizada por Oliva Enciso na criação das instituições educativas Sociedade Miguel Couto, SENAI, SESI, Campanha dos Educandários Gratuitos, entre outras instituições. Numa lógica de sentido de jogo, o efeito acumulado de estratégias produz um cálculo racional, ou seja,

> [...] essas antecipações pré-perceptivas, espécie de induções práticas fundadas na experiência anterior, não são dadas a um sujeito puro, a uma consciência transcendental universal. Elas são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo. Ter o sentido do jogo e ter o jogo na pele; e perceber no estado prático o futuro do jogo; e ter o senso histórico do jogo. (BOURDIEU, 2011b, p. 144).

Oliva Enciso, no decorrer de sua trajetória profissional, tornou-se uma agente eficiente[134] ao compreender o sentido do jogo social e político na mobilização da criação de instituições educativas filantrópicas e não estatais. A agente tinha o conhecimento de que, para alcançar um interesse individual, era necessário sustentar um interesse coletivo, por isso buscou angariar fundos por meio de festas e *shows*, como exposto na notícia apresentada.

A segunda estratégia foi a de jogo duplo, ao estruturar a instituição num modelo de relação público-privado, ou seja, de um lado mobilizou grupos sociais e, por outro, mobilizou o capital político objetivado como instrumento para conseguir apoio dos poderes públicos. Em 1972, a Prefeitura Municipal de Campo Grande, por meio do Decreto n. 368, de 29 de junho

[134] A distinção entre o indivíduo concreto e o indivíduo construído, o agente eficiente, duplica-se na distinção entre o agente, eficiente em um campo, e a *persona/idade*, como individualidade biológica socialmente instituída pela nominação e portadora de propriedades e poderes que lhe asseguram (em certos casos) uma *superfície social*, isto é, a capacidade de existir como agente em diferentes campos. (BOURDIEU, 2011b, p. 82).

de 1972, assinado pelo prefeito Antonio Mendes Canale, [135]autorizou o convênio com a APAE, visando ao funcionamento do Centro Municipal de Educação Especial..

Figura 32 - APAE e Centro Municipal de Educação Especial (1972)

Fonte: Arquivo pessoal de Bernadette Arantes Barreto Nahas, 2018.

A Figura 32 apresenta a primeira sede da APAE em Campo Grande, localizada na Rua Marechal Teodoro, n. 493, cujo local foi cedido pela Prefeitura após o convênio firmado. Notamos na imagem a convocação da APAE à sociedade para ajudar na construção da sede.

> A proposta de criação de um centro – e não somente de uma escola – ampliava, assim, a atuação da APAE para além da questão pedagógica ou escolar, pois possibilitava, no mesmo espaço, a realização de diagnósticos e triagem dos sujeitos com deficiência intelectual para o recebimento de benefícios sociais, encaminhamentos assistenciais e/ou para a frequência aos serviços especializados ofertados na própria instituição, como trabalhos de reabilitação e atendimento clínico, assistência terapêutica e farmacêutica, além do acompanhamento educacional e pedagógico propriamente dito. (BEZERRA; FURTADO, 2017, p. 163).

A parceria entre a APAE e o poder público municipal foi concretizada por meio da Lei n. 1.624, 28 de dezembro de 1976, autorizando o convênio com a instituição para a construção de uma escola. A Lei foi assinada por Levy Dias, que foi aluno de ensino secundário no

[135] Na gestão (1963-1967), o então prefeito por meio a Lei n. 957, de 18 de maio de 1966, destinou terreno à construção do prédio para a instalação de sede própria do Ginásio Barão do Rio Branco.

Ginásio Barão do Rio Branco, como apontou Barcelos (2018, p. 2): “O Levy Dias e o Juvêncio César da Fonseca estudaram porque era um ginásio que era gratuito.”

Essa parceria entre a APAE e prefeitura deu origem à atual instituição próxima à Cidade Universitária (UFMS), após Dr. Antônio Issa Nahas, então presidente da instituição, ter conseguido a doação de uma área com 22.676,80 m², do casal Lutfala Gales e sua esposa.

A terceira estratégia foi a de especialização de professores, pois Oliva Enciso, ao dedicar-se às causas da educação de crianças especiais, defendeu que todas as pessoas têm dons especiais e que precisavam ser desenvolvidos. Na criação da APAE, a notícia exibe que foram enviados professores para realizarem um curso de especialização no Instituto de Educação dos Surdos Mudos[136]. Essa ação ocorreu devido às experiências realizadas na Sociedade Miguel Couto, onde a agente investiu na especialização de professores.

Em sua biografia, a agente narra que enviou para a Escola da Fazenda do Rosário, em Ibirité, quatro professores para receber orientação pedagógica sobre a educação de menores excepcionais.

> Como foram proveitosos os dias que passei em Belo Horizonte! Conheci o INSTITUTO JOÃO PINHEIRO, notável educandário! – FUNDAÇÃO BENJAMIM GUIMARÃES, com hospitais para crianças tuberculosas – A SOCIEDADE PESTALOZZI com suas escolas para menores excepcionais: cegos, surdos, retardados... – O INSTITUTO PESTALALOZZI com sua Escola da Fazenda do Rosário, em Ibirité, perto de Belo Horizonte, fundada e então dirigida pela psicóloga D. HELENA ANTIPOFF. [...] E quando fui lá, não vendo muros nem cercas e, sabendo da procedência dos internos, indaguei: − Os meninos não fogem? −Não! – D. Helena faz questão que eles aqui se sintam felizes... Foi uma das melhores lições que recebi, para os nossos trabalhos de assistências a menores: tornar felizes as crianças... A Fazenda do Rosário se tornou um centro nacional de orientação pedagógica. Pra lá mandamos 4 dos professores da Sociedade Miguel Couto, com a colaboração do INEP do Ministério da Educação. (ENCISO, 1986, p. 71).

Para isso, Oliva Enciso buscou a especialização de professores desde a década de 1950, no período em que conheceu e manteve relações com a psicóloga Helena Antipoff. A Sociedade Miguel Couto estava em pleno funcionamento e, nas atividades da instituição, surgiram as primeiras iniciativas de educação especial na cidade.

A viagem, realizada em março de 1945, foi um marco na trajetória profissional de Oliva Enciso. Na busca pela fundação de uma escola agrícola-profissional, ela conheceu os

[136] Atualmente Instituto de Nacional de Educação de Surdos. A mudança de nomenclatura advém do discurso de que os surdos não são mudos, sendo assim pessoas surdas podem ser oralizadas e não ter a mudez.

trabalhos educacionais realizados em Belo Horizonte (MG), na Fazenda do Rosário, que foi fundada por Helena Antipoff. Oliva Enciso declarou, em sua autobiografia, que os dias vivenciados em Belo Horizonte foram as melhores lições recebidas sobre a assistência a menores e, por seu intermédio, enviou 4 professores da Sociedade Miguel Couto para receberem orientação pedagógica.

Helena Antipoff foi percursora da educação de excepcionais e da educação rural do País, por meio do desenvolvimento dos talentos. Psicóloga e educadora russa, de formação científica e humanista na Europa, radicou-se no Brasil em 1929. Em Minas Gerais, participou ativamente, entre os anos de 1927 a 1928, da implantação da reforma do ensino escolanovista, e também dirigiu a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. Seu pensamento em relação à educação contribuiu para promover o desenvolvimento solidário e a função da escola na democratização da sociedade. (CAMPOS, 2010).

> A escola pública, em alguns lugares a única escola para o ciclo primário, é o meio eficiente de aproximação entre futuros cidadãos da mesma geração. Dos contatos de infância, cada um retira o conhecimento intuitivo, diariamente experimentando, do valor de cada um dos companheiros; e estes, pertencentes a meios diferentes, refletem, assim o espírito de cada qual, atitudes e modos de agir de seus respectivos meios. Mas a democracia requer mais que oportunidades e contatos fortuitos entre meios sociais. Ela exige treino organizado para formar no homem adulto sua segunda natureza, tecida de atitudes e de hábitos de agir democraticamente, de acordo com um ideal democrático. (ANTIPOFF, 2010, p. 97).

Segundo Enciso (1986), em 1945, ela deslocou-se para o Rio de Janeiro na tentativa de buscar amparo legal para a organização de uma escola agrícola-profissional em Campo Grande. Na capital do país, foi-lhe indicado pelo Dr. Eduardo José Pinheiro conhecer o Instituto João Pinheiro em Belo Horizonte. Nessa cidade, a agente conheceu algumas instituições dedicadas à inclusão social, entre elas a Fundação Benjamin Guimarães, a Sociedade Pestalozzi com escolas para menores excepcionais e, por fim, o Instituto Pestalozzi, que tinha sua sede na Fazenda do Rosário, em Ibirité, que fora dirigida pela educadora Helena Antipoff.

Em 1939, a Sociedade Pestalozzi, sob a liderança de Helena Antipoff, adquiriu um terreno rural em Ibirité, localizado a 26 km de Belo Horizonte, que recebeu o nome de Fazenda do Rosário. Nesse local, foi construído um complexo educacional onde foi instalada a Escola Rural D. Silvério, com a finalidade de atender meninos internos e crianças das proximidades. Em 1944, foi convidada para atuar no Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro e participou na organização do Departamento Nacional da Criança e do Centro de Orientação

Juvenil (COJ), cujo objetivo era o trabalho com adolescentes com problemas de conduta. Em meio ao trabalho na Fazenda do Rosário, realizou cursos de formação de professores para o ensino rural e, no ano de 1951, concretizou o primeiro curso de formação de professores para o ensino especial. (CAMPOS, 2010).

Figura 33 - Alunos em atendimento da APAE

Fonte: (APAECG, 2020).

A Figura 33 apresenta uma fotografia que retrata alunos atendidos pela APAE no Centro Municipal de Educação Especial nos idos iniciais da fundação da instituição. Demonstra uma estrutura simples e adaptada ao atendimento especializado de crianças beneficiárias.

A APAE campo-grandense estimulou a criação de outras escolas que seguiram o seu exemplo de atuação, como a APAE de Cuiabá, denominada APAE de Mato Grosso, criada em 6 de outubro de 1967; a APAE de Corumbá, fundada em 09 de novembro de 1971; e a APAE em Três Lagoas, criada oficialmente em 30 de agosto de 1975, entre outras.

A ampliação das APAEs em Mato Grosso sustenta-se na proposta apresentada em 1961. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024/61, fundamentou as disposições do direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. A Lei estabeleceu o atendimento educacional às pessoas com deficiência.

A criação da APAE em Campo Grande foi uma iniciativa relevante para a sociedade que, no período da década de 1960, apresentava-se como a principal cidade do sul do antigo estado de Mato Grosso, após um processo transição de urbanização e modernização social,

com uma população de 72.249 mil habitantes. Dessa forma, carecia de investir em instituições com níveis necessários para suprir sua estrutura atual, como a ampliação de instituições educativas para atender a diversidade populacional que apresentava após os anos de 1960.

> Com uma constante migração de sujeitos de Campo Grande, tudo de pessoas provenientes de áreas rurais, a urbe passou a ter, em especial ao longo das décadas de 1969/70, milhares de outros moradores não enquadrados nos moldes desejáveis. O êxodo rural aumentou significativamente a densidade demográfica e, mais do que isso, intensificou as áreas empobrecidas pela urbe, tanto na região central como nos locais mais afastados do Centro Urbano. (MORO, 2012, p. 289).

Moro (2012), ao finalizar seu estudo sobre Campo Grande da década de 1960, apresenta a cidade como uma urbe, demonstrando sua evolução com caraterísticas urbano-citadina das décadas anteriores.

A instituição APAE continua em funcionamento, com atividades voltadas para a educação inclusiva e de assistência médica para pessoas com deficiências físicas e intelectuais. A instituição possui uma estrutura de atendimento em prédio próprio com o apoio financeiro do poder público. Todas as suas ações são gratuitas nas áreas de educação (escolar, física e profissional), saúde, assistência social, jurídica, familiar e envelhecimento. (APAECG, 2020).

Neste momento do estudo, nos dedicamos a aprender alguns dos condicionantes que mobilizaram a criação da APAE de Campo Grande, lidas a partir da trajetória de Oliva Enciso na instituição.

Nas memórias e fontes reunidas sobre a gênese da instituição, surgiram novos questionamentos: Como era o funcionamento da instituição? Quem foram as professoras e professores que atuaram inicialmente na APAE de Campo Grande, dentre elas Bernadette Arantes Barreto Nahas? Como eram feitos os atendimentos especializados e quem eram os sujeitos atendidos? Como ocorreu a ampliação da rede da APAE em Mato Grosso? Essas questões, entre outras, abrem o espaço para estudos posteriores na História da Educação Especial, em Campo Grande.

Em síntese, na criação da APAE, como uma agente dotada de experiências ulteriores, Oliva Enciso mobilizou estratégias eficientes, de interesse coletivo, de mobilização da relação público-privada, entre outras. Enciso também foi precursora nas ações práticas de inclusão

social, iniciadas em 1940, na fundação da Sociedade Miguel Couto, e seguindo até a criação da APAE em 1967.

> [...] o *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos a consciência transcendental: e um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo.(BOURDIEU, 2011b, p. 144).

Em suma, a criação da APAE de Campo Grande esteve na mobilização da ação de Oliva Enciso, a qual organizou e estruturou a instituição conforme seu interesse pela atividade social, reproduzindo ações engendradas no passado e com caraterísticas de sua personalidade. Nas instituições mobilizadas pela agente, observamos que ela organizava as instituições e, em seguida, depois de organizadas, outros agentes de confiança assumiam as funções administrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA IMERSÃO NUMA HISTÓRIA DE VIDA

Dentre as várias perspectivas teórico-metodológicas existentes e adotadas nas pesquisas de abordagens biográficas, optamos pelo sistema do pensamento bourdieusiano, multifacetado em denominações como teoria da prática, teoria da ação, teoria do sistema simbólico, entre outras. Pierre Bourdieu apresenta em seus estudos modelos de análises de diferentes objetos, tais como: arte, religião, cultura, escola, entre outros. Discute o *modus operandi* da teoria na construção do objeto, no pensamento relacional e uma análise reflexiva do campo na objetivação do sujeito objetivante.

Pierre Bourdieu contribui nas pesquisas sobre trajetórias por refletir criticamente sobre a escrita biográfica com a obra "ilusão biográfica", uma "ilusão de transparência do real" compreendida como uma sucessão de acontecimentos lineares. O autor defende a ideia de compreender a história de vida na apreensão da sua "estrutura de rede", que envolve o campo, o *habitus* e os capitais. (BOURDIEU, 2011b).

O nosso objetivo foi contribuir para o campo de estudos da História da Educação regional ao investigar, historiar e qualificar a gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso, no período de 1930 e 1970, bem como os modos de formação da mulher, representada por Oliva Enciso, na década de 1930/60, e a sua inserção feminina no espaço público.

Para tanto, defendemos a tese de que, na gênese de instituições educativas, principalmente de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal, a professora e política Oliva Enciso, na percepção do *habitus* religioso, mobilizou capitais social, religioso e político, entre outros, bem como estratégias simbólicas individual e coletiva e, por consequência, protagonizou o aparecimento feminino em espaços sociais predominantemente ocupados por agentes masculinos.

Optamos pela elaboração do estudo na apreensão da trajetória biográfica submersa em uma história de vida com a protagonista Oliva Enciso, empreitada feita na tentativa de compreender as ações práticas da agente em determinados espaços sociais. No processo da pesquisa, compreendemos que a biografia ou história de vida carecem que o pesquisador reúna os elementos aprofundados de análises. Sobretudo, que entenda que uma só pesquisa não dá conta de narrar toda a vida do agente social. Assim, imergir numa trajetória biográfica foi, em nossa ótica, a melhor opção na metodologia de pesquisa, por tratarmos de parte da

história de vida da agente e eventos/percursos relacionados à sua trajetória no campo educacional entre as décadas de 1930 e 1970.

Em 2014, ocorreu a gênese deste estudo com Oliva Enciso, ao concluímos nossa pesquisa de mestrado sobre a representação da educação secundária como uma forma de ascensão social e econômica. Notamos que os cursos ginasial e profissional foram modelos de modernização social, por possibilitarem a indivíduos de classes trabalhadoras a apropriação de conhecimentos específicos para atuarem nos campos de trabalho. O estudo realizado gerou uma série de indagações sobre a atuação de Oliva Enciso no campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso, logo sugeriu novas possiblidades de pesquisa sobre a trajetória de vida dessa notória política e educadora.

No decorrer da pesquisa sobre a trajetória de vida da agente pública, reunimos cerca de 2.000 fontes, sendo estas: documentos públicos, imagens, notícias em periódicos, entrevistas, entre outras. Essas fontes permitiram a realização de uma multiplicidade de análises sociológicas e contribuições para a História da Educação, tais como questões de gênero, formação intelectual, formação feminina e religiosa, atuação política feminina, etc.

Considerando que o movimento da produção historiográfica no campo educacional regional está em desenvolvimento e sendo estudado por vários pesquisadores, nossa pesquisa se configurou como uma contribuição a mais para o movimento do campo da História da Educação, em especial dos estudos regionais. Colaboramos para atenuar as lacunas existentes sobre a história das instituições educativas e de estudos que correlacionam às trajetórias de educadores e o processo de escolarização, em Campo Grande e em Mato Grosso do Sul.

Diante desse universo de possibilidades, optamos na escrita desta tese para preencher algumas das lacunas da História da Educação sobre a gênese das instituições educativas de caráter filantrópico e ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, nos idos do movimento de urbanização e transformação econômica, política e social, entre 1930 e 1970.

Na construção da pesquisa da trajetória biográfica de Oliva Enciso, direcionamos a pesquisa em três perspectivas relacionadas: 1º) a inclusão do campo, ou seja, o espaço social-histórico de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso; 2º) a relação dos elementos da origem de seus condicionantes familiares, formação do *habitus* religiosos e capitais; e, por último, 3º) as mobilizações de ações práticas nas gêneses de criação de instituições educativas filantrópicas e não estatais, com foco nos seus interesses pessoais e coletivos, bem como as estratégias simbólicas mobilizadas no campo.

Dessa forma, no capitulo 2, apreendemos as estruturas e os mecanismos educacionais, sociais e políticos de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso, assim como as relações

objetivas vinculadas à experiência comum da trajetória de Oliva Enciso com outras trajetórias de agentes envolvidos no mesmo campo histórico e social. Compreendemos os elementos da História da Educação expostos nos percursos vividos por Oliva Enciso como aluna, professora e representante política, como também o significado social de uma mulher da classe trabalhadora no campo político e na mobilização do campo educacional de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso.

Nosso olhar bourdieusiano compreendeu na trajetória de Oliva Enciso uma estrutura subjetiva e objetiva ancorada no *habitus* religioso. Na sua trajetória apreendemos um conjunto de relações históricas no espaço social de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso, isto é, relações sociais estabelecidas com grupos de poderes, como os políticos, salesianos e intelectuais, que se tornaram produto e produtoras de ações práticas. Tais relações constituíram-se em estruturas condicionantes de ações no campo educacional regional.

As análises das memórias escritas foram trianguladas com diversificadas fontes, reunidas a partir de documentos públicos, depoimentos, notícias, entre outros. Nesse movimento de triangulação, observamos as disposições, ou seja, as tendências do *habitus* da agente, estruturadas no *habitus* religioso e na tomada de posições em diferentes campos sociais.

Quando olhamos na pesquisa para o campo familiar, observamos que este incidiu sobre o modo de ser da gente ao longo da sua trajetória e, consequentemente, possibilitou os condicionantes iniciais da fé católica. O campo educacional colaborou também para a constituição do *habitus* religioso, haja vista os percursos escolares em instituições confessionais salesianas, do ensino primário no Colégio Imaculada Conceição em Corumbá ao ensino secundário no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Campo Grande, deslindou/apurou seus modos de ser e estar, ou ainda, estruturou suas percepções do campo religioso calcado na fé católica salesiana.

As ações práticas de inserção em obras e instituições religiosas, como a Associação Filhas de Maria, Legião de Maria, Associação de Ex-Alunas Salesianas, entre outras, também apuraram seus modos de ser e estar em espaços sociais, o *ethos* (a moral) e a *hexis* (a postura) para o seu convívio futuro. Assim, chegamos ao entendimento de que não existe a formação de um *habitus* religioso sem a ação prática pré-existente, em determinado campo religioso, e ele é formado por práticas constantes e que fizeram sentido para a agente Oliva Enciso.

Os resultados do estudo apontaram para a formação de uma mulher com uma estrutura subjetiva racional e de autoridade, para além das práticas e valores do patriarcado que as obras memorialísticas e também as memórias dos depoentes participantes da pesquisa

resgataram. Tal estrutura originou-se na interação com os campos religioso, educacional e políticos, possibilitando a estrutura do *habitus* religioso, ou seja, as disposições socialmente constituídas foram orientadoras de suas ações e produziram efeitos sociais no campo educacional.

Em resumo, a religião católica funcionou como a matriz de percepção, de apreciação e de ação de sua origem familiar, já que Oliva Enciso modificou seus hábitos e definiu seus gostos, preferências e práticas devotadas em celebrações religiosas e leituras de textos da fé cristã. Foram os agrupamentos dessas ações que reproduziram as disposições e percepções do *habitus* familiar e da formação do *habitus* religioso.

Oliva Enciso, a partir da formação do *habitus* religioso e de diferentes formas de capitais, em destaque os capitais social e político, construiu estratégias simbólicas, consolidando instituições educativas para formação de uma sociedade escolarizada nos interesses pessoais, assim como políticos, econômicos e sociais de Campo Grande no período delimitado.

As ações práticas no campo político possibilitaram a materialização do modelo público-privado de instituições escolares, filantrópicas e não estatais no período de urbanização de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso. Os capitais e estratégias mobilizados por Enciso resultaram na ampliação do acesso à educação de frações das classes menos privilegiadas e excluídas socialmente.

No Capítulo 3, apreciamos a gênese de instituições educativas de caráter filantrópico e de ensino profissionalizante não estatal em Campo Grande, ao mesmo tempo evidenciando os papéis desempenhados no processo de modernização social de uma sociedade urbano-citadina, na lógica prática do campo histórico do sul do antigo Mato Grosso, entre 1940 e 1970. Articulamos os elementos das disposições estruturadas do *habitus* e dos capitais, bem como as estratégias mobilizadas por Oliva Enciso, que permitiram seu trânsito em diferentes campos sociais e promoveram ações práticas na criação das instituições educativas em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso.

Foi por meio do acesso ao ensino secundário no Instituto Pestalozzi, onde atuou como professora leiga, que lhe favoreceu a mobilização da mudança de seu percurso de vida visto que ela considerava a educação como elemento de investimento pessoal e social. As tomadas de posição de Oliva Enciso no campo educacional e social se deram nas séries de posições tomadas sucessivamente no campo político. A estrutura do campo, entre 1930 a 1970, permitiu e definiu racionalmente as posições sucessivas, as relações sociais e ações práticas,

uma vez que a agente compôs uma rede de relações com políticos, intelectuais, salesianos, entre outros grupos de poder de Mato Grosso.

Para a agente, a educação não cabia somente aos poderes públicos, mas também à sociedade, que deveria responsabilizar-se pela educação de menores desvalidos. Pretendeu institucionalizar um modelo educacional, que visava a uma preparação rápida para o exercício de um ofício, com a perspectiva de colaborar com o futuro desenvolvimento da cidade e, por consequência, do país. Para os menores desvalidos, o ensino profissional era o caminho a ser percorrido, uma vez que ela tinha consciência das desigualdades de oportunidades no sistema educacional local, dada à falta de escolas secundárias públicas em Campo Grande.

Nosso estudo, ancorado na perspectiva bourdieusiana, sinalizou para a apreensão do peso que a sociedade e as estruturas exerceram sobre o percurso de vida de Enciso e também determinaram as suas chances em realizar escolhas e projetos. As tomadas de posição e ações práticas concretizadas foram feitas nas suas possibilidades objetivas de agente pública. O projeto de vida baseado no alvitre de educação e saúde para os desvalidos socialmente trouxe indeléveis contribuições na perspectiva da historiografia da educação regional.

Oliva Enciso tomou posição na criação da primeira instituição filantrópica destinada à crianças e jovens pobres. O seu interesse no oferecimento de educação, proteção e saúde numa instituição caritativa veio ao encontro do poder municipal diante da urbanização e da transformação econômica e social da cidade.

Enciso tomou para o seu projeto educacional a mobilização da sociedade campo-grandense para a criação de uma instituição em prol dos estudantes pobres e moradores da periferia da cidade de Campo Grande. Nos projetos políticos na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa tomou a educação como um problema social e apresentou projetos de leis que garantissem a subvenção as instituições educativas, entre essas, as instituições organizadas por ela na cidade.

A subvenção à Sociedade Miguel Couto foi mediada por meio do conhecimento dos mecanismos objetivos de verbas existentes e solicitação, em projeto, das subvenções. Agregue-se a isso o capital social de Oliva Enciso, construído nos laços de amizade com Vespasiano Barbosa Martins, Demosthenes Martins e Fernando Corrêa da Costa.

As atividades filantrópicas e de assistência social da Sociedade Miguel Couto, no período entre as décadas de 1940 e 1970, ocorreram efetivamente por meio da atuação pública de Oliva Enciso, que soube mobilizar estratégias pessoais e institucionalizadas, na obtenção de recursos públicos para a sua manutenção. Ao analisar as subvenções oferecidas pelo poder público para as instituições beneficentes de Campo Grande, foi possível perceber que as

instituições educativas filantrópicas e de ensino profissionalizante não estatais movimentadas por Oliva Enciso recebiam valores maiores do que as outras instituições. Nos documentos da Câmara Municipal de Campo Grande, foram localizados 10 atos cadastrados que beneficiaram a Sociedade com subvenções anuais e/ou doações de terrenos no período de 1948 a 1962. Além disso, outros oito atos beneficiaram o SENAI, o SESI e o CNEG.

Cabe destacar que, o SENAI, o SESI e o CNEG configuraram-se como iniciativas privadas sem fins lucrativos. Essa instituições educativas foram criadas e organizadas no período em que a sociedade brasileira demandava de ampliação da escolarização secundária e profissional. Essas surgiram na omissão dos poderes públicos no atendimento das novas demandas educacionais diante do crescimento urbano e industrial. As duas primeiras de natureza empresarial e mantidas pela Confederação Nacional da Indústria, com recursos provenientes de contribuições compulsórias dos trabalhadores das indústrias e com recursos financeiros do Governo Federal. A última instituição esteve subsidiada por recursos públicos, principalmente, recursos das localidades onde foram instalados os ginásios.

Em resumo, a gênese da Sociedade Miguel Couto tem seu núcleo no *habitus* religioso e nas estratégias de políticas pessoais, que se agregaram pelo apoio da família, da sociedade e do poder público. Cabe aqui destacar que a Sociedade Miguel Couto possui uma "caixa preta", que ainda está para ser acessada em estudos futuros. Na nossa única passagem pela instituição, observamos um acervo de fontes sobre a instituição que podem contar também da trajetória de Oliva Enciso. Lamentamos que, no transcorrer desta pesquisa, nos deparamos com os interesses familiares, que anunciam o desejo de um dia publicizar as fontes, que tratam da Sociedade Miguel Couto, quiçá outros pesquisadores tenham êxito.

A mobilização no sentido de jogo esteve associada à sua posição como participante do campo político, e também na mobilização do capital social e político, ao solicitar o apoio dos poderes municipal e estadual na criação da escola primária rural e pública.

Em sua trajetória profissional, a posse do capital social e simbólico, projetado pela mídia jornalística, e as relações pessoais com políticos na prefeitura foram condicionantes para o seu deslocamento para o campo da política partidária. Oliva Enciso foi convidada para ser candidata à vereadora de Campo Grande no ano de 1954.

A escolha pela política partidária era para Oliva Enciso objetivamente um investimento racional, de uma mulher de origem humilde que buscou estratégias de mobilização do campo econômico e político para beneficiar o campo educacional. A *illusio* de pertencer ao campo exige e produz condicionantes de domínio prático e a condição para seu

êxito, e Enciso dominou esses mecanismos que o campo exigia para a reconversão e conversão de suas estratégias.

Nas ações práticas de criação, explicitou a relação de troca de dádiva e ação de crédito. A relação entre a troca de dádiva e uma ação de crédito são exemplos de compreensão do *habitus* e as ações religiosas de Oliva Enciso. Ela sempre destacou que fazia o bem sem querer nada em troca, cujo pagamento dos atos viria após a sua morte, quando teria que prestar conta das coisas que fez. Um dos achados da representação de Enciso que obtivemos na pesquisa vem dos depoentes, que a descreveram como "quase santa, parecia uma freirinha". Compreendemos essa analogia como uma representação estereotipada produzida socialmente por indivíduos ao tratar de uma mulher devota à religião. Na noção de *héxis* corporal apreendemos a descrição dos depoentes como o *habitus* religioso bem construído no estado incorporado nas apreciações, ações e percepções, que numa intenção expressiva refletem as práticas da religião católica.

O movimento das mulheres da época de Enciso, ou seja, a condição feminina ligava as mulheres à atuação e profissionalização docente, como também a atividades ligadas às lides domésticas, empregos nos comércios e/ou vínculos em instituições sociais locais. As representações conectavam-se no cuidado entre a família e os deveres tradicionais das mulheres como administradoras do lar, modelo de esposa, mãe e professora dedicada.

Observamos a influência política da agente, demonstrando a posição da mulher num campo marcado por desigualdades, pois, mesmo que em posição de desvantagem, ela abriu as portas para a participação feminina no campo de dominação masculina. Porém, notamos nos estudos da historiografia regional, o não reconhecimento de suas ações na carreira profissional, as quais foram responsáveis pela modernização econômica, política e social de Campo Grande e do sul do antigo Mato Grosso entre as décadas de 1930 e 1970.

Oliva Enciso transgrediu a sua condição de mulher, afinal foi uma mulher que saiu do espaço privado e, na esfera pública, inaugurou um movimento de inserção feminina no campo da política. Essa inserção, num campo com valores patriarcais, se deu por sua posição de mulher conservadora, religiosa e de ideias marcadamente liberais.

A trajetória pública de Oliva Enciso e sua postura politizada nos campos social e político dotaram-na dos requisitos necessários para assumir cargos de responsabilidades na prefeitura. Detentora de uma visão moderna, ela viveu intensamente seus ideais cívicos e religiosos. Oliva Enciso foi a primeira vereadora de Campo Grande, a primeira deputada estadual de Mato Grosso, mas, além de disso, as fontes indicaram também que ela foi a primeira mulher a assumir um cargo de distinção na prefeitura, uma vez que assumiu cargos

de chefia e de confiança dos prefeitos e se tornou representante da prefeitura para tratar dos interesses da cidade. Nessa posição, tomou a frente de decisões para as instalações de instituições escolares, mobilizando as relações entre o público e o privado em um espaço de conservação masculina.

As informações que reunimos nos possibilitam afirmar que a posse do capital social acumulado no trabalho na prefeitura foi um dos condicionantes que possibilitou Oliva Enciso a mobilizar ações para concretizar instituições escolares e sociais. Nessas instituições, destacam-se o "Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial" (SENAI), o "Serviço Social da Indústria" (SESI), a "Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante", entre outras. Na década de 1940, a ação prática na organização dessas instituições favoreceu a ampliação do volume de capital social de Oliva Enciso, projetando sua figura para o cenário da política.

A política não era o seu ideal de vida, mas foi o meio mobilizado por Oliva no decorrer de sua trajetória para alcançar seu objetivo de vida. A caridade em prol dos desvalidos socialmente incluía a classe de trabalhadores, menores abandonados e pessoas especiais. Ela soube jogar o jogo social, utilizou-se de diferentes formas de estratégias, aplicou o seu modo de pensar relacionando-o ao espaço social percorrido e aos seus produtores. Nos campos sociais em que esteve inserida e entre as posições ocupadas, soube utilizar-se das relações de força específicas e engendrou estratégias nas alianças estabelecidas em sua rede de relações sociais para concretizar interesses específicos.

As instituições de ensino profissional não estatal refletiram o interesse de Oliva Enciso para capacitar os jovens pobres para o sustento familiar e servir à pátria. Seu interesse resultou na criação do SENAI e do SESI, instituições consolidadas na oferta de cursos profissionalizantes em Campo Grande. Ambas com direito público-privado, mantêm-se principalmente pela viabilização de verbas do Governo Federal e também oferecem alguns cursos gratuitos destinados às classes trabalhadoras, mas, no geral, os cursos de qualificação, técnico-profissional e superior são pagos pelos usuários.

Na função pública, como representante política na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, Oliva Enciso teve o desencantamento em relação à política partidária, cujo campo é um jogo político arraigado em tradições, numa herança técnica e com profissionais da política. Ela era uma mulher iniciando na política, dotada de *habitus* individual, estruturado no *habitus* religioso, que achou por bem abrir mão de sua posição. Afinal, para Oliva Enciso a política partidária não era seu projeto de vida, mas sim o meio como qual ela se deparou para alcançar seus objetivos educacionais e sociais. A determinação de fundar a Sociedade Miguel Couto e mantê-la constituiu o principal projeto que a impulsionou na sua trajetória.

A estrutura da rede de relações políticas entre as décadas de 1930 e 1970 possibilitaram a atuação de Oliva Enciso nas relações objetivas de estruturação do campo educacional. A professora e política foi uma agente mobilizadora do campo, dado o percurso realizado na proximidade do campo dominante político do sul de Mato Grosso. Ela interagiu com agente públicos pertencentes aos grupos de poderes da elite regional.

Sua trajetória biográfica pode trazer uma intepretação de que ela fez parte da classe dominante das elites políticas do sul de Mato Grosso por meio de suas ações práticas que levaram aos feitos na política em prol do campo educacional. Porém, ao olhar a trajetória da agente numa perspectiva bourdieusiana, trazemos à luz que ela foi uma trânsfuga de classe, por ter sua origem na classe trabalhadora rural, mas que viveu num outro meio social. Aqui apresentado pelo campo político e na interação com um grupo de agentes de representação econômica, política e social. Sua inserção e trânsito no campo político se deram por meio da formação do *habitus* clivado por meio da elevada consagração escolar e baixa origem familiar. O *habitus* clivado constitui-se na incorporação de experiências socializadoras familiares, educacionais e religiosas, tais elementos conduziram a formação do *habitus* religioso e posse e acúmulo de capitais objetivados (escolar, social e simbólico, entre outros) e reconhecidos socialmente.

Ela foi uma agente mobilizadora do campo, dada à compreensão que ela fez parte de grupos das elites de administradores da Prefeitura. Na administração pública adquiriu os conhecimentos do universo das estruturas burocráticas e políticas do campo. Desta forma, na posse de uma sociabilidade pública, tornou-se uma porta voz autorizada pelos governantes (prefeitos e governadores) e também representante política para mobilizar estratégias de ação que beneficiassem uma futura modernização educacional e social de Campo Grande e do sul de Mato Grosso.

As fontes consultadas ofereceram contribuições relevantes sobre as gêneses de instituições educativas, suas ações práticas relacionadas ao funcionamento de instituições educativas, mas também fomentaram novas possibilidades de pesquisa no decorrer da escrita do estudo, tais como: o papel do Instituto Pestalozzi na formação feminina em Campo Grande; o papel do Gymnasio Municipal de Campo Grande na promoção de distinção social no contexto da década de 1930; a atuação de militares na instrução de Campo Grande; a escolarização primária rural no contexto de modernização social e econômica de Campo Grande; a formação de professores rurais na cidade e no sul de Mato Grosso, que atuaram nas escolas primárias rurais; o movimento educacional de escolas de atendimentos especializados, e por fim, a ampliação de estudos sobre as trajetórias de professores e professoras na

educação de Campo Grande, sendo que o maior indicador é a formação de rede de pesquisadores interessados na consolidação de estudos sobre o campo da História da Educação regional.

Para não concluir, trazemos um trecho da poesia de Oliva Enciso escrita em 1975.

Você também é escritor
Porque escreve
A sua biografia.
Cada um de nós é autor
Do livro da própria vida...
Cada página é um dia
Cada hora é uma linha
Que nós vamos escrevendo
Sem parar
Sem descansar um momento!
Cada vida
É um romance diferente...
Dele nada se pode apagar
E nenhuma folha arrancar!...
“O que escrevi está escrito!”[...]
(Oliva Enciso, Palavras de poesia, 2006, p. 107)

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **Identidade e Vida de Educadores Rio-Grandenses:** Narrativas na primeira pessoa (e em muitas outras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possiblidades para além da construção do passado. 1996. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. 8f.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível / Jane Soares de. Almeida. - São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval. et al. **O legado educacional do século XX**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 59-101.

ALMEIDA, Jane Soares de. As gentis patrícias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940). **Educ. rev.** [online], Curitiba, n.48, p.187-205, 2013.

AMAYA, Stephanie. **Trajetória biográfica do professor Luiz Alexandre de Oliveira**: em estudo a comunidade e a escola de japoneses Visconde de Cairu no sul de Mato Grosso. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que fizeram "ellas"?** : as filhas de Maria e a boa imprensa no Recife, 1902-1922. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

ANDRADE, Heloise Vargas. **Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961).** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

ANDRADE, Heloise Vargas; ROCHA, Marcelo Pereira. O Processo de Equiparação/Reconhecimento Oficial dos Estabelecimentos de Ensino Secundários, em Campo Grande e Corumbá, No Sul de Mato Grosso. In: **IX Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2017, João Pessoa. História da Educação: Global, Nacional e Regional, 2017.

APAE BRASIL, Federação Nacional das APAES. Inclusão da pessoa com Deficiência. **SiteAPAE Brasil**. 2020. Disponível em: http://www.apaebrasil.org.br/pagina/a-apae. Acesso em: 23. jul. 2020.

APAECG, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande. **SiteAPAECG**. 2020. Disponível em: http://apaecg.org.br/. Acesso em: 23. jul. 2020.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3 ed. rev e ampl. SP: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Vinícius de Carvalho. Divisão de opiniões: a saga do divisionismo sulista e Mato Grosso. *In*: RODRIGUES, C.; JOANONI NETO, V. **Nova História do Mato Grosso Contemporâneo**. Cuiabá: EdUFMT, 2018. p. 169-196.

ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Elites políticas de Mato Grosso:** trajetórias, práticas políticas e mudanças institucionais 1930-1964. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

ASTOFE, Abigail. F. A. **Campanha Nacional de Educandários Gratuitos**: em Perspectiva o ensino secundário no sul de Mato Grosso (1949-1963). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

BENEDETTO, Roberto Di. Reflexões primeiras sobre: A Teoria do Espaço Social e da Gênese do Estado de Pierre Bourdieu. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Curitiba, a. 29, n. 29, 1996, p. 259-264.

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. A APAE/CEDEG em Campo Grande/MS (1967-1987): memória e história de sua implementação. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 13, n. 2, julho-dezembro, 2017, p. 146-171.

BIROLI, Flávia. O PÚBLICO E O PRIVADO. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. (org.). **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 43-62.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JR. Amarilio. Professores e instituições escolares no contexto do regionalismo mato-grossense. **Série-Estudos** - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande, n. 25, p. 133-155, jan./jun. 2008.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul**: a construção de um estado. Regionalismo e divisionismo no Sul de Mato Grosso. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. v2.

BITTAR, Marluci. Da promoção à assistência social: Campo Grande na luta pela cidadania. In: CUNHA, F. A. M. (org.). **Campo Grande - 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz Editora, 1999, p. 237-254.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203-234.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. *In*: BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória:** Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 8-48.

BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. Tradução Paulo Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983a. p. 46-81.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. Tradução Paulo Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983b. p. 156-182.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Edições 70, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (org.). **Escritos da educação**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: por uma crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, SC: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** Tradução Maria Helena Kühner. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Beltrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sérgio Miceli et all 7. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução Marisa Corrêa. 11. ed. Campinas/SP: Papirus, 2011b.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Curso de 21 de novembro de 1991. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp 400-420.

BREMSCHEID, Padre Matias de. **Donzela Cristã**. São Paulo: Editora Paulinas, 1935.

BRITEZ, Adriana Espindola. **Homem, sociedade e educação na obra do memorialista Paulo Coelho Machado**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia). Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

BRITEZ, Adriana Espindola. **A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920-1960).** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

BRITO, Silvia Helena de Andrade. **Educação e sociedade na fronteira oeste do Brasil:** Corumbá (1930-1954). 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p.327-348.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**. [online]. 2003, vol.17, n.49, p.209-231.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

CASTELLANO, Mayka. "Novo pensamento": a gênese do culto ao sucesso na literatura de autoajuda. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 16, n. 31, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/18630. Acesso em 30 set. 2018. pp. 56-67.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

CHAVES, Eduardo. O. C. O liberalismo na política, economia e sociedade e suas implicações para a educação: uma defesa. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (org.). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2007. p. 1-60.

CORRÊA, Valmir Batista. História e violência cotidiana de um "povo armado". Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, EDUC, São Paulo, n. 39, p. 57-73, jul./dez. 2009.

CORRÊA, Valmir Batista. O Trabalhador Rural e Urbano na Terra dos Coronéis. **Albuquerque: revista de História**, Campo Grande, MS, v. 5 n. 10 p. 9-36, jul./dez. 2013.

COSTA, Celso. Evolução urbana. In: CUNHA, F. A. M. (org.). **Campo Grande - 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz Editora, 1999, p. 71-82.

CPDOC, Verberte de Fernando Correia da Costa. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/costa-fernando-correia-da. Acesso em: 10 set. 2018.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira, Revisão técnica de Fernando Scheibe. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf. Acesso em: 3 jul. 2019.

DIAS, Carlos Gilberto Pereira. **Costurando vidas:** os itinerários de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939). 2012.

Tese - (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**, 3 ed., Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FISCHER, Beatriz Daudt. Imprensa pedagógica como dispositivo de subjetivação da professora moderna: estudo de caso a partir da Revista do Ensino no Brasil/1950-1970. **Linhas**, v.5, n.1, p.11-25, 2004.

FRANCISCO, Adilson J. **Educação e Modernidade**: Os salesianos em Mato Grosso 1894-1919. Cuiabá. Entrelinhas: Edufmt, 2010.

GALVÃO, Ana. Maria. de O.; LOPES, E. M. T. **Território plural:** a pesquisa em história da educação. São Paulo, SP: Ática, 2010.

GERMANI, Gino. **Sociologia da modernização**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

GODOI, Nilma da Cunha. **Hermínia Torquato da Silva**: inserção e percurso profissional (1918/1956). 2015. Dissertação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

GOMES, C. T. A. C. . Mato Grosso: imigração, comércio e navegação na Bacia do Prata. In: RODRIGUES, Cândido; JOANONI NETO, Vitale (org.). **Nova História do Mato Grosso Contemporâneo**. 1ed.Cuiabá-MT: EDUFMAT, 2018, v. 1, p. 19-46.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, set./dez. 2017.

IBGE. **Censo Demográfico**. Estado de Mato Grosso - 1950. Rio de Janeiro: IBGE, 1956, p. 227.

IBGE. **Estatísticas do Século XX**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro, 2006.

INÁCIO FILHO, Geraldo; MORAIS, Vera Cruz de Oliveira. Tudo pela pátria: história do Instituto Marden - o cotidiano escolar (1933-1945). In: SOUZA, S.T.; RIBEIRO, B. O. L. (org.). **Do público ao privado, do confessional ao laico**: a história das instituições escolares na Ituiutaba do século XX. Uberlândia: Editora EDUFU, 2009. p. 153-175.

JESUS, Wellington Ferreira de. O "problema nacional": a história de uma emenda que Transformou o financiamento da educação no Brasil. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 220, p. 477-495, set./dez. 2007. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/viewFile/735/711. Acesso em: 10 set. 2018.

KRAMER, S. Infância, estado e sociedade no Brasil. In: Conferência Brasileira de Educação, 5. , 1988, Brasília. **Anais...** Brasília/DF, 1988.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1993.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006

LOURDES, Dayane Freitas de. **Professora Oliva Enciso**: Vida e Carreira pela Educação. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

MACHADO, Paulo Coelho. Pelas ruas de Campo Grande. 2. ed. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2008.

MARCÍLIO, Humberto. **História do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, 1963.

MARDEN, Orison Ewett. **Sê perfeito em tudo que fizeres**. Porto: Livraria Figueirinhas, 1924.

MARQUES, Vera Regina Beltrão; DOMINSCHEK, Desiré Luciane. Formar e assistir: Imagens da escola do SENAI em Curitiba nas décadas de 194 e 1950. **História**, Ciências, saúde, v.1 , n.1, 2011.

MARTIRES, José Genivaldo. **"Flagrando a vida":** trajetória de Lígia Pina – professora, literata e acadêmica (1925-2014). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques**: contribuições para a Educação em Sergipe (1978-1999). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

MEYER, Dagmar, LOURO, Guacira Lopes. A escolarização do doméstico. A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 87, p. 45-57, nov. 1993.

MIGUEL, Luiz Felipe. O feminismo e a política. *In:* MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. (org.) **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 25-43.

MORO, Nataniél Dal. **O pensar da elite sobre o povo comum**: espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70). 2012. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias** [online]. 2007, n.17, p.240-264.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, v. 5, p. 154-164, 2014.

MÜLLER, M. T. O SENAI e a educação profissionalizante no Brasil. Revista HISTEDBR On-line, v. 10, n. 40, p. 189-211, dez. 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História. São Paulo, n. 10, dez. 1981.

NOVIS NEVES, Maria Manuela Renha de. **Elites políticas**: competição e dinâmica partidário-eleitoral (caso de Mato Grosso). Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

NEVES, Maria Manuela Renha de Novis. **Leões e raposas na política de Mato Grosso (até. 1978)**. Rio de Janeiro – RJ: Mariela Editora, 2001.

OLIVEIRA, L. L. S. A; BALBINOTTO NETO, G. A. Teoria do Mercado Religioso: Evidências empíricas na literatura. **Rever**, São Paulo, ano 14, n. 1, p. 221-256, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Gilberto Abreu de. **A trajetória da normalista Maria Constança Barros Machado no Sul de Mato Grosso (1913-1966).** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2014.

OLIVEIRA, S. S. **Implantação e organização do curso ginasial no sul de Mato Grosso**: expressões de um projeto de modernização (1917-1942). 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

OLIVEIRA, R. T. C.; GONÇALVES, A.S. Os grupos escolares no contexto da política educacional mato-grossense: o grupo escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, sul do Estado (1910-1950). **InterMeio**, Campo Grande, MS, v.16, n.31, p.59-84, jan./jul. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2440/0. Acesso em: 13 set. 2019.

ORO, Ari Pedro; URET, Marcela. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. **Horiz. Antropol**., Porto Alegre, vol.13, n.27, p. 281-310, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n27/v13n27a13.pdf. Acesso em: 13 dez. 2018.

ORTIZ, Fernanda Ros. **A Escola Normal de moças das elites:** um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946 – 1961). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da "ilusão" a "conversão" autobiográfica. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo, SP: Contexto, 2007.

PIRES, Daniela. O.; PERONI, Vera. M.V. A história da educação brasileira sob o enfoque da relação público-privada: limites e possibilidades para a sua democratização. **Revista Contrapontos**, Vol. 19, p. 10-27, 2019.

PERONI, Vera Maria. Mudanças na configuração do Estado e sua influência na política educacional. In: PERONI, Vera; BAZZO; PEGORARO (org.). **Dilemas da Educação Brasileira em tempos de globalização neoliberal**: entre o público e o privado. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PHILIPON, O. P. M. M. **Santa Teresinha de Lisieux**: um caminho todo novo. Tradução Lydia Christina. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Olímpica, 1954.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indivisível" ao "divisível". In: SIMPSON. Olga de Morais Von (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil).** São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-42.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Cultural. Identidade Nacional no Brasil. **Tempo Social: Rev. Sociol.**, São Paulo, v. 31, p. 29-46, 1sem. 1989.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939- . ISSN 0034-723X. Trimestral. **Absorveu Boletim Geográfico**, do IBGE. Índice acumulado, 1939-1983.

RODRÍGUEZ, Margarita Victoria; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. História das políticas educacionais brasileiras do século XX: a escola normal no sul do estado de mato grosso (1930- 1950). In: **V Jornada da Educação,** Sorocaba, SP: 2005**.** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br. Acesso em: 13 Set. 2013.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTANA, Luiz Carlos. O liberalismo clássico e a valorização do privado. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (org.). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2007. p. 87-114.

SANTOS, Cristiane Zumpichiati dos. **Formação profissional no Brasil:** o SENAI e os jovens no mercado de trabalho. Rio de Janeiro. 2005. Dissertação. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Fernando Henrique Tisque dos. **A vida do pensamento e o pensamento da vida:** Sud Mennucci e a formação de professores rurais. 2015. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SENA, Divino Marcos de. A Câmara Municipal de Corumbá e os festejos públicos: Período Imperial. 2015. **Revista GeoPantanal**, Corumbá/MS, n. 19, p. 39-57, jul./dez. 2015.

SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de Mato Grosso do Sul. **Histórico SENAI – DR/MS**. **SiteSENAI**. 2020. Disponível em: http://www.ms.senai.br/. Acesso em: 23. jul. 2020.

SESI, Serviço Social da Indústria. **Catálogo SESI 50 anos:** Mato Grosso do Sul, 1998.

SILVA, Carolina Ribeiro Cardoso da. **"O valor do aluno"**: vestígios de práticas de avaliação na escola primária (Florianópolis/SC, 1911-1963). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, Daniela Felisberto da. **Maria Constança Barros Machado**: um estudo das representações sociais sobre a professora e diretora do primeiro ginásio público campo-grandense. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

SILVA, Anna Karla de Melo e. **Felte Bezerra**: um quartel de atividades lítero-científicas. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SIRINELLI, Jean François. "Os intelectuais". In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 221-270.

SOUZA, Rosa Fátima de. A Renovação do Currículo do Ensino Secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960). **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 1, p. 72-90, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima. O "Bandeirismo Paulista no ensino" e a modernização da escola primária no Brasil: entre a memória e a História. **Revista Educação de Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 42, p. 123-143, jan./abr. 2011.

SOUZA. R. C. de. **"Mestra na essência da palavra":** trajetória docente de Ofenísia Soares. Freire (1941-1966). 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SOUZA, Eddy Lincolln Freitas de. **José Mário de Araújo:** memória e trajetória na constituição do campo de ensino do violão no Ceará. 2018. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n.14, p. 61-193, Mai/Jun/Jul/Ago, 2000. Disponível em: ttp://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde14/rbde14_06_leonor_maria_tanuri.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública [online]**, vol.40, n.1, p. 27-55, Jan./Fev. 2006. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003. Acesso em: 10 set. 2019.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Professor Areão:** Experiências de um "bandeirante paulista do ensino" em Santa Catarina (1912-1950). Gladys Mary Ghizoni Teive (org.). Florianópolis: Insular, 2014.

TRUBILIANO, CARLOS ALEXANDRE BARROS. Os intendentes doutores e a formação urbana de Campo Grande MT/MS (1905 - 1940). **Intellèctus** (UERJ. Online), v. 14, p. 129-152, 2015.

VIDAL. D. G; ABDALA, R. D. A fotografia como fonte para a História da educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Educação**, v. 30, n. 2, p. 177-194, 2005.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: Ferreira, M.M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006. p. 33-42.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **Capitalismo e escola no Brasil**: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e a reformas do ensino (1931-1961). Campinas, SP: Papirus, 1990.

FONTES DE PESQUISA

ENTREVISTAS

CABRAL, Paulo Eduardo. **Paulo Eduardo Cabral**: depoimento [set. 2018]. Entrevistadora: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2018. 1 arquivo .mp3 (56 min.).

ENCISO, Oliva. **Oliva Enciso:** depoimento [abr. 1994]. Entrevistadora: Carla Zandavalli Araújo. Campo Grande, 1994. 1 arquivo.mp3 (25 min.).

FREIRE, Heitor Rodrigues. **Heitor Rodrigues Freire**: depoimento [out. 2018]. Entrevistador: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2018. 1 arquivo . mp3 (54 min.).

BARCELOS, Maria Inês Puga de. **Maria Inês Puga de Barcelos**: depoimento [set. 2018]. Entrevistadora: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2018. 1 arquivo .mp3 (120 min.).

LIMA, Brunilda Enciso Magiano. **Brunilda Enciso Magiano Lima:** depoimento [out. 2018]. Entrevistadora: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.).

SOARES**,** Mario. **Mario Soares:** depoimento [nov. 2019]. Entrevistadora: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2019. 1 arquivo .mp3 (66 min.).

ROSA**,** Noemia Ferreira. **Noemia Ferreira Rosa:** depoimento [out. 2018]. Entrevistadora: Adriana Espindola Britez. Campo Grande, 2018. 1 arquivo .mp3 (32 min.).

DOCUMENTOS PÚBLICOS (Leis, Decretos, Regulamentos, Mensagens, Relatórios, Atas e Ofícios)

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo. **Fundo Apolonio de Carvalho (GK):** instrumento provisório dos documentos textuais e iconográficos, Rio de Janeiro: O Arquivo, 2012.

ARQUIVO PÚBLICO DE MATO GROSSO. **Coletânea "Coleções de imagens sobre Mato Grosso das administrações estadual, municipais, instituições, acontecimentos e pessoas"**. Organizada pelo Prof. Me. Lauro Virgínio de Souza Portela. Cuiabá: Arquivo Público de Mato Grosso, 2013.

ATA PARLAMENTAR da Assembleia Legislativa de Mato Grosso n. 151, de 04 de dezembro de 1961. Cuiabá: Assembleia Legislativa de Mato Grosso, 1961a.

ATA PARLAMENTAR da Assembleia Legislativa de Mato Grosso n. 154, de 07 de dezembro de 1961. Cuiabá: Assembleia Legislativa de Mato Grosso, 1961b.

ATA PARLAMENTAR da Câmara Municipal de Campo Grande, n. 2201976, de 12 de outubro de 1976. Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande, 1976. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

BRASIL. Congresso. Assembleia Nacional Constituinte de 1934. **Diários**... Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933-1936. Disponível em: http://www2.camara.gov.br. Acesso em: 30 set. 2018. p. 24-25.

CAMPO GRANDE. **Lei n. 5, de 16 de junho de 1937.** Dispõe sobre a regulamentação da instrução pública municipal. Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande, 1937. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.
.
CAMPO GRANDE. **Lei n. 10, de 31 de dezembro de 1947.** Dispõe sobre a criação da Secção de Educação e de Assistência Educacional do Município. Câmara Municipal de Campo Grande, 1947. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

CAMPO GRANDE. **Lei n. 225, de 20 de julho de 1951.** Dispõe sobre a criação da taxa escolar sobre impostos. Câmara Municipal de Campo Grande, 1951. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

CAMPO GRANDE. **Lei n. 231, de 21 de setembro de 1951.** Dispõe sobre a o Fundo Municipal de Assistência. Câmara Municipal de Campo Grande, 1951. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

CAMPO GRANDE. **Ata parlamentar da Câmara Municipal de Campo Grande, n. 2201976, de 12 de outubro de 1976.** Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande, 1976. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

CAMPO GRANDE. **Resolução n. 674/1976, de 04 de maio de 1976.** Dispõe sobre o título de cidadã campo-grandense à Professora Oliva Enciso. Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande, 1976. Disponível em: https://www.camara.ms.gov.br/legislacao-municipal. Acesso em: 22 mar. 2018.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. **Mensagem à Assembleia Legislativa de 1920**. Arquivo Público de Mato Grosso, Livro 59, p. 31 à 40.

INSTITUTO DE MEMÓRIA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE MATO GROSSO. Atas parlamentares do período de 1959 a 1963. Cuiabá.

MATTO-GROSSO. **Decreto nº 68, de 20 de junho de 1896**. Regulamento para a instrucção publica do estado. APMT: Leis e Decretos. Cuiabá, MT, n. 1013, 11 jul. 1896.

MATO GROSSO. **Decreto nº 265 de 22 de outubro de 1910**. Regulamento Geral da

Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso. APMT: Leis e Decretos, 1910. Cuiabá, MT, 22 de out. 1910.

MATO GROSSO. **Decreto nº 759, de 22 de abril de 1927**. Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Mato Grosso. APMT: Leis e Decretos, 1927. Cuiabá, MT, 22 de abr.1927.

MATO GROSSO. Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública de MT, apresentado ao Secretário Geral do Estado pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Franklin Cassiano da Silva. Cuiabá, 29 de agosto de 1931.

_____. Relatório do interventor do Estado de Mato Grosso apresentado ao Presidente Getúlio Vargas. Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, Cuiabá – MT, 1936.

_____. Relatório do interventor do Estado de Mato Grosso apresentado ao Presidente Getúlio Vargas. Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, Cuiabá – MT, 1937.

_____. Relatório do interventor do Estado de Mato Grosso apresentado ao Presidente Getúlio Vargas. Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, Cuiabá – MT, 1939-1940.

_____. Relatório do interventor do Estado de Mato Grosso apresentado ao Presidente Getúlio Vargas. Arquivo Público de Mato Grosso – APMT, Cuiabá – MT, 1941-1942.

ARTIGOS E NOTÍCIAS PUBLICADOS EM JORNAIS

JORNAL DO COMMERCIO**,** Campo Grande, Índice acumulado, 1923-1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 19 set. 2018.

O ESTADO DE MATO GROSSO (MT), Cuiabá, Índice acumulado 1939-1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 19 set. 2018.

O ESTADO DE MATO GROSSO, Ano 1, edição 176, 07 abril 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

O ESTADO DE MATO GROSSO, Ano XX, edição 3.450, 04 fev. 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 13 dez. 2018.

BRASIL-OESTE (SP), São Paulo, Índice acumulado, 1956 -1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 19 set. 2018

CORREIO PAULISTANO (SP), São Paulo, Índice acumulado, 1950 a 1963. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 19 set. 2018.

CAMPO GRANDE. Sociedade Miguel Couto. Ofício s/n, 23 dez. 1941. [Solicitação de criação de escola mixta primária]. **Arquivo Público de Mato Grosso**: 1942.

ECOS do comício da UDN. **Jornal Correio do Estado,** Campo Grande, ano III, edição 987, p. 02, 15 set. 1954.

O ANJO de Campo Grande. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, ano14, edição 2.188, p. 01, 02 dezembro 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 12 dez. 2018.

OLIVA ENCISO: 46 anos dedicados à educação. **Executivo Plus**, Campo Grande, ano II, n. 23, p. 18-20, abr. 1986.

É PRECISO QUE SAIBAM. **Jornal do Commercio**, Campo Grande, ano XVIII, edição 2.573, p. 01, 19 jan. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx. Acesso em: 12 dez. 2018.

REVISTAS E OBRAS MEMORIALÍSTICAS

MARTINS, Demosthenes. **A poeira da jornada**: memórias. São Paulo: Resenha Universitária, 1980.

ENCISO, Oliva. Vespasiano Barbosa Martins: Patrono da cadeira n. 22 da Academia de Letras e História de Campo Grande. In: PONTES, José Couto (org.) **Biografias de Patronos**. Campo Grande: ALHCG, 1973, p. 12-31.

ENCISO, Oliva. A instrução em Campo Grande. **Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra, Campo Grande**, p. 9-12, n. 23, ago. 1933.

ENCISO, Oliva. **Mato Grosso:** minha terra. São Paulo: Editora Resenha, 1986.

ENCISO, Oliva. **Palavras de poesia**. Campo Grande: SENAI, 2004.

ENCISO, Oliva. **'Pensai na educação, brasileiros**!': sociedade Miguel Couto dos amigos do estudante: 50 anos de luta pela educação e assistência a menores. [S.l.]: [s.n.], [1989]. 212 p.

OLIVEIRA, Ruben Figueiró de. **Espelho do Tempo**. Campo Grande: Editora: IHGM, 2009.

REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, v. 01, n. 01, set. 2003. Campo Grande: IHGMS, set. 2003.

REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS, v.22, n.22. Campo Grande- MS: Life Editora, 2012.

REVISTA MENSAL ILUSTRADA FOLHA DA SERRA, Campo Grande, n. 23, ago. 1933.

REVISTA FOLHA DA SERRA. Educação. C.C. Ano IV, nº 37 a 48, p. 26, 07 de set. 1937.

REVISTA FOLHA DA SERRA. Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes, ano IV, nº 37 a 38, p. 12, jan-fev, 1935,

REVISTA EXECUTIVO – A revista de Mato Grosso do Sul. 60 anos da Associação Comercial. Ano II, nº23, p. 18, 19 abr. de 1986.

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; MENEGAZZO, Maria Adélia. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul**: histórias de vida. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1992.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Deus quer o homem sonha a cidade nasce**: Campo Grande 100 anos de história. Organização: Fundac /ARCA. Campo Grande - MS, 1999.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Personalidades de Campo Grande**. Fundac/ARCA. Campo Grande - MS, 2012.

SELEM, Terezinha de Alencar. **100 mulheres pioneiras em 100 anos de Campo Grande**: relatos que falam de mulheres que fizeram a história de Campo Grande. Campo Grande: MS, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "DO MAGISTÉRIO Á POLITICA: A TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO (1909-2005)", sob a responsabilidade da pesquisadora Adriana Espindola Britez. Peço sua autorização para a realização de entrevistas. O objetivo do estudo é produzir uma biografia científica ao investigar, historiar e qualificar a trajetória de Oliva Enciso entre as décadas de 1920 a 2000. A justificativa que nos leva a pesquisa é compreender a ação social da educadora Oliva Enciso, por ter sido pioneira na implantação de instituições públicas para as classes trabalhadoras, a primeira vereadora de Campo Grande (1955-1958) e a primeira deputada estadual (1959-1963). O estudo sobre a professora colaborará para história de vida de educadores que atuaram na educação local, e suas contribuições para a História da Educação de Campo Grande- MS.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: levantamento de informações em fontes: memorialistas, documentais e orais. As fontes orais serão produzidas por meio de entrevistas. Os participantes da pesquisa serão 20 pessoas, que conheceram e conviveram fisicamente com Oliva Enciso no período de 1920 a 2005, período que abrange sua atuação na sociedade. As seguirá um roteiro pré-estabelecido com questões que envolvem a trajetória de vida, social, profissional e política de Oliva Enciso. As entrevistas serão realizadas em local reservado, horário e data previamente agendada conforme sua conveniência, por um período de, no máximo, uma hora de duração. As entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas literalmente com tudo o que foi falado. As transcrições serão disponibilizadas para sua leitura com tranquilidade, podendo solicitar livremente a exclusão ou modificação de trechos, e em seguida, as entrevistas escritas serão assinadas por você dando anuência às informações.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora.

Os riscos e desconfortos previsíveis, a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os riscos e desconfortos são mínimos e estão relacionados aos possíveis incômodos gerados durante a pesquisa. Estes desconfortos serão amenizados pela limitação das entrevistas apenas a trajetória de Oliva Enciso, sem adentrar em aspectos pessoais de sua vida. Poderá se negar de responder a qualquer questionamento que considerem constrangedor, irrelevante ou invasivo, ou até mesmo interromper a entrevista caso se sintam constrangido (a), o que será respeitado pela pesquisadora.

Os benefícios, ao participar desta pesquisa o (a) Sr (a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, indiretamente estará contribuindo para que este estudo resulte em informações importantes na ampliação do conhecimento da trajetória de Oliva Enciso, uma mulher pioneira, que se envolveu amplamente em diferentes campos sociais com o propósito de desenvolver projetos sociais e educacionais para as classes trabalhadoras. De forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para a história da educação regional, onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas.

Estão garantidos sigilo e privacidade das suas informações pessoais, tem a liberdade de autorizar ou não à divulgação de sua identificação nominal. O seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Caso não autorizar a identificação, a sua identidade será tratado com os padrões profissionais de sigilo, sendo preservada e substituída por código de identificação. Somente a pesquisadora terá acesso aos seus dados de identificação e o (a) Sr. (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os materiais da pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos e após esse tempo serão descartados.

Rubrica do participante:	**Rubrica do pesquisador:**

Este termo de consentimento contém duas páginas e encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos. Os resultados da pesquisa estarão à disposição quando finalizado o estudo, mas em qualquer momento do estudo, em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar a pesquisadora Adriana Espindola Britez, pelo telefone: **(067) 99241-5501** e por e-mail: **adri.pgjv@gmail.com**. Poderá, ainda, entrar em contato com o Comitê de Ética da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por meio do telefone: **(067) 3345-7187** e e-mail: **cepconep.propp@ufms.br,** para informações, denúncias e/ou reclamações aos aspectos éticos da pesquisa. Este documento foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012. (*Resoluções Nº 510/16 e Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde),* utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos do estudo "DO MAGISTÉRIO Á POLITICA: A TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO (1909-2005)", e também de forma clara e detalhada dos procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar, sem penalidades ou prejuízo pessoal e financeiro.

Declaro que concordo voluntariamente em participar desse estudo, e que a divulgação de minha identificação nominal_____ (está autorizada / não está autorizada) no estudo.

Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido contendo duas páginas numeradas e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Campo Grande, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do participante da pesquisa

Nome completo do Pesquisador: Adriana Espindola Britez
Endereço: Rua Walter Alves Ferreira CEP: 79045-541 / Campo Grande – MS
Telefones: (67) 99241-5501 / e-mail: adri.pgjv@gmail.com

Apêndice B - Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Responsável:_____

Data da entrevista:____/___/_____.

Primeiro momento (apresentação)

1. Apresentação dos objetivos da pesquisa;
2. Apresentação dos objetivos da entrevista;
3. Informar o entrevistado sobre a eventual possibilidade de retomada de contato. O tempo máximo previsto para cada entrevista é de uma hora e se necessário, será marcado outro encontro para complementação dos dados;
4. Solicitar a concordância do entrevistado para gravar a entrevista;
5. Informar ao entrevistado que será assegurado o sigilo de sua identidade;
6. Informar que os dados serão transcritos para o Relatório de Tese de Doutorado cujo título é: "DO MAGISTÉRIO Á POLITICA: A TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO (1909-2005)", sob a orientação da Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis, que faz parte de uma Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação/FaED/CCHS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul;
7. Informar ao entrevistado que os dados obtidos serão de uso estritamente acadêmico e será utilizado no todo e em partes.

Segundo momento - Entrevista

BLOCO I – Identificação do participante

1. Dados Pessoais

1.1 Nome completo:_____
_____
1.2 Endereço: Rua/Travessa:_____
Nº_____Bairro_____Cep:_____
1.3 Telefone: _____
1.4 Sexo: Masc. ( ) Fem. ( )
1.5 Idade:_____
1.6 Estado civil: Solteira/o ( ) Casada/o ( ) Companheira/o ( ) Separada/o ou Divorciada/o ( ) Viúva/o ( )
1.7 Nível de escolaridade e formação profissional:_____
1.8 Você conheceu Oliva Enciso?
1.9 Qual era a sua relação mantida com Oliva Enciso?
( ) amigo ( ) colega de trabalho ( ) familiar
1.10 Aonde vocês se conheceram? _____
1.11 Você dispõe de alguma imagem (fotografias) ou outros símbolos que identificam a trajetória de vida de Oliva Enciso? ( ) Sim ( ) Não
Se a resposta for sim, pode disponibilizar para uso na pesquisa? ( ) Sim ( ) Não

BLOCO II – A trajetória de Oliva Enciso

2 Sobre Oliva Enciso: infância e família

2.1 Quem eram seus pais e suas origens?
2.2 Aonde ela nasceu? Como era a época de seu nascimento?
2.3 A família de Oliva Enciso manteve uma relação com a educação e a política no período de vivência em Corumbá e/ou Campo Grande?

3. Sobre a escolarização de Oliva Enciso

3.1 Quais cursos frequentou?
3.2 Onde se localizavam as escolas?

3.3 Como era a época em que realizou a escolarização?
3.4 Que tipos de dificuldades ela teve no período de escolarização?

4. Oliva Enciso: a atuação educacional
4.1 O magistério foi uma escolha própria de Oliva Enciso?
4.2 Quais foram as escolas que Oliva Enciso lecionou?
4.3 Quais as instituições escolares que Oliva Enciso ajudou a fundar na cidade?
4.4 Como foi a atuação de Oliva Enciso no Ginásio Barão do Rio Branco e Sociedade Miguel Couto?
4.5 Quem eram as pessoas que faziam parte de sua rede de relações sociais na educação?
4.6 Quais os lugares que Oliva Enciso frequentava no período de atuação em instituições escolares?

5. Oliva Enciso: a atuação politica
5.1 Como Oliva Enciso iniciou o trabalho na prefeitura de Campo Grande?
5.2 Como era o seu trabalho na prefeitura, quais as atividades eram realizadas como secretária?
5.3 Como Oliva Enciso iniciou sua atuação na política?
5.4 Por que ela decidiu candidata-se ao cargo de vereadora?
5.5 Como era a sua atuação como vereadora da prefeitura de Campo Grande? Ela realizou projetos importantes para Campo Grande? Quais foram os projetos apresentados por ela?
5.6 Por que ela decidiu candidata-se ao cargo de deputada estadual? Como era sua atuação como deputada estadual, realizou projetos importantes para Mato Grosso?
5.7 Quem eram as pessoas que faziam parte da rede de relações sociais na política de Oliva Enciso?
5.8 Em sua opinião, quais foram os fatos marcantes da atuação política de Oliva Enciso?

6. Oliva Enciso: atuação como escritora e sócia de instituições culturais
6.1 Oliva Enciso publicou obras literárias e artigos em revistas. Quais eram as suas motivações para escrever? Por que ela escrevia?
6.2 Quais instituições culturais ela fez parte?
6.3 Como era a sua atuação como membro de instituições culturais de Campo Grande;
6.3 Em sua opinião, quais foram os fatos marcantes da atuação em instituições culturais de Oliva Enciso?

7. Representações de Oliva Enciso
7.1 Em sua opinião, o que permanece em sua memória sobre a atuação nos campos educacional, político e social de Oliva Enciso em Campo Grande? Conte algumas ações que foram realizadas por ela.
7.2 Em sua opinião, quais as contribuições de Oliva Enciso para a sociedade campo-grandense e para o Mato Grosso (uno)?
7.3 Como você define o papel social de Oliva Enciso, no seu período de sua atuação politico-educacional, como uma agente feminina (mulher atuante) na sociedade de Campo Grande?
7.4 Se possível, em apenas uma frase, como você definiria Oliva Enciso?

Apêndice C - Trajetória linear de Oliva Enciso

Data	Idade	Posição	Campo social	Acontecimento	Fonte
07/04/ 1909	0-14 anos	Filha	Família/Fazenda Taquaral	Nascimento na Fazenda Taquaral	(ENCISO, 1986, p. 13-17)
1923	0-14 anos	Filha	Família/Fazenda Taquaral	Falecimento do pai	(ENCISO, 1986, p. 16-17)
1923	0-14 anos	Filha	Família/Campo Grande	Vinda da família para Campo Grande	(ENCISO, 1986, p. 17-19)
1924	15 anos	Estudante	Campo Grande/Instituto Pestalozzi	Exame de Admissão no Instituto Pestalozzi	(ENCISO, 1986, p. 17) Jornal do Commercio (1925-1929)
1925-1929	16 - 20 anos	Estudante /Professora Leiga	Campo Grande/Ginásio Municipal de Campo Grande	Aluna e professora no Instituto Pestalozzi	(ENCISO, 1986, p. 19-23)
1928	19 anos	Estudante secundarista	Campo Grande/Ginásio Municipal de Campo Grande	Oradora oficial do Grêmio 13 de Junho	Jornal do Commercio 1928 – ed. 533
1929	20 anos	Universitária	Curso de Medicina na Praia Vermelha no Rio de Janeiro	Medicina do Rio de Janeiro	(ENCISO, 1986, p. 24-26)
1931	22 anos	Datilógrafa Amanuense	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Cargo de datilografa 04 de novembro de 1930 a 18 de outubro de 1962	(ENCISO, 1986, p. 28) Jornal do Commercio (1931-1934)
1932	23 anos	Aluna secundarista	Colégio D. Bosco	Curso de Contador	(ENCISO, 1986, p. 19-23)/ Jornal do Commercio (1932).
1933	24 anos	Amanuense datilógrafa/ colunista	Prefeitura	Publicação do artigo “A instrução em Campo Grande”	Folha da Serra (1933)
1933	24 anos	Aluna secundarista	Colégio D. Bosco/ Colégio N. S. Auxiliadora	Curso Normal	(ENCISO, 1986, p. 35)/ Jornal do Commercio (1934)
1933	24 anos	Acadêmica	Faculdade de Farmácia e Odontologia	Curso de Farmácia	(ENCISO, 1986, p. 53)/ Folha da Serra (1933)
1934	25 anos	Secretária da prefeitura	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Cargo de secretária interina Prefeito Vespasiano Martins	Jornal do Commercio (1931-1934)

1939	30 anos	Secretária da prefeitura	IBGE/Cuiabá	Estágio no IBGE Cuiabá	(ENCISO, 1986, p. 34) / Palavras de poesia (p. 11-12)/ Jornal do Commercio (1931-1934)
1940	31 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Fundação da Sociedade Miguel Couto em 21 de janeiro de 1940	(ENCISO, 1986, p. 120) / (ENCISO, 1989) / Jornal O Estado de Mato Grosso 1940, ed., n. 123 – 01/02/1940
1940	31 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Atividades de estatística e homenagem	Jornal O Estado de Mato Grosso 1940 - ed., n. 176 – 07/04/1940.
1940	31 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Publicação do artigo "Sociedade Miguel Couto dos amigos do estudante"	Folha da Serra (1940)
1942	33 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Fundação da Instrução Artística do Brasil	Mato Grosso do Sul: minha terra (p. 33)
08/12/ 1944	35 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Responsável pela prefeitura Gestão Demósthenes Martins	(ENCISO, 2004, p. 23)
1945	36 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Escola Profissional do SENAI	(ENCISO, 1986, p. 72)/ Jornal do Commercio 1945 ed. 4151/ Jornal do Commercio 1945 ed. 4176
1947	38 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Viagem para Cuiabá, atualizar o Departamento de Estatística	Jornal O Estado de Mato Grosso – 1947 - ed., n. 1566
1947	38 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Instalação da comissão municipal da Campanha de Educação de Adultos	(ENCISO, 1986, p. 34)
1948	39 anos	Chefe do Departamento de Estatística/ Secretaria/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Organização da Seção de Educação e Assistência Educacional – primeira titular	(ENCISO, 1986, p. 33)

1948	39 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora do SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande	Instalação do SESI- Escola de Formação Domestica Roberto Simonsen Diretora SESI -1948-1968	(ENCISO, 1986, p. 34)/ Jornal do Commercio
1948	39 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora do SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CNEC	(ENCISO, 1986, p. 34)/ Jornal do Commercio
1948	39 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Escola Profissional do SENAI 21/05/1948	(ENCISO, 1986, p. 34)/ Jornal do Commercio O Estado de Mato Grosso
1949	40 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Ginásio Barão do Rio Branco (CNEC) 19/11/1949	(ENCISO, 1986, p. 107) O Estado de Mato Grosso - 1950
1949	40 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC/Diretora CNEC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/ SESI/SMC	Visita a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1943-1956)	Artigo “ Apontamentos no livro de visitas da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1943-1956)”
1951	42 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC/Diretora CNEC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC/	Homenagem “Honra ao mérito” dada pela Radio Standard Oil Company Of Brazil	Jornal O Estado de Mato Grosso 1951 ed. 2026 de 18/10/1951.
1952	43 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Visita ao Catete da Comissão do Congresso de Amparo ao Menor	DOU n. 12.358/ Jornal A manhã (RJ), ed. 3.375, 1952
1952	43 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Subvenção Federal para a SMC	O Estado de Mato Grosso, ed. 3375, 1952.
1954	45 anos	Secretária da prefeitura/ Diretora SESI/ Presidente da SMC	Prefeitura Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Candidata a Vereadora mais votada pelo UDN	(ENCISO, 1986, p. 36)
1955	46 anos	Vereadora de Campo Grande	Câmara Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Cargo de Vereadora mais votada pelo UDN (1955 a 1958 e 1959 a)	(ENCISO, 1986, p. 36)/ Atas da Câmara Municipal de Campo Grande /

1958	49 anos	Vereadora de Campo Grande	Câmara Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Presidente da Câmara de 05 a 28/01/1958	Site: Câmara Municipal de Campo Grande
1958	49 anos	Vereadora de Campo Grande	Câmara Municipal de Campo Grande/SESI/SMC	Candidata a Deputada Estadual pelo UDN (1959 a 1963)	(ENCISO, 1986, p. 36)/ Correio do Estado/ O Estado de Mato Grosso.
1959 - 1963	50 - 54 anos	Deputada Estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Cargo de Deputada Estadual pelo UDN (1959 a 1963)	Mato Grosso do Sul: minha terra (p. 36)/ O Estado de Mato Grosso
1961	52 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Comissão Especial para o estudo do IPEMAT	Atas Assembleia - Resolução 16/61/ Instituto Memória - AL/MT
1961	52 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Comissão Parlamentar para a reforma do Ensino Primário em Mato Grosso	Ata n. 16, de 20 de junho de 1961- Instituto Memória - AL/MT
1961	52 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Criação da Delegacia especial de Educação e Cultura em Campo Grande	Ata n. 23, de 26 de junho de 1961- Instituto Memória - AL/MT
1961	52 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Período de 15/07 a 30/08/1961 e dos dias 9 a 25/09/1961 faltas na Assembleia	Atas Assembleia Instituto Memória - AL/MT
1961	52 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	IPEMAT – Lei n. 1.614 de 23/10/1961	(ENCISO, 1986, p. 42)/ Atas Assembleia Instituto Memória - AL/MT
1962	53 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Reformas do Ensino Primário em Mato Grosso	Atas Assembleia Instituto Memória - AL/MT
1962	53 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Período de 15 a 19/03 e 3 a 8/05/1962 faltas na Assembleia	Atas Assembleia Instituto Memória do Poder Legislativo (MT)
1962	53 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Licença para tratamento de saúde 120 dias	Ata n. 11 de 20/06/1962 p. 22 Instituto Memória - AL/MT

1962	53 anos	Deputada estadual	Assembleia Legislativa de Mato Grosso	Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso	(ENCISO, 1986, p.53-57)/ Episódios do passado (PEREIRA; URT, 2013)
1962	53 anos	Funcionária pública aposentada	Prefeitura de Campo Grande	Inspetora de ensino em 18 de outubro de 1962.	Dissertação (FREITAS; 2018)
1964	55 anos	Membro do Conselho Estadual de Educação	Conselho Estadual de Educação	Autorização de funcionamento faculdade de MT.	(ENCISO, 1986, p. 36)/ O Estado de Mato Grosso (1964)
1964	55 anos	Diretora do SESI	SESI/SMC	Grupo de trabalho para a instalação do curso de Serviço Social UCDB	A formação profissional do Assistente Social na UCDB/MS (VILLANUEVA, 2001, p. 47)
1966	57 anos	Diretora do SESI / Presidente SMC	SESI/SMC	Suficiência de Português – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente	Mato Grosso do Sul: minha terra (p. 97) - Revista Sesinho
1966	57 anos	Funcionária cedida SESI 17/12/1966 e 09/05/1968	SESI/SMC	Orientadora e supervisora do SESI de Campo Grande	(ENCISO, 1986, p. 97)/ (FREITAS, 2018)/ Revista Sesinho.
1967	58 anos	Presidente APAE	SESI/SMC/APAE	Fundação da APAE.	A memória cultural do Mato Grosso do Sul (ROSA, 2012)
1971	62 anos	Presidente do SMC	Academia de Letras e História de Campo Grande.	Membro da ALHCG	(ENCISO, 1986, p. 141)/ Documentos da ACL
1976	67 anos	Homenagem/ Presidente do SMC	CMCG	Titulo de Cidadã Campo-grandense pela Câmara Municipal de Campo Grande,	(ENCISO, 1986, p. 40) Câmara Municipal de Campo Grande
1985	76 anos	Homenagem/ Presidente do SMC	CMCG	Criada a Escola de 1º Grau Oliva Enciso / CNEC	Câmara Municipal de Campo Grande/ Folha do Povo
1993	84 anos	Homenagem / Presidente do SMC	ALMT – Sala da Mulher	27 de maio de 1993	(ENCISO, 1986, p. 97)/ Câmara Municipal de Campo Grande
2005	96 anos	Presidente do SMC	Sociedade Miguel Couto	Falecimento em 30 de junho de 2005	Notícias em diferentes mídias jornalísticas/ Correio do Estado/ Câmara dos Deputados.

Apêndice D - Elementos primários de formação do *habitus* de Oliva Enciso

Elementos primários da formação do *habitus* individual de Oliva Enciso							
1. Formação do *HABITUS* FAMILIAR - Genealogia dos integrantes ancestrais de sua família							
Agente/per-tencimento familiar	**Origem**	**Efeito mobilizador**	**Função/ Campo**	**Capacidades e atributos**	**Campo**	**Descrição das tipificações valorativas (*kathegoresthai*)**	**Fonte**
Pai Santigo Enciso	Italiana e paraguaia	Heranças simbólica e religiosa católica	Capataz de fazenda. Internato e seminarista	Reconhecimento de autoridade e autodidata	Fazenda Taquaral Corumbá	Homem inteligente, alegre, comunicativo e bom.	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)
Mãe Martinha Enciso	Portuguesa Paraguaia	Heranças Política e religiosa católica	Lides do lar Costureira	Postura enérgica, determinada e protetora.	Corumbá	Boas de contas, alegre e enérgica Politizada.	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)
Avô materno Joaquim Ferreira da Cunha	Portuguesa	Heranças simbólica e política	1871- Exército de D. Pedro/ Advogado/jornalista em Corumbá	Postura enérgica, ordem, disciplina militar.	Rio de Janeiro Corumbá	Montou um orfanato para menores órfãos da guerra no Rio de Janeiro.	Entrevistas (2018) Correio Mercantil (1871)
Avó materna Joana	Paraguaia	Herança religiosa católica	Lides do lar	Postura enérgica, devoção aos santos.	Rio de Janeiro Corumbá	Devoção Nossa Senhora das Mercês	Entrevistas (2018)

2. Formação do *habitus* religioso – Religião Católica				
Mobilizador	**Modos de ser/estar**	**Ações práticas**	**Período**	**Fonte**
Religião Católica	*Habitus* familiar Modos de ser	Práticas devocionais familiares: novenas/terços. Crenças	Infância Adolescência Vida adulta	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)
Religião Católica	Modos de estar	Participação de missa diariamente	Infância Adolescência Vida adulta	Produção de discurso/Porta voz autorizada
Religião Católica	Modos de estar	Leitura religiosa: - Manual da Donzela Cristã - Manual das Filhas de Maria (Associação Filhas de Maria) - Biografias sobre Santos	Adolescência	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)

Religião Católica	Modos de estar	Estudante em Instituições confessionais: Colégio D. Bosco Colégio N.S. Auxiliadora	Infância Adolescência Vida adulta	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)
Religião Católica	Modos de estar	Membro de Instituições confessionais: Filhas de Maria - Ex-alunas salesianas	Vida adulta	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)
Religião Católica	*Hexís* corporal	Fisionomia e estilo de vestuário, como um corte de cabelo curto e simples e roupas de cores claras.	Vida adulta	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)

3. Formação do *habitus* da infância

Campo: elemento portador de condicionantes de valores culturais e referenciais identitários	**Disposições moldadas na dimensão físico-psicológica**
Fazenda Taquaral – Pantanal	Liberdade para agir e pensar/autonomia
Fazenda Taquaral – Pantanal	Simplicidade
Fazenda Taquaral – Pantanal	Natureza/naturalidade

4. Formação do *habitus* intelectual

Ano	**Curso / modos de ação**	**Instituição/**	**Ações práticas**	**Capital**	**Fonte**
1925-1929	Ensino Secundário – Ginásio	Ginásio Municipal de Campo Grande	Produção de discurso/Porta voz autorizada	Capital escolar Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018) Jornal do Commercio
1930 - 1932	Ensino Secundário - Contador /	Escola de Comércio Dom Bosco	Produção de discurso	Capital escolar Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018) Jornal do Commercio
1932	Farmácia	Faculdade de Farmácia e Odontologia	Produção de discurso/Porta voz autorizada	Capital escolar Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018) Jornal do Commercio
1933-1934	Ensino Secundário - Normal	Escola de Normal Dom Bosco	Produção de discurso/Porta voz autorizada	Capital escolar Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986; 2004) Entrevistas (2018)
	Leitura religiosa Religião Católica	"Donzela Cristã", "Filhas de Maria"	Práticas devocionais	Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986; 2004) Entrevistas (2018)
	Leitura de autoajuda	"Sê perfeito em tudo que fizeres" de Orison Swett Marden.	Práticas profissionais	Capital social Capital simbólico	(ENCISO, 1986) Entrevistas (2018)

Apêndice E- Prefeitos e governadores de Campo Grande e Mato Grosso (1930-1970)

Prefeito	Período	Governador	Período
Deusdedit de Carvalho	3/11/1930 - 2/12/1930	Mário Correia da Costa	22/01/1926 - 22/01/1930
Cesar Bacchi de Araújo	2/12/1930 - 18/01/1931	Aníbal Benício de Toledo	22/01/1930 - 30/10/1930
		Sebastião Rabelo Leite	20/10/1930 - 03/11/1930
Valdomiro Siqueira	18/01/1931 - 25/07/1931	Antônio Mena Gonçalves	03/11/1930 - 24/04/1931
Vespasiano Barbosa Martins	25/06/1931 - 10/07/1932	Artur Antunes Maciel	24/01/1931 - 15/06/1932
Arthur Jorge Mendes Sobrinho	10/07/1932 - 11/10/1932	Leônidas Antero de Matos	15/06/1932 - 12/10/1934
Ytrio Corrêa da Costa	11/10/1932 - 29/12/1933	Leônidas Antero de Matos	15/06/1932 - 12/10/1934
Pacífico Lopes de Siqueira	29/12/1933 - 1/11/1934	César de Mesquita Serva	12/10/1934 - 08/03/1935
Vespasiano Barbosa Martins	1/11/1934 - 17/10/1935	Fenelon Müller	08/03/1935 - 28/08/1935
		Newton Deschamps Cavalcanti	28/08/1935 - 07/09/1935
Antônio Luís Almeida Boaventura	17/10/1935 - 13/01/1937	Mário Correia da Costa	07/09/1935 - 08/03/1937
Lourival Azambuja	13/01/1937 - 15/03/1937	Mário Correia da Costa	07/09/1935 - 08/03/1937
Juvenal Vieira de Almeida	15/03/1937 - 27/03/1937	Manuel Ari da Silva Pires	09/03/1937 - 13/09/1937
Eduardo Olímpio Machado	27/03/1937 - 12/08/1941	Júlio Strübing Müller	03/09/1937 - 30/10/1945
Demósthenes Martins	13/08/1941 - 1/09/1941	Júlio Strübing Müller	03/09/1937 - 30/10/1945
Vespasiano Barbosa Martins	1/09/1941 - 12/09/1942	Júlio Strübing Müller	03/09/1937 - 30/10/1945
Demósthenes Martins	12/09/1942 - 11/04/1945	Júlio Strübing Müller	03/09/1937 - 30/10/1945
Joaquim Teodoro de Faria	12/04/1945 - 6/06/1947	Olegário Moreira de Barros	30/10/1945 - 1908/1946
		José Marcelo Moreira	19/08/1946 - 08/04/1947
Carlos Hugueney Filho	6/06/1947 - 1/12/1947	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	08/04/1947 - 1º/07/1950
Fernando Correia da Costa	1/12/1947 - 30/01/1951	Jari Gomes	1º/07/1950 - 31/01/1951
Ary Coelho	31/01/1951 - 21/11/1952	Fernando Corrêa da Costa	31/01/1951 - 31/01/1956
Mário Carrato	22/11/1952 - 26/12/1952		
Nelson Borges de Barros	27/12/1952 - 26/01/1953		
Wilson Fadul	26/01/1953 - 30/01/1955		
Marcílio de Oliveira Lima	31/01/1955 - 30/01/1959	João Ponce de Arruda	31/01/1956 - 31/01/1961
Wilson Barbosa Martins	31/01/1959 - 24/01/1963	Fernando Corrêa da Costa	31/01/1961 - 31/01/1966
Mendes Canale	31/01/1963 - 30/01/1967	Fernando Corrêa da Costa	31/01/1961- 31/01/1966
Plínio Martins	31/01/1967 - 30/01/1970	Pedro Pedrossian	31/01/1966 - 15/03/1971

Apêndice F – Entrevistas

ARQUIVO: 01
DURAÇÃO: 00:55:36
DATA: 10/09/2018

Transcrição de entrevista - Paulo Eduardo Cabral

E - Entrevistadora

PC: Paulo Cabral - (Sociólogo e historiador de Campo Grande)

E: Como conheceu Oliva Enciso?

PC: Como que eu a conheci... Eu conheci tia Oliva por intermédio de Eduardo Fontoura de Freitas, que é sobrinho neto dela, filho do Nilton que era o sobrinho direto e foi quem a sucedeu a frente Miguel Couto né. Ele foi um dos filhos que ela não teve, porque é uma coisa assim muito maluca né. Porque Oliva nunca teve um envolvimento amoroso com ninguém, obviamente nunca teve filhos e se converteu numa grande matriarca da família, porque a família toda girava em torno dela né... Então, o Eduardo era sobrinho-neto, e em 1979 quando eu fui trabalhar na Secretaria de desenvolvimento de Recursos Humanos no governo do Harry, o Eduardo também trabalhava na secretaria e ai nós nos conhecemos e por extensão conhecemos tia Oliva primeiro de ouvi-lo falar muito sobre a tia, porque era a figura central da família e depois pessoalmente. Ai... Eu fui trabalhar na UNIDERP e a família de Pedro Chaves tinha uma reverência muito grande com a tia Oliva, porque ela fora amiga do pai do Pedro Chaves Velho. Pedro Chaves morreu na esquina da Rui Barbosa com a Rio Branco. Ele estava se dirigindo a casa da tia Oliva pra levar um livro de presente pra ela, de quem ele era amigo e ele teve um infarto e morreu. Então, ela tinha uma ligação profunda com a família porque na prefeitura ela foi quem percebeu o talento do Pedro Chaves pai, que tinha uma escolaridade suficiente para época, ele tinha uma letra muito bonita e, entretanto, ele trabalhava como gari. E quando ela percebe o nível daquele gari ela abre uma oportunidade para ele vir trabalhar no serviço de administrativo e ele chega a ser chefe de almoxarifado da prefeitura, graças a essa sensibilidade e essa percepção dela que como educadora tinha os olhos atentos para perceber os talentos. E aí... Todas as solenidades que tinham na UNIDERP, inauguração da farmácia, inauguração das clínicas odontológicas, do centro de especialidades médicas e enfim a elevação para a universidade... Tudo o que aconteceu na UNIDERP a tia Oliva era convidada e ela comparecia com muito gosto. Eles a paparicavam e reverenciavam muito... Em homenagem a tudo aquilo que ela havia feito para o pai e por extensão pela família. Então é importante agente perceber que em um lugar pequeno como Campo Grande tudo aconteceu de uma forma bastante interessante. Isso é pra gente ver como as coisas se confundem. Com relação à política a hipótese que eu tenho que é uma hipótese que precisa se

estudar para verificar se ela se confirma é a seguinte... A Maria Victória Benevides escreveu um livro sobre UDN, que eu até preciso reler mais eu acho que ela dá alguma pista nesse livro, seria interessante você ler porque Oliva esteve vinculada a União Democrática Nacional e ai que era na época que era na época dois grandes partidos a UDN que nos centros urbanos estava mais ligada a burguesia internacional ao capital estrangeiro e o PSD (Partido Social Democrático) que nos grandes centros estavam mais ligados a burguesia nacional. Fora do Rio de Janeiro e de São Paulo em Minas talvez tanto a UDN quanto o PSD estavam vinculados aos latifundiários. E cada coronel se abrigava num desses dois grandes partidos e em outros partidos menores. A Oliva se filia na UDN já quase depois da redemocratização, porque a UDN foi criada em 1945 e em 1946 tem a primeira eleição presidencial e ela logo em seguida não sei se é em 1947 mais acredito que sim ela se filia e ela é eleita vereadora por Campo Grande.

E: Em 1954 foi à eleição para vereador.

PC: Então ela se elege primeiro a deputada?

E: Não primeiro ela se elege a vereadora de 1956 a 1959 ela é vereadora, aí de 1959 a 1963 ela é deputada.

PC: Então nessa época agente tem aqui a UDN recrutando mulheres. Mas com que perfil... Mulheres conservadoras... Professoras. Contemporânea Oliva em São Paulo pela UDN se eu não tiver enganado tinha a Dulce Salles Cunha, que era professora de português na cidade São Paulo e também foi vereadora e deputada estadual. E tinha inclusive o apoio da TV Tupi em um programa de perguntas e resposta do Aurélio Campos que ela se projetou... Então eu acredito que a Oliva vá para a política meio a esse movimento que a UDN fez de recrutar mulheres de perfil conservador como era o dela com uma inserção social forte e que ela tinha. Porque ela já havia trazido a escola do SENAI, ela já havia trazido, já tinha criado a Sociedade Miguel Couto que era menor, a CNEC e ela já tinha dado um pitaco ou estava dando um pitaco na formação da APAE. Porque ela em 46 esteve com Helena Antipoff lá em Belo Horizonte, que foi uma das precursoras da Educação Especial... E a Oliva foi lá a Belo Horizonte conhecer o trabalho da Helena... Então, é muito curioso como ela, uma mulher de um lugar distante, de uma cidade interiorana, de um estado periférico, ela dá conta de se antenar com o que tinha de mais... Então eu acredito que ela tenha ido pra UDN na época que ela foi vereadora, a função ainda era voluntária... Então... E ela tinha um trabalho, trabalho não, ela tinha uma vivência de igreja muito profunda e ela chegou a pensar em ser freira, como ela diz no livro dela, e não foi por circunstâncias familiares. Mas, ela teve uma vida marcada pela profunda religiosidade e pela ascese. E então você vê que ela diariamente

assistia a missa quando ainda adolescente na capela da Santa Casa. Ela acordava, assistia a missa das 5 ou 6 da manhã, comungava e depois ir para a escola Pestalozzi dar aula, a tarde ela tinha aula no ginásio. Mas ela conservou o hábito de assistir a missa e comungar toda vida, tanto que ela morava na Rua Rio Branco há uma quadra e meia da Igreja São José. Quer dizer que, não era por acaso que ela morava, essa escolha tinha haver com a proximidade com o templo que ela frequentava diariamente, tá. Então, ela era uma mulher católica e a igreja católica nessa época em que ela teve atuação política tinha uma presença muito vigorosa em fazer política partidária, contemporânea a ela lá em São Paulo tinha o Padre Godinho e havia vários outros clérigos que inclusive disputava a política partidária, tá. Então você tinha essa vivência religiosa que obviamente deve ter sido mobilizada nas eleições. Ela tinha o trabalho como educadora e como benemérita. Ela tinha uma extraordinária penetração social era uma figura muito respeitada... Então eu acredito que com o apoio do partido obviamente, com esses predicados e com essa inserção social que ela tinha não foi complicado ela se eleger. Mas a gente não percebe você vê que ela escreve a biografia dela e sequer menciona a atividade política partidária, quer dizer?

E: Ela só cita algumas reuniões que ela teve na Câmara. Eu consegui levantar dados sobre a atuação dela na Assembleia. Ela tinha muito embate político lá, porque ela buscava trazer recursos para Campo Grande e ela conseguia.

PC: Inclusive foi importante na criação na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Ela como deputada contribuiu para trazer recursos. Já nos anos 40 tinha batalhado pela criação de uma faculdade de Farmácia e Odonto que houve aqui, como deputada em 1962 ela apoiou muito Maymone para trazer a faculdade que foi o embrião do Instituto de Ciências Biológicas da futura Universidade Estadual e depois se federaliza e vira a UFMS. Oliva está lá na origem na Faculdade de Farmácia, mas ela não fala quase da atuação política que ela teve, e é isso... Esse silêncio! Eu acho que ele é muito expressivo e agente deve fazer a leitura do silencio. Por que uma mulher que foi a primeira mulher há ser eleita no Mato Grosso uno, a primeira vereadora e depois a primeira deputada estadual, quer dizer...

E: E ela não continuou a carreira política.

PC: Está certo que logo na sequência veio o golpe de 64, mas eu quero crer que isso não seria impedimento pra ela prosseguir, porque afinal ela estava na UDN num espectro político conservador e após 1964 de repente ela talvez estivesse mais espaço do que antes... Porque as forças progressistas estavam todas alijadas das. Então ela poderia ter tido um espaço maior na cena política pós 1964. E, entretanto, ela não se candidata. Então deve ter havido alguma coisa muito decepcionante pra ela de alguma forma dar as costas para política partidária. Quer

dizer que, ela continua que como descrevi no meu texto o que eu penso... Ela continua militando a causa da educação, mas ela abandona a política partidária. Então a gente pode especular... Será que ela se desencantou com algumas pessoas? É uma hipótese. Será que ela percebeu que se tratava de um jogo pesado e não estava a fim de joga-lo? É outra hipótese. Porque de alguma maneira tudo aquilo que ela conquistou e não foi pouco, eu acho que essas conquistas foram um pouco comendo mingau pela beirada com aquele jeito quase freira que ela tinha, você conheceu Tia Oliva?

E: Não, mais assim pelo tanto que eu li e pelas fontes que eu leio e que eu encontro parece que eu a vi.

PC: E o Hildebrando Campestrini a chamava de 'Santa Oliva', porque ela tinha essa coisa da santidade, porque ela era uma figura realmente impar. Ela, e eu sei disso, ela viveu até no seio familiar situações que eram contrárias digamos ou que de alguma maneira divergentes de tudo aquilo que ela acreditava e dos valores dela. E, entretanto, ela era incapaz de uma palavra de censura ao comportamento de quem quer que fosse, sabe ela era assim. Era uma figura que acolhia as pessoas sem julgamento, por exemplo, esse meu amigo Eduardo, ele teve um primeiro casamento que foi muito rápido e ele pouco conviveu e divorciou e ele conheceu a segunda mulher que foi a mulher que ele teve toda vida. Mas eles não eram casados, porque havia lá alguns impedimentos de ordem formal. Então viviam juntos em uma relação concubinato e quando ela pode se casar na igreja, já tinha lá uns filhos que foram é os daminhos e tal, foi uma cerimônia muito simples lá na capelinha do educandário na Santa Teresinha no domingo pela manha nós fomos. Tia Oliva estava nos céus de pés de fora e não se continha de felicidade e alegria por que para ela era muito importante àquela benção na igreja e aquele casamento religioso. Então ela estava felicíssima pelo fato de um sobrinho neto que também era dileto dela ter se casado na igreja. Porém, antes dele se casar ela nunca teve uma palavra sequer de desaprovação, de censura e do que quer que fosse. Ela tinha uma capacidade de entendimento, de acolhimento e de respeito às pessoas. Então, eu acho que esse jeito dela meio santa garantiu que ela transitasse por muitos lugares e conseguisse as coisas que ela conseguiu, por exemplo, quando ela vai para o Rio para falar com o filho de Miguel Couto, que não lhe dá muita trela e ela descobre que tinha um cara lá no Rio mesmo, Roberto Mange que estava organizando o Sistema S e a escola SENAI. E ela vai e consegue trazer uma unidade SENAI para cá, para Campo Grande. Eu acredito que ela conquistasse essas coisas porque as pessoas percebiam que era genuíno o interesse dela pelo bem comum. Ela não estava reivindicando uma coisa em prol de si, mas da coletividade e eu acho que isso de alguma maneira devia ficar patente para os interlocutores.

E: Ela sempre se preocupava com os trabalhadores que não tinham condições de pagar um estudo ou um curso profissionalizante.

PC: Ela tinha esse compromisso né... Até porque a conferência do Miguel Couto foi muito decisiva para ela compreender a importância da educação. Ela própria, quer dizer, ela consegue ajudar a família porque ela buscou a educação e se qualificou e graças à qualificação dela, que ficou entre as irmãs foi que teve maior escolaridade, ela pôde ser o esteio de toda a família. Então ela tinha essa compreensão não só porque Miguel Couto disse, mas porque ela própria intuitivamente percebeu que esse era o caminho. E então vem um teórico e confirma pra ela que o caminho era esse. E aí ela agarra tudo que ele propõe e cria a Sociedade Miguel Couto em 1939 no modelo que ele havia preconizado. Então quer dizer... Uma mulher idealista! Essa chama de idealismo eu acho que foi fundamental para lançá-la na vida pública e alguma coisa da realidade que agente desconhece o que seja deve ter causado uma profunda decepção.

E: Causou uma decepção nela... Porque ela vivia no meio da política e na prefeitura. Eu acredito que ela sim, pelo seu trabalho árduo na prefeitura ela foi organizando a prefeitura, os espaços e os departamentos.

PC: E agente não pode esquecer o seguinte, quando ela entra na prefeitura nos anos de 30, Campo Grande ainda era uma cidade bem pequena. Ela assume lá uma função administrativa, por exemplo, vai ter uma reunião para a organização do IBGE e então ela é chamada pelo IBGE lá em Cuiabá e é lá que ela tem contato com a conferência do Miguel Couto. Depois, à medida que a cidade vai crescendo novas dependências administrativas vão sendo criadas, mas ela permanece, por quê? Porque de alguma forma ela era a memória administrativa da prefeitura e ela passou por vinte, vinte e poucos, entre prefeitos e intendentes, porque havia...

E: Eu mesmo a achei documentos em que ela assumiu o lugar do prefeito em um período de 3 a 4 meses.

PC: Ela própria chegou a exercer a prefeitura embora isso não apareça. Ela atendia aos prefeitos independentemente, claro que ela tinha uma ligação forte com a UDN, mas ela atendia a todos indistintamente. E por que é que ela se fez tão necessária? Justamente porque no final ela acabou sendo a memória administrativa da prefeitura. Ela se apropriou daquela b burocracia pública. Então, a medida que essa máquina burocrática se amplia e outras pessoas chegam, mas ela se conserva na ascendência porque ela tinha a primazia de ser uma das mais antigas. Nessa função ela conhecia todos os funcionários e podia inclusive estimular os talentos como foi o caso do Pedro Chaves pai que eu te relatei. Então, claro isto tudo deu para ela uma bagagem que foi útil, sobretudo na vereança. Mas quando ela vai para Cuiabá e vê

que o jogo político podia ser muito mais pesado do que era uma câmara municipal. Ainda era naquela velha ordem do período colonial e ainda durante o império se chamava dos homens bons, quer dizer, eram pessoas de reputação ilibada, que se dispunha a exercer o cargo público voluntariamente e sem qualquer retorno financeiro. Bem parecido com hoje né! Então não é à toa, quando você pega o time de vereadores que se tinha no passado eram pessoas que contaram para a sociedade e que tinha o envolvimento com a busca do bem comum como era o caso da Oliva. Então eu não sei, quer dizer seria necessário e eu imagino que em Cuiabá você irá encontrar.

E: Tem outra professora que acabou de escrever uma dissertação depois que eu comecei a fazer meu projeto, eu pedi documentação lá na Assembleia, e por um acaso ela foi pesquisar outra deputada federal e indicaram os documentos que eu solicitei, ela fez a dissertação e ela foi buscar fontes em Cuiabá. Não existe nada sobre Oliva Enciso só uma ou duas reportagem, as atas eu já tenho. Ai se vê o envolvimento dela na política. Assim, ela consegue as verbas dela e as verbas delas são disponibilizadas, mas dos outros deputados não. Eram aprovados para os outros deputados, mas as verbas só vem para as obras Oliva Enciso. E existe um embate e aparece nas atas entre elas e outros deputados. Por que ela consegue as verbas e os outros não? Sempre o governo chega no momento...

PC: Mas era no governo de Fragelli? Não era. Era o governo de Fernando Correia da UDN e que era daqui de Campo Grande também.

E: Os laços políticos por isso que conseguia, mas o embate, quando você vê os relatos dos deputados, tanto que em todas as atas tratam ela como deputado, "senhor deputado". Tratam-na como se fossem um homem, quer dizer em um espaço que tem só homem veio uma mulher, e já veio o embate né e ela começa a tomar a frente de vários assuntos, principalmente, como a elaboração do estatuto dos servidores públicos que não tinha.

PC: Que era uma causa que ela como servidora publica municipal é verdade, ela sabia a importância disso. Agora o que e surpreendente com esse "back ground", por que ela não continua?

E: Ela começou a tomar a frente de vários assuntos importantes.

PC: Ela não fala nenhuma palavra nas atas? Não fala nenhuma palavra de despedidas?

E: Não, nem do final do mandato, nada... Só aparece numa ata uma questão dela falando que foi viajar para fazer levantamento pro IPEMAT de documento que precisava, e quando ela voltou houve uma discussão lá na câmara entre os deputados. Ela foi e deu um discurso falando que eles estavam ali não para buscar o pessoal deles, mas eles que ter trabalhado na

coletividade, porque o povo precisava deles e também colocou a questão da religião. Isto foi um indicativo dela se decepcionar com a política lá.

Paulo Cabral: Talvez nessa ata você possa encontrar, quer dizer, se eu fosse você talvez não encontrando essa indicação que eu trabalharia o silencio dela na autobiografia, que eu acho extremamente expressivo, quando alguém escreve uma autobiografia conta de toda a trajetória de tudo que ela fez etc... E não menciona... Porque eu não me recordo os cargos eletivos se ela menciona.

E: Ela menciona muito breve ela não fala assim eu trabalhei pra tal público eu fui eleita ou algo do tipo.

PC: Assim você pinça o que ela fala e ela silencia sobre a atividade da política partidária, é uma coisa que ela não quis falar sobre. Quer dizer então, esse não querer falar sobre é uma coisa que afinal é muito importante. Ela é um ícone, ela a primeira mulher, ela não foi apenas vereadora e deputada estadual, ela foi a primeira mulher vereadora e a primeira mulher deputada estadual do Mato Grosso Uno. Isso tem uma carga simbólica muito forte. Aí você pode falar não, que na época ela não valorizou ou não levou em conta isso, mas quando ela escreve a biografia dela já é nos anos 80.

E: Mais precisamente em 1986.

PC: Nesse momento de redemocratização o movimento feminista já estava na rua, e em 1986 já tem um movimento feminista na rua, você já tem toda uma valorização da mulher na política. Eu não sei se já havia, isso eu preciso pesquisar, cotas das mulheres na política em 1986. Enfim, ainda que ela não tivesse valorizado esse pioneirismo na época que ele aconteceu tudo bem. Mas só que na época quando ela escreveu a biografia dela isso já estava posto e mesmo assim ela não fala na biografia dela.

E: E eu acho interessante que foi no mesmo ano que o Dr. Alexandre lançou a autobiografia dele, no mesmo ano os dois lançaram juntos e ele também fala muito pouco sobre a política dele.

PC: Quer dizer que eles devem ter tido desencantamentos profundos, Agora a Oliva, você vai poder trabalhar com essas evidencias indiretas, quer dizer você não vai dispor, tipo tem duas reportagens dela em Cuiabá e nos jornais daqui você já pesquisou?

E: Sim, tem mais sobre a atuação dela na Sociedade Miguel Couto, do envolvimento dela nessas viagens, aparece a viagem que ela vai para o Rio de Janeiro para o Rio de Janeiro, do Senac, dessa luta de trazer a Campanha aqui para Mato Grosso. Depois da política depois que ela saiu ai eu quero ver se ela voltou a aparecer eu tenho o artigo do momento que ela foi escolhida pela UDN, tenho uma reportagem da escolha dela na UDN.

PC: Pois é, a UDN eu acho que você tem que ler a Maria Vitória, porque está vendo um movimento nacional de busca de mulheres com esse perfil de Oliva para lançar na política. Conceição da Costa Neves não esta nesses perfis só a Dulce Sales Cunha Braga que eu acho que era da UDN paulista também ou talvez de algum partido conservador que fazia dobradinha com a UDN. Então eu trabalharia o silêncio dela na autobiografia que eu acho extremamente expressivo, que em história você não, em análise de discurso você não trabalha só com a palavra, você trabalha também com o silêncio e esse silencio tem uma significação muito forte. Eu trabalharia o silêncio, a omissão mais que o silencio, a omissão que ela faz dos cargos eletivos que exerceu.

E: É isso o que a gente busca, eu penso que ela conseguiu muita coisa com esse envolvimento político, pelo capital social que ela teve com os políticos. Ela se organizava com Paulo Coelho Machado e com o José Barbosa Rodrigues.

PC: Todos da UDN, com o Rubens Castro Pinto, que foi prefeito de Bela Vista e deputado federal. Acho que quando ela era deputada estadual o Castro Pinto era deputado federal no Rio de Janeiro e ela levou o CNEC para Bela Vista também. Era todo um movimento articulado, e é uma coisa muito interessante que ela tinha muitos amigos homens, e que era uma coisa rara raríssima para as mulheres desta data.

E: Sim, é isso que eu vejo olho as atas as reuniões ela falou assim nas reuniões da Liga e ela e a única mulher que aparece.

PC: É interessante. Por que ela tem tantos amigos homens? Porque ela uma mulher que transitava nos espaços públicos e convivia muito mais com homens do que com mulheres. Não que ela não tivesse amigas mulheres, mas as amigas delas, inclusive o depoimento em que a Vera Tilder me passou, Vera Tylde de Castro Pinto que era filha do Rubens Castro Pinto que foi prefeito de Bela Vista e deputado federal que era colega de turma da Oliva no Ginásio Pestalozzi. Quando ela vai para o Rio de Janeiro em que ela faz 6 meses de medicina na escola da Praia Vermelha ela fica hospedada justamente na casa dos avós da Vera Tylde que eram os pais do Rubens que tinham casa no Rio de janeiro. Ela vai e fica hospedada lá porque era amiga do filho e eles tinham filhas mulheres e o interessante que Rubens se casa com dona Clotilde que é batista. Oliva foi muito amiga de Dona Tilde, inclusive numa época em que protestante e católico era água e azeite, era censurável e elas eram muito amigas. Tudo bem que Dona Tilde era uma mulher com uma escolaridade legal e uma mente aberta, mas Oliva também, ela tinha inclusive essa capacidade ecumênica que não era comum às beatas. Ela era uma beata e na sua época era extremamente sectária. Oliva era uma figura incrível, se você pensar... Ela escreve uma trajetória absolutamente impar num tempo em que

a probabilidade dessa história ser escrita era mínima, porque ela vai propriamente à contramão de muita coisa. E o curioso, detalhe Pagu estava na contramão de muita coisa. Mas só que Pagu era um anarquista e ela não, ela era uma pessoa totalmente conservadora. Então uma pessoa conservadora como ela era com uma formação extremamente rígida, e que ela se auto impôs, não foi porque no colégio ela era obrigada ou por que...

E: Ela escolheu e ela voltou a estudar por causa da religião e a religião começou a fazer parte da vida dela?

PC: E ela eterniza aquilo tudo e enfim se orienta por aquilo, uma pessoa com essa formação tão rígida tão conservadora ir à contra mão de um monte de coisa como a Oliva fez, ser propulsora de um monte de coisa é profundamente contraditória até. Então, eu acho que na política talvez, o que tenha rolado é a contradição entre a realidade da política partidária e o idealismo que ela carregava consigo e ela não deu conta de harmonizar essas duas coisas. Daí ela não se candidata novamente, dai ela nega até esse pedaço da sua biografia quando deixa de incluí-lo na autobiografia. Então essa é a leitura que eu faço.

E: É uma coisa que eu fico pensando e que eu estou em busca agora, depois será que houve mais atuação política? Porque eu consigo perceber que ela ficou mais na Sociedade Miguel Couto.

PC: Mas aí, ela consegue pleitear e consegue muitas coisas para a Miguel Couto. Ela consegue, por exemplo, que o governo construa uma escola dentro da Miguel Couto. Ela consegue que o poder público ceda professores para a Miguel Couto. Então, embora a Miguel Couto não cobrasse nada dos estudantes e nesse sentido até fosse pública, a gestão da Escola Miguel Couto era da Oliva e não era do estado. E, entretanto ela conseguiu que o estado cedesse os professores e pedagogos. Enfim, todo corpo da escola isso até quando passou pra Mato Grosso Sul na administração do Harry e ela, ela conversou com a Irmã Nilda, com o pessoal da fundação de educação e com o presidente que o Peralta que era o diretor executivo. A Irmã Nilda, a Yara Penteado e a Maria Élida eram as chefes dos setores, mas acho que a Irmã Nilda que cuidava dessa parte pedagógica e a Maria Élida. Toda a vida ela manteve o convênio entre o estado de Mato Grosso Sul e até onde eu acompanhei ela conseguiu esse convênio enquanto a escola Miguel Couto esteve em atividade e pouco antes da morte dela a escola é desativada.

E: E o mesmo aconteceu com o Barão do Rio Branco e com o CNEC?

PC: Não, o CNEC ela implanta, mas eu acredito que logo em seguida ela se....

E: Por que agente vê assim o envolvimento da implantação?

PC: Sim, a depois a cooperativa se reorganiza e ela se afasta. Ela trabalha... Ela semeia escolas como eu escrevi né. Ela trabalha, ela ajuda na criação e depois ela deixa que as coisas caminharem com as próprias pernas. Até que no caso da CNEC a gente tem uma diretora absolutamente descomprometida com a cooperativa que havia e tenta vender pro SESC o prédio.

E: Eh!!!

PC: Você não sabe dessa História?

E: Não.

PC: Uai... Uma diretora muito ordinária eu diria, faz uma negociação por que o SESC está ali do lado e já tinha conseguido comprar irregularmente o ginásio da UCE e queria comprar a coisa para ampliar. Mas, só que a escola Oliva Enciso é uma escola muito boa e os pais muito atuantes, a diretora chega no mês de outubro e fala: "Olha! Busquem escola para seus filhos porque essa escola vai fechar". Porque era um conluio com um cara da CNEC presidente da Campanha Nacional que era lá do nordeste, já tinham traçado na calada da noite todos os pauzinhos para a venda da escola. Os pais ficaram indignados com o golpe, porque teria sido um golpe, e entraram com uma ação porque quem doou o terreno para construção da escola foi a prefeitura, e na hipótese da escola deixar de existir ou teria que ir para um congênere ou retornar para a prefeitura. Eles entraram com uma ação para que retornasse para a prefeitura e a CNEC perdeu o prédio que ela tinha construído e que agora está uma creche na Afonso Pena. Nessa luta foi muito resgatada à importância da Oliva para a doação do terreno e a construção da escola e então até depois de morta Tia Oliva continuou contribuindo com as boas causas.

E: E assim, o envolvimento politico dela que me chama bastante atenção, eu acredito que ela estava ali no embrião pra separar Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Teve um momento da pesquisa que a professora Marisa Bittar que ela fala que Paulo Coelho fez do dia pra noite um relatório de Campo Grande e a região sul para apresentar para o presidente Ernesto Gaisel, ai eu pensei quem ajudou ele a fazer? A Oliva Enciso com certeza, quem que sabia coisas de estatísticas e que tinha acesso pra fundamentar.

PC: Apesar de que nem precisaria de nada disso, porque a decisão já estava tomada com relatório ou sem relatório Ernesto Geisel dividiria, porque era a geopolítica do governo que estava determinando. Ela se manteve, quer dizer, ela fazia política no final da vida só para o Miguel Couto. Ela usou toda a energia dela para Miguel Couto e para também, como a família cresceu e ela como matriarca para ir atendendo as demandas familiares. E foi uma figura. Ela tinha cabelos curtos, usava uma tiara e era uma freirinha. Assim, no dia-a-dia se você fosse lá

no Miguel Couto ela usava uma saia de cos alto e blusas de cambraia (aquelas blusas do Ceará) e nas solenidades ela sempre ia, ela tinha um tailleur cor de rosa de manga curta com uma blusa branca. Então, você poderia saber que ela estaria vestida assim, ela era uma pessoa assim, ela era uma freira e foi uma criatura fantástica.

E: E a cada momento que eu encontro fontes dela e leio, eu vejo que é uma história sem fim. Você começa a escrever e pensar o que você vai tratar como que ela se movimentou, essa relação com a família e como ela pegou todos, abraçou e colocou sobre as asas.

PC: Quer dizer na realidade quando ela diz para mãe que quer ir para o convento, e a mãe diz volte para me ajudar a criar a Carminha e a Conchita que eram as caçulas as irmãs. A Nenita já estava casada quando vieram para cá que era a mais velha e as outras acho que só uma do primeiro pelotão que não se casou. Ficaram três solteiras e quatro se casaram. Mas ela ficou com a responsabilidade para direcionar a família e ela se impôs esse papel e se desenvolveu com maestria nesse papel.

E: E o senhor professor... Você poderia me dar alguns contatos de alguém da família de Pedro Chaves que conheceu ela, porque assim com essa relação que o senhor disse que ela teve e interessante a gente compreender melhor.

Obs: Pausa para a leitura da biografia da professora Terezinha, neta de Pedro Chaves.

PC: Comprar a biografia da Teresinha.

E: É interessante porque eu achava que a família de Pedro Chaves era da elite.

PC: Na verdade eles foram paupérrimos. Tanto que os turcos pobres moravam na rua 7 de setembro próximo do mercado e eles eram tão pobres que eles moravam com a paraguaiada na Vila Carvalho, que na época no começo dos anos de 20 aos 30 quando eles vieram de Ponta Porã a periferia de Campo Grande era a Vila Carvalho. Eles foram muitos pobres, têm os relatos no livro, mais a despeito da pobreza material o pai era uma pessoa iluminada, e tinha claro o valor da educação. Ele comprava livro e a mulher ficava brava, pois ele gastava dinheiro com livros. Você calcula numa casa pobre eles tinham uma biblioteca alentada, tinha português, matemática e enfim tudo. Graças a esse meio, e nesse meio só a filha mais velha não pode estudar tanto porque ela com doze anos já costurava para fora, Dona Maria para ajudar no sustento da casa e dos irmãos. Tanto que todos tem um carinho muito grande por ela e a mimam até hoje, porque eles são gratos pela renuncia que ela fez em prol da família. Mas os outros todos puderam estudar que havia um estímulo muito grande na casa e ai construindo todo esse império. Está tudo relatado no livro.

E: Sobre a escolarização de Oliva Enciso?

PC: No meu entendimento Oliva sempre foi uma menina muito vivaz. Ela aprende as primeiras letras ainda com o tio ainda na fazenda vem para a cidade de Corumbá-MS, frequenta a escola regular e tem um desempenho satisfatório... E de repente... Ela para de estudar e se recusa a voltar para escola, embora que nem ela própria tivesse consciência, a leitura que eu fiz ao examinar a autobiografia dela e a seguinte... Ela foi caçula durante 10 anos, era filha predileta do pai, que havia prometido para ela uma viajem para Asunción quando fizesse 15 anos, e ai chega primeiro uma e depois a outra irmã, duas intrusas. Como ela reage à vinda dessas temporãs? Destronando-a de alguma forma. Deixando de ir para escola, "não vou mais estudar, vou ficar dentro de casa", até para ter algum controle sobre essa situação nova e sobre essa nova configuração familiar. Então eu entendo a interrupção dela como uma reação a essa nova configuração familiar com as chegadas das irmãs temporãs. Posteriormente, ela percebe que é preciso estudar, volta e se desenvolve com um brilho, porque ela já era uma boa estudante e continua sempre... Ela só retoma ao perceber que era importante que ela teria mais oportunidade. Agora no momento que ela interrompe a família também não reage porque para a época, sei lá meados dos anos 20, o terceiro ano primário era a escolaridade já muito suficiente já para um menino, para uma menina o que dirá que não exigia muita escolaridade... Então era mais do que satisfatório, por isso que eles também não impuseram que ela prosseguisse.

E: Muito obrigado!!!

Campo Grande – MS, 14 de abril de 2019.

Depoente Paulo Eduardo Cabral

Pesquisadora Adriana Espindola Britez

Local: Residência do depoente.

ARQUIVO: 02

DURAÇÃO: 39 min.

DATA: 12/09/2018

Transcrição de entrevista - Heitor Rodrigues Freire

E1: Entrevistadoras Adriana Espindola Britez

E2: Abigail Ferreira Alves Astofe

HF: Senhor Heitor Rodrigues Freire (Corretor de imóveis e advogado. Ele estudou no Ginásio Barão do Rio Branco e conheceu a professora Oliva Enciso).

E1: Primeiro momento eu então apresentei a entrevista para o Sr. (Código de identificação eu vou pôr na pesquisa se o senhor. autorizar porque no TCLE tem o "autorizo a divulgação do meu nome"

HF: Autorizo, e coloque Heitor Rodrigues Freire.

E1: Idade: 78 anos

E1: Estado Civil: Casado

E1: Nivel de escolaridade:

HF: Ensino Superior em Advocacia – DIREITO.

E1: O Senhor conheceu Oliva Enciso?

HF: Sim, conheci desde guri, acontece o seguinte nós tinhamos uma casa de comércio aqui na Rua 7 de Setembro entre a Rua 13 de maio e a Rua Rui Barbosa no centro de Campo Grande, MS. O meu pai conheceu Oliva Enciso e era um grande admirador dela e do trabalho dela e ele chegou a doar uma área, pois ele tinha uma fazenda aqui na saida pra Três Lagoas e ele doou desta fazenda, ele comprou essa fazenda como se tivesse 1500 hectares então ele doou para a Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes, que era a entidade que dona Oliva criou aqui e ele doou 300 hectares com o que precisa para doar essa área e localizar ele precisou fazer uma medição da área e nessa medição ele viu que não tinha 1500 hectares tinham só 900 hectares. A dona Oliva quando soube falou para o papai o seguinte: "Olha não precisava doar porque o senhor achava que tinha tantos e agora tem bem menos". E papai disse: "Não, minha palavra é uma só, eu doei e está doado". E doou os 300 hectares para a Sociedade. Então ai houve uma ligação, assim de amizade muito forte e meu pai doou mesmo essa área para ela, para a escola e para a Sociedade. Então nós tinhamos assim uma ligação muito próxima, papai estava sempre lá onde era a Sociedade e eu guri acompanhava algumas vezes. Depois quando eu fui estudar o ginásio eu estudei lá, da 2ª a 4ª séries, nos anos de 1953, 1954 e 1955 no Ginásio Barão do Rio Branco que foi criado por ela também. Então o diretor naquela época era o Nelson Pinheiro, diretor do Rio Branco, depois veio a ser diretor e

professor Arassuay Gomes de Castro, Professor Castro. Então esse relacionamento foi por causa disso, então a dona Oliva foi a primeira vereadora como você já colocou aqui, primeira deputada estadual, uma pessoa séria, uma pessoa com uma humanidade muito grande, simples, falava baixinho, mas falava com muita clareza o pensamento dela e tinha um relacionamento muito fácil com todos, todo mundo respeitava a dona Oliva. Era uma pessoa assim aqui na cidade muito respeitada e ela permaneceu solteira, não casou e permaneceu solteira a vida toda. Viveu até a sua morte teve uma atuação muito grande em todos esses campos de assistência social, na juventude ela sempre estava e tinha um olhar voltado diretamente para dar amparo ao menor que estivesse carente. Tanto que na Sociedade Miguel Couto eles tinhas uma espécie de internato ali, onde ela recebia os meninos e dava alimentação e era a escola também.

E1: O senhor tem alguma imagem ou fotografia dessa época com Oliva Enciso, com seu pai ou do Barão?

HF: Não tenho e nem do Barão, talvez você consiga isso com o sobrinho-neto dela, o Eduardo, ele deve ter muitas fotos dela. Você já falou com ele?

E1: Não, ainda não, só consegui falar com a sobrinha dela.

HF: Não, mas o Eduardo é quem ficou como presidente da Sociedade, e ele andou com ela por tudo quanto é lado. Então quando ela morreu ele que ficou administrando a sociedade. Então o Eduardo é uma pessoa indispensável para vocês terem uma fonte de informação muito próxima além do grau de parentesco do relacionamento que ele andou com ela, ele viveu com ela a vida inteira. Então ele, vocês tem que falar com ele de qualquer maneira. Ele deve ter muitas fotos.

E1: Eu vou buscar o Eduardo, até fiquei de ligar para ele, eu vou fazer a entrevista com o senhor, e também o professor Paulo Cabral também falou que o Eduardo ficou e acompanhou o trabalho.

HF: O Eduardo é a fonte mais substanciosa de informações de fotos e de tudo os documentos, tudo, tudo.

E1: Assim, como o senhor era menino na época o senhor viu ou lembra ou tem recordações como que era a família dela de Corumbá-MS, como que eles vieram?

HF: Não, eu sei que ela veio de Corumbá agora se você for ao Instituto Histórico Geográfico, eu sou membro e fui vice-presidente por muito tempo lá, ele fica na Rua Calógeras n. 3000, e procura a professora Madalena. Ela é diretora executiva e lá deve ter algum livro a respeito da dona Oliva Enciso e ali tem a história da família dela, de Corumbá, de quando vieram para cá, de quando morava ali na Rua Rio Branco, e pela vida toda ela era, ela tinha outra

característica é que ela era muito católica. Ela assistia a missa todos os dias, então como ela morava na Rua Rio Branco, era só dar a volta ali e já estava na Igreja São José. Ela estava sempre ali na Igreja São José que fica na Rua Padre João Crippa, então ela saia da casa dela virava na Rua Pedro Celestino e já chegava à igreja que ficava duas quadras da casa dela, e então ela assistia as missas, a primeira missa todos os dias ela assistia. Ela era muito católica.

E1: Isso é a expressão dela, o catolicismo dela... E sobre a escolarização dela?

HF: Acho que ela era normalista, se não me engano ela era normalista e foi professora, foi professora a vida toda também.

E1: Isso que é uma das questões, ela relata na autobiografia dela que ela só deu aula no início quando ela foi aluna na Pestalozzi.

HF: Foi, porque ela, logo depois que ela começou a trabalhar... Vamos ver se tem algo sobre ela. [...] pausa. Vamos ver se descobrimos algo da escolarização dela na coleção. Então tudo você vai descobrir nesse livro e sobre a escolarização dela. Outra professora fantástica Maria Glória Sá Rosa que escreveu.

E1: Porque a gente descobriu que ela só deu aula no Pestalozzi.

HF: É... Então ela deve ter dado aula muito pouco, por que depois ela se dedicou foi se não me engano ela foi secretária de educação também, e começou com esse trabalho de administração da Sociedade Miguel Couto que tomava o tempo dela todo então, mas ela gostava mesmo era de ser chamada de professora. Então você tem esse livro, você tem informação dela.

E1: Então o magistério foi uma escolha, não no magistério, mas atuar na educação para o menor foi uma escolha dela?

HF: Foi uma escolha dela, por que ela tinha o ideal dela voltado para a criança carente como eu já te falei então isso tomou a vida dela todinha.

E1: Desse livro eu li uma parte que falava assim que na Rua Barão do Rio Branco residia a professora Oliva Enciso uma das mulheres mais brilhantes de Campo Grande.

HF: Ela era um exemplo uma mulher luminosa. Ela era e apesar dessa maneira simples, como te disse de falar baixo, ela era muito firme e ninguém a levava no bico não. Ela era uma pessoa séria, ativa, trabalhadora, muito firme nas suas convicções, no seu ideal, uma pessoa admirável.

E1: Uma das questões que surge no meu trabalho é em questão da atuação politica dela. Ela foi a primeira vereadora e a primeira deputada do estado de Mato Grosso, mas quando ela termina o mandato dela ela, assim abandona a política partidária?

HF: Totalmente.

E1: Aí ficou uma indagação... Por que ela abandona essa política partidária? Se ela era uma pessoa com visão e que tinha capacidade.

HF: Totalmente, é ela tinha mais eu não cheguei, a saber, o porquê que ela abandonou... Era uma interrogação mesmo que a gente fazia, porque ela granjeou um respeito muito grande politicamente falando, no estado e na capital em Cuiabá. Ela ia lá participar dos trabalhos legislativos e então eu não entendo o porquê que ela não continuou. A ideia que eu tenho é que ela viu que ela ia contribuir muito mais com o trabalho dela aqui na Sociedade Miguel Couto do que no exercido das atividades parlamentar.

E1: Essa é uma das suas hipóteses?

HF: É uma hipótese e eu acredito que é a mais possível de ser, isso o Eduardo Fontoura vai te explicar, porque ele vivia na intimidade com ela todos os dias juntos, ele que conduzia ela pra cá e pra lá. Então ele foi um filho dela e ele tinha um carinho todo especial como todo mundo tem ela dona Oliva, quem a conheceu via aquela pessoa que nem eu te falei uma pessoa doce, acessível, tranquila, mas firme.

E1: O senhor lembra assim das pessoas e como foi à atuação dela no Ginásio Barão do Rio Branco?

HF: Ela foi a instituidora do ginásio, porque o ginásio fazia parte de uma Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, era um movimento nacional como dizia o próprio nome e ela conheceu essa companha acho que no Rio de Janeiro, e de lá ela pegou as informações e foi credenciada para abrir aqui o Ginásio do Barão do Rio Branco e o ginásio aprovou muita gente, mais muita gente, e também a própria instituição era gratuito. O que os professores ganhavam lá era muito pouco e ensinavam mesmo por força do ideal como ela mesma.

E1: Os professores naquele período eram mais idealistas?

HF: A gente que estudou lá, nós tínhamos uma formação não só intelectual, mas principalmente humanista pelo clima que havia ali, pela energia que havia na escola. Era algo assim fora do comum.

E1: O senhor tem guardado, porque às vezes as pessoas guardam algo assim, como caderno alguma coisa ou como recordação do ginásio?

HF: Eu vou procurar e entro em contato no seu telefone.

E1: É porque a gente pesquisa e é muito difícil de encontrar documentos do ginásio, a Abigail conseguiu poucos documentos.

HF: Você podia perguntar para a Mariazinha, talvez ela tenha alguma coisa. A Mariazinha é a viúva do professor Castro. Eu vou perguntar aqui, porque se ela tiver você já vai para lá falar com ela, se puder hoje ainda ou quando você puder.

E1: O senhor se lembra como era o trabalho da Oliva Enciso na prefeitura?

HF: Na prefeitura, ela era secretária de educação.

E1: Antes de ser secretaria?

HF: Ela era funcionária da prefeitura por muito tempo. (pausa para ligação).

E1: E assim o senhor se lembra das pessoas que faziam parte das relações políticas e social da Olivia Enciso, políticos?

HF: Todo pessoal daquela época, que era amigo mais também já faleceu, professor Alcídio Pimentel, que também foi secretário de educação muito tempo. Quem parece que estudou lá no Rio Branco foi o Levi Dias. Levi Dias que foi prefeito de Campo Grande por duas vezes, foi deputado estadual, foi senador e tenho quase certeza que ele estudou lá.

HF: Número do Levi, celular (67)98116-4477 escritório (67)3341-3129, o Levi vai lembrar, pois ele gosta muito dela também, ele conviveu com ela também e ele estudou lá quase certeza absoluta que ela estudou no Ginásio Rio Branco essa lembrança que tenho dele que ele foi estudante lá também.

E1: O professor Paulo Cabral falou que havia uma relação entre a família de Pedro Chaves com Oliva Enciso.

HF: Acho que não teve assim nenhum relacionamento com ela, que eu saiba não, pode ser que tenha, mas eu não sei, pode ser que tenha, mas eu não sei.

E1: Então o trabalho dela na prefeitura era mais burocrático?

HF: Era, depois ela foi secretária, mas ela trabalhava no setor administrativo.

E1: A atuação dela na política, qual a hipótese do senhor, porque ela se envolveu nessa política partidária?

HF: É ela era da UDN, então naquela época eram bem cristalizados os partidos era a UDN, PSB e PTB, eram os três partidos mais atuantes aqui, mas não sei por que dela se envolver na politica, mas o fato dela ser da UDN não impedia que ela se relacionasse assim ela se relacionava com todas as pessoas, porque todas as pessoas tinham um respeito muito grande por ela, então essa atividade partidária dela não impedia que ela se relacionar com todo mundo, com todas as pessoas.

E1: Isso é uma marca dela, então?

HF: Humildade, a simplicidade, a dedicação ao trabalho, a firmeza no ideal e essa continuidade que ela sempre deu, e outra característica marcante dela é a religiosidade, como falei para vocês ela era católica praticante a vida toda.

E1: Sobre a atuação dela como vereadora agente observou que ela atuou mais como deputada, como vereadora ela não apresentou tantos projetos o senhor se lembra?

HF: Não, desta atuação parlamentar eu não sei de nada, só sei do fato que ela foi vereadora e depois deputada.

E1: O que o senhor considera que foi marcante nessa trajetória dela, pensou em Oliva Enciso se lembrou dela?

HF: Na Sociedade Miguel Couto, nessa assistência ao menor carente, Sociedade Miguel Couto dos Amigos do Estudante esse era o nome e o Ginásio Barão do Rio Branco. São as das iniciativas no campo da educação que marcarão a vida dela e a trajetória dela aqui na nossa cidade.

E1: E além da política ela também se dedicou a escrever poesias e é conhecida como uma grande escritora.

HF: Ela era membro da Academia Mato-Grossense e depois Sul-Mato-Grossense de Letras, ela era membro, ela era uma das imortais lá. Uma pessoa também que se destacou muito no campo da literatura, ela escrevia poesias.

E1: O senhor lembra-se de ela ter comentado alguma coisa do por que ela escrevia?

HF: Não, por que ela escrevia na minha lembrança, como um ato natural dela, para registrar a inspiração que eventualmente ela tinha. Então ela registrava na poesia ou nas crônicas.

E1: Ela fez parte de quais instituições, só da Academia de Letras, mais voltada na parte da cultura?

HF: Na cultura, acho que é só na Academia mesmo, por que naquela época não tinha muitas instituições. Ela morreu em 2005 e já tinha o instituto, mas ela não chegou a participar do Instituto Histórico Geográfico, que era presidido pelo professor Campestrini, também outra pessoa fantástica de nossa história e da nossa cultura.

E1: O senhor lembra-se de como era essa atuação dela na Academia?

HF: Não, a atuação dela aqui na Academia não é até hoje algo assim, que é só os acadêmicos que vinham ali, se reúnem e fazem uma iniciativa de lançamentos de livros e por ai a atividade deles. Não tem um envolvimento especifico na área da cultura, só na referência dos acadêmicos, cada um tem a sua produção literária que escreveram e que divulgavam, mas assim no campo da cultura não conheço nada que tenha feito de uma forma marcante para a sociedade que venham a olhar como uma iniciativa da academia. Eles tem uma pagina deve ter mais de 50 anos no Correio do Estado, porque o professor Jota Barbosa Rodrigues que era o dono do Correio do Estado era acadêmico e foi também presidente da Academia. Então ele desde o começo da Academia ele deixa todo sábado uma parte para a divulgação de poesias, dos artigos e das informações sobre a Academia de Letras.

E1: Eu também já observei que o Barbosa Rodrigues foi muito amigo da Oliva Enciso?

HF: Da professora Henedina, a mulher do Jota Barbosa?

E1: Do Jota Barbosa com Oliva Enciso?

HF: Sim, ele também era da UDN, é o jornal Correio do Estado foi criado pela a UDN.

E1: Também vinculado a UDN. O senhor Heitor e que nós observamos que a Oliva Enciso se tornou a matriarca da família, toda a família girava em torno dela e era interessante que ela era uma mulher católica, frequentava diariamente a igreja e ao mesmo tempo ela tinha essa força de estar no meio dos homens. Ela ali naquele ambiente?

HF: Sim, ela era muito respeitada, ela era respeitadíssima, umas das pessoas mais respeitadas aqui em nossa cidade era ela. Dona Oliva chegava e todo mundo reverenciava a pessoa dela, era uma característica também, era interessante que ela chegava naquele jeitinho dela, a simplicidade, mas ela se impunha a figura dela sem precisar fazer discurso nenhum e câmeras miravam. Ela chegava e todos voltados pra ela, pelo que ela representou aqui em nossa sociedade.

E1: O senhor se lembra de ou alguma memória dela, na divisão do estado, no momento da divisão, participação?

HF: Não, deve ter, mas eu não tenho nenhuma documentação ou referência dela nessa atuação dela especificamente, porque eu não sei se ela queria que dividisse o estado, por que as pessoas lá de Corumbá, e ela era de Corumbá, não eram muito atuantes nesse ideal de dividir o estado.

E1: E ela veio pequena de Corumbá, mas ela manteve um vínculo com a cidade?

HF: Ela veio pequena, praticamente viveu a vida toda aqui em Campo Grande.

E1: Em sua opinião, o que permanece em sua memoria sobre Oliva Enciso nos campos social, políticos e educacional?

HF: É isso tudo que eu já te falei, a memória viva que a gente tem dessa participação e de tê-la conhecido, de ser testemunha do trabalho dela, é isso que eu tenho. Sempre que falar de Oliva eu estou sempre disposto a conversar e até obter informações, eu sei muito dela principalmente pela vivencia pela proximidade de certa forma minha mãe era muito amiga dela, então, mas assim, é isso que nós estamos falando aqui.

E1: Em sua opinião quais foram as contribuições da Oliva Enciso? O senhor disse a Sociedade Miguel Couto e o Ginásio Barão do Rio Branco.

HF: E o exemplo da vida dela, que foi voltada para educação, voltada para, vou dizer novamente, voltada para o menor carente... Ela sempre esteve voltada, e ela ia lá e ficava com os meninos, vocês precisavam descobrir. Pergunta para o Eduardo sobre os ex-alunos, que ai vocês iram obter uma fonte muito rica dos alunos, todo mundo amava, todos idolatravam

dona Oliva. Havia assim... E ela sempre estava junto com todos ali da escola. Então, os alunos daquela época, você precisa descobrir e tem muito, por muitos anos, o Eduardo deve ter informações.

E1: Foi realizada uma pesquisa com a Dayane Freitas também, ela é de Cuiabá e quando eu comecei meu projeto de pesquisa eu solicitei documentos na assembleia e no mesmo período ela foi pesquisar outra deputada estadual lá, então indicaram a Oliva Enciso e então ela fez um estudo em Cuiabá e veio para Campo Grande e consegui entrevistar alguns alunos que foram da Sociedade Miguel Couto e se não me engano ela conseguiu 4, e o que eles relatam e que ela não ficava, eles viam ela de longe porque ela ficava mais na parte administrativa.

HF: Ela ficava mais na administrativa sim, mais que eu me lembro de que ela sempre circulava no meio dos meninos e eles falaram que não?

E1: Eles relataram para essa professora de Cuiabá que ela ficava mais na administrativa tanto que tinha o diretor e ela.

HF: Ela era diretora, tanto que lá a diretoria e a administração ficavam de um lado da rua e a escola ficava do outro lado na Rua Joaquim Murtinho, mas a lembrança que eu tenho é que ela participava e estava sempre junto, mas eu não tive essa vivência ali da escola, por isso que é bom pegar os alunos.

E1: Eu vou buscar esses alunos de lá, eu acho que dois foram internos?

HF: Mas teve muita gente, se você conseguir uma relação com o Eduardo vai ser uma fonte rica de informação.

E1: Como o senhor define o papel social da Oliva Enciso no período de atuação política educacional, neste olhar uma agente feminina, uma mulher que atuou em Campo Grande num período de 1930 a 1950, que era um período que as mulheres a recentemente estavam saindo para o mercado?

HF: Mulher foi depois de 1930, mulher não participava, e ela participou de uma forma marcante, mais sem ser ostensiva, sem colocar um destaque com o fato de ela ser uma mulher que esta na sociedade, não, ela se sentia em minha avaliação como uma pessoa participante da sociedade, mas não no sentido que a gente vê muito hoje, de criar uma disputa, nunca pelo contrario, ela era uma pessoa de conciliação, de união, de integração, ela em nenhum momento teve uma participação no sentido de falar: "Olha eu sou mulher, porque eu represento as mulheres", nada disso. Desse jeito não.

E1: Isso foi marcante na trajetória dela?

HF: Marcante e natural, como já te falei algumas vezes, pela simplicidade dela que se impunha naturalmente, ninguém nem lembrava que ela era mulher, porque a participação dela era como cidadã e como pessoa.

E1: Tanto que eu localizei algumas atas da câmara de deputados, e nas atas ela e tratada como "Senhor Deputado" e isso me questionou...

HF: Senhor deputado, disso não sabia, o machismo dos cuiabanos.

E1: Ficou em indagação, será que ela sentiu o peso da política masculina dentro da Câmara?

HF: Isso eu não sabia, que barbaridade né, mais e a época, e a primeira mulher, mais também não tinham por que tratarem ela assim.

E1: E eu pensei lá ela conseguiu se impor, porque ela conseguiu apresentar vários projetos e foi uma diferença, lá ela apresentou vários projetos e aqui na Câmara não, e fica essa dúvida de como que houve essa diferença.

E1: Finalizando se o senhor pudesse escrever uma frase para eu pôr em meu relatório de tese sobre Oliva Enciso qual frase o senhor falaria dela?

HF: A simplicidade e a modéstia em pessoa.

E1: Obrigada senhor Heitor, é isso... Obrigada pela contribuição.

Campo Grande – MS, 20 de março de 2019.

Depoente Heitor Rodrigues Freire

Pesquisadora Adriana Espindola Britez

Local: Residência do depoente.

ARQUIVO: 03
DURAÇÃO: 01h09min: 18
DATA: 19/09/2018

Transcrição de entrevista com a senhora Maria Inês Puga de Barcelos

E: Entrevistadora Adriana Espindola Britez
MI: Senhora Maria Inês Puga de Barcelos (Sobrinha de Oliva Enciso – filha de Maria da Conceição)

E: Sobre Oliva Enciso, a infância e a família. Quem eram seus pais e a sua origem?

MI: Era o meu avô e minha avó, porque ela era irmã da minha mãe, meu avô Santiago Enciso e minha avó Martinha Enciso. A vovó era nascida em Corumbá, criou-se em Corumbá e conheceu o vovô lá. Ele vinha do interior do Paraguai, eu acho que, não sei se é Assunção ou uma daquelas cidades, não sei ao certo a cidade que ele nasceu e ele veio parar em Corumbá. Tinha uma fazenda e eles se casaram e tiveram as sete filhas lá nessa Fazenda Taquaral, que tia Oliva conta no livro. E ele morre cedo, tinha as duas últimas, que era minha mãe e a menor. Elas eram pequenas, com três e com um ano, e as outras adolescentes e meninas, e vovó acabou que se mudou de lá de Corumbá para cá para Campo Grande, porque não dava para sobreviver da fazenda era pouca coisa. O sócio eu acho que não entregou tudo que ela tinha direito. Enfim ela mudou-se para Campo Grande. A filha mais velha tinha acabado de casar, estava com 20 anos e se casou com um baiano, um homem muito competente, muito preparado, tinha condições financeiras e falou que ajudaria a vovó criar as outras filhas pequenas e mudaram para Campo Grande em 1923. Assim que vovô morreu e aqui ela se instalou. A vovó sempre trabalhou dentro de casa, trabalhou como costureira para ajudar, para sobreviver e as outras filhas também. A primeira casada e depois que casou a outra, duas solteiras trabalhavam uma dentro de casa, a outra costurava e a vovó também costurando e assim foi mamãe. A tia Oliva foi quem se destacou no estudo, porque naquela época era difícil uma mulher fazer o primário, chegar no ginásio e já parava e ela não... Ela prosseguiu e acabou entrando na Medicina no Rio de Janeiro, brilhantemente, na Praia Vermelha. Enquanto isso mamãe e a outra minha tia caçula que eram temporonas, muito temporonas foram crescendo... Aí até que ela larga Medicina vem para cá para ser freira e a vovó diz: "Ah minha filha, poxa, você que seria para me ajudar porque você tem competência e tal, você vai para um convento? " Ela ficou meio assim, mas a minha vovó também não falou: "Não, não vai". Ela simplesmente falou: "Tá bom mamãe, eu vou ajudar sim essas duas pequenas e eu não vou ser freira, mas eu vou dedicar minha vida ao próximo. Eu quero montar um orfanato." E nisso ela já procurou emprego e já entrou na prefeitura. E aí foi secretária de prefeito, ela foi muito competente e foi buscando lugar certo dela. Deu aula no Dom Bosco, que estava começando e que era do João Tessitore. Enfim, ela se destacou muito na prefeitura como alta funcionária e braço direito dos prefeitos e ali foram surgindo as ideias... Então, ela resolve montar esse orfanato para atender as crianças abandonadas. O prefeito consegue uma doação de uma área que é a Miguel Couto, em 1940 ela monta se eu não me engano. Em 1940 ela monta a Escola Miguel Couto e arrebanham essas crianças pobres e já pensando num projeto de educação para essas crianças. Não só o primário porque tinha a escola municipal dentro do Miguel Couto com professores municipais, mas ela não se contentava e ela queria dar um ensino profissional para essas crianças e esses meninos que sairiam de lá, fazer o quê? Ginásio, não tinha quase ginásio aqui e eram pobres... Então nesse internato ela já direcionou tudo para isso e trouxe. Foi atrás, correu atrás do SESI primeiro, Serviço Social da Indústria e em seguida, em 1945 ela vai para o Rio que era a capital do Brasil atrás de alguma coisa, de alguma escola profissionalizante. Aqui era um estado agrícola e ela imaginava que fundaria uma coisa assim, dentro da agropecuária e que era o que o Mato

Grosso inteiro oferecia. Não tinha indústria e não tinha nada. E lá, informam no Rio que estava acabando de sair uma escola profissionalizante moderníssima que era o SENAI e que ela devia procurar era lá mesmo... E ela corre para lá, mesmo não tendo indústria ela foi, já gostaram e já veio um dos diretores do SENAI. Eu acho que era o Roberto Mange que era o mais graduado de lá do SENAI e vem para cá junto com o prefeito Demósthenes Martins fazem a reunião e tal. E na escolha de uma pessoa ela precisava fazer cinco indicações de quem seria a pessoa para fazer esse projeto, para executar, tinha que ser uma pessoa preparada, tinha que ser uma pessoa que mexesse com obras e que tivesse condições de tocar uma escola. Ela escolhe cinco senhores e entre eles ela escolheu o cunhado, que era meu pai, mas ela não falou que era cunhado dela. Aí ela marcou as entrevistas, a primeira entrevista ela já botou de cara com o papai e eles ficaram fechados duas horas conversando quando terminou a conversa o doutor Mange falou para tia Oliva: "Olha, tem mais quatro para entrevistar, né?". Ela disse: "É, vamos visitar as outras casas." E ele falou: "Não, eu não quero, é esse aí a pessoa indicada para ficar como o diretor e que vai fazer o projeto, o que vai fazer o SENAI aqui, não quero conhecer os outros". Aí, ela explica que era o cunhado dela, e ele falou: "Não, mas não interessa se é cunhado ou não, é a pessoa ideal, é quem amanheça e anoiteça pensando no SENAI e eu vi nele uma pessoa assim.". A partir daí a prefeitura cedeu papai que era funcionário da secretaria de obras para começar a obra do SENAI. Em dois anos foi feito o SENAI e em 1949 inaugurou e lá ele ficou. Aí ela já entregou e foi aquele projeto maravilhoso... Ela tocando a Miguel Couto com um primo meu que era o diretor, o Newton Enciso, na época ele era jovem e tinha se formado em Agronomia em Viçosa no interior de Minas. Ele veio para cá recém-formado, era um moço promissor e se dedicou a esses internos lá. Então que aconteceu... Do momento que estava os internos fazendo o primário, terminavam o primário e com idades de 12, 13, 14 anos completos iam para a escola SENAI. Em 2 anos de escola profissional formavam, estavam encaminhados e tinham emprego no mercado. Campo Grande crescendo e tinha muita gente do interior que vinham e que eram os internos do SENAI. Tinha os internos e tinha os externos, os externos moravam em Campo Grande e nos arredores. Era de graça porque era para pessoas que não podiam pagar a escola. Lá na Escola Miguel Couto tinha o externato e internato. O internato era só menino, e o externato era para toda população ali em volta, tinha meninas na sala de aula e meninos tudo separado naquela época, mas era uma escola municipal dentro da Miguel Couto. Neste internato é que os meninos terminavam o primário e iam direto para o SENAI. Geralmente, eles não tinham família, eles ficavam e voltavam para a Escola Miguel Couto até se formarem, outros que tinham família e que eram dos arredores se formavam e começavam a trabalhar... Assim foi esse projeto maravilhoso de Oliva Enciso, porque ela só pensava nisso, o negócio dela era a educação, o motor dela foi à educação e dali surgiram outros projetos, que foi a CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos), depois virou o CNEC, Escolas da Comunidade que também é uma história muito bonita, onde dois ex-prefeitos de Campo Grande estudaram, o Juvêncio César da Fonseca e o Levi Dias. Na realidade esse projeto não começou como CNEG, começou com a Escola Barão do Rio Branco na esquina da prefeitura. A prefeitura e o prefeito cederam para ela àquela área e ali ela montou o Ginásio Rio Branco. Nesse Ginásio Rio Branco, ainda não tinha aparecido o professor Felipe Tiago Gomes de Recife. O Levi Dias e o Juvêncio César da Fonseca estudaram porque era um ginásio que era gratuito. Esse Ginásio Rio Branco que ela tinha fundado era para as pessoas que não tinham condições financeiras, porque tinha o Dom Bosco que era pago, o Estadual Maria Constança de Barros Machado e o Oswaldo Cruz que era particular. Não tinha ginásio e é por isso que quis fundar esse Ginásio Rio Branco. Esses dois expoentes da política fizeram o ginásio e nunca se esqueceram disso, que eles foram alunos do Ginásio Rio Branco que a tia Oliva trouxe. Dali que é quando o professor Felipe veio para cá atrás de alguém. Você deve ter ouvido a história, também é uma história bonita... Ele chegou aqui vindo de

Recife... Era um grande professor e de uma família de muito poder, um educador como tia Oliva e totalmente dedicado à educação. Ele chegou aqui no aeroporto, que era Base Aérea na época. Ele desceu ali e perguntou: "Eu gostaria de saber e conversar com o capelão daqui do aeroporto". Foi no padre e disse: "Olha Padre eu queria saber uma coisa, sou voltado para educação. Eu queria saber quem eu procuro aqui para fundar um ginásio? Eu quero montar um ginásio gratuito aqui". O padre disse: "A pessoa indicada é dona Oliva Enciso na Prefeitura". E ele caiu na mão da tia Oliva e dali nasceu o projeto maravilhoso CNEG, que é uma história muito linda. Eu conheci o professor Felipe Tiago, ele vinha muito aqui e era muito amigo dela. Eles fundaram escolas aqui e no interior de Mato Grosso, porque Mato Grosso era inteiro e depois foi dividido. Trouxe a APAE, que foi a escola para crianças especiais e essa motivação dela foi uma prima minha que nasceu especial, teve um problema de parto, nasceu com dificuldade, ela teve dificuldade de aprendizagem e ali ela vendo aquela criança pequenininha precisando ter uma educação especial. Ela ficou sabendo desse projeto em Belo Horizonte da APAE e já pegou o avião foi para lá, trazendo a APAE para cá. Eu mesmo fui estagiária dá APAE quando fazia Pedagogia, eu fazia uma matéria com o Doutor Salvador, Psicopatologia era qualquer coisa ligada crianças especiais e eu fiz um estágio três meses lá. Achei tão bonito e eu já conhecia tudo, mas tive essa oportunidade de fazer um estágio para ver como é bacana essa proposta de você poder dar uma educação para criança se desenvolver e ficar preparada para poder competir no mercado.

E: Continuando... A família de Oliva Enciso teve vinculação política?

MI: Não, que nós saibamos não. A política surgiu na vida dela em função de ser secretária de prefeito e agitar tanto, e as ideias vinham que nem água, que nem uma cachoeira na cabeça dela e dizia: "Vamos fazer isso, eu tive essa ideia, isso aqui eu acho que tem que ser assim, etc.". O Dr. Demósthenes Martins que foi várias vezes prefeito aqui, tanto ele quanto os outros prefeitos diziam: "Oliva, então faz isso, é só montar, então está aqui e só assinar, você pode tocar". E ela já organizava e começava a montar os estatutos... E tem outro detalhe muito importante, não saindo ainda desse assunto da política, quando surgiu essa coisa toda, já com tudo isso montado, já tudo caminhando e a cidade crescendo, o Dr. Wilson Barbosa Martins, que também trabalhava na prefeitura, chegou e falou: "Oliva, você devia se candidatar a vereadora!" Eram todos da UDN (União Democrática Nacional) e ela era filiada à UDN. Eram três partidos, UDN, PSD e PTB. A UDN era ultradireita, ela disse: "Mas como, não tenho dinheiro para campanha" e ele disse: "Não, não, não o partido te ajuda e vamos te eleger vereadora". Ela ganhou como vereadora mais votada, quatro anos vitoriosa, não recebia salário, era à noite e ia três vezes por semana votar na Câmara. A Câmara era na Avenida Afonso Pena esquina com a Calógeras, aonde era a prefeitura. Eu fui várias vezes com ela assistir, eu tinha uns 9 ou 10 anos, minha outra tia ia junto assistir e me levava para conhecer. Era interessante, ali voltavam os projetos, Ali foi criada muita coisa... Ela então, depois de vereadora por 4 anos já imaginaram ela como Deputada Estadual. "Não era mais Campo Grande, é o Estado que está precisando da sua cabeça" e Oliva ganhou. Teve grande número de votos no Estado inteiro. Isso foi outro patamar, porque ela viajava o Estado inteiro. Na época era Dr. Fernando Corrêa da Costa, ele foi eleito o Governador do Estado e na mesma hora a chamou para ser Secretária de Educação, caiu a pasta da Educação na pessoa mais certa. Oliva já tinha sido secretária dele aqui, como Prefeito de Campo Grande, ela tinha sido secretaria dele também. Então ela foi para Cuiabá já como Deputada, ela assumiu essa pasta e montou, não existia Secretaria de Educação. Ela exerceu por 4 anos o cargo de Deputada Estadual lá. Já tinha honorários e passagens como Deputada Estadual. Ela vinha e voltava uma vez por mês ou a cada 15 dias para ver a família. Ela como Secretária da Prefeitura chegou para o Dr. Demósthenes Martins, que mais tempo ficou como prefeito, e falou assim:

"Dr. Demósthenes nós temos que fundar um Instituto de Previdência para nós funcionários públicos aqui do município". Ele disse: "Sim, sim, qual que é a sua ideia?" E ela disse: "Nós temos que recolher um dinheiro para nossa previdência e nossa assistência". Ele falou: "Pode criar!", e ela já criou o IMPCG da prefeitura e ali foi fundado com a necessidade disso e o povo todo agradecendo porque ela pensou nisso e ninguém tinha tido essa ideia. Quando ela foi para Cuiabá por 4 anos depois da vereança aqui, como deputada ela teve a mesma ideia com o Dr. Fernando. "Vamos montar um Instituto de Previdência para o funcionário estadual para o estado inteiro." Surge o IPEMAT, que de futuro depois quando divide o estado virou PREVISUL, e do PREVISUL virou CASSEMS. Quem na realidade fundou os dois institutos, de previdência tanto daqui do Município de Campo Grande quanto do Estado de Mato Grosso foi Oliva Enciso. Então se hoje em dia nós temos uma CASSEMS fortíssima, temos o IMPCG, um instituto fortíssimo, deve-se a ela. Então se vê o alcance das ideias dela. Ela fez parte da Academia Sul-mato-grossense de Letras porque era uma intelectual, era uma mulher muito culta e ela com Dr. Ulisses Serra e mais 6 ou 7 acadêmicos se reuniam. "Precisamos montar uma academia, somos intelectuais e temos que propagar a cultura a literatura para a população." Dr. Ulysses chamou uma tarde na sua Estância Gisele aqui perto e dali surgiu a Academia Agora a pouco tempo aconteceu uma homenagem para ele. Eu fui chamada para representar a família na sede nova, bonita e merecida. Ela tinha a cadeira n. 10, o seu patrono na Academia foi o Dr. Vespasiano Barbosa Martins, sogro do Dr. Wilson Barbosa Martins. Ela foi secretária dele também como prefeito e era de dentro da casa dele.

E: Ela passou por 22 prefeitos?

MI: Sim. Ela era de dentro da casa dele e de todos eles, ela era convidada e falavam "Oliva vem almoçar comigo aqui" E aí nisso tudo nos anos 60/61/62 foi fundada pelos salesianos a FUCMAT, Faculdade Católica de Mato Grosso. Os Padres Félix Zavattaro e Walter Bocchi foram meus professores e foram diretores. Nessa Faculdade tinha Pedagogia, Filosofia, Ciências e Letras, e depois o Direito. Enfim, foram as primeiras cinco faculdades, cinco cursos, e ela muito amiga deles estava sempre às voltas com os diretores e os padres, pois era muito católica. E aí em 1962, como ela não terminou a Medicina fez a faculdade de Farmácia em 1934, na Faculdade Mato-grossense de Odontologia e Farmácia. O curso eram dois cursos juntos. Ela fez Farmácia, mas nunca exerceu. E aí já que fundaram essa parte de Humanas, que é o Direito, A Letra, a Filosofia e a Pedagogia, ela teve essa ideia de formar a parte de Ciências já que ela tinha feito essa Faculdade. Assim, ela chegou nos Padres e pediu o auxílio deles e conseguiu montar um grupo, junto com os dentistas e farmacêuticos daqui da cidade: o Dr. Hercules Maymone, Dr. Licurgo Bastos e Aloysio Magiano Pinto e as reuniões era na casa dela, na minha avó. Aloísio Margiano Pinto que era também farmacêutico, um homem muito culto, muito amigo do Dr. Fernando Corrêa da Costa, sócio do irmão Dr. Fernando em uma Farmácia. Então reuniram uns 4 farmacêuticos e uns 5 dentistas, e formaram esse grupo com ela. E lá, na casa dela as reuniões eram uma vez na semana. Oliva monta o estatuto com o Padre Félix Zavattaro, eles conseguiram organizar o estatuto para fazer a Federal. E aí, fazer aonde? Local. Tinha que ter um local. Tinha que começar, abrir o curso. Então abriram o de Odontologia e Farmácia. Lá na Escola Estadual, na Rua Y-Juca Pirama, que era uma escola nova do Estado, bonita, que o Niemeyer fez o projeto... É lindo o projeto. Ela pediu para diretora que era muito amiga dela, professora Maria Constança de Barros Machado, que era vizinha da minha avó, ali na Rua Rio Branco com a Rua Pedro Celestino, perto da igreja. Dona Constança, então disse: "Oliva, eu cedo para você à noite para as aulas, porque as salas estão ociosas, se o governador consentir." Enfim, foi aberto o curso de Odontologia e Farmácia. Na realidade, a ideia, o germe de organizar tudo foi dela. Aí ela já entregou seu projeto. Ela tinha as ideias, organizava e já deixava as pessoas certas nos lugares certos e já

partia para outra coisa. Quando que ela iria imaginar que ia virar essa maravilha, né? Uma grande Universidade, com tantos cursos.

E: Sobre a escolarização dela. Então ela fez o Normal?

MI: Sim, o curso Normal no Colégio nossa Senhora Auxiliadora daqui de Campo Grande depois de Medicina na Faculdade da Praia Vermelha.

E: Ela também fala no livro que ela chegou a fazer Contabilidade.

MI: Sim, fez Contabilidade também. Perito Contador chamava-se esse curso. A mamãe fez o curso também no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na escola tem fotos guardadas. Tia Oliva foi muito preparada.

E: Você se recorda assim, das falas dela sobre esses períodos de estudante?

MI: Não, no Colégio Auxiliadora tem fotos que estão no corredor do.

E: Eu tenho essas fotos, está no livro de "Auxiliadora 70 Anos".

MI: Outro dia eu achei esse livro, por isso que eu tirei a foto. Minha mãe está aqui, olha.

E: Qual que é? Eu até procurei, ver se eu achava alguma imagem dela.

MI: É, a mamãe tá nessa aqui, quer ver. Aqui olha, Secretária... Não, não é aqui. Achei outro dia... Ah, está aqui. Essa do meio, com essa pluminha na Blusa.

E: Perito-contadoras.

MI: É, Maria da Conceição. Esta Conceição, acho que perito-contadoras, a tia Oliva fez esse curso também e fizeram o Normal, também. Elas fizeram Normal. Olha, 37. Só que a tia Oliva era mais velha 11 anos que a mamãe. Porque a mamãe era 11 anos mais nova do que ela. Muita diferença, né.

E: Aqui. Ela relata, você lembra-se de alguma coisa que ela, das memórias dela, das dificuldades que ela enfrentou durante a escolarização dela, ou só foi no início quando ela veio para cá?

MI: Não, não, ela fez o primário lá no colégio parece que Imaculada Conceição, era o colégio das freiras. Estudaram lá todas as filhas da vovó. Aí vieram para cá, de repente, com a morte do meu avô. E aqui ela teve assim, ela de cara já foi acho que para o Dom Bosco, que era o Pestalozzi. E lá, ela brilhante, o dono do colégio percebeu que ela era diferente de todos. E a vovó com dificuldade para pagar, acho que foi pedir se podia fazer, tipo uma bolsa, né. Aí eles ofereceram: "Não, você pode dar aula, que aí você estuda de graça" e ela foi dar aula e você sabe de quem que ela foi professora? Nessa época, você não sabe? Manuel de Barros.

E: Na memória dela ela fala que ela não gostava de estudar em Corumbá. E eu conversando com o professor Paulo Cabral, ele veio...

MI: Paulo Cabral fez uma matéria, uma apresentação no Instituto Histórico Geográfico logo depois da morte dela. Uma sessão que teve maravilhosa. Ele fez um monólogo sobre ela. Gente, ele foi a fundo, eu me emocionei tanto. Ele falou uma hora, contando a vida dela, ele vivenciou a vida dela.

E: Ele me disse que não é que ela não gostava de estudar, porque na memória ela fala que ela não gostava de estudar. Mas porque ela se sentiu enciumada por causa das irmãs que nasceram 11 anos depois dela. E talvez isso seja.

MI: Mas é um ponto que a gente nunca comentou sobre isso não, sabe. Não teve relevância isso daí, dela não querer estudar. Acho que nunca ouvi falar, sempre soube que ela foi brilhante na escola, né. E Corumbá porque ela vem embora, ela é apaixonada. Lá na descrição dela de Corumbá, você viu, né? Que coisa mais linda a discrição. É muito lindo ela contando sobre as montanhas, os montes azuis de minérios ali em volta, é muito lindo esse pedaço dela lá. Ela era apaixonada. Ela teve que ir embora, né.

E: Assim, o magistério dela foi uma escolha? Mas assim, para ela continuar o estudo ou porque ela só foi professora mesmo de sala de aula só no período do Pestalozzi?

MI: Só no Pestalozzi... Depois ela já entrou para prefeitura e nunca mais deu aula. Ela só deu aula só naquela época.

E: E ela tinha vontade de voltar à sala de aula ou ela acreditava no maior?

MI: Não. O objetivo dela era lutar pela educação. E ela como professora, claro, ela estava alfabetizando, mas aquilo não era uma coisa que fosse pegar tanta gente como ela dentro da prefeitura, vendo todo funcionamento e vendo tudo àquilo que uma cidade precisava para educação crescer, ela só poderia estar ali. Ela tinha que estar dentro daquilo lá, e a política foi um braço que ajudou ela a construir isso tudo que ela construiu. Porque talvez se ela ficava numa sala de aula ela ia, claro maravilhosa... A sala de aula dela era na hora que ela sentava com você e conversava com você, ela te dava uma aula. E nós, os sobrinhos, tivemos esse privilégio de desde criança, no sábado, domingo, que era o dia que ela dava uma paradinha para família, porque ela só se dedicou para o próximo, minha família e também junto, sentado e contava história da Bíblia. Aí ela dava aula de Bíblia para nós e nós ficávamos tudo assim, ouvindo as histórias de santo. Vida de santo. Ela era devota de Santa Terezinha do Menino Jesus. Para você ter uma ideia, de tanto que ela era antenada, tinha rádio só em Campo Grande. Rádio. Porque nós não morávamos em São Paulo, Rio de Janeiro, nem em grande capital. Era uma cidade de 50.000 habitantes. Ela, desde que eu era criança eu já ouvia falar de Santa Terezinha. Ela, antenadíssima, descobriu lá por 1900 e... Acho até que antes de eu nascer. 1930, 1940, eu nasci em 49, 40, vamos supor. Ela descobriu que tinha uma santa que tinha acabado de ser beatificada na França, Santa Terezinha do Menino Jesus. Foi beatificada em 1925. Olha só... De 25, vamos supor a 45, são 20 anos. Nesses 20 anos que a França e o mundo adiantado estavam comentando dessa santa que estava fazendo milagre, que morreu aos 24 anos no convento, que estava fazendo milagres... Não é ela, né, Jesus. Mas era uma intercessora. Chegou ao ouvido dela, porque ela era muito, ela lia tudo, ela estava entendendo de tudo, ela viajava para São Paulo, para o Rio, que era capital, e ficou sabendo dessa santa. Ela tanto vasculhou, conseguiu livros franceses, porque ela lia francês, ela estudou em francês naquela época. Outro dia, até achei um livro antigo. Mostrei para o meu filho, "olha aqui, olha, estudavam tudo em francês". E ela, amigas lá do Rio de Janeiro, mandaram, conseguiu e veio um livro da santa. Ficou comigo esse livro, a Santa Terezinha em francês, a vida dela. E

tinha 20 anos essa beatificação. O mundo estava descobrindo e ela já aqui em Campo Grande, nesse fim de mundo, sabendo.

E: A senhora tem como disponibilizar esse livro? Porque no meu trabalho também, eu foco essa parte religiosa, como que foi formada.

MI: Maravilhosa. Olha ela, no aniversário dela de 90 anos. O livro da poesia dela... é esse mesmo com o Doutor Wilson Wilson Barbosa Martins. Foi o primeiro que chegou ao velório dela. Eu estava entrando no Monte Fugi, na Mato Grosso, chegando com tudo, já tendo organizado eu e meu irmão. Tínhamos arrumado tudo. Encomendei umas flores. No que eu estou subindo a rampa ali, tá chegando o Doutor Wilson junto comigo, foi o primeiro a entrar. E disse: "Faço questão de vir ver a Oliva, a última despedida dela".

E: E ele faleceu?

MI: Agora, há um ano. Um grande amigo dela e eram correligionários.

E: E graças a ele que...

MI: Ele que pôs ela na política. Ela por ela, não teria conseguido não. Foi um passo, né...

E: Aqui, continuando. Então as escolas que ela lecionou somente foi a escola do João Tessitore?

MI: Só foi lá, só deu aula lá.

E: Como que foi a situação no Ginásio Barão do Rio Branco? Ela também só organizou?

MI: Só, foi só a montagem. Aí ela montou... Ela montava, punha a diretoria e a professora, é isso, a equipe disso e pronto! Já deixava funcionando. Ela só ia lá dar uma supervisionada.

E: Você pode me indicar nome de pessoas que mais pessoas...

MI: Vivas?

E: Não, assim, que participaram dessas redes de relações dela, igual ao professor e seu Wilson Barbosa...

MI: Ah, o doutor Wilson? Nossa, Fernando Corrêa da Costa, que foi prefeito aqui, governador e chefe dela. O Doutor Wilson nunca foi chefe dela, foi colega dela na política. O Doutor Demósthenes Martins, os outros prefeitos que tem tudo, acho que ela fala de todos. Que mais? Na prefeitura foi isso. Porque ela sempre, como secretária. Então passava, ia passando para um, passando para outro e ela tendo contato com um monte de gente. Agora, dentro da política quem que foi com ela Deputada, na época. O Doutor Rachid Derzi, Rachid Saldanha Derzi, foi deputado na época dela, que eu me lembro. Doutor, ... pera aí, quem foi vereador? Doutor Wilson, acho que foi. Já não lembro. Rubens Castro Pinto eu lembro que participou dessa coisa da CNEC, Doutor Rubens Castro Pinto, que foi prefeito de Bela Vista. Era muito amigo dela. Quem mais? Mas não sei se ele chegou a ser vereador aqui não. Ah, teve esse Maksoud.
E: Já.

MI: Lá tem uma foto linda, você viu a foto dela? Naquele painel de fotos, tem... a sala é o nome dela, a antessala lá "Oliva Enciso". Mas tem a foto maravilhosa dela, eu converso com bastante gente... Aqui! Olha essa foto. Olha como eu guardei: com Doutor Fernando em Cuiabá, quando ele assumiu o cargo. Ele e ela. Ele de preto. Lá no Palácio, ... como que chama?

E: Posso levar esse aqui para mim? Aí eu vou trazer uma...

MI: Posso. Tá, eu vou mandar para você essa.

E: Aqui. O trabalho dela, na prefeitura como que era? Porque assim, eu defendo também a tese que ela foi organizando a prefeitura de Campo Grande. E assim...

MI: Sim, tudo, ela fez tudo.

E: Ela foi organizando já...

MI: Tudo. Ah, eu sei uma pessoa que está viva, lúcida, perfeita, foi meu vizinho anos aqui, que trabalhou na prefeitura. O pai dele foi funcionário, como tia Oliva, tem foto do pai dele foi funcionário da prefeitura, Frederico Soares. Federico Soares foi da época da tia Oliva, funcionário como ela. E o filho dele, que é seu Mário Soares, está vivo, foi um grande colaborador da tia Oliva. Nossa, se você conversar com ele vai ser bárbaro. E outra pessoa também que você pode conversar, dos vivos, por isso que eu te falei, olha, dos mortos tem milhares, se eu começar a lembrar de nome de políticos, todos. Tudo que é autoridade que passou por Campo Grande, por Mato Grosso, os outros governadores também, do Estado, ela tinha contado. Mas aqui, vivo, Dr Ruben Figueiró, Senador. Foi Senador, não sei se ainda é. Ruben Figueiró. Ele é vivo, tá com 80 e poucos anos. Era interessantíssimo você entrevistá-lo. Eu posso te conseguir o telefone dele.

E: Eu agradeceria muito, porque hoje eu estava olhando os políticos, mas como que eu vou conseguir o acesso a eles?

MI: Não, esse daí é um dos poucos vivos. Ele foi deputado estadual, acho que logo após a tia Oliva, não lembro se foi da mesma gestão dela. Porque ela estaria com cento e poucos anos e ele está com 80 e pouco, então né. Mas foi também da UDN. Dos vivos que eu sei é ele e quem mais? Já morreu todo mundo. Quem mais de político? Bom Rachid Derzi foi colega dela na Assembleia Legislativa, já morreu. Eu teria que ver essas fotos, da minha prima, a irmã da Eduardo tem um monte de foto.

E: A irmã dele é...

MI: Ana Maria. Ela trabalhou 30 anos para a tia Oliva. Com ela você faria ótima entrevista, também. Porque ela tem material, entendeu. Eu vou te passar o telefone dela. Ela é uma pessoa meio difícil, sabe? Mas vale a pena.

E: Tá. Então é atuação política dela foi ao convite doutor Wilson Barbosa Martins.

MI: Sim, para ser vereadora, depois já convidou ela para...

E: Sim, a senhora também já falou da atuação política dela e agora veio à questão: por que ela desistiu da política partidária?

MI: Porque ela foi assim, ela foi 4 anos vereadora e alçou deputada. De vereadora já foi para deputada estadual. Mas ela já não queria mais política, não era. O que ela tinha que fazer como política ela fez. A grande inspiração dela era o Miguel Couto, era a grande paixão dela. Então ela queria continuar como diretora de lá, fazendo todo aquele trabalho social dela, o trabalho educativo, que era o que bastava para ela. Ela não, nunca pensou em dinheiro, tanto é que ela morreu com uma casa só. Essa casa na Rua Rio Branco, que foi a que ela comprou, vovó financiou, ela foi financiando... Foi o único imóvel que ela deixou. Então dizer que ela estava querendo enriquecer a custa de política nunca, jamais. Nunca! O objetivo dela não foi esse.

E: E essa casa, ainda é da família?

MI: Não, já vendemos. Ficou para minha tia, para última, para a caçula. Era a baixo da mamãe, que era solteira e que morou com ela até morrer. Tia Oliva morreu e deixou na herança, ela deixou para tia Carminha, porque era a última, precisava, ela teve problema de paralisia infantil quando era pequenininha, fez nove cirurgias do Rio de Janeiro. Aquela época, toda a Medicina era no Rio e conseguiu andar, ficou com uma diferença andava com sapatinho com salto mais alto, mas teve uma vida boa, foi professora, deu aula em casa, particular. Foi um espetáculo essa minha tia, maravilhosa e morreu com 90 anos, ia fazer 90. A tia Oliva, a preocupação dela era exatamente a tia Carminha. A aposentadoria ficou para ela. Ela morreu cinco anos depois da morte da tia Oliva. A tia Oliva morreu em 2005, ela morreu em 2010. Mas viveu uma vida linda, cercada pela gente, nós nunca deixamos de assisti-la e a casa, o que aconteceu? Quando a casa da vovó, que era uma casa muito bonita de pé direito alto, aquele peso todo, aquele azulejo daquele ladrilho, ladrilho hidráulico. Que é todo desenhado, igual dessas igrejas, muito bonita. E ficou muito grande a casa e dispendiosa, então o que aconteceu? Tia Oliva em vida, enxergando muito, ela pensou assim: "Bom eu preciso deixar esse imóvel para Carminha e tem que ter uma renda. Eu estou numa casa enorme, podendo pegar um dinheiro bom", vendeu a casa! Em vida, para o vizinho, que tinha um laboratório. Que ele era interessado: "O dia que a senhora abrir a boca eu quero comprar". Doutor Scapulatempo. Ele tinha uma clínica de análise de câncer, essas coisas de genética. E pediu: "O dia que a senhora abrir a boca eu compro". Ela chegou nele, ela foi muito correta. Ela foi nele, pagou a vista e deixou-a ficar até ela morrer. Ela viveu três anos depois de feito esse negócio. Ela não imaginava quando... Ela morreu com 97. Ela deve ter feito isso daí com 94 ou 95 anos. Pois ele falou: "Não, Dona Oliva. Vai ser assim, já que a senhora fez essa concessão para mim, poderia ter vendido para outra. A senhora fica nessa casa até morrer". Quando ela morreu, aí nós tivemos que entregar. Aí pegamos tia Carminha... E tendo feito à venda, esse dinheiro, os meus dois irmãos, com Eduardo, compraram uma casa nova. Aqui no Vendas, no Jardim Vendas tem umas casas bonitas na subida ali Rua Chaadi Scaff.

E: Perto da Miguel Couto?

MI: É mais para baixo, ali na Rua dos Vendas, próximo da rua Joaquim Murtinho, uma casa bonita de esquina e com piscina... E alugaram. Então esse aluguel já vinha para a tia Carminha e quando a tia Oliva morreu, o que nós fizemos? "Será que a gente vai com ela para essa casona grande, com piscina e tudo, com despesa? Ou vamos por ela aqui no centro da cidade e ela continua com essa renda?". Arrumamos uma vila aqui no centro da cidade, que era tudo mais fácil, aqui na Rua Sete esquina com a Rua José Antônio. Uma vila bonitinha,

eram 4 casas. Instalamos ela lá com tudo. Foi dali que foi levado tudo que tinha na casa para o Miguel Couto. Porque ali era o escritório dela, particular. Ela tinha um escritório na frente da casa, o primeiro cômodo da casa dela era o escritório, tinha uma varanda individual, a pessoa, todas as pessoas que entravam desde que eu era criança, os políticos, todos iam por ali. Nem participavam da casa, já tinha essa porta na frente da casa, saindo de uma varanda. Tinha porta da sala para cá e uma porta que dava para o escritório dela. A que passava na calçada, aquelas casas antigas que tinham janela na frente. Muito bonita era a casa. E tudo dali daquela casa, nós levamos para essa outra casa. O dia que a tia Carminha morreu, nós desmontamos tudo e foi tudo para o Miguel Couto. Que é o que o Eduardo tem que são particulares da tia Oliva, coisas particulares dela. Eram duas estantes cheias de coisa dela. Fora tudo que tem dela no Miguel Couto, ela como diretora mais de 50 anos dentro do Miguel Couto tem toda a sala dela montada lá. É um espetáculo. Só que não está bem conservado né. O perigo é perder aquilo lá.

E: Porque a conservação de documentos...

MI: Importantíssimo! E você vê como tia Oliva sempre pensou no próximo. Mas eu sempre imaginei que ela merece um museu. Gente, a educação é a História da Educação... Aquele livro que eu te falei, ele está por aqui.

E: E é mulher, a primeira mulher...

MI: Está lá separado para levar para o prefeito, os 500 anos de mulheres... Como é? As mulheres dos 500 anos do Brasil (de 1500, quando foi descoberto, ao ano 2000, lançaram no ano 2000). Eu fiquei assim, quando me avisaram. E na mesma hora comprei. Eu fiquei enlouquecida com aquele livro. É um reconhecimento nacional. Então eu falei gente, ela é um ícone!

E: E o que é interessante, hoje: é a visão da Oliva Enciso conservadora. Porque ela mantinha a família.

MI: A família! Ela foi uma mulher de vanguarda, uma mulher à frente de tudo que é mulher... Imagina uma mulher que fez Medicina. Quando que uma mulher ia fazer medicina daqui de Campo Grande, desse estado perdido no Brasil. Uma mulher de São Paulo, Rio de Janeiro iria fazer Medicina, mas ela uma pessoa humilde, uma pessoa de Campo Grande, entrar numa Medicina na Praia Vermelha, gente!!! Primeiro, que para entrar em uma Medicina era dificílimo e depois só homens, entendeu... Então esses colegas dela foram três colegas dela na Medicina, daqui de Campo Grande: Doutor... Além de terem sido junto com ela, deputado estadual, fez medicina lá o Rachid Saldanha Derzi, colega dela, sala de aula. Dr Rubens Castro Pinto, que foi prefeito de Bela Vista, colega dela também. Rubens, médico e Dr Walfrido. Walfrido Arruda, três médicos daqui, do nosso estado, da nossa cidade, que foram colegas dela, testemunhas dela. Só que ela abandonou, eles não se conformaram. Ele disse que ela era brilhante, brilhante. Quando ela pegava, tinha aquela dissecação de cadáver, que eles estudam lá, disse que ela se destacava. Disse que era assim uma coisa. Tanto é outra ressalva que eu quero te fazer, que era uma coisa emocionante também que eu via, além dessa apresentação do Cabral lá, no Instituto Histórico Geográfico, que ela fez parte também junto com o professor Hildebrando que era apaixonado, a chamava de santa Oliva. No velório dela ele quis falar, na hora do enterro. "Santa, aqui estamos enterrando uma santa. Santa Oliva Enciso!". Ele era muito engraçado, foi meu professor Hildebrando. Já ouviu falar né? Grande professor, foi meu professor na Faculdade e também a professora da Glorinha Sá Rosa, ela era

apaixonada pela tia Oliva, grande Glorinha. Ela era apaixonada, porque ela sabia da capacidade da tia Oliva nessa área de técnica de educação, de tudo, da parte social, de todo esse envolvimento político. Mas ela tinha outro lado de poeta. Então ela falava: "Mas Inês, essa tua tia é uma coisa". No dia do sétimo dia foi uma missa linda, o senhor Bispo Dom Vitório. Na época o bispo ele fez questão de celebrar, pediu para nós, se nós deixaríamos. "Claro". Nos 15 dias da morte dela, a academia ainda não estava nessa coisa nova, que mudou no passado, fez uma homenagem que era ali na Rui Barbosa, perto da minha avó, próximo ao ponto de ônibus ali. Era uma academia modesta, mas muito produtiva e a professora Glorinha, eles fizeram uma homenagem, os acadêmicos todos. E montaram, pediram para nós o que tinha de objeto dela, uma roupa. Eu levei a roupa dela, da posse dela na Academia, um livro dela, uma caneta... Levamos algumas coisas, uns livros e montaram sua escrivaninha e com a roupa dela, assim e tal... Ficou bonito lá no fundo da Academia e foi feita a festa. E lá a professora Glorinha fez um discurso muito lindo, foi homenagem de vários, vários falaram, mas na hora da professora Glorinha foi muito emocionante porque ela falou assim: "A Oliva foi um espírito de luz, como nenhum outro nesse estado do Mato Grosso", considerando o Mato Grosso inteiro, por quê? Porque é uma pessoa nascida numa fazenda no Pantanal, que vem para uma cidade, que era uma cidadezinha. Sendo que tinha Corumbá, que era um lugar, uma cidade bonita e desenvolvida e Cuiabá que era a capital, vem para uma cidadezinha que estava abrindo, não tinha nada, era uma ruazinha ali na Calógeras, com um poste aqui outro poste ali, tem foto, né., mamãe contava. Ali, aqui numa casinha na pobreza, uma coisa, uma cidadezinha que nem... Ela vem e de repente abre isso tudo e sai tudo de Campo Grande. Campo Grande se torna uma capital e se torna uma cidade promissora, divide e vira capital, sendo que era uma cidade que não tinha nada... Nada. Aqui quem se deve ela lembrou: "Só pode ser um espírito de muita luz, que só pensou no que? Na educação". Porque ia continuar aquela cidadezinha como Aquidauana, se não recebesse, se não fosse aberto os portões de educação. Como foram. Corumbá parou no tempo e no espaço. Cuiabá, capital, lógico tinha que desenvolver, óbvio. Mas, por quê? Ela falou: "Foi uma santa benção de Deus a hora que a Oliva veio para Campo Grande e foi à abertura de tudo isso". E realmente, ela mudou aqui em 1923, em 1940 ela já estava explodindo. É verdade.

E: A gente já conversou vários temas. Então a senhora já me falou sobre essa atuação no campo educacional, política e social. As contribuições para a sociedade, também já foram englobadas. Como você define o papel social de Oliva Enciso no período de sua atuação política e educacional, como agente feminina? Essa mulher no espaço público e na sociedade de Campo Grande.

MI: Exatamente. Ela fez uma diferença muito grande, porque era uma época que mulher não saía de casa. A mulher se trabalhasse, ela trabalhava em casa. Ela tinha que ter uma profissão dentro de casa, dando aula particular ou sendo costureira, sendo bordadeira ou fazendo alguma coisa... Enfim, ela revolucionou... Porque ela entrava, onde ela entrasse com aquele passinho dela, aquela vozinha meiga dela, ela não era alta, ela tinha uma postura, ela tinha uma presença como mulher que isso daí enriquecia. Gente... Foi assim, uma abertura para as mulheres criarem coragem e se atirar em um serviço. Vamos trabalhar, vamos ser professoras, estavam começando as professoras formando, tal. Vamos ser isso, vamos para a política e dali foi uma inspiração. Se você não tiver alguma pessoa que te abra os caminhos, como ela foi uma inspiração para muita mulher, você não marca presença.

E: E assim, essa mulher o que marca nela? Qual o papel da religião?

MI: Era o outro pedaço que eu ia te falar, que é outra vertente, mesmo ela sendo política, ela sendo uma mulher social, ela queria ver o progresso da cidade dela, ela queria ver o progresso do ser humano, ela queria ver, com a vida toda ela recebeu, até morrer, visita de alunos e ex-alunos que vinham ver ela, já com idade ela: "Dona Oliva eu moro no Estados Unidos, mas tem minha família aqui, hoje em dia sou o que eu sou, conquistei porque eu fui aluno pobre do Miguel Couto, que daí isso me pois o SENAI. Hoje em dia...". Gente, isso não tem preço, isso não tem preço. Ela receber essa volta de tudo isso, nessa parte social, nessa parte econômica. Ela ver que pessoas, quantas pessoas, quantos homens de família progrediram, foram à luta e conseguiram um lugar, uma posição financeira devido a esse trabalho dela. Aí o que que acontece, essa paixão dela de promover o ser humano, englobou isso aí, que vamos supor que a parte educacional e social, mas ela em momento nenhum ela deixou de lado a religião. Por quê? Porque o motor para ela todo era Deus. Então, ela como uma pessoa extremamente religiosa, ela só via isso. Ela achava que por baixo de tudo isso estava à mão de Deus. E ela como uma grande católica, ela se embrenhou em todos os movimentos da igreja aqui. Ela foi do colégio das irmãs, onde ela estudou. Ela estudou aqui, ela se formou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

E: Filhas de Maria?
MI: Não, não. Filhas de Maria era um movimento da igreja. Ela foi filha de Maria também, aquela fitinha Azul. Que era só mulher, só moça solteira. Não, ela foi presidente, primeira presidente do grupo das ex-alunas do colégio das irmãs, do Nossa Senhora Auxiliadora. Montou-se uma comissão para fundar esse grupo de ex-alunos, era um grupo que foi fundado. Ela, que foi também uma das cabeças, ela foi a primeira presidente. Nas salas, lá se você visitar as freiras, você pode uma hora lá pedir... Olha eu gostaria... Estou montando um projeto, foi ex-aluna de vocês, foi ex-presidente, das ex-alunas.

E: Estou querendo ir lá.
MI: Tem a sala com as fotos dela, que nem lá na prefeitura. Então é muito bonito você chegar e saber disso. E ela foi ativa. Ela ajudou muito as freiras. Tudo que era coisa que tinha as freiras já chamavam: "Oliva, vem me dar palpite".

E: Eu localizei.
MI: Entendeu? Então daí... Bom, o que aconteceu em 1950, mais ou menos? Quando eu estava nascendo. Ela, antenada, em 1940 descobriu a Santa Terezinha, da França. Em 1950 ela descobriu em São Paulo, tinha acabado de chegar. Ela viajava muito pela prefeitura, tinha congressos, aquela coisa toda, isso a alimentava muito, porque ela trocava muita ideia. Gente, pessoas de outros estados, pessoas de grandes cidades, daqui tal. E ela, então ficou sabendo de um movimento que tinha nascido que agora está com 97 anos, agora dia 7 de Setembro, a Legião de Maria. Ela ficou sabendo por umas amigas São Paulo, ela sempre teve muito boas amizades em São Paulo e Rio, que existia o movimento, que nasceu na Irlanda em Dublin, e que era um movimento maravilhoso: Legião de Maria. O que era Legião de Maria? Ela foi descobrir o que era. Pesquisou, descobriu. Foi fundado por uma irlandesa e por um inglês, em Dublin, que é ali perto, a Irlanda é ali do lado da Inglaterra. Eram dois. Era uma senhora, a Edel Quinn e o Frank Duff, eram os dois irlandeses. Vizinhos de país. Lá em Dublin eles fundaram e o que essa Edel Quinn fez? Ela tinha tido tuberculose, ela precisava sair de lá que era muito frio e ela começou a pensar em fazer o movimento para levar Nossa Senhora e Jesus para as pessoas mais simples, as pessoas que não tinham acesso e foi para África, ser uma missionária. E levou a Legião de Maria pelo mundo. Se você entrar, digita lá, Legião de Maria no Google. Maravilhoso. Até que chegou em São Paulo, lá por 1940 e pouco, ou 1950. Assim que chegou em São Paulo, a tia Oliva já trouxe para cá. Então ela fundou. Isso para ela

era o máximo, ela ter trazido a Legião de Maria para cá. Junto com, ela nunca fazia nada sozinha, não, a ideia era dela, ela sempre pegava uma pessoa, "Você vem comigo", Ângela Jordana, que foi uma das fundadoras. O que ela fez? Ela chegou nos padres, que aqui só tinha os Salesianos e tinha os Redentorista. Na igreja Perpétuo Socorro, da igreja Santo Antônio, que é matriz, aquela igreja lá, a nossa matriz. Derrubaram, infelizmente. Aí ela chegou aos padres, que ela era muito amiga, tanto dos Salesianos quanto dos redentoristas e falou: "Olha, padre, eu tô sabendo desse movimento e eu gostaria de trazer para Campo Grande. Acabou de ser fundado em São Paulo, Rio". Eles responderam: "Vamos, vamos montar!" Menina, veio o padre americano para abertura da Legião de Maria aqui. Um padre americano, veio dos Estados Unidos para a Fundação. Você já pensou? Que coisa maravilhosa. Disse que foi maravilhosa, a mamãe já estava mocinha, assim casada, bonito que foi o movimento. Foi lindo. E ali começou a Legião de Maria. Então, vamos depois descobrir em que ano que foi. Acho que foi 40 e pouco. Começou a Legião de Maria, lá na igreja Santo Antônio, e cheia de freiras, também. Porque tinha um asilo dos... Você sabe, o asilo dos velhos onde é agora, né? Ele começou na Rua 26 de Agosto. Como você é mais nova, você não vai saber disso. Na Rua 26 de agosto, na altura da igreja Santo Antônio, para baixo do mercadão, para a esquerda. Mercadão está aqui, a 26 está por aqui, onde é o INSS. Por ali! Ali era o asilo dos velhos. Fui muito lá com meus pais. Nós todos éramos muito católicos, então meus pais nos levaram para a gente ver, para visitar idoso e tal. E tinha as freiras e quem cuidava sempre foram às freiras e tinha irmã Edith. Não a esqueço... Uma senhora, gordona. Ela foi uma das que contribuiu para a fundação Legião de Maria. E ali começou e já fundou, chama *Presidium*. Que é tudo em latim, são vários nomes, denominações, *Presidium*, *Concilium*... Tudo... Eu estudei pouco latim, não lembro, e tal, até chegar no *Senatus*, que é o órgão máximo em São Paulo. Dali é que vêm todas as ordens, sabe uma ramificação. Até chegar no... E eu faço parte da São José, ela me pôs a 30 anos. Eu sou legionária de Maria há 30 anos, aqui da São José. Ela fazia parte, ela falou: "Minha filha, vem cá". Chamou todas da família, a que aceitou primeiro foi a mãe dessa menina que nasceu com problema. A Zezé, que colaborou muito com ela no Miguel Couto. A mãe do Eduardo, que era sobrinha torta. Porque o meu primo que era casado com ela. "Zezé, vamos trabalhar comigo na Legião de Maria". Zezé foi e nunca mais largou. Está com 91 anos, a nossa presidente, do nosso grupo nesse grupo. 91! Ela é a mais de 50 anos legionária de Maria. E esse grupo nosso tem 40 e poucos anos, aqui. Ela começou em outro grupo e depois veio para cá. Então, ela chamou a Zezé, Zezé ficou. Aí chamou a Brunilda, a Brunilda foi por um tempo, mas tinha filho pequeno. Eu pequenininha e ouvindo falar de Legião de Maria. Quando eu me casei, tive meus filhos, morava na fazenda e depois vim para a cidade para ter, eu morava aqui, mas ficava lá. A tia Oliva me chamou para fazer parte. Falou: "Ignês, você não quer fazer parte?". Tinha convidado uma, convidado a outra da família, e ninguém, diziam: "Ah, não, não...". A Zezé continuando... E eu entrei, nunca mais sai. Estou há 30 anos e falo que eu vou morrer legionária. É muito lindo. E agora fez 97 anos, quer dizer... E eu quero assim, quando fizer 100 anos eu quero ir a Dublin, vou juntar dinheiro para ir a Dublin nos 100 anos da Legião. É maravilhoso. Entra para você ver! Ontem, teve um movimento bonito, uma comemoração bonita na, porque tem em várias paróquias, São João Bosco da Rua Paraíba, que é uma amiga minha que é presidente.

E: E eu quero escrever um pouco sobre essa parte mesmo da religião, que é o fundamental dela.

MI: Nossa! Para ela, foi uma coisa, uma coisa, nossa. Vou até te mostrar desse grupo da onde eu fui, desse grupo dessas amigas, o altarzinho como ele é lindo. Onde você for, no mundo

inteiro, se você for lá à África, lá no vilarejo tem uma igrejinha que é da Legião de Maria. É o mesmo altar.

E: E para finalizar, uma frase, como você definiria a professora Oliva Enciso?

MI: Uma pessoa devotada à educação! Não tem outra expressão mais forte para eu colocar, por quê? Porque ela falava que a educação é a base de tudo, a educação, vamos ver, intelectual, o preparo de um ser humano, desde o primário passando por todas as etapas a chegar até cursar uma universidade, a fazer uma pós-graduação, a se dedicar... A educação. É o que tira uma pessoa da ignorância e ela não se conformava com a ignorância, justamente por causa desse processo dela espiritual, como era muito desenvolvido, ela era acima de tudo. Ela era uma coisa inspiradora, era o divino Espírito Santo chegou falou: "Olha, Oliva, eu vou te usar aqui, eu vou querer que você esparramasse isso aí". E através disso, o ser humano, ele sendo educado, transcende e não vai ficar só nesse mundo físico. Ele vai ter um alcance espiritual maior, ele vai ter aquilo que a pessoa precisa ter... Não basta só a gente ter as coisas materiais, ser um grande físico, ser um grande político, ser um grande presidente, ser um grande empresário, nada disso vai te fazer, como ser humano completo, se você não tiver a tua formação religiosa, também. Está embutido nisso, que faz parte da educação, você nasceu um ser humano para o quê? Precisa ser educado, receber instrução, para você ter uma profissão, para ser alguém e para ter influência naquele meio onde você nasceu. Que era isso que ela queria. Ela queria... Se ela pudesse ela carregava todo mundo no colo, e punha todo mundo como um grande profissional, como um grande divulgador da fé, entendeu? Como ela foi! Então, eu acho assim, isso foi o que mais ela deixou para nós. Essa coisa da fé, a Bíblia... Eu tenho a Bíblia dela! Eu estou com a Bíblia dela na minha cabeceira e está perfeita lá, com os risquinhos que ela fazia. Eu vou até pegar lá, antes de você ir, para você ver. E tudo que ela riscava ali, é tudo que eu me apaixono. Quando eu vou ler, às vezes eu falo: "Gente!" Outro dia mesmo, o padre, estava um dos padres que eu sigo aqui, tem vários, no grupo da legião de Maria, que é um grupo no... Elas mandam no *WhatsApp* as orações do dia, o evangelho do dia. Um dos padres pede assim: "Vamos começar esse mês de setembro, começar a estudar a bíblia desde o primeiro dia de setembro". Eu nunca fui de ficar estudando muito a bíblia não. Eu leio o que eu tenho que ler, os Salmos que eu gosto, os evangelhos que eu aprecio muito, as cartas de São Paulo. E ele fala, vamos começar pela primeira carta de São João. Então, fizemos o número 1, 2, 3 e agora já está no 4. Eu estou sentindo, entendeu? Que eu abro, está lá... O risquinho dela, que eu nunca tinha aberto a carta de São João, a mãozinha dela, grifadinho tudo. Falei "Gente, que coisa!" Depois de 13 anos que ela morreu. Então, é a presença dela. Vou te mostrar o altarzinho de Nossa Senhora. Olha! É assim, ele é montado desse jeito, é uma toalha, embaixo, porque, geralmente é o vermelho, aqui olha "Legio Mariae", é o em latim, Legião de Maria, a Nossa Senhora, aquela duas velas, dois vasinhos de flor atrás e um *Vexillum Legionis*, que é o símbolo com o divino Espírito Santo, que é lindo. Aqui, aqui! Imagina se eu ia apagar! Olha que coisa linda. Aonde você for ao mundo, você vai ver esse altar. E você tem uma identificação que você chega a um lugar, se você chegar em uma igreja e ver que tem um grupo assim "Ah, é da Legião Salve Maria", é o nosso cumprimento "Salve Maria", na entrada e na saída. Lindo o altar. Qualquer lugar, todos. Então a gente chega, nós temos a nossa mesa grande, para 12 pessoas e está o altarzinho montado na ponta da mesa. Esse aí foi montado solto porque era uma festa. Mas normalmente ele fica em uma beirada de uma mesa grande, onde as pessoas sentam para reunião. Esse aqui que é *Vexillum* olha que lindo que ele é. Esse é o nosso emblema. É o globo, o mundo, a Nossa Senhora das Graças com os braços abertos e aqui o espírito Santo... Tem toda uma simbologia e um significado.

E: O Espírito Santo agindo sobre ela e ela agindo sobre o mundo.

MI: Tanto é que ela olha para baixo. As graças dela estão saindo... Então é muito lindo. Eu não tenho como tirar, desvincular a tia Oliva da parte religiosa.

E: Eu agradeço muito a senhora. Foi muito enriquecedor. E a nossa conversa só está começando.

MI: Eu tenho muita coisa para conversar ainda. Mas eu acho que esses tópicos assim, que eu te passei, eu acho que são os principais, né?

PARTE 2

E: É isso que eu queria entender, essa formação política dela veio?

MI: A minha vó, a conversa da vovó... Ela conversava com doutores, tinha os médicos amigos de família que iam lá para conversar com vovó, ficavam encantados com a inteligência dela. Uma mulher antenada, também, engraçada, bem humorada, uma coisa! E a tia Oliva puxou esse lado. E mamãe também era muito assim, sabe. Todas muito inteligentes, mas umas mais voltadas para o lar, àquela coisa. E a mamãe muito, também. E o vovô, disse que era um homem extremamente inteligente. Mas era extremamente inteligente! A tia Oliva disse que ele sentava com as filhas na beira do fogão e dava aula para elas, de humanidade, de bom comportamento, de religiosidade, disse que era uma coisa! Mas já vem, né... Porque ele era para ter sido padre! O pai dele era para ter sido padre. Fugiu do seminário. Casou em Assunção, uma dessas cidades aí. De lá se casou teve filhos. Um dos filhos era o vovô. Aí ele, arrependido falou: "Não, você vai ser padre. Já que eu não fui." Botou vovô no seminário e ele não quis ficar. Aí vovô casa-se com a vovó, vão para Corumbá e tem as filhas, e das sete filhas vem Oliva com essa de ser freira. Então estava no DNA da família essa parte religiosa, porque o espanhol é muito religioso. E a descendência é espanhola, nós achávamos que tinha qualquer coisa de italiano, Enciso. Mas pelo que nós já pesquisamos, é espanhol. Tem até uma cidade, tem uma Rua em Granada, no sul da Espanha, que chama Enciso. Uma amiga minha foi, tirou fotografia. Ela falou: "Ignês, lembrei-me de você! Teu nome da tua família em uma rua lá em Granada!". E Granada, aquela outra Andaluzia, uma daquelas cidades bem no sul. Então a nossa família, muito religiosa, porque o espanhol é muito religioso, o português também, muito religioso. Aí já o lado da minha avó, da mãe dela, que não é o "Enciso".

E: Eu pesquisei sobre o pai da sua avó.

MI: Isso, que foi coronel do exército.

E: Localizei alguns documentos e artigos de jornais, ele também se envolveu na política. Por isso que eu perguntei da onde que veio essa origem da mãe...

MI: Se você puder me passar, eu gostaria. Ele morreu como Coronel. Ele era Tenente-Coronel. A partir daí ela começou a receber um tempinho da família militar, depois da morte, porque vovó tinha 7 anos quando ele morreu. Ele morreu em 89, ela nasceu em 82. E foi no ano da Proclamação da República. E ele veio de Portugal, mocinho, meninote, ele nasceu em Portugal. Ferreira da Cunha era o sobrenome dele. Ele veio com a família de Portugal, para Petrópolis, não sei, e ali ele entrou para o Exército Imperial. Foi do Exército Imperial de Dom Pedro II. Aí estoura a Guerra do Paraguai. Você vai dizer, mas como que um carioca casa-se

com uma corumbaense? Estoura a Guerra do Paraguai, ele vem servir na Guerra do Paraguai. Só que ele estava casado, ele tinha casado e se eu não me engano ficou viúvo, tinha família lá, no Rio. Ele fica viúvo e ele servindo aqui na guerra do Paraguai, sobreviveu, e ele conhece a vovó bem mocinha, bem mais nova do que ele. E casa. Minha bisavó. Casa-se com a minha bisavó: Joana, corumbaense. E tem uma filha, que é a vovó. Só tiveram essa filha, Martinha. Ele teve a vovó Martinha com a Joana... Eu tenho foto dele, assim, bonita em uma coisa de ouro que a vovó deixou para mamãe e com aquela coisa de Coronel, assim, aquela capa de militar. E ele casa-se com ela e tem essa filha Martinha, ela com 7 anos ele morre. Em 89, ele era bem mais velho, do que essa segunda mulher, que era minha bisavó. E a minha bisavó cria a vovó Martinha, e casa-se de novo. Ela se casa, porque ela era muito nova. Casa-se com um boliviano de sobrenome Colombo. Dizem que é uma família muito boa da Bolívia, não sei de que cidade. E que tinham vindo para Corumbá. Ela se casa... Foi o padrasto da vovó e tem três filhos com Colombo, que eu cheguei a conhecer os três: Romualdo, Guido e outro. Eram um pouco mais novos que vovó, vamos supor assim, uns 5 anos depois. Minha bisavó deve ter casado e ela teve esses irmãos do segundo casamento. Mas sempre moraram lá, na Bolívia e vinham para cá para tratamento, então na minha infância eu conheci. Mais tarde, faleceram. Um até pegou duas crianças para criar na época, lá em Corumbá, e morre cedo. Um deles e deu para vovó criar. Ele estava doente, deu para vovó e morre. A vovó criou esses dois filhos dele, criou como filhos. Que regulavam de idade com a minha mãe. Trouxe para cá, ele mandou para cá, ela criou e foi minha segunda mãe, essa que a vovó criou a Joana. Tinha o nome Joana, também. E aí o que acontece? Mais tarde, vovó viúva, criando seus filhos... Como que ela veio, a saber... E ela contava tudo, dessa família, do vovô, que ela era pequenininha, mas lembrava dele no exército, aquela coisa de guerra e tal, ele falava que ia ser proclamada a república e falava que conheceu o Marechal Deodoro da Fonseca. Vovó falava: "Ah, minha família conheceu..." e a gente ria dela. Você acredita que se passaram os anos, a gente achava que ela estava caducando, uns 70 e poucos anos. Uma amiga da tia Oliva e da minha outra tia mais velha, uma das tias... Essa minha outra tia tem uma história bonita, também. Ela tinha dito, essa não casou, Mercedes, ela era muito elegante, muito chique, mas não casou. Ela era a segunda filha, a primeira foi aquela que o marido ajudou a vir, que é o pai do Newton.

E: Clarisse?

MI: Não, não, a Clarisse é a quarta filha. A mais velha é Bráulia. Bráulia é a mais velha, que casou com o contador, que era baiano, tinha poderio e que trouxe a vovó com a família inteira.

E: A Bráulia foi a primeira?

MI: A primeira, a segunda a Mercedes. Que era essa elegantérrima, que depois eu te dou uma pincelada. A terceira Henriqueta, solteira, que era cozinheira. Essa era do lar. A Mercedes era modista, era design de... Era costureira! Costureira famosa aqui. A Henriqueta era cozinheira, vivia na cozinha. Aí tinha a Clarice, que se casou com baiano, também, que é o pai da Brunilda. Que é um farmacêutico de muita capacidade, um homem culto, cultíssimo, de família italiana, que veio da Bahia para cá. Aí, vem tia Oliva, que é a quinta. Então foi assim, uma escadinha: 20, 18, 17, 15, 14, tia Oliva. Aí a mamãe com 3 e tia Carminha com um quando vovô morre. Então essa lacuna, esse intervalo de 14 anos de tia Oliva, para 3 da mamãe. A vovó não teve filhos durante 11 anos, aí que veio mamãe e tia Carminha. A Maria da Conceição e mais a Maria do Carmo. 11 anos depois. Que foram as duas temporonas, que vovó pede socorro para tia Oliva. A tia Oliva estudando no Rio, era tudo por carta. Quando tia

Oliva escreve uma carta dizendo... Morando na casa de uns parentes da vovó, gente que tinha condições financeiras, era uma casa muito bonita, levavam tia Oliva para passear, ia aos museus famosos. E tia Oliva escreve e vovó fica desesperada, ela fala: "Oliva, mas como, essas duas meninas, como que vai ser para eu criar, eu já trabalho tanto, você que é promissora, teu futuro...". E ela resolve: "Não, eu vou largar Medicina, mas eu não vou ser freira, então, mas eu vou me dedicar ao próximo, que o meu objetivo é fazer um orfanato". Aí ela entra para prefeitura e consegue chegar ao que ela queria, entendeu? Como que era... O foco dela era o próximo, era a educação do próximo. Ah! E tem o título do livro aquele, que é importantíssimo! "Brasileiros, pensai na Educação!", você leu sobre aquilo? Ela foi para uma palestra, um Congresso no Rio de Janeiro, que era o filho Doutor Miguel Couto fazendo, o médico que tem o nome do hospital lá. E nessa convenção, essa coisa, ela fica conhecendo, ela foi apresentada, ela ficou apaixonada pela causa do doutor Miguel Couto. E essa palestra, o que esse doutor fala? Que ele tinha acabado de chegar ao Brasil, no pós-guerra, na guerra, em 42, 40, 41... Foi por aí, que ela estava já com essa ideia do Miguel Couto que já estava engatilhada, mas que não tinha nome. Ele conta que ele estando no Japão, aqui tudo dizimado, acabado, em alguma convenção também, que ele foi, e o do imperador do Japão, deu a seguinte ordem, para todas as famílias: "Nós vamos renascer das cinzas, nós vamos... primeira coisa: o pai e a mãe vão ser os professores dos seus filhos. Eu não quero um analfabeto nessa ilha". O Imperador decretou: "A partir de hoje, durante essa guerra, nós não queremos, não quero... quando tivermos condições, nós vamos começar a montar a escola, mas a partir de agora, que cada pai, cada mãe, de aula para os seus filhos". E falou, terminou a palestra falando assim "brasileiros..." nessa palestra no Rio de Janeiro doutor Miguel Couto: "Pensai na educação!". Olha quando isso, 1941, que foi justamente, quando ela funda o Miguel Couto, que ela põe o nome Miguel Couto "Sociedade Miguel Couto dos amigos dos estudantes". Ninguém entendia, porque um título tão grande para uma escola. Por quê? Porque ela fundou com mais pessoas. Ela precisou do apoio de várias pessoas, que foram sócios dela, que se associaram nesse projeto, que contribuíram de alguma forma, "dos amigos do estudante", que era esse estudante pobre, que ela queria uma formação.

E: Outra coisa que eu me indago, é assim, no momento da divisão do Estado. Eu falo...

MI: Ela foi divisionista?

E: Então, tem algumas pessoas que falam que ela não queria a divisão.

MI: Não, na realidade ela não queria, porque era um estado potente. Ela serviu como deputada de uma capital. Ela tinha suas raízes, também. Nós tínhamos parentes lá. Ela a princípio, não. Mas aí, como o Doutor Paulo Machado era divisionista e ele era e foi grande colaborador dela no Miguel Couto, ele acho que conseguiu fazer a cabeça dela e ela se tornou divisionista, ela foi muito amiga dele. E do Doutor Arnaldo Figueiredo, também, que foi um dos governadores do estado. Que tinha até a casa da memória, maravilhosa, que foi... A filha acabou com a casa da memória. Prestavam homenagens lindas para todas as autoridades daqui. Tia Oliva foi muito homenageada. Hoje em dia, a dona, que é filha dele, está numa cadeira de rodas, numa cama, uma cama numa casa, que ela tinha uma casa maravilhosa na Afonso Pena, vendeu metade da casa ou mais da metade, para ter um cantinho para ela sobreviver e os filhos cuidando e ela que montou esse projeto mesmo, a Lélia Rita porque ela tinha condições financeiras, quando ela montou na casa. Que era o que eu queria ter feito na casa da vovó, não precisava do Miguel Couto eu faria na casa da minha vó, que é onde ela morou. Mas nós não tínhamos condições, quem me dera! Agora Lélia Rita foi à luta, nossa! E o pai governador, quer dizer, então ela tinha todo outro poderio, também. Eu não tenho isso

tudo, esse cacife por trás. E ela montou, coitadinha, hoje em dia não tem nada, não tem nenhum para continuar a Casa da Memória. Não teve. Isso foi muita judiação, fui muito com a tia Oliva lá, mas muito! Virava e mexia, uma vez por mês tinha um evento lá. Um concerto de piano, um edital de uma coisa, de uma noite de poesias, entendeu? Uma noite de homenagens, mas foi lindo! Foram anos que a Lélia Rita trabalhou nisso. Agora está ela numa cama. Outro dia encontrei com o filho dela, morro de dó, porque são pessoas que lutam pela preservação da cultura. Vê o Brasil agora com esse incêndio naquele museu!

E: É isso que é a nossa preocupação na Universidade. Fazer um acervo com manutenção de documentos históricos. Porque assim, igual na Arca, eu já fiz pesquisa lá, eles falaram já que tem caixas e caixas de materiais guardados, que eles nem sabem o que tem dentro!

MI: Você pensa se não existissem pessoas como você, que está aqui na minha frente, que eu sei que existe, como outros também interessados em educação, o que seria desse mundo? Olha como Deus faz essa obra. Aí que eu falo tia Oliva enxergava tudo pela mão de Deus. Ela falava: "Minha filha, olha a mão de Deus nisso daí!" Olha como é importante a sua atuação dentro de um projeto que você está montando, fazendo dentro da tua área de educação! Você teve esse *insight*, essa luz maravilhosa de querer fazer isso e tem outras ideias surgindo... Olha como uma coisa puxa a outra. Eu porque eu já estou... Bom, daqui a pouco vou fazer 70 anos. Eu seria uma pessoa, se eu tivesse, quiseram me pôr na política, quiseram muito. O próprio Juvêncio, ele sempre: "Ah, Ignês, você devia ser..." e meu marido era diretor da Acrissul na época, tinha um grupo lá do PMDB que era da diretoria: "Vamos que vamos, você entra, te lançamos como vereadora". Eu botava a tia Oliva em todas as homenagens. Eu e Eduardo. Tinha homenagem para ela, direto em vida. Como ela foi homenageada! A partir dos 70, 80 anos, quando ela se aposentou, como tinha! Gente, como tinha! A tia Oliva: "Ah, minha filha..." Ela não negava, ela ia a tudo. Ela só falava assim: "Ah, mas será?". "Tia Oliva é uma homenagem maravilhosa que vai ter para a senhora!" Ia lá e arrumava aquele cabelinho dela bonitinho, com uma presilhinha aqui, cabelo branquinho,... Lá íamos nós, eu e Eduardo levar. Então, isso que eu te falo, eles cansaram de me pedir. Há uns 20 anos atrás isso. Bem antes da tia Oliva morrer, 20 poucos anos, 25. "Você devia entrar. Você entra primeiro com o partido", eu filiei, "Mas vamos participar e de repente lançamos você como vereadora". Você tem o cacife da sua tia! "Você tem o nome da tua tia". Meu marido não deixou. Eu também não quis.

E: E a família não, ninguém se interessou?

MI: Não, ninguém se... Só eu que fui convidada, falar a verdade! Meu pai foi convidado a ser prefeito. Mas papai nunca quis. Eu vou trazer eu, só não sei se eu tenho outro, se não eu te daria. Eu vou trazer um bolinho, olha eu vou te dar de presente essa Nossa Senhora das Graças.

E: Ah, obrigada!

Campo Grande – MS, 19 de 09 de 2018.

Maria Inês Puga de Barcelos

Depoente Maria Inês Puga de Barcelos

A. Britez

Pesquisadora Adriana Espindola Britez

Local: Residência da depoente.

ARQUIVO: 04

DURAÇÃO: 32min.

DATA: 28/09/2018

Transcrição de entrevista - Noêmia Ferreira Rosa

E: Entrevistadora

N: Noêmia Ferreira Rosa (Enfermeira, amiga pessoal e beneficiária das obras de Oliva Enciso)

E: Entrevista com a senhora Noêmia. Ela foi amiga da família e conheceu a professora Oliva Enciso na década de 1970. Entrevista realizada no dia 28 de setembro de 2018. Sobre a trajetória da professora Oliva Enciso sobre o livro Enciso infância e família. Quem eram seus pais, onde nasceu e como era época desse nascimento?

N: Então... O meu conhecimento é pouco, mas dá para trazer a memória... Ela era membro de uma família numerosa de irmãs. Seu pai, ela falava dele com recordações muito agradáveis, senhor Santiago e a sua mãe Martinha. O pouco que eu sei é que ela cresceu feliz nessa família de seis irmãs mais ou menos, não tenho certeza exatamente, e que eles mudaram de algum lugar para Corumbá e depois para Campo Grande. Aqui também em Campo Grande-Corumbá ela cresceu, estudou e iniciou sua vida familiar e estudantil... Assim foi crescendo e até que se tornou uma vereadora e uma deputada. Ela falava muito com muito carinho desse pai, também me disse que ele foi uma pessoa que faleceu cedo ainda jovem, e que as irmãs ficaram todas pequenas assim como ela também ficou pequena. Sei que nessa vinda para cá, que quando ela me contava era um tempo distante, mas que ela procurava falar disso com muito prazer, alegria e satisfação em se referir aos seus familiares.

E: Está certo. A senhora se lembra dessa relação dela com a educação e com a política? Se na família no período era normal ter esse envolvimento antes dela entrar na política. Ela falava que tinha algum envolvimento com educação e a política, que veio da família, o estilo da mãe, por exemplo?

N: Não, eu não me lembro de nenhum envolvimento da família com a política, mesmo porque quando ela me contava isso eu creio assim, que a vida política já tinha ficado para trás e já tinha passado. Eu creio que ela era uma pessoa que sempre buscou a melhoria, o conhecimento e buscou a educação para todos. Eu creio que nessa busca pela educação para todos ela tenha encontrado a oportunidade também de se inserir na política e educação.

E: Obrigada. A senhora tem recordações ou memória sobre a escolarização dela. Como que ela dizia, os cursos que ela frequentou? A importância de estudar?

N: Não, me lembro do que ela comentou comigo do seu sucesso enquanto aluna. Se eu não estou equivocada ela estudou no Colégio das Irmãs, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, uma pessoa brilhante como aluna e chamada de professora Oliva Enciso. Ela deve ter dado aula também, mas eu não me lembro dessa época. Porque eu já fui uma beneficiária... Eu já recebi os benefícios da ação dela na Sociedade, da vida dela inserida enquanto educadora.

E: Você a conheceu na Sociedade Miguel Couto?

N: Na Sociedade Miguel Couto, fui muito bem recebida por ela, muito amada por ela e muito cuidada por ela.

E: Ela alguma vez relatou que ela teve dificuldades no período de que ela era estudante?

N: Não... A recordação que eu tenho é de que ela era bem-sucedida. Ela era uma pessoa que aproveitava as oportunidades que passavam por ela e até criava oportunidades. Era uma pessoa fenomenal na busca do conhecimento e de oportunidades.

E: Oliva Enciso e a atuação educacional... O magistério foi uma escolha própria da Oliva Enciso ou ela foi de sobrevivência?

N: Existe algo chamado vocação... Eu acredito que ela foi vocacionada por Deus para atuar nessa área e atuar com amor... Com amor e competência profissional, sabendo aonde poderia chegar, e quão grande a necessidade do cidadão dar oportunidade de ter a educação proposta pela sociedade, e a oportunidade também de que ninguém passasse ou crescesse sem receber a educação formal oportuna em tempo oportuno. Esse era o objetivo dela, uma vontade dela, a certeza de que isso era possível para a sociedade.

E: Obrigada. As escolas então que ela lecionou talvez seja o Pestalozzi, que foi o início dela e escola das irmãs que a senhora disse que talvez ela também foi professora lá?

N: Eu desconheço...

E: A senhora se lembra de quais instituições escolares Oliva Enciso ajudou a fundar?

N: Só a Sociedade Rural dos amigos, quer dizer, Sociedade Miguel Couto, é a Sociedade Miguel Couto, só tenho conhecimento dessa aí.

E: Então ela, como que era a atuação dela lá no Miguel Couto, como a senhora não conhece o Ginásio Barão do Rio Branco, o que a senhora lembra da Sociedade?

N: Ela era diretora lá.

E: Ela era diretora.

N: Ela e a sua família.

E: A família toda participava da Sociedade? Miguel Couto?

N: Não, a família toda não, mais o senhor Newton, suas filhas e a esposa estavam com ela quando eu a conheci. Quando ela me acolheu na Sociedade Miguel Couto eu me lembro dessa história.

E: A senhora se lembra de algumas pessoas que faziam parte das redes da rede de relações dela, pessoas com quem que ela convivia e que ajudava ela na sociedade?

N: Não. Eu sei que a escola possuía como é que a gente fala assim um corpo de professores para o primeiro grau. Que eu me lembre, não sei se depois se tornou segundo grau.

E: Está certo. A senhora se lembra, ela passou ou transmitiu como que ela começou o trabalho dela na prefeitura? Como que ela iniciou o trabalho dela?

N: Não sei responder, isso eu não sabia.

E: Ela foi secretária, ela começou a trabalhar na prefeitura, era secretária de atender todos os prefeitos e dali que ela foi trabalhando em outras... A partir da secretaria, do trabalho como secretária, ela foi datilógrafa. Ela entrou na prefeitura para datilografar documentos, aí como a senhora disse ela sempre profissional e sempre dedicada ela foi mudando de cargo. Dali que ela, pelo jeito dela e pela postura dela ela foi se inserindo. Assim... Eu defendo a tese que a representação de Oliva Enciso não surgiu do nada.

N: Ela não surgiu do nada, ela não era uma pessoa usurpadora de oportunidades, não, não. Ela aproveitou as oportunidades que o tempo trouxe para ela, entendeu. Ela foi uma pessoa que construiu uma vida, que construiu uma carreira e que foi um dos pilares da educação para muita gente aqui. Sei que Campo Grande a respeita. Eu é que não sou muito familiarizada porque justamente eu não sou da área, entende, então a gente esquece.

E: Eu também acredito nesse respeito, mas que a história está ficando para trás, agente precisa retomar nossa história... Porque ela foi uma grande mulher. A atuação política, a senhora se recorda alguma coisa?

N: Na verdade não me recordo, porque eu penso assim por ela ter sido a primeira mulher no Mato Grosso de Sul a ter cargo público eu não acompanhei essa época.

E: Alguma vez ela comentou ou conversou com a senhora do por que ela deixou a política partidária? Porque ela tinha tudo para se tornar uma deputada federal ou uma senadora. Por que ela abandonou essa política partidária? Do partido?

N: Não sei responder, mas conhecendo ela da maneira como eu a conheci não era o foco dela ser política pelo cargo, mas ela, ela era uma pessoa com o objetivo da educação. Eu creio assim, ela é escritora né, era membro da Academia de Letras, tem sua cadeira e tem seu espaço e o político ele não tem assim essa visão... Então são visões diferentes, tá.

E: Tudo certo... Ela comentou alguma coisa, ou a senhora se recorda por que ela resolveu ser candidata à vereadora?

N: Não.

E: Não também, tudo bem.

N: Não me lembro, ela pode até ter comentado, porque ela era uma pessoa muito bacana para conversar de tudo e muito reservada. Ela falava muito bem, uma pessoa de conteúdo, muito crente em Deus, colocando sempre Deus na frente, buscando conhecer a vontade de Deus, entendendo que Deus queria o social respeitado e as necessidades do cidadão... Então, ela era assim... Creio eu que despojada de ambições pessoais, o que faz, o que faz diferente do político. Creio que por essa razão ela não seguiu a carreira política, porque são duas carreiras diferentes, né.

E: Aí, essa parte da política que eu ia fazer várias perguntas sobre política, eu já nem vou perguntar.

N: Não, mas pode perguntar, quem sabe posso ajudar.

E: Como era atuação como vereadora? Recorda-se o que ela fez?

N: Não, na verdade eu não me recordo, mas eu creio que se houve um vereador que cumpriu a sua missão de vereador foi ela... Eu creio que enquanto vereadora ela pode defender o interesse da educação para a cidade e para o povo que ela estava ali para representar. Então eu creio que ela não foi uma pessoa omissa as suas funções de vereadora. Porque, qual é a função do vereador? Não é buscar para o cidadão e não é interferir. Então eu creio que essa missão ela cumpriu.

E: A mesma pergunta eu faço na questão como deputada estadual.

N: Então, no mesmo pensamento do cargo de vereadora ela deve ter cumprido essa missão, mas assim, eu desconheço o cotidiano dessa vida então de mulher vereadora, de mulher como deputado estadual. Sei que com orgulho eu aprendi que ela foi a primeira, mas também foi só isso, porque já era um tempo distante.

E: Olívia Enciso publicou obras literárias e artigos em revistas. Qual era essa motivação dela para escrever, porque ela escrevia?

N: Por prazer, eu creio que Oliva Enciso escrevia por prazer... Ela era uma poetisa porque ela conseguia externar o que ela trazia dentro dela. Ela sempre relacionava Deus e as pessoas, e o quanto as pessoas podem... Ela falava da importância das pessoas no seu tempo, no seu local e na sua busca de Deus também. Você tem acesso as poesias dela?

E: Já tenho os livros dela.

N: Que lindo! Quantos livros você tem dela?

E: Eu tenho "Palavras em poesia", "Pensai na Educação, da sociedade Miguel Couto" e "Mato Grosso do Sul: minha terra".

N: Não, é assim "Pensai na Educação, Brasileiros!". Eu acho que eu tenho dois livros dela só, esse da Sociedade.

E: Foram esses três que ela escreveu e fora os artigos que ela publicou. Sempre ela nessa relação com Deus. Muito interessante.

N: Então, a pessoa que tem Deus ela consegue pensar no próximo. Porque Deus está em nós. E Deus quer que o cidadão e que o homem que ele criou seja valorizado, respeitado, instruído e que ocupe um lugar de honra na sociedade. Por que nós estamos aqui hoje? Por que eu estou aqui com você agora? Porque de alguma forma eu quero que você tenha suas necessidades supridas. Eu poderia dizer não tenho nada a ver com isso, mas se eu puder ser útil hoje para você, então estou aqui.

E: Eu agradeço muito.

N: Ela era assim. Entendeu. Além de ser uma pessoa ética... Ética! Com bons, nem falar né, falar de bons princípios. A pessoa para almejar, para fazer e acontecer ela tem que trazer uma ética dentro dela. Para ser uma pessoa que constrói, ela tem que ser ética. E isso ela era, ética!

E: Ética e profissional. As instituições culturais que ela fez parte, a senhora se recorda?

N: Academia de Letras. Como era a pergunta?

E: As instituições que ela fez parte?

N: Qual é o nome daquela que ela fez parte que você falou? Barão do...

E: Barão do Rio Branco, do CNEC, da Campanha dos Educandários Gratuitos.

N: Olha, só posso dizer que ela era uma pessoa envolvida com a educação, mas particularidades assim eu não sei.

E: Hum! Então está bom. Em sua opinião o que foi marcante para ela, para família ou para vocês esse envolvimento com instituições culturais? Um fato marcante que vem na tua memória?

N: Não deixando de ser modesta, eu acho que ela construiu uma cultura, entendeu. A cultura do amor, a cultura do trabalho, salário justo, valorização do cidadão, valorização dos desvalorizados, dos órfãos, dos necessitados socialmente, entendeu. Então eu penso assim, que e ela não ficou fazendo parte sem deixar obra, ela trabalhou, ela construiu e como é que eu poderia dizer. Como é que pergunta?

E: As instituições culturais, fatos marcantes sobre a cultura?

N: Só posso dizer que ela era uma amante do Mato Grosso do Sul, que ela formou uma cultura, ela deixou esse legado. Porque se ela não tivesse, ela não era apenas uma admiradora,

alguém que passava, era alguém que fazia. Fazia cultura no tempo dela, na época dela, por onde ela passava, não sei se ela era professora aqui ou professora ali. Hoje durante 10 anos aqui, mais 10 anos ali. Daí eu não sei... Eu não sei avaliar, mas ela era uma pessoa de deixar marcas. Por que Noêmia, marcas de que jeito? Do seu trabalho, da sua, como é que eu poderia dizer, do seu envolvimento, né. Porque a gente pode apenas passar, mas não foi a caso dela.

E: Representações sobre Oliva Enciso. Em sua opinião o que permanece sua memória sobre atuação de Oliva Enciso no campo educacional, político e social de Oliva Enciso em Campo Grande? Conte algumas ações que foram realizadas por ela? Isso que acabou de falar sobre a cultura.

N: Eu não saberia enumerar. Mas esse parecer geral que eu te deixei. Eu penso assim, que a maior obra, qual é a pergunta?

E: Em sua opinião o que permanece em sua memória sobre atuação dos campos educacional, político e social de Oliva Enciso em Campo Grande? O que marca? O que ela fez que está presente na cidade? Conte alguma dessas ações que foram realizadas por ela.

N: Como eu já disse a Sociedade Miguel Couto, porque ali ela abrigava e educava pessoas, ainda que temporariamente, pessoas que precisavam de um abrigo, crianças adolescentes e jovens. Então era uma referência para o Mato Grosso do Sul. Eu entendo assim.

E: Em sua opinião quais contribuições de Oliva Enciso para sociedade de Campo Grande e para o Mato Grosso do Sul?

N: Em minha opinião qual a contribuição?

E: Tanto para Campo Grande quanto Mato Grosso do Sul.

N: Assim, eu não tenho noção do que ela criou dentro de uma secretaria de educação, por exemplo, mas eu creio que no seu mandato de vereadora e de deputado estadual ela deve ter assim criado oportunidades, feito cumprir a Constituição no tocante ao momento, ao tempo ali. Eu creio que ela não deixou de investir naquilo que pudesse ser proveitoso para sociedade na área da educação, como eu caso que estamos falando né, e na área social também, mas assim descrever, por exemplo, não, eu não sei descrever uma atuação na área da assistência social, sei que houve, mas não sei. Na educação, sei com certeza a lei foi cumprida, no tocante a sua competência naquele tempo, mas também não sei assim, por não ser uma pessoa da área especificar.

E: Como você define papel social de Oliva Enciso no período de sua atuação política educacional, como agente feminina, uma mulher atuante na sociedade de Campo Grande? Ela como mulher da década de 40 e 50, o que modificou? Qual foi a importância dela nesse período?

N: Bom, como mulher, o que você falou?

E: Como mulher, agente feminina, qual foi a importância dela para outras mulheres e para a sociedade? Porque ela foi uma mulher que transitou no espaço masculino.

N: Bem precocemente né. Bem precocemente. Bom eu vejo ela assim, como uma mãe, porque se preocupou com quem precisava. Eu vejo ela como uma funcionária pública exemplar, porque cumpriu uma função porque quando ainda nenhuma outra mulher avançou, ela avançou. Então como é que eu vejo ela, eu vejo ela como uma pessoa maravilhosa, como agente de Deus, como alguém que leva uma luz, porque quem leva conhecimento leva luz, quem faz cumprir um direito, quem faz cumprir um direito a quem direito está reservado. Nossa! Agente de uma ação social necessária, assim enquanto tantos poderiam buscar os seus interesses próprios, ela buscou os interesses da comunidade, da juventude e desprovidos de oportunidades. Ela preparou para hoje, para os dias, ontem ela preparou para os dias de hoje, ela alicerçou o que faltava certamente na educação, no social. Eu acho que ela agiu dessa forma, como eu já disse criando oportunidades né, fazendo cumprir aquilo que era de direito que se cumprisse. Então eu acho assim, que foi um agente de luta e de paz.

E: Se possível em apenas uma frase, como a senhora definiria Oliva Enciso?

N: Uma pessoa que trabalhou e que amou uma sociedade! Sendo ela parte dessa nessa sociedade ela enxergou além dos demais as necessidades de um povo, que é a educação e a cultura, né. Então, eu considero ela como uma agente de Deus que trabalhou em prol de um povo, sem querer florear nada Que se você chegar mais perto, se você pegar alguém que conviveu com ela você vai ouvir isso e muito mais, entendeu. Não que eu não convivi, eu convivi, não assim nesses termos... Ela era altruísta! Pessoinha maravilhosa!

E: Pessoinha... Eu fico imaginando ela. Eu fico imaginando como ela era.

N: Quando eu digo pessoinha é porque ela era uma pessoa de estatura pequena, mas de um cérebro muito grande. Não que ela era uma pessoa pequena, mas o seu porte físico era pequeno, mas a sua inteligência e o seu entendimento da sociedade era muito grande. A sua valorização do homem era muito grande, uma pessoa prudente também para o seu tempo. Esse é o meu olhar que eu falei.

E: É isso senhora Noêmia.

N: Dá uma revisada, o que podia falar eu falei.

E: Obrigada por participar da pesquisa. Se a senhora quiser complementar mais alguma coisa, sobre a origem da família, sobre onde ela nasceu, as relações que teve com a educação, as escolas que frequentou, as dificuldades de ela teve na escolarização, a atuação dela no magistério, as instituições que ela ajudou a fundar e as pessoas que faziam parte das redes de

relações sociais. A senhora se lembra de alguma informação, assim que frequentava a casa, um político que ajudou muito ela.

N: Os amigos dela, os membros da Academia de Letras, as pessoas que ela se referia, os ilustres, então.

Campo Grande – MS, 18 de Abril de 19.

Noêmia Ferreira Rosa

Pesquisadora: Adriana Espindola Britez

Local: PPGEdu-UFMS

ARQUIVO: 05
DURAÇÃO: 60 min.
DATA: 27/11/2018

Transcrição de entrevista - Brunilda Enciso Magiano Lima

E: Entrevistadora

BE: Brunilda Enciso Magiano Lima (Sobrinha de Oliva Enciso – filha de Clarice Enciso)

E: São três as partes minha pesquisa: sobre a trajetória de vida familiar, a política e a atuação na sociedade. A primeira sobre Oliva Enciso: a infância família. Quem eram seus pais e suas origens. O que a senhora recorda?

BE: Sim, seus pais, meus avós, Martinha Enciso e Santiago Enciso. O meu avô eu não conheci, ele já tinha falecido e eles moravam em Corumbá, num sítio chamado Taquaral que pertencia ao meu avô e um sócio. Com a morte do meu avô, pelo o que me contaram, minha avó. Infelizmente esse sócio passou a perna na minha avó, e ela veio para aqui, para Campo Grande, porque já tinha uma filha casada e o genro dela, tio Freitas chamou para que ela viesse aqui para Campo Grande. Ela veio sem nada e aí ela começou a costurar, sabia costurar, foi quando ela costurava ganhava dinheiro para sustentar os filhos menores. E a minha tia nessa época já estudava, já era professora, estudou magistério, se formou em contadora, mas ela sempre foi assim, muito religiosa, muito devota, a vida dela foi isso e ela falou para mãe que ela queria ser freira. Aí minha avó disse para ela, assim: "Minha filha você tem duas, três irmãs pequenas para me ajudar a criar, se você for freira não conseguirá me ajudar." Porque ela já trabalhava naquela época, já lecionava. Foi quando ela disse: "Você está certa mamãe, só vou pedir uma coisa para a senhora, a senhora nunca me impeça que eu ajude uma criança, que ajude ao próximo." Aí minha vó falou: "Tudo bem". Foi o que aconteceu. Ela ajudou a mãe financeiramente, com o salário dela. Foi aí que, eu me lembro, eu era pequena, naquela época eu não tinha nem nascido, eu sei da história que a vovó contava, que eles contavam... E aí, eu sei que quando ela começou a trabalhar, que posteriormente ela foi para prefeitura, foi trabalhar na prefeitura. E nesse trabalho na prefeitura, ela... Eu acredito que por ser uma pessoa inteligente, sempre dinâmica, ela foi crescendo e ela era secretária do prefeito. E nisso, tinham pessoas muito influentes que notaram a capacidade dela e ela tinha amizade com Dr. Vespasiano Martins naquela época,

acho que ele foi prefeito. Pessoas assim, influentes, que davam a mão para ela, não financeiramente, mas em tudo, ajudavam e gostavam dela. Ela foi promovida naquela época como secretária da prefeitura. Eram assim que a chamavam. E ela então foi trabalhando na prefeitura, trabalhando na prefeitura nesse período, depois que ela já estava trabalhando... Essa minha tia, o problema dela é que ela teve poliomielite infantil, isso naquela época foi muito ela ajudar porque é a minha avó não tinha condições de pagar médico, essas coisas... Então, que eu saiba, ela foi para a prefeitura que de lá ela foi evoluindo... Se eu não me engano, eu não sei e se eu não me engano ela foi uma das pessoas que ajudou o serviço de estatística de Campo Grande, é uma coisa que eu não posso te afirmar... Uma lembrança assim... Ela foi da prefeitura, aí depois ela foi funcionária do Estado. Nesse ínterim foi que ela quis fazer Medicina. Mas aí ela desistiu por isso, porque ela ia parar com tudo e ela se interessou em ajudar as crianças, ela se interessou que não existia na cidade aqui, ela tinha que tá fora né... Aí, foi justamente isso o porquê ela desistiu da Medicina, se não me engano, ela fez até o segundo ano. Tem coisas assim, me desculpe, mas eu era pequena e eu não presenciei isso. O que eu posso-te dizer é que ela foi evoluindo e a personalidade dela era impressionante uma pessoa muito humilde, ela tinha essa humildade dentro dela, ela era uma pessoa tranquila, uma pessoa que como se diz, como Jesus, se batiam numa face ela dava a outra. Eu tinha uma admiração disso, porque ela perdoava todo mundo, ela não tinha raiva de ninguém. Não só eu tinha essa admiração, ela tinha das irmãs e dos sobrinhos, mas porque a gente sentia tudo isso, era uma pessoa inteligente e uma pessoa dinâmica e tão humilde assim, sabe, ela era muito humilde.

E: Isso é dela, o movimento dela, é essa mulher tão dinâmica, tão moderna e ao mesmo tempo tão simples e tão família.

BE: Simples, humilde.

E: A senhora se lembra... A família dela, antes dela entrar para política tinha algum envolvimento com a política?

BE: Não, absolutamente. A minha avó gostava de política, mas a minha avó! A gente daquela época, não tinha esse negócio de eleição, antes do regime militar, você acho que você não era nem nascida, tinha o Carlos Lacerda, você já ouviu falar do Carlos Lacerda? Famoso Carlos Lacerda. E a minha avó tinha uma admiração e a minha tia já conhecia o tal do Carlos Lacerda foi quando ela começou a gostar de política, aquela coisa. E a minha vó e o tal do Carlos Lacerda foi a titia já tinha conhecimento ele, ela já estava no meio político, falou que minha avó era admiradora dele, ele foi visitar minha avó. Naquela época, Lacerda era uma

figura importantíssima, e aquilo para minha avó foi a glória. Então ela começou a se envolver nisso, na política, mas naquela época era o estado de Mato Grosso. Não era ainda o estado de Mato Grosso do Sul, depois foi separado, e ela foi convidada para ser deputada.

E: Então essa parte política veio da mãe?

BE: Sim, mas eu estou contando para você a parte política, apenas. Se bem que a parte política foi apenas para poder ajudar o que ela desejava fazer.

E: Ah, então a política foi o caminho que ela encontrou para desenvolver a Sociedade Miguel Couto?

BE: É sim, é a Sociedade em que você tem o livro. Aí ela pensava "mais como eu vou fazer para fundar uma sociedade?" Eu não sei essa parte você vai me falando que eu acho que sei pouco, e já vou dizendo para você.

E: Sobre a escolarização da Olivia Enciso, quais são os cursos que você lembra que ela frequentou que ela se formou?

BE: Pois é ela se formou em Magistério, ela se formou, hoje nós chamamos Ciências Contábeis ela juntamente com a irmã, com a mãe da Maria Inês se formaram em Contador e posteriormente ela fez, acho que 2 anos de Medicina né? Aí ela deixou depois, justamente por causa disso, porque ela trabalhava na política e precisava ganhar mais dinheiro.

E: Essas escolas são escolas daqui de Campo Grande?

BE: Sim, são daqui de Campo Grande, porque ela não saiu para estudar.

E: Ela estudou aqui no Dom Bosco e no Auxiliadora?

BE: Eu não sei te dizer, porque quando ela fez tudo isso, eu ainda não me interessava em saber.

E: Você se recorda de alguma coisa, se ela teve dificuldade no período da escolarização, no período em que ela estudava? Se ela enfrentou alguma coisa para poder estudar, por exemplo, ter que trabalhar e estudar ou ela só estudou depois ela...

BE: Não, não acredito que sim ela trabalhava e estudava. Tinha que ser. Ela era muito esforçada.

E: Atuação educacional, O magistério foi uma escolha própria da Olivia Enciso, ela escolheu ser professora ou a vida foi levando ela para educação?

BE: Não, ela escolheu ser professora, justamente porque ela tinha uma meta na vida, né, os cuidados das crianças e educação delas. A educação era a parte principal, a meta dela era a educação e ela naquela época já sentia o valor da educação, o futuro de uma criança.

E: Você se lembra em quais escolas ela deu aula, que ela foi professora?

BE: Que eu saiba foi no Instituto Pestalozzi.

E: Só no Pestalozzi?

BE: Pelo o que eu me lembre... Ela foi no Instituto Pestalozzi, eu não me lembro se ela deu aula em outro estabelecimento de ensino.

E: Você se lembra de quais foram às instituições escolares que ela ajudou a fundar? Por exemplo, ela ajudou a fundar a Campanha Educandários, e quais outras?

BE: Para dizer a verdade para você, tudo referente se referia à educação, que ela podia ajudar ela ajudava. Agora a Campanha dos Educandários Gratuitos ela se empenhou muito até que ela trouxe para cá, tanto que aqui na Afonso Pena, agora não tem mais, a Escola Oliva Enciso. Ela ajudava assim e o SENAI, que era o ensino técnico né, ela já sentia que o adolescente precisava do ensino técnico. Quando ela tinha conhecimento dessas coisas, ela ficava louca e ela ficava encantada pra trazer aqui para Campo Grande. Ela queria e a vida dela era isso, os Educandários Gratuitos e o SENAI.

E: As duas todas as maiores instituições.

BE: O SESI também, pelo o que eu me lembro era o SENAI e SESI, fora a parte de saúde, que ela que trouxe, a luta dela que ela conseguiu.

E: Como que ela trabalhava lá no Ginásio Barão do Rio Branco e também lá na Sociedade Miguel Couto? Ela era professora ou só da parte administrativa?

BE: Você diz na Escola Barão do Rio Branco? Eu acredito que ela já não lecionava mais. Ela trouxe para cá, foi formada, acredito que o governo e a prefeitura ajudavam isso foi por conta, acredito, da própria campanha, que pagava os professores. Ela ajudou a organizar. Organizou tudo, mas ela não tinha tempo para lecionar.

E: E lá na sociedade, atuava mais nessa parte de organização?

BE: Em tudo, né. Ela era a diretora praticamente. A sociedade Miguel Couto foi justamente por ela trabalhar na Prefeitura e no Estado, isso ajudou muito ela a fazer essas coisas. E na sociedade Miguel Couto, quando ela começou a organizar, ela começou a reivindicar e a

prefeitura deu o terreno. Ela não tinha por onde começar, todo o dia pedia para um para outro, onde todo mundo viu que aquela causa era muito boa e ela então conseguiu um terreno que tem até hoje e com ajuda. Aí eu só sei que nessa Sociedade Miguel Couto ela começou angariar sócios, e os sócios pagavam, até eu fui sócia da Miguel Couto, depois de casada. Então vivia de contribuição, ela pediu a contribuição da Prefeitura, uma contribuição pro Estado e foi ajudando, e era devagar, por muitos anos. Isso foi uma sementinha, que foi crescendo devagar e ela conseguiu. Então nessa sociedade, a meta dela foi isso. Eram crianças abandonadas, não vou dizer abandonadas, eram crianças carentes. Eu sei que a prefeitura dizia: "Dona Olivia, vou mandar para a senhora, pessoas órfãs" e ia levando lá. E com isso ela foi dando estudo, educação, ensino religioso, tudo ela dava. E foi assim que ela começou e a Sociedade foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo. Até que enfim... Pessoas adultas, eu acho que eu já te falei isso, saíram pessoas formadas, pessoas que ali foram criadas. Quem foi secretária dela também, tem a Mariazinha Carvalho, trabalhou muitos anos com ela. Era quem ajudava mesmo, ela era a minha prima, o meu primo, o pai Eduardo que muitos anos e trabalhou ela, o Newton Enciso, e depois os próprios filhos o Eduardo e a Ana Maria ajudavam ela ali naquela tarefa.

E: Ana Maria é irmã do Eduardo?

BE: Sim, a mãe do Eduardo é a Maria José. Viúva do Newton, pai do Eduardo. O Nilton morreu muito cedo e ele ajudava muito a minha tia. A mão direita dela.

E: Você pode citar nomes que fizeram parte da rede de relações dela? Que são pessoas que faziam parte pessoal, da política, alguns nomes assim.

BE: Doutor Wilson Barbosa Martins e Doutor Fernando Corrêa da Costa, eram pessoas todas dali daquela época em que ela trabalhava praticamente. Quando ele, Doutor Fernando, quando era governador ajudou muito a titia nesse negócio da Sociedade Miguel Couto, nesse empreendimento dela. Quem mais? Eu sei que no início de tudo foi o prefeito Vespasiano Martins uma pessoa. Ela tinha esses relacionamentos com todos esses políticos, com essas pessoas todas né. Ela precisava disso para poder conseguir fazer e que ajudassem ela no que ela precisava, com a meta que ela tinha na vida dela. Tinha também o Doutor Paulo Coelho Machado (falecido já) e o Eduardo Machado que era pai do Doutor Paulo Machado. Todas essas pessoas, modéstia a parte, eu tenho muita admiração por elas. Pois, em tudo em que eles podiam ajudá-la, não na parte pessoal dela, porque ela era muito pobre, pois ela não queria ser deputada, diziam, Todos a ajudaram na Sociedade. Ajudaram, por exemplo, quando ela teve que reivindicar o SENAI aqui para Campo Grande. Ela tinha que ter uma

recomendação. Todas essas pessoas colaboraram com isso. Estou me lembrando agora, é difícil falar assim, as pessoas mais marcantes, que eu sei. A Glorinha Sá Rosa, amiga pessoal dela. Doutor Alexandre que você já colocou, o pessoal da academia né, porque ela fazia parte da Academia Matogrossense de Letras. Então, aquele pessoal todo, não falando que ajudasse, mas num atendimento pessoal com ela, todos tinham admiração por ela. Isso, modéstia a parte, posso falar para você.

E: Quais são os lugares que ela frequentava, Academia de Letras, mas assim outros também, Rádio Clube?

BE: Rádio Clube não, era só os convidados. Só ia quando tinha alguma coisa lá no Rádio Clube, só quando tinha algum evento, alguma coisa que ela tinha que ir, aquela coisa toda. Que eu lembro mesmo assim, era a Academia e a igreja. Ela ia à missa todo dia, "primeiro Deus e depois os outros", esse era o lema dela. Ia pra casa dos sobrinhos, da família. Ela tinha muitos sobrinhos. Esses eventos todos em que ela era convidada ela ia e às vezes era homenageada. Que eu me lembro do lugar que ela mais frequentava era a Academia.

E: Perguntas sobre a parte política. Você se lembra do por que ela decidiu ser candidata à vereadora?

BE: Porque combinaram, viram nela que ela teria chance de ser bem votada, porque ela era muito querida em Campo Grande, entendeu... Ajudando os pobres, a questão do SENAI e aquelas coisas todas, então os próprios políticos, esses amigos dela naquela época já viram que ela seria bem votada. E ela, também juntou o útil ao agradável, primeiro ela foi vereadora e depois deputada, aproveitou essa oportunidade onde ela poderia ajudar todas essas entidades.

E: Você se lembra de algo que ela fez quando ela foi vereadora? Por exemplo, fundou uma instituição, fez assim uma grande benfeitoria para cidade quando ela estava no cargo de vereadora.

BE: Eu acredito que foi tudo isso que eu lhe falei. Ela, enquanto vereadora ajudou muito nessas entidades e benfeitorias em Campo Grande, mas no momento eu não sei dizer.

E: O mesmo aconteceu quando ela foi candidata a deputada, ela foi convidada ou ela decidiu por ela?

BE: Não, não, ela foi convidada. Ela foi à vereadora mais votada aqui em Campo Grande, e quando eles viram a chance do Partido eles convidaram ela para ser candidata. E ela como deputada poderia ajudar mais a cidade o Estado, naquela época.

E: Essas pessoas que faziam parte da política a senhora já me disseram que era o Vespasiano Martins...

BE: Aliás, eu quero que você, que eu me lembro no momento, mas têm muitas pessoas que a ajudaram e que no momento eu não sei. Daí, eu como eu não estava empenhada naquilo era o que eu via e o que eu ouvia, mas tem muita gente boa que ajudou.

E: Em sua opinião, quais foram os fatos marcantes que ela fez enquanto política, Oliva Enciso política?

BE: Ela ajudou a fundar IPI, que é a CASSEMS hoje. Antes era IPI depois virou IPMAT. Ela ficou muito animada, ela falou "eu vou dar um jeito nos funcionários do Estado" é uma espécie de previdência que eles tinham, alguma coisa assim. Eu me lembro bem, ela viajava muito, ela ia pra São Paulo e ela que fazia tudo isso sozinha.

E: Então, é uma das grandes realizações dela foi essa previdência para os funcionários, o IPMAT?

BE: Sim, sim. Ela que trouxe para Mato Grosso, que depois veio para Mato Grosso do Sul. Era uma coisa impressionante, ela mexia com aquela papelada toda, e ela tinha o aval dos governadores, dos prefeitos e as recomendações, tanto que ela era atendida e recebida lá.

E: José Geraldo me disse por telefone que ela fez da prefeitura primeiro, uma previdência na prefeitura.

BE: É verdade um completa o outro, aí depois que foi do estado, IPI do Estado.

E: A Olivia Enciso escritora, ela publicou várias obras e eu já localizei vários artigos em vários jornais do Brasil no período que ela atuava, as poesias dela eram publicadas em São Paulo, dando uma dimensão da importância dela. Quais eram, a senhora lembra, as motivações que ela tinha para escrever?

BE: Olha, uma coisa mais ou menos que eu me lembro de que ela escrevia, ela sentia que talvez as poesias dela pudesse ajudar a parte espiritual das pessoas, tanto que ela tem uma poesia, que é a poesia que eu acho que ela viveu, tudo que ela escreveu ela viveu, entendeu? Por que a pessoa escreve, mas não vive. Tudo é a vida dela ali, o que ela sentia, o que ela vivia, ela escreveu. Então, tem uma poesia que eu acho linda, a poesia que eu mais gosto da

titia, "Você será mais feliz"... É linda a poesia! É o evangelho aquilo, sabe... Então ela colocava sempre nas poesias dela aquele ensinamento que a gente tem, o ensinamento do Evangelho. Você pode notar nas poesias dela.

E: Então ela escrevia as poesias numa maneira de transmitir os valores de Deus?

BE: Os valores de Deus, os valores sagrados de Deus que ela tinha. O dia em você ler essa poesia "Você será mais feliz", você vai ver que coisa mais linda. Essa, pra mim, é a poesia chave dela. Então você vê que ela transmitia mesmo. Uma pessoa que eu sei, também, que foi muito influente para ela foi, naquela época, você nem existia, foi o Filinto Müller, pessoa muito influente também e que ajudou naquela época, ele era o Bã...Bã...Bã, lá no Estado, ajudou muito minha tia.

E: As instituições culturais ao qual ela fez parte só foi a ACL, ou ela participou de outras instituições de Cultura?

BE: Eu acredito que tem também, naquela época, o Instituto Histórico daqui de Campo Grande, Academia já falamos.

E: O que ela fazia nessas instituições culturais, Instituto ou Academia?

BE: Na Academia, ela tomava parte, ela era uma das acadêmicas, uma coisa que eu lembrei que ela ia, ela ia a todas essas reuniões da Academia, ela tinha a cadeira dela, não sei, não me lembro do número, mas ela tinha a cadeira dela. Ela frequentava e tomava parte ativa. Porque ela já era escritora e foi convidada naturalmente, e ela era ativa lá. E eu me lembro de que toda reunião, ela ia.

E: Você se lembra de algum fato marcante nessas instituições? Qual foi a mais importante que ela se orgulhou de participar, por exemplo, da Academia?

BE: Eu me lembro que ela se empolgava quando esses amigos dela eram convidados, na academia e entrava na academia, que eu saiba era isso. Agora eu não me lembro de coisas assim para dizer para você, quais foram os fatos. Como eu disse para você, nessa época, eu acredito já tinha casado, sabia de muita coisa, mas não era aquela convivência. Agora me lembro do sonho da vida dela foi o Educandário Gratuito, o Miguel Couto e o SENAI. O sonho dela foi trazer o SENAI pra cá.

E: Eu combinei com a Maria Inês de ir conhecer o Museu do SENAI.

BE: Essa particularidade eu anotei para não esquecer, por que já é sobre ela. E ela quando já estava tudo programado pro SENAI vir para cá, tinha que ter a inauguração, né. E ela foi a

São Paulo pra assinar, ela tinha a procuração das pessoas, dos governadores e ela foi para São Paulo. Isso ai eu me lembro bem, eu era solteira ainda, não sei, eu devia ter meus 15, 16 anos, ela foi para São Paulo, dar ultimato, assinar o contrato, aquela burocracia toda né, e como já estava perto ela teve que ir porque já ia instalar o SENAI aqui, o governo já tinha dado terreno, já estava tudo mastigado, como se diz. Quando ela foi, um fato assim muito pitoresco, quando ela foi ela já era já na segunda vez deles virem para cá, eles a convidaram e eles falaram "não, nós vamos a Campo Grande vem no avião conosco." Ela veio com eles com os diretores todos no avião. E tinha já aqui um evento surpresa aqui pra ela. A inauguração eu me lembro bem, tem coisas que me marcam. Ela chegou, e ela falou: "gente que coisa bonita, quantas flores no avião" ela disse que tinha tantas flores e ela não sabia o porquê de tantas flores. E eu mais ou menos sabia que iria ter esse evento, e as flores eram para ela. Foi uma coisa mais ou menos surpresa para ela, e fizeram uma homenagem, o pessoal do SENAI, os diretores do SENAI. E no discurso dele, eu anotei aqui, que no discurso dele, ele falou assim "a dona Oliva era assim, ela chegava solicitava e pedia, a gente dizia não, não ia dar pra fazer, ai ela meio que ficava brava". Ele falou que ela ficava brava quando falavam não pra ela. Ai, quando dizíamos não, ela chorava. Ai o diretor do SENAI falava "quem ia resistir ao choro de uma mulher". Ai, ela conseguia tudo lá. E, então, o pessoal ria muito, quando ele falou isso, eu não me esqueço disso.

E: Representação. O que permanece na sua memória sobre atuação da professora Oliva Enciso no campo Educacional, no político e no Social aqui em Campo Grande?

BE: Eu acredito que ela foi uma pioneira ao incentivar a educação. O que eu me lembro de que ela falava que era isso, que a criança precisava de educação e não eram só os ricos que tinham direito, que as pessoas pobres, as pessoas carentes precisavam ter educação, precisavam vencer na vida e que era por isso que ela fez tudo isso.

E: Em sua opinião, quais foram as maiores contribuições da professora Oliva Enciso para Campo Grande?

BE: Foi o Instituto Municipal, que hoje é o IMPCG que chamam, SENAI e o Educandário Gratuito que ela trouxe. Ela ajudou muita coisa aqui em Campo Grande. Essa Sociedade Miguel Couto, principal, que ajudou todas essas crianças a se educarem.

E: A Maria Inês me disse que ela ajudou a trazer, ou foi o José Geraldo, que ela ajudou a trazer muitas instituições religiosas também.

BE: Ah sim! Ah sim... Como eu disse para você que ela era uma religiosa, como eu falo que ela era uma serva de Deus, ela trouxe para cá, a Legião de Maria até hoje, e eu pertenço a Legião de Maria. Aquilo tomou conta aqui de Campo Grande e as senhoras legionárias. Essa Legião ela ajuda, por exemplo, as pessoas doentes, as legionárias vão às casas das pessoas, às vezes levam a comunhão e dá aquele conforto espiritual para as pessoas doentes e as pessoas idosas. Isso ai, eu sei por que eu pertenço a isso. Ela se estendeu tanta Legião de Maria que todas as paróquias aqui de Campo Grande geralmente têm. Eu já fui a eventos, onde a igreja enchem de legionários. É muito lindo. O que eu me lembro assim foi, Legião de Maria, que eu saiba, também, essa igreja que eu frequento, Nossa Senhora de Fátima. Ela, com o prestígio dela ela conseguiu um terreno, e ela praticamente que ajudou. Eu me lembro que os freis que vieram Frei Gregório, que hoje tem nome da rua que tá com o nome dele, minhas filhas eram pequenininhas, eu ia lá as vezes no Miguel Couto a gente ia lá passear. E o frei Gregório queriam colocar Nossa igreja Nossa Senhora de Fátima, três capuchinhos. Então ela hospedou esses freis lá no Miguel Couto e ela fez tudo. Ela ajudou em toda a burocracia, tudo, tudo para transformar essa igreja ela ajudou. Isso eu me lembro bem. Ajudou o Frei Gregório morava lá, a instalação da igreja, toda a burocracia, ela que comandou tudo.

E: Então, ela também atuou nessa parte de abrir igreja, doação de terreno para igreja...

BE: O que ela podia ajudar, ela ajudou.

E: Em meu mestrado eu percebi que teve várias doações, por exemplo, para Auxiliadora e para o Dom Bosco e bem no período que ela era secretária. Será que ela que conseguiu essas doações?

BE: Olha... Eu acredito que sim, porque quem ia se importar com isso? Eu acredito que sim.

E: Houve doação de terreno, de mobília, de verbas para material...

BE: Isso eu não posso dizer por que não sei, isso são coisas assim que fugiu de mim, porque eu não sabia.

E: Porque, olhando as coisas assim, dá pra dizer que Oliva Enciso fez Campo Grande.

BE: Ela foi uma coisa, viu, ela foi uma pessoa assim que vou te contar. E ela tinha uma visão, e o que eu sempre admirei dela, é que essa visão era sem ganhar um tostão, ela não ganhava um tostão. Ela não recebia nada, não recebia propina, sabe! Ela queria aquilo, fazer aquilo, ver o bem para Campo Grande, ver o bem das pessoas. Ela não ganhava um tostão, pelo contrário, o que ela podia às vezes, por que não tinham e ajudavam ela com viajem, por que

naquela época nem avião, depois começou. Ela ia de trem para São Paulo, se eu me lembro bem.

E: Então, qual que é em sua opinião as maiores contribuições dela pra sociedade de Campo Grande?

BE: Ela começa a trazer todas essas escolas, essas coisas todas para beneficiar a população. Eu acredito que uma criança, que estuda como até hoje aqui no Brasil o ensino técnico é supervalorizado. E a pessoa que ajuda a família, essa pessoa já pode contribuir para família, você entendeu? Então eu acho que essa pessoa que ajuda tudo, às vezes os pais são velhos, são pobres ele já tem um auxílio. A Mariazinha Carvalho, não sei se falei para você, foi secretária dela, pessoa muito querida eu sou muito amiga da irmã dela. A Mariazinha, também foi uma pessoa muito dinâmica, ela foi professora no SESI, até eu já fui professora de lá eu ensinava as crianças. Assim, era uma espécie de voluntária, ia lá, ensinava coisa e artesanal. Agora, Mariazinha é uma pessoa que sabe muita coisa e o marido dela era do Instituto Histórico. Ela é uma pessoa muito boa e muito humilde.

E: Como você define o papel social da Oliva Enciso, no período da sua atuação política educacional, como uma mulher atuante na sociedade? Essa mulher que saiu do espaço privado e alcançou tantas realizações. Como que ela conseguiu isso e o que foi importante para a sociedade?

BE: Eu considero ela uma pioneira, primeiro de tudo, ela foi uma pessoa muito batalhadora e ela teve uma força mental muito grande e ela teve uma coisa muito importante que eu acredito que era ajuda de Deus. Quando ela queria uma coisa ela era uma pessoa temorosa a Deus. E ela dizia que se fosse para o bem que Deus a ajudasse, e ele ajudava. Ela tinha muita fé em tudo que ela fazia, era de acordo assim, com a vontade de Deus e ela tinha até eu acredito que nessa parte social, além das pessoas, ela teve muito auxílio divino. Porque sem essa força que ela tinha espiritual, sem esse Deus que ela tinha no coração, ela não movia a vida dela.

E: A religião foi a motivação nela?

BE: A religião foi motivação na vida dela. Eu acredito que nessa parte social toda, naquela época, ela era uma pessoa, vamos falar a verdade, diferente. Ela era movida divinamente. Pelo o que eu convivi com ela e conheci.

E: Como uma mulher, vai para a política, alcança tanto espaço, mobiliza tantos pensamentos masculinos e não muda o caráter dela, isso é o importante.

BE: A essência. Ela lidava com pessoas masculinas. O respeito que ela tinha e que eles tinham por ela é o que é importante. Ele nunca teve um alguém que fizesse uma gracinha para ela. Dentro dela ela impunha esse respeito. É que eu digo para você, independente de religião, eu acho que tudo que ela queria ela rezava muito, ela pedia a Deus que iluminasse que era para o bem de Campo Grande, para o bem tudo, que lhe ajudasse e ele ajudava. Só pode ser isso, pensa bem uma pessoa normal, uma pessoa consegue estudar naquela época, hoje em dia, sabe como é.

E: Agora, vai ser a mais difícil. Se possível, em apenas uma frase, como você definiria a professora Oliva Enciso?

BE: Uma pessoa iluminada! Uma pessoa iluminada que lutou pelos seus objetivos para o bem do próximo e conseguiu!

E: Muito obrigada.

PARTE II

E: Complementando um pouco a entrevista, a senhora Brunilda vai falar um pouco sobre a sua bisavó.

BE: O meu bisavô ele casou com a minha bisavó, ele era militar e eles tomaram parte na Guerra do Paraguai. Eles moravam em Corumbá, Joana o nome dela. Então, eu sabia dos meus bisavôs, que ele era militar. A vovó falava nela. A vovó parece que teve três ou quatro irmãos. De vez em quando iam lá visitar minha avó. Durante a Guerra do Paraguai esse meu avô, segundo me falaram, segundo eu sei, parece que ele foi até ajudante de obras de Dom Pedro II. Inclusive a minha tia tem, eu tenho aqui que a gente vê a história militar dele foi muito elogiado, recebeu um elogio muito grande. A tia Oliva tinha isso, não sei se a Maria Inês tem, mas ela deu para os sobrinhos e tal. Eu não me lembro, mas deve tá guardado, ele era me parece que Coronel, alguma coisa assim. Durante a Guerra do Paraguai eu não sei, houve um incêndio e a minha bisavó era muito religiosa, tinha devoção a Nossa Senhora. Eu

sei que no incêndio, não sei te dizer, que são coisas que fogem, e nesse incêndio pegou fogo lá em tudo. No que ela olha... Ela tinha uma imagem de uma santa, uma imagem de Nossa Senhora e a imagem não queimou, a santa ficou intacta, ficou um pouco chamuscada. E era Nossa Senhora das Mercês, eu sei que a Nossa Senhora das Mercês segundo a tradição da igreja é a protetora das causas jurídicas, tanto que a Nossa Sagrada era linda imagem que a minha vó tinha. Ela tem a chave da prisão na mão, linda que é a imagem e a minha bisavó, dia 24 de setembro, e todo dia 24 de setembro, como religiosa que ela a minha bisavó fazia um terço com as amigas. Elas iam lá, reunia os amigos e aquilo foi ficando de geração para geração, quando a minha bisavó morreu a vovó continuou com toda essa tradição aí os filhos, os netos, todos iamos lá na casa da vovó. A minha avó fez o oratório, mandou, eu não sei se foi a minha tia restaurar toda imagem, uma imagem mais ou menos naquele dia os 35 centímetros mais ou menos 40 centímetros ou mais, não sei, e mandou restaurar essa imagem e continuou aquela devoção todo dia 24 de setembro, os amigos, a família e aquilo foi passando de geração em geração, de geração em geração... Quando a minha avó faleceu quem tomou conta disso foi a tia Oliva, tanto que a Maria Inês agora dia 24 estava lembrando, saudades de todos nós, adorávamos a tia Oliva. A tia Oliva fazia um altarzinho na igreja, com flores, aquela coisa, ela fazia questão de ela preparar, colocava uma toalha branca, a imagem de Nossa Senhora, velas tudo e a família toda se reunia lá, como é até hoje. E, quando a tia Oliva morreu, quem ficou foi a Maria Inês, eu ia ficar, mas por motivos particulares que eu resolvi não ficar. Falei para a Maria Inês "fica você, porque o certo seria eu como a matriarca hoje da família teria que ficar, mas aí, por motivos particulares que eu gostaria de ficar, que eu fico até com ressentimento de não ter ficado, mas vai ficar com você". A devoção continua até hoje com a Maria Inês e nós estamos, inclusive, no dia 24, todos, já estava Eduardo e o pessoal falando, essas meninadas você sabe como que é muito, assim então nós combinamos que na próxima reunião a gente vai trazer os filhos e os netos dela todo mundo lá, entendeu. Então é muito linda inclusive as particularidades do tempo que eu morava na minha avó era gente que consegui a graça por intermédio da ação. Muita gente, eu me lembro de uma senhora, dona Helena que era esposa de um gerente de um banco, um dia ela entrou de joelho lá para fazer um agradecimento de uma grande graça, que é lógico a graça de Jesus e Deus, mas que ela dizia que por intermédio de Nossa Senhora das Mercês. Eu tive esse privilégio também quando meu marido era paraense, eu fui umas 3 vezes em Belém Pará que família dele morava lá, um dia eu chego numa igreja lá que eu olhe assim, falei meu Deus era nossa ela é enorme a Nossa Senhora das Mercês ela tinha mais de 2 metros e meio dentro da igreja aquela imagem linda, com aquela chave cinza da prisão diz que era protetora dos fuzileiros

alguma coisa assim. Agora dia 24 fui a casa de Maria Inês para rezar o terço... Então essa tradição continua graças a Deus.

E: Obrigada...

Campo Grande – MS, 1 de março de 2019.

Depoente Brunilda Enciso Magiano Lima

Pesquisadora Adriana Espindola Britez

Local: Residência da depoente.

ARQUIVO: 06

DURAÇÃO: 01:05 :58 min.

DATA: 11/11/2019

Transcrição de entrevista – Mário Soares (Contador – filho de Frederico Soares)

E - Entrevistadora – Adriana Espindola Britez

MS: Mário Soares

E: Como conheceu Oliva Enciso?

E: Idade?

MS: 90 redondinhos... Agora 22 de outubro.

E: Legal... Estado de civil?

MS: casado quantos anos de casado,

E: Quantos anos de casado?

MS: Eu me casei 1984.

E: Nível de escolaridade, formação profissional do senhor?

MS: Contador e contabilista.

E: Estudou no Dom Bosco?

MS: No Oswaldo Cruz.

E: Você conheceu professora Oliva Enciso?

MS: Sim.

E: O senhor é amigo ou foi colega de trabalho?

MS: Amigo, ela trabalhava na prefeitura com meu pai lá na prefeitura. O meu pai era contador da prefeitura. Ela trabalha no setor de estatística e na área ensino e gratuito, o Colégio Miguel Couto era um.

E: Tem imagem ou foto com a Oliva Enciso e a família?

MS: Não... Que eu me lembre de não, mas eu gostava e admirava muito a D. Oliva e ela gostava muito de mim. Eu era um auxiliar bom para ela. Bom... O que você acha importante.

E: Seguindo o roteiro, a trajetória de Oliva Enciso?

MS: Eu me lembro da mãe dela, que ela cuidava, morava na Rua Barão do Rio Branco. É a casa dela, nem sei o que é mais lá, já mudou tudo lá. Mas D. Oliva Enciso era diretora do colégio Barão do Rio Branco e era da Rua Joaquim Murtinho. Era uma chácara da prefeitura e que tomava conta era o sobrinho dela Newton Enciso, filho de uma irmã dela. Nome italiano, ele morava na Joaquim Murtinho e ele que cuidava e disciplinava os meninos internos lá. Eram crianças pobres que os pais não tinham condições de pagar colégios, aí ficava lá. A comunidade colaborava com dinheiro para manutenção das crianças, de material escolar, de alimento, de roupas de camas e outras coisas. Eu veja bem... Meu pai era muito amigo dela e gostava demais dela lá na prefeitura. A D. Oliva precisava de gente, de uma pessoa que fosse às casas pegar o dinheiro dos contribuintes lá do colégio.

E: Tinha a caixa escolar? A caixa que chamava antigamente?

MS: Eu destacava e dava o recibo do mês. Eu trabalhava com o Newton e pra ela.

E: Trabalha nessa parte? De receber as doações.

MS: Eu ajudava nessa parte na coleta de donativos, eu ia com minha bicicleta. Então me lembro do livro, porque eu ia postar conta para ela, eu prestava conta ao Newton e pra ela. O Nilton era o auxiliar dela, ficava o tempo todo disponível na Chácara, na sociedade.

E: Sociedade Miguel Couto dos Amigos dos Estudantes.

MS: Então, eu me lembro de bem que ela morava na Rua Barão do Rio Branco e cuidava da muita coisa. Eu me lembro de bem de uma vez, ela soube que no colégio Joaquim Murtinho, tinha uma no jogo de carteiras para estudantes sentar e escrever, que era mantido pelo Estado. Ela soube que tinha sobrando e estava armazenado. Ela disse, "vamos tentar pedir àquelas carteiras que fazem faltas aqui no colégio". Eu disse "vamos". "Então, você que vai redigir o pedido para o governador". Eu disse: "mas você é professora", e ela, "não, você é que vai fazer, você é inteligente como seu pai". "Então hoje à tarde eu vou fazer", fiz o rascunho dirigir para o governador um ofício.

E: Qual o governador, lembra? Qual governador quem era o governador na época?

EM: Não me lembro, mas parece que era o doutor Wilson Barbosa Martins Governador no estado de Mato Grosso. Fiz ofício, ela retocou, mandamos e aí fomos atendidos. Ganhamos umas 25 carteiras, o assento, a parte escrever e a mesa, mas foi uma alegria para D. Oliva... Nossa mãe! E aí nós comemoramos no colégio com os professores, sem bebida, era só guaraná, D. Oliva... Era toda meticulosa, ela nunca bebeu bebida nenhuma. E aí ela, eu passava as manhãs quase três vezes por semana cuidando de assunto. Eu prestando conta dos recebimentos que eu fazia para ela e a gente conversava. Ela no diálogo comigo ela queria me agradar. Ela contava as passagens da vida dela. Ela era irmã mais velha, parece que ela era segunda.

E: Era a terceira, Tinha sete irmãs que veio para cá, as duas casadas.

EM: Ela falava assim que ela era muito religiosa. Eu perguntava, perguntas indiscretas: "mas D. Oliva, a senhora nunca gostou de nenhum rapaz de seu tempo?" Ela falou: "não, eu não era feia Mário, mas eu não gostava, eu era muito dedicada, eu era religiosa e ia à missa, muito delicada em tudo, eu queria estudar e evoluir, nunca teve tempo para namorar e pensar namorar". E também duas irmãs, tudo mulher, não sei... Tudo solteirona.

E: casou a Bráulia, a mãe do Newton, Ana Maria, duas casadas.

EM: Eu me lembro na casa dela, a gente conversava bem, eu prestava conta pra ela e pro Newton de tudo que eu recebia, de quem e quantos recebia.

E: Ela recebia muita doação?

EM: Ela tinha lá uns associados que contribuíam, uns 40 por aí, uns 40, não era muito não. Ela vivia mais de donativos do estado e do município, mas o dinheiro que arrecadava ela comprava roupas para os alunos necessitados, lanche e material escolar. Então, lá funcionavam bem os cursos, tinha quatro anos, primeiro segundo, terceiro e quarto ano primário. Eu me lembro de que lá também ela era muito ligada aos padres. Tinha domingo ou dia de feriado religioso tinha missa lá. Eu ia à missa também e ela vinha e ficava do meu lado. Ela gostava de mim. Quem cuidava mais e controlava lá era o Newton. Ela tinha muita atividade, ela tinha o emprego na prefeitura e o tempo que tinha se dedicava a escola Miguel Couto.

E: Sobre a mãe delas? O senhor se lembra da mãe é Dona Martinha?

MS: A Dona Martinha era uma mulher alegre, ela tinha um espírito bom. Não sei por que eu não me lembro dela muito ativa, me lembro dela sentada. Ela já tinha idade. Eu ia à casa da D. Oliva e ela estava sentada, mas todos os dias mandava fazer café para mim, eu comia doce que elas faziam lá e vinha refresco para me agradar, sabe. O tempo que eu tinha. Eu passava muito tempo lá. E o meu pai me incentivava a colaborar com ela. Gente boa que faz coisa boa acha gente pra ajudar. Bom, eu ajudava a fazer cobrança e prestar conta. Eu me lembro de que também quem é era amiga dela era a mulher e a filha o doutor Vespasiano Barbosa Martins. A filha do doutor que era diretora da Maternidade.

E: Tem as filhas Nely e Ruth.

EM: Era uma que era mulher do Amélio Carvalho Baís. Ele era também sobrinho do doutor Vespasiano. Tinha a mulher dele era também sobrinho do doutor Vespasiano e parece que ele era casado com uma filha.

E: Teve o Wilson Barbosa Martins e o Plínio Barbosa Martins que casaram com as filhas, Rute e a Nely, não me lembro com quais, as duas irmãs casaram com os dois sobrinhos. Sobre sua escolarização?

MS: Agora, eu trabalhava lá com ela mais porque eu tinha uma admiração muito grande por ela. Ela nunca falou uma coisa sem controle e nada. Ela tinha um controle muito bom e achava tudo bom. E o que estava errado ela dava uma jeito de não criticar, não agredia as pessoas e nem a imagem de qualquer pessoa. Ela tinha um cuidado...

E: Ela era uma mulher firme? A hora que ela queria uma coisa ela era firme?

MS: Ela era super dedicada, ela certamente traçou um rumo na vida dela, falou, "bom, não vou ser irmã, mas vou fazer o bem pra todo mundo", principalmente, criança. Ela sabe, tinha uma dedicação por crianças. Lá no colégio ela até alimentava as crianças. Tinha lá um setor de fazer comida.

E: Um relatório?

MS: Lá tinha umas vasilhas grandes e alimentava os alunos. Depois parentes lá dos alunos, que ela sabia que não tinha dinheiro também podemos comer lá. Ela era assim uma mulher caridosa muito difícil de ter Igual. Eu ajudava mais por causa disso, porque eu vi que ela era uma mulher meio santa. Eu a achava uma mulher diferente de todas, no coração dela só tinha coisa boa. Ela era imagem dum discípulo mesmo Jesus, de gente que quer bem para os outros. Aí eu me lembro da última vez que eu vi a D. Oliva. Ela parece que estava fazendo 82 anos ou 83 anos, e os parentes e amigos resolveram comemorar num clube. Eu me lembro de que lá estava Doutor Wilson, parentes do doutor Wilson... 90 anos já vai... Bom de pessoal, a família Baís. Então, eu lembro que eu fui com a minha mulher, sentamos numa mesa e sentou conosco a viúva do Doutor Amélio de Carvalho Baís que era meu amigo também de Oliva. Ela estava sentada no outro extremo, nós jantamos, uma comida simples, mais gostosinha e só tinha guaraná, não podia bebida. D. Oliva não gostava. Então fomos à mesa onde ela estava para assinar o livro de presença e quando eu fui para fila, quem estava na minha frente o Doutor Wilson... Doutor Wilson Barbosa Martins. Eu e ele tomamos posse no Banco do Brasil no mesmo dia e na mesma hora que eu fui tomar posse ele também tomou posse como advogado da agência, só tinha uma agência do Banco do Brasil. Ele tinha sido meu professor no Oswaldo Crus, o único daquele concurso que passou fui eu, 66 rapazes fizeram concurso comigo, dos 66 passaram 6 e dos 6 eu tomei posse, porque só tem uma vaga aqui e porque eu passei em primeiro lugar. Estudei muito para poder casar com minha esposa, minha querida, A mulher incentiva um homem ou ela arrasa o homem. Isso é um fato... Veja bem, quando assinei o meu termo de posse. Ele estava com a mão no meu ombro e falando "ele foi meu aluno no Oswaldo Cruz" para os colegas que estava lá. E ele certamente nunca se esqueceu disso, porque quando governador, talvez você não saiba, depois que me aposentei fui convidado pra ser presidente da junta comercial do estado. Eu trabalhei 45 anos no Banco do Brasil, mas 16 anos na junta como funcionário público. Ele foi ser governador, e sempre me prestigiou e em tudo que eu precisava na junta. E nas solenidades que a gente ia e que ele mi via, eu me lembro de bem, ele passava junto do pessoal e me via e dizia "grande Mário Soares" e eu "Grande Doutor Wilson". Voltando para D. Oliva, sempre olhava para ela com todo respeito como se fosse um ente diferente, diferente de tudo do comum. Eu me lembro nessa festa, devido à idade avançada dela, não me lembro de quantos anos que ela fez naquele dia, mas ela sentava, eu e o Doutor Wilson chegamos. Aí ela olhou para o Doutor Wilson, aí uma sobrinha dela falou "tia é o doutor Wilson Barbosa Martins, nosso Governador". "Ah, oi Wilson, como é que vai". Aí chegou a minha vez. Ela olhou para mim e não me reconheceu. Eu olhei pra sobrinha dela e falei o que aconteceu. Aí ela falou: "ela ou está cansada ou não está reconhecendo você" e disse: "esse é Mário, quem ajudou lá na Miguel Couto". "Ah, tá bom" e ela estendeu a mão. Quando voltei para mesa quase chorei, e disse pra minha mulher... Zélia estou penalizado, a D. Oliva coitada não está reconhecendo as pessoas... Não reconheceu o Doutor Wilson e nem eu. Precisou a sobrinha de ela falar quem eu sou. Fiquei arrasado. Só sei que ela foi um exemplo de mulher, de professora e de filantropia com criança pobre, era uma coisa enorme, uma coisa impressionante. Eu sempre tive orgulho de ter ajudado uma pessoa como a D. Oliva. Para mim... Ela era uma semi santa. No céu eu acho que as portas ficaram abertas para ela... Ela merecia. A imagem do céu que eu tenho me fez admitir que D. Oliva está lá dentro. É verdade. Juro mesmo, como me senti bem depois, e quando me lembro disso, que ajudei a D. Oliva me dá uma leveza no coração.

E: Fez a sua parte!

EM: Fiz coisa boa. Uma das coisas que eu procurei fazer bem e fiz. Foi isso, ajudá-la nas coisas boas, que os homens não deram a atenção.

E: Os homens? As coisas que os homens tinham que dar a atenção?

MS: Não porque, são poucas pessoas que se dedicam a essas causas, de ajuda humanitária, sabe. Todo mundo está no afã de ganhar dinheiro e pra trazer conforto para casa. Esquece-se de muita parte, que faz parte da vida humana, que é o apoio, o prestigio e o respeito. Então, ela tinha uma alma aberta para fazer tudo isso e para transmitir aos outros também o desejo de ajudar os mais carentes. Ela é a imagem de uma pessoa boníssima.

E: Ela escolheu ser professora, ela foi professora na escola Miguel Couto?

EM: Naquele tempo ela trabalhava ainda, mas ela levava os professores lá. O Newton e ela. Ela também por trabalhar na prefeitura e ter respeito muito grande das autoridades ela conseguiu bons professores para o colégio, sabe. Eu acho que a Escola Miguel Couto embora arrecadasse dinheiro, que eu ajudava arrecadar, não tinha suporte para pagar professores. Então, tinha professores que ia lá gratuitamente, inclusive essas colaboradoras de igreja católica. Porque eu me lembro de que tinha domingo que a D. Oliva falava para assistir a missa lá e tinha o padre, todos conhecidos. Naquele tempo Campo Grande não era tão grande, eu ficava lá vontade, porque os padres me conheciam, os parentes dela e os pais dos alunos. Então hoje eu me senti bem ajudando D. Oliva Enciso. Uma delícia eu juro. Uma coisa que eu fiz de bem na minha vida foi trabalhar um pouco em parceria com ela.

E: Você lembra as instituições escolares que ela ajudou a fundar? O nome das escolas que ela ajudou a fundar em Campo Grande?

MS: A escola Miguel Couto e a escola estadual que tinha na Afonso Pena ela ajudou.

E: O Joaquim Murtinho?

MS: Veja bem, eu me lembro de que ela e o Doutor Paulo Coelho Machado. Aí, eu bem me lembro de que a ata da cerimônia de inauguração do colégio foi enterrada no chão lá. Eu que escolhi o chão e eu que mandei fazer buraco e a proteção com de cimento armado para ficar guardado lá o documento da ata e tem até fotografia disso aí. O Doutor Paulo Machado, o prefeito, D. Oliva e o Newton, eu tinha fotografia, eu tenho ainda, mas não me lembro de se tenho ainda. Esse dia foi um dia que inaugurou a piscina do clube.

E: Rádio Clube?

MS: Da família do meu cunhado, a memória não tá muito boa, já... já vou lembrar. Então eu esperei essa cerimônia. Ah! Quem estava também junto na cerimônia Abel Aragão. Ele era muito amigo de d. Oliva. Nós assinamos e enterramos.

E: Tem que achar esse lugar. Uma curiosidade hein!

MS: É uma coisa da história de Campo Grande que eu participei. Eu gostava muito dela, e ela gostavam muito de mim. Eu perguntava lá na casa dela tomando café e refresco, elas faziam muito refresco. Porque eu passava às manhãs na casa dela ordenando as coisas lá. Eu perguntei: "Dona Oliva tem só uma irmã sua que se casou que era a mãe do Newton, por que não se casou?" Ela falou: "Porque o meu grau de religiosidade não permitia coisas fúteis". Ela falava dela "coisas da fraqueza humana, eu só queria ir para cima, não para baixo". Eu achava isso maravilhoso e aí ela mostrava fotografia dela e irmãs. "A senhora não era feia D. Oliva, era uma moça bonita"... Já era professora desde que era jovem. Ela era muito estudiosa e gostava de ensinar. "Mas, por quê?": "Por que nunca nenhum homem me atraiu, sabe, porque precisa ter uma atração, né Mário. Para gostar e querer casar. Eu não tinha pensado em atração" A senhora nasceu para viver em outro, viver e morrer em outro patamar mesmo. Isso

era uma coisa admirável de ver, uma coisa boa no ser humano. Aí ela ria comigo assim e punha a mão no meu ombro. Eu era um gurizão ainda, mas me lembro disso sabe, como uma coisa boa e um contato maravilhoso humano que eu tive. Ela e o Doutor Amélio de Carvalho Baís, já ouviu falar? Ele para mim, foi um modelo, um exemplo, e o Doutor Wilson, como eu admirei o Doutor Wilson, e ele gostava de mim.

E: Quem eram as pessoas que faziam parte das relações sociais da Oliva Enciso? Com quem que ela convivia mais? Sr. Amélio, Sr. Wilson, Sr. Vespasiano ou outras pessoas que faziam parte do círculo de amizade dela e ajudava ela nas obras dela?

MS: Sr. Wilson, os Baís e a família Baís. Tinha também uma família de fazendeiros que viviam na Rua Cândido Mariano.

E: Coelho Machado, Paulo do Paulo Coelho Machado.

MS: A família do Paulo Coelho Machado, irmão do Paulo Coelho Machado eram grandes colaboradores e amigos dela. A D. Oliva foi eleita vereadora e depois deputada estadual, já sabia disso?

E: Sim, por que ela se envolveu na política? Por que ela era uma mulher e trabalhava na prefeitura?

MS: Ela não era muita de política, mas quando o povo queria gente boa lembravam-se dela.

E: O senhor lembra quem a levou para a política? Quem a convidou para ser candidata à vereadora, para se candidatar a vereadora?

MS: Porque pediram muito, o Doutor Paulo Coelho Machado era muito amigo dela e pediram para ela se candidatar, porque ela era uma pessoa de muito prestígio na cidade. Muito religiosa, ela conhecia todos os frequentadores da igreja e todo mundo gostava dela. Então, os políticos decentes que queriam gente boa no partido tentavam atraí-la, porque ela podia trazer votos, mas ela era muito procurada e muito respeitada. Isso eu posso dizer e ela merecia. Era um gurizão novo ainda. Ela quando queria alguma coisa ela vinha pedir para mim, coisa engraçada. Aí eu falava para o meu pai, o meu pai também ajudava. Você vê como eu tive um convívio de gente muito boa, graças a Deus! E isso colaborou com minha formação moral e espiritual. Essa convivência com gente boa, gente que eu admirava. Então, olha que hoje em dia eu sento ali no meu quintal e fico olhando para o céu, agradecendo, como fui bem orientado na minha vida e participei de coisas boas, sabe. Outro parêntese, outra coisa que me fez me realizar também foi ser sócio do Lions Club, que era o clube de pessoas que se dedicam em fazer coisas boas para a população, sem interesse pecuniário. Lions Club e o Rotary também. Eu fui Leão muitos anos, fui presidente diversas vezes e me sinto bem quando eu me lembro do bem que o Lions Club fez principalmente, lá para o leprosário. Toda arrecadação de coisas que eu fazia, que arrecadava o dinheiro e bens materiais, eu dirigia lá para o leprosário.

E: Na minha pesquisa observei que a professora arrecadou bastante dinheiro para a Sociedade, ganhou terrenos e chácaras, tudo isso... Por que o senhor acha que a sociedade acabou, fechou, ela funciona?

MS: A cidade cresceu para aquele lado e para manter uma área muito grande numa zona residencial o custo é muito grande. Você vê se tiver um terreno muito grande aqui o imposto é triplicado. Tanto que eu tinha o meu quintal, ali onde é a piscina era aberto quando fiz essa

casa aqui, aí que eu resolvi comprar, foi quando eu resolvi comprar. O meu terreno era muito grande, mas puxa, o valor do terreno lá já era muitas vezes maior do que aqui de quando eu comprei aqui. Não convém a pessoa ser proprietária de área livre no centro da cidade, sai muito caro, parece que o imposto cada vez aumenta mais na prefeitura, obrigando a pessoa a construir nos terrenos. O que é um terreno? Um terreno estanca o progresso.

E: Por isso, que ela foi vendendo os terrenos, loteou os terrenos?

MS: As autoridades certamente virão que teriam que taxar alto para a pessoa utilizar ou ter que vender... Estava acontecendo isso com meu quintal, mandei murar e construir coisinhas ali.

E: Como vereadora de Campo Grande, o senhor lembra o que ela conseguiu trazer para a cidade, as obras dela, na época que ela era vereadora, foi de 1955 a 1958?

MS: Não me lembro de muito, eu era jovem... Mas ela cuidava muito para prefeitura doar e não taxar coisas como hospital, maternidade e escolas. Ela queria que tivesse o mínimo de despesa com a área que estavam ocupando.

E: Então aquelas doações de terreno da prefeitura?

MS: Ela tinha um coração maravilhoso, o que ela pode fazer de bem, ela fez. Tenho certeza que o nome dela tem que ser venerado, eu mesmo, eu sou um dos que mais valoriza as obras dela. Você escolheu bem sua pesquisa.

E: Ela foi vereadora e continua como deputada estadual. Ela foi pelo mesmo motivo de vereadora.

MS: Porque ela tinha popularidade foi candidata à deputada estadual.

E: Ela foi candidata por esse motivo, porque ela tinha popularidade.

MS: Não só, ela era muita admirada pela honestidade, era uma pessoa certa e com instinto bom. Ela foi muito bem votada, eu e a minha família todinha voltamos nela.

E: Ela era a favor da divisão do Estado?

MS: Ela era, mas não me lembro de como foi à votação, mas ela gostava muito de Campo Grande. Eu acho que ela voltou para separar mesmo. Acho que ela votou, não me lembro com certeza como que foi a votação dela, mas só sei que no tempo que ela era deputado ainda Campo Grande ficou livre de Cuiabá. Porque Cuiabá, os cuiabanos eram muito radicais, só queriam atrair coisas boas lá para a capital deles e Campo Grande era deixada a margem. Porque era uma competição, Campo Grande cresceu muito, muita gente boa investiu em coisas aqui no sul. Aí os cuiabanos não gostavam disso não, o que eles podiam fazer para bombardear Campo Grande eles faziam. Eu me lembro disso. E eu tinha uns amigos cuiabanos e eu notava isso neles também.

E: Uma competição entre o norte e o sul, e Campo Grande?

MS: Tinham medo de Campo Grande crescer e tirar os privilégios de Cuiabá.

E: Quem eram esses políticos que faziam parte da vida dela, Sr. Vespasiano, o Sr. Wilson.

E: Demóstenes Martins:

MS: Eu não me lembro dos políticos daquele tempo. Demóstenes Martins era muito ligado a ela. Era um político muito concentrado e esforçado, meu pai era muito amigo dele.

E: Fernando Côrrea da Costa?

MS: Também, ela era muito amiga dele mesmo. Ela era deputada ainda quando ele foi eleito. Ela prestigiou muito ele, muito mesmo. Eram do mesmo partido da UDN. Papai também era da UDN.

E: Ela tinha amizade com os políticos de Cuiabá, a família Müller?

MS: Olha, ela tinha infiltração em tudo quanto era lugar por causa do instinto dela. Quem analisasse bem via que ela era uma pessoa bem intencionada. Então, ela angariou muita amizade lá e ela não foi lá para combater... Ela foi lá para melhorar, pode saber o instinto dela. Eu gostava demais dela. Ela levou um bom nome de cidadão campo-grandense para lá, como ela tinha um instinto bom, nossa mãe.

E: O senhor lembra assim fatos marcantes da época que ela foi deputada lá em Cuiabá? Alguma coisa que ela fez que foi importante para o Mato Grosso no geral, não só para Campo Grande?

MS: Não me lembro, não porque ela ficava muito tempo lá. Infelizmente, não tinha contato com ela e nem com meu pai. Se tivesse ela tinha contado coisas. Mas não me lembro desse contato, infelizmente eu gostaria em saber e poder contar.

E: A Oliva Enciso também foi escritora, escrevia poesia e fez parte da Academia?

MS: Inclusive ela leu algumas poesias para mim, na casa dela só eu e ela, ela me tinha alta estima.

E: Por que ela escrevia? Ela falava?

MS: Não, não, ela só... Ela era muito religiosa, todos os temas dela eram voltados para o bem. Aí ela jogava para fora o pensamento dela, coisas que vinham de dentro dela e eu comprei o livro dela, não sei onde está, nunca mais achei. Porque ela só escrever coisa boa. Sabe o que é uma pessoa que tem bondade de dentro para fora passar, era ela bondade.

E: Ela tentou passar bondade. O senhor se lembra de qual instituição cultural que ela fazia parte? Quais as instituições culturais ligadas à cultura, uma associação academia ou um instituto ligado à cultura?

MS: Não me lembro, mas morreu fazendo coisa boa. Depois do aniversário dela nunca mais teve contato com ela, porque ela não estava mais lúcida. Eu percebi naquele aniversário, não reconheceu nem eu e nem o doutor Wilson. Impressionante, ela era muito amiga do Doutor Wilson e eu escutei ela perguntar para o sobrinho quem era Doutor Wilson que estava cumprimentando ela. Sinal que ela já não estava lúcida. Ela estava já com uns 90 anos.

E: Estava com 86 anos.

MS: Porque a cabeça dela mexeu coisa, teve um desgaste muito maior do que eu, como mulher.

E: A representação o que senhor tem dela... Em sua opinião, o que permanece em suas memórias sobre a atuação de Oliva Enciso no campo educacional, político e social em Campo Grande? Conte algumas ações que ela fez e que permaneceu na sua memória que foi importante?

MS: Acho que ela merece todas as honras possíveis, como propagadora de educação e de tudo. Ela estava sempre ligada à educação, a escola Miguel Couto e o Colégio Joaquim Murtinho, e ela sempre trabalhou para fazer coisas boas e coisas humanizadas. Ela foi um modelo que pouca gente imitou aqui Campo Grande. Eu que convive aqui, desde os meus 12 anos, pouca gente tem uma dedicação para a parte humana, religiosa e educacional como ela, pouca gente, ela para mim foi o modelo de tudo quanto era coisa boa. Ela não tinha maldade do coração nenhum, nós humanos temos, nós criticamos, nós guardamos mágoa contra pessoas que nos magoaram. Nós chegamos a desejar coisas ruins para eles. Eu já fiz isso e não me arrependo, porque foram coisas pesadas. Mas, ela não tinha mágoa nenhuma e ela não dava motivo para ninguém ter mágoa dela. A única mágoa é a inveja sabe, porque ela só irradiava uma coisa boa.

E: Como você define o papel social Oliva Enciso, essa mulher que viveu na década de 30 a 70, num período que a mulher não tinha muito espaço sociedade? Como ela conseguiu

MS: As mulheres ela levada num segundo plano em ocupar em certos postos. Ela uma das quais se destacou por sua humanidade toda que ela tinha no coração. Ela foi atraída por alguma força para praticar o bem e praticou. Ela tinha uma força moral, religiosa e cultural. Porque ela só abria a boca para falar coisas boas, só coisa boa. Com ela só se aprendia, eu tive pouca convivência com ela, mas ela gostava de mim.

E: Ela enfrentou muitas lutas nesse espaço social de Campo Grande? Na prefeitura, por exemplo, quando ela trabalhava com seu pai? Ela foi à primeira mulher a assumir uma chefia, foi fácil para ela? O senhor se lembra de alguma coisa assim dessa situação?

MS: Não, eu era muito criança naquele tempo, eu tinha uns 12 anos. Mas eu me lembro do quanto meu pai prestigiava ela. Meu pai era um homem muito correto, muito observador e muito sensível. Ele era músico, todo músico é sensível. Ele via na d. Oliva um valor moral e intelectual muito grande, porque ela diante das dificuldades ela ria e achava bom ter dificuldade. Porque, para ela fazer coisas para superar. Essa força que eu vi a dela, uma luta discreta de querer a melhorar as coisas, sem por um pingo de ambição.

E: Ela não era uma pessoa ambiciosa? A sociedade era grande, com dinheiro e com verba, mas ela não era assim.

MS: Não era ambiciosa, ela era respeitada por causa disso, era um valor, como o político que faz uma coisa pequena assim e quer se impor, pelo contrário. Ela só irradiava coisas boas, sempre admirei a D. Oliva.

E: Ela foi deputada, fez bastantes coisas boas para Mato Grosso e Campo Grande, por que ela não quis continuar na política partidária?

MS: Eu acho que ela não tinha um pendor forte de base para fazer o partido atuar numa coisa que ela aparecesse. Ela não tinha essa ambição, porque todo o político ele põe o partido em função de uma ambição dele. Dentro do partido ele quer ser também.

E: Ela tinha tudo para ser uma senadora?

MS: Tinha a humildade para coisas beneficentes do que para um egoísmo político. Ela foi levada, aí, não batalhou para se impor e aparecer. Ela foi levada, foi convidada, foi levada.

E: O senhor acredita que ela não gostou ou não se sentiu bem lá em Cuiabá? Viu que é a vida política não era para ela?

MS: Bom, essa parte mais intima da vida política ela não transmitia para mim, nem para o meu pai. Meu pai era um amigo e confidente dela, mas, ela inclusive, se ela tinha alguma mágoa de coisa ela escondia. Porque ela não tem um espírito combativo para se impor, sabe. Ela ganhou o espaço dela com a força da humildade e da razão. A razão supera qualquer batalha e ela se impunha pelo que ela fazia, pelo procedimento dela. Daí, porque ela era respeitada e odiada pelos inimigos.

E: Ela tinha muitos inimigos?

MS: Pessoas que viam ela ocupando espaço usando a parte positiva do ser humano, e eles não.

E: Você lembra quem era as pessoas que fazem enfrentamento ela?

MS: Não me lembro, porque ela foi muito cedo para Cuiabá. Quando ela vinha esporadicamente eu não tinha contato aqui, eu não e o meu pai que saberia. Depois que ela teve contato com a política, chamada para a política, era só com meu pai. O meu pai saberia muito bem definir o que era a e o que ela passou. Ela era uma mulher sensível, eu acho que ela morreu com muita mágoa também no coração, devido à inveja que os políticos sagazes tinham dela. Então, se foi atacada, ela foi atacada sem merecer, porque ela só queria fazer coisas boas. Eu pela minha percepção, eu já era observador desde jovem, era um grande observador das coisas... Ela não tinha nada negativo no procedimento dela, não tinha, não merecia... Ela ter que ser respeitada imitada em suas atitudes. Mas, política é uma coisa terrível, é uma arma poderosíssima e criminosa.

E: Se possível numa frase, como que o senhor definiria Oliva Enciso, pensar numa frase falar sobre ela.

MS: D. Oliva foi um exemplo de humanidade muito grande, ela desprezou as coisas fúteis e relevantes da vida para se dedicar a uma causa belíssima, que é ajuda o próximo, a prática de coisas que a religião prega e ela praticou da melhor forma possível. Esse que eu gravo, que eu guardo dela, muito sensível. Hoje em dia já amadurecido no conceito das coisas muito difícil de ter outra pessoa igual a ela hoje em dia. Muito difícil, nós estamos vivendo uma um período de ambição, um período de conquistar coisa boa ou as coisas ruins, a força na sagacidade e ela não tinha isso. Ela se impôs pela humildade, pela sabedoria e pelo conhecimento humano. Ela foi um grande exemplo a ser seguido não só pelas mulheres, mas pelos homens principalmente, que devia seguir ela. Ela só pregou coisa boa enquanto viveu. Ela nasceu para ser um exemplo moral, intelectual e religioso. Ela não explorou religião e nada em favor próprio. Ela só quis usar tudo isso para o bem dos outros. Isso posso dizer por

que, pelo tempo que convivi mais próximo dela, eu já tinha um conhecimento intelectual e moral muito grande. Um exemplo muito difícil de ser seguido.

E: Obrigada senhor Mário.

MS: Transmitir uma imagem dela humana e verdadeira. Espero que tenha ajudado. Obrigado.

Campo Grande – MS, 21 de 01 de 2020.

Depoente Mário Soares

Pesquisadora Adriana Espindola Britez

Local: Residência do depoente.

ANEXOS

Anexo 1 - Parecer Consubstanciado de Aprovação do CEP N. 2.866.492/2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: DO MAGISTÉRIO À POLITICA: TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA DE OLIVA ENCISO (1909 -2005)
Pesquisador: ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ
Área Temática:
Versão: 4
CAAE: 87342718.1.0000.0021
Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.920.326

Apresentação do Projeto:
Oliva Enciso foi percursora na implantação de ginásios e cursos superiores, a primeira vereadora de Campo Grande (1955-1958), a primeira deputada estadual (1959-1963), sócia de instituições culturais (ASL e IHGMS) e escritora, produziu obras de poesias, artigos e sua autobiografia. De acordo com a pesquisadora, propõe-se uma pesquisa de abordagem biográfica na composição da biografia científica de Oliva Enciso. As fases da pesquisa compreenderão 04 fases: produção do estado do conhecimento e revisão bibliográfica, levantamento e seleção de fontes memorialísticas, históricas, documentos, iconografias entre outras e realização de entrevistas semiestruturadas. Apresenta como critérios de inclusão dos participantes da pesquisa:1) Familiares de Oliva Enciso; 2) Amigos; 3) Companheiros de trabalho; 4) ex- alunos. Pessoas que conviveram fisicamente com a biografada no período de 1931 a 2005, período de
maior atuação social; e como critérios de exclusão: aqueles que não conviveram fisicamente e não participaram da rede de relações sociais de Oliva Enciso.

Objetivo da Pesquisa:
De acordo com a pesquisadora:
- Objetivo Geral:
Elaborar a biografia científica de Oliva Enciso por meio de um relato historiográfico ao investigar,

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS

Plataforma Brasil

historiar e qualificar a sua trajetória e suas contribuições ao campo da História da Educação em Campo Grande – MS.

- Objetivos específicos:
1. Compreender a trajetória biográfica de Oliva Enciso, nos percursos de vida, religião, educação e política;Elucidar os tipos de sua escolarização, os habitus (estruturados e estruturantes), capitais adquiridos e estratégias imprescindíveis para as tomadas de posições e deslocamentos no espaço social.
2. Identificar o papel e o lugar feminino no tempo-espaço ocupado na produção da história social local;Apreender os processos de deslocamentos e enfrentamentos vivenciados por Oliva Enciso ao transitar no campo educacional, político, social e cultural.
3. Compreender os desfechos de suas contribuições da atuação educacional e política de Oliva Enciso nos dias atuais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
De acordo com a pesquisadora:
- Riscos: os riscos e desconfortos são mínimos e estão relacionados aos possíveis incômodos gerados durante a pesquisa. Estes desconfortos serão amenizados pela limitação das entrevistas apenas a trajetória de Oliva Enciso, sem adentrar em aspectos pessoais do participante. O participante poderá se negar de responder a qualquer questionamento que considerem constrangedor, irrelevante ou invasivo, ou até mesmo interromper a entrevista caso se sintam constrangido, o que será respeitado pela pesquisadora.
- Benefícios: os benefícios, ao participar desta pesquisa o participante não terá nenhum benefício direto. Entretanto, o participante indiretamente estará contribuindo para que este estudo resulte em informações importantes na ampliação do conhecimento da trajetória de Oliva Enciso, uma mulher pioneira, que se envolveu amplamente em diferentes campos sociais com o propósito de desenvolver projetos sociais e educacionais para as classes trabalhadoras. De forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir para a história da educação
regional, onde a pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
A pesquisa apresenta relevância tornando-se uma ferramenta para construção da historiografia

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br

regional, possibilitando a compreensão dos atores sociais, dos processos de formação intelectual e das redes de sociabilidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os seguintes termos:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Roteiro de entrevista;

Recomendações:

O TCLE deve ser assinado ao seu término pelo pesquisador responsável devendo a página de assinatura estar na mesma folha.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora atendeu as solicitações realizadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1213372_E1.pdf	03/09/2018 10:50:28		Aceito
Cronograma	versaofinalcronogramadepesquisa.docx	03/09/2018 10:46:03	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Parecer Anterior	PBPARECERCONSUBSTANCIADOCEP2866492.pdf	03/09/2018 10:01:05	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	VersaofinalTCLEolivaenciso.docx	03/09/2018 09:56:30	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Outros	cartaplataformabrasil2.docx	17/06/2018 15:59:30	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Outros	termoderesponsabilidade.docx	12/05/2018 21:52:59	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Outros	cartaplataformabrasil.docx	12/05/2018 21:46:29	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Outros	Versao2roteiroentrevistaOlivaEnciso.docx	12/05/2018 21:45:05	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	03/04/2018 16:56:08	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.docx	03/04/2018 16:53:24	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS

Continuação do Parecer: 2.920.326

Outros	carta_de_anuencia.pdf	03/04/2018 16:33:55	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Outros	resolucaoaprovacaoprojeto.pdf	03/04/2018 16:18:01	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoadrianabritez.pdf	03/04/2018 15:55:01	ADRIANA ESPINDOLA BRITEZ	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPO GRANDE, 26 de Setembro de 2018

Assinado por:
Edilson José Zafalon
(Coordenador(a))

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br

Página 04 de 04